CLÁSSICOS LIGHT
GRANDES OBRAS DE
JÚLIO VERNE
EDITORA NOVA FRONTEIRA

JÚLIO
VERNE
A VOLTA AO MUNDO EM 80 DIAS
A ILHA MISTERIOSA
VINTE MIL LÉGUAS SUBMARINAS

SUMÁRIO

2ª EDIÇÃO

TRADUÇÃO VIEIRA NETO

1
Patrão e criado

A casa número sete da ladeira Saville, Jardim Burlington — onde morreu Sheridan no ano 1816 —, era habitada, em 1872, por Phileas Fogg, membro dos mais singulares e dignos do Clube Reformador de Londres, embora procurasse evitar tudo o que pudesse de algum modo chamar a atenção sobre sua pessoa.

Assim, este personagem enigmático, o qual só se sabia que era muito amável e dos mais perfeitos cavalheiros da alta sociedade inglesa, sucedeu, ali, a um dos maiores oradores britânicos.

Dizia-se que tinha certas semelhanças com Byron — na cabeça, pois, quanto aos pés, era irrepreensível — mas um Byron de bigode, um Byron impassível, capaz de viver mil anos sem apresentar sintomas de velhice.

Phileas Fogg era inglês com toda a certeza, mas parece não ter nascido em Londres. Nunca o tinham visto na Bolsa, no Banco, em qualquer dos escritórios do bairro comercial da grande metrópole. O porto londrino jamais recebeu navio cujo armador fosse ele. Também não figurava na administração de empresa alguma. Nunca o seu nome soara em qualquer associação de advogados, nem no templo, nem na taberna Lincoln, nem na hospedaria Gray. Jamais pleiteara no tribunal do Chanceler, no Banco da Rainha, ou nos tribunais eclesiásticos. Não era industrial, negociante ou agricultor. Não fazia parte nem do Instituto Real da Grã-Bretanha, nem do Instituto de Londres, nem do Instituto dos Artistas, nem do Instituto Russel, nem do Instituto Literário do Oeste, nem do Instituto de Direito, nem do das Artes e Ciências Reunidas, que está sob a proteção direta de Sua Graciosa Majestade. Não pertencia, em suma, a nenhuma das associações que abundam na capital da Inglaterra, desde a Sociedade da Harmônica até a

Sociedade Entomológica, fundada principalmente com o intuito de promover a destruição dos insetos nocivos.

Phileas Fogg era membro do Clube Reformador e nada mais.

A quem se admirasse de que cavalheiro tão misterioso fizesse parte daquela respeitável associação responder-se-ia que deveu sua entrada à recomendação dos irmãos Baring, em cuja casa bancária tinha considerável crédito.

Fogg era rico? Certamente. Mas o que ninguém sabia, nem os mais bem informados, é como tinha feito fortuna. Ele próprio seria a última pessoa a quem se devesse fazer tal pergunta. Não era pródigo, nem tampouco se podia chamá-lo de avarento, porque, quando lhe pediam auxílio para algo nobre, generoso ou útil, concorria sempre sob o maior sigilo e às vezes anonimamente.

Resumindo: dificilmente existiria pessoa que fosse menos comunicativa. Falava o menos possível e parecia tanto mais misterioso quanto mais silencioso se mostrava. Contudo, os seus atos eram tão claros, a sua vida tão ordenada e metódica, que a imaginação, descontente, procurava além do que via.

Teria viajado? Provavelmente, porque ninguém melhor do que ele dava mais perfeita descrição do mapa terrestre. Não havia lugar, por afastado que fosse, de que não parecesse ter particular conhecimento. Às vezes, mas sempre em poucas, breves e claras palavras, retificava as mil versões falsas que circulavam no clube a propósito de viajantes perdidos ou extraviados. Indicava as verdadeiras probabilidades e as suas palavras, muitas vezes, passavam como inspiradas por espécie de dom profético, pois os fatos acabavam sempre por justificá-las. Era homem que devia ter viajado por toda parte — quando mais não fosse, em espírito.

A verdade é que havia muitos anos que Phileas não saía de Londres. Os que tinham a honra de conhecê-lo um pouco mais de perto afirmavam que — excetuando-se o caminho direto que percorria da casa ao clube — ninguém jamais o encontrara em parte alguma. Seu único passatempo consistia em ler os jornais e jogar uíste. Neste jogo silencioso, tão adequado à sua índole, ganhava muitas vezes; os lucros, porém, nunca lhe entravam na bolsa e figuravam, pelo contrário, como importante quantia no seu orçamento de caridade. Evidentemente, Fogg jogava por jogar, não para ganhar. Para ele, o jogo era combate, luta contra dificuldade, mas luta sem movimento e sem fadiga, o que se harmonizava com o seu caráter.

Dele não se conheciam nem mulher nem filhos — o que pode acontecer às pessoas de melhor reputação — nem parentes nem amigos — o que é na verdade mais raro ainda. Vivia só na sua casa da ladeira Saville, na qual ninguém entrava. De seu viver íntimo ninguém sabia. Bastava-lhe um criado. Almoçando e jantando no clube a horas cronometricamente determinadas, na mesma sala, à mesma mesa, sem convidar nenhum colega ou estranho, só se recolhia a casa para deitar-se, à meia-noite em ponto, sem nunca se aproveitar dos confortáveis aposentos que o clube punha à disposição dos seus sócios. De 24 horas, passava dez em casa, fosse para dormir, fosse para cuidar da sua aparência. Quando passeava, era invariavelmente em passo igual, na sua sala de entrada, ou na galeria circular, por sobre a qual se arredonda um zimbório com vidros azuis, sustentado por vinte colunas jônicas de pórfiro vermelho. Ao almoço e ao jantar eram a cozinha, a despensa, a copa, o mercado habitual do clube que forneciam à sua mesa os suculentos manjares. Eram os criados do clube, personagens de grave aspecto, de casacas pretas, sapatos palmilhados de baetilha, que o serviam em baixela especial e em admiráveis guarnições de linho saxão. O seu xerez, o seu porto, o seu clarete, com mistura de canela, avenca e cinamomo, eram servidos em finíssimos copos e taças de cristal. Enfim, o gelo do clube conservava as suas bebidas em estado de agradável frescura.

Se viver em tais condições é o que se chama ser excêntrico, devemos convir em que a excentricidade tem alguma coisa do bom.

Sem ser suntuosa, a casa de Fogg tornava-se recomendável pelas suas grandes comodidades. Além disso, em razão dos hábitos regulares do morador, ali o serviço reduzia-se a quase nada. Entretanto, Phileas exigia do único criado pontualidade e regularidade extraordinárias. Naquele mesmo dia, 2 de outubro, despedira James Forster, porque o moço cometera a falta de trazer-lhe, para a barba, água a 28ºC, em vez de 30ºC, como deveria ser. O criado aguardava o sucessor, que deveria apresentar-se entre onze e onze e meia.

Phileas Fogg, muito bem sentado na sua poltrona, pés juntos, como soldado em forma, mãos apoiadas nos joelhos, grave, aprumado, cabeça levantada, observava o andamento do ponteiro do relógio da sala — complicadíssimo aparelho que indicava as horas, os minutos, os segundos, os dias, a data do ano e do mês. Ao soarem as onze e meia, devia, conforme seu hábito cotidiano, sair e dirigir-se para o Clube Reformador.

Mas, naquele momento, bateram à porta da pequena sala onde se achava.

James Forster, o doméstico despedido, apareceu.

— O novo criado — disse ele.

Um moço de trinta anos apresentou-se e cumprimentou.

— É francês e chama-se Jean, não é assim? — perguntou.

— Isso — respondeu o recém-chegado — e, se for de seu agrado, Jean Passepartout, “vai em toda parte”, apelido que me ficou e que justifica minha aptidão natural para sair das complicações da vida. Tenho-me na conta de rapaz de bem, mas, para ser franco, as minhas profissões têm sido muitas. Fui cantor ambulante e artista de circo. Depois fiz-me professor de ginástica, a fim de tornar mais úteis minhas aptidões e, afinal, fui bombeiro em Paris. Mas faz agora cinco anos que deixei a França e, desejando conhecer a vida doméstica, meti-me a criado de quarto na Inglaterra. Ora, achando-me desempregado e sabendo que o senhor era a pessoa mais regular e mais sedentária do Reino Unido, apresentei-me em sua casa na esperança de passar uma vida sossegada e até de esquecer o próprio nome de Passepartout.

— O senhor convém-me. Foi-me recomendado. Deram-me a seu respeito informações excelentes. Conhece quais são as minhas condições?

— Sim, senhor.

— Bem. Que horas tem?

— São 11h25 — respondeu Passepartout, tirando das profundezas do bolso do colete enorme relógio de prata.

— Está atrasado — afirmou Fogg.

— Perdão, é impossível.

— Atrasado quatro minutos. Não importa. Basta tomar nota da diferença. Portanto, a contar deste momento, 11h29 da manhã de quarta-feira, 2 de outubro de 1872, o senhor fica ao meu serviço.

Dito isto, levantou-se, pegou o chapéu com a mão esquerda, pô-lo na cabeça com movimento de autômato e desapareceu sem acrescentar palavra.

Passepartout ouviu fechar a porta da rua pela primeira vez. Era o seu novo patrão que saía. Depois, segunda vez. Era o criado, seu predecessor, James Forster, que, por seu turno, se retirava.

E Passepartout ficou só na casa da ladeira Saville.

2
Passepartout

"Palavra", disse consigo Passepartout, ainda um pouco aturdido, "conheci no estabelecimento da sra. Tussaud algumas personagens mais animadas que o meu novo patrão."

As personagens da sra. Tussaud são figuras de cera, muito visitadas em Londres, às quais, na verdade, só faltam falar.

Durante os instantes daquela rápida entrevista, Passepartout havia, rápida, mas cuidadosamente, observado Phileas Fogg. Era homem que andaria pelos quarenta anos, de aspecto nobre e simpático, estatura elevada, a quem pequeno excesso ele gordura não desfeava, cabelo e barba louros, testa lisa sem rugas na fronte, rosto mais pálido do que rosado e dentes magníficos. Parecia dotado, no mais alto grau, daquilo a que os fisionomistas chamam de *repouso na ação,* faculdade comum a todos aqueles que agem mais do que fazem ruído. Sereno, fleumático, olhar límpido, pálpebra imóvel, era o tipo mais acabado daqueles ingleses de sangue-frio que se encontram frequentemente no Reino Unido e cuja atitude, um pouco acadêmica, Angelica Kauffmann maravilhosamente reproduziu em suas telas. Observado nos diversos atos da existência, dava ideia de pessoa bem equilibrada em todas as suas partes, muito refletido, perfeito cronômetro. Realmente ele personificava a exatidão, o que se via claramente pela expressão dos pés e das mãos, porque, no homem, assim como nos animais, até os membros são órgãos expressivos das paixões.

Phileas era daqueles indivíduos matematicamente exatos que, nunca mostrando pressa, mas sempre prontos, são econômicos nos passos e nos movimentos. Não dava uma passada a mais e tomava sempre o caminho mais curto. Não perdia tempo, sequer um instante, a olhar para o teto. Não permitia a

si próprio gesto supérfluo. Ninguém o tinha nunca visto comovido ou perturbado. Era o homem menos apressado do mundo, mas chegava sempre a tempo. Compreender-se-á, portanto, a razão por que vivia só e, por assim dizer, fora de toda ação social. Sabia que na vida é preciso levar em conta os atritos e, por isto, não se punha em contato com pessoa alguma, a fim de evitá-los.

Quanto a Jean, aliás Passepartout, verdadeiro parisiense, nascido e criado em Paris, residia na Inglaterra havia cinco anos, exercia em Londres a profissão de criado de quarto e debalde procurava patrão a quem pudesse afeiçoar-se. Era rapaz de excelente condição, fisionomia amável, lábios um pouco salientes, sempre dispostos a saborear ou acariciar, criatura meiga e serviçal, de cabeça redonda e simpática, como a gente gosta de ver entre os ombros de um amigo. Tinha olhos azuis, tez corada, cara cheia, o quanto bastava para que pudesse ver as próprias maçãs do rosto, peito amplo, corpo robusto, músculos vigorosos e força hercúlea que os exercícios da sua mocidade tinham admiravelmente desenvolvido. Os cabelos castanhos andavam-lhe sempre revoltos. Se os escultores da antiguidade sabiam dezoito maneiras de compor os cabelos de Minerva, Passepartout apenas conhecia uma para arranjar a sua cabeleira: passava três vezes o pente e nada mais.

Adiantar que o caráter expansivo do rapaz haveria de harmonizar-se com o caráter do patrão é coisa que a prudência mais elementar não permite. Passepartout estaria em condições de ser o criado rigorosamente exato que convinha a seu patrão? Talvez. Depois de ter passado, como se sabe, mocidade vagabunda, Passepartout aspirava ao sossego. Tendo ouvido gabar o metodismo e a proverbial frieza dos cavalheiros ingleses, veio tentar a sorte na Inglaterra. Mas até então à sorte fora-lhe contrária. Não se pudera arraigar em parte alguma. Servira em dez casas. Em todas, os patrões eram caprichosos, extravagantes e gostavam ou de correr aventuras ou de correr terras — o que já não podia convir a Passepartout. Seu último patrão, o jovem lorde Longsferry, membro do Parlamento, depois de passar as noitadas nas casas de ostra do Hay-Market, recolhia-se muito tarde a casa, às costas dos policiais. Passepartout, mesmo fazendo questão de acatar a pessoa do amo, aventurou-se a algumas observações respeitosas que foram mal recebidas e, daí por diante, não mais se entenderam. Neste meio-tempo, soube que o cavalheiro Phileas Fogg andava em busca de criado. Tirou informações a respeito dele. Pessoa de vida regular, que não

tresnoitava, que não viajava, que não se ausentava sequer um dia, convinha-lhe decerto. Apresentou-se e foi admitido nas condições que sabemos.

Passepartout — depois de darem onze e meia — achava-se só na casa da ladeira Saville. Começou logo por inspecioná-la. Correu-a de alto a baixo. A casa limpa, arranjada, severa, puritana, bem organizada para o serviço doméstico, agradou-lhe. Produziu nele o efeito de caramujo que fosse alumiado e aquecido a gás, porque ali o hidrogênio e o carbono atendiam a todas as necessidades de luz e calor. Passepartout encontrou, sem dificuldade, no segundo pavimento, o quarto que lhe era destinado. Campainhas elétricas e tubos acústicos punham seu quarto em comunicação com os cômodos da sobreloja e do primeiro andar. Sobre a chaminé havia um relógio elétrico ligado ao relógio do quarto de dormir do patrão. Ambos os aparelhos marcavam o mesmo segundo ao mesmo tempo.

— Convém-me, convém-me isto! — disse Passepartout.

Também encontrou, no quarto, afixado por cima do relógio, o programa do serviço cotidiano. Compreendia — desde as oito da manhã, hora em que Phileas regularmente se levantava, até as onze e meia, hora em que saía para almoçar no Clube Reformador — todos os pormenores do serviço: o chá e as torradas as 8h23; a água para a barba às 9h37; o penteado às 9h40 e assim por diante. Depois, desde as onze e meia da manhã até a meia-noite — hora em que metodicamente se deitava o patrão —, tudo estava anotado, previsto, regularizado. Passepartout encontrou grande satisfação com a ideia de gravar na memória todos os dispositivos do minucioso programa.

O guarda-roupa de Phileas estava bem suprido e maravilhosamente organizado. Cada calça, casaco ou colete tinha número de ordem a que correspondia outro, em registro de entrada e de saída, com a indicação da data em que, segundo a estação, as peças de vestuário deviam ser alternadamente usadas. Com referência aos calçados, havia igual regulamentação.

Em uma palavra, a casa da ladeira Saville — que devia ser o templo da desordem na época do ilustre mas dissipador Sheridan — tinha mobília confortável, indício de vida regalada. Não possuía nem biblioteca nem livros, que seriam inutilidades para Fogg, pois o Clube Reformador punha à sua disposição duas bibliotecas, uma consagrada às letras, outra ao direito e à política. No quarto de dormir, via-se cofre para dinheiro, de tamanho regular,

cuja construção o punha a seguro tanto do roubo como do incêndio. Em casa não existiam nem armas nem utensílios de caça ou de guerra. Tudo ali denunciava os costumes mais pacíficos.

Depois de ter examinado minuciosamente a habitação, Passepartout esfregou as mãos, o largo semblante iluminou-se, e repetiu alegremente:

— Convém-me! É disto que eu precisava! Eu e o sr. Fogg nós entenderemos perfeitamente. Homem amigo da casa e metódico. Verdadeira máquina! Ora, não me desagrada servir a um homem de vida mecânica.

3
Conversa importante

Phileas Fogg saiu da sua casa às onze horas e meia e, depois de ter posto 575 vezes o pé direito diante do pé esquerdo e 576 vezes o pé esquerdo diante do pé direito, chegou ao Clube Reformador, vasto edifício, construído em Pall Mall, que não custou menos de três milhões.

Dirigiu-se logo para a sala de jantar, cujas nove janelas davam para o jardim, já com as árvores douradas pelo sopro do outono. Ali tomou lugar à mesa que lhe era habitual e onde já estava posto o serviço de sempre. Compunha-se o almoço de entrada, peixe cozido, temperado com molho de primeira qualidade, carne malpassada rica de condimentação, bolo recheado de talos de ruibarbo e de groselhas verdes e um pedaço de queijo — tudo isto regado por excelente chá.

Às 12h47, o cavalheiro levantou-se e dirigiu-se para o salão, compartimento magnífico, ornado de pinturas ricamente emolduradas. Ali, um criado entregou-lhe o *Times*. A leitura do jornal ocupou-o até as 15h45 e a do *Standard* — que se sucedeu — prolongou-se até ao jantar. Esta refeição fez-se nas mesmas condições do almoço, com o acréscimo do chamado molho real inglês.

Às 17h40, o cavalheiro reapareceu no salão e absorveu-se na leitura do *Morning Chronicle.*

Meia hora depois, diversos membros do clube entravam e chegavam-se para o fogão, alimentado por carvão de pedra.

Eram os parceiros habituais de Phileas, como ele acirrados jogadores de uíste: o engenheiro Andrew Stewart, os banqueiros John Sullivan e Samuel Fallentin, o cervejeiro Thomas Flanagan e Gauthier Ralph, um dos administradores do Banco da Inglaterra, pessoas ricas e de consideração, mesmo no clube, em que se contam sumidades da indústria e das finanças.

— Ora bem, Ralph — perguntou Thomas Flanagan —, como está aquele negócio do furto?

— Creio — respondeu Andrew Stewart — que o banco não mais verá o dinheiro.

— Espero, pelo contrário — disse Gauthier —, que deitaremos a mão ao autor do furto. Vários inspetores da polícia, criaturas muito hábeis, foram enviados para todos os portos de embarque e desembarque da Europa e da América e há de ser difícil ao tal sujeito escapar-lhes.

— Mas têm os sinais do ladrão? — perguntou Stuart.

— Em primeiro lugar não é ladrão — corrigiu Gauthier Ralph com muita seriedade.

— Como! Não é ladrão o indivíduo que subtraiu 55 mil libras?

— Não.

— É então industrial? — perguntou John Sullivan.

— O *Morning Chronicle* afirma que é um cavalheiro.

Quem deu essa resposta não foi outro senão Phileas Fogg, cuja cabeça assomou por entre as ondas de papel acumulado em redor dele. Ao mesmo tempo saudou os colegas que lhe retribuíram o cumprimento.

O fato de que se tratava e que diversos jornais do Reino Unido discutiam com ardor passara-se três dias antes, em 29 de setembro. Um maço de notas de banco, perfazendo a soma enorme de 55 mil libras esterlinas, fora tirado de cima da mesa do caixa principal do Banco da Inglaterra.

Aos que se admiravam de que o roubo se consumasse com tanta facilidade, o subgovernador do banco, Gauthier Ralph, limitava-se a responder que, naquele momento, o caixa estava ocupado em fazer lançamento da soma de três xelins e seis dinheiros e que não se pode estar com o olho em tudo.

Devemos, porém, observar — o que torna o fato mais explicável — que o admirável estabelecimento denominado Banco da Inglaterra parece considerar muito a dignidade do público. Nem grades, nem porteiros, nem guardas! O ouro, a prata e as notas estão expostos livremente e, por assim dizer, à mercê de qualquer pessoa. Não é capaz de suspeitar da probidade de qualquer cliente. Um dos melhores observadores dos costumes ingleses conta o seguinte. Numa das salas do banco, onde se achava um dia, teve a curiosidade de ver de mais perto uma barra de ouro, pesando quase quatro quilos, que estava exposta na mesa do

caixa. Pegou a barra de ouro, examinou-a, passou-a a um vizinho e este a passou a outro, de modo que a barra foi, de mão em mão, até ao fundo do escuro corredor e só voltou ao lugar meia hora depois, sem que o caixa levantasse sequer a cabeça.

Mas no dia 29 de setembro não se passaram as coisas assim. O maço de notas não voltou, e quando o magnífico relógio do estabelecimento deu cinco horas, sinal de fecharem-se os escritórios, o Banco da Inglaterra não tinha outro remédio senão passar 55 mil libras para a conta de lucros e perdas.

Clara e devidamente reconhecido o roubo, foram logo escolhidos os mais hábeis agentes e detetives e enviados para os portos principais, para Liverpool, Glasgow, Havre, Suez, Brindisi, Nova York e outros centros, com promessa, no caso de serem bem sucedidos, de gratificação de duas mil libras e cinco por cento da quantia que fosse apreendida. Enquanto não obtinham as informações que o inquérito, a que logo se procedeu, devia ministrar, os homens da polícia incumbiam-se de observar escrupulosamente todos os viajantes que chegassem ou partissem.

Ora, dava-se o caso, como dizia o *Morning Chronicle*, de haver toda razão para supor que o autor do roubo não fazia parte de nenhuma das sociedades de ladrões da Inglaterra. Durante o dia 29 de setembro, tornara-se digno de reparo um viajante bem trajado, de boas maneiras, aparência distinta, que passeava de um lado para o outro na sala dos pagamentos, local do furto. O inquérito permitira reproduzir com bastante exatidão os sinais do cavalheiro, os quais logo foram transmitidos a todos os detetives do Reino Unido e do continente. Alguns espíritos crédulos — e neste número estava Gauthier Ralph — julgavam ter razões para esperar que o ladrão não escapasse.

Como se deve imaginar, o acontecimento estava na ordem do dia em Londres e em toda a Inglaterra. Discutiam-se e exaltavam-se, a favor e contra, as probabilidades do êxito da polícia. Por isso não devia causar admiração que os membros do Clube Reformador tratassem da questão, tanto mais que entre eles se encontrava um dos subdiretores do banco.

O respeitável Gauthier Ralph não punha dúvida nos resultados das pesquisas, calculando que a gratificação oferecida devia extraordinariamente estimular o zelo e a inteligência dos policiais. Mas o seu colega Andrew Stewart estava longe de partilhar de sua confiança. A discussão continuou, pois, entre os

cavalheiros, que se tinham sentado à mesa de uíste, Stuart em frente de Flanagan e Fallentin diante de Phileas Fogg. Durante o jogo, os parceiros não falavam, mas, nos intervalos, a conversa interrompida recomeçava com mais animação.

— Sustento — disse Andrew Stewart — que o ladrão tem todas as vantagens, pois seguramente trata-se de indivíduo muito hábil.

— Ainda assim — respondeu Ralph —, já não há nenhum país onde ele possa refugiar-se.

— Ora essa!

— Para onde quer que ele vá?

— Não sei — volveu Stuart. — Mas, afinal, o mundo é grande.

— Era, em outros tempos… — observou a meia voz Phileas Fogg. — Corte o baralho — acrescentou, apresentando as cartas a Thomas Flanagan.

A discussão foi suspensa durante esse intervalo. Mas dali a pouco Andrew Stewart retomou-a, dizendo:

— Como, em outros tempos! Porventura a Terra diminuiu?

— Decerto — respondeu Gauthier Ralph. Sou da opinião do sr. Fogg. A Terra diminuiu, porque pode ser percorrida dez vezes mais depressa do que há cem anos. E é o que, no caso de que nos ocupamos, tornará mais rápida as pesquisas.

— E tornará mais fácil a fuga ao ladrão.

— Agora é a sua vez de jogar, sr. Stuart — advertiu Phileas.

Mas o incrédulo Stuart não estava convencido e assim que a partida terminou redarguiu:

— É preciso confessar, sr. Ralph, que achou maneira curiosa de dizer que a Terra diminuiu. Então, hoje, pode fazer-se a volta ao mundo em três meses…

— Em oitenta dias apenas — emendou Fogg.

— Efetivamente, senhores — acrescentou John Sullivan —, bastam oitenta dias, depois que foi feita a ligação ferroviária entre Rothal e Allahabad, e eis o cálculo feito pelo *Morning Chronicle.*

De Londres a Suez pelo monte Cenis e Brindisi, por navio e estradas de ferro, sete dias.

De Suez a Bombaim, por navio, 13 dias.

De Bombaim a Calcutá, por estrada de ferro, três dias.

De Calcutá a Hong Kong, por navio, 13 dias.

De Hong Kong a Yokohama, por navio, seis dias.

De Yokohama a San Francisco, por navio, 22 dias.

De San Francisco a Nova York, por estrada de ferro, sete dias.

De Nova York a Londres, por navio e estrada de ferro, nove dias.

Total: oitenta dias.

— Sim, oitenta dias! — exclamou Andrew Stewart, que por distração cortou um trunfo. Mas sem levar em conta o mau tempo, os ventos desfavoráveis, os naufrágios, os descarrilamentos e outros empecilhos.

— Tudo compreendido — redarguiu Phileas Fogg, continuando a jogar, porque a discussão já não respeitava o uíste.

— Mesmo se os índios arrancarem os trilhos — exclamou Stuart —, se fizerem parar os trens, se roubarem os carros, se esfolarem o crânio dos viajantes!

— Tudo compreendido — volveu Phileas Fogg. E, pondo o jogo na mesa, acrescentou: — Dois trunfos.

Andrew Stewart, a quem tocava a vez de dar, juntou as cartas dizendo:

— Teoricamente, tem razão, sr. Fogg, mas na prática…

— Na prática também, sr. Stuart.

— Desejava vê-lo experimentar.

— Isto depende apenas do senhor. Partamos ambos.

— Deus me livre! — exclamou Stuart. Mas apostava de boa vontade quatro mil libras que tal viagem, feita em semelhantes condições, é impossível.

— Muito possível, pelo contrário — respondeu Fogg.

— Então faça a viagem!

— A volta ao mundo em oitenta dias?

— Sim.

— Por que não?

— Quando?

— Já. Apenas devo preveni-los de que a farei à custa dos senhores.

— É uma loucura! — exclamou Andrew Stewart, a quem a insistência do seu parceiro começava a incomodar. — Basta. Tratemos de jogar.

— Torne então a dar — redarguiu Phileas — porque houve engano.

Andrew Stewart pegou outra vez as cartas com mão febril. Depois, tornando a pô-las de repente em cima da mesa, exclamou:

— Bem, bem, sr. Fogg, aposto as quatro mil libras…

— Meu caro Stuart, sossegue — aconselhou Fallentin. — Isso não é sério.

— Quando digo *aposto* — retorquiu Andrew Stewart — é sempre a sério.

— Seja! — disse Fogg.

Em seguida, voltando-se para os colegas, exclamou:

— Tenho vinte mil libras depositadas na casa bancária Baring & Irmãos. Arriscava-as de boa vontade…

— Vinte mil libras! — exclamou John Sullivan. — Vinte mil libras que uma demora imprevista pode fazê-lo perder.

— O imprevisto não existe — ponderou Phileas, com a maior simplicidade.

— Mas, sr. Fogg, o lapso de oitenta dias é calculado apenas como o mínimo de tempo!

— O mínimo bem empregado chega para tudo.

— Mas para não o exceder é preciso saltar matematicamente dos trens para os navios e dos navios para os trens.

— Eu saltarei matematicamente.

— É gracejo!

— Um verdadeiro inglês não graceja nunca quando se trata de coisa tão séria como aposta — redarguiu Phileas Fogg. — Aposto vinte mil libras, contra quem quiser, que farei a viagem à volta do mundo em oitenta dias ou menos, isto é, em 1.920 horas, ou 115.200 minutos. Aceitam?

— Aceitamos — responderam Stuart, Fallentin, Sullivan, Flanagan e Ralph, depois de se haverem entendido.

— Bem — anunciou Fogg. — O trem de Dover parte às 20h45. Vou tomá-lo.

— Esta noite mesmo? — perguntou Stuart.

— Esta noite mesmo — respondeu. — Portanto — acrescentou ele, consultando calendário de algibeira —, visto ser hoje quarta-feira, 2 de outubro, deverei estar de volta a Londres, a este mesmo salão do Clube Reformador, sábado, 21 de dezembro, às 20h45, sem o que as vinte mil libras depositadas atualmente na casa bancária dos irmãos Baring lhes pertencerão de fato e de direito. Eis aqui um cheque da importância.

No mesmo instante fez-se resumo escrito da aposta, o qual foi assinado pelos seis interessados. Phileas Fogg tinha permanecido impassível. Não apostara decerto para ganhar e apenas arriscava as vinte mil libras — metade da sua fortuna — porque previa que poderia ter de despender a outra metade na

realização do difícil, para não dizer inexequível, projeto. Quanto aos seus adversários, pareciam comovidos, não por causa da quantia, mas porque tinham escrúpulo de fazer aposta em tais condições.

Soaram naquele momento sete horas. Propuseram a Fogg suspender o uíste, a fim de que pudesse fazer os preparativos de viagem.

— Estou sempre preparado — respondeu o impassível cavalheiro, dando as cartas. — O trunfo é de ouros — anunciou pouco depois. — É a sua vez, sr. Stuart.

4
A reação de Passepartout

Às 19h25, Phileas Fogg, depois de ter ganhado cerca de vinte guinéus no uíste, despediu-se dos respeitáveis colegas e saiu.

Às 19h50, abria a porta da casa onde morava e entrava.

Passepartout, que tinha conscienciosamente estudado o seu programa, ficou bastante surpreendido ao ver o patrão, em culpa de inexatidão, aparecer em hora insólita. Segundo o programa, não devia o locatário da ladeira Saville recolher-se senão à meia-noite em ponto.

Phileas Fogg subiu ao quarto e chamou:

— Passepartout.

Passepartout não respondeu. A chamada não podia ser para ele. Não era ainda a hora.

— Passepartout — repetiu Fogg, sem elevar mais a voz.

Passepartout apareceu.

— É a segunda vez que chamo.

— Ainda não é meia-noite — redarguiu Passepartout, de relógio na mão.

— Bem sei — replicou Phileas Fogg — e não o repreendo. Partimos dentro de dez minutos para Dover e Calais.

Uma espécie de careta encrespou as faces redondas do francês. Era evidente que tinha ouvido mal.

— O meu patrão ausenta-se? — perguntou ele.

— Sim — respondeu. — Vamos dar a volta ao mundo.

Passepartout, com os olhos extraordinariamente arregalados, as pálpebras e as sobrancelhas levantadas, os braços caídos, o corpo meio curvado, apresentava

naquele momento todos os sintomas do espanto levado aos limites da estupefação.

— Volta ao mundo! — murmurou ele.

— Em oitenta dias — acrescentou o patrão. — De modo que não temos tempo a perder.

— E as malas? — lembrou Passepartout, que, inconscientemente, movia a cabeça da direita para a esquerda.

— Nada de malas. Um saco de viagem só. Duas camisas de lã e três pares de meias. O mesmo para você. Traga para baixo a manta de viagem e escolha um bom calçado, embora pouco ou nada tenhamos que andar. Avie-se.

Passepartout desejaria objetar alguma coisa. Não pôde. Saiu do quarto de Fogg, subiu ao seu, deixou-se cair numa cadeira e, empregando frase vulgar na sua terra natal, exclamou:

— Que grande peça! E eu que procurava o repouso!

Maquinalmente pôs-se a fazer os preparativos de viagem. A volta ao mundo em oitenta dias! Estaria lidando com doido! Não… Seria gracejo? Iam a Dover, muito bem. Mesmo a Calais. Afinal, isso não poderia contrariar muito o bom rapaz, que havia cinco anos não pisava o solo da pátria. Talvez mesmo que fossem até Paris e é de crer que tivesse grande satisfação em tornar a ver a grande capital. Mas, certamente, um cavalheiro tão sóbrio em movimento ficaria por ali… Sim, sem dúvida, mas a verdade é que o cavalheiro partia, deslocava-se, apesar de ter sido até aquele tempo tão caseiro!

Às oito horas, Passepartout já tinha arranjado o modesto saco de viagem que continha o seu guarda-roupa e o do patrão. Em seguida, com o espírito ainda um pouco perturbado, saiu do quarto, cuja porta fechou cuidadosamente, e reuniu-se ao patrão.

Fogg estava pronto. Tinha debaixo do braço o *Guia geral de navios e estradas de ferro de Bradshaw*, que lhe devia ministrar todas as indicações necessárias para a viagem. Tomou o saco das mãos de Passepartout, abriu-o e deixou cair dentro grande maço daquelas notas de banco que têm curso em todo o mundo.

— Não se esqueceu de nada? — perguntou ele.

— De nada, senhor.

— Bem, pegue o saco.

Fogg entregou o saco a Passepartout.

— Cuidado — recomendou. — Dentro estão vinte mil libras.

O saco ia quase caindo das mãos de Passepartout, como se as vinte mil libras fossem de ouro e pesassem consideravelmente.

Criado e patrão desceram e a porta da rua foi fechada com a máxima segurança.

No fim da rua havia um estacionamento de carruagem. Phileas Fogg e o criado tomaram um carro que, rapidamente, se dirigiu para a estação, onde termina um dos ramais da Estrada de Ferro de Sudeste.

Às 20h20 a carruagem parava diante da estação. Passepartout desceu. O patrão seguiu-o e pagou ao cocheiro.

Naquele momento, uma pobre mendiga trazendo uma criança pela mão, descalça sobre a lama, com chapéu velho e estragado, do qual pendia deplorável pluma, com xale esfarrapado sobre os andrajos, chegou-se a Fogg e pediu-lhe esmola.

— Tome lá, boa mulher, estou satisfeito de tê-la encontrado.

E continuou seu caminho.

Passepartout teve sensação de umidade em volta das pupilas. O patrão entrara-lhe mais um palmo pelo coração.

Os dois viajantes penetraram no mesmo instante na vasta sala da estação. Phileas deu ordem a Passepartout para comprar dois bilhetes de primeira classe até Paris. Em seguida, voltando-se, deu com os cinco colegas do Clube Reformador.

— Parto, meus senhores — afirmou ele —, e os diversos vistos postos no passaporte que levo comigo permitir-lhes-ão verificar o meu itinerário.

— Oh! Senhor Fogg — redarguiu com toda a polidez Gauthier Ralph —, é escusado. A sua honra de cavalheiro serve-nos de garantia.

— Assim é melhor — disse Phileas.

— Não se esqueça de que deve voltar… — observou Andrew Stewart.

— Dentro de oitenta dias — tornou Fogg —, sábado, 21 de dezembro de 1872, às 20h45. Até à vista, meus senhores.

Às 20h40, Phileas e seu criado tomavam lugar no mesmo compartimento. Às 20h45 soava o apito e o trem punha-se a caminho.

Estava escura a noite. Caía chuva miúda. Phileas Fogg, metido no seu canto, não dizia palavra. Passepartout, como que estonteado ainda, apertava

maquinalmente contra si o saco onde iam as vinte mil libras.

O trem ainda não passara diante de Sydenham, quando Passepartout soltou verdadeiro berro de desespero.

— Que tem? — perguntou Fogg.

— Tenho… que com a pressa… na minha perturbação… esqueci-me.

— De quê?

— De apagar o bico de gás do meu quarto.

— Está bem, meu rapaz — replicou Fogg com frieza —, fica a arder por sua conta.

5
Telegrama imprevisto

Ao sair de Londres, Phileas Fogg estava decerto longe de imaginar o grande ruído que sua partida ia produzir. A notícia da aposta espalhou-se, a princípio, no Clube Reformador e causou verdadeira emoção naquele respeitável círculo. Em seguida a emoção propagou-se até aos jornais, por intermédio dos repórteres e, dali, ao público de Londres e de todo o Reino Unido.

A questão da volta ao mundo foi comentada, discutida, dissecada com veemência e ardor. Uns tomaram o partido de Phileas Fogg, outros — e formaram depressa maioria considerável — pronunciaram-se contra ele. Realizar o giro do mundo, de maneira que não fosse em teoria e no papel, nesse mínimo de tempo, com os meios de comunicação que no momento existiam, não só era impossível — era insensato.

Os jornais de grande circulação declararam-se contra Fogg. Só o *Daily Telegraph* o defendeu até certo ponto. Phileas foi chamado de maníaco, de louco, e seus colegas do Clube Reformador foram censurados por terem aceitado tal aposta, que denunciava enfraquecimento das faculdades mentais do autor.

Sobre esse tema apareceram vários artigos extremamente acalorados, mas lógicos. É geralmente sabido o interesse que se toma na Inglaterra por tudo quanto diz respeito à geografia. Por isso, não havia leitor, de qualquer classe que fosse, que não devorasse as colunas consagradas à questão.

Nos primeiros dias, alguns espíritos arrojados — as mulheres principalmente — mostraram-se a favor dele, sobretudo quando o periódico *Illustrated London News* publicou o seu retrato. Certos cavalheiros aventuraram-se a dizer: “Ora! ora! Afinal, por que não? Têm-se visto coisas mais extraordinárias!” Eram

principalmente os leitores do *Daily Telegraph*. Mas depressa se reconheceu que aquele jornal começava a fraquejar.

Efetivamente, a 7 de outubro, apareceu extenso artigo no *Boletim da Sociedade Real de Geografia*. Este jornal tratou a questão de todos os pontos de vista e demonstrou claramente a loucura da empresa. Segundo demonstrava o artigo, tudo era contra o viajante: os obstáculos dos homens e os elementos da natureza. Para o êxito do projeto era preciso admitir concordância milagrosa das horas de partida e de chegada, o que não existia e nem podia existir. A rigor, na Europa, onde os percursos são de extensão relativamente reduzida, pode-se contar com a chegada dos trens à hora fixa. Mas quando eles gastam três dias para atravessar a Índia, sete, para atravessar os Estados Unidos, poder-se-iam, com rigor, basear sobre a sua exatidão os elementos de tal problema? E os acidentes das máquinas, os descarrilamentos, os choques entre os trens, o mau tempo, a acumulação da neve, tudo isto não era contra Phileas Fogg? Nos navios, não ficaria durante o inverno à mercê dos pés de vento ou dos nevoeiros? Não é comum terem os navios mais velozes, das linhas transoceânicas atrasos de dois ou três dias? Ora, bastava um atraso, um só, para que a cadeia das comunicações fosse irremediavelmente interrompida. Se Phileas Fogg perdesse, por poucas horas que fosse, a partida de algum navio, seria obrigado a esperar o navio seguinte e a viagem ficaria, por isso mesmo, infalivelmente comprometida.

O artigo causou grande impressão. Quase todos os jornais o reproduziram e as ações de Phileas Fogg desceram bastante.

Nos primeiros dias que se seguiram à partida do cavalheiro, importantes apostas se haviam feito sobre o êxito da tentativa. Sabe-se o que é a classe dos apostadores na Inglaterra, mais inteligente e mais esclarecida que a dos jogadores. A aposta é do temperamento inglês. Por essa razão, não só os diversos membros do Clube Reformador fizeram apostas consideráveis a favor de Phileas Fogg e contra ele, mas o público, em massa, participou do movimento. Ele foi inscrito, como qualquer cavalo de corridas, numa espécie de livro de registro. Fizeram dele também um valor de bolsa que imediatamente foi cotado na praça de Londres. Procurava-se, oferecia-se Phileas Fogg firme ou com ágio, como qualquer papel de crédito. Fizeram-se com ele transações enormes. Mas cinco dias depois da partida do cavalheiro, em vista do artigo do *Boletim da Sociedade*

Real de Geografia, a oferta começou a aumentar. A cotação desceu. A oferta era maciça.

Só lhe restou um partidário. Foi o velho paralítico lorde Albermale. O respeitável cavalheiro, pregado na poltrona, daria de boa vontade sua fortuna para fazer a volta ao mundo mesmo em dez anos, e apostou quatro mil libras em favor de Phileas Fogg. E quando, ao mesmo tempo que lhe demonstravam a insensatez do projeto, lhe mostravam a sua inutilidade, contentava-se em responder:

— Se a coisa é realizável, convém que um inglês seja o primeiro a fazê-la.

Ora, estavam as coisas neste pé, com os partidários do êxito cada vez mais raros; com toda a gente, e não sem razão, a voltar-se contra ele; com a cotação à base de 150 a 200 contra um, quando, sete dias depois da partida, um incidente completamente inesperado fez com que o prestígio de Fogg baixasse a nada.

Efetivamente, pela volta das nove da noite, o diretor da policia metropolitana recebeu o seguinte telegrama:

“SUEZ A LONDRES

Rowan, diretor do polícia, administração central, Scotland Yard

Estou no rastro do ladrão do banco, Phileas Fogg. Mande quanto antes ordem de prisão para Bombaim (Índia Inglesa).

Fix, detetive.”

Foi rápido o efeito deste telegrama. O respeitável cavalheiro desaparecia para dar lugar ao ladrão do banco. Sua fotografia, existente do Clube Reformador, juntamente com a dos seus colegas, foi examinada. Reproduzia traço por traço o homem cujos sinais o inquérito fornecera. Lembraram-se então do que oferecia de misterioso o viver do aventureiro, do seu isolamento, da sua partida súbita. Pareceu evidente que, dando por pretexto uma viagem em volta do mundo e apoiando-se em aposta insensata, só tinha por fim despistar os agentes da polícia inglesa.

6
Impaciência de Fix

Eis as circunstâncias em que fora expedido o telegrama que dizia respeito a Phileas Fogg.

Na quarta-feira, 9 de outubro, esperava-se que chegasse às onze da manhã a Suez o navio *Mongólia*, pertencente à Companhia Peninsular e Oriental, navio de ferro, com hélice e falsa coberta, de 2.800 toneladas de porte e da força nominal de quinhentos cavalos. O *Mongólia* fazia regularmente as viagens de Brindisi a Bombaim, pelo canal de Suez. Era dos barcos mais velozes da companhia e sempre havia excedido a marcha regulamentar de 16 quilômetros por hora entre Brindisi e Bombaim e de 15,33 quilômetros entre Suez e Bombaim.

À espera do *Mongólia* passeavam dois homens no cais em meio da multidão de indígenas e de estrangeiros que afluem àquela cidade, até há pouco simples aldeia, e à qual a grande obra do sr. Lesseps garantiria porvir bastante próspero.

Desses dois homens, um era o cônsul do Reino Unido em Suez, que via todos os dias os navios ingleses atravessarem o canal, reduzindo à metade o antigo caminho da Inglaterra para as Índias pelo cabo da Boa Esperança.

O outro era um homenzinho magro, de aspecto inteligente, nervoso, que contraía com persistência notável os músculos superciliares. Através de longas pestanas brilhavam-lhe olhos muito vivos, cujo fulgor sabia extinguir quando queria. Naquele momento dava indícios de impaciência, andando de um lado para o outro, sem poder parar um instante.

O homem chamava-se Fix e era dos detetives que tinham sido mandados para diversos portos, depois do furto cometido no Banco da Inglaterra. Fix devia

vigiar com a maior atenção todos os viajantes que seguissem a via de Suez e, se algum lhe parecesse suspeito, não o perdia de vista, até chegar ordem de prisão.

Havia dois dias que Fix recebera da polícia londrina os sinais do suposto autor do furto. Coincidiam com os daquela pessoa distinta e bem trajada que fora vista na sala dos pagamentos do banco.

O detetive, evidentemente estimulado pela boa gratificação prometida, esperava com impaciência fácil de compreender a chegada do *Mongólia*.

— O cônsul diz que o vapor não pode tardar? — perguntou pela décima vez.

— Não, sr. Fix — respondeu o cônsul. — Foi ontem avistado nas alturas do Porto Saída, e os 160 quilômetros do canal para tal caminhante não são nada. Repito-lhe que o *Mongólia* ganha sempre o prêmio de 25 libras que o governo dá para cada avanço de 24 horas sobre o tempo regulamentar.

— O navio vem diretamente de Brindisi? — perguntou Fix.

— Sim, de Brindisi, onde tomou as malas da Índia, e de onde largou sábado, às cinco da tarde. Tenha paciência, não pode demorar. Mas na verdade, não sei, com os sinais que tem, como poderá reconhecer o homem se ele estiver a bordo do *Mongólia*.

— Sr. cônsul — disse Fix —, nós sentimos tal espécie de gente, não as reconhecemos propriamente. Faro é que é preciso, sentido especial para o qual concorrem o ouvido, a vista e o olfato. Tenho na vida agarrado mais de um desses cavalheiros, e, contanto que o meu ladrão esteja a bordo, afianço-lhe que não me escapará por entre os dedos.

— Assim o desejo, sr. Fix, porque se trata de furto importante.

— Furto magnífico — retorquiu o policial, entusiasmado. — Cinquenta e cinco mil libras! Não temos sempre negócios assim! Os ladrões vão-se tornando mesquinhos. Nos tempos que vão correndo, os ladrões deixam-se agarrar por poucos xelins.

— Sr. Fix — volveu o cônsul —, está falando de tal maneira que lhe desejo muito feliz êxito. Mas repito-lhe, nas condições em que se acha, receio que seja difícil. Pelos sinais que recebeu, bem vê que o tal ladrão parece perfeito homem de bem.

— Sr. cônsul — replicou sentenciosamente o detetive —, os grandes ladrões parecem sempre homens honrados. Bem deve compreender que aos que tiverem cara de tratante não resta outro partido senão ficarem pobres pois de outro modo

logo seriam presos. As caras honradas são as que devem principalmente ser desmascaradas. Sou da opinião que é trabalho difícil e para o qual se torna necessária, mais do que a prática, a habilidade.

Pelo que fica dito, vê-se que o tal Fix não deixava de ter boa dose de amor-próprio.

Entretanto, a animação ia principiando no cais. Começavam a afluir marinheiros de diversas nacionalidades, comerciantes, corretores, carregadores e felás. A chegada do navio decerto estava próxima.

Fazia um tempo lindo, mas o ar estava frio, por efeito do vento que soprava do oriente. Por sobre a cidade, no fundo azul frouxamente iluminado pelos pálidos raios de sol, recortavam-se alguns minaretes. Para a banda do sul, um molhe de dois mil metros de comprimento estendia-se como braço no ancoradouro de Suez. Sobre o mar Vermelho, balouçavam-se vários barcos de pesca ou de cabotagem, alguns dos quais conservam ainda o feitio elegante da galera antiga.

Divagando no meio do populacho, Fix, por hábito proveniente da sua profissão, examinava de relance os transeuntes.

Eram duas e meia.

— Mas o navio não chega! — exclamou ele quando ouviu o relógio do porto dar horas.

— Não pode vir longe — acudiu o cônsul.

— Quanto tempo se demora ele em Suez? — perguntou Fix.

— Quatro horas, tempo suficiente para carregar carvão. De Suez a Aden, na extremidade do mar Vermelho, vão 2.100 quilômetros e é preciso fazer provisão de combustível.

— De Suez, o navio vai diretamente a Bombaim?

— Diretamente, sem baldeação.

— Ora bem — disse Fix —, se o ladrão tomou esse caminho e esse navio, deve entrar em seus planos desembarcar em Suez, a fim de alcançar por uma outra via as possessões holandesas ou francesas da Ásia. Há de saber muito bem que não estaria em segurança na Índia, que é terra inglesa.

— Supondo-se que não seja homem de grande habilidade — objetou o cônsul. — Bem sabe que um criminoso inglês esconde-se muito melhor em Londres do que em qualquer país estrangeiro.

Depois dessa reflexão, que deu muito que cismar ao detetive, o cônsul voltou para o consulado, que ficava pouco adiante. O policial ficou só, entregue à impaciência nervosa, com o pressentimento bastante singular de que o seu ladrão devia achar-se a bordo do *Mongólia* — e na verdade, se aquele velhaco saíra da Inglaterra com a intenção de passar à América, o caminho das Índias, menos vigiado, ou mais difícil de vigiar que o do Atlântico, devia merecer-lhe a preferência.

Fix não esteve muito tempo entregue a essas reflexões. Silvos penetrantes anunciaram a chegada do navio. A horda inteira dos carregadores e dos felás correu para o cais, em tumulto um pouco inquietador para a integridade e para os trajes dos passageiros.

Bem depressa avistou-se o casco gigantesco do *Mongólia*, deslizando entre as margens do canal. Eram onze horas quando ancorou no porto, ao mesmo tempo que o vapor da máquina se escapava com grande ruído pelos tubos de segurança.

Os passageiros eram em grande número. Alguns ficaram sobre a coberta a contemplar o panorama pitoresco da cidade. Mas a maior parte embarcou nos pequenos barcos que se tinham acercado do *Mongólia*.

Fix examinava escrupulosamente todos os que desembarcavam.

E viu um que se aproximava dele, depois de ter vigorosamente repelido os felás que o importunavam com os seus oferecimentos. Perguntou-lhe, com toda a delicadeza, se podia indicar-lhe o consulado inglês. Dizendo isto, o passageiro apresentava o passaporte, no qual desejava, decerto, fazer pôr o visto britânico.

Fix pegou instintivamente no passaporte e com rápido golpe de vista leu as qualificações escritas no documento.

Quase deixou escapar movimento involuntário. O papel tremeu-lhe na mão. Os sinais que o passaporte registrava eram os mesmos que recebera da polícia londrina.

— Este passaporte não é seu? — perguntou ele ao passageiro.

— Não — respondeu o interpelado —, é de meu patrão.

— E onde está seu patrão?

— Ficou a bordo.

— Mas — ponderou o detetive — é preciso que ele se apresente em pessoa ao cônsul, a fim de demonstrar a sua identidade.

— O quê? Isso é necessário?

— É indispensável.

— E onde fica o consulado?

— Acolá, ao canto da praça — informou, apontando para casa distante dali duzentos passos.

— Então vou buscar o meu patrão, que não deve gostar muito deste incômodo.

Dito isso, o passageiro cumprimentou Fix e voltou para bordo.

7
No consulado

O policial dirigiu-se rapidamente para o consulado inglês. No mesmo instante, atendendo-se ao seu pedido urgente, foi introduzido.

— Sr. cônsul — disse sem mais preâmbulos —, tenho boas razões para crer que o homem tomou passagem a bordo do M*ongólia*.

E Fix contou o que se passara entre ele e o criado a propósito do passaporte.

— Bem, sr. Fix — redarguiu o cônsul —, não me importa ver a cara do tratante. Mas é de crer que não venha aqui, se for o que supõe. Um ladrão não gosta de deixar vestígios da sua passagem e, depois, a formalidade dos passaportes há muito tempo que não é obrigatória.

— Sr. cônsul — volveu o detetive —, ele virá, se for, como se deve imaginar, homem muito hábil e frio.

— Pôr o visto no passaporte?

— Decerto. Os passaportes só servem para estorvar as pessoas de bem e favorecer a fuga dos aventureiros. Afirmo-lhe que o documento dele deve estar em ordem, mas espero que o senhor não lhe porá o visto.

— E por que não? Se o passaporte estiver regular, não tenho o direito de recusar minha assinatura.

— Entretanto, sr. cônsul, é preciso que eu retenha aqui esse homem até receber de Londres ordem de prisão.

— Isso diz-lhe respeito — retorquiu o cônsul —, mas não tenho direito…

O cônsul não pôde concluir. Neste momento batiam à porta do gabinete e o contínuo introduziu dois estrangeiros, um dos quais era precisamente o criado que falara com o detetive.

Eram, com efeito, Phileas Fogg e Passepartout. O primeiro apresentou o seu passaporte, pedindo com todo o laconismo ao cônsul que fosse visado.

O cônsul pegou no passaporte e leu-o com toda atenção, ao mesmo tempo que Fix, num canto do gabinete, observava, ou, antes, devorava, o estrangeiro com os olhos.

Quando acabou de ler, o cônsul perguntou:

— É Phileas Fogg?

— Sim — respondeu o cavalheiro.

— E este homem é seu criado?

— É. Chama-se Passepartout e é francês.

— Vem de Londres?

— Venho.

— E para onde vai?

— Para Bombaim.

— Bem, senhor. Sabe que a formalidade do visto é inútil e que já não se exige a apresentação dos passaportes?

— Bem sei — respondeu Fogg —, mas desejo provar com a sua assinatura que passei pelo canal de Suez.

— Seja assim.

E o cônsul assinou e datou o passaporte e pôs nele o seu sinete. Fogg pagou os respectivos emolumentos e, depois de ter cumprimentado com toda a frieza, saiu, seguido do criado.

— Então? — perguntou o policial.

— Então — respondeu o cônsul —, tem cara de perfeito homem de bem!

— É possível que seja — volveu Fix —, mas não é disto que se trata. Não acha, sr. cônsul, que esse fleumático cavalheiro se parece traço por traço com o ladrão cujos sinais recebi?

— Sou dessa opinião, mas bem sabe que isso de sinais…

— Hei de tirar tudo a limpo — tornou Fix. — O criado parece menos indecifrável que o patrão. Ademais, é francês e não deixará de falar. Até já.

Dito isso, o detetive saiu e pôs-se à procura de Passepartout.

Entretanto, Fogg, saindo do consulado, encaminhara-se para o cais. Deu algumas ordens ao criado, tomou um pequeno barco, voltou para bordo do

Mongólia e meteu-se no beliche. Pegou então no seu livrinho de notas, onde se lia o seguinte:

"Saída de Londres, quarta-feira, 2 de outubro, às 20h45.

Chegada a Paris, quinta-feira, 3 de outubro, às 7h20.

Chegada a Turim, pelo monte Cenis, sexta-feira, 4 de outubro, às 6h35.

Saída de Turim, sexta-feira, às 7h20.

Chegada a Brindisi, sábado, 5 de outubro, às quatro da tarde.

Embarque no *Mongólia*, sábado, às cinco da tarde.

Chegada a Suez, quarta-feira, 9 de outubro, às onze da manhã.

Total das horas gastas até aqui: 158,5, ou seis dias e meio."

Fogg inscreveu essas datas sobre um itinerário disposto em colunas, o qual indicava — desde 2 de outubro até 21 de dezembro — o mês, a data, o dia, as chegadas regulamentares e as chegadas efetivas a cada ponto principal, Paris, Brindisi, Suez, Bombaim, Calcutá, Cingapura, Hong Kong, Yokohama, San Francisco, Nova York, Liverpool, Londres, o que lhe permitia calcular a vantagem obtida ou a perda sofrida em cada lugar do percurso.

O metódico itinerário consignava tudo, e Fogg ficava sabendo se tinha avanço ou atraso na viagem.

Naquele dia, quarta-feira, 9 de outubro, registrou sua chegada a Suez, a qual concordava com a chegada regulamentar e, portanto, não dava ganho nem perda.

Mandou que lhe servissem almoço no seu camarote. Quanto a ver a cidade, nem mesmo pensava nisto, porque era daquela raça de ingleses que fazem visitar pelos seus criados os países que atravessam.

8
Passepartout fala demasiado

O detetive logo encontrou Passepartout, que passeava pelo cais, cheio de curiosidade.

— Ora bem, meu amigo — disse-lhe Fix, chegando-se a ele —, o seu passaporte já foi visado?

— Ah! É o senhor? — respondeu o francês. — Muito obrigado. Estamos com tudo em ordem.

— E está olhando a terra?

— Estou, mas viajamos tão depressa que me parece que o fazemos em sonhos. É verdade que estamos em Suez?

— Em Suez.

— No Egito?

— No Egito, exato.

— Na África?

— Na África.

— Na África! — repetiu Passepartout. — Custa-me acreditar. Ora, imagine que eu tinha intenção de não passar de Paris, e afinal vi a famosa cidade exatamente no espaço que vai das 7h20 até as 8h40, entre a estação do Norte e a estação de Lião, através das vidraças de uma carruagem e no meio de chuva torrencial. Que pena!

— Então tem muita pressa? — insinuou o policial.

— Eu, não, mas meu patrão. A propósito, é preciso comprar meias e camisas! Partimos sem malas, só com um saco de viagem.

— Vou levá-lo a um bazar, onde achará tudo o que é preciso.

— O senhor é muito gentil.

E ambos se puseram a caminho. Passepartout continuava a conversar.

— Sobretudo — disse ele — é preciso ter muito cuidado para não perder o navio.

— Tem tempo — exclamou Fix —, ainda não é meio-dia.

Passepartout puxou seu grande relógio.

— Meio-dia! Ou melhor, são 9h52.

— O seu relógio está atrasado.

— O meu relógio! Um relógio de família, que me veio do meu bisavô! Não fazem diferença cinco minutos por ano! Verdadeiro cronômetro.

— Sei o que é — disse o detetive. Regulou-o pela hora de Londres, quase duas horas de diferença da de Suez. — Deve ter cuidado de regular o relógio pelo meridiano de cada país por onde passar.

— Eu tocar no meu relógio! — exclamou Passepartout. — Nunca!

— Nesse caso não andará nunca de acordo com o sol.

— Tanto pior para o sol, senhor! Ele é que estará errado!

E o excelente moço tornou a meter o relógio na algibeira do colete com gesto sublime.

Instantes depois, Fix perguntava-lhe:

— Então deixaram Londres precipitadamente?

— Assim parece. Na quarta-feira, às oito da noite, fora do seu costume, o sr. Fogg voltara do clube e três quartos de hora depois tínhamos partido.

— Mas onde vai o seu patrão?

— Sempre em frente! Faz a volta ao mundo!

— A volta ao mundo! — exclamou Fix.

— Sim, em oitenta dias. Aposta, diz ele, mas, aqui para nós, não o creio. Seria coisa sem senso comum. Nisso anda outra coisa.

— Ah! É um excêntrico o seu patrão?

— Assim me parece.

— E é rico?

— Decerto, e leva consigo boa soma em notas do banco, novinhas em folha. Pelo caminho não poupa dinheiro. Chegou a prometer boa gratificação ao maquinista do *Mongólia* se chegarmos a Bombaim com grande avanço!

— E conhece há muito seu patrão?

— Eu? — respondeu Passepartout. — Entrei para o seu serviço no dia da partida.

Facilmente se imagina o efeito que essas respostas produziram no espírito já excitado do agente de polícia.

A partida imprevista, a pressa de ver-se em países distantes, o pretexto de aposta tão fora do comum, tudo confirmava e devia confirmar Fix nas suas ideias. Fez falar ainda mais o francês e obteve a certeza de que esse moço não conhecia o patrão e que este vivia isolado em Londres, onde o tinham na conta de rico, sem que se soubesse a origem da sua fortuna, que era homem impenetrável, e outras circunstâncias. Mas ao mesmo tempo Fix pôde obter a certeza de que Phileas Fogg não desembarcava em Suez e que ia na realidade a Bombaim.

— Bombaim ainda ficará muito longe? — perguntou Passepartout.

— Bastante — respondeu o policial. — Ainda dez ou 12 dias de viagem por mar.

— E onde fica Bombaim?

— Na Índia.

— Demônio! Eu lhe digo… Há uma coisa que me atormenta… É o bico!

— Qual bico?

— O bico de gás, que me esqueci de apagar e que está a arder por minha conta. Ora, calculei que me saía a dois xelins cada 24 horas, exatamente mais seis dinheiros do que eu ganho, e bem compreende que por pouco que a viagem se demore…

Fix teria compreendido a história do gás? É muito pouco provável. Já não escutava e tomara uma resolução. Tinham ambos chegado ao bazar. Deixou aí o seu companheiro para fazer compras, recomendou-lhe que não perdesse o *Mongólia* e voltou com toda a pressa ao consulado.

Agora que a sua convicção estava formada, Fix recuperara todo o sangue-frio.

— Já não me resta dúvida — disse ao cônsul. — Apanhei-o. Faz-se passar por excêntrico que quer realizar uma viagem à volta do mundo em oitenta dias.

— Nesse caso é um espertalhão — redarguiu o diplomata — e conta voltar a Londres depois de ter despistado os policiais dos dois continentes?

— É o que havemos de ver — exclamou Fix.

— Mas não se engana? — perguntou-lhe mais uma vez o cônsul.

— Não me engano.

— Então, por que é que tal ladrão fez questão de provar, com o *visto*, sua passagem por Suez?

— Por quê?… Não sei — respondeu o detetive. — Mas ouça-me.

Em poucas palavras referiu os pontos principais da sua conversa com o criado de Fogg.

— Efetivamente, todas as aparências são contra o homem. E que vai fazer?

— Expedir um telegrama para Londres, pedindo com insistência que me mandem uma ordem de prisão a Bombaim, embarcar em seguida no *Mongólia*, não perder de vista o meu ladrão até as Índias e ali, naquela terra inglesa, chegar-me a ele atenciosamente, com a minha ordem de prisão em punho e pôr-lhe a mão no ombro.

Quinze minutos depois, Fix, com a sua pequena bagagem na mão, mas bem provido de dinheiro, embarcava a bordo do *Mongólia*, que em breve corria a todo vapor sobre as águas do mar Vermelho.

9
O mar Vermelho e o oceano Índico ajudam Phileas Fogg

A distância entre Aden e Suez é exatamente de 1.300 milhas, e o regulamento da companhia concede aos seus navios prazo de 138 horas para percorrê-las. O *Mongólia*, que ia a todo vapor, corria de maneira a adiantar-se à hora regulamentar.

A maior parte dos passageiros embarcados em Brindisi tinha a Índia por destino. Uns dirigiam-se a Bombaim, outros a Calcutá, mas via Bombaim, porque, depois que uma linha férrea atravessa em toda a sua largura a península indiana, deixa de ser necessário dobrar a ponta do Ceilão.

Entre os passageiros contavam-se diversos funcionários civis e oficiais de todas as graduações. Destes, pertenciam uns ao Exército britânico propriamente dito, outros comandavam as tropas indianas dos cipaios, todos eles pagos esplendidamente.

Passava-se vida regalada a bordo do *Mongólia*, no meio daquela sociedade de funcionários, entre os quais se misturavam alguns jovens ingleses que, com o seu milhão na algibeira, iam fundar ao longe estabelecimentos de comércio. O comissário, homem de confiança da companhia, tão importante como o próprio capitão, a bordo, fazia as coisas com grandeza. Pela manhã, ao almoço, ao lanche das duas, ao jantar das cinco e meia, e à ceia das oito horas, as mesas vergavam sob o peso das iguarias. As passageiras — e havia algumas — mudavam de vestidos duas vezes por dia. Tocava-se música, dançava-se até quando o mar o permitia.

O mar Vermelho, porém, é muito caprichoso e está frequentemente mau, como todos os golfos estreitos e compridos. Quando o vento soprava ou da costa da Ásia ou da costa da África, o *Mongólia*, espécie de fuso comprido munido de

hélice, batido de través pelo vento, balouçava de modo horrível. Então, as damas desapareciam, calavam-se os pianos e as danças cessavam. Contudo, apesar do ventos e das ondas, impelido pela máquina poderosa, não afrouxava a carreira em direção ao estreito de Bab-el-Mandeb.

Durante este tempo que fazia Phileas Fogg?

Poder-se-ia julgar que, sempre inquieto e ansioso, se preocupava com as mudanças do vento, prejudiciais ao andamento do navio, com o embate desordenado das ondas que punha a máquina em perigo de grave acidente e, enfim, com todas as avarias possíveis que, obrigando o *Mongólia* a arribar a algum porto, comprometessem a viagem. Porém, não sucedia assim ou, pelo menos, se pensava em tais eventualidades, não o dava a conhecer. Era sempre o homem impassível, o membro imperturbável do Clube Reformador, que nenhum acidente ou incidente podia surpreender. Não dava mais sinais de emoção do que poderiam dar os cronômetros de bordo. Raras vezes o viam sobre o convés. Pouco se lhe dava de observar o mar Vermelho, tão febril em recordações, teatro das primeiras cenas históricas da humanidade. Não vinha reconhecer as curiosas cidades espalhadas pelas suas margens e cujas silhuetas se desenhavam algumas vezes no horizonte. Nem sequer pensava nos perigos daquele golfo arábico, do qual os escritores antigos falaram sempre com assombro e cujas águas nunca os navegantes ousaram outrora sulcar, sem primeiro consagrarem a viagem por meio de sacrifícios propiciatórios.

O que fazia, pois, esta criatura original, encerrada no *Mongólia*? Em primeiro lugar, devorava as quatro refeições do dia, sem que o balanço ou a arfagem do navio causassem desarranjo em sua máquina tão bem organizada. Depois, jogava o uíste.

Sim, tinha encontrado parceiros tão entusiastas como ele: um recebedor de impostos que se dirigia para o seu posto em Goa, um ministro da Igreja, o reverendo Decimus Smith, que regressava a Bombaim, e um brigadeiro-general do Exército inglês, que se ia juntar ao seu corpo em Varanasi. Esses três passageiros tinham pelo uíste a mesma paixão de Fogg, e jogavam durante horas inteiras.

Quanto a Passepartout, o enjoo em absoluto não o atingia. Ocupava um beliche da proa e comia também com toda a consciência. Deve-se dizer que, decididamente, a viagem, feita em tais condições, não lhe desagradava.

Conformara-se, afinal. Bem alimentado, bem instalado, via terras e depois afirmava a si próprio que semelhante fantasia acabaria em Bombaim.

No dia que se seguiu à partida de Suez, a 10 de outubro, não foi sem certo prazer que encontrou sobre o convés a obsequiadora personagem a quem se dirigira ao desembarcar no Egito.

— Não me engano — disse, chegando-se a ele com o mais amável sorriso —, foi efetivamente o senhor que tão complacentemente me serviu de guia em Suez?

— Efetivamente — respondeu o policial — reconheço-o. É o criado daquele inglês original…

— Exatamente, senhor…

— Fix.

— Sr. Fix — repetiu Passepartout. — Folgo imenso de encontrá-lo a bordo. E aonde vai?

— Como o senhor, a Bombaim.

— Melhor. Já fez esta viagem?

— Tenho-a feito muitas vezes — respondeu Fix. — Sou agente da Companhia Peninsular.

— Então conhece a Índia?

— Ah… sim. — volveu Fix, que não queria adiantar-se muito.

— E é interessante a Índia?

— Muito! Veem-se mesquitas, minaretes, templos, faquires, pagodes, tigres, serpentes, bailarinas! Mas é de se esperar que tenha tempo de visitar a terra.

— Assim espero, sr. Fix. Bem compreendo que não é permitido a um homem que tenha a cabeça em seu lugar passar a vida a saltar dos navios para os trens e dos trens para os navios, sob pretexto de fazer volta ao munido em oitenta dias! Não. Toda essa ginástica há de acabar em Bombaim, não tenha dúvida.

— O sr. Fogg passa bem? — perguntou Fix com o tom mais natural.

— Muito bem, muito bem. E também eu. Como que nem lobo em jejum. É do ar marítimo.

— E o seu patrão? Nunca o vejo no convés…

— Nunca. Não é homem curioso.

— Sabe, sr. Passepartout, que esta pretendida viagem em oitenta dias podia muito bem ocultar missão secreta… missão diplomática, por exemplo!

— Palavra que não sei nada disso, e a verdade, também, é que não daria coisa alguma para saber.

Depois desse encontro, Passepartout e Fix conversaram muitas vezes. O policial tinha interesse em ligar-se ao criado de Fogg. Isto podia servir-lhe oportunamente. Amiúde oferecia-lhe, no bar, alguns copos de uísque ou outras bebidas, que o bom rapaz aceitava sem cerimônia e que mesmo retribuía para não ficar atrás — porque achava Fix um perfeito cavalheiro.

Entretanto, o navio avançava rapidamente. A 13, avistaram Moca, que apareceu no horizonte cingida de muralhas arruinadas, por cima das quais se erguiam algumas tamareiras verdejantes. Ao longo, nas montanhas, estendiam-se vastas plantações de cafezeiros. Passepartout ficou entusiasmado com a contemplação da cidade célebre e achou mesmo que, com os seus muros circulares e um forte desmantelado, em feitio de asa, assemelhava-se à metade de enorme chávena.

Durante a noite seguinte, o *Mongólia* atravessou o estreito de Bab-el-Mandeb, cujo nome árabe significa *Porta das Lágrimas*, e, no dia seguinte, 14, fazia escala a nordeste da baía de Aden, para renovar a provisão de combustível.

O *Mongólia* tinha ainda 1.050 quilômetros a fazer para chegar a Bombaim e devia demorar-se quatro horas, a fim de abastecer-se.

Mas essa demora não podia de modo algum prejudicar o programa de Phileas Fogg. Estava prevista. Ademais, o *Mongólia*, em vez de entrar em Aden a 15 de outubro pela manhã, entrara a 14, à noite. Era uma vantagem de 15 horas.

Fogg e seu criado saltaram à terra. O cavalheiro queria fazer visar o seu passaporte, Fix seguiu sem ser visto. Preenchida aquela formalidade, voltou para bordo, a fim de recomeçar a sua partida interrompida.

Quanto a Passepartout, perambulou, segundo o costume, por entre a população de somalis, de banianos, de parses, de judeus, de árabes, de europeus, de que se compunham os 20 mil habitantes de Aden. Admirou as fortificações que fazem desta cidade o Gibraltar do mar das Índias.

"Muito curioso, muito curioso!", dizia consigo Passepartout de volta para bordo. "Vou percebendo que não é inútil, desde que queiramos ver coisas novas."

Às seis da tarde, o *Mongólia* revolvia com a hélice as águas do porto de Aden e achava-se, pouco depois, no mar das Índias. Previa-se o tempo de 68 horas

para o trajeto entre Aden e Bombaim. Ademais, o mar das Índias foi-lhe favorável. O vento soprava de noroeste. As velas vieram em auxílio do vapor. O navio, mais equilibrado, jogou menos. As passageiras, com costumes mais frescos, reapareceram no convés. Os cantos e as danças recomeçaram.

A viagem fez-se nas melhores condições. Passepartout estava encantado com o amável companheiro que o acaso lhe dera, na pessoa de Fix.

No domingo, 20 de outubro, por volta do meio-dia, foi avistada a costa indiana. Duas horas depois, o prático subia a bordo. No horizonte, sobre o fundo do céu, perfilava-se harmoniosamente segundo plano formado de colinas. Bem depressa, os renques de palmeiras que ocultam a cidade delinearam-se distintamente.

O navio penetrou no ancoradouro formado pelas ilhas de Salsete, Colaba, Elefanta, Butcher, e às 16h30 encostava no cais de Bombaim.

Phileas Fogg acabava então a sua 33ª partida daquele dia e ele e o seu parceiro, graças a manobra audaciosa, concluíram a breve travessia fazendo as treze vazas.

O *Mongólia* só deveria chegar a 22 de outubro a Bombaim, e chegava a 20. Era, portanto, desde a partida de Londres, vantagem de dois dias, que Phileas inscreveu metodicamente no seu itinerário na coluna dos lucros.

10
Passepartout perde os sapatos

Ninguém ignora que a Índia — grande triângulo caído com a base voltada para o norte e o vértice para o sul — compreende superfície de 3,8 de quilômetros quadrados, sobre a qual se acha espalhada população de 180 milhões de habitantes. O governo britânico exerce domínio verdadeiro sobre certa porção do imenso país. Tem um governador-geral em Calcutá, governadores em Madras, Bombaim e Bengala e um vice-governador em Agra.

A Índia inglesa propriamente dita tem apenas a superfície de 1,8 milhão de quilômetros quadrados e população de cem a 110 milhões de habitantes. Acrescente-se que importante parte do território se subtrai ainda à autoridade da rainha. Com efeito, na zona de certos rajás do interior, ferozes e terríveis, a independência hindu é ainda absoluta.

Desde 1756 — época em que foi fundado o primeiro estabelecimento inglês no local hoje ocupado pela cidade de Madras — até ao ano em que estalou a grande insurreição dos cipaios, a célebre Companhia das Índia exerceu domínio onipotente. Ia pouco a pouco agregando a si mesma as diversas províncias, compradas aos rajás a troco das rendas que ela mal pagava ou não pagava. Nomeava o seu governador-geral e todos os empregados civis ou militares. Presentemente, já não existe a Companhia, e as possessões inglesas da Índia estão sob a imediata dependência da Coroa.

Por isso, os costumes, as divisões etnográficas da península tendem a modificar-se de dia para dia. Antigamente, viajava-se por todos os velhos meios de transportes: a pé, a cavalo, em carroça, em palanquim, às costas de homens e em carrinho de mão. Presentemente, navios a vapor percorrem o Indo e o Ganges a grande velocidade, e uma estrada de ferro, que atravessa a Índia em

toda a sua extensão, ramificando-se no seu trajeto, põe Bombaim a três dias apenas de Calcutá.

O traçado dessa estrada de ferro não segue linha reta através da Índia. Se seguisse, na extensão não passaria de 1.760 quilômetros, e um trem, animado de velocidade apenas regular, não gastaria três dias no percurso. Mas essa distância é aumentada num terço, pelo menos, por causa da curva que descreve a via férrea ao elevar-se até Allahabad, ao norte da península.

Eis, resumidamente, o traçado da grande estrada de ferro peninsular indiana. Partindo da ilha de Bombaim, atravessa Salsete, salta sobre o continente em frente de Tannah, atravessa a cadeia dos Gates ocidentais, corre para o nordeste até Burhanpur, serpenteia pelo território quase independente do Bundelkhand, eleva-se até Allahabad, desvia-se para o oriente, encontra o Ganges em Varanasi, afasta-se dele um pouco e, tornando a descer para o sudeste, por Bombaim e pela cidade francesa de Chandernagor, termina em Calcutá.

Foi às quatro e meia da tarde que os passageiros do *Mongólia* desembarcaram em Bombaim, e o trem de Calcutá partia às oito em ponto.

Fogg despediu-se dos seus parceiros de uíste, desembarcou, deu ao criado explicações sobre algumas compras que devia fazer, recomendou-lhe expressamente que se achasse antes das oito na estação e, com o seu passo regular, que batia os segundos como pêndulo de relógio astronômico, dirigiu-se para a seção dos passaportes.

Não pensava, portanto, em ver coisa alguma das maravilhas de Bombaim, nem o edifício da câmara, nem a rica biblioteca, nem os fortes, nem as docas, nem o mercado do algodão, nem os bazares, nem as mesquitas, nem as sinagogas, nem as igrejas armênias, nem o esplêndido pagode do monte Malabar, ornado de duas torres poligonais. Não contemplaria nem as obras-primas de Elefanta, nem os seus misteriosos hipogeus, ocultos a sudeste do ancoradouro, nem as grutas Kanheri da ilha Salsete, admiráveis restos da arquitetura budista!

Nada! Da seção dos passaportes, Phileas Fogg dirigiu-se tranquilamente para o restaurante da estação e pediu que lhe servissem o jantar. Entre outros pratos, o garçom entendeu que lhe devia recomendar um guisado de coelhos, de que disse maravilhas. Fogg aceitou a sugestão e provou-o conscienciosamente, mas, a despeito do molho muito temperado que o acompanhava, achou-o detestável.

Chamou o gerente.

— Isto é coelho? — perguntou, olhando para ele fixamente.

— Sim, senhor — respondeu o homem —, coelho das selvas.

— E este coelho quando o mataram não miou?

— Um coelho miar! Juro-lhe…

— Senhor — replicou friamente —, não jure e lembre-se de uma coisa: em outros tempos, na Índia, o gato era considerado animal sagrado. Eram bons tempos.

— Para os gatos, senhor?

— E também para os viajantes!

Depois desta observação, Phileas Fogg continuou tranquilamente o jantar.

Instantes depois de Fogg, o detetive Fix desembarcava também e corria à Polícia Central de Bombaim. Deu a conhecer a sua qualidade, a missão de que estava encarregado e seu ponto de vista a respeito do suposto autor do furto. Havia chegado de Londres ordem de prisão?… Não. E, com efeito, a ordem expedida depois de Fogg partir ainda não podia ter chegado.

Fix ficou desanimado. Quis obter do Chefe de Polícia ordem de prisão. Não conseguiu. O caso dizia respeito à administração metropolitana e só ela podia legalmente dar semelhante ordem. Essa severidade de princípios, essa rigorosa observância da legalidade explicam-se perfeitamente pelos costumes ingleses que, em questão de liberdade individual, nunca admitem arbitrariedade.

Fix não insistiu e compreendeu que devia resignar-se a esperar. Resolveu, entretanto, não perder de vista o impenetrável indiciado, durante o tempo todo que este permanecesse em Bombaim. Fix não duvidava de que Phileas Fogg aí se demorasse — e, como se sabe, era esta também a convicção do doméstico —, o que daria tempo de chegar o mandado de prisão.

Mas depois das últimas ordens que o patrão lhe dera ao desembarcar, compreendeu Passepartout que havia de suceder com Bombaim o mesmo que sucedera com Suez e Paris, que a viagem não terminaria ali e que continuaria até Calcutá ou, talvez mais longe. Começou então a perguntar a si próprio se a aposta de que falava o patrão não seria coisa absolutamente séria e se a fatalidade não o estaria arrastando, a ele, que tanto desejava viver em repouso, a fazer volta ao mundo em oitenta dias.

Depois de ter feito as compras necessárias, Passepartout pôs-se a divagar pelas ruas de Bombaim. Havia nelas grande concorrência de povo, que se

compunha de europeus de todas as nacionalidades, de persas de chapéu pontiagudo, de banianos de turbantes redondos, de sindos e gorros quadrados, de armênios de trajes compridos e dos parses de mitra negra. Naquele dia, exatamente, os parses ou guebros, descendentes diretos dos sectários de Zoroastro, que são os mais industriosos, os mais civilizados, os mais inteligentes, os mais austeros dos hindus, celebravam uma festa. Era uma espécie de carnaval religioso, com procissões e festejos, em que figuravam bailadeiras vestidas de gaze bordado a ouro e prata que, ao som das violas e dos tam-tans, dançavam admiravelmente.

Passepartout contemplava aquelas curiosas cerimônias com espanto. Infelizmente para ele e para o patrão, cuja viagem esteve a pique de comprometer, a curiosidade levou-o mais longe do que era conveniente.

Com efeito, depois de ter apreciado o carnaval parse, Passepartout dirigiu-se para o cais. Ao passar pelo admirável pagode do monte Malabar, teve a fatal ideia de visitá-lo.

Ignorava duas coisas: que a entrada de certos pagodes é formalmente interdita aos cristãos e que os próprios crentes não podem entrar sem deixarem os calçados à porta. Devemos ainda notar que, em virtude de razões de boa política, o governo inglês, respeitando e fazendo respeitar até nos seus mais insignificantes pormenores a religião do país, pune severamente todo aquele que lhe ofende as práticas.

Passepartout entrou no pagode sem más intenções e, como simples turista, admirava os deslumbrantes ouropeis da ornamentação bramânica quando, de súbito, foi derrubado nas sagradas lajes. Três sacerdotes, com os olhares acesos de indignação, precipitaram-se sobre ele, arrancaram-lhe os sapatos e as meias e começaram a espancá-lo furiosamente, soltando gritos selvagens.

Ágil e vigoroso, o francês ergueu-se rapidamente. Com um murro e um pontapé derrubou dois dos adversários, cerceados pelos próprios trajes compridos, e, irrompendo do pagode com toda a velocidade que as pernas lhe permitiam, bem depressa tomou grande dianteira ao terceiro hindu, que o perseguia e açulava contra ele a multidão.

Às 19h55, isto é, quando pouco faltava para a partida do trem, Passepartout chegava à estação sem chapéu, descalço e sem o embrulho das compras, que perdera na luta.

Fix estava na plataforma. Tendo seguido Fogg, compreendeu que este ia deixar Bombaim. No mesmo momento tomou a resolução de acompanhá-lo a Calcutá e até mais longe se preciso fosse. Passepartout não viu Fix, que estava oculto na sombra, mas Fix ouviu a narração do doméstico, feita ao patrão em poucas palavras.

— Espero que isto não lhe torne a acontecer — disse Phileas Fogg com simplicidade, tomando lugar num dos vagões.

O pobre moço, descalço e confuso, seguiu o patrão sem dizer palavra.

Fix ia embarcar em outro vagão, quando um pensamento o fez parar. Subitamente, modificou o seu projeto de viagem.

— Não, fico — decidiu ele. — Delito cometido em território indiano… Tenho seguro o homem.

Neste momento, a locomotiva soltou silvo agudíssimo e o trem sumiu-se nas trevas da noite.

11
O preço do elefante

O trem partira à hora regulamentar. Levava certo número de viajantes: oficiais, funcionários civis e negociantes.

Passepartout ocupava o mesmo compartimento do patrão. No canto oposto achava-se terceiro viajante.

Era o general Francis Cromarty, um dos parceiros de Phileas durante a viagem de Suez a Bombaim, que se reunia às suas tropas aquarteladas perto de Varanasi.

Alto, louro, de cinquenta anos mais ou menos, distinguira-se durante a última revolta dos cipaios e merecia com razão a qualificação de indiano. Desde muito jovem residia na Índia, e poucas vezes aparecera no seu país natal. Era instruído e de bom grado daria quaisquer informações sobre os costumes, a história e a organização do país hindu, se Phileas Fogg fosse homem para solicitá-las. Mas não lhe perguntou coisa alguma. Não viajava, descrevia um círculo. Era um corpo pesado que percorria órbita em volta do globo terrestre, segundo as leis da mecânica racional. Nesse momento, refazia mentalmente o cálculo das horas gastas desde que partira de Londres, e teria decerto esfregado as mãos, se estivesse na sua índole fazer qualquer movimento inútil.

Não passara despercebida ao general a originalidade do seu companheiro de viagem, apesar de não o haver estudado senão com as cartas na mão e entre duas partidas. Estava, por isso, interessado em saber se debaixo daquele frio invólucro batia um coração humano e existia uma alma sensível às belezas do mundo e às aspirações morais. Tinha sérias dúvidas. Entre todos os excêntricos que encontrara na vida, nenhum era comparável àquele produto das ciências exatas.

Phileas Fogg não ocultara a Francis Cromarty o seu projeto de viagem à volta do mundo, nem quais as condições em que o realizava. O militar viu apenas na

aposta excentricidade sem alcance útil, à qual faltava necessariamente o estímulo que devia servir de norma a todo homem razoável. Na maneira por que procedia, o caprichoso homem devia por certo passar a existência sem nada fazer para si nem para os outros.

Uma hora depois de ter deixado Bombaim, o trem, transpondo os viadutos, atravessara a ilha Salsete e corria já no continente. Na estação de Calian deixou à direita o ramal que desce para o sudeste da Índia e dirige-se para a estação de Pauwell. Neste ponto, embrenhou-se nas cordilheiras dos Gates ocidentais, formadas de basalto, cujos cumes mais elevados estão cobertos de espessas florestas.

De tempos a tempos, Cromarty e Fogg trocavam palavras, e, em dado momento, reatando o fio da conversação que muitas vezes se quebrava, o general observou:

— Há alguns anos teria tido nestas paragens tal demora que decerto lhe comprometeria o itinerário.

— Por quê?

— Porque a estrada de ferro terminava no sopé destas montanhas. A travessia só podia ser feita de palanquim ou em pôneis até a estação de Kardallah, situada na vertente oposta.

— Tal demora não prejudicaria de modo nenhum a execução do meu programa. Não deixei de prever a eventualidade de certos obstáculos.

— Entretanto — disse o general —, corre grande risco de ver-se com grande dificuldade em consequência da aventura sucedida ao seu criado.

Passepartout, com os pés embrulhados na manta de viagem, dormia profundamente, e nem sequer lhe passava pela ideia que falavam dele.

— O governo inglês é extremamente severo, e com razão, para tal espécie de delitos — tornou o militar. — O seu maior cuidado é fazer que respeitem os costumes religiosos dos hindus, e se o criado fosse preso…

— Pois bem, se fosse preso, seria condenado, sofreria a pena que lhe impusessem e depois voltaria tranquilamente para a Europa. Não haveria motivo para eu retardar a viagem!

Neste ponto, a conversação interrompeu-se novamente. Durante a noite, o trem transpôs os Gates, atravessou Nashik e, no dia seguinte, 21 de outubro, corria através de região relativamente plana, formada pelo território de

Khandeish. A campina, bem cultivada, estava coberta de aldeias, por entre cujas casas se elevava o minarete do pagode, correspondendo ao campanário da igreja cristã. Pequenos rios, na maior parte afluentes do Godavari, rasgavam esta fértil região.

Passepartout, que acordara, contemplava o espetáculo que o rodeava, e custava-lhe crer que atravessava o Hindustão em trem. Parecia-lhe inverossímil. Contudo, nada havia de mais real. A locomotiva desenrolava o seu penacho de fumo sobre plantações de algodão, de café, de noz-moscada, de cravo e de pimenta. O vapor subia em espiral à volta de grupos de palmeiras, por entre os quais apareciam pitorescos bangalôs e alguns mosteiros abandonados, de templos maravilhosos, profusamente ornamentados, ao gosto da arquitetura indiana. Depois, desdobravam-se a perder de vista terrenos extensíssimos, juncais onde não faltavam nem as serpentes nem os tigres, espantados pelos silvos da locomotiva, e, finalmente, densas florestas, sulcadas pelo traçado da estrada, mas ainda povoadas pelos elefantes que viam, com olhos melancólicos, passar o comboio, agitando ao vento a sua cabeleira de fumo.

Durante aquela manhã, passada a estação de Malligaum, os viajantes atravessaram o território funesto, tantas vezes ensanguentado pelos sectários da deusa Cali. Não muito longe, elevavam-se Elora e os seus admiráveis pagodes, mais adiante Aurungabad, a capital do feroz Aurangzeb, presentemente simples capital de uma das províncias desmembradas do reino de Nizão. Era nesta província que Feringhea, o chefe dos tuques, rei dos estranguladores, exercia o seu domínio. Estes assassinos, formando associação misteriosa, estrangulavam, em honra da deusa da morte, vítimas de todas as idades, sem nunca derramarem sangue. Houve tempo em que não se podia revolver nenhum ponto do solo daquele país sem que se encontrasse um cadáver. O governo inglês conseguira, em notável proporção, impedir os assassínios, mas a temível associação ainda existia e continuava a funcionar.

Meia hora depois do meio-dia, o trem parou na estação de Burhanpur, e Passepartout pôde aí comprar a peso de ouro um par de chinelas enfeitadas de pérolas falsas, que ele calçou com visível sentimento de vaidade.

Os viajantes almoçaram rapidamente e tornaram a partir para a estação de Assurghur, depois de terem, por um instante, costeado a margem do Tapty, pequeno rio que se vai lançar no golfo de Cambaia, próximo de Surate.

É oportuno dar a conhecer o pensamento que ocupava, naquele momento, o espírito de Passepartout. Até chegar a Bombaim, julgara, e com razão, que as coisas ficavam por ali. Mas agora, que corria a todo vapor através da Índia, operara-se sensível mudança em seu espírito. A índole de outros tempos renascia nele rapidamente. Volviam-lhe à imaginação as ideias fantasistas da mocidade, tomava a sério os projetos do patrão, acreditava na realidade da aposta e, por conseguinte, na viagem à volta do mundo e num máximo de tempo que era preciso não ultrapassar. Já começava até a inquietar-se com as demoras possíveis, com os acidentes que podiam sobrevir em viagem. Sentia-se como que interessado na aposta e estremecia ao lembrar-se de que tinha podido comprometê-la na véspera pela sua indesculpável pasmaceira. Por isso, muito menos fleumático do que seu patrão, mostrava-se muito mais inquieto. Contava e tornava a contar os dias decorridos, amaldiçoava as paradas do trem, acusava-o de lentidão e censurava o patrão por não ter prometido gratificação ao maquinista. Não sabia o rapaz que o aumento da velocidade era possível nos navios, mas não nos trens, cuja velocidade está prescrita em regulamento.

Ao cair da tarde, embrenharam-se nos desfiladeiros de Suptur, que separam o território do Kandeish do de Bundelkhand.

No dia seguinte, 22 de outubro, a uma pergunta de Francis Cromarty, Passepartout consultou o relógio e respondeu que eram três da manhã. Com efeito, o famoso relógio, sempre regulado pelo meridiano de Greenwich, que ficava quase a 77 graus no ocidente, devia acusar, e efetivamente acusava, atraso de quatro horas.

O general retificou por isso a hora que Passepartout anunciou e fez a mesma observação que Fix já fizera. Procurou convencê-lo de que a hora dever-se-ia regular conforme cada meridiano novo e que, visto ser a sua direção constantemente para o oriente, e por conseguinte para o lado do sol, os dias se tornavam mais curtos na razão de tantas vezes quatro minutos quanto os graus percorridos. Foi trabalho perdido. Compreendesse ou não as observações, o teimoso rapaz insistiu em não adiantar o relógio, que invariavelmente conservava regulado pela hora de Londres. Mania inocente e que afinal a ninguém prejudicava.

Às oito da manhã, e a 24 quilômetros adiante da estação de Rothal, o trem parou no meio de vasta clareira, orlada de alguns bangalôs e de cabanas de

operários. O condutor passou pelo corredor dos vagões avisando:

— Os viajantes descem aqui.

Phileas Fogg olhou para Francis Cromarty, que parecia não compreender aquela parada em meio a uma floresta de tamarindos.

Passepartout, não menos surpreendido, apeou-se do vagão e voltou no mesmo instante, exclamando:

— Senhor, não há mais trilhos!

— O que quer dizer com isso? — perguntou o general.

— Quer dizer que o trem não continua a andar.

O general desceu logo do vagão. Phileas seguiu-o sem apressar-se. Dirigiram-se ao condutor.

— Onde estamos? — perguntou Cromarty.

— Na aldeia de Kholby.

— Paramos aqui?

— Decerto. A estrada não está acabada…

— Como! Não está acabada?

— Não! Há ainda oitenta quilômetros de trilhos a estender entre este ponto e Allahabad, onde a estrada continua.

— Mas os jornais anunciaram a abertura de todo o caminho!

— Que quer, meu oficial? Os jornais enganaram-se.

— E deram-nos bilhetes de Bombaim a Calcutá!

— Decerto — volveu o condutor —, mas os viajantes não ignoram que se devem fazer transportar de Kholby até Allahabad.

O general estava furioso. Passepartout sentia grande vontade de desancar o condutor. Não se atrevia a olhar para o patrão.

— Sr. Francis — disse sossegadamente Fogg —, se lhe parece, vamos resolver qual será o meio de chegarmos a Allahabad.

— É uma demora absolutamente prejudicial aos seus interesses.

— Não, general, estava prevista.

— O quê? Sabia que a estrada…

— Nada, apenas sabia que um obstáculo qualquer cedo ou tarde surgiria na viagem. Ora, nada está comprometido. Tenho dois dias de avanço a sacrificar. Há um vapor que parte de Calcutá para Hong Kong a 25, ao meio-dia. Estamos ainda a 22, e chegaremos a tempo a Calcutá.

Não havia nada a dizer a uma resposta dada com tanta segurança.

Era verdade que os trabalhos da estrada de ferro paravam naquele ponto. Os jornais são como certos relógios que têm a mania de adiantar-se e haviam prematuramente anunciado a conclusão da linha. A maior parte dos passageiros conhecia a interrupção da estrada. Ao descerem do trem, apoderaram-se de veículos de toda espécie que havia na aldeia, carros de quatro rodas, carretas puxadas por zebus, carros de viagem semelhantes a pagodes ambulantes, palanquins, pôneis e outros. Por isto, Fogg e Cromarty, depois de muito procurarem condução, voltaram sem nada ter achado.

— Irei a pé — declarou Phileas.

Passepartout, que naquele momento se aproximou do patrão, fez careta significativa, lançando ao mesmo tempo olhar expressivo para as suas esplêndidas mas inúteis chinelas. Felizmente para ele, andara também à procura, e com voz um pouco hesitante disse:

— Sr. Fogg, parece-me que afinal achei meio de transporte.

— Qual é?

— Um elefante! Um elefante pertencente a um indiano que mora a cem passos daqui.

— Vamos ver o elefante — decidiu.

Cinco minutos depois, Phileas Fogg, Francis Cromarty e Passepartout chegavam a uma cabana, próxima de um curral feito de altas cercas. Na cabana havia um indiano e no curral um elefante. A pedido, o indiano introduziu-os no curral.

Acharam-se em presença de um elefante meio domesticado, que o seu proprietário criava, não para fazer dele animal de carga, mas de combate. Para este fim, começara a modificar a índole naturalmente meiga do animal de modo a poder levá-lo gradualmente ao paroxismo da raiva, chamado *mutsh*, na língua indiana, o que ele conseguia sustentando-o durante três meses a manteiga e açúcar. É possível que esse tratamento seja impróprio para dar tal resultado, mas a verdade é que não deixa de ser proficuamente empregado pelos criadores. Felizmente, o elefante começava apenas a ser submetido a semelhante regime, e o *mutsh* ainda não se declarara.

Quiouni — era este o nome do animal — podia, como todos os seus congêneres, sustentar durante muito tempo marcha rápida e, em falta de outra

cavalgadura, Fogg resolveu servir-se dele.

Mas os elefantes são caros na Índia, onde começam a tornar-se raros. Os machos, que são os que convém aos combates de circo, têm grande procura. Raras vezes reproduzem em estado de domesticidade, de maneira que só se podem obter por meio da caça. Por isso, são objeto de grandes cuidados. Quando se perguntou ao indiano se queria alugar o elefante, ele recusou energicamente.

Fogg insistiu e ofereceu pelo animal preço excessivo, dez libras por hora. O indiano recusou. Vinte libras? Nova recusa. Quarenta libras? O indiano continuou a recusar. Passepartout dava um pulo a cada aumento de preço. Mas o indiano não se deixava tentar.

Contudo, já era ponderável quantia. Supondo-se que o elefante gastasse 15 horas até Allahabad, seriam seiscentas libras que renderia ao proprietário.

Phileas Fogg nem por sombra se exaltou. Propôs então que lhe vendesse o animal e ofereceu-lhe logo mil libras.

O indiano não queria também vendê-lo! Talvez o velhaco farejasse algum negócio magnífico.

Cromarty chamou Fogg à parte e rogou-lhe que refletisse antes de ir mais longe. Este respondeu que não tinha por costume proceder sem primeiro refletir; que, afinal de contas, se tratava de aposta de vinte mil libras; que o elefante lhe era necessário e, embora tivesse de pagá-lo por vinte vezes o seu valor, haveria de obter o animal.

Fogg foi ter outra vez com o indiano, cujos olhos pequeninos, acesos pela cobiça, deixavam perceber que para ele aquilo era apenas questão de preço. E ofereceu sucessivamente 1.200 libras, 1.500, 1.800, afinal duas mil libras. Passepartout, habitualmente tão corado, estava pálido de emoção.

A duas mil libras o proprietário rendeu-se.

— Pelas minhas chinelas — exclamou Passepartout —, isso é que é levar a carne do elefante a bom preço.

Ultimada a transação, só restava arranjar um guia. Foi mais fácil.

Um jovem parse, de fisionomia inteligente, ofereceu os seus serviços. Foi aceito por Fogg, que lhe prometeu boa remuneração, o que não deixaria de lhe estimular a inteligência.

Foram buscar o elefante e equiparam-no sem demora. O parse era hábil no mister de cornaca. Cobriu-lhe o lombo com mantas e pôs-lhe de cada lado dos

flancos uma espécie de cesto que nada oferecia de cômodo.

O indiano foi pago em notas de banco, que foram tiradas do famoso saco de viagem. Mas parecia a Passepartout que lhe saíam das entranhas. Depois, Fogg ofereceu ao general aquele meio de transporte até Allahabad, o que foi aceito.

Em Kholby compraram-se víveres. Cromarty tomou lugar num dos flancos do elefante, Phileas Fogg no outro. Passepartout escarranchou-se no lombo, entre os dois. O parse empoleirou-se no pescoço do elefante, e às nove horas o animal, deixando a aldeia, embrenhava-se na espessa floresta de palmeiras.

12
Através da floresta

A fim de encurtar a distância que tinha de percorrer, o guia deixou à direita o traçado da estrada cujos trabalhos estavam em execução. Esse traçado, muito dificultado pelas caprichosas ramificações dos montes Víndias, não seguia o caminho mais curto, que Phileas Fogg tinha interesse em tomar. O parse, muito familiarizado com as estradas e os atalhos daquela região, tinha em vista, atravessando a floresta, poupar cerca de trinta quilômetros de caminho, e todos se conformaram com o que ele fizesse.

Fogg e Cromarty, metidos até ao pescoço cada qual no respectivo cesto, eram fortemente sacudidos pelo trote violento do elefante, ao qual o cornaca imprimia andamento rápido. Mas ambos suportavam a situação com fleuma britânica, conversando, porém, pouco, e mal se vendo um ao outro.

Quanto a Passepartout, colocado no lombo do animal e sujeito diretamente aos abalos desencontrados produzidos pelo trote, tinha todo o cuidado, conforme recomendação de seu amo, em não meter a língua entre os dentes, senão ficaria sem ela. O bom rapaz, umas vezes arremessado contra o pescoço do elefante, outras repelido para a garupa, dava ares de equilibrista nos exercícios da profissão. Entretanto, ia rindo e gracejando nos intervalos dos saltos de carpa e, de quando em quando, tirava do saco um pedaço de açúcar, que o inteligente Quiouni agarrava com a extremidade da tromba, sem por um momento interromper o trote regular.

Depois de duas horas de marcha, o guia fez parar o elefante e deu-lhe uma hora de repouso. O animal pôs-se a devorar ramos e arbustos, depois de ter satisfeito a sede num charco próximo. O general não se queixou da parada.

Estava moído. Fogg parecia sentir-se tão bem-disposto como se acabasse de sair da cama.

— Mas é de ferro! — comentou o general, contemplando-o com admiração.

— De ferro forjado! — reforçou Passepartout, que tratou de preparar ligeiro almoço.

Ao meio-dia, o guia deu o sinal de partida. O terreno tomou bem depressa aspecto selvático. Às grandes florestas, sucederam-se os matagais de tamarindos e de palmeiras anãs. Em seguida, planícies extensas e áridas, eriçadas de arbustos diversos e cobertas em certos pontos de grandes blocos de sienitos. Toda essa parte do alto Bundelkhand, pouco frequentada por viajantes, é habitada por população fanática, endurecida nas práticas mais terríveis da religião indiana. O domínio dos ingleses não pôde estabelecer-se regularmente em território submetido à influência dos rajás, aos quais seria difícil alcançar, nas suas posições inacessíveis encravadas nos Víndias.

Por várias vezes avistaram bandos de hindus selvagens e ferozes, que faziam gestos de cólera ao verem passar o veloz quadrúpede. Entretanto, o parse evitava-os o mais possível, considerando-os criaturas cujo encontro seria funesto. No decurso desse dia, foram vistos poucos animais, apenas alguns macacos, que fugiram fazendo mil caretas e contorções.

Um pensamento, entre muitos outros, inquietava Passepartout: que faria Fogg do elefante quando chegasse à estação de Allahabad? Levá-lo-ia consigo? Era impossível! O preço do transporte, acrescentado ao da aquisição, faria dele animal gravoso. Vendê-lo-ia? Restituir-lhe-ia a liberdade? O robusto bicho era merecedor de algumas considerações. Se por acaso lhe fizesse presente dele, ver-se-ia muito embaraçado. Tudo isso não deixava de preocupá-lo.

Pelas oito horas da noite, tinha sido transposta a cordilheira principal dos Víndias, e os viajantes fizeram parada na base da vertente setentrional, num bangalô em ruínas.

A distância percorrida durante o dia foi de quarenta quilômetros, e ainda faltava outro tanto para chegar à estação.

Estava fria a noite. No interior da tosca residência, o parse acendeu fogueira com ramos secos, cujo calor agradou sobremodo. A ceia compôs-se de provisões compradas em Kholby. Os viajantes comeram como pessoas fatigadas e moídas. Começando por algumas frases entrecortadas, a conversa terminou bem depressa

por sonoros roncos. O parse ficou de vigia junto ao elefante, que adormeceu em pé, apoiado a grosso tronco de árvore.

Nenhum incidente assinalou esta noite. Alguns rugidos de lobos, tigres e panteras, misturados com os gritos agudos dos macacos, perturbaram por vezes o silêncio. Mas as feras limitaram-se a estes gritos e não fizeram nenhuma demonstração hostil. Cromarty dormiu um sono pesado, como bravo militar prostrado de fadiga. Passepartout, entregue a sono agitado, recomeçou em sonhos as cabriolas da véspera. Quanto a Fogg, dormiu tão tranquilamente como se estivesse na sua casa pacífica de Londres.

Às seis da manhã tornaram a pôr-se a caminho. O guia esperava chegar a Allahabad naquela mesma tarde. Deste modo, Phileas só perdia parte das 48 horas economizadas desde o começo da viagem.

Desceram as últimas rampas dos Víndias. Quiouni havia retornado à sua marcha rápida. Perto do meio-dia, o parse contornou a aldeia de Kallenger, situada à beira de Cani, um dos afluentes, do Ganges. Evitava sempre os lugares habitados, sentindo-se mais em segurança nas campinas desertas, que distinguem as primeiras depressões do leito do grande rio. A estação ficava a menos de vinte quilômetros ao nordeste. Pararam sob um grupo de bananeiras, cujos frutos, tão nutritivos como o pão, foram grandemente apreciados.

Às duas horas, o guia entrou em uma espessa floresta, que devia atravessar pela extensão de vários quilômetros. Preferia viajar ao abrigo dos bosques. Entretanto, não houvera até ali nenhum encontro desagradável e a viagem parecia dever terminar sem acidente, quando o elefante, dando alguns sinais de inquietação, parou de súbito.

Eram quatro horas.

— Que é que há? — perguntou o general, que pôs a cabeça fora do cesto.

— Não sei, meu oficial — respondeu o parse, prestando ouvido a um murmúrio confuso que repercutia debaixo da espessa ramagem.

Instantes depois, tornou-se o murmúrio mais distinto. Dir-se-ia um concerto, ainda muito distante, de vozes humanas e de instrumentos de cobre.

Passepartout era todo olhos e ouvidos. Fogg esperava pacientemente, sem proferir palavra.

O parse saltou, prendeu o elefante a uma árvore e internou-se na floresta.

Momentos depois voltou dizendo:

— Uma procissão de brâmanes que se dirige para este lado. Se for possível, evitemos que nos vejam.

O guia desamarrou o elefante e conduziu-o para dentro da mata, recomendando aos viajantes que não apeassem. Ele mesmo conservou-se pronto para montar na cavalgadura, se a fuga se tornasse necessária. Em todo caso, supunha que a procissão dos fiéis passaria sem dar por ele, pois que a densidade da folhagem o ocultava perfeitamente.

O clamor discorde das vozes e dos instrumentos aproximava-se. Com o ruído dos tambores e dos címbalos misturavam-se cantos monótonos. Dali a pouco, a frente da procissão apareceu por debaixo das árvores, a cinquenta passos do posto ocupado por Fogg e os companheiros. Eles distinguiam facilmente através dos ramos o curioso pessoal daquela cerimônia religiosa.

Na frente, vinham os padres, de mitras na cabeça, trajando hábitos compridos, sarapintados de várias cores. Rodeavam-nos vários homens, mulheres e crianças, que faziam ouvir uma espécie de salmódia fúnebre, interrompida com intervalos iguais por toques de tam-tans e de címbalos. Atrás deles, sobre um carro de grandes rodas, cujos raios figuravam serpentes entrelaçadas, puxado por duas parelhas de zebus cobertos de ricas mantas, apareceu uma estátua horrível. A figura tinha quatro braços, o corpo pintado de vermelho sombrio, os olhos ferozmente arregalados, os cabelos revoltos, a língua pendente, os lábios tintos de hena e de bétele. Cingia-lhe o pescoço um colar de cabeças humanas, e os flancos, uma faixa de mãos decepadas. Estava em pé sobre um gigante derribado e sem cabeça.

Francis Cromarty reconheceu a estátua.

— A deusa Cali — murmurou ele —, a deusa do amor e da morte.

— Da morte, admito, mas do amor, nunca! — protestou Passepartout. — Excomungada mulher.

O parse fez-lhe sinal para calar-se.

Em torno da estátua agitava-se e contorcia-se um grupo de velhos faquires, adornados com listras de ocre, cobertos de incisões cruciais e vertendo sangue gota a gota.

Atrás deles, alguns brâmanes, em toda a suntuosidade do seu traje oriental, arrastavam uma bela mulher que dificilmente se sustinha em pé. Era jovem e clara, como uma europeia. Tinha a cabeça, o pescoço, os ombros, as orelhas, os

braços, as mãos, os dedos dos pés carregados de joias, colares, braceletes, brincos e anéis. Uma túnica matizada de ouro, coberta de gaze transparente, desenhava-lhe os contornos do corpo.

Em seguida, vários guardas armados de sabres desembainhados, presos em cintos e de grandes pistolas em coldres, transportavam um cadáver em cima de um palanquim. Era o corpo de um velho, revestido dos opulentos trajes de rajá e trazendo, como em vida, o turbante bordado de pérolas, a veste tecida de seda e ouro, o cinto de caxemira enfeitado de diamantes e armas magníficas de príncipe indiano.

Finalmente, fechavam o cortejo os músicos, com acompanhamento de fanáticos, cujos gritos cobriam, às vezes, o ruído aterrador dos instrumentos.

Cromarty olhava com extrema tristeza para o pomposo cortejo e, voltando-se para o guia, perguntou:

— Um *sutty*?

O parse fez sinal afirmativo e levou um dedo aos lábios. A comprida procissão deslizou lentamente por debaixo das árvores e bem depressa as suas últimas personagens desapareciam na profundidade da floresta.

Pouco a pouco, os cantos extinguiram-se. Ouviram-se ainda alguns gritos distantes e, afinal, a todo aquele tumulto, sucedeu um profundo silêncio.

Fogg, que ouvira a palavra pronunciada pelo general, assim que a procissão desapareceu, perguntou:

— O que é um *sutty*?

— É um sacrifício humano, mas voluntário — respondeu. — Aquela mulher será queimada amanhã ao romper do dia.

— Ah! Assassinos! — exclamou Passepartout, que não pôde conter este brado de indignação.

— E o cadáver? — perguntou Phileas Fogg.

— É o do príncipe, seu marido — explicou o guia —, rajá independente do Bundelkhand.

— Como — replicou Fogg, sem que na voz revelasse a menor emoção —, estes costumes bárbaros subsistem na Índia e os ingleses não os puderam destruir?

— Na maior parte da Índia — explicou Francis Cromarty — já tais sacrifícios não se fazem, porém, nós não temos nenhuma influência nestes países selvagens;

principalmente no território do Bundelkhand. Toda a vertente setentrional dos Víndias é teatro de assassínios e de devastações incessantes.

— Desgraçada! — murmurou Passepartout. — Queimada viva!

— Sim — volveu o general —, queimada viva e, se o não quisesse ser, não podem imaginar a que miserável condição ela se veria reduzida pelos parentes. Cortar-lhe-iam os cabelos, sustentá-la-iam apenas com alguns punhados de arroz e a repeliriam, considerando-a uma criatura imunda, que morreria num canto qualquer como um cão leproso. É a perspectiva de tão terrível existência que impele essas desgraçadas ao suplício, mais do que verdadeiramente o amor ou o fanatismo religioso. Contudo, às vezes, o sacrifício não deixa de ser realmente voluntário e torna-se necessária a intervenção enérgica do governo para impedi-lo. Tanto é assim que, há alguns anos, residindo eu em Bombaim, vi uma jovem viúva pedir ao governador autorização para ser queimada viva com o corpo do marido. Como bem deve imaginar, o governador recusou a autorização. Então, a viúva deixou a cidade, refugiou-se nos domínios de um rajá independente e ali consumou o sacrifício.

Durante a narrativa, o guia sacudia a cabeça, e, quando essa foi concluída, disse:

— O sacrifício que haverá amanhã não é voluntário.

— Como sabe disto?

— É uma história que ninguém ignora no Bundelkhand — respondeu.

— Mas aquela infeliz parecia não fazer resistência alguma.

— Foi embriagada com vapores de ópio e de cânhamo.

— Mas para onde a levam?

— Para o pagode de Pillaji, que fica a quatro quilômetros daqui. Lá passará a noite, aguardando a hora do sacrifício.

— E o sacrifício consumar-se-á a que horas?

— Amanhã, logo que romper o dia.

Depois desta resposta, o guia fez sair o elefante do interior da mata e subiu para o pescoço do animal. Mas no momento em que o ia excitar por um silvo particular, Fogg deteve-o e, dirigindo-se ao general, propôs:

— E se salvássemos aquela mulher?

— Salvar aquela mulher?

— Tenho ainda doze horas de avanço. Posso consagrá-las a isto.

— Espere! Afinal sempre tem coração! — observou o militar.

— Às vezes — respondeu com simplicidade. — Quando há tempo.

13
A fortuna sorri aos audaciosos

Era arrojado o intento, cheio de dificuldades, impraticável, talvez. Fogg ia arriscar a vida ou, pelo menos, a liberdade e, consequentemente, o êxito feliz dos seus projetos. Mas não hesitou. Ademais, encontrou um decidido auxiliar em Francis Cromarty.

Quanto a Passepartout, estava pronto, podiam dispor dele. A ideia do patrão exaltava-o. Pressentia, debaixo daquele invólucro glacial, um coração, uma alma. Começava a ter afeição a Phileas Fogg.

Faltava o guia. Que partido tornaria na empresa? Não estaria inclinado a favor dos indianos? Quando não prestasse auxílio, seria, pelo menos, preciso contar com a sua neutralidade.

Cromarty apresentou-lhe a questão com toda a franqueza.

— Meu oficial — respondeu —, sou parse e aquela mulher é da minha seita. Disponha de mim.

— Bem dito! — volveu Fogg.

— Entretanto, fiquem sabendo — informou o cornaca —, não só pomos a vida em perigo, como também nos arriscamos a horríveis suplícios, se nos apanharem. Portanto, reflitam.

— Estão feitas as reflexões — declarou Fogg. — Entendo que devemos esperar pela noite para agir.

— Sou da mesma opinião — ajuntou o parse.

O valente hindu deu, então, algumas informações a respeito da vítima. Era uma indiana de singular beleza, filha de ricos negociantes de Bombaim. Recebera nesta cidade educação inteiramente inglesa e, pelas maneiras e pela instrução, qualquer um a julgaria europeia. Chamava-se Aouda.

Órfã, tinha sido casada contra sua vontade com o ancião rajá de Bundelkhand. Enviuvou três meses depois e, sabendo qual a sorte que a esperava, fugiu, mas foi bem depressa apanhada, e os parentes do rajá, que tinham interesse na morte dela, votaram-na ao suplício a que parecia não poder escapar.

Essas palavras fortaleceram em Fogg e nos seus companheiros a sua generosa resolução. Decidiu-se que o guia conduziria o elefante até ao pagode de Pillaji, aproximando-se dele o mais possível.

Meia hora mais tarde, fez-se parada à sombra duma floresta, a quinhentos passos do pagode. Não se divisava dali o templo hindu, mas percebiam-se distintamente os gritos da fanática multidão.

Discutiam-se então os meios de chegarem próximo à vítima. O parse, que conhecia o pagode de Pillaji, garantiu que a jovem se encontrava presa no seu interior. Poderiam entrar por uma das portas, quando todo o bando estivesse mergulhado no sono da embriaguez, ou tornar-se-ia necessário praticar abertura num dos muros? Esse ponto só podia ser resolvido no momento e sobre o terreno. Mas não havia dúvida alguma de que o salvamento teria que ser realizado naquela mesma noite e não quando a desditosa jovem fosse conduzida ao suplício, porque então nenhuma intervenção humana poderia salvá-la.

Aguardaram, pois, a noite, e logo que começou o crepúsculo, por volta das seis, decidiram efetuar o reconhecimento em redor do pagode. Já não se ouviam mais os gritos dos faquires. Segundo o seu costume, os hindus já deviam estar entregues à pesada embriaguez do ópio diluído em infusão de cânhamo, e talvez fosse possível, deslizando-se entre eles, chegar-se até ao templo.

O parse, guiando Fogg, o general e Passepartout, avançou silenciosamente através da floresta. Depois de se arrastarem durante dez minutos sob a ramagem, chegaram às margens de um pequeno rio e ali, à luz projetada pelos fachos de resina, distinguiram um monte de lenha. Era a pira, de fino sândalo, já impregnada de azeite aromático. Na sua parte posterior, repousava o corpo embalsamado do velho rajá, que devia ser queimado junto com a sua viúva. A cem passos da pira, levantava-se o pagode, cujos minaretes sobressaíam na sombra por cima das árvores.

— Venham — disse o guia em voz baixa.

E redobrando as precauções, seguido dos seus companheiros, deslizou silenciosamente por entre as altas ervas do espesso matagal. Só o murmúrio do

vento interrompia o profundo silêncio que os envolvia. Poucos minutos depois, o jovem parse estacou nas margens duma clareira iluminada por vários fachos. O chão estava coberto de hindus, que dormiam aos grupos, prostrados pela embriaguez. Parecia um campo de batalha semeado de cadáveres. Homens, mulheres, crianças, todos estavam amontoados em confusão espantosa. Alguns ainda se torciam nas convulsões da embriaguez, lançando fortes roncos.

No último plano, entre o maciço de árvores, o templo de Pillaji erguia-se confusamente delineado no meio das trevas. Mas com imenso dissabor do guia, os guardas do rajá, alumiados por archotes fuliginosos, vigiavam a porta, passeando dum lado para o outro de sabre na mão. Podia supor-se que os sacerdotes deviam velar no interior também.

O parse não avançou mais, pois reconhecera a impossibilidade de forçar a entrada do pagode. Fez retroceder os seus companheiros e conduziu-os até o ponto de partida.

Phileas Fogg e o general tinham compreendido que nada se podia tentar por aquele lado. Pararam e trocaram palavras em voz baixa.

— Esperemos — disse o general. — São oito horas apenas e é possível que as sentinelas sucumbam também ao sono.

— Efetivamente é possível — disse o parse.

Sentaram-se todos ao pé duma árvore e esperaram.

O tempo pareceu-lhes eterno. De quando em quando, o guia afastava-se deles e aproximava-se da orla da floresta. As sentinelas do rajá prosseguiam na sua guarda à luz dos fachos, e luz muito vaga filtrava-se através das janelas do templo.

Assim esperaram até a meia-noite. Mas a situação não mudou. Persistia a mesma vigilância no exterior, sendo evidente que não se podia contar com que os guardas adormecessem. Seguramente, tinham sido dispensados da embriaguez. Era preciso, portanto, proceder de maneira diferente e entrar por uma abertura feita nas paredes do pagode. Restava somente saber se os sacerdotes vigiavam próximo da sua vítima com tanto zelo como as sentinelas, à porta.

Depois de nova troca de impressões, o guia mostrou-se pronto a partir. Fogg, o militar e o criado seguiram-no, fazendo rodeio bastante grande, com o objetivo de assaltar o pagode pela parte traseira.

À meia-noite e meia, aproximadamente, chegaram junto do muro, sem terem encontrado ninguém. Naquele lado não havia sido estabelecida nenhuma vigilância, porque lá não existiam nem portas nem janelas.

A noite estava escura e a lua, em quarto minguante, desaparecia no horizonte, coberta por nuvens espessas. A altura das árvores contribuía para aumentar a escuridão.

Mas não era suficiente ter chegado ao pé do muro, pois era preciso praticar buraco no mesmo e, para essa operação, não contavam com outros instrumentos que não fossem as suas navalhas. Felizmente, as paredes do pagode eram feitas de uma mistura de tijolos e madeira que não era difícil perfurar. Uma vez retirado o primeiro tijolo, retirar os restantes seria coisa fácil.

Os quatro começaram a sua tarefa, procurando fazer o menor ruído possível. O parse, por um lado, e Passepartout por outro começaram a separar tijolos, a fim de abrir um buraco de setenta centímetros de largura. O trabalho avançava, quando se ouviu um grito no interior do templo, ao qual responderam outros gritos vindos de fora.

Passepartout e o jovem parse interromperam a sua tarefa. Haviam sido surpreendidos? Teria sido dada voz de alerta? A mais elementar prudência aconselhava-os a suspender o trabalho e afastarem-se, coisa que fizeram ao mesmo tempo que Fogg e o general.

Os quatro agacharam-se novamente, protegidos no matagal, aguardando que desaparecesse o alarme, se é que existia, e dispostos a prosseguir a sua tarefa em caso negativo.

Mas — contratempo funesto! — nos fundos do pagode apareceram guardas e instalaram-se ali, de modo que impediam a aproximação de estranhos.

Será difícil descrever a raiva que experimentaram aqueles quatro homens ao ver interrompido o seu humanitário trabalho. Impossibilitados de chegar até a vítima, como poderiam salvá-la? Cromarty mordia os punhos. Passepartout estava fora de si e o guia com dificuldade se continha. O impassível Phileas Fogg esperava sem exteriorizar os seus sentimentos.

— Não nos resta, pois, outra coisa senão partir? — perguntou o general em voz baixa.

— Não temos outro remédio — respondeu o guia.

— Aguardemos — disse Fogg. — Basta que cheguemos a Allahabad antes do meio-dia.

— Mas que espera? — respondeu o general. — Dentro de poucas horas amanhecerá, e…

— A oportunidade que nos acaba de fugir pode apresentar-se em qualquer momento supremo.

O militar teria desejado ler nos olhos de Fogg.

Com que contava aquele inglês impassível? Pretenderia talvez chegar junto da jovem no instante do suplício e arrebatá-la à força aos seus verdugos?

Isso teria sido loucura e não se poderia supor que a temeridade daquele homem chegasse a tal extremo. Cromarty, porém, consentiu em esperar o fim daquela terrível cena, mas o guia não consentiu que permanecessem naquele lugar e conduziu-os a um local próximo da clareira. Ali, protegidos pelas árvores, podiam observar os grupos adormecidos.

Entretanto, Passepartout, empoleirado nos mais altos ramos duma árvore, dava corpo a uma ideia que lhe surgira com a rapidez do relâmpago, acabando por transformar-se em ideia fixa.

Começou por dizer para si mesmo: “É uma loucura!” para continuar imediatamente: “Mas por que não? Afinal, é uma probabilidade, talvez a única, e com todos estes bêbados…”

Não formulou com mais clareza o seu pensamento, mas, pouco depois, deslizava com flexibilidade de serpente pelos ramos inferiores da árvore que se inclinavam até ao chão.

Passavam as horas e, de repente, alguns tons menos sombrios anunciaram a proximidade do dia. A escuridão, porém, continuava a ser profunda.

Aquele era o momento preciso. Houve como que vida nova na adormecida multidão. Os grupos animaram-se e começaram os golpes de tam-tam. Outra vez ouviram-se os cânticos e os gritos. Tinha chegado para a desditosa jovem viúva a hora em que havia de morrer.

Com efeito, as portas, do templo abriram-se. Uma luz muito viva saía do interior. Fogg e o general puderam ver a vítima, vivamente iluminada, que era conduzida por dois sacerdotes. Pareceu-lhe até que, tratando de dissipar a modorra da embriaguez, a desventurada, tentava escapar aos seus verdugos. O

coração do valente militar deu um pulo e, ao pegar convulsivamente na mão de Phileas, reparou que este mantinha empunhada uma navalha aberta.

Naquele momento, a multidão pôs-se em movimento. A jovem voltou a cair na modorra provocada pelos vapores do cânhamo. Passou por entre os faquires que a escoltavam e que gritavam como energúmenos.

Fogg e os seus amigos misturaram-se com as últimas filas da multidão e seguiram-na.

Dez minutos depois, chegavam às margens do pequeno rio e estacaram a menos de cinquenta metros da pira, sobre a qual jazia o cadáver do rajá. Ao débil resplendor da aurora viram a vítima completamente inerte, estendida junto ao cadáver.

Um dos hindus aproximou um facho, e a lenha, impregnada de azeite, começou a arder.

O general e o guia contiveram Phileas Fogg, que, num acesso de generosa loucura, queria correr para a fogueira…

Mas Fogg já os tinha repelido, quando a cena mudou subitamente. Levantou-se um grito de terror e toda aquela multidão se prostrou rapidamente cheia de temor.

O velho rajá não estava, pois, morto, porque o viram erguer-se de repente como fantasma, levantar a jovem esposa nos seus braços e descer da pira no meio de turbilhão de fumo que lhes dava a aparência de espectros.

Os faquires, os guardas, os sacerdotes, acometidos de grande terror, jaziam com a fronte sobre a terra, sem se atreverem a levantar os olhos e a contemplar semelhante prodígio.

A vítima, inanimada, era transportada pelos braços vigorosos que a sustinham como pena. Phileas e o general continuavam em pé. O jovem guia tinha inclinada a cabeça, e é provável que Passepartout não se sentisse menos surpreendido.

O ressuscitado avançou diretamente até o local onde estavam Fogg e o general e disse-lhes em tom muito breve:

— Fujamos!

Era Passepartout em pessoa que deslizara até junto da pira no meio da densa fumarada! Era Passepartout que, aproveitando a escuridão, profunda ainda, arrancara a jovem da morte! Era, enfim, Passepartout que, desempenhando o seu

papel com feliz audácia, tinha realizado o seu projeto no meio do espanto geral, de substituir o defunto rajá!

Um instante depois, os cinco desapareciam no bosque e o elefante começou o seu rápido trote. Mas então os gritos, os urros e até uma bala que atravessou o chapéu de Fogg anunciaram-lhes que o seu estratagema tinha sido descoberto.

Efetivamente, sobre a ardente pira destacava-se o cadáver do velho rajá. Os sacerdotes, refeitos do espanto, compreenderam que a ex-futura vítima tinha sido raptada.

Imediatamente, precipitaram-se para a floresta, seguidos pelos guardas, que fizeram descarga cerrada. Porém os raptores estavam já muito longe e poucos momentos depois encontravam-se já fora do alcance das balas e das flechas.

14
O admirável vale do Ganges

O arrojado rapto tinha sido magnífica vitória. Uma hora depois, Passepartout ainda continuava a celebrar o seu triunfo. O general dera um aperto de mão ao intrépido rapaz. O seu amo tinha-lhe dito “Muito bem!”, o que nos seus lábios equivaleria à mais profunda aprovação. Passepartout respondeu que todo o êxito da empresa se devia a Fogg. A sua intervenção ficara reduzida a uma ideia providencial. E ria ao pensar que, durante alguns momentos, ele, Passepartout, o antigo ginasta, o ex-bombeiro, tinha sido o viúvo de encantadora mulher, como o velho rajá embalsamado.

Quanto à jovem indiana, não tivera consciência do que se passara. Embrulhada em manta de viagem, repousava num dos cestos.

Entretanto, o elefante, guiado com mão segura pelo parse, corria velozmente pela floresta, ainda nas trevas. Uma hora depois de terem deixado o pagode, lançavam-se através de imensa planície. Às sete horas fizeram alto. A jovem continuava em profunda prostração. O guia fez-lhe beber alguns goles de água e de conhaque, mas o entorpecimento que a tolhia devia prolongar-se por algum tempo.

Cromarty, que conhecia os efeitos da bebedeira produzida pelas inalações de cânhamo, não se inquietava.

Mas se o restabelecimento da jovem não oferecia dúvidas ao general, mostrava-se este contudo menos tranquilo quanto ao futuro. Não hesitou em dizer a Phileas Fogg que, se Aouda continuasse na Índia, tornaria a cair mais tarde ou mais cedo, irremediavelmente, nas mãos dos seus verdugos. Aqueles energúmenos estendiam-se por toda a península e, sem dúvida, apesar da polícia inglesa, acabariam por apoderar-se da sua vítima, fosse em Madras, em

Bombaim ou em Calcutá. E o veterano militar citava, em apoio da sua asserção, fato do mesmo gênero que tinha acontecido pouco tempo antes. A seu ver, a jovem não encontraria segurança enquanto não abandonasse a Índia.

Fogg respondeu-lhe que teria em conta as suas observações e que resolveria pensando nelas.

Próximo das dez, o guia anunciou a estação de Allahabad. Ali continuava de novo a interrompida estrada de ferro, cujos comboios percorrem em menos de um dia e uma noite a distância que há entre Allahabad e Calcutá.

Phileas Fogg chegaria, pois, a tempo de poder embarcar no navio que partia no dia seguinte, 25 de outubro, ao meio-dia, em direção a Hong Kong.

A jovem foi transportada para um aposento da estação. Passepartout recebeu o encargo de comprar para ela vários objetos de uso, vestidos e roupas de viagem. O seu amo abriu-lhe crédito ilimitado.

Passepartout partiu imediatamente e percorreu as ruas da povoação. Allahabad, a *Cidade de Deus*, é das mais veneradas da Índia, por estar situada na confluência dos dois rios sagrados, o Ganges e o Yamuna, cujas águas atraem os peregrinos de toda a península. É sabido, por outro lado, que, segundo a lenda de Ramaiana, o Ganges tem a sua nascente no céu, de onde, mercê de Brahma, desce até a terra. Enquanto fazia as suas compras, pôde contemplar toda a cidade, defendida em outros tempos por forte magnífico, que se tinha transformado na prisão do Estado. Já não existe indústria nem comércio naquela povoação, nem a atividade de outrora. Passepartout, que procurava em vão algum bazar de novidades, teve que recorrer a um prestamista judeu, velho e meticuloso, a fim de adquirir aquilo de que precisava: vestido de tecido escocês, amplo casaco e bom manto de viagem de nútria. Não hesitou em pagar por tudo isto 75 libras esterlinas, voltando para a estação muito satisfeito.

Aouda começava a dar sinais de vida. A influência soporífera a que a tinham submetido os sacerdotes de Pillaji ia se desvanecendo pouco a pouco e os seus olhos muito belos recuperavam toda a doçura de que eram dotados.

Entretanto, chegou a hora em que devia partir o trem. Fogg pagou ao guia aquilo que combinaram, sem juntar-lhe nem mais uma moeda. Isto surpreendeu Passepartout, que sabia quanto devia o seu amo à lealdade daquele guia. Com efeito, o parse tinha arriscado voluntariamente a sua vida no assunto do Pillaji, e se os hindus o soubessem dificilmente poderia livrar-se da sua vingança.

Restava solucionar o problema de Quiouni. Que fariam do elefante que tinha custado tão caro? Phileas Fogg, porém, já tomara resolução a tal respeito.

— Parse — disse ao guia —, foste serviçal e leal. Paguei os teus serviços, mas não a tua lealdade. Queres o elefante?

Os olhos do guia brilharam.

— É uma fortuna aquilo que Vossa Honra me dá — exclamou.

— Aceita-a, guia — insistiu Fogg —, e ainda serei eu que te fico devendo.

— Deixa de escrúpulos e aceita! — disse Passepartout. — Nunca terás oportunidade como esta. Quiouni é animal estupendo e valente.

E aproximando-se do paquiderme ofereceu-lhe pedaços de açúcar.

O elefante soltou grunhidos de satisfação. Em seguida, agarrando Passepartout pela cintura e enrolando-o com a tromba, levantou-o até a altura da sua enorme cabeça. Passepartout, sem se assustar, acariciou o animal, que tornou a pousá-lo suavemente no chão.

Momentos após, Phileas Fogg, o general e Passepartout, instalados em uma confortável carruagem, cujo melhor lugar foi ocupado por Aouda, dirigiam-se a toda velocidade em direção a Benares.

Os escassos 130 quilômetros que separam esta cidade de Allahabad foram percorridos em pouco menos de duas horas.

Durante o trajeto, a jovem recuperou os sentidos totalmente, dissipados por completo os vapores entorpecentes da infusão de cânhamo. É fácil imaginar a sua surpresa ao achar-se no trem, naquele compartimento, trajando à maneira da Europa, no meio de viajantes que lhe eram completamente desconhecidos.

Os seus companheiros trataram de prodigalizar-lhe os maiores cuidados e reanimaram-na com goles de aguardente. Depois, o general contou-lhe o que acontecera, insistindo na dedicação de Phileas Fogg, que não hesitara em arriscar a sua vida para salvá-la, e contou-lhe o fim da aventura, graças à genial ideia de Passepartout. O fleumático Fogg deixou que falasse sem pronunciar uma única palavra. Passepartout, envergonhado, repetia que *aquilo não valia a pena.*

Aouda agradeceu efusivamente aos seus libertadores, mais com lágrimas do que com palavras. Os seus formosos olhos, mais que os seus lábios, foram os intérpretes da sua gratidão. Depois, reportando-se outra vez às cenas do *sutty*, contemplou aquela terra indiana onde tantos perigos a rodeavam ainda e estremeceu de terror.

Phileas Fogg compreendeu o que se passava no ânimo de Aouda e, para tranquilizá-la, ofereceu-lhe muito friamente conduzi-la até Hong Kong, onde poderia permanecer até que se acalmasse a excitação que o audaz rapto teria suscitado.

A jovem aceitou agradecida o seu oferecimento. Precisamente ali vivia um dos seus parentes, parse também, e um dos principais comerciantes da cidade, que é totalmente inglesa, embora esteja situada na costa chinesa.

Ao meio-dia e meia, o trem parou na estação de Varanasi. As lendas bramânicas garantem que esta povoação ocupa o primeiro lugar da antiga Casi, que outrora esteve suspensa no espaço, no zênite e no nadir, como o túmulo de Maomé.

Era ali que devia ficar Francis Cromarty. As tropas às suas ordens acampavam a alguns quilômetros ao norte da cidade. O general fez as suas despedidas de Phileas Fogg, desejando-lhe o maior êxito possível e dizendo-lhe que fazia votos para que tornasse a empreender aquela viagem de modo menos original e mais proveitoso. Fogg apertou levemente os dedos do seu companheiro. A despedida de Aouda foi mais afetuosa, pois nunca poderia ela esquecer o muito que devia a Cromarty. Passepartout foi honrado com forte aperto de mão do general. Comovido, perguntou-lhe quando e como poderia prestar-lhe algum serviço. Depois separaram-se.

Desde Varanasi, a estrada de ferro seguia em parte o vale do Ganges. Através das vidraças do vagão, graças à límpida atmosfera, avistava-se a variada paisagem de Bear. Viam-se montes cobertos de verdura, campos de cevada, de milho e de trigo, rios e lagos povoados de crocodilos, aldeias bem cuidadas e selvas ainda muito fechadas. Alguns elefantes e zebus, de grandes corcovas, vinham banhar-se nas águas do rio sagrado e, também, não obstante o avançado da estação e da temperatura fria, quase invernal, viam-se grupos de hindus de ambos os sexos que praticavam as suas abluções de ritual. Aqueles crentes, inimigos acirrados do budismo, são sectários fervorosos da religião bramânica, que se encama em três pessoas: Vishnu, a divindade solar; Shiva, a personificação divina das forças naturais; e Brahma, sumo sacerdote e chefe supremo de legisladores. Mas com que olhos devia olhar para tais divindades aquela Índia, agora já britanizada, quando algum barco a vapor passava, silvando e agitando as sagradas águas do Ganges, espantando as gaivotas que adejavam

sobre a sua superfície, as tartarugas que pulavam nas suas margens e os devotos deitados ao longo das suas praias!

Finalmente, às sete da manhã seguinte, os viajantes chegaram a Calcutá. O barco que saía para Hong Kong só levantava ferro ao meio-dia. Phileas Fogg dispunha, portanto, de cinco horas. Segundo o seu itinerário, devia chegar à capital da Índia a 25 de outubro, 23 dias após ter saído de Londres. E chegara no dia fixado. Não ia, pois, nem adiantado nem atrasado. Infelizmente, os dois dias ganhos entre Londres e Bombaim tinham-se perdido, da forma que se sabe, naquela travessia da península Indostânica, mas era de supor que Phileas Fogg não deplorava a perda.

15
O saco de notas fica reduzido

O trem parara na estação. Passepartout foi o primeiro a sair do vagão. Fogg seguiu-o, ajudando a jovem indiana a descer. Phileas esperava dirigir-se imediatamente ao navio, a fim de aí instalar Aouda, a quem não queria abandonar enquanto estivesse em terra perigosa para ela.

No momento em que os três dispunham a sair da gare, um policial aproximou-se de Fogg e perguntou-lhe:

— O senhor é Phileas Fogg?

— Sou eu.

— Este homem é o seu criado? — continuou o agente, apontando para Passepartout.

— Sim.

— Queiram ambos seguir-me.

Fogg não demonstrou com movimento ou gesto algum que tinha ficado surpreendido. Aquele homem era representante da lei e, para todo inglês, a lei é sagrada. Passepartout, dados os seus costumes franceses, quis formular algumas observações, mas o policial tocou-lhe no braço e Phileas Fogg fez-lhe aceno para que obedecesse.

— Esta senhora pode acompanhar-nos? — perguntou Fogg.

— Não há inconveniente — respondeu o funcionário.

O policial conduziu Fogg, Passepartout e Aouda até um *palki-ghari*, espécie de carruagem de quatro rodas e quatro lugares, puxado por dois cavalos. Partiram imediatamente, e durante o trajeto, que durou vinte minutos, ninguém pronunciou uma única palavra.

Atravessaram as estreitas ruas da *cidade negra*, cujos edifícios eram sórdidos barracões nos quais pululava uma cosmopolita e bizarra população, suja e andrajosa. Penetraram depois na cidade europeia, com suas vistosas construções e amplas ruas, sombreadas por coqueiros e eriçadas de mastros, por entre os quais, apesar da hora matinal, deslizavam já elegantes cavaleiros e carruagens esplêndidas.

O *palki-ghari* estacou diante de edifício de aparência simples, mas cujo aspecto denunciava que não estava destinado a vivenda familiar. O policial fez descer da carruagem os prisioneiros — pois podiam ser considerados como tais — e conduziu-os até uma sala de janelas protegidas por grades. Disse-lhes:

— Às oito e meia comparecerão perante o juiz Obadih.

E retirou-se, fechando a porta.

— Bem! Estamos presos! — exclamou Passepartout, deixando-se cair numa cadeira.

Aouda, procurando em vão dissimular a emoção, disse para Phileas Fogg:

— Senhor, é preciso que nos separemos. É por minha causa que o perseguem, por ter-me salvado.

Fogg limitou-se a responder que isso não era possível. Perseguido pela questão do *sutty*! Impossível! Como é que os queixosos se atreveriam a apresentar-se? Sem dúvida tratava-se de erro. Fogg acrescentou que em qualquer caso não abandonaria a jovem, e que a conduziria até Hong Kong.

— Mas o navio parte ao meio-dia! — observou Passepartout.

— Antes do meio-dia estaremos a bordo — respondeu simplesmente o impassível Phileas.

Perante afirmação tão positiva, Passepartout apenas pôde dizer:

— Já se vê! Com certeza antes do meio-dia havemos de estar a bordo!

Porém, não estava muito certo disto.

Às oito e meia abriu-se a porta do aposento. O policial apareceu e conduziu os prisioneiros até a sala contígua. Era uma sala de audiência ocupada já por uma multidão bastante numerosa, composta de europeus e de indianos.

Fogg, Aouda e Passepartout sentaram-se num banco, em frente aos lugares reservados para o magistrado e para o escrivão.

Em breve, chegou o juiz Obadih, seguido do seu secretário. Era redondo como uma bola. Tomou a cabeleira pendurada num prego e pô-la à pressa na

cabeça.

— Audiência pública — disse.

Mas, levando a mão à cabeça, exclamou:

— Ora, esta não é a minha cabeleira!

— Com efeito, sr. juiz, é a minha — redarguiu o secretário.

— Meu caro Oysterpuf, como quer que um juiz possa dar sentença justa com a cabeleira do escrivão?

Efetuou-se a mudança de cabeleiras. Durante esses preliminares, Passepartout impacientava-se. Parecia-lhe que os ponteiros do enorme relógio da sala caminhavam muito depressa.

— A primeira causa — disse então o juiz Obadih.

— Phileas Fogg? — perguntou o escrivão Oysterpuf.

— Presente — respondeu este.

— Passepartout?

— Presente — respondeu o francês.

— Bem — disse o juiz Obadih. — Há dois dias, senhores acusados, que são procurados em todos os trens procedentes de Bombaim.

— Mas de que somos acusados? — perguntou Passepartout, sem poder reprimir a sua impaciência.

— Calma — recomendou o juiz.

— De modo nenhum.

— Basta! Que entrem os queixosos.

À ordem do juiz, abriu-se a porta e foram introduzidos na sala três sacerdotes hindus.

— É exatamente! — exclamou Passepartout. — São os três velhacos que queriam queimar a nossa jovem.

Os sacerdotes mantiveram-se em pé diante do juiz e o secretário leu em voz alta a denúncia por sacrilégio, formulada contra Phileas Fogg e seu criado, que eram acusados de ter profanado um lugar consagrado pela religião bramânica.

— Ouviram? — perguntou o juiz a Fogg.

— Sim, senhor — respondeu este, consultando o seu relógio —, e confesso-o.

— Ah! Confessa?

— Confesso e espero que estes três sacerdotes confessem por sua vez aquilo que pretendiam fazer no pagode de Pillaji.

Os sacerdotes olharam entre si, com evidente mostra de que não percebiam as palavras do acusado.

— Sim, sim! — exclamou impetuosamente Passepartout. — Em frente ao pagode Pillaji, perante o qual queriam queimar a sua vítima.

Nova surpresa dos sacerdotes e expressão de maior surpresa ainda por parte do juiz Obadih.

— Que vítima? — perguntou. — Queimar quem? Em plena cidade de Bombaim?

— Bombaim? — exclamou Passepartout.

— Sim, Bombaim. Não se trata do pagode de Pillaji, mas sim do pagode de Malabar, em Bombaim.

— E como peça de convicção, figura o calçado do profanador — continuou o escrivão, depositando um par de botas sobre a mesa.

— As minhas botas! — exclamou Passepartout, que, muito surpreendido, não pôde conter aquela involuntária exclamação.

Amo e criado tinham-se esquecido do incidente de Bombaim e era isto o que os tinha levado perante o juiz de Calcutá.

Daí a confusão em que ambos tinham incorrido.

Com efeito, o detetive Fix compreendeu todo o partido que poderia tirar do malfadado assunto e, demorando a sua partida 12 horas, aconselhou aos sacerdotes de Malabar o que deviam fazer. Prometeu-lhes avultada indenização, sabendo que o governo inglês se mostrava muito severo com tais delitos. Depois, no trem seguinte, lançou-os atrás do sacrílego. Mas devido ao tempo que perderam em libertar a jovem viúva, Fix e os sacerdotes chegaram a Calcutá muito antes de Fogg e seu criado, a quem os magistrados, prevenidos, por telegrama, deviam prender logo que deixassem o trem.

É fácil imaginar a preocupação de Fix quando soube que Fogg ainda não tinha chegado à capital do Hindustão. Chegou a pensar que o ladrão, saltando numa das estações intermédias, se refugiara nas províncias setentrionais. Durante 24 horas, preso de mortal inquietude, o detetive vigiou a estação. Foi, depois, grande a sua alegria ao ver descer do vagão, em companhia, é verdade, duma jovem, cuja presença não se podia explicar, o famigerado Phileas Fogg. Imediatamente destacou um policial para a diligência, que conduziu Fogg, Passepartout e a viúva do rajá de Bundelkhand até a presença do juiz Obadih.

Se Passepartout não estivesse tão preocupado, teria visto, no canto da sala, o detetive Fix, que observava o juiz com interesse fácil de compreender, pois em Calcutá, como em Bombaim, como em Suez, ainda lhe faltava ordem de detenção contra Phileas Fogg. O juiz mandou lavrar ata da confissão espontânea de Passepartout, que teria dado quanto possuía para se retratar das suas imprudentes palavras.

— Ratifica as suas declarações? — perguntou o juiz.

— Naturalmente! — respondeu Phileas Fogg.

— Visto — prosseguiu o juiz —, e considerando que a lei inglesa deseja proteger com toda igualdade e rigor todas as religiões da população hindu: considerando que o acusado Passepartout se acha convicto e confesso do delito de sacrilégio, por ter profanado o pagode de Malabar, em Bombaim, no dia 20 de outubro; condena-se o dito Passepartout a 15 dias de prisão e ao pagamento de multa de trezentas libras esterlinas.

— Trezentas libras? — exclamou Passepartout, impressionado com a quantia da multa.

— Silêncio! — ordenou o secretário, com voz áspera.

O juiz Obadih continuou:

— E considerando que não resulta provada a falta de conivência entre criado e amo e que, em todo caso, este é responsável pelos atos e omissões das pessoas ao seu serviço, condena-se o sr. Phileas Fogg a oito dias de prisão e a 150 libras de multa. Podem retirar-se.

Fix, de seu canto, experimentava satisfação indescritível. Oito dias em Calcutá era tempo suficiente para que pudesse chegar a ordem de detenção de Fogg.

Passepartout estava aturdido, A condenação arrasava o seu amo. Uma aposta de vinte mil libras perdida, tudo porque ele, como um idiota, havia entrado no maldito pagode!

Phileas Fogg, tão senhor de si como se a condenação não lhe dissesse respeito, nem franziu o sobrolho. Mas no momento em que o escrivão ia chamar outros acusados, levantou-se e declarou:

— Dou fiança.

— Está no seu direito — retorquiu o juiz.

Fix sentiu arrepios na espinha, mas recobrou logo a serenidade quando viu o juiz, atendendo à qualidade de estrangeiro de Phileas Fogg e seu criado, arbitrar para cada um deles a enorme quantia de mil libras de fiança.

Eram duas mil libras que saíam da algibeira de Fogg, se não quisesse sujeitar-se à prisão.

— Pago — afirmou Phileas.

E do saco que Passepartout trazia tirou um maço de notas que pôs em cima da mesa do escrivão.

— Ser-lhe-á restituída esta soma quando sair da prisão disse o juiz. Entretanto, ficam soltos sob fiança.

— Vamos! — disse Phileas Fogg para o criado.

— Mas ao menos que me restituam as minhas botas! — exclamou Passepartout em acesso de raiva.

Foram-lhe restituídas as botas.

— Saem caras! — murmurou o criado. — Acima de mil libras cada uma! E ainda por cima estão apertadas!

Passepartout seguiu Fogg, que oferecera o braço à jovem. Fix confiava ainda que o seu ladrão não se decidisse a perder aquela soma de, duas mil libras e que cumpriria a pena de oito dias de cárcere. Continuou, por isto mesmo, na pista de Fogg que, com seus acompanhantes, tomou apressadamente um coche. Fix correu atrás da carruagem, que parou no cais.

O *Rangoon* estava ancorado no porto, a um quilômetro, com o sinal de partida no alto do mastro. Eram 11 horas. Fogg chegava, pois, com uma hora de avanço. Fix viu-o descer da carruagem e embarcar numa canoa com Aouda e o criado. O detetive bateu o pé no chão.

— Velhaco! — exclamou. — Vai-se embora! Duas mil libras sacrificadas! Pródigo como ladrão! Ah! Segui-lo-ei até o fim do mundo, se necessário for! Mas pelo caminho que leva não demorará muito a gastar todo o produto do roubo.

Não estava desprovida de fundamento a reflexão do detetive. Efetivamente, desde que saíra de Londres, entre gastos de viagem, gorjetas, compra do elefante, multas e fianças, Phileas Fogg já tinha gastado mais de cinco mil libras, e os tantos por cento concedidos aos funcionários da polícia sobre a soma a ser recuperada iam diminuindo constantemente.

16
Fix finge não compreender

O *rangoon*, um dos navios que a Companhia Peninsular e Oriental usa para o serviço dos mares da China e do Japão, era um barco de ferro, com hélice. Com capacidade de 1.770 toneladas, tinha força nominal de setecentos cavalos. Igualava o *Mongólia* em velocidade, mas não em comodidade. Por isso, Aouda não pôde ser tão bem instalada como desejaria Phileas Fogg. Mas ao fim de tudo, tratava-se somente de travessia de sete mil quilômetros, e a jovem não se mostrou exigente.

Durante a viagem, Aouda foi revelando grande simpatia para com Fogg. Em todas as ocasiões testemunhava-lhe a sua mais profunda gratidão. O fleumático inglês ouvia-a, ao menos em aparência, com a maior frieza, sem que o seu tom ou os seus gestos revelassem a mais ligeira emoção. Preocupava-se com que nada faltasse à jovem. Procurava-a em certas horas, senão para conversar, pelo menos para ouvi-la. Cumpria com ela os deveres da civilidade mais estrita, mas com rigidez e gesto de autômato, como se seus movimentos estivessem preparados para tal fim. Aouda não sabia o que havia de pensar, mas Passepartout deu-lhe algumas explicações sobre a excentricidade de seu amo e falou-lhe também da aposta que o tinha levado a dar a volta ao mundo. A jovem sorriu. Afinal devia-lhe a vida e o seu salvador nada podia perder em que ela o visse através do seu reconhecimento.

Aouda confirmou o relato do guia parse, a propósito da sua emocionante história. Pertencia, com efeito, àquela raça que ocupa o primeiro lugar entre os indianos. Não poucos comerciantes parses fizeram grandes fortunas nas Índias, com o comércio de algodão. Um deles, Jaime Jejeebloy, foi tornado nobre pelo governo inglês. Aouda era parente de tal personagem que residia em Bombaim.

Em Hong Kong, porém, pensava recorrer a outro parente, o respeitável Jejeeh, primo de Jejeebloy. Encontraria ao lado daquele parente refúgio e proteção? Não podia garanti-lo, mas Fogg lhe dissera que não se devia preocupar pois tudo se arranjaria matematicamente. Essas foram as suas palavras.

Compreenderia a jovem viúva esse horrível advérbio? Não se sabe. Mas os seus formosos olhos, límpidos como os sagrados lagos do Himalaia, fixaram-se nos de Fogg, que, insociável e reservado como sempre, não parecia muito disposto a lançar-se naquelas águas.

A primeira parte da viagem do *Rangoon* fez-se em excelentes condições. O tempo estava favorável e toda a porção da imensa baía que os marinheiros chamam *os braços de Bengala* mostrou-se favorável à marcha do navio, que não tardou em passar pela Grã-Andaman, a ilha principal do grupo, que os navegadores distinguem a grande distância, em consequência da pitoresca montanha de Saddle Peak, cuja altura anda pelos oitocentos metros.

O barco seguiu costeando, sem que os selvagens papuas da ilha dessem sinais de vida. São seres do último grau da escala humana, que foram erroneamente qualificados de antropófagos.

O panorama que ofereciam as ilhas era soberbo. Imensas florestas de palmeiras, de arecas, de bambus, de moscadeiras, de tecas, sensitivas gigantescas, de fetos arborescentes figuravam no primeiro plano e ao fundo recortava-se no horizonte o elegante contorno das montanhas. Mas todo aquele espetáculo variado oferecido à vista pelo grupo das Andaman perpassou fugitivo e o *Rangoon* dirigiu-se a toda velocidade pelo estreito de Málaca, que lhe devia dar acesso aos mares da China.

Que fazia, entretanto, o detetive Fix, tão desventuradamente arrastado naquela viagem de circum-navegação? Ao afastar-se de Calcutá, depois de ter deixado instruções para que, se por fim chegasse a ordem de detenção de Phileas Fogg, lhe fosse remetida para Hong Kong, conseguiu embarcar no *Rangoon* sem ser visto por Passepartout. Contava conseguir que a sua presença passasse despercebida até a chegada àquela ilha. Com efeito, era um pouco difícil de explicar por que é que se encontrava a bordo, sem despertar as suspeitas de Passepartout, que devia julgar que estava em Bombaim. Mas a mesma lógica das circunstâncias levou-o a modificar suas relações com o bom rapaz. De que maneira? Vamos ver.

Todas as esperanças e todos os desejos de Fix achavam-se concentrados num só ponto da terra, em Hong Kong, pois o navio parava muito pouco tempo em Cingapura e, assim, não operaria naquela cidade. A captura de Phileas Fogg devia realizar-se, portanto, em Hong Kong. Do contrário, o ladrão escaparia irremediavelmeme.

Com efeito, Hong Kong era ainda terra inglesa, mas a última que se encontraria na viagem. Depois, a China, o Japão e a América ofereciam refúgio quase seguro a Phileas Fogg. Em Hong Kong, se é que nesta povoação se encontrasse a ordem de detenção, poderia prender Fogg e entregá-lo à polícia local. Mas passada aquela cidade, já não bastaria simples ordem de detenção. Seria preciso ordem de extradição, o que originaria atrasos, dificuldades, obstáculos de toda espécie, trâmites diversos, e de tudo isto aproveitaria o ladrão para escapar definitivamente. Se não se podia efetuar a prisão em Hong Kong, seria, senão impossível, pelo menos muito difícil tornar a tentar a captura com certas probabilidades de sucesso.

“Por conseguinte”, dizia Fix para si, várias vezes durante as longas horas que permanecia em seu camarote, “ou a ordem de detenção está em Hong Kong e prendo o homem, ou não está e então será necessário atrasar a sua viagem de qualquer maneira. Fracassei em Bombaim, fracassei em Calcutá. Se agora falho novamente, perderei a minha reputação. Custe o que custar, preciso triunfar! Mas a que meios recorrer para atrasar, se necessário for, a partida desse maldito Fogg?”

Em última instância, Fix estava completamente decidido a contar tudo a Passepartout, dando-lhe a conhecer o amo a quem servia e do qual sem dúvida não era cúmplice. Passepartout, com esta revelação, temeria ver-se comprometido e pôr-se-ia do lado de Fix. Esse seria o meio desesperado que só se podia empregar como último recurso. Uma única palavra de Passepartout a seu amo bastaria para comprometer toda a segurança do assunto.

O detetive achava-se, pois, extremamente embaraçado, quando a presença a bordo de Aouda, em companhia de Fogg, lhe abriu novas perspectivas. Quem era aquela mulher? Que circunstâncias a tinham convertido em companheira de Phileas Fogg? Evidentemente, foi entre Bombaim e Calcutá que se efetuou o encontro. Mas em que ponto da península? Teria sido o destino que tinha reunido Fogg e a jovem viúva? Ou, pelo contrário, teria sido empreendida aquela longa

viagem com o intuito de reunir-se à bela mulher? Ela era extremamente formosa! Fix tinha podido contemplá-la à vontade na sala de audiências de Calcutá.

Compreender-se-á qual a confusão em que todas essas reflexões punham o policial. Perguntava-se a si próprio se em todo aquele negócio não havia algum rapto criminoso. Sim! Era isso, exatamente. A ideia arraigou-se no cérebro de Fix, que percebeu todo o partido que poderia tirar de tal circunstância. Fosse casada ou não a jovem, existia rapto, e em Hong Kong seria possível provocar tais dificuldades ao raptor, que não poderia fugir nem com forte fiança.

Mas era necessário não esperar pela chegada do barco àquela cidade. Fogg tinha o malfadado costume de saltar de um navio para outro. Assim, antes que o assunto houvesse começado, sem sequer ter apresentado a denúncia, Fogg já estaria longe.

O que interessava era prevenir as autoridades inglesas e apontar-lhes a passagem do *Rangoon* antes do desembarque. Nada mais fácil, visto que o barco escala em Cingapura, e esta cidade encontra-se em contato com a costa da China por meio de telégrafo.

Contudo, antes de operar e para andar com mais segurança, Fix resolveu interrogar Passepartout. Sabia que não era muito difícil fazê-lo falar e resolveu quebrar a incógnita que até então tinha observado. Não havia tempo a perder, porque eram já 31 de outubro e na manhã seguinte o *Rangoon* chegaria a Cingapura.

Naquele mesmo dia, abandonou o seu camarote e saiu à ponte, com intenção de ter a iniciativa de aproximar-se de Passepartout, com mostras da mais extrema surpresa. Passepartout passeava tranquilamente pela proa, quando Fix correu para ele, exclamando:

— O senhor no *Rangoon*?

— O mesmo digo eu! — respondeu Passepartout, muito surpreendido, ao reconhecer o seu companheiro de travessia no *Mongólia*. — Mas como é possível? Deixei-o em Bombaim e encontro-o a caminho de Hong Kong. O senhor também dá a volta ao mundo?

— Não, não — respondeu Fix. — Penso ficar em Hong Kong pelo menos dois ou três dias.

— Ah! — exclamou Passepartout, cada vez mais surpreendido. — Mas como é possível que não o tenha visto desde que saímos de Calcutá?

— Uma leve indisposição… um pouco de enjoo… Estive deitado no meu beliche… E o seu amo? Continua bem?

— Perfeitamente e pontual com o seu itinerário. Nem um dia de atraso! Ah, sr. Fix! Não sabe que vamos acompanhados de uma dama jovem e formosa?

— Uma dama? — respondeu o detetive, fingindo não compreender aquilo que o seu interlocutor queria dizer-lhe.

Passepartout pô-lo bem depressa a par da história. Contou-lhe o incidente do pagode de Bombaim, a compra do elefante pela quantia de duas mil libras, o caso do *sutty*, o rapto de Aouda, a sentença do tribunal de Calcutá e a liberdade sob fiança. Fix, que conhecia a última parte destes incidentes, fingiu ignorá-los todos e Passepartout deixou-se levar pela atração de referir as suas aventuras a ouvinte que tanto interesse demonstrava.

— Mas, afinal — perguntou Fix —, o seu amo tem intenção de levar a jovem para Europa?

— Não, sr. Fix, não. Vamos entregá-la simplesmente a um dos seus parentes, rico negociante de Hong Kong.

“O meu projeto foi por água abaixo!”, disse para si o policial, dissimulando a sua contrariedade.

— Apetece-lhe um calicezinho de gim?

— Com todo gosto, sr. Fix. O nosso encontro no *Rangoon* merece ser celebrado.

17
De Cingapura a Hong Kong

A partir daquele dia, Passepartout e o detetive viram-se com muita frequência, mas Fix manteve absoluta reserva para com seu companheiro e não tentou fazê-lo falar. Com respeito a Phileas Fogg, só pôde vê-lo algumas vezes no salão do navio, ora acompanhado de Aouda, ora jogando o uíste, segundo o seu invariável costume.

Quanto a Passepartout, começou a pensar seriamente sobre a estranha casualidade que tinha posto novamente Fix na rota do seu amo. Com efeito, não era para admirar que isso lhe despertasse suspeitas. Aquele senhor, muito amável, até complacente demais, a quem encontrara em Suez, embarcara no *Mongólia*, desembarcara em Bombaim, onde dissera que devia ficar, que tinha depois encontrado no *Rangoon* em direção a Hong Kong, numa palavra, seguindo passo a passo o mesmo itinerário de Fogg, merecia um pouco de atenção. Pelo menos, existia em tudo aquilo rara coincidência. Que procurava o tal Fix? Passepartout teria apostado as suas chinelas, que conservava como joias, que Fix partiria de Hong Kong ao mesmo tempo que eles e provavelmente no mesmo navio.

Mesmo que tivesse refletido sobre o assunto durante um século, Passepartout não teria jamais adivinhado a missão confiada ao detetive. Nunca teria, imaginado, que Phileas Fogg era seguido como ladrão, através da terra. E como é normal na natureza humana o afã de procurar explicação para tudo, Passepartout, por súbita inspiração, interpretou a presença de Fix — e não deixava de ser lógica a sua dedução — como a de agente enviado junto a Phileas Fogg pelos companheiros do Clube Reformador, a fim de verificar se a viagem

em redor do mundo se efetuaria com toda a regularidade, seguindo o itinerário previamente combinado.

"É evidente, é evidente", repetia para si mesmo o simples moço, ufano da sua perspicácia. "É um espião enviado atrás de nós. Eis aqui uma coisa que não lhes fica nada bem! Desconfiar de homem tão respeitável, tão honrado e tão sério como o sr. Fogg! Ser espiado por um agente! Ah, senhores do Clube Reformador, isto lhes custará caro!"

Encantado com a sua descoberta, decidiu, porém, nada dizer a seu amo, temendo que este se sentisse ferido pela desconfiança que lhe demonstravam os seus companheiros de clube, os que, do ponto de vista da aposta, deviam ser considerados adversários. Porém, prometeu a si próprio zombar de Fix, na primeira ocasião, com palavras irônicas sem nada comprometer.

Na quarta-feira, 30 de outubro, ao meio-dia, o *Rangoon* entrava no estreito de Málaca, que separa a península deste nome da terra de Sumatra. Várias ilhotas montanhosas, muito escarpadas e pitorescas, ocultavam aos passageiros a vista da grande ilha.

No dia seguinte, às quatro da manhã, o *Rangoon*, tendo ganhado meia jornada sobre o seu horário, fundeava em Cingapura, a fim de renovar a sua provisão de carvão.

Phileas Fogg anotou esse avanço na coluna de lucros e acedeu em saltar à terra, acompanhando Aouda, que demonstrava desejo de passear algumas horas.

Fix, a quem qualquer ação de Fogg se tornava suspeita, seguiu-o sem se deixar ver. Entretanto, Passepartout, que ria para si ao ver a manobra do detetive, foi efetuar as suas compras habituais.

A ilha de Cingapura não é grande nem tem aspecto imponente. Sem montanhas e, portanto, sem perfis, é encantadora na sua pequenez. É um parque cortado de belas ruas. Um bonito carro puxado por elegantes cavalos conduziu Aouda e Fogg entre maciços de palmeiras de brilhante folhagem e plantações de cravo, cujo fruto é formado das pétalas da própria flor. Naquela paisagem, as pimenteiras faziam as vezes das sebes espinhosas das campinas europeias. As árvores que dão o sagu, grandes fetos com sua esplêndida ramagem, variavam o aspecto daquela região tropical. As moscadeiras, de folhagem envernizada, saturavam o ambiente de penetrantes aromas. Com respeito à fauna, não faltavam nas florestas macacos, nem nos juncais, os tigres. A quem se admirar de

que nesta ilha relativamente pequena não tenham sido exterminados completamente tão terríveis animais carnívoros, responderemos que vêm de Málaca, atravessando a nado o estreito.

Depois de terem percorrido os campos durante duas horas, Aouda e o seu companheiro chegaram à cidade, uma vasta aglomeração de casas baixas, cingidas por jardins cheios de mangas, ananases e os melhores frutos do mundo.

Às dez horas voltaram para o navio, depois de terem sido seguidos, sem o suspeitarem, pelo policial.

Às onze, o *Rangoon*, depois de ter completado a sua provisão de carvão, levantava ferro, e algumas horas mais tarde os passageiros perdiam de vista as altas montanhas de Málaca, cujas selvas abrigam os mais belos tigres da terra.

Cerca de 2.500 quilômetros separam Cingapura da ilha de Hong Kong, pequeno território segregado da costa chinesa. Phileas Fogg tinha interesse em percorrê-los no espaço máximo de seis dias, a fim de poder tomar em Hong Kong o navio, que largava no dia 6 de novembro para Yokohama, um dos mais importantes portos do Japão.

O barco ia muito carregado. Vários passageiros haviam embarcado em Cingapura: índios, chineses, malaios, portugueses, a maior parte deles em lugares inferiores.

O tempo, que até então estivera bom, mudou de repente com o último quarto da lua. O mar encapelou-se. De vez em quando, o vento soprava rijo, mas felizmente do sudeste, o que favorecia a marcha do navio. Quando era possível o capitão desdobrava todo o pano. O *Rangoon*, aparelhado em brigue, amiúde navegava com a mezena e as velas de gávea, e a sua rapidez aumentou sob a ação dupla do vapor e do vento. Foi desse modo que costeou, com o mar às vezes picado, a terra de Anam e da Cochinchina.

Mas a falta era mais do *Rangoon* do que do mar e os passageiros, muitos dos quais enjoaram, queixaram-se do incômodo que sofriam.

Efetivamente, os navios da Companhia Peninsular, que realizavam o serviço dos mares da China, padeciam de grave defeito de construção, que consiste na relação entre o seu calado e a sua capacidade mal calculada. Portanto, não oferecem senão débil resistência ao mar.

Era conveniente adotar grandes precauções durante o mau tempo. Em certas ocasiões era necessário navegar com pouco vapor, o que significava perda de

tempo, que não parecia afetar no mínimo Phileas Fogg mas que irritava Passepartout. Este, em tais circunstâncias, culpava o capitão o maquinista, a Companhia e mandava para o inferno todos quantos se dedicavam a transportar viajantes. Talvez também a lembrança de que o bico de gás continuava aceso por conta dele, na casa em Londres, contribuísse em grande escala para a sua impaciência.

— Parece que tem muita pressa em chegar a Hong Kong? — perguntou-lhe certo dia o detetive.

— Muitíssima — respondeu Passepartout.

— E acha que o sr. Fogg também tem muita pressa em embarcar para Yokohama?

— Enorme pressa.

— Então, o senhor acredita nessa história de viagem em redor do mundo?

— Certamente. E o senhor?

— Eu? Eu não acredito.

— Farsante! — disse Passepartout, piscando-lhe um olho.

Esta palavra fez cismar o policial. Tal qualificativo inquietou-o, sem saber bem por quê. Tê-lo-ia descoberto o francês? Não sabia o que pensar. Porém, como era possível que Passepartout tivesse descoberto a sua condição de detetive, cujo segredo ninguém possuía? Não obstante, ao falar-lhe daquela maneira, Passepartout tinha-o feito com segunda intenção.

Outro dia, o rapaz não pôde conter a verbosidade e adiantou-se ainda mais.

— Diga-me uma coisa, sr. Fix — disse para o seu companheiro em tom malicioso. — Dar-se-á o caso de, chegados a Hong Kong, termos a desgraça de ali o deixarmos?

— Mas… — respondeu o detetive, bastante desconcertado. — Não sei… Talvez!

— Ah! — disse Passepartout. — Se nos acompanhasse seria uma fortuna para mim. Vejamos! Um agente da Companhia Peninsular não pode parar no caminho. O senhor ia só a Bombaim, e ei-lo quase na China! A América não fica longe e da América à Europa pode dizer-se que não há mais que um passo!

Fix olhou atentamente para o seu interlocutor, que lhe mostrava a calma mais amável do mundo, e tomou a resolução de rir com este. Mas Passepartout, que estava com veia, perguntou-lhe se aquele ofício rendia muito.

— Sim e não — respondeu Fix sem pestanejar. — Há negócios bons e maus. Mas já pode compreender que não viajo à minha custa.

— Ah! Quanto a isso, tenho a certeza! — exclamou Passepartout, rindo de boa vontade.

Findo o diálogo, Fix entrou em seu beliche e refletiu mais uma vez. Não havia dúvida. Tinham-no descoberto. De uma forma ou de outra, o francês tinha reconhecido a sua qualidade de agente da polícia. Teria prevenido o amo? Que papel desempenhava dentro daquilo? Era cúmplice ou não? Tê-lo-iam farejado, fazendo malograr seu plano? Fix passou algumas horas naquelas angustiosas alternativas, ora acreditando que já estava tudo perdido, ora aguardando que Fogg continuasse a ignorar a situação, mas sem saber com exatidão como é que as coisas estavam.

Finalmente, acalmou-se e decidiu falar com toda a franqueza a Passepartout. Se em Hong Kong não estivesse em condições de prender Phileas Fogg e se este se preparasse para sair imediatamente de território inglês, contaria tudo a Passepartout. Ou o criado era cúmplice do amo — sabia de tudo, caso em que o assunto estava comprometido — ou então Passepartout de nada sabia do roubo do banco e então seria o primeiro interessado em separar-se do ladrão.

Tal era, em resumo, a situação com respeito àqueles dois homens, acima dos quais se erguia Phileas Fogg em majestosa indiferença. Descrevia racionalmente a sua órbita em roda do mundo, sem se inquietar com os asteroides que gravitavam em torno dele.

Contudo, nas suas proximidades movia-se um astro que devia produzir certas perturbações no coração de Phileas Fogg. Mas não sucedia assim. Os atrativos de Aouda, a jovem viúva, não exerciam nele influência alguma, com grande surpresa de Passepartout. E as perturbações, se é que as havia, eram tão difíceis de calcular como as de Urano, que deram lugar ao descobrimento de Netuno.

Sim! Isso constituía a verdadeira surpresa para Passepartout, que lia tanta gratidão nos olhos da jovem para com Phileas Fogg. Decididamente, Fogg tinha coração para conduzir-se heroicamente, mas não para amar. A respeito das preocupações que os fados favoráveis ou adversos da viagem poderiam suscitar-lhe, não havia o menor sinal.

Porém, Passepartout vivia constantemente preocupado. Um dia, apoiado no corrimão da casa das máquinas, olhava para a potente maquinaria que às vezes

multiplicava as suas revoluções, quando um violento balouçar fez com que a hélice saísse da água. O vapor fugiu ruidosamente pelas válvulas, o que provocou a ira do impaciente moço.

— Essas válvulas não estão bastante carregadas! — exclamou. — Isto não é navegar! Ingleses, no fim de contas! Ah! Se isto fosse navio americano talvez nos afundássemos, mas avançaríamos muito mais!

18
Três passagens para Yokohama

Durante os primeiros dias de viagem, o tempo foi péssimo. O vento aumentou e, soprando de noroeste, com persistência, contrariou o avanço do *Rangoon*, que, sem a necessária estabilidade, balançava em todas as direções, dando motivo mais que suficiente aos viajantes para guardarem rancor às longas e inquietas ondas que o vento levantava sobre a superfície do mar.

Durante os dias 3 e 4 de novembro desenvolveu-se uma espécie de tempestade. A borrasca agitou bastante o mar. O *Rangoon* teve que moderar a marcha durante metade do dia, conservando-se com dez voltas de hélice apenas, para não apanhar a vaga de frente. Tinham sido recolhidas todas as velas, mas ainda restavam os outros equipamentos que assobiavam no meio do vendaval.

A velocidade do barco tinha diminuído de modo considerável, podendo-se calcular que a chegada a Hong Kong atrasar-se-ia pelo menos vinte horas sobre o horário e, até mais ainda, se a tempestade não parasse.

Phileas Fogg assistia àquele espetáculo do mar furioso, que parecia lutar diretamente contra ele, com a sua habitual impassibilidade. Sua fronte não se contraiu um só instante e, contudo, uma demora de vinte horas poderia comprometer a sua viagem fazendo-o perder o navio de Yokohama. Mas aquele homem sem nervos não sentia nem impaciência nem raiva. Ter-se-ia dito que a mesma tempestade figurava no seu programa como coisa prevista. Aouda, que falou com ele a propósito daquele contratempo, achou-o tão fleumático como sempre. Fix, pelo seu lado, não via as coisas pelo mesmo prisma. Aquela tempestade agradava-lhe e teria sido completa a sua satisfação se o *Rangoon* se tivesse visto obrigado a mudar de rumo diante da tempestade. Todos os atrasos alegravam-no, porque fariam com que Fogg se visse obrigado a passar mais uns

dias em Hong Kong. Afinal, o céu, com os seus furacões e as suas borrascas o ajudavam. Estava um pouco enjoado, mas não importava. Não dava importância às suas náuseas e, quando o seu corpo se contorcia sob os efeitos do enjoo, o seu espírito dilatava-se amplamente de satisfação.

Quanto a Passepartout, pode-se adivinhar a cólera que suportava e que mal disfarçava perante aquela prova.

Enquanto durou a tempestade permaneceu na tolda do *Rangoon*. Não teria podido permanecer embaixo. Subia a mastreação, causava assombro à equipagem e ajudava em tudo com ligeireza de macaco. Repetidas vezes interrogou o capitão, os oficiais e os marinheiros, que não podiam deixar de rir ao verem o rapaz excitado. Passepartout queria por força saber quanto tempo duraria a tempestade. Mandavam-no para o barômetro, que não resolvia subir. Então punha-se a sacudir o barômetro, mas não obtinha nada, nem com as sacudidelas, nem com as injúrias de que cobria o irresponsável instrumento.

Finalmente a tempestade diminuiu. O estado do mar modificou-se durante o dia 4 de novembro. O vento virou dois quartos para o sul e tornou-se favorável. Ao passo que o tempo melhorava, acalmou-se Passepartout. Puderam-se largar as velas das gáveas e as velas grandes, e o *Rangoon* continuou o seu rumo com velocidade maravilhosa. Mas não podia ganhar o tempo perdido e era preciso resignar-se. Até o dia 6, às cinco da manhã, não avistaram terra. O itinerário de Phileas Fogg apontava a chegada do barco para o dia 8. Eram, pois, 24 horas de atraso, que necessariamente fariam impossível a saída para Yokohama.

Às seis, o prático subiu a bordo do *Rangoon* e instalou-se na ponte, para dirigir o barco, pelo porto até Hong Kong.

Passepartout ardia em desejos de interrogá-lo, de perguntar-lhe se o navio de Yokohama já largara de Hong Kong, porém não se atrevia, preferindo conservar alguma esperança até o último momento. Confiou as suas inquietações a Fix, que, manhoso, aparentou consolá-lo dizendo-lhe que tudo se reduzia a que Fogg aguardasse o navio imediato, o que, como se compreende, aumentou ainda mais a fúria do criado.

Mas se Passepartout não se atreveu a perguntar ao piloto, Fogg perguntou-lhe, com a sua calma habitual, se sabia quando sairia um barco a vapor para Yokohama.

— Amanhã, com a primeira maré — respondeu-lhe o prático.

— Ah! — disse Fogg, sem manifestar a menor surpresa.

Passepartout, se estivesse presente durante o diálogo, teria abraçado de boa vontade o piloto. Fix, porém, desejaria torcer-lhe o pescoço.

— Que nome tem o barco? — perguntou Fogg.

— *Carnatic* — respondeu o piloto.

— Não era ontem que devia partir?

— Era, sim. Mas teve que reparar uma das caldeiras e a partida foi adiada para amanhã.

— Obrigado — disse Fogg, que desceu com o seu passo automático para o salão do navio.

Entretanto, Passepartout pegou na mão do piloto e apertou-a calorosamente, exclamando:

— Sr. piloto, o senhor é um homem simpático.

O piloto, sem dúvida, nunca soube por que as suas respostas tinham merecido aquela frase amistosa. A um silvo da máquina, tornou a tomar o seu lugar e dirigiu o navio entre aquela esquadrilha de juncos, de tancás, de bateiras de pescadores e de barcos de toda espécie que embaraçam a entrada de Hong Kong. À uma hora, o *Rangoon* tinha lançado ferro e os passageiros desembarcaram.

Devemos concordar que o acaso favorecera Phileas Fogg de modo singular. Se não fosse a necessidade de reparar as suas caldeiras, o *Carnatic* teria partido no dia 5 de novembro e os viajantes para o Japão teriam que esperar oito dias pela partida do barco seguinte. É verdade que Phileas Fogg ia atrasado 24 horas, mas essa demora não podia ter consequências definitivas para o resto da viagem.

Com efeito, o navio que efetua a travessia do Pacífico, desde Yokohama a San Francisco, está em correspondência direta com o barco de Hong Kong, e não poderia partir até a chegada deste. Evidentemente, subsistiriam as 24 horas de atraso em Yokohama, porém durante os 22 dias que dura a viagem pelo Pacífico, ser-lhe-ia fácil recuperá-las. Fogg achava-se, pois, com 24 horas de diferença, nas condições do seu programa, aos 35 dias depois de ter partido de Londres.

O *Carnatic* não devia levantar ferro até o dia seguinte às cinco da manhã e, por isso mesmo, Fogg tinha 16 horas pela frente para dedicá-las aos seus assuntos, quer dizer, aos de Aouda. Ao desembarcar, ofereceu o braço à jovem e conduziu-a para um palanquim. Pediu ao condutor que lhe designasse hotel, e

este indicou-lhe o hotel do Clube. O palanquim pôs-se em movimento, seguido de Passepartout, chegando ao seu destino vinte minutos depois.

Foi reservado um quarto para a jovem, e Fogg providenciou para que nada lhe faltasse. Uma vez instalada, ele dirigiu-se à procura do parente a cujos cuidados deveria ficar a moça em Hong Kong. Ao mesmo tempo, deu a Passepartout ordem para que permanecesse no hotel até que ele regressasse, com o objetivo de que a jovem não ficasse sozinha.

Fogg dirigiu-se à Bolsa. Ali, indubitavelmente, conheceriam o honrado Jejeeh, um dos mais ricos comerciantes da povoação.

O corretor a quem Fogg se dirigiu conhecia, com efeito, o negociante parse, mas havia mais de dois anos que já não residia na China. Realizada a sua fortuna, tinha-se estabelecido na Europa — na Holanda, segundo cria —, o que se explicava pelas muitas relações que havia mantido com aquele país durante a sua vida comercial.

Phileas Fogg regressou ao hotel e imediatamente solicitou a Aouda permissão para vê-la e, sem outro preâmbulo, disse-lhe que Jejeeh já não residia em Hong Kong, mas sim na Holanda.

Aouda nada respondeu naquele momento. Levou a mão à fronte e depois perguntou com a sua voz meiga:

— O que é que o senhor me aconselha, sr. Fogg?

— Uma coisa bem simples: voltar para a Europa.

— Mas eu não devo abusar…

— A senhora jamais abusa, nem a sua presença altera em nada o meu programa. Passepartout!

— Senhor — respondeu este.

— Vá ao *Carnatic* e reserve três camarotes.

Passepartout, encantado de prosseguir a sua viagem na companhia da linda viúva, tão afetuosa com ele, saiu apressadamente para tratar das passagens.

19
Passepartout vivamente se interessa pelo amo

Hong Kong é apenas uma ilhota cuja posse ficou assegurada à Inglaterra pelo tratado de Nanquim, depois da guerra de 1842. Em poucos anos, o gênio colonizador da Grã-Bretanha ali fundou uma cidade importante e criou o porto Vitória. A ilha encontra-se situada na embocadura do rio Cantão e apenas 120 quilômetros a separam da cidade portuguesa de Macau, edificada na outra margem.

Passepartout, com as mãos nos bolsos, dirigiu-se ao porto, contemplando pelo caminho os palanquins, os carrinhos a vela, ainda em uso no Celeste Império, e a multidão de chineses, japoneses e europeus que mal cabiam nas ruas. Com pequena diferença, aquilo era uma reprodução de Bombaim, Calcutá ou Cingapura.

Passepartout chegou ao porto. Ali, na embocadura do Cantão, havia um formigueiro de navios de todas as nacionalidades: ingleses, franceses, americanos, holandeses, barcos de guerra ou de comércio, embarcações japonesas e chinesas, juncos, tancás, e mesmo barcos de flores que formavam outros tantos tabuleiros de jardim sobre a superfície das águas. Passepartout reparou em alguns indígenas vestidos de amarelo, todos eles de idade muito avançada. Tendo entrado em uma barbearia para barbear-se à chinesa, soube pelo barbeiro, que falava inglês, que aqueles velhos tinham pelo menos oitenta anos e que a partir daquela idade tinham o privilégio de usar a cor amarela, que é a cor imperial. Este pormenor pareceu-lhe muito curioso, sem saber por quê. Uma vez barbeado, dirigiu-se para o cais, onde se encontrava ancorado o *Carnatic*, e ali encontrou o policial Fix, que passeava dum lado para o outro, coisa que não o admirou. Fix, porém, denotava no seu rosto viva contrariedade.

“Bem!”, disse para si Passepartout. “Os assuntos andam mal para os sócios do Clube Reformador!”

E aproximou-se de Fix com a sua habitual alegria, sem aparentar ter reparado no ar acabrunhado do seu amigo.

Fix tinha razão para queixar-se do azar que o perseguia. Não tinha ainda chegado a ordem de detenção de Phileas Fogg! Era evidente que a ordem corria atrás dele, e para obtê-la teria que esperar alguns dias naquela cidade. Mas Hong Kong era a última terra inglesa de todo o percurso, e Fogg fugiria definitivamente se não conseguisse aprisioná-lo.

— Ora viva, sr. Fix, decidiu-se a partir conosco para a América? — perguntou Passepartout.

— Sim — respondeu Fix, cerrando os dentes.

— Ainda bem! — exclamou Passepartout, largando ruidosa gargalhada. — Eu bem sabia que o senhor não poderia separar-se de nós. Venha comprar a sua passagem, venha comigo!

E ambos penetraram no escritório dos transportes marítimos, reservando beliches para quatro pessoas. O empregado avisou-os de que, tendo o *Carnatic* reparado as suas avarias, partiria naquela mesma noite, às oito, e não no dia seguinte de manhã, como tinha sido anunciado.

— Perfeitamente — respondeu Passepartout. — Esta notícia vai ser do agrado do meu amo. Vou preveni-lo.

Naquele momento, Fix tomou uma resolução extrema: decidiu contar tudo a Passepartout. Era talvez o único processo de reter Fogg em Hong Kong durante alguns dias. Assim, ao sair dos escritórios, convidou-o a beber numa taberna. Passepartout, como tinha tempo de sobra, aceitou.

No mesmo cais havia uma taberna de aspecto acolhedor. Entraram os dois numa sala grande e bem decorada. No fundo, estendia-se um leito de campanha guarnecido de almofadas, sobre as quais repousavam, alinhados, vários indivíduos a dormir.

Cerca de trinta fregueses aproximadamente ocupavam, no salão, mesinhas de junco trançado. Alguns bebiam grandes copos de cerveja inglesa. Outros, cálices de licores alcoólicos, gim ou conhaque, e a maioria fumava longos cachimbos de barro cozido, cheios de pequenas bolas de ópio, misturadas com essência de roseira. De vez em quando, algum fumador, embriagado, caía sob a mesa, e os

criados, agarrando-o pelos pés e cabeça, transportavam-no até o leito, onde o deitavam junto de outro colega. Já havia lá cerca de vinte ébrios, no último grau de embrutecimento.

Fix e Passepartout compreenderam que tinham penetrado numa fumaria frequentada por infelizes viciados, magros, idiotas, aos quais a especuladora Inglaterra vende anualmente 260 milhões de francos dessa droga funesta chamada ópio. Tristes milhões aqueles, ganhos com um dos mais perniciosos vícios da natureza humana!

Debalde tem o governo chinês tratado de remediar semelhante abuso mediante leis severas. Da classe rica, à qual o uso do ópio estava reservado, o seu uso desceu até às classes inferiores e, então, nunca mais se pôde pôr cobro às suas devastações. Fuma-se ópio em todas as partes, entregando-se a este vício deplorável homens e mulheres que, depois de se viciarem nas suas inalações, já não podem prescindir delas, porque experimentam horríveis contrações no estômago. Um bom fumador pode consumir até oito cachimbos por dia, mas morre ao termo de cinco anos.

Era, como dissemos, uma das muitas fumarias de ópio que abundam em Hong Kong onde Fix e Passepartout tinham entrado com intenção de beber alguma coisa. O segundo não levava dinheiro, mas aceitou agradecido a fineza do amigo, disposto a corresponder à mesma em ocasião e lugar oportunos.

Pediram duas garrafas de vinho do porto, às quais o francês fez as devidas honras, enquanto o primeiro, mais reservado, observava-o com a maior atenção. Falaram de coisas diversas e, sobretudo, da ideia excelente que tinha tido o detetive de ter adquirido passagem no *Carnatic*. E a propósito do vapor, cuja partida tinha sido antecipada em algumas horas, Passepartout, como as garrafas estavam vazias, levantou-se a fim de prevenir o seu amo.

Fix deteve-o.

— Um momento — disse-lhe.

— Que quer, sr. Fix?

— Tenho de falar-lhe de coisas muito sérias.

— De coisas muito sérias! — exclamou Passepartout, acabando de beber as gotas que estavam no fundo do seu copo. — Bem, amanhã falaremos. Hoje não tenho tempo.

— Fique — redarguiu o policial. — Tratava-se do seu amo.

Passepartout, ao ouvir estas palavras, olhou fixamente para o seu interlocutor e, vislumbrando qualquer coisa de esquisito na expressão do rosto dele, sentou-se de novo.

— O que tem a dizer-me? — perguntou.

Fix apoiou a mão no braço do companheiro e, descendo a voz, perguntou-lhe por sua vez:

— O senhor adivinhou quem eu sou?

— Pudera! — exclamou Passepartout, sorrindo.

— Então vou contar-lhe tudo…

— Bem, isso não tem graça nenhuma, meu caro! Agora que já sei! Enfim, comece. Mas antes permita-me que lhe diga que aqueles senhores gastam dinheiro inutilmente.

— Inutilmente? — disse Fix. — O senhor fala sem saber o que diz. Vê-se que não conhece a quantia de que se trata!

— Não conheço? — replicou Passepartout. — Pois claro que conheço! Vinte mil libras!

— Cinquenta e cinco mil! — retorquiu Fix, apertando a mão do francês.

— Como! — exclamou Passepartout. — Será possível que o sr. Fogg tenha sido tão ousado?… Cinquenta e cinco mil libras!… Pois bem! Razão de sobra para não perder nem um momento — acrescentou, dispondo-se a partir.

— Cinquenta e cinco mil libras! — repetiu Fix, obrigando Passepartout a sentar-se de novo, depois de ter pedido uma garrafa de conhaque. — Se triunfar na minha empresa, ganharei duas mil libras. Quer quinhentas com a condição de ajudar-me?

— Ajudá-lo?! — exclamou Passepartout, abrindo os olhos desmesuradamente.

— Sim! Ajudar-me a reter o sr. Fogg durante vários dias em Hong Kong!

— O quê? Que quer o senhor dizer? Então os tais senhores, não contentes de espionar o meu amo e suspeitar da sua lealdade, tratam ainda de levantar-lhe obstáculos! Envergonho-me deles!

— Mas o que está o senhor a dizer? — inquiriu Fix.

— Digo e mantenho: é um procedimento muito incorreto. Seria o mesmo que tirar o dinheiro da algibeira do sr. Fogg.

— É disso precisamente que se trata!

— Mas isso é um estratagema indigno! — exclamou Passepartout, animando-se pelo efeito do conhaque que o detetive lhe servia generosamente e ele bebia sem perceber. — Verdadeira armadilha! Que cavalheiros, que colegas!

Fix começava a não compreender nada.

— Valentes colegas! — continuou Passepartout. — Parece mentira que sejam sócios do Clube Reformador! Pois fique sabendo, sr. Fix, que o meu amo é um homem honrado e que, quando faz uma aposta, trata de ganhá-la lealmente.

— Mas que julga que eu seja? — perguntou Fix, olhando fixamente Passepartout.

— Por quem hei de tomá-lo? Por um agente dos sócios do Clube Reformador que tem por missão controlar o itinerário do meu amo, o que é muito humilhante. Contudo, embora há tempo tenha adivinhado a sua missão, abstive-me de comunicá-la ao sr. Fogg.

— Não sabe nada? — perguntou vivamente Fix.

— Nada — respondeu Passepartout, despejando mais uma vez o seu copo.

O detetive passou a mão pela testa, hesitando antes de continuar a falar. Que faria? O erro de Passepartout parecia sincero, mas tornava mais difícil o seu projeto. Era evidente que o rapaz falava com extrema boa-fé e que não era cúmplice do seu amo, como Fix tinha receado.

“Pois bem”, pensou, “visto que não é seu cúmplice, que não participou no caso, ajudar-me-á.”

Fix firmou-se na sua resolução anterior. Por outro lado, não havia tempo a perder. Era preciso reter Fogg, a todo custo, em Hong Kong.

— Escute — começou o policial, abruptamente — e repare bem. Eu não sou o que o senhor supõe, isto é, um agente dos sócios do Clube Reformador.

— Ora! — cortou Passepartout, olhando-o com ar malicioso.

— Sou detetive, encarregado de missão pela Polícia Metropolitana…

— O senhor… detetive!

— Sim, e eis aqui a minha credencial.

E Fix, tirando do bolso sua carteira funcional, mostrou-a ao seu interlocutor. Passepartout, atônito, contemplava Fix, sem poder pronunciar palavra.

— A aposta do sr. Fogg — continuou o policial — não foi mais que um pretexto, com o qual enganou o senhor e os seus consócios do Clube Reformador, porque tinha interesse em assegurar a sua cumplicidade.

— Mas por que motivo?

— Ouça. No dia 28 de setembro último, foi cometido no Banco da Inglaterra um roubo de 55 mil libras esterlinas por um indivíduo cujos sinais puderam ser obtidos. Pois bem, a sua fisionomia coincide, traço por traço, com a do sr. Fogg.

— Deixe-se disso! — gritou Passepartout, descarregando sobre a mesa o seu robusto punho. — O meu amo é o homem mais honrado do mundo!

— Como sabe isso, se nem sequer o conhece? O senhor entrou para o seu serviço no próprio dia em que ele partiu de Londres precipitadamente, alegando pretexto insensato, sem malas e com uma grande quantidade de notas de banco… Como se atreve o senhor a afirmar que é homem honrado?

— Sim! Sim! — repetia, maquinalmente, o pobre rapaz.

— Quer o senhor ser detido como seu cúmplice?

Passepartout apertou a cabeça entre as mãos. Não parecia o mesmo. Nem sequer se atrevia a olhar para o policial. Phileas Fogg, o salvador de Aouda, o homem generoso e valente, um ladrão! E, contudo, todas as suspeitas estavam contra ele! Passepartout procurou repelir as desconfianças que invadiam o seu cérebro, pois de modo algum queria considerar a culpabilidade do amo.

— Enfim, que quer o senhor de mim? — perguntou a Fix, fazendo grande esforço para conter-se.

— O seguinte — respondeu Fix. — Segui Fogg até aqui, mas ainda não recebi a ordem de prisão que pedi a Londres. É preciso que me ajude a retê-lo em Hong Kong…

— Eu! Ajudá-lo a… ?

— E repartirei com o senhor a gratificação de duas mil libras oferecida pelo Banco da Inglaterra.

— Nunca! — recusou Passepartout, que quis levantar-se e voltou a cair sobre a cadeira.

A razão e as forças fugiam-lhe ao mesmo tempo. E, sem alento, continuou balbuciando:

— Sr. Fix, ainda que fosse verdade tudo quanto o senhor diz… ainda que o meu amo fosse o ladrão que o senhor procura… o que eu nego… eu estou ao seu serviço… tenho verificado a sua generosidade e sua bondade… e… traí-lo, nunca, não, nem por todo o ouro do mundo…

— O senhor recusa?

— Absolutamente.

— Então, façamos de conta que eu não disse nada e bebamos — disse Fix.

— Está bem, bebamos.

Passepartout sentia-se pouco a pouco invadido pela embriaguez. Fix, compreendendo a imprescindível necessidade de separá-lo do seu amo, jogou tudo por tudo. Havia sobre a mesa alguns cachimbos carregados de ópio. Fix pôs um nas mãos de Passepartout, que o levou aos lábios, acendeu-o, aspirou algumas fumaças e caiu para o lado, atordoado sob a influência do narcótico.

— Enfim — disse Fix ao ver Passepartout naquele estado —, o tal Fogg não receberá a tempo o aviso da partida do *Carnatic* e, se partir, ao menos fá-lo-á sem este maldito francês.

E saiu da taberna depois de pagar a despesa.

20
Fix entra em contato com Phileas Fogg

Enquanto decorria a conversa entre Fix e Passepartout, que relatamos no capítulo anterior, e que tão gravemente podia comprometer o futuro de Fogg, este, acompanhado de Aouda, passeava pelas ruas da cidade inglesa. Desde que a jovem aceitara o oferecimento de Fogg de levá-la para a Europa, tinha de pensar em todos os pormenores requeridos por tão longa viagem. Admite-se que um inglês como ele possa dar a volta ao mundo de maleta de mão. Mas uma dama não podia empreender semelhante viagem naquelas condições. Daí a necessidade de comprar os vestidos e os objetos indispensáveis para a viagem. Fogg realizou a tarefa com a calma que o caracterizava e a todas as observações e escusas da jovem viúva, confusa por tanta gentileza, respondia invariavelmente:

— Faço-o no interesse da minha viagem. Está incluído no meu programa.

Feitas as compras, Fogg e a jovem regressaram ao hotel e jantaram à mesa redonda, suntuosamente servida. Terminado o jantar, Aouda, um pouco fatigada, subiu para o seu quarto depois de apertar a mão do seu imperturbável salvador.

O respeitável senhor passou toda a noite a ler jornais londrinos.

Se fosse suscetível de admirar-se de alguma coisa, ter-lhe-ia chamado a atenção o fato de não ver aparecer o seu criado à hora de deitar. Porém, sabendo que o navio para Yokohama não partia de Hong Kong antes da manhã seguinte, não se preocupou com isso. Mas pela manhã Passepartout não respondeu à chamada do seu amo.

Ninguém poderia dizer o que pensou o exatíssimo cavalheiro ao saber que o seu criado não tinha regressado ao hotel. Limitou-se a pegar sua maleta, mandou prevenir Aouda e pediu um palanquim.

Eram oito horas e a maré que o *Carnatic* devia aproveitar para vencer os escolhos do porto estava prevista para as nove e meia.

Quando o palanquim chegou à porta do hotel, Fogg e Aouda subiram para o cômodo veículo e as bagagens seguiram atrás, num carrinho de mão.

Meia hora depois, os viajantes desciam no cais de embarque, e Fogg foi informado de que o *Carnatic* havia saído na véspera.

O fleumático personagem, que esperava encontrar ao mesmo tempo o navio e o seu criado, teve que passar sem um e sem o outro. Todavia, o seu rosto não revelou a menor contrariedade, e como Aouda o olhasse cem certa inquietação limitou-se a dizer:

— É apenas um incidente, senhora. Não há por que preocupar-se.

Naquele instante, um personagem que o observava detidamente aproximou-se dele. Era o detetive Fix, que, depois de cumprimentá-lo, perguntou a Fogg:

— O senhor não é, tal como eu, um dos passageiros do *Rangoon*, chegado ontem?

— Sim, senhor — respondeu friamente Fogg. — Mas não tenho o prazer…

— Perdoe-me, senhor, mas pensei encontrar aqui o seu criado…

— Sabe o senhor onde ele está? — inquiriu vivamente, interrompendo, a jovem viúva.

— Como! — respondeu Fix. — Não está com os senhores?

— Não — respondeu Aouda. — Desde ontem que não o vemos. Terá embarcado sem nós a bordo do *Carnatic*?

— Sem os senhores?… — retorquiu o inspetor. — Mas, desculpem a indiscrição, os senhores pensavam partir no navio?

— Sim, senhor.

— Eu também, senhora. Calcule como estou contrariado! O *Carnatic* terminou as suas reparações e levantou ferro doze horas antes, sem avisar ninguém. Teremos de aguardar oito dias pela próxima saída.

Ao pronunciar as palavras *oito dias*, Fix sentiu que o seu coração se enchia de felicidade. Oito dias! Fogg detido oito dias em Hong Kong! Havia tempo suficiente para receber a ordem de detenção. Por fim, a sorte inclinava-se para o representante da lei.

Imagine-se a decepção que recebeu ao ouvir o que Phileas Fogg dizia, com a sua voz repousada e fria:

— Mas é de supor que haverá outros navios no porto de Hong Kong.

E, oferecendo o braço a Aouda, dirigiu-se para as docas, à procura de um navio que partisse para o Japão.

Fix seguiu-os, desconcertado. Parecia que um fio invisível o unia àquele homem.

Não obstante, a sorte parecia abandonar por completo quem tinha protegido com tanta constância até então. Phileas Fogg, durante três horas, percorreu o porto em todos os sentidos, resolvido, se tal fosse necessário, a fretar uma embarcação que o levasse a Yokohama. Não viu mais que navios a carregar ou a descarregar e que, portanto, não podiam zarpar. Fix sentiu renascer as suas esperanças.

Fogg, porém, sem desanimar, dispunha-se a prosseguir nas suas investigações, ainda que para isso tivesse que ir até Macau, quando um marinheiro aproximou-se deles e, respeitosamente, perguntou:

— Os senhores desejam um barco?

— Há algum pronto para partir? — perguntou por sua vez Fogg.

— Sim, senhor. O barco-piloto número 43, o melhor da frota.

— Navega bem?

— Entre oito e nove milhas, aproximadamente. Quer o senhor vê-lo?

— Sim.

— O senhor ficará satisfeito. Trata-se de passeio pelo mar?

— Não, de viagem.

— Viagem?

— Comprometer-se-ia o senhor a levar-me a Yokohama?

O marinheiro, ao ouvir esta proposta, deixou cair os braços e olhou, estupefato, o seu interlocutor.

— O senhor está brincando, certamente.

— Não! Perdi o *Carnatic* e preciso estar no dia 14, o mais tardar, em Yokohama, a fim de tomar o vapor de San Francisco.

— Sinto muito — respondeu o marinheiro. — Mas é absolutamente impossível.

— Ofereço-lhe cem libras diárias e gratificação de duzentas se chegarmos a tempo.

— É sério? — perguntou o piloto.

— Absolutamente.

O piloto afastou-se alguns passos e olhou o mar, lutando, evidentemente, entre o desejo de ganhar a elevada quantia e o temor de aventurar-se tão longe. Fix sofria mortais angústias.

Entretanto, Fogg voltou-se para Aouda e perguntou-lhe:

— Tem medo, senhora?

O piloto aproximou-se novamente do cavalheiro, dando voltas ao chapéu que tinha entre as mãos.

— Está decidido? — perguntou-lhe Phileas Fogg.

— Francamente, não, senhor — respondeu o piloto. — Não posso arriscar os meus homens nem o senhor em travessia tão longa, em barco que somente desloca vinte escassas toneladas, nesta época do ano. Por outro lado, não chegaríamos a tempo, pois de Hong Kong a Yokohama vão 1.650 milhas.

— Só 1.600 — retificou Fogg.

— É o mesmo.

Fix respirou fundo.

— Porém — acrescentou o piloto —, talvez haja outra forma de arranjar o assunto.

Fix deixou de respirar.

— Qual? — inquiriu Fogg.

— Indo a Nagasaki, na ponta meridional do Japão, que dista 1.770 quilômetros, ou então a Xangai, a 1.300 quilômetros de Hong Kong. Neste último trajeto bordeja-se a costa chinesa, o que constituiria grande vantagem, tanto mais que as correntes vão para o norte.

— Mas, repare — objetou Fogg —, é em Yokohama que devo tomar o navio americano e não em Xangai ou em Nagasaki.

— Por que não? — respondeu o piloto. — O vapor de San Francisco não sai de Yokohama, mas sim faz ali escala, tal como em Nagasaki, sendo Xangai o seu ponto de partida.

— Tem certeza disso?

— Absoluta.

— E quando parte o vapor de Xangai?

— No dia 11, às sete da noite. Temos, por conseguinte, quatro dias à nossa disposição. Quatro dias são 96 horas. Com a média de 13 quilômetros por hora,

se tivermos a sorte de que o vento sopre do sudeste e o mar seja bonançoso, podemos vencer os 1.300 quilômetros que nos separam de Xangai.

— E quando poderia o senhor partir?

— Dentro de uma hora. O tempo necessário para embarcar mantimentos e preparar o barco.

— Está combinado. O senhor é o dono do barco?

— Às suas ordens. John Bunsby, patrão da *Toncadera*.

— Quer alguma coisa de sinal?

— Se isso não ofende o senhor…

— Aqui tem duzentas libras por conta… Cavalheiro — acrescentou Fogg, voltando-se para Fix —, se quer aproveitar…

— Ia permitir-me pedir ao senhor esse favor — respondeu decididamente Fix.

— Pois bem, dentro de meia hora estaremos a bordo.

— Mas o pobre rapaz… — disse Aouda, a quem a desaparição de Passepartout muito preocupava.

— Vou fazer por ele o que for possível — respondeu Fogg.

E enquanto Fix, nervoso, febril e desesperado, se dirigia para o barco, Fogg e Aouda foram à repartição da polícia de Hong Kong. Ali, Phileas Fogg deu os sinais de Passepartout e deixou quantia suficiente para que o repatriassem. Fez o mesmo no consulado francês e, depois de passar pelo hotel, onde recolheram a bagagem, o palanquim deixou os viajantes no porto.

Era a *Tancadera* bonito iate de vinte toneladas, de esbelta proa, de corte airoso e cuja linha de flutuação era muito prolongada. Suas cores brilhantes, as ferragens galvanizadas, a ponte branca como o marfim indicavam que o seu patrão, John Bunsby, tinha grande empenho em mantê-la em estado impecável. Os seus dois mastros inclinavam-se um pouco para a proa. Tinha a vela carangueja, a tranquete, a vela grande, a de estai, a bujarrona e os gafe topes, e podia improvisar mais uma vela para o vento de popa. Devia navegar maravilhosamente e de fato havia ganho vários prêmios nas competições de barcos-pilotos.

A tripulação da *Tancadera* era composta de Bunsby e de quatro homens. Eram marinheiros intrépidos e experimentados, que estavam acostumados a salvar navios e conheciam perfeitamente aqueles mares. John Bunsby, homem de

45 anos, vigoroso, com olhar vivo e fisionomia enérgica, bem aprumado e muito entendido na sua profissão, teria inspirado confiança aos mais tímidos.

Phileas Fogg e Aouda subiram para bordo, onde já se encontrava Fix. Pela escotilha de popa descia-se a uma câmara quadrada, cujos tabiques se desdobravam sobre um divã de forma circular. No centro, via-se uma mesa iluminada por candeeiro à prova de choque. O recinto era pequeno, mas muito asseado.

— Sinto não poder oferecer-lhe coisa melhor — disse Fogg a Fix, que se inclinou sem responder.

O detetive sentia certa humilhação ao ter que aceitar os favores que Phileas Fogg lhe dispensava.

“Certamente”, pensou, “é um tratante muito delicado, mas tratante, no fim de contas!”

Às 15h10 foram içadas as velas. A bandeira da Inglaterra flutuou no topo da carangueja da embarcação. Os passageiros tomaram assento na tolda. Fogg e Aouda olharam pela última vez o cais para ver se Passepartout aparecia.

Fix não deixava de ter os seus receios, pois o azar poderia ter conduzido para aquele mesmo lugar o desventurado rapaz, que tinha tratado de modo tão indigno. Então, haveria explicações, das quais o policial não se sairia muito bem. Mas o francês não apareceu, porque certamente ainda se encontrava sob os efeitos do embrutecedor narcótico, o ópio que fumara instigado por Fix.

Finalmente, John Bunsby fez-se ao largo e a *Tancadera*, apanhando o vento nas suas velas, partiu logo, saltando sobre as ondas.

21
A *Tancadera*

Realmente era uma expedição aventurosa aquela navegação de 1.300 quilômetros numa embarcação de vinte toneladas, sobretudo naquela época do ano. Os mares da China são, geralmente, maus e expostos a terríveis furacões, principalmente durante os equinócios, e, precisamente, corriam então os primeiros dias de novembro. Portanto, teria sido mais vantajoso para o piloto conduzir os seus passageiros a Yokohama, visto que era pago a tanto por dia. Mas teria sido muito grande a sua imprudência se tivesse empreendido semelhante travessia em condições tão desvantajosas. Ir até Xangai já se podia considerar ato de audácia, senão de temeridade. Porém o patrão tinha confiança na *Tancadera*, que se mantinha sobre as vagas como pena, e talvez não deixasse de ter razão.

Durante as últimas horas daquele dia, a embarcação navegou por entre os escolhos caprichosos de Hong Kong e em todas as suas manobras, e quase com vento em popa, marchou admiravelmente.

— Considero inútil — disse Fogg para o piloto no momento em que o barco chegava ao mar aberto — recomendar-lhe toda a diligência possível.

— Não se preocupe — respondeu Bunsby. — Levamos todo o pano que o vento permite, pois os mastaréus só serviriam para prejudicar a marcha do navio.

— É o seu ofício e não o meu. Confio no senhor.

E Phileas Fogg, depois de ter dito isto, com as pernas abertas e aprumado como marinheiro, contemplou, impassível, a agitada superfície do mar. A jovem viúva, sentada à popa, sentia-se emocionada ao contemplar o oceano já escurecido pelo crepúsculo, cuja fúria ela enfrentava em frágil embarcação. Sobre sua cabeça desdobravam-se as brancas velas, que se agitavam no espaço

como asas gigantescas. O pequeno barco, impelido pelo vento, parecia voar, sulcando o ar.

A noite chegou. A lua encontrava-se no primeiro quadrante e sua frouxa luz não tardaria em desaparecer entre as trevas do horizonte. As nuvens, procedentes do oriente, invadiam já parte do céu.

O mestre colocou os faróis de navegação, cuidado indispensável naqueles mares muito frequentados, principalmente próximo de terra. As colisões não eram raras e, com a velocidade que levava, a pequena embarcação ter-se-ia despedaçado ao menor choque.

Na proa, Fix meditava. Mantinha-se afastado, sabendo que Fogg era pouco falador. Além disto, repugnava-lhe falar àquele homem, cujos favores aceitara. Tinha quase a certeza de que Fogg não se deteria em Yokohama, mas embarcaria imediatamente para San Francisco, com o objetivo de atingir a América, cuja vasta extensão lhe assegurava a impunidade para o seu delito. O plano de Fogg parecia-lhe muito simples.

Em vez de ter embarcado na Inglaterra diretamente para os Estados Unidos, como faria qualquer delinquente vulgar, Fogg tinha dado grande volta e atravessado três quartas partes da Terra, com o fim de alcançar com mais segurança o continente americano, onde, tranquilamente, gastaria o dinheiro do banco, depois de haver despistado a polícia. Mas, uma vez nos Estados Unidos, que faria Fix? Abandonaria a sua missão? Não, cem vezes não! Enquanto não conseguisse a extradição daquele homem, não o perderia de vista. Era o seu dever e cumpri-lo-ia até ao fim. Em todo caso, dera-se uma circunstância feliz. Passepartout já não se encontrava com o seu amo e, sobretudo depois das confidências de Fix, era importante que amo e criado não se tornassem a ver.

Phileas Fogg também não deixava de pensar no seu criado, que desaparecera de modo tão estranho. Depois de muito refletir, não lhe parecia impossível que, em virtude de equívoco, o pobre rapaz tivesse embarcado no *Carnatic* à última hora. Esta era também a opinião de Aouda, que muito lamentava o desaparecimento daquele fiel servidor, a quem tanto devia. Podia, pois, acontecer que se encontrassem em Yokohama e ali tudo se esclareceria.

À meia-noite, Fogg e Aouda desceram ao camarote. Fix precedera-os e repousava no seu beliche. Quanto ao patrão, permaneceu toda a noite na coberta com o seu pessoal.

No dia seguinte, 8 de novembro, ao nascer o sol, o barco havia navegado mais de cem milhas. Os frequentes cálculos indicavam que a média da velocidade era de oito a nove milhas. A *Tancadera*, a todo pano, atingia a máxima velocidade. Se o vento continuasse nas mesmas condições, Bunsby triunfaria na sua empresa.

Durante todo o dia, a *Tancadera* não se afastou sensivelmente da costa, cujas correntes lhe eram favoráveis. Navegava, quando muito, a oito quilômetros a bombordo, e a costa, de perfil irregular, aparecia às vezes aos olhos dos navegantes. O vento soprava da terra e o mar estava menos agitado, circunstância favorável ao barco porque as embarcações de pequena tonelagem sofrem muito com a vaga, que lhes diminui a velocidade; as mata, segundo a expressão marítima.

Pelo meio-dia, a brisa amainou um pouco e rondou para sudeste. O patrão mandou soltar as velas dos mastaréus, mas ao fim de duas horas foi preciso colhê-las porque o vento voltou a aumentar.

Fogg e a jovem, que felizmente não enjoavam, comeram com apetite as conservas e a bolacha de bordo. Fix foi convidado a participar daquela refeição e, embora contra a vontade, teve de aceitar, pois bem sabia que é tão necessário meter lastro no estômago como nos navios. Aquilo não lhe agradava muito! Ter que viajar à custa daquele homem, alimentar-se com os seus próprios mantimentos era muito pouco leal! Não obstante, comeu. Pouco, é verdade, mas comeu.

Contudo, terminada a refeição, julgou ser seu dever chamar Fogg à parte e disse-lhe:

— Estou muito grato pela sua atenção em oferecer-me passagem a bordo, mas, embora os meus recursos não me permitam gastar tão generosamente como o senhor, quero pagar a minha parte…

— Não falemos disso, cavalheiro — respondeu Phileas Fogg.

— Mas eu tenho empenho em…

— Não insista, senhor — repetiu Fogg em tom que não admitiria réplica. — Isso entra na verba das despesas gerais.

Fix inclinou-se. Sufocava. Foi deitar-se à proa e não pronunciou mais palavra em todo o dia.

Entretanto, avançava-se velozmente. John Bunsby tinha esperança e disse a Fogg que chegaria a tempo a Xangai. Fogg respondeu simplesmente que assim o esperava. Toda a tripulação era diligente, pois a recompensa prometida estimulava aqueles bravos marinheiros. Não havia, pois, escota que não estivesse bem esticada, nem vela que não se encontrasse bem içada, nem podia imputar-se ao timoneiro a menor guinada.

Pela tarde, tinham-se percorrido 220 milhas, e Fogg confiava que, ao chegar a Yokohama, não teria que anotar nenhum atraso no seu programa. Assim, o primeiro contratempo sério que tivera desde que saíra de Londres não teria consequências fatais.

De madrugada, a *Tancadera* entrava no estreito de Fo-Kien, que separa a grande ilha Formosa da costa chinesa e atravessa o trópico de Câncer. No estreito o mar é muito agitado, cheio de redemoinhos formados pelas correntes contrárias. O barco avançava com dificuldade, pois as vagas cortavam a sua marcha, sendo difícil que alguém se pusesse de pé sobre a coberta.

Ao amanhecer, o vento aumentou, o céu anunciava tempestade e o barômetro indicava próxima mudança nas condições atmosféricas. As suas alterações durante o dia eram irregulares e o mercúrio oscilava caprichosamente. Para sudeste o mar agitava-se, pressagiando tempestade. Na véspera, o sol tinha-se posto entre nevoeiro avermelhado, que arrancava cintilações fosforescentes ao acaso.

O patrão examinou durante muito tempo o aspecto do céu e murmurou entredentes algumas palavras ininteligíveis. Depois, em dado momento, foi até junto de Fogg, a quem disse que se aproximava um vendaval.

— Do norte ou do sul? — perguntou-lhe Fogg.

— Do sul. Veja, senhor. Prepara-se um tufão.

— Pois que venha o tufão do sul, visto que nos levará para onde nos convém.

— Se encara as coisas desse modo, nada tenho a dizer.

Os pressentimentos de John Bunsby realizaram-se. Numa época menos avançada do ano, o tufão, segundo famoso meteorologista, ter-se-ia desfeito como cascata luminosa de faíscas elétricas, mas no equinócio do inverno era de recear que se desencadeasse com violência.

Todavia, o patrão havia tomado todas as precauções. Arriou o velame da embarcação e mandou retirar as vergas sobre a coberta. As portinholas foram

fechadas cuidadosamente. Nem uma gota podia penetrar no casco da embarcação. Apenas içou uma vela de proa, tratou de dar a popa ao vento e aguardou os acontecimentos.

Bunsby pediu aos seus passageiros que descessem à câmara. Mas, num espaço tão reduzido, quase privado de ar e com as sacudidelas produzidas pela vaga, aquela prisão era pouco agradável. Assim, Fogg, Aouda e até o próprio Fix não quiseram abandonar a tolda.

Durante todo o dia, a embarcação navegou para o norte, arrastada por vagas gigantescas, que mantinham, felizmente, a mesma velocidade. Vinte vezes esteve prestes a ser submergida por uma daquelas montanhas de água que se elevavam à popa, mas a catástrofe era evitada mercê de hábil manobra do timoneiro. Os passageiros ficavam às vezes completamente encharcados pelas ondas, fato que eles suportavam filosoficamente. Sem dúvida, Fix resmungava, mas a intrépida Aouda, com os olhos fixos no seu companheiro, cujo sangue-frio admirava, mostrava-se digna dele e, a seu lado, enfrentava, estoicamente, a tormenta. Quanto a Fogg, parecia que aquele tufão fazia parte de seu programa.

Até então, a *Tancadera* tinha-se dirigido sempre para o norte, mas pela tarde, como era de temer, o vento rodou três quartos, começando a soprar de noroeste. A embarcação, oferecendo os flancos às ondas, foi espantosamente sacudida. O mar batia com violência capaz de atemorizar quem desconhece a solidez com que estão ligadas entre si as diferentes partes de um barco.

Com a noite, a tempestade aumentou ainda mais. O patrão começou a sentir viva inquietação, aumentada pela escuridão. Perguntou a si mesmo se não seria oportuno procurar refúgio e, neste sentido, consultou a tripulação. Depois aproximou-se de Fogg, e disse-lhe:

— Creio, senhor, que seria conveniente aproarmos a qualquer porto…

— Eu também penso o mesmo — respondeu Fogg.

— Ah! — exclamou o patrão. — Mas qual?

— Só conheço um — respondeu tranquilamente Phileas Fogg.

— Qual é?

— Xangai.

O patrão permaneceu alguns momentos em silêncio, sem compreender o significado daquela resposta e o que encerrava de obstinação e tenacidade. Depois exclamou:

— Pois bem, o senhor tem razão. Para Xangai!

E, colocada em rumo norte, a pequena embarcação manteve invariavelmente esta direção.

Terrível noite! Só por milagre não naufragaram. Por duas vezes tal perigo esteve à vista. Aouda estava meio morta pela fadiga, mas não proferiu a mínima queixa. Por mais de uma vez, Fogg teve que precipitar-se sobre ela para protegê-la da violência das ondas.

Ao amanhecer, a tempestade continuava com extraordinário furor, mas o vento virou para sudeste. Era mudança favorável e a *Tancadera* abriu novamente caminho naquele mar agitado, cujas ondas embatiam contra as produzidas pela nova direção do vento. Deste choque nasciam vagas contrárias, que teriam desfeito qualquer embarcação menos sólida.

De vez em quando, divisava-se a costa entre os claros do nevoeiro, mas não se via um só navio. A *Tancadera* era a única embarcação que se encontrava no mar, lutando com os elementos.

Ao meio-dia, notaram-se alguns sintomas de bonança, que, com a descida do sol no horizonte, se tornaram mais acentuados.

A pouca duração da tempestade deveu-se à sua própria violência. Os passageiros, completamente fatigados, puderam comer alguma coisa e ter breve repouso.

A noite foi relativamente sossegada. O patrão largou outra vez as velas nos primeiros rizes e a embarcação adquiriu velocidade considerável. Ao amanhecer do dia 11, Bunsby, depois de fazer o reconhecimento da costa, assegurou que Xangai se encontrava a menos de cem milhas.

Fogg tinha apenas um dia para percorrer aquelas cem milhas! Devia chegar naquela mesma tarde a Xangai, se não quisesse perder a saída do navio para Yokohama. Não fosse a tempestade, que o fez perder várias horas, encontrar-se-ia naquele momento a menos de cinquenta quilômetros do porto.

O vento amainava pouco a pouco e o mar também foi-se acalmando. O barco soltou todas as velas. Gafetopes, velas de estai e bujarrona, atuando conjuntamente, impulsionavam-no, e o mar espumava sob a quilha.

Ao meio-dia, a *Tancadera* estava apenas a 65 quilômetros de Xangai. Faltavam ainda seis horas para chegar ao porto, antes da partida do navio para Yokohama.

Os temores dos passageiros aumentaram. Queriam chegar a todo custo. Todos, exceto Phileas Fogg, sentiam pulsar o coração de impaciência. Era indispensável que a embarcação mantivesse média de nove milhas, mas o vento continuava a amainar. Era agora brisa irregular, que procedia da terra, em lufadas caprichosas, e que mal ondulava a superfície das águas.

Todavia, a embarcação era leve, e as suas velas altas, de fino tecido, recolhiam tão bem o caprichoso vento que, com a ajuda da corrente, às seis da tarde, o patrão calculava que já não faltavam mais de 16 quilômetros até a foz do Xangai, pois a cidade propriamente dita encontra-se situada a vinte quilômetros da embocadura.

Às sete horas ainda se encontravam a cinco quilômetros de Xangai. Formidável praga escapou-se dos lábios do patrão: a gratificação de duzentas libras escapava-lhe das mãos. Olhou para Fogg. Este permanecia impassível, apesar de naquele momento jogar toda a sua fortuna…

Naquele mesmo instante apareceu à superfície da água grande cilindro negro, coroado por penacho de fumo. Era o navio americano que saía à hora regulamentar.

— Maldição! — gritou John Bunsby, que repeliu o leme com violência.

— Sinais! — disse simplesmente Phileas Fogg.

Na proa da *Tancadera* havia pequeno canhão de bronze, que era utilizado para fazer sinais em tempo de nevoeiro. O canhão foi carregado até a boca, mas, no instante em que o patrão ia aplicar a mecha, Fogg gritou:

— Bandeira a meia haste!

A bandeira foi arriada a meio mastro, como sinal de pedido de auxílio. Aguardava-se que o navio americano, ao vê-la, modificasse o seu rumo, dirigindo-se para a *Tancadera*.

— Fogo! — exclamou Fogg.

E a detonação do pequeno canhão rasgou os ares.

22
As aventuras de Passepartout

O *Carnatic* saiu de Hong Kong às 18h30 do dia 7 de novembro e dirigiu-se a todo vapor para o Japão.

Ia abarrotado de carga e passageiros. Somente duas cabinas de popa estavam desocupadas, as quais tinham sido reservadas por conta de Phileas Fogg.

Na manhã seguinte, os tripulantes observaram, surpreendidos, a presença de um passageiro que, com olhar vago, passo vacilante e cabelo em desalinho, saiu pela escotilha da segunda classe e foi sentar-se, titubeando, sobre uma peça de reserva. O passageiro era Passepartout. Eis o que tinha sucedido:

Momentos depois da saída de Fix da taberna, dois criados pegaram Passepartout profundamente adormecido e o deitaram no leito reservado aos fumadores. Mas, três horas mais tarde, o rapaz, perseguido até em sonhos por ideia fixa, acordou e começou a lutar contra a ação soporífera do narcótico. A ideia de que não tinha cumprido o seu dever sacudiu-lhe o torpor. Saltou do leito cheio de bêbados e, apoiando-se nas paredes, caindo e levantando-se, mas sempre impelido por uma espécie de instinto, saiu da taberna, gritando como se sonhasse:

— O *Carnatic*! O *Carnatic*!

O navio estava já sob pressão e pronto para partir. Passepartout não tinha que dar mais que alguns passos. Lançou-se sobre a prancha, atravessou a amurada e caiu inanimado na proa, no momento em que o *Carnatic* largava as suas amarras.

Vários marinheiros, habituados a estas cenas, conduziram o maltratado rapaz a um camarote de segunda classe, no qual só acordou na manhã seguinte, a 240 quilômetros das terras da China. Eis por que, naquela manhã, Passepartout se encontrava na tolda do *Carnatic* aspirando sofregamente a fresca brisa do mar,

que o acalmou. Começou a coordenar as ideias, coisa que conseguiu com certa dificuldade. Mas por fim recordou o que lhe tinha acontecido na véspera, as confidências do detetive, a taberna e outros fatos.

“Não há dúvida”, disse para si, “de que fui embriagado! Caí na armadilha! Que dirá o sr. Fogg? De qualquer modo, não perdi o barco, que é o principal.”

Depois, lembrando-se de Fix, disse:

“Quanto a esse tipo, espero que estejamos livres dele e que, depois do que me propôs, não se terá atrevido a seguir-nos no *Carnatic*. Um detetive seguindo o meu amo, acusado do roubo cometido no Banco da Inglaterra! Diabo! Tão ladrão é o sr. Fogg como eu!”

Agora, devia contar tudo a seu amo? Seria conveniente que lhe dissesse o papel que Fix representava naquele assunto? Não seria melhor aguardar o regresso a Londres para, então, informá-lo de que um detetive da polícia londrina o havia seguido à volta do mundo e poder rir-se com tudo aquilo? Em todo caso, tinha tempo para decidir sobre aquela questão. O mais urgente era encontrar o sr. Phileas Fogg e apresentar-lhe as suas desculpas pelo seu inqualificável procedimento. Passepartout levantou-se. O mar estava agitado e o navio balouçava fortemente. O rapaz, ainda com as pernas fracas, atingiu com dificuldade a popa do barco. Não viu ninguém sobre a tolda que se parecesse com o seu amo ou com Aouda.

“Bem”, exclamou, “Aouda deve estar ainda deitada. Quanto ao sr. Fogg, terá encontrado algum jogador de uíste e, segundo o seu costume…”

Enquanto monologava, Passepartout desceu ao salão. Fogg não se encontrava ali, pelo que perguntou ao mordomo qual era o camarote ocupado pelo sr. Fogg. O interpelado respondeu-lhe que não conhecia nenhum passageiro com aquele nome.

Passepartout insistiu. Disse-lhe que se tratava de um cavalheiro alto, de aspecto frio, pouco comunicativo, acompanhado de uma jovem… O mordomo respondeu-lhe que não havia nenhuma jovem a bordo, mas que, em todo caso, podia consultar a lista dos passageiros. Passepartout assim fez, mas o nome do seu amo não figurava nela. Esteve prestes a desmaiar. Depois, uma ideia atravessou-lhe o espírito e perguntou se aquele navio era o *Carnatic* e se se dirigia para Yokohama. Responderam-lhe afirmativamente. Passepartout, por um

momento, tinha receado ter-se enganado no navio. Porém, se ele se encontrava a bordo do *Carnatic*, era certo que o seu amo não estava ali.

O pobre rapaz deixou-se cair numa poltrona, como fulminado por um raio. E, de repente, estremeceu. Lembrou-se de que a hora da partida do *Carnatic* tinha sido antecipada, que devia ter prevenido a seu amo e que não o tinha feito. Por conseguinte, era culpa sua que Fogg e Aouda tivessem perdido o barco!

A culpa era sua, certamente, mas principalmente do traidor que, para separá-lo de seu amo, para retê-lo em Hong Kong, o tinha feito embriagar-se. Por fim, compreendeu o ardil do policial. E agora, Phileas Fogg estava, sem dúvida, completamente arruinado, com a aposta perdida, preso, encarcerado talvez!… Passepartout, ao pensá-lo, puxou pelos cabelos. Ah! Se algum dia Fix lhe caísse nas mãos, ajustaria contas com ele!

Passados os primeiros instantes de opressão, recuperou o seu sangue-frio e examinou a situação, que era pouco invejável. Dirigia-se ao Japão. E o regresso? Tinha os bolsos vazios, nem um único xelim, nem um só pêni. Entretanto, a sua passagem e a sua manutenção a bordo estavam pagas. Dispunha portanto de cinco ou seis dias para tomar resolução. Comeu e bebeu, durante a travessia, como se não conseguisse saciar-se. Comeu por seu amo, por Aouda e por si mesmo. Como se o Japão, onde ia desembarcar, fosse país deserto, desprovido de toda substância alimentícia.

No dia 13, na preamar da manhã, o *Carnatic* entrou no porto de Yokohama.

Este porto é importante escala do Pacífico, onde aportam todos os navios que efetuam o serviço de correio e passageiros entre a América do Norte, a China, o Japão e as ilhas da Malásia.

O barco atracou no cais, junto do cais do porto e dos armazéns da alfândega, entre numerosos navios de todas as nacionalidades.

Passepartout desembarcou, sem nenhum entusiasmo, naquela terra tão curiosa dos Filhos do Sol. O melhor que tinha a fazer era tomar o acaso por guia e seguir a aventura pelas ruas da cidade.

A sua primeira impressão foi a de encontrar-se numa cidade absolutamente europeia, com casas de fachadas baixas, adornadas de varandas apoiadas sobre elegantes peristilos, e que ocupava, com as suas ruas, praças, docas e depósitos, todo o espaço compreendido entre o promontório de Traité e o rio. Ali, como em Hong Kong e Calcutá, formigava variada multidão de indivíduos de todas as

raças: americanos, ingleses, chineses, holandeses, comerciantes dispostos a comprar e vender tudo, no meio dos quais o francês se sentia tão estrangeiro como se tivesse chegado ao país dos hotentotes. Passepartout contava com um único recurso: o apoio que podiam prestar-lhe os agentes consulares franceses ou ingleses em Yokohama. Porém, repugnava-lhe contar a sua aventura, tão intimamente relacionada com a de seu amo, e, antes de recorrer a este meio, desejava primeiro esgotar todos os outros recursos.

Percorreu a parte europeia da cidade sem que a sorte acudisse em seu auxílio e entrou na parte japonesa, resolvido, se se tornasse necessário, a ir até Iedo.

Tudo era movimento e agitação nas ruas: bonzos que passavam em procissão, tocando os seus monótonos tambores; oficiais da alfândega e da polícia, de chapéus pontiagudos incrustados de laca e com dois sabres à cinta; soldados vestidos de trajos de algodão azul listrado de branco e armados com espingardas de percussão; guardas do Micado, metidos nos seus gibões de seda, com loriga e cota de malha, e muitos outros militares de todas as condições, porque, no Japão, a profissão de soldado é muito respeitada, ao contrário do que ocorre na China. Viam-se também leigos pedintes, peregrinos de grandes túnicas, simples funcionários civis, de cabeleira comprida e preta como ébano, cabeça grande, busto comprido, pernas delgadas, estatura baixa e cor de rosto que variava entre o sombrio do cobre e o branco-pálido, mas nunca amarela como a dos chineses, de quem os japoneses diferem essencialmente. E, por último, entre carruagens, palanquins, carros, carretas, cavalos, moços de fretes, carrinhos de vela, norimons com paredes de laca, fofos cangos, verdadeiras liteiras de bambu, circulavam, com passo miúdo e pés pequeninos, calçados de sapatos de pano, sandálias de palha ou tamancos de madeira lavrada, mulheres de escassa formosura, de olhos oblíquos, peito comprido, dentes enegrecidos à moda do tempo, mas vestindo com elegância o trajo nacional, o quimono, espécie de bata cingida por faixa de seda, formando na cintura, pelo lado de trás, laço extravagante, que as modernas parisienses copiaram das japonesas.

Passepartout passeou durante algumas horas por entre aquela multidão, contemplando as curiosas e luxuosas lojas: os bazares, onde se amontoa toda a variedade da joalharia e prataria japonesa; os restaurantes, enfeitados com bandeiras e flâmulas, nos quais lhe era proibido entrar, e as casas de chá, onde se tomam chávenas cheias da aromática infusão com o saquê, licor que se extrai do

arroz fermentado, e as confortáveis casas de fumo onde se saboreia tabaco delicioso, e não ópio, cujo uso é quase completamente desconhecido no Japão.

Depois, o rapaz encontrou-se nos campos, no meio de imensos arrozais. Ali abriam as suas pétalas, irradiando os seus últimos matizes e exalando os seus derradeiros perfumes, as brilhantes camélias, nascidas não em arbustos, mas em árvores. No interior das cercas de bambu cresciam parreiras, cerejeiras e macieiras, que os indígenas cultivam mais por causa das flores que dos frutos e que protegem dos pardais, pombos, corvos e outras aves vorazes por meio de espantalhos gesticuladores ou ruidosos torniquetes.

Passepartout descobriu algumas violetas entre a relva.

“Bom! Já tenho qualquer coisa para jantar!”

Mas cheirou-as e verificou que não tinham aroma.

“Pouca sorte!”, exclamou para si.

Na verdade, tinha almoçado, por previsão, tudo quanto pôde, antes de abandonar o *Carnatic*. Mas, depois de um dia de passeio, sentia o estômago muito vazio. Tinha observado que nos açougues não se via carne de carneiro, cabra ou porco, e como não ignorava que é um sacrilégio matar bois, que são exclusivamente reservados aos trabalhos agrícolas, acabou por pensar que havia falta de carne no Japão. Não se enganava, mas, à falta de tudo isso, o seu estômago ter-se-ia contentado com uma perna de javali ou de gamo, com perdizes ou codornizes, com qualquer pedaço de ave ou de peixe, de que se alimentam quase exclusivamente os japoneses, juntamente com o arroz. Mas teve que resignar-se com a sua sorte e deixar para o dia seguinte a tarefa de prover o seu sustento.

Chegou a noite e Passepartout tornou a entrar na cidade indígena, vagueando pelas ruas iluminadas com lanternas multicores, vendo os diversos grupos de volantins que executavam os seus prodigiosos exercícios e os astrólogos que, ao ar livre, distraíam a multidão com os seus telescópios. Depois voltou ao porto, iluminado pela luzes dos pescadores, que atraíam o peixe por meio de tochas inflamadas.

Por fim, as ruas despovoaram-se. À multidão sucederam-se as rondas dos *yakounines*. Estes oficiais, com a sua magnífica vestimenta e o seu brilhante séquito, pareciam embaixadores, e Passepartout, cada vez que encontrava alguma destas vistosas patrulhas, dizia com tom de gracejo:

“Ainda bem! Mais uma embaixada japonesa que parte para a Europa!”

23
Passepartout fica narigudo

Na manhã seguinte, Passepartout, cansado e esfomeado pensou que precisava comer de qualquer modo e o mais depressa possível. Claro que lhe restava o recurso de vender o relógio, mas preferia morrer de fome. Tinha chegado a ocasião de utilizar a sua voz sonora, ainda que não melodiosa, com que a natureza o dotara.

Sabia de cor algumas canções francesas e inglesas e resolveu tentar a sua sorte. Sem dúvida, os japoneses gostariam de música, visto que entre eles tudo se faz ao som de címbalos, tantãs e tambores, e não poderiam deixar de apreciar o talento de um cantor europeu.

Todavia, talvez fosse cedo demais para organizar concerto, e os *dilettanti*, acordados de repente, provavelmente não pagariam ao cantor em moeda com a efígie do Micado.

Passepartout resolveu, pois, aguardar uma hora mais apropriada, mas pelo caminho refletiu que, para um cantor ambulante, ia demasiado bem-vestido, e veio-lhe à ideia trocar o seu trajo por outro que estivesse mais usado e, portanto, mais em harmonia com a sua posição. Por outro lado, a troca devia produzir saldo, com o qual poderia, imediatamente, satisfazer o seu apetite.

Uma vez tomada esta decisão, faltava apenas pô-la em prática. Depois de longa busca, de muitas investigações, descobriu um adelo indígena, onde expôs o que desejava. O trajo europeu agradou ao comerciante e daí a pouco Passepartout saía do estabelecimento envolto em velha túnica japonesa e com uma espécie de turbante na cabeça, desbotado pela ação do sol e da chuva. Mas, em compensação, tiniam-lhe no bolso algumas moedas de prata.

“Bem!”, pensou ele. “Faz de conta que estamos no Carnaval!”

O primeiro cuidado de Passepartout foi entrar numa casa de chá, de modesta aparência, onde almoçou restos de ave e arroz como homem para quem o jantar era problema por resolver.

— Agora — disse ele, depois de ter almoçado, o que lhe fez recuperar bastantes energias — tenho de proceder com tato. Já não me resta o recurso de vender estes farrapos e substituí-los por outra veste mais japonesa. É necessário, pois, encontrar a maneira mais rápida de sair deste país do sol, do qual guardarei lamentáveis recordações.

Pensou então em visitar os navios que estavam prestes a partir para a América. Tencionava oferecer-se como cozinheiro ou criado, exigindo como retribuição apenas a passagem e a alimentação. Uma vez em San Francisco, veria como havia de sair de dificuldades. O essencial era percorrer os 7.600 quilômetros do Pacífico que separam o Japão do Novo Mundo.

Passepartout, que não era homem para deixar morrer uma ideia, mas que a punha logo em prática, dirigiu-se para o porto de Yokohama. Mas, à medida que se aproximava das docas, o seu projeto, que tão simples lhe parecera à primeira vista, parecia-lhe agora mais irrealizável. Por que é que precisariam de cozinheiro ou de criado a bordo de um navio americano e que confiança poderia ele inspirar vestido daquele modo? Que recomendações, que referências ou que garantias poderia oferecer? Assim refletindo, o seu olhar pousou sobre um enorme cartaz, que uma espécie de palhaço conduzia pelas ruas de Yokohama. O cartaz dizia, em inglês:

COMPANHIA JAPONESA ACROBÁTICA

DO

HONRADO WILLIAM BATULCAR

Últimas representações

antes da partida para os Estados Unidos

dos

NARIGUDOS! NARIGUDOS!

Sob a invocação direta do deus Tingu

GRANDE ATRAÇÃO

— Os Estados Unidos! — exclamou o rapaz. — Isto é exatamente o que me interessa!

Seguiu o homem-anúncio e sem tardar entrou na cidade japonesa.

Quinze minutos depois parava diante de uma grande barraca, adornada com vistosas bandeiras e em cujas paredes interiores se viam representadas, sem perspectiva alguma, mas com cores carregadas, diversas cenas circenses.

Era a casa de espetáculos do honrado Batulcar, diretor de uma companhia de saltimbancos, pelotiqueiros, palhaços, acrobatas, equilibristas, ginastas, que, segundo o cartaz, davam as suas últimas representações antes de partir do Império do Sol para os Estados Unidos.

Passepartout entrou num peristilo que, precedia a barraca e perguntou pelo sr. Batulcar, que apareceu imediatamente. Este tomou Passepartout por indígena e perguntou-lhe o que desejava. O rapaz ofereceu-se como criado, mas a sua oferta foi recusada. Batulcar respondeu-lhe que tinha dois criados, obedientes e fiéis, que o serviam apenas em troca de alimentação. Referia-se aos seus braços robustos, sulcados de veias grossas como cordas de rabecão.

Porém, se Passepartout não foi admitido como criado, foi aceito como palhaço, para o que, segundo lhe disse o sr. Batulcar, devia cantar de cabeça para baixo, com um pião girando na planta do pé esquerdo e um sabre em equilíbrio na planta do pé direito.

Finalmente, Passepartout tinha encontrado ocupação, que representava a solução para o seu caso. Tinha sido contratado para fazer tudo na famosa companhia japonesa. Embora fosse pouco lisonjeiro, permitia-lhe estar em menos de oito dias a caminho de San Francisco.

O espetáculo, anunciado ruidosamente, devia começar às três horas da tarde. Passepartout não tinha estudado o seu papel, mas devia prestar o apoio dos seus sólidos ombros à grande apresentação da pirâmide humana, executada pelos narigudos do deus Tingu. Esta grande atração era o último número do programa.

Antes das três horas, os espectadores já enchiam a barraca. Europeus e indígenas, chineses e japoneses, homens, mulheres e crianças apinhavam-se nas estreitas bancadas e nos bancos que ficavam em frente do palco. Os músicos, que tinham estado à porta da barraca, anunciando o espetáculo, entraram na sala e os gongos, tantãs, flautas, tambores e trombetas voltaram a tocar com estridente furor.

A representação foi como todas as representações circenses. É sabido que os japoneses são os melhores acrobatas do mundo. Um deles, com leque e pedacinhos de papel, executou o bonito número das mariposas e das flores. Outro traçou rapidamente no ar, com o perfumado fumo do seu cachimbo, uma série de palavras azuladas, que formavam cortês saudação ao público. Outro exibia-se com velas acesas, que apagava sucessivamente ao passá-las por diante dos lábios, voltando a acender umas nas outras, sem interromper um só segundo a prodigiosa manipulação. E seguiram-se outros artistas. Um deles, com piões, fazia as mais inverossímeis combinações. Na sua mão, aqueles sonoros aparelhos pareciam ter vida própria na sua prodigiosa rotação. Corriam sobre pinos de cachimbo, sobre fios de espadas, sobre arames, estendidos de um lado a outro do palco. Davam a volta no bordo de grandes vasos de cristal. Subiam escadas de bambu, dispersavam-se em todos os sentidos, produzindo harmônicos efeitos de singular combinação. Os pelotiqueiros apresentavam piões; fazendo-os girar no ar. Lançavam-nos como volantes, com raquetas de madeira, sem que deixassem de girar. Metiam-nos na algibeira e quando os retiravam giravam, até que mola oculta no seu interior os fazia rebentar e formar feixes de fogo de artifício.

Seria interminável, além de inútil, descrever os prodigiosos exercícios dos acrobatas e ginastas da companhia. Os trabalhos da escada, da vara, da bola, dos tonéis foram realizados com notável precisão. Mas a principal atração do espetáculo era a exibição dos tais narigudos, assombrosos equilibristas, ainda desconhecidos na Europa.

Os narigudos formavam corporação especial, colocada sob a direta evocação dos deus Tingu. Vestidos como heróis da Idade Média, ostentavam magnífico par de asas, mas o que principalmente os caracterizava era o enorme nariz que aplicavam no rosto e, sobretudo, o uso que dele faziam. Tais narizes não eram mais que bambus, de 1,5 metro a três metros de comprimento, uns direitos, outros curvos, estes lisos, aqueles cobertos de verrugas. E sobre estes apêndices, solidamente fixados, faziam todos os seus exercícios de equilíbrio. Uma dúzia daqueles sectários do deus Tingu deitou-se de costas e os seus companheiros lançaram-se sobre os seus narizes, aprumados como para-raios, e começaram a saltitar de uns para os outros, executando as mais assombrosas e absurdas piruetas e contorções.

Como número final do espetáculo, tinha-se anunciado, com grande destaque, a pirâmide humana, na qual cinquenta “narigudos” deviam figurar o Carro de Juggernaut. Mas, em vez de formarem aquela pirâmide tomando os ombros por ponto de apoio, os artistas do honrado Batulcar deviam sustentar-se utilizando os seus narizes. Um dos que formavam a base tinha abandonado a companhia e, como para isso bastava ser vigoroso e ágil, Passepartout foi designado para substituí-lo.

Na verdade, o pobre rapaz bem lastimou a sua sorte quando — triste recordação da sua mocidade — enfiou o trajo da Idade Média, adornado de asas multicores, e lhe aplicaram ao rosto um nariz de dois metros de comprimento. Mas, enfim, aquele nariz representava o seu ganha-pão e resignou-se.

Passepartout entrou em cena e colocou-se entre os seus companheiros que deviam constituir a base do Carro de Jaggernaut.

Todos se estenderam no chão, com o nariz para o ar. Uma segunda seção de equilibristas colocou-se sobre aqueles longos apêndices, uma terceira tomou lugar sobre aquela, depois uma quarta, e sobre todos aqueles narizes, que só se tocavam pelas extremidades, ergueu-se um monumento humano até as cornijas do teatro.

Os aplausos redobraram e a orquestra fazia grande barulho, quando, de repente, a pirâmide oscilou por falha de um dos narizes da base e o monumento desmoronou-se como castelo de cartas…

A culpa foi de Passepartout que, abandonando o seu posto, saltou do palco sem auxílio das asas, trepou à galeria da direita e foi cair aos pés de um espectador, exclamando:

— Senhor! Senhor!

— Você aqui?

— Eu! Sim, senhor.

— Pois então, para o navio! Para o navio!

Fogg, Aouda, que o acompanhava, e Passepartout precipitaram-se pelos corredores. Mas à porta da barraca encontraram Batulcar que, furioso, reclamava indenização pela catástrofe. Phileas Fogg acalmou-o atirando-lhe um punhado de notas. E às seis e meia, no instante em que ia partir, Fogg e Aouda embarcaram no navio americano, seguidos de Passepartout, com as asas nas costas e levando ainda o nariz de dois metros que não tivera tempo de tirar do rosto.

24
Efetua-se a travessia do Pacífico

É fácil compreender o que aconteceu à vista de Xangai.

Os sinais feitos pela *Tancadera* foram avistados pelo navio de Yokohama. O capitão, ao ver uma bandeira a meia haste, dirigiu-se para a pequena embarcação. Momentos depois, Fogg, pagando a passagem pelo preço combinado, metia na algibeira de John Bunsby 550 libras. A seguir, o cavalheiro, Aouda e Fix subiram para bordo do navio, que imediatamente se dirigiu para Nagasaki e Yokohama.

Em 14 de novembro, deixando Fix ocupado nos seus assuntos, Phileas Fogg dirigiu-se ao *Carnatic*, onde lhe disseram, com grande alegria de Aouda — e talvez sua também, embora a sua fisionomia nada deixasse transparecer —, que o francês Passepartout tinha chegado, efetivamente, na véspera a Yokohama.

Fogg, que devia partir naquela mesma tarde para San Francisco, começou imediatamente a procurar o seu criado. Dirigiu-se, sem qualquer resultado, aos consulados inglês e francês e, depois de haver percorrido em vão as ruas de Yokohama, quando já perdia as esperanças de encontrar Passepartout, a sorte, ou talvez um pressentimento, fê-lo entrar na barraca do honrado Batulcar. Não reconheceu o seu criado com aquele ridículo vestuário, mas Passepartout, de cabeça para baixo, avistou o amo na galeria. Ao vê-lo, não pôde conter o movimento do nariz que originou a perda do equilíbrio e consequentemente o desmoronamento da pirâmide humana, como se se tratasse de um castelo de cartas.

Tudo isto soube-o Passepartout pela boca de Aouda, que também lhe contou como tinham efetuado a travessia de Hong Kong para Yokohama na companhia de um tal Fix, a bordo da goleta *Tancadera*. Ao ouvir o nome de Fix, o rapaz

nem pestanejou. Pensou que ainda não era a ocasião propícia para contar ao seu patrão o que se passara com o detetive. Acusou-se a si próprio e pediu desculpa por ter sido vencido pela embriaguez do ópio.

Fogg escutou friamente o relato de Passepartout. Depois, abriu-lhe crédito suficiente para que Passepartout pudesse comprar a bordo trajo mais adequado. E, efetivamente, em menos de uma hora o rapaz tinha arrancado o nariz e retirado as asas postiças, nada recordando nele o adepto do deus Tingu.

O vapor que fazia a travessia entre Yokohama e San Francisco chamava-se *General Grant*. Era um grande navio de rodas e possuía considerável superfície de velame, que ajudava extraordinariamente o vapor. A sua velocidade era de 19 quilômetros horários, pelo que não gastaria mais de 21 dias para atravessar o Pacífico. Fogg podia, pois, contar que no dia 2 de dezembro se encontraria em San Francisco, dia 11 em Nova York e dia 20 em Londres, antecipando-se assim algumas horas à data fatal de 21 de dezembro.

Os passageiros eram bastante numerosos. Ingleses, muitos americanos, uma verdadeira emigração de *coolies* para a América e certo número de oficiais da Índia, que aproveitavam a sua licença para darem a volta ao mundo.

Durante a viagem não se deu nenhum incidente. O navio balançava pouco e o oceano Pacífico justificou bem o seu nome. Fogg continuava fleumático e pouco comunicativo. A sua gentil companheira sentia-se cada vez mais interessada por aquele homem, por laços muito diferentes dos da gratidão e reconhecimento. Inquietava-se pelas contrariedades que pudessem comprometer o êxito da viagem. Conversava frequentemente com Passepartout e este não se cansava de elogiar a honestidade, a generosidade e a dedicação de Phileas Fogg. Depois, tranquilizava Aouda a respeito do êxito da viagem, assegurando-lhe que o mais difícil já estava feito e que bastaria um trem de San Francisco a Nova York e um transatlântico desta cidade a Londres para dar por concluída a viagem no prazo marcado, ou seja, dar a volta ao mundo em oitenta dias.

Nove dias depois de haver deixado Yokohama, Fogg tinha percorrido exatamente metade do globo terrestre.

Efetivamente, no dia 23 de novembro, o *General Grant* passava pelo meridiano sobre o qual se encontram, no hemisfério austral, os antípodas de Londres. Dos oitenta dias postos à sua disposição, Fogg já gastara 52, pelo que lhe restavam apenas 28, mas, se somente se encontrava a meio do caminho, a

avaliar pela diferença dos meridianos, na realidade tinha percorrido mais de dois terços da viagem, em consequência dos desvios de Londres a Aden, de Aden a Bombaim, de Bombaim a Calcutá, de Calcutá a Cingapura e de Cingapura a Yokohama. Se tivesse seguido circularmente o paralelo 50, que é o de Londres, a distância a percorrer não teria sido mais que 23 mil quilômetros. Assim, em virtude dos caprichos dos meios de transporte, Phileas Fogg tinha-se visto obrigado a percorrer cinquenta mil, dos quais, até 23 de novembro, já fizera quase 33 mil. Porém, agora, o caminho era direto e o detetive Fix já lá não estava para levantar obstáculo.

Naquele dia, 23 de novembro, Passepartout teve grande alegria. Devemos lembrar-nos de que o teimoso se obstinara em conservar as horas marcadas pelo seu famoso relógio de família, considerando falsas todas as horas dos países por que passava.

Ora, naquele dia, apesar de não ter adiantado nem atrasado o seu relógio, encontrou-o de acordo com o cronômetro de bordo. Teve pena de que Fix não estivesse presente. O detetive tinha-o aconselhado, por várias vezes, a acertar o relógio pela marcha do sol. Agora, Passepartout acreditava firmemente que, por fim, o sol se tinha posto de acordo com o seu relógio.

Mas Passepartout ignorava que, se o mostrador do seu relógio estivesse dividido em 24 horas, como os relógios italianos, não teria motivo para envaidecer-se do seu triunfo, porque os ponteiros do seu relógio teriam indicado nove horas da noite quando fossem nove horas da manhã a bordo, quer dizer, a 21ª hora depois da meia-noite, ou seja, a diferença que existe entre Londres e o meridiano 180.

Entretanto, Fix encontrava-se precisamente no mesmo navio dos nossos amigos. Ou seja, no *General Grant.*

Ao chegar a Yokohama, depois de deixar Fogg, que esperava voltar a encontrar durante o dia, dirigiu-se imediatamente ao consulado inglês. Ali encontrou por fim a ordem de detenção de Phileas Fogg que, seguindo-o desde Bombaim, tinha data de quarenta dias antes e que lhe fora enviada de Hong Kong pelo *Carnatic*, a bordo do qual supunham Fix. A ordem de detenção tornava-se inútil, uma vez que Fogg já não se encontrava em território inglês, e agora, para prendê-lo, seria necessário ato de extradição!

Passado o primeiro momento de cólera, Fix decidiu seguir Phileas Fogg até a Inglaterra, quando este empreendesse a viagem de regresso a Londres. Na opinião do detetive, o *seu ladrão* tinha intenção de voltar à pátria, crendo que com aquela viagem havia despistado a polícia. Na Inglaterra a ordem de detenção já teria validade. Com esta resolução, embarcou no *General Grant*. Já se encontrava a bordo quando chegaram Fogg e a viúva, ficando muito surpreendido quando reconheceu Passepartout sob tão estranha roupagem. Ocultou-se, apressadamente, no seu camarote, com o fim de evitar explicação que poderia comprometer tudo, e ficou na esperança de que, dado o grande número de passageiros, não viria a ser descoberto pelo seu inimigo. Porém, precisamente naquele dia, encontrou-se cara a cara com Passepartout na proa do navio.

Passepartout, apenas viu o detetive, atirou-se-lhe ao pescoço e, para grande satisfação de alguns americanos, que apostaram a seu favor, aplicou ao desventurado policial uma boa sova, que demonstrou a grande superioridade do boxe francês sobre o inglês.

Quando acabou, Passepartout sentiu-se mais tranquilo e aliviado de um grande peso. Fix levantou-se, muito maltratado, e, olhando para o seu adversário, perguntou-lhe friamente:

— Acabou?

— Por agora, sim.

— No interesse do seu amo, peço-lhe que me siga.

Passepartout, como que subjugado por aquela calma, seguiu o detetive e ambos se sentaram à proa.

— O senhor sovou-me — disse Fix. — Bem, já o esperava. E agora ouça-me. Até aqui tenho sido adversário do sr. Fogg, mas agora estou disposto a ajudá-lo.

— Até que enfim! Já se convenceu de que é um homem honrado?

— Não. Tenho na conta de um velhaco. Psiu! Esteja calmo e deixe-me falar. Enquanto o sr. Fogg esteve em território inglês, eu tive interesse em retê-lo, aguardando a ordem de detenção. Fiz tudo para consegui-lo. Lancei contra ele os sacerdotes de Bombaim, embriaguei o senhor em Hong Kong, separei-o do seu amo, fiz-lhe perder o navio de Yokohama…

Passepartout escutava-o com os punhos cerrados.

— Agora — prosseguiu — parece que o sr. Fogg regressa à Inglaterra. Pois bem, segui-lo-ei até lá. Porém, daqui em diante, procurarei afastar os obstáculos do seu caminho com o mesmo zelo com que até agora procurei acumulá-los. Como vê, mudei de tática e mudei porque assim o requer o meu interesse. Devo acrescentar que o seu interesse é igual ao meu, pois somente na Inglaterra o senhor poderá saber se está a serviço de um criminoso ou de um homem honrado.

O rapaz tinha escutado Fix atentamente e convenceu-se de que ele falara com absoluta sinceridade.

— Ficamos amigos? — perguntou o detetive.

— Amigos, não — respondeu Passepartout. — Seremos aliados e com certas limitações, porque à menor suspeita de traição torço-lhe o pescoço.

— Combinado — redarguiu tranquilamente Fix.

Onze dias depois, a 3 de dezembro, o *General Grant* entrava na baía da Porta de Ouro e chegava a San Francisco.

Phileas Fogg não tinha ganho nem perdido um só dia.

25
Comício em San Francisco

Eram sete horas da manhã quando Phileas Fogg, Aouda e Passepartout pisaram no continente americano, se assim se pode chamar ao cais flutuante em que desembarcaram. Estes cais, que sobem e descem com as marés, facilitam a carga e a descarga dos navios. A eles atracam veleiros de todas as nacionalidades e dimensões e barcos de vários andares que fazem o serviço no Sacramento e seus afluentes. Ali se amontoam também os produtos de um comércio que se estende ao México, ao Peru, ao Chile, ao Brasil, à Europa, à Ásia e a todas as ilhas do oceano Pacífico.

Passepartout, muito contente por finalmente pôr pé em terra americana, tentou desembarcar executando belo salto mortal. Mas quando caiu sobre o cais, cujo tabuado estava meio podre, quase o atravessou e caiu na água. Desconcertado pela forma como havia posto pé no Novo Continente, lançou formidável interjeição, que fez levantar voo um bando de corvos marinhos e de pelicanos, hóspedes habituais dos cais flutuantes.

Fogg, assim que desembarcou, informou-se da hora da saída do primeiro trem para Nova York. Partia às seis horas da tarde. Dispunha, pois, de todo o dia para visitar a capital californiana. Alugou uma carruagem para si e Aouda. Passepartout subiu para a boleia e dirigiram-se, por três dólares, para o Hotel Internacional.

Do lugar elevado que ocupava, Passepartout observou cheio de curiosidade a grande cidade americana; ruas espaçosas, casas bem alinhadas, igrejas e templos de estilo gótico anglo-saxônico, docas imensas, armazéns que pareciam palácios, uns de madeira, outros de tijolo. Pelas ruas, muitos veículos, ônibus, caminhões,

bondes e uma grande multidão, não só de americanos e europeus mas também de chineses e índios.

Passepartout estava bastante surpreendido com o que via. Esperava encontrar ainda a legendária cidade de 1848, a cidade dos bandidos, dos incendiários e assassinos, que ali tinham afluído em busca das pepitas de ouro, imenso tropel de todos os prófugos da sociedade, onde se ia atrás de ouro em pó com o revólver numa das mãos e o punhal na outra.

Mas aqueles ditosos tempos já tinham passado e agora San Francisco oferecia o aspecto de grande cidade comercial. A alta torre do edifício da Câmara, com as suas vigias, dominava todo aquele conjunto de ruas e avenidas, que se cruzavam em ângulos retos, entre as quais havia praças com frondosos jardins.

Quando Passepartout chegou ao hotel, parecia-lhe que não tinha saído da Inglaterra.

O rés do chão do hotel era ocupado por um imenso balcão, uma mesa comum franqueada a todos os transeuntes. Carne fria, sopa de ostras, bolachas e queijo eram oferecidos ali sem que o consumidor tivesse que abrir a bolsa. Só pagava as bebidas, cervejas, vinho do porto ou xerez, se lhe apetecesse beber.

A sala de jantar era confortável. Fogg e Aouda sentaram-se a uma das mesas, sendo abundantemente servidos em pratos liliputianos por pretos de pele reluzente como o azeviche.

Após o almoço, Phileas Fogg, acompanhado de Aouda, saiu do hotel e dirigiu-se ao consulado inglês, a fim de fazer visar o seu passaporte. Passepartout, que caminhava ao longo do passeio, perguntou-lhe se não seria prudente, antes de tomarem o trem para Nova York, comprar algumas dúzias de carabinas ou revólveres, pois tinha ouvido falar de índios que faziam parar os trens como vulgares salteadores. Fogg respondeu-lhe que a preocupação era inútil, mas deixou-lhe a liberdade de fazer o que entendesse. E encaminhou-se para o consulado.

Não tinha ainda andado duzentos metros quando deu de cara com Fix. O detetive mostrou-se extremamente surpreendido. Como! Os dois tinham feito juntos a travessia do Pacífico e não se tinham visto a bordo? De qualquer modo, Fix não podia deixar de sentir-se extremamente honrado por encontrar de novo o cavalheiro a quem tanto devia e, visto que os seus negócios reclamavam a sua

presença na Europa, confessou-se encantado por continuar a viagem em tão agradável companhia.

Phileas Fogg respondeu-lhe que a honra era dele, e Fix, que não queria perdê-lo de vista, pediu-lhe licença, que lhe foi concedida, para acompanhá-lo na visita à curiosa cidade de San Francisco.

Aouda, Phileas Fogg e Fix começaram a vaguear pelas ruas. Depressa se encontraram na rua Montgomery, onde a aglomeração de pessoas era enorme. Nos passeios, no meio da calçada, no limite das portas dos estabelecimentos, nas janelas e até nos telhados apinhava-se multidão imensa. Homens com cartazes circulavam por entre os grupos. Flutuavam ao vento bandeiras e galhardetes. A gritaria era ensurdecedora.

— Hurra por Kamerfield! — gritavam uns.

— Hurra por Mandiboy! — gritavam outros.

Era um comício. Pelo menos foi o que Fix logo imaginou e disse a Fogg, propondo-lhe que se afastassem dali, visto que, no meio de tal balbúrdia, arriscar-se-iam a levar algum soco. Assim instalaram-se os três no patamar superior de uma escada que conduzia a um terraço, a bastante altura da rua Montgomery. Em frente, no passeio oposto, entre uma carvoaria e um armazém de petróleo, estava armada grande plataforma, para a qual convergiam as diversas correntes da multidão.

Mas qual seria o motivo daquele comício? Fogg ignorava-o. Talvez se tratasse da eleição de algum funcionário militar ou civil, de algum governador do Estado ou membro do Congresso. Era lógico fazer tal suposição, dada a grande animação que reinava na cidade.

As ondulações da multidão propagavam-se até a escada e o movimento das cabeças oferecia o aspecto de mar agitado por forte ventania. Todas as mãos agitavam-se no ar. Algumas, firmemente fechadas, elevavam-se e abaixavam rapidamente no meio de gritos; maneira enérgica, decerto, de emitir o voto.

Eram dois os campeões políticos que se enfrentavam: Kamerfield e Mandiboy.

Os hurras, misturados com maldições, aumentaram. As hastes das bandeiras transformaram-se em armas ofensivas. Já não eram as mãos que se agitavam no ar, mas sim punhos fechados.

Do alto das carruagens paradas e dos ônibus travava-se intensa batalha com arremesso de objetos. Qualquer coisa era utilizada como projétil. Botas e sapatos descreviam no ar trajetórias definidas e até ouviram-se alguns tiros de revólver. Sem dúvida, um dos partidos tinha sido repelido, sem que os meros espectadores pudessem saber se a vantagem se encontrava do lado de Mandiboy ou de Kamerfield.

Fix, interessado em que o *seu homem* não fosse maltratado, ou se visse envolvido nalguma complicação, propôs, por considerá-lo mais prudente, que se retirassem.

Mas, quando se dispunham a fazê-lo, encontraram-se em meio ao fogo cruzado, sendo demasiado tarde para escapar. Aquela torrente de homens, armados de bengalas ferradas e de bastões, era irresistível. Phileas Fogg e o detetive, tentando proteger a jovem, viram-se barbaramente atropelados. Fogg, tão fleumático como de costume, tratou de defender-se com as armas naturais que a natureza pôs na extremidade dos braços de todo inglês, mas foi inútil. Um homem de barba avermelhada, rosto afogueado, ombros largos, que parecia ser o chefe do bando, levantou o seu formidável punho sobre Fogg e tê-lo-ia maltratado se Fix, para protegê-lo, não tivesse recebido o murro em seu lugar. Enorme edema começou a desenvolver-se, imediatamente, sob o chapéu do detetive, transformado em sanfona.

— Ianque! — disse Fogg, envolvendo o seu adversário num olhar de profundo desprezo.

— Inglês! — replicou o outro.

— Quando nos tornaremos a encontrar?

— Quando quiser. O seu nome?

— Phileas Fogg. E o seu?

— Coronel Stamp Proctor.

A vaga humana passou, Fix foi derrubado e levantou-se, com a roupa despedaçada, mas sem ferimento grave. O seu sobretudo tinha ficado dividido em duas partes iguais e as calças pareciam crivo. Aouda ficara incólume. Fogg agradeceu a Fix, este pediu-lhe que o acompanhasse a uma loja para mudar a roupa que tinha ficado em tão lamentável estado. Também a roupa de Fogg estava em pedaços. Dir-se-ia que os dois homens se tinham batido por conta dos respeitáveis Kamerfield e Mandiboy.

Uma hora depois ambos se encontravam convenientemente vestidos e regressaram ao hotel.

Passepartout aguardava o amo, armado de meia dúzia de punhais e revólveres. Ao ver que Fix acompanhava Phileas Fogg, carregou o rosto. Mas Aouda explicou-lhe, em poucas palavras, o que se passara e o rapaz acalmou-se.

Terminada a refeição, subiram para uma carruagem que os levou à estação. Fogg perguntou ao detetive se tinha visto o coronel Proctor. Como Fix respondesse negativamente, o fleumático personagem disse:

— Voltarei à América para encontrá-lo. Não estaria correto que um cidadão inglês se deixasse tratar de semelhante modo.

Como se vê, Phileas Fogg pertencia àquela casta de ingleses que, não tolerando o duelo no seu país, se batem no estrangeiro quando se trata de defender a sua honra.

Às 17h45, os viajantes chegavam à estação, onde já se encontrava o trem, prestes a partir.

No momento em que Fogg ia para o seu compartimento, perguntou a um empregado a que se deviam os tumultos daquele dia. O homem respondeu-lhe que se tinha tratado simplesmente de um comício de propaganda eleitoral.

— Certamente — disse Fogg — a eleição de algum general-chefe?

— Não, senhor, de um juiz de paz — respondeu o empregado.

Fogg acomodou-se no seu lugar e o trem partiu a todo vapor.

26
No trem

De oceano a oceano, como dizem os americanos. Estas quatro palavras deveriam ser a denominação da grande linha que atravessa os Estados Unidos da América, na sua maior largura. Porém, na realidade, a Estrada de Ferro do Pacífico divide-se em duas partes distintas: Pacífico Central, entre San Francisco e Ogden, e Pacífico União, entre Ogden e Omaha. Deste porto partem cinco linhas distintas, que põem Omaha em comunicação constante com Nova York.

Nova York e San Francisco encontram-se, pois, nos extremos de uma faixa de metal não interrompida, que mede 7.200 quilômetros. Entre Omaha e o Pacífico, a estrada de ferro atravessa a região frequentada ainda pelos índios e pelas feras, vasta extensão que os mórmons começaram a colonizar em 1845, depois de terem sido expulsos de Illinois.

Outrora, nas circunstâncias mais favoráveis, gastavam-se seis meses para ir de Nova York a San Francisco. Agora, gastam-se apenas sete dias.

Em 1862, apesar da oposição dos deputados do sul, que queriam uma linha mais meridional, assentou-se o traçado da estrada de ferro entre os paralelos 41 e 42. O presidente Lincoln, de saudosa memória, inaugurou pessoalmente, em Omaha, no estado de Nebraska, as obras da estação central da nova rede ferroviária. Os trabalhos começaram imediatamente e foram continuados com a clássica atividade própria dos americanos, isenta de papeladas e trâmites burocráticos, sem que a rapidez da mão de obra prejudicasse de modo algum a segurança das construções. Nos terrenos planos avançava-se à razão de três quilômetros por dia. Uma locomotiva, deslizando sobre os carris estendidos no dia anterior, transportava os materiais para o dia seguinte e corria logo sobre eles à medida que iam sendo colocados.

No seu trajeto, a estrada de ferro do Pacífico possui muitas ramificações pelos estados de Iowa, Kansas, Colorado e Oregon. Ao sair de Omaha, bordeja a margem esquerda do rio Platte até a embocadura da ramificação do norte, segue pela do sul, contorna o Salt Lake, chega a Salt Lake City, capital dos mórmons, mete-se pelo vale de Tuilla, contorna o deserto americano, ao longo dos montes de Cedar e de Humboldt, da Sierra Nevada, e torna a descer por Sacramento até o Pacífico, sem que a sua maior inclinação exceda vinte metros por quilômetro nem sequer na travessia das Montanhas Rochosas.

Tal era a longa artéria que os trens percorriam em sete dias e que permitia a Phileas Fogg — pelo menos assim o esperava — tomar no dia 11, em Nova York, o navio para Liverpool.

O vagão ocupado por Fogg era uma espécie de ônibus comprido, assente sobre dois jogos de quatro rodas cada um, cuja mobilidade permitia atacar curvas de pequeno raio.

Os viajantes tinham partido da estação de Oakland às seis horas da tarde. Não tardou a cair a noite, fria, escura, com o céu coberto de nuvens que ameaçavam desfazer-se em neve. O trem não marchava com muita velocidade. Tomando em conta as paradas, não percorria mais de quarenta quilômetros por hora, velocidade que contudo lhe permitia atravessar os Estados Unidos no tempo regulamentar.

No vagão falava-se pouco. Além disso, o sono não tardou em vencer os viajantes. Passepartout, sentado junto de Fix, não lhe dirigia a palavra, pois, desde os últimos acontecimentos, as suas relações tinham esfriado muito. Havia-se já acabado a simpatia e a intimidade. O detetive não tinha modificado a sua maneira de ser, mas Passepartout, pelo contrário, mantinha-se muito reservado, disposto, à menor suspeita, a estrangular o seu antigo amigo.

Uma hora depois da partida do trem, começou a nevar. Caía neve muito fina, que, felizmente, não detinha a marcha do trem. Através das janelas não se via mais que um imenso lençol branco, sobre o qual se destacava, desenrolando as sua espirais, o fumo cinzento da locomotiva.

Às oito horas, um criado anunciou que tinha chegado a hora de dormir. O vagão em poucos instantes ficou transformado em dormitório. Os encostos dos bancos dobraram-se e pequenos leitos, que vinham cuidadosamente enfardados por engenhoso sistema, desenrolaram-se, improvisando-se, num abrir e fechar de

olhos, pequenos camarotes. E, assim, cada passageiro pôde dispor de uma cama confortável, que espessas cortinas resguardavam dos olhares indiscretos. Os lençóis eram brancos, as almofadas, fofas, e não havia mais que deitar e dormir, que foi o que todos fizeram, como se se encontrassem no cômodo camarote de um navio, enquanto o trem atravessava, a toda velocidade, o estado da Califórnia.

Na parte do território que se estende entre San Francisco e Sacramento, o terreno é pouco acidentado. Aquela porção da estrada de ferro toma Sacramento por ponto de partida e dirige-se para o leste ao encontro da que parte de Omaha. De San Francisco, capital da Califórnia, a linha corria diretamente para nordeste, seguindo o rio Americano, que deságua na baía de San Pablo. Os 230 quilômetros que separam estas duas importantes cidades foram percorridos em seis horas e, pela meia-noite, quando os passageiros se encontravam ainda no seu primeiro sono, passaram por Sacramento. Assim, nada puderam ver da progressista cidade, sede da legislatura do estado da Califórnia, nem dos seus magníficos cais, nem das suas amplas ruas, nem dos seus majestosos edifícios, nem das suas praças, nem dos seus templos, nem dos seus estabelecimentos.

Para além de Sacramento, o trem, depois de ter passado pelas estações de Junction, Roclin, Albúrnia e Colfax, embrenhou-se no maciço da Sierra Nevada. Eram sete horas da manhã quando passou pela estação de Cisco. Uma hora depois, o dormitório convertia-se novamente em vagão normal e os passageiros podiam observar, através das vidraças, a pitoresca paisagem daquela região montanhosa. O traçado da estrada de ferro subordinava-se aos caprichos da serra, deslizando o trem umas vezes colado à falda das montanhas, outras suspenso sobre precipícios, evitando os ângulos bruscos por meio de curvas audaciosas, internando-se em estreitos desfiladeiros que pareciam não ter saída. A locomotiva, brilhante como um espelho, com sua grande chaminé que deitava reflexos afogueados, o sino prateado e o limpa-trilhos que se alongava em forma de esporão, misturava os seus silvos e os rugidos com o ruído das torrentes e das cascatas, envolvendo com a sua fumaceira a ramagem negra dos pinheiros.

Os túneis e as pontes eram escassos. O trem contornava o flanco das montanhas, não procurando na linha reta o caminho mais curto de um ponto a outro e nunca violentando a natureza.

Próximo das nove horas, o trem penetrou no estado de Nevada, através do vale de Carcason, seguindo sempre na direção do nordeste. Ao meio-dia saiu do Reno, onde os passageiros tiveram vinte minutos para almoçar.

Deste ponto em diante, a via férrea, costeando o rio Humboldt, eleva-se durante alguns quilômetros na direção do norte. Depois inclina-se para o oriente e não se afasta da corrente do rio antes de chegar aos montes Humboldt, onde ele tem a sua nascente, quase na extremidade oriental do estado de Nevada.

Depois de almoçarem, Fogg, Aouda e os seus companheiros tornaram aos seus lugares e puseram-se a contemplar a variada paisagem que se desenrolava ante os seus olhos: extensos prados, montanhas que se recortavam no horizonte e impetuosas correntes que se despenhavam em cascatas espumosas. De quando em quando, divisavam-se, ao longe, grandes manadas de bisontes, que avançavam em tropel. Estes exércitos de ruminantes costumam oferecer obstáculo insuportável à passagem dos trens. Tem-se visto milhares destes animais desfilarem pelo espaço de muitas horas, em filas compactas, através da linha férrea. Então a locomotiva é obrigada a parar e aguardar que a via fique de novo livre.

Foi exatamente o que aconteceu nesta ocasião. Pelas três horas, uma manada de dez a 12 mil cabeças obstruiu a estrada. O maquinista, depois de ter moderado a velocidade, procurou meter o esporão no flanco daquela imensa coluna, mas teve de parar diante da impenetrável massa.

Aqueles ruminantes — búfalos, como impropriamente lhes chamam os americanos — caminhavam tranquilamente, soltando formidáveis mugidos. Eram maiores que os touros da Europa, tinham as pernas e o rabo curtos, o cachaço saliente formava uma corcova muscular, os chifres afastados na base e a cabeça, o pescoço e o lombo cobertos de juba de pelo comprido. Não era possível pensar em detê-los. Quando os bisontes tomam uma direção, nada há que possa modificar ou impedir o seu avanço. É, nem mais nem menos, que uma torrente de carne viva que nenhum dique poderia conter.

Os viajantes, dispersos pelos corredores, contemplavam o curioso espetáculo. Porém, Phileas Fogg, que era de todos quem devia mostrar-se mais nervoso, permaneceu no seu lugar, aguardando filosoficamente que os animais se dignassem a deixar o caminho livre. Passepartout estava furioso com a demora causada por esta aglomeração de ruminantes. Teve vontade de descarregar contra

eles todos os seus revólveres e começou a proferir injúrias contra aquele país em que simples bois fazem parar os trens e contra o maquinista que não se atrevia a lançar a locomotiva contra aquela manada. O maquinista, porém, fizera bem em não tentar derrubar o obstáculo, pois ter-se-ia produzido descarrilamento. O desfile dos bisontes durou três longas horas e era já noite quando o trem pôde retomar a marcha. As oito horas atravessaram os desfiladeiros dos montes Humboldt e às nove e meia penetraram no território de Utah, a região do grande Salt Lake, a curiosa terra dos mórmons.

27
Curso de história mórmon

Durante a noite de 5 para 6 de dezembro, o trem avançou na direção do sudeste, num espaço de setenta quilômetros, elevando-se depois outro tanto para nordeste, e aproximou-se do grande Salt Lake.

Passepartout, por volta das nove horas da manhã, veio distrair-se nos passadiços. O disco do sol, amplificado pela névoa, semelhava-se a uma enorme moeda de ouro e o rapaz entretinha-se a calcular o seu valor em libras esterlinas, quando foi distraído deste trabalho pela aparição de uma personagem bastante estranha.

Era um homem de estatura elevada, muito moreno, de bigode preto. Tinha roupa e calçado pretos, a sua gravata era branca e as luvas de pele de cão. Parecia sacerdote. Ia de uma extremidade a outra do trem e, na portinhola de cada vagão, pregava com obreia uma espécie de cartaz feito a mão.

Passepartout aproximou-se e leu um daqueles avisos de que o respeitável *elder* William Hitch, missionário mórmon, aproveitando a sua presença no trem, faria das onze horas para o meio-dia uma conferência sobre o mormonismo e convidava a ouvi-la todos os cavalheiros que desejassem instruir-se nos mistérios da sua religião.

Passepartout, que do mormonismo apenas conhecia os seus hábitos polígamos, base da sociedade mórmon, resolveu assistir à conferência.

A notícia divulgou-se rapidamente entre os passageiros, que ascendiam a uma centena, e, às onze horas, cerca de trinta ocupavam os bancos do vagão número 117. Passepartout figurava na primeira fila. Nem seu amo nem o detetive Fix se deram ao incômodo de sair dos lugares que ocupavam.

À hora fixada, William Hitch levantou-se e, com voz irritada, como se alguém o tivesse já contrariado nas suas palavras, começou a falar… Afirmou que Joseph Smith era um mártir, que o seu irmão era outro mártir e que as perseguições do governo contra os profetas converteriam também em mártir Brigham Young. Ninguém ousou contradizê-lo. Sem dúvida, a sua cólera explicava-se porque o mormonismo estava submetido a duras privações. Com efeito, o governo dos Estados Unidos acabava de dominar, não sem dificuldade, aqueles indomáveis fanáticos. Tinha ocupado o território de Utah, submetendo-o às leis americanas, depois de ter preso Brigham Young, acusado de rebelião e de poligamia. A partir de então, os discípulos do profeta redobraram os seus esforços e, aguardando a oportunidade de passar à ação, resistiam pela palavra às pretensões do Congresso.

Como pode ver-se, o missionário Hitch procurava recrutar prosélitos até nos trens.

A seguir, misturando o seu relato com inflexões de voz e gestos violentos, explicou a história do mormonismo desde os tempos bíblicos. “Em Israel, um profeta mórmon da tribo de José publicou os anais da nova religião e legou-os a seu filho Morom. Muitos séculos mais tarde, aquele livro precioso, escrito em caracteres egípcios, foi traduzido por Joseph Smith, camponês do estado de Vermont, que se revelou profeta místico em 1825. Mais tarde, um mensageiro celestial apareceu-lhe numa floresta luminosa e entregou-lhe os anais do Senhor.”

Neste momento, alguns ouvintes, pouco interessados pelo retrospecto do missionário, abandonaram o vagão. Mas o pastor prosseguiu o seu discurso, explicando como Smith Jr., reunindo o pai, os dois irmãos e alguns discípulos, fundou a religião dos Santos, que foi adotada não só na América mas também na Inglaterra, na Escandinávia e na Alemanha. Contou ainda como foi fundada uma colônia em Ohio, como se edificou um templo que custou duzentos mil dólares e como se construiu uma cidade em Kirland, como Smith se converteu em hábil banqueiro e recebeu de um exibidor de múmias certo papiro contendo uma narrativa escrita pela mão de Abraão e outros israelitas célebres.

Pouco a pouco, o auditório foi diminuindo, pois achavam o relato demasiado extenso, e não tardou que o público ficasse reduzido a vinte pessoas.

Mas o *elder*, sem se inquietar com a deserção, continuou a explicar minuciosamente como foi que Joseph Smith foi à bancarrota em 1837; como os seus acionistas o untaram com alcatrão e o rolaram por cima de penas; como foi que reapareceu anos mais tarde, mais honrado e respeitável que nunca, em Independência, no Missouri, feito chefe de uma comunidade florescente, que não reunia menos de três mil discípulos, e como, perseguido pelo ódio dos gentios, teve de refugiar-se no faroeste americano.

Ainda estavam presentes dez ouvintes, entre eles Passepartout, que era todo ouvidos. Foi assim que soube como, depois de muitas perseguições, Smith reapareceu novamente em Illinois e fundou, em 1839, nas margens do Mississippi, a risonha cidade de Nauvoo, cuja população depressa se elevou a 25 mil almas; como Smith veio a ser o seu prefeito, juiz supremo e general-chefe; como, em 1843, apresentou a sua candidatura à presidência dos Estados Unidos; e como, finalmente, caiu numa emboscada em Cartago, sendo assassinado por um bando de homens mascarados.

Naquele momento, Passepartout achava-se só, e o missionário, olhando-o fixamente, fascinando-o com as suas palavras, contou-lhe que, dois dias depois do assassínio de Smith, o seu sucessor, o profeta inspirado, Brigham Young, abandonando Nauvoo, foi estabelecer-se nas margens do Salt Lake, e que aí, nesse fértil território, no caminho dos emigrantes que atravessam Utah para se dirigirem à Califórnia, a nova colônia, graças aos princípios polígamos do mormonismo, adquiriu enorme incremento. Segundo William Hitch, era este e não outro o motivo da inveja que o Congresso manifestava pelos mórmons e que explicava as perseguições de que estes eram objeto. Mas eles jamais cederiam e tinham esperança de encontrar ainda algum território independente onde assentar os seus arraiais… E cravando um olhar colérico em Passepartout, seu único ouvinte, perguntou-lhe:

— Acolher-se-ia você à sombra da nossa bandeira?

— Não — respondeu resolutamente Passepartout, que fugiu do vagão, deixando o energúmeno a pregar no deserto.

Durante a conferência, o trem tinha avançado rapidamente, e por volta do meio-dia e meia chegava à extremidade noroeste do grande Salt Lake. Dali podia-se abranger com a vista, em vasto perímetro, aquele mar interior, conhecido também pelo nome de mar Morto, e no qual deságua um Jordão

americano. Lago admirável, rodeado de rochas selvagens, agrestes e pitorescas, incrustadas de sal branco, magnífico lençol de água, que o correr do tempo reduziu em extensão mas aumentou em profundidade. O Salt Lake, de 130 quilômetros de comprimento e 70 de largura, está situado a 1.250 metros acima do nível do mar. As suas águas contêm em dissolução matéria sólida equivalente à quarta parte do seu peso. O seu peso específico é de 1.170, enquanto o da água destilada é de 1.000, o que explica que os peixes não possam viver nele.

Às duas horas, os viajantes desceram na estação de Ogden. O trem partia às seis horas. Fogg, Aouda, Passepartout e Fix decidiram visitar Salt Lake City, a Cidade dos Santos. Tinham tempo suficiente, pois, utilizando o pequeno ramal que parte da estação de Ogden, bastar-lhes-iam duas horas. A Cidade dos Santos é uma povoação absolutamente americana e como tal está edificada pelo modelo de todas as cidades dos Estados Unidos, espécie de vastos tabuleiros de xadrez, e linhas compridas e monótonas, ajustadas à simetria que caracteriza os anglo-saxônicos, e à qual o fundador da Cidade dos Santos não pôde subtrair-se.

As ruas estavam quase desertas, salvo a parte do Templo, onde não chegaram senão depois de terem atravessado muitos bairros rodeados de paliçadas. As mulheres eram muito numerosas, o que se explica facilmente pela especial composição das famílias mórmons, muito embora não se deva supor que todos os mórmons sejam polígamos. Cada um é livre neste assunto, mas são as cidadãs de Utah que procuram casar-se, pois, segundo a religião mórmon, o paraíso não admite que as suas delícias sejam gozadas pelas solteiras. Aquelas pobres criaturas não pareciam nem felizes nem satisfeitas. Algumas, as mais ricas decerto, trajavam jaqueta de seda preta aberta na cintura, por baixo de xale muito modesto. Outras apenas vestiam-se de chita.

Passepartout, como celibatário, olhava com certo espanto aquelas mórmons encarregadas de fazer a felicidade de um só mórmon e compadecia-se do marido. Parecia-lhe coisa terrível ter de guiar tantas mulheres através das vicissitudes da vida e conduzi-las assim em multidão ao paraíso mórmon, com a perspectiva de aí tornar a encontrá-las na eternidade, em companhia do glorioso Smith, que devia adornar com a sua presença aquele lugar de delícias. Decididamente o rapaz não sentia vocação e parecia-lhe — talvez se enganasse — que as cidadãs mórmons lhe dirigiam olhares inquietantes.

Felizmente, ficaria muito pouco tempo na Cidade dos Santos. Efetivamente, pouco antes das quatro horas os viajantes estavam outra vez na estação e ocupavam de novo os seus respectivos lugares nos vagões.

Soou o apito regulamentar, mas no momento em que as rodas motoras da locomotiva, movendo-se sobre os carris, começavam a imprimir velocidade ao trem, ouviram-se estes gritos:

— Parem! Parem!

Não se detém um trem em movimento. A personagem que proferia estes gritos era sem dúvida algum mórmon atrasado, que chegava à estação sem alento. Felizmente para ele, a estação não tinha nem portas nem muros. Precipitou-se para a via, saltou para o estribo do último vagão e caiu, sem fôlego, sobre um dos bancos.

Passepartout, que seguia com emoção os incidentes daquela corrida, foi contemplar o retardatário, por quem se interessou vivamente ao saber que a sua precipitada fuga era devida a uma questão conjugal.

Quando o mórmon recuperou o alento, Passepartout animou-se a perguntar-lhe com toda a delicadeza quantas mulheres tinha ele, pois que, pela maneira como o vira fugir, supunha que fossem vinte, pelo menos. O mórmon, elevando os braços ao céu, respondeu-lhe:

— Uma, senhor! Uma e já é bastante!

28
A ponte sobre o rio

O trem, ao sair do grande Salt Lake e da estação de Ogden, subiu durante uma hora na direção do norte, até o rio Weber, tendo percorrido quase 1.700 quilômetros desde San Francisco. Foi nesta parte do território, compreendida entre as Montanhas Rochosas propriamente ditas, que os engenheiros americanos tiveram de vencer as maiores dificuldades. Nesta seção do trajeto, a subvenção do governo americano subiu a 24 mil dólares por quilômetro, enquanto não ultrapassava oito mil dólares na planície. Mas os engenheiros não violentaram a natureza. Pelo contrário, utilizaram-na habilmente, contornando as dificuldades, e em toda a linha apenas abriram um túnel de quatro quilômetros e meio de extensão.

Às dez horas da noite, o trem parava na estação de Forte Bridger e quarenta quilômetros mais adiante entrou no estado de Wyoming, o antigo Dakota, seguindo todo o vale de Bitter, de onde desliza parte das águas que formam o sistema hidrográfico do Colorado.

No dia seguinte, 7 de dezembro, houve uma parada de um quarto de hora na estação de Green River. Durante a noite, a neve caíra em abundância, mas derreteu ao se misturar com a chuva e não interrompeu a marcha do trem. De qualquer modo, o mau tempo não deixou de preocupar Passepartout, porque a acumulação da neve, atolando as rodas dos vagões, havia certamente de comprometer a viagem. O rapaz perguntava a si próprio por que não se teria lembrado o seu amo de empreender aquela viagem na primavera ou no verão, pois então as probabilidades de êxito teriam sido maiores.

E enquanto Passepartout se preocupava com o estado do céu e a descida da temperatura, Aouda experimentava receios mais sérios… pois entre os

passageiros que tinham descido dos vagões e passeavam pela plataforma da estação, esperando a partida do trem, Aouda reconheceu, através da vidraça, o coronel Stamp Proctor, o americano que tão grosseiramente se portara com Phileas Fogg, que, pelo estoicismo que mostrara, cada dia era mais admirado pela jovem viúva. Não compreendia, seguramente, toda a profundidade do sentimento que lhe inspirava o seu salvador e a este sentimento dava ainda o nome de gratidão, mas sem dúvida era algo mais que isso. Assim, o coração oprimiu-se-lhe ao reconhecer o indivíduo a quem Phileas Fogg, cedo ou tarde, queria pedir explicação do seu procedimento. Ainda que tivesse sido a casualidade que trouxera o coronel Proctor àquele trem, o certo é que ele estava ali e tornava-se necessário impedir, a todo custo, que ambos os homens se vissem.

Quando o trem retomou a marcha, Aouda, aproveitando o momento em que Fogg dormitava, informou Fix e Passepartout do que se passava. O detetive procurou tranquilizá-la dizendo-lhe que ele próprio se entenderia com Proctor. No fim de contas tinha sido ele o mais ofendido. Passepartout ofereceu-se para encarregar-se dele, “por muito coronel que fosse!”. Acordaram, assim, evitar que Fogg visse o coronel, dado que um duelo entre ambos poderia, na opinião do detetive, deitar tudo a perder, pois Fogg, vencedor ou vencido, atrasaria a sua viagem. Chegariam a Nova York quatro dias depois, e Passepartout sugeriu aos seus companheiros impedir que durante esse tempo Fogg saísse do vagão, pois, assim, só a casualidade poderia fazer com que se encontrasse com o coronel. A conversa foi interrompida. Fogg acordara e contemplava a campina aqui e além, coberta de neve. Mas pouco depois, e sem ser ouvido pelo seu amo ou por Aouda, Passepartout perguntou a Fix se ele se bateria com o coronel Proctor em lugar de Fogg.

— Estou disposto a tudo para que ele volte vivo à Europa — respondeu simplesmente Fix, com um tom de voz que revelava decisão inabalável.

Passepartout, ao ouvir isto, sentiu um calafrio, mas a sua convicção a respeito do amo não sofreu a menor alteração. E pôs-se a pensar se não existia algum meio para reter Phileas Fogg no vagão a fim de impedir que se encontrasse com o coronel. O detetive julgou ter descoberto esse meio, pois propôs a Fogg, para que as horas se tornassem menos compridas e fastidiosas, jogarem o uíste. Ele, por seu lado, sabia jogar. Aouda também. Quanto às cartas, vendiam-se em todos

os trens americanos. Fogg aceitou, encantado, pois o uíste era o seu jogo favorito. Passepartout foi comprar os baralhos e regressou em seguida com dois jogos completos, fichas e um tabuleiro forrado de pano. Não faltava nada. O jogo começou. Aouda jogava o suficiente para alternar e Fix era digno adversário de Phileas Fogg.

Às onze da manhã o trem chegou à linha divisória das águas dos dois oceanos. Aquele ponto, chamado Bridger Pass, com altura de 2.500 metros acima do nível do mar, era um dos mais elevados do percurso da linha férrea na sua passagem através das Montanhas Rochosas. Quatrocentos quilômetros mais adiante, os viajantes encontrar-se-iam finalmente sobre aquelas extensas planícies que se estendem até o Atlântico e que a natureza tornava próprias para o estabelecimento de uma estrada de ferro.

Na vertente da bacia atlântica já se viam os primeiros rios, afluentes ou subafluentes do rio North Platte. Todo o horizonte, a norte e a leste, estava encoberto pela imensa cortina semicircular que forma a porção setentrional das Montanhas Rochosas, dominada pelo pico Laramie.

Ao meio-dia e meia os viajantes entreviram por um momento o forte Halleck, que domina a região. Algumas horas depois estava concluída a travessia das Montanhas Rochosas. Poderia, portanto, esperar-se que nenhum incidente viesse perturbar a passagem do trem por tão árida região. Tinha deixado de nevar e o frio era seco. Grandes pássaros, assustados pela locomotiva, fugiam ao longe. Nenhuma fera, lobo ou urso, aparecia na planície; era o deserto em toda a sua nudez.

Depois de um almoço bastante substancial, servido mesmo no vagão, Fogg e os seus parceiros dispunham-se a recomeçar a partida de uíste quando se ouviram fortes apitos. O trem parou.

Passepartout pôs a cabeça para fora da janela e nada viu que justificasse aquela parada. Não havia estação à vista. Aouda e Fix recearam por um momento que Fogg apeasse, mas o fleumático cavalheiro limitou-se a dizer ao seu criado que fosse indagar o que acontecera.

Passepartout saltou na linha. Cerca de quarenta passageiros tinham feito o mesmo, entre eles o coronel Stamp Proctor.

O trem estava parado ante um sinal vermelho, indicador de perigo. O maquinista e o revisor discutiam vivamente com um guarda, a quem o chefe da

estação de Medicine-Bow, a povoação mais próxima, tinha enviado ao encontro do trem. Os viajantes tinham-se aproximado do grupo e tomavam parte na discussão, entre eles o coronel Proctor, que se expressava, como era seu hábito, com voz altiva e gestos violentos. Passepartout, que se tinha aproximado, ouviu o guarda dizer:

— Não! Não é possível passar! A ponte de Medicine-Bow está abalada e não suportaria o peso do trem.

A ponte em questão era pênsil, lançada sobre um desfiladeiro, no fundo do qual corria uma torrente impetuosa e que ficava a dois quilômetros de distância do local onde o trem parara. Segundo o guarda, ameaçava ruir, pois muitos dos cabos estavam quebrados, sendo impossível atravessá-la. O guarda não exagerava. Além disso, dada a despreocupação dos americanos, pode-se dizer que, quando eles se mostram prudentes, é loucura não os imitar.

Passepartout, sem se atrever a avisar o seu amo, escutava aquilo com os dentes cerrados e imóvel como uma estátua. O coronel Proctor gritava que não iam ficar ali a criar raízes na neve. O revisor respondeu-lhe que tinham telegrafado para a estação de Omaha pedindo um trem, mas que ele provavelmente não chegaria antes das seis horas. A estação distava dois quilômetros dali, mas era preciso atravessar o rio, coisa impossível, pois ele estava cheio pelas chuvas, despenhando-se como verdadeira catarata. Assim, ver-se-iam obrigados a andar mais de vinte quilômetros para o norte para encontrar passagem. O coronel soltou uma série de pragas contra a companhia. O protesto generalizou-se entre os viajantes, que se viam obrigados a caminhar trinta quilômetros através da planície coberta de neve. Phileas Fogg, absorvido pelo jogo, nada percebia. Passepartout pensou que devia preveni-lo do que se passava e já se dispunha a fazê-lo quando o maquinista, verdadeiro ianque chamado Forster, dirigiu-se aos passageiros e lhes propôs uma solução… Consistia em passar pela ponte, com o trem, é claro.

— Mas a ponte ameaça ruína — objetou o revisor.

— Não importa — respondeu Forster. — Eu creio que, lançando o trem a toda velocidade, teremos bastante probabilidades de passar.

A proposta seduziu imediatamente muitos passageiros, sobretudo o coronel. Aquele cérebro exaltado considerava o projeto perfeitamente praticável. Lembrou mesmo que certos engenheiros tinham concebido a ideia peregrina de

atravessar os rios sem pontes com trens rígidos lançados a toda velocidade. Por fim, todos os viajantes se puseram de acordo com o maquinista. Um considerava que tinham 50% de chances de passar. Outro, que as probabilidades eram 60%. Outro, 80%… ou 90%. Passepartout estava assombrado, pois embora se achasse decidido a realizar a passagem da ponte, a tentativa parecia-lhe americana demais. “Há um processo muito simples, que não ocorreu a ninguém”, pensou o rapaz. E dirigindo-se a um dos viajantes, disse-lhe:

— Senhor, o meio proposto pelo maquinista parece-me um pouco arrojado, mas…

— Chance de 80%! — redarguiu o viajante, voltando-lhe as costas.

— Bem sei! — tornou Passepartout, dirigindo-se a outro viajante. — Mas uma simples reflexão…

— Não é preciso reflexão nenhuma! — replicou o interpelado, encolhendo os ombros. — É inútil, visto que o maquinista afirma que se pode passar!

— Sem dúvida — prosseguiu Passepartout — passaremos, mas talvez fosse mais prudente…

— Como! Prudente? — exclamou o coronel Proctor, a quem esta palavra, que ouviu casualmente, fez dar um pulo. — Decidiu-se a toda velocidade! Compreende? A toda velocidade!

— Bem sei, compreendo… — disse Passepartout, a quem ninguém deixava concluir a frase. — Mas seria, já não digo mais prudente, visto que esta palavra desagrada, pelo menos mais natural…

— O quê? Como? Que tem isso de natural? — vociferaram de todos os lados.

O pobre rapaz acabou por não saber a quem falar.

— Tem medo? — perguntou-lhe o coronel com uma espécie de urro.

— Eu? Medo? — gritou Passepartout. — Para frente! Eu demonstrarei que um francês pode ser tão americano como os senhores.

— Para o trem! Para o trem! — gritou o revisor.

— Sim, para o trem! — repetiu Passepartout. — Para o trem! E depressa. Mas ninguém me convencerá de que não teria sido mais natural passarmos a pé a ponte, e depois que passasse o trem.

Ninguém ouviu a prudente reflexão, nem ninguém teria querido reconhecer que era muito oportuna. Os passageiros tinham subido novamente para os vagões. Passepartout sentou-se no seu lugar sem dizer nada do que se tinha

passado. Os jogadores estavam absortos no uíste. A locomotiva apitou estrepitosamente. O maquinista fez recuar o trem mais de 1,5 quilômetro, como um acrobata que toma impulso para saltar. Depois, com um segundo apito, retomou a marcha para a frente, que se foi acelerando até converter-se em vertiginosa. O uivo das válvulas, ao deixar escapar o vapor, era contínuo. Os êmbolos davam vinte movimentos por segundo. Os eixos das rodas fumegavam dentro das caixas de lubrificação. Experimentava-se a sensação de que o trem, correndo à velocidade de cem quilômetros por hora, já não pesava sobre os trilhos.

E passou-se a ponte! Foi como um relâmpago. Ninguém viu a ponte. O trem saltou, pode-se dizê-lo, de uma margem para outra, e o maquinista não conseguiu deter a desenfreada marcha da locomotiva senão oito quilômetros para além da estação.

Mas quando o trem tinha acabado de atravessar a ponte, esta, definitivamente arruinada, desmoronou-se e caiu, com grande estrondo, nas turbulentas águas da torrente.

29
Incidentes diversos

Naquela mesma tarde, o trem continuou sem obstáculos o seu trajeto, passou para além do forte Sanders, transpôs o desfiladeiro de Cheyenne e chegou ao de Evans. Aqui, a via férrea alcançava o ponto mais alto do seu traçado, 2.700 metros acima do nível do oceano. Os viajantes só tinham agora que descer até o Atlântico por aquelas planícies sem limites, que a natureza tinha nivelado.

Haviam-se percorrido já 2.600 quilômetros desde San Francisco, em três dias e três noites. Quatro dias e quatro noites mais seriam suficientes, segundo todas as previsões, para o trem chegar a Nova York. Phileas Fogg mantinha-se, portanto, dentro dos horários regulamentares.

Durante a noite, deixaram à esquerda o acampamento de Walbah. O rio Lodge corria paralelo à via, seguindo a fronteira retilínea comum aos estados de Wyoming e do Colorado. Às onze horas, entraram em Nebraska, passando próximo de Sedwich, e chegaram a Julesburgo, situado na ramificação sul do rio Platte.

Foi ali que, em 23 de outubro de 1867, se fez a inauguração da Pacífico União, cujo engenheiro-chefe foi o general J. M. Dodge. Ali pararam as duas potentíssimas locomotivas, que puxavam os nove vagões dos convidados, entre os quais figurava o vice-presidente, M. Thomas Durant. Ali realizaram os *sioux* e os *pawnees* um simulacro de combate índio. Ali brilharam os fogos de artifício. Ali finalmente se publicou o primeiro número do jornal *Railway Pioneer.* Assim foi celebrada a inauguração desta grande estrada de ferro, instrumento de progresso e de civilização, lançado através do deserto e destinado a ligar cidades e povoações que ainda não existiam. O silvo da locomotiva, mais

potente que a lira de Anfíon, havia de fazer surgir aquelas povoações, muito em breve, do solo americano.

Às oito horas da manhã, o forte McPherson ficou para trás. Setecentos e dez quilômetros separam este ponto de Omaha. A via férrea seguia, pela margem esquerda, as caprichosas sinuosidades do braço meridional do rio Platte. Às nove horas chegaram à importante cidade de North Platte, edificada entre os dois braços do caudaloso rio, os quais se juntam, depois de contorná-la, formando dali em diante única artéria, cujas águas constituem importante afluente do Missouri, um pouco acima de Omaha.

Tinha-se atravessado o meridiano 101.

Fogg e seus companheiros tinham recomeçado o jogo e ninguém se queixava de a viagem ser demasiado longa. O detetive Fix começara por ganhar alguns guinéus, que estava em risco de perder, mas nem por isso se mostrava mais entusiasmado que Phileas Fogg, a quem a sorte favoreceu extraordinariamente toda a manhã. Os trunfos choviam-lhe nas mãos. Em certo momento, depois de ter combinado um lance audacioso, Fogg ouviu por detrás dele uma voz que dizia:

— Eu jogaria ouros…

Fogg, Aouda e Fix levantaram a cabeça. O coronel Proctor estava ao pé deles.

Stamp Proctor e Phileas Fogg reconheceram-se mutuamente.

— Ah! Por aqui, sr. inglês? — exclamou o coronel. — É o senhor que queria jogar espadas!

— E que jogo — respondeu friamente Phileas Fogg, deitando na mesa um dez de espadas.

— Pois bem, eu quero que sejam ouros — replicou o coronel com tom agressivo, fazendo menção de retirar a carta jogada e acrescentando:

— O senhor não entende nada deste jogo.

— Talvez seja mais hábil noutro — disse Fogg, levantando-se.

— É do senhor que depende a experiência, filho de John Bull! — replicou o grosseiro personagem.

Aouda empalideceu. Todo o seu sangue afluiu ao coração. Agarrou-se ao braço de Phileas Fogg, que a repeliu suavemente. Passepartout dispunha-se a atirar-se sobre o americano, que fitava o seu adversário com um olhar insultante. Mas Fix levantou-se e, dirigindo-se ao coronel, disse-lhe:

— Sem dúvida, o senhor esqueceu-se de que é comigo que deve entender-se, porque não só me insultou, como também me agrediu.

— Peço-lhe perdão, sr. Fix — interpôs Fogg —, mas isto só a mim diz respeito. Ao afirmar que me enganava ao jogar espadas, o coronel dirigiu-me nova injúria, de que exijo satisfação.

— Quando e onde quiser — redarguiu o americano —, e com a arma que lhe agradar.

Aouda procurou em vão reter Fogg. Também o detetive fez inúteis esforços para tomar a si a contenda. Passepartout queria atirar o coronel pela janela, mas conteve-se a um sinal do seu amo. Phileas Fogg saiu do vagão e o americano seguiu-o pelo passadiço.

— Cavalheiro — disse Fogg ao seu adversário —, tenho muita pressa em regressar à Europa e o menor atraso prejudicaria enormemente os meus interesses.

— Mas que tenho eu com isso? — redarguiu o coronel Proctor.

— Cavalheiro — volveu Fogg com toda cortesia —, depois do nosso encontro em San Francisco, tinha tomado a decisão de voltar à América e procurá-lo logo que concluísse os negócios que me reclamam na Europa.

— De verdade?

— Quer aprazar um encontro para daqui a seis meses?

— E por que não para daqui a seis anos? — replicou Proctor.

— Eu disse seis meses e serei pontual.

— Tudo isso não são mais que pretextos! — exclamou o coronel. — Estes assuntos resolvem-se na mesma ocasião ou nunca.

— De acordo — respondeu Fogg. — Vai para Nova York?

— Não.

— Para Chicago?

— Não.

— Para Omaha?

— E ao senhor que lhe importa? Conhece Plum-Creek?

— Não — respondeu Phileas Fogg.

— É a próxima estação. O trem chegará dentro de uma hora e deter-se-á dez minutos, tempo mais que suficiente para que troquemos alguns tiros.

— De acordo. Descerei na estação que disse.

— Eu creio que até ficará nela — juntou o americano com insolência.

— Quem sabe, cavalheiro — exclamou Fogg, que voltou ao seu compartimento com aspecto tão tranquilo como de costume.

Fogg começou por tranquilizar Aouda, dizendo-lhe que os fanfarrões jamais eram de temer. Depois pediu a Fix que lhe servisse de testemunha no duelo com Proctor. O detetive não pôde negar-se, e Fogg continuou calmamente a sua partida interrompida, jogando espadas com absoluta tranquilidade.

Às onze horas, o apito da locomotiva anunciou a proximidade da estação de Plum-Creek. Fogg levantou-se e, seguido de Fix, dirigiu-se para o corredor. Passepartout acompanhava-o, levando duas pistolas. A jovem viúva permaneceu no vagão, pálida como um cadáver. Naquele instante, a porta do outro vagão abriu-se e o coronel Proctor apareceu, seguido da sua testemunha, um ianque tão exaltado como ele. Porém, quando os rivais iam descer do vagão, apareceu o revisor, gritando que não podiam descer, porque havia vinte minutos de atraso e o trem não se deteria na referida estação de Plum-Creek. Foi inútil que Fogg alegasse que tinha que bater-se com o coronel. A campainha já se fazia ouvir e o trem retomava a marcha. O revisor propôs-lhes que se batessem no vagão.

— Talvez isto não agrade ao senhor — disse o coronel com ar de mofa.

— Eu acomodo-me a tudo — respondeu Fogg.

“Decididamente”, pensou Passepartout, “estamos na América, e o revisor é um perfeito cavalheiro.” E seguiu o seu amo.

Os dois adversários e suas testemunhas, precedidos pelo revisor, dirigiram-se, de vagão em vagão, até o último, que era ocupado somente por uns dez passageiros. O revisor pediu-lhes que deixassem o campo livre por uns momentos, pois dois cavalheiros tinham que resolver uma questão de honra. Naturalmente, os viajantes, sem exceção, congratularam-se por poderem ser úteis aos dois cavalheiros e retiraram-se para os passadiços. O vagão, que tinha pouco mais de 16 metros de comprimento, prestava-se muito bem para o caso. Ambos os adversários podiam avançar entre as banquetas e disparar à vontade. Nunca se ajustou duelo com tanta facilidade. Fogg e o coronel Proctor, cada um provido de sua pistola, entraram no vagão. Os seus padrinhos, que ficaram de fora, fecharam-nos lá dentro. Quando a locomotiva lançasse o seu primeiro apito, deviam começar os tiros… Depois deixariam passar dois minutos e retirar-se-ia do vagão o que restasse dos dois adversários.

Nada mais simples, na realidade. Tão simples que Fix e Passepartout sentiam bater os seus corações com tanta violência que parecia estalar-lhes o peito.

De repente, e quando esperavam, ansiosamente, o apito convencionado, começaram a ouvir-se gritos selvagens, acompanhados de detonações, que não procediam do vagão em que estavam os duelistas. As detonações originavam-se, pelo contrário, da frente e dos lados do trem. Nos vagões ouviam-se gritos de terror. O coronel e Fogg saíram precipitadamente e dirigiram-se a toda pressa para a frente, onde os gritos e o tiroteio eram mais intensos. Tinham compreendido que o trem era atacado pelos *sioux*, índios audazes, que por mais de uma vez tinham assaltado os trens. Segundo o seu costume, sem aguardar que o trem parasse, cem assaltantes atiraram-se nos estribos dos vagões e os escalaram, tal como o fariam acrobatas ao saltar sobre cavalos em corrida.

Os índios estavam munidos de espingardas. Daí as detonações, às quais os viajantes, quase todos armados, respondiam com tiros de revólver. Os selvagens começaram por precipitar-se sobre a máquina. O maquinista e o foguista jaziam como moribundos, após levarem uma coronhada com uma espingarda. Um chefe *sioux* tentou parar o trem, mas como não sabia manejar o regulador, abriu a válvula de introdução do vapor, em vez de fechá-la, e a locomotiva, sem controle, começou a correr com velocidade espantosa.

Ao mesmo tempo, os selvagens, ébrios de furor, tinham invadido os vagões, corriam como macacos furiosos por cima dos tetos, arrombavam as portinholas e lutavam corpo a corpo com os passageiros. O vagão das bagagens foi saqueado e os fardos, malas e outros volumes arremessados para a via. Os gritos e os disparos não cessavam. Os viajantes defendiam-se com coragem. Alguns vagões sustentavam verdadeiro cerco, como se fossem fortes ambulantes, levados à velocidade de duzentos quilômetros por hora. Desde o começo do ataque, Aouda tinha-se comportado valentemente. De revólver em punho, defendia-se heroicamente, disparando através dos vidros partidos quando algum índio se punha ao alcance de sua arma. Uns vinte selvagens, feridos mortalmente, tinham caído na via e as rodas dos vagões esmagavam como vermes os que caíam sobre os trilhos. Vários viajantes, gravemente feridos pelas balas ou pelas maças, jaziam sobre os bancos. Era preciso pôr termo à luta, que já durava mais de dez minutos e que não podia deixar de acabar a favor dos *sioux* se o trem parasse. Com efeito, a estação de forte Kearney estava somente a quatro quilômetros de

distância e ali havia um destacamento americano. Mas, uma vez passado o forte, até a estação seguinte os selvagens seriam os donos do trem.

O revisor, que lutava ao lado de Fogg, foi derrubado por um tiro e, ao cair, exclamou:

— Estamos perdidos se o trem não parar em menos de cinco minutos!

— Há de parar! — disse Fogg, lançando-se para fora do vagão.

— Senhor — gritou Passepartout —, encarrego-me disso.

Fogg não teve tempo de deter o valente rapaz, que, abrindo uma portinhola, sem ser visto pelos índios, conseguiu deslizar para debaixo do vagão. E enquanto a luta prosseguia e as balas se cruzavam por cima da sua cabeça, Passepartout, recuperando a sua antiga agilidade de ginasta, avançava por debaixo dos vagões, agarrando-se às correntes, apoiando-se nas alavancas dos freios, rastejando de um vagão para outro com maravilhosa facilidade. Depressa chegou à locomotiva, sem que ninguém percebesse sua manobra. E ali, suspenso por uma das mãos, entre o furgão e o tênder da máquina, desenganchou com a outra as correntes de segurança. Mas, em consequência da tração, não teria conseguido desaparafusar a barra de engate se uma sacudidela da locomotiva não a tivesse feito saltar, e o trem, desligado da máquina, foi parando pouco a pouco, enquanto a locomotiva continuou a avançar com maior velocidade. Impelido pela força adquirida, o trem ainda correu alguns minutos, mas os freios puseram-se em ação, acabando por detê-lo a menos de cem passos da estação de Kearney.

Os soldados do forte, atraídos pelas detonações, acudiram a toda pressa, mas os selvagens não os aguardaram, e antes que o trem parasse por completo o bando inteiro pôs-se em fuga.

Na plataforma da estação, verificou-se que faltavam alguns viajantes, entre eles o corajoso francês, cuja dedicação a todos salvara.

30
Phileas Fogg cumpre o seu dever

Faltavam três viajantes, incluindo Passepartout. Teriam morrido na luta ou estariam prisioneiros dos índios? Como é natural, nada se podia saber no momento.

Os feridos eram em grande número, mas nenhum estava em perigo de vida. Um dos que se encontravam em estado mais grave era o coronel Proctor, que tinha lutado valentemente, recebendo um tiro na virilha. Foi transportado para a estação, juntamente com outros passageiros cujo estado reclamava urgente tratamento. Aouda estava salva. Fogg, que não se poupara, não tinha nem uma arranhadura. Fix estava ferido num braço, embora ligeiramente. Mas faltava Passepartout, e Aouda lamentava-o profundamente.

Todos os passageiros já tinham abandonado o trem, cujas rodas estavam manchadas de sangue. Dos cubos e dos raios pendiam pedaços informes de carne humana, e sobre a superfície branca da pradaria divisavam-se rastos de sangue até se perderem de vista. Os últimos índios desapareceram para o sul, para os lados do rio Republicano.

Fogg permanecia imóvel, com os braços cruzados. Tinha uma grave decisão a tomar. Aouda, a seu lado, olhava-o sem pronunciar palavra… Ele soube interpretar o seu olhar. Se o seu criado se encontrava prisioneiro, não devia ele tentar tudo, arriscar tudo, para livrá-lo das mãos dos índios?

— Encontrá-lo-ei, vivo ou morto! — disse ele a Aouda.

— Ah! Senhor Fogg! — exclamou ela, agarrando as mãos do seu companheiro e cobrindo-as de lágrimas.

— Vivo! — acrescentou Phileas Fogg. — Mas não podemos perder um só minuto!

Esta decisão significava o verdadeiro sacrifício de Phileas Fogg, a sua ruína, visto que um único dia de atraso o faria perder o navio de Nova York. A sua aposta ficava irremediavelmente perdida, mas não vacilou um instante, pensando que cumpria o seu dever.

Encontrava-se ali o capitão que comandava o forte Kearney. Os seus soldados, aproximadamente cinquenta, estavam preparados para o caso de os índios tentarem atacar a estação.

Fogg dirigiu-se ao capitão, a quem disse que faltavam três passageiros e, ignorando-se se tinham morrido ou se estavam prisioneiros dos *sioux*, desejava saber se pensava em persegui-los. O militar disse que os índios podiam fugir para além de Arkansas e que ele não podia abandonar o forte que lhe tinha sido confiado. Por outro lado, tratava-se de arriscar a vida de cinquenta homens para salvar a de três…

— Muito bem! — disse Fogg com firmeza. — Irei só!

— O senhor? — exclamou Fix, que se tinha aproximado. — O senhor ir só em perseguição dos índios?

— Acaso quer o senhor que eu deixe morrer aquele desgraçado, a quem todos nós devemos a vida? Irei!

— Pois bem, não, não irá só! — exclamou o capitão, comovido. — Não! O senhor tem excelente coração!… Vamos ver! Trinta voluntários! — acrescentou ele, voltando-se para os soldados.

Toda a companhia deu um passo à frente. O capitão escolheu trinta soldados, pondo-lhes à frente um velho sargento.

O detetive quis acompanhar Fogg, mas este pediu-lhe que ficasse a olhar por Aouda e que, no caso de que a ele ocorresse alguma desgraça… Fix empalideceu. Separar-se daquele homem a quem tinha seguido passo a passo e com tanta persistência! Permitir que se aventurasse assim naquele deserto!… Contemplou atentamente Fogg e, apesar das desconfianças que alimentava e do combate que se lhe travou no espírito, baixou a cabeça diante daquele olhar franco e sereno e respondeu simplesmente:

— Ficarei.

Momentos depois, Fogg apertava a mão da jovem e, depois de confiar-lhe o precioso saco de viagem, partiu com o sargento e os trinta soldados, a quem ofereceu mil libras se salvassem os prisioneiros. Passavam alguns minutos do

meio-dia. Aouda retirou-se para um compartimento da estação e pôs-se a pensar em Fogg, que aos seus olhos era um herói. Pelo contrário, Fix não refletia do mesmo modo. Passeando nervosamente pela plataforma da estação, achava que tinha cometido uma tolice deixando Fogg partir. “Fui um imbecil!”, pensava. “O outro deve ter-lhe dito quem eu era e, está claro, partiu e não voltará! Onde vou encontrá-lo agora? Como me deixei fascinar assim, eu, que tenho no bolso a sua ordem de prisão? Decididamente, sou um imbecil!”

Assim raciocinava o detetive enquanto as horas decorriam lentamente. Não sabia o que fazer. Algumas vezes esteve a ponto de contar tudo a Aouda, mas adivinhava como a jovem acolheria as suas palavras. Até pensou em lançar-se em perseguição de Fogg através das vastas planícies nevadas, o que não seria difícil, pois o destacamento tinha deixado as suas pegadas impressas na neve. Mas, de repente, nova camada fê-las desaparecer.

Fix sentia-se desalentado e com desejo de abandonar o jogo. Dali a pouco, porém, ia aparecer meio de prosseguir aquela viagem, que tão fértil tinha sido em percalços e contratempos.

Efetivamente, por volta das duas horas da tarde, enquanto nevava copiosamente, ouviram-se ao longe fortes apitos procedentes do leste. E uma sombra enorme, precedida de clarão avermelhado que lhe dava um aspecto fantástico, aproximava-se da estação. Não era esperado nenhum trem. Os socorros que tinham sido pedidos pelo telégrafo não podiam chegar tão depressa, e o trem de Omaha para San Francisco não passaria antes do dia seguinte.

Depressa se teve a explicação. Tratava-se da locomotiva desengatada do trem, graças à audaciosa e hábil manobra de Passepartout. Depois de separar-se do comboio, a máquina tinha continuado a sua marcha com espantosa velocidade, levando o maquinista e o foguista inanimados. Assim percorreu vários quilômetros até que, esgotado o fogo, por falta de combustível, a velocidade foi diminuindo e a locomotiva parou algumas horas depois, a trinta quilômetros além da estação de Kearney.

Nem o maquinista nem o foguista tinham sucumbido e, depois de um desmaio bastante prolongado, voltaram a si. A máquina estava parada, e quando o maquinista se viu no deserto, só com a locomotiva, sem vagões, compreendeu o que se passara. Ainda que não pudesse adivinhar como a locomotiva tinha sido desengatada, não havia dúvida de que o trem carecia de auxílio.

O maquinista não hesitou e regressou na locomotiva a Kearney.

Foi uma grande satisfação para os viajantes ver que a locomotiva se punha à frente do trem. Poderiam, pois, prosseguir a viagem, tão desgraçadamente interrompida.

Aouda, ao ver a locomotiva, saiu da estação e perguntou ao condutor se se dispunha a partir. Este respondeu-lhe que o faria imediatamente, pois já tinham três horas de atraso. Não podia esperar pelo regresso de Phileas Fogg. Por outro lado, o próximo trem procedente de San Francisco não passaria por ali antes do dia seguinte. Aouda decidiu esperar. Fix tinha ouvido a conversa entre a jovem e o condutor. Momentos antes, quando não havia qualquer meio de locomoção, estava resolvido a deixar Kearney. Agora, pelo contrário, que podia partir imediatamente, uma força irresistível prendia-o ao solo. A plataforma da estação queimava-lhe os pés, mas, no entanto, não podia sair dali. A luta recomeçava no seu íntimo. A cólera do malogro sufocava-o e ele queria lutar até o fim.

De todos os passageiros, só ficaram em Kearney Fix e Aouda. Os restantes — alguns, como dissemos, estavam feridos, sendo o coronel Proctor o mais gravemente — partiram no trem.

Passaram-se algumas horas. O tempo estava muito mau e o frio era intensíssimo. Fix, sentado num banco da estação, permanecia imóvel, parecendo que dormia. Aouda, apesar do temporal, saía constantemente do aposento que tinha sido posto à sua disposição, vinha até o extremo da esplanada e procurava ver através da neblina, que reduzia o horizonte à sua volta, e escutava com a maior atenção, tentando captar algum ruído. Mas em vão. Transida de frio, voltava ao seu compartimento, para tornar a sair ao cabo de instantes… e obter o mesmo resultado negativo.

Chegou a noite e o pequeno destacamento não tinha regressado. Onde se encontraria naquele momento? Teria alcançado os índios? Teria havido luta ou os soldados, perdidos no meio do nevoeiro, vagueavam ao acaso? O capitão do forte Kearney procurava dissimular a sua inquietação.

Durante toda a noite, Aouda, assaltada por sinistros pressentimentos, com o coração angustiado, vagueou pela orla da campina. A sua imaginação transportava-a para longe e mostrava-lhe milhares de perigos. O que sofreu durante aquelas longas horas não seria possível expressar. O detetive continuava imóvel no mesmo lugar, mas também não conseguia dormir. Em certo momento

aproximou-se dele um homem que lhe falou, mas Fix respondeu-lhe com sinal negativo.

Às sete horas da manhã — o disco solar tinha começado a levantar-se num horizonte brumoso, porém a visibilidade ia até três quilômetros de distância —, não se via o mínimo sinal de Phileas Fogg e do destacamento, que se tinham dirigido para o sul. O capitão, extremamente preocupado, não sabia o que fazer, que atitude tomar. Por fim, decidiu ordenar a um dos seus subalternos que fizesse reconhecimento pelo sul… Mas, de repente, ouviram-se tiros. Seria um sinal? Os soldados precipitaram-se para fora do forte e a um quilômetro de distância divisaram um pequeno grupo de soldados que caminhavam para eles em boa ordem. À frente marchava Fogg e a seu lado… Passepartout e os outros dois viajantes, arrancados das mãos dos índios.

Houvera um combate dez quilômetros ao sul de Kearney. Momentos antes da chegada dos soldados, Passepartout e os seus companheiros lutavam já contra os seus detentores, e o francês já tinha derrubado três a socos quando o seu amo e os soldados se precipitaram em seu socorro.

Todos, salvadores e salvados, foram acolhidos com gritos de júbilo, e Fogg distribuiu pelos soldados a gratificação que lhes havia prometido, o que fez com que Passepartout pensasse, não sem razão:

“Decididamente, hei de reconhecer que custo caro a meu amo.”

Fix, sem pronunciar palavra, olhava para Fogg, e teria sido difícil analisar os sentimentos que se debatiam no seu espírito. Aouda pegava na mão do cavalheiro, sem poder articular palavra.

Passepartout esperava encontrar ali o trem, pronto a partir para a estação de Omaha, pois confiava em recuperar o tempo perdido. Quando verificou a sua falta, começou a se agitar:

— O trem! O trem!

O próximo trem passava naquela mesma tarde. Fogg, ao ter conhecimento disso, respondeu simplesmente:

— Ah!

31
Em trenó a vela

Phileas Fogg achava-se atrasado 24 horas, e Passepartout, causa involuntária do atraso, estava desesperado. Sem dúvida alguma, tinha arruinado o seu amo.

O detetive Fix decidiu abordar Fogg, a quem pediu que lhe respondesse com franqueza se, efetivamente, tinha tanta pressa em chegar ao fim da sua viagem. Fogg respondeu-lhe que tinha muitíssima pressa, pois devia chegar a Nova York no dia 11 pela manhã, hora em que o vapor saía para Liverpool.

— E se a viagem — disse Fix — não tivesse sido interrompida pelo ataque dos índios, o senhor teria chegado a Nova York no dia 11, pela manhã?

— Sim, 12 horas antes da partida do navio.

— Muito bem — continuou Fix. — O atraso total é de vinte horas. De 12 a vinte, a diferença é só de oito. Bastará ganhar oito horas. Quer tentá-lo?

— A pé? — inquiriu Fogg.

— Não, em trenó a vela — respondeu o detetive. — Um homem propôs-me este meio de transporte.

Fix referia-se ao homem que lhe tinha falado naquela noite e cuja oferta tinha recusado.

Phileas Fogg, perplexo, não respondeu, mas Fix indicou-lhe a pessoa em questão, que passeava na frente da estação. Fogg dirigiu-se ao seu encontro e, momentos depois, acompanhado do americano, chamado Mudge, entrava numa cabana construída na base do forte Kearney.

Ali, Fogg examinou um veículo de aspecto muito estranho, espécie de tabuleiro montado sobre duas vigas compridas, um pouco arqueadas na frente, como suportes de trenó, e no qual cabiam cinco ou seis pessoas. Quase na frente do tabuleiro levantava-se um mastro bastante alto, em que se via grande vela.

Este mastro, solidamente sustentado por ovéns metálicos, tinha um estai de ferro que servia para içar a bujarrona de grandes dimensões. A ré, uma espécie de leme servia para dirigir o veículo.

Era, como se vê, um trenó armado em chalupa. Durante o inverno, quando os trens não podem transitar por causa da neve, estes veículos efetuam viagens rapidíssimas de uma estação para outra. Além disso, encontram-se muito bem aparelhados, talvez melhor que um cúter de recreio, que facilmente se pode virar, e, com vento de popa, deslizam pela planície gelada com velocidade, senão superior, igual à de um trem expresso.

O contrato entre Phileas Fogg e o patrão do barco terrestre foi fechado imediatamente. O vento era favorável. Soprava do oeste uma forte brisa. A neve estava endurecida e Mudge comprometia-se a levar Fogg à estação de Omaha em poucas horas. Ali, os trens são frequentes e numerosas as vias que conduzem a Chicago e a Nova York. Não era impossível, por conseguinte, recuperar o tempo perdido. Assim, pois, não havia razão para hesitar.

Fogg, não querendo que Aouda se expusesse a uma viagem ao ar livre com aquele frio, que a velocidade do trenó tornaria ainda mais insuportável, propôs-lhe que ficasse com Passepartout em Kearney, de onde o solícito rapaz se encarregaria de conduzi-la à Europa por rota melhor e em condições mais favoráveis. Mas Aouda negou-se a separar-se de Fogg e Passepartout folgou muito com tal determinação, pois por nada do mundo queria abandonar o seu amo, visto que Fix o devia acompanhar. Quanto ao detetive, seria difícil dizer o que ele pensava. Talvez a sua opinião acerca de Fogg tivesse mudado ligeiramente. Mas nem por isso se achava menos decidido a cumprir o seu dever e, mais impaciente que os restantes, estava disposto a apressar, por todos os meios, o regresso à Inglaterra.

Às oito horas, o trenó estava pronto para partir. Os viajantes — quase se poderia dizer os passageiros — tomaram lugar nele e envolveram-se muito bem nas suas mantas de viagem. Foram içadas as duas velas grandes e, sob o impulso do vento, o veículo deslizou sobre a neve gelada com velocidade de sessenta quilômetros por hora.

A distância que separa o forte Kearney da estação de Omaha é, em linha reta — a voo de abelha, como dizem os americanos —, de quatrocentos quilômetros, no máximo. Se o vento continuasse a ser favorável, poder-se-ia percorrer tal

distância em cinco horas e, se não ocorresse nenhum incidente, o trenó devia chegar a Omaha à uma hora da tarde.

Que jornada! Os viajantes, apertados uns contra os outros, não podiam conversar. O frio, aumentado pela velocidade, gelava-lhes as palavras. O trenó deslizava tão ligeira e suavemente sobre a planície como embarcação sobre as águas, com a vantagem de não haver balanços. Quando o vento, varrendo o solo, acometia o trenó, parecia que este voava graças às enormes velas, asas de gigantesca gaivota. Mudge, ao leme, mantinha-se em linha reta e, com movimentos da cana, retificava os desvios que o veículo tendia a fazer. Todo o velame era posto ao serviço. Um redondo e um gafetope, estendidos ao vento, aumentavam a força impulsora das restantes velas. Embora não fosse possível calcular de modo matemático a velocidade a que ia o veículo, ela não devia ser inferior a 65 quilômetros por hora. Se não houvesse qualquer avaria, dizia Mudge, chegariam a Omaha no tempo previsto. O patrão tinha interesse que assim sucedesse, pois Fogg, fiel ao seu sistema, tinha-o estimulado com a promessa de boa gratificação.

A campina pela qual o trenó deslizava era plana como o mar, parecendo imenso lago gelado. A via férrea que atravessava esta parte do território subia de sudeste para nordeste, por Grand Island, Colombo, importante cidade de Nebraska, Schuyler, Fremont e, por último, Omaha. Seguia em todo o seu percurso a margem direita do rio Platte, na pequena curva que forma em frente de Fremont, pois as suas águas estavam geladas. O caminho encontrava-se, assim, livre de obstáculos e Fogg não tinha que temer mais que três coisas: avaria no veículo, calmaria ou mudança do vento.

Porém, o vento não amainava. Pelo contrário, soprava até ao ponto de dobrar o mastro, firmemente sustido pelos ovéns de ferro. Aqueles fios metálicos, semelhantes a cordas de instrumento musical, ressoavam como se um arco provocasse as suas vibrações. O trenó deslizava ligeiro entre os plangentes acordes de original orquestra.

— Essas cordas dão a quinta e a oitava — disse Fogg, sendo estas as únicas palavras que pronunciou durante a viagem.

Aouda, cuidadosamente envolta nas peles e na manta de viagem, ia resguardada, o melhor possível, do frio. Passepartout, cuja face vermelha brilhava como o sol quando desaparece entre as nuvens, aspirava aquele ar

penetrante, sempre confiado, com a esperança de que, em lugar de chegar de manhã a Nova York, chegariam à tarde, mas com possibilidades de poder tomar o navio para Liverpool. Até sentiu o desejo de apertar a mão do seu aliado, Fix, pois este havia proporcionado o trenó e, portanto, o único veículo com que poderiam chegar a tempo a Omaha… O que Passepartout nunca esqueceria era o sacrifício que Fogg havia feito para arrancá-lo das mãos dos índios, pois não só tinha arriscado a sua fortuna mas também a sua vida…

Enquanto cada um dos passageiros se entregava a diferentes reflexões, o trenó voava sobre a imensa planície coberta de neve endurecida. Se na sua rápida marcha cruzou algumas torrentes, afluentes ou subafluentes do pequeno rio Azul, os passageiros não o notaram. Os campos e os cursos de água desapareciam debaixo de uma capa uniforme. A planície achava-se completamente deserta. Compreendida entre a Pacífico União e o ramal que liga Kearney a São José, formava como que uma grande ilha desabitada. Nem uma aldeia, nem uma estação, nem um forte sequer. De vez em quando, viam-se passar, como raio, os restos de uma velha árvore, cujo esqueleto branco se retorcia sob o vento. Às vezes levantavam voo bandos de aves selvagens. Outras, os lobos, em alcateias numerosas, esquálidas e famintas, levadas por uma necessidade feroz, competiam em velocidade com o trenó… Então, Passepartout, de revólver na mão, preparava-se para disparar rapidamente sobre os mais próximos. Se então algum acidente tivesse detido o trenó teriam corrido grande perigo. Mas o trenó seguia a sua marcha ligeira e depressa o barulhento tropel ficava para trás.

Ao meio-dia, Mudge reconheceu, por certos indícios, que passavam sobre o gelado curso do rio Platte. Nada disse, pois estava certo de que a alguns quilômetros além encontrariam a estação de Omaha.

Efetivamente, ainda não era uma hora da tarde quando o hábil patrão abandonou o leme, arriou e amarrou as velas enquanto o trenó, impelido pela velocidade adquirida, percorria ainda um quilômetro. Finalmente deteve-se, e Mudge, indicando um aglomerado de telhados cobertos de neve, disse:

— Chegamos!

Tinham chegado! Já estavam, enfim, naquela estação da qual numerosos trens comunicavam-se diariamente com o leste dos Estados Unidos!

Na importante cidade de Nebraska acaba a linha do Pacífico propriamente dita, que põe em comunicação a bacia do Mississippi com o dito oceano. Para ir de Omaha a Chicago, o trem dirige-se diretamente para leste, servindo a mais de cinquenta estações.

Um trem direto estava prestes a partir. Phileas Fogg e os seus companheiros não tiveram tempo senão para se atirarem para dentro de um vagão. De Omaha nada puderam ver. Mas Passepartout não se lamentava, pois dizia que não era ver cidades o que lhes interessava.

A grande velocidade, o trem passou pelo estado de Iowa. Durante a noite, atravessou o Mississippi por Davenport, e por Rock Island entrou em Illinois. No dia seguinte, pelas quatro da tarde, chegava a Chicago, reconstruída já e mais orgulhosamente que nunca assente na margem do lago Michigan.

Chicago fica a 1.700 quilômetros de Nova York. Fogg passou imediatamente de um trem para outro. Este partiu a toda velocidade, como se tivesse compreendido que o respeitável cavalheiro não tinha tempo a perder. Atravessou como raio os estados de Indiana, Ohio, Pensilvânia e Nova Jersey, passando por antigas cidades, algumas das quais tinham já ruas e transporte urbano.

Por fim, divisou-se o Hudson e, no dia 11 de dezembro, às 23h15, o trem parava na estação, à margem do mesmo rio, bem em frente do embarcadouro dos vapores.

Quarenta e cinco minutos antes havia partido o *China*, rumo a Liverpool.

32
Luta contra a má sorte

Ao partir, o C*hina* tinha levado consigo, ao que parece, a última esperança de Phileas Fogg.

Com efeito, nenhum dos outros vapores que efetuam o serviço direto entre a América e a Europa, nem os transatlânticos franceses, nem os barcos da Linha Estrela Branca, nem os vapores da Companhia Imman, nem os da Linha Hamburguesa, nem qualquer outro, enfim, podiam servir aos projetos do fleumático personagem.

Um, o *Pereira*, da Companhia Transatlântica Francesa, não partia antes do dia 14 de dezembro. Outros não iam a Liverpool ou a Londres, mas sim ao Havre, e aquela travessia suplementar do Havre a Southampton, retardando Fogg, tornaria inúteis os seus últimos esforços.

Finalmente, não podia contar com outros barcos, pois são destinados particularmente ao transporte de emigrantes, sendo as suas máquinas pouco potentes. Navegam tanto a vela como a vapor e a sua velocidade não é muita. Na travessia de Nova York à Inglaterra demoravam mais tempo do que Fogg dispunha para ganhar a aposta.

Disto se informou Phileas Fogg.

Passepartout estava aniquilado, visto que se considerava culpado daqueles atrasos. Por 45 minutos, tinham perdido o navio *China*, que largara rumo a Liverpool!

Quando o rapaz relembrava todos estes incidentes da viagem e pensava nas somas gastas inutilmente e só no seu interesse, quando pensava que aquela importante aposta, a que havia de juntar os consideráveis gastos daquela inútil

viagem, arruinava por completo o seu amo, Passepartout enchia-se a si mesmo de impropérios.

Por seu lado, Fogg não lhe fez nenhuma censura. Limitou-se a dizer:

— Amanhã resolveremos tudo! Vamos!

Fogg e os seus companheiros fizeram-se transportar de trem até o hotel de St. Nicholas, na Broadway. A noite foi muito curta para Fogg, que dormia sempre perfeitamente, mas decorreu muito lenta para os outros, aos quais a agitação impedia de conciliar o sono.

No dia seguinte, 12 de dezembro, faltavam nove dias e 13 horas para o termo da aposta, que findava no dia 21 às 20h45. Se Phileas Fogg tivesse saído no dia anterior no *China*, chegaria a Londres na data combinada.

Fogg dirigiu-se para as margens do Hudson e procurou, entre os barcos amarrados ao cais ou ancorados no rio, os que se achavam prontos para partir. A maioria eram barcos a vela, que não convinham ao nosso cavalheiro.

De repente, e quando considerava que tinha fracassado na sua tentativa, reparou, fundeado diante do cais, a curta distância, num barco de carga, de hélice, de linhas airosas, cuja chaminé, deixando escapar densos novelos de fumo, indicava que se preparava para largar.

Fogg tomou um bote e em poucas remadas chegou a bordo do *Henriqueta*. Tal era o nome do barco em questão, de casco metálico e armação de madeira.

O capitão encontrava-se a bordo. Fogg subiu à ponte e mandou-o chamar. O capitão apresentou-se daí a pouco.

Era homem de uns cinquenta anos, espécie de lobo do mar, de aspecto carrancudo e certamente pouco sociável. Tinha grandes olhos, pele da cor do cobre oxidado, cabelo ruivo e grande envergadura. Os seus gestos estavam muito longe de ser os de homem mundano.

— O capitão? — perguntou Phileas Fogg.

— Sou eu.

— Eu sou Phileas Fogg, de Londres.

— E eu Andrew Speedy, de Cardiff.

— O senhor vai partir?

— Dentro de uma hora.

— Com destino a… ?

— Bordeaux.

— Que espécie de carga?
— Pedras no porão. Não há mercadorias e vou em lastro.
— Leva passageiros?
— Nada de passageiros. Não os quero. É mercadoria palradora e aborrecida.
— Anda bem o seu barco?
— De 11 a 12 nós.
— Quer levar-me a Liverpool, com mais três pessoas?
— A Liverpool? Por que não à China?
— Eu disse a Liverpool.
— Pois… não!
— Por que não?
— Porque o meu destino é Bordeaux e vou para Bordeaux.
— Mesmo sem ter em conta o preço?
— Sem ter em conta o preço — respondeu o capitão, em tom que não admitia réplica.
— Mas os armadores do *Henriqueta* — volveu Fogg.
— O armador sou eu. O barco é meu.
— Freto-o por minha conta.
— Não.
— Compro o barco.
— Nem assim.
Fogg nem pestanejou. Entretanto, a situação era grave. Não sucedia em Nova York como em Hong Kong, nem o capitão do *Henriqueta* podia ser tratado como o foi o patrão da *Tancadera*. Até então, o dinheiro de Fogg havia aplanado todos os obstáculos. Agora, pelo contrário, o dinheiro não dava resultado.
Não obstante, era preciso achar um meio de atravessar o Atlântico em barco, a menos que o fizesse em balão, o que seria muito arriscado e talvez irrealizável. Fogg teve uma ideia.
— Pois bem, quer levar-me para Bordeaux? — disse ao capitão.
— Não! Ainda que me pagasse duzentos dólares por cada um.
— Ofereço-lhe dois mil por pessoa.
— Por pessoa?
— Por pessoa.
— E são quatro?

— Quatro.

O capitão Speedy começou a coçar a cabeça, como se quisesse arrancar a pele. Para ganhar oito mil dólares sem modificar o itinerário, valia a pena pôr de lado as suas antipatias contra toda a espécie de passageiro. Por outro lado, passageiros de dois mil dólares já não são passageiros: são mercadoria preciosa.

— Parto às nove horas — limitou-se a dizer o capitão —, e se os senhores se encontrarem a bordo…

— Às nove horas estaremos a bordo — respondeu, no mesmo estilo, Phileas Fogg.

Eram oito e meia. Desembarcar do *Henriqueta*, tomar uma carruagem, dirigir-se ao Hotel de São Nicolau, trazer Aouda, Passepartout e até o detetive Fix, a quem Fogg ofereceu graciosamente passagem, foram atos realizados pelo cavalheiro tão depressa como o pensara e com a sua calma habitual, que nunca abandonava.

No mesmo instante em que o *Henriqueta* se aprestava, os quatro apresentaram-se a bordo. Quando Passepartout soube o preço desta última travessia, exclamou um *Oh!* prolongado, desses que passam por todos os tons da escala cromática descendente.

Quanto a Fix, pensou que, decididamente, o Banco da Inglaterra não seria indenizado totalmente do roubo. Com efeito, à chegada, e supondo que Fogg não atirasse algumas notas à água, faltariam umas 17 mil libras no saco das notas.

33
Phileas Fogg mostra-se à altura das circunstâncias

Uma hora depois, o *Henriqueta* transpunha a boia luminosa que marca a entrada do Hudson, dobrava a ponta Sandy Hook e fazia-se ao largo. Durante o dia, costeou Long Island à vista do farol da ilha, dirigindo-se rapidamente para leste.

No dia seguinte, 13 de dezembro, ao meio-dia, um homem subiu à ponte para tomar a latitude. Não era, como poderia supor-se, o capitão Speedy, mas o próprio Phileas Fogg.

Enquanto isto, o capitão Speedy se encontrava fechado à chave no seu camarote e proferia exclamações e gritos que demonstravam com toda a nitidez a cólera, levada ao paroxismo, que o dominava. Que tinha acontecido? Muito simples… Fogg queria ir para Liverpool e o capitão não queria conduzi-lo àquela cidade. Então, Fogg aceitou embarcar para Bordeaux, porém, passadas trinta horas a bordo, tinha agido com tanta astúcia, à base de dinheiro, que a tripulação, marinheiros e foguistas — tripulação que tinha um pouco de contrabandista e muitos ressentimentos do capitão —, pertencia-lhe por completo… E eis por que Phileas Fogg pilotava em lugar do capitão Speedy, visto que este se encontrava fechado no seu camarote e por que, finalmente, o *Henriqueta* se dirigia para Liverpool. Ao ver como Fogg se conduzia, todos tinham acreditado que era marinheiro.

Aouda sentia-se bastante inquieta, embora nada dissesse. Fix estava completamente estonteado. Quanto a Passepartout, a aventura pareceu-lhe formidável.

“Entre 11 e 12 nós”, tinha dito o capitão Speedy e, com efeito, mantinha-se nesta média a velocidade.

Se o mar não piorasse, se o vento não mudasse de quadrante, se não se produzisse nenhuma avaria, o *Henriqueta*, em nove dias, contados de 12 a 21 de dezembro, poderia percorrer os 4.800 quilômetros que separam Nova York de Liverpool. É verdade que o caso do *Henriqueta*, junto ao do roubo do Banco, poderia trazer a Phileas Fogg as mais graves consequências.

Durante os primeiros dias, a navegação fez-se em excelentes condições. O mar não estava muito agitado e o vento parecia querer conservar-se de nordeste. Foram largadas as velas e, sob o velame, o barco sulcava as águas como um verdadeiro transatlântico.

Passepartout estava encantado. A última proeza do seu amo, cujas consequências finais ele não queria ver, entusiasmava-o. Nunca a tripulação conhecera rapaz mais alegre e mais ágil. Mostrava-se amistoso com os marinheiros e assombrava-os, divertindo-os com as suas piruetas e habilidades de artista de circo. Dava-lhes com verdadeira prodigalidade os qualificativos mais afetuosos e as mais estranhas bebidas. Para ele, tratava-se de uma tripulação modelo, toda composta de cavalheiros, e os foguistas eram heróis. O seu bom humor e a sua verbosidade tinham atraído todos. O passado, os inconvenientes, os obstáculos, os perigos, tudo tinha sido esquecido. Não pensava senão na meta, que já estava tão próxima, e às vezes fervia de impaciência, como se o tivessem metido nas caldeiras do *Henriqueta*. Outras, punha-se a andar à volta de Fix, a quem olhava de modo significativo, embora sem lhe dizer uma única palavra, pois já não existia a menor intimidade entre os dois antigos amigos.

Quanto a Fix, todo aquele conjunto de coisas o aturdia… Já não sabia que pensar… No fim de contas, um cavalheiro que começa por roubar 55 mil libras poderia perfeitamente acabar por roubar um barco. E Fix terminou por crer que o *Henriqueta* não se dirigia para Liverpool, mas, sim, para qualquer ponto do globo, e que Phileas Fogg ia converter-se em pirata. Então, o ladrão estaria em segurança. O detetive — há que reconhecer que esta hipótese era lógica — começava já a lamentar-se de ter-se metido naquele assunto. O capitão Speedy continuava a vociferar no seu camarote e Passepartout, encarregado de cuidar da sua manutenção, via-se obrigado a adotar grandes precauções. Fogg nem sequer se lembrava de que havia um capitão a bordo.

No dia 13 de dezembro, dobraram a ponta do banco da Terra Nova, paragem muito má, sobretudo no inverno, pois o nevoeiro é muito frequente e os furacões, temíveis. Desde a véspera, o barômetro anunciava próxima mudança na atmosfera. Efetivamente, durante a noite, a temperatura desceu, tornando-se o frio mais intenso e mudando-se o vento para o sudeste.

Fogg, a fim de não se desviar do seu rumo, teve de ferrar as velas e aumentar a pressão das caldeiras. Contudo, a velocidade do barco foi diminuindo em consequência do estado do mar, que comunicava à embarcação violentíssimo balanço, em detrimento da sua velocidade. A brisa ia-se convertendo pouco a pouco em furacão e já se temia que o *Henriqueta* não pudesse romper o mar. Ora, se fosse preciso fugir diante do temporal, isso equivalia a arrostar com o desconhecido, com todas as suas terríveis consequências, naturalmente.

O semblante de Passepartout carregou-se ao mesmo tempo que o céu e durante dois dias o excelente rapaz sofreu mortais angústias. Mas Fogg era marinheiro aguerrido, que sabia resistir ao mar, e continuou o seu rumo fixado, sem baixar a pressão do vapor. Quando o *Henriqueta* não podia passar sobre uma onda, fazia-o através dela e, embora a ponte ficasse varrida, continuava em frente. Às vezes, a hélice saía fora da água, batia o ar, mas a embarcação mantinha-se aproada.

O vento, contudo, não se tornou tão rijo como era de recear. Não se tratou de um desses furacões que passam a 180 quilômetros por hora, embora, infelizmente, continuasse a soprar com obstinação do sudeste e não permitisse largar a pano.

A 16 de dezembro fazia 75 dias que tinham saído de Londres. O *Henriqueta* não levava atraso inquietante. Pouco mais ou menos, já se tinha efetuado metade da travessia e tinham já passado as piores paragens. Se fosse verão, o êxito teria sido certo…

Naquele mesmo dia, o maquinista subiu à ponte e manteve com Fogg uma conversa bastante viva. Sem saber por que, sem dúvida por pressentimento, Passepartout sentiu vaga inquietação. Teria dado uma de suas orelhas para ouvir o que ambos diziam. Por fim, conseguiu apanhar algumas palavras, entre outras, as seguintes, pronunciadas por seu amo:

— Tem a certeza do que disse?

— Absoluta, senhor — comentou o maquinista. — Não se esqueça de que desde que partimos levamos todas as caldeiras acesas, e se tínhamos carvão para chegar a Bordeaux, não o temos para ir a Liverpool.

— Já resolverei isso — respondeu Fogg.

Passepartout compreendeu o que se passava e uma inquietação mortal apoderou-se dele. Ia faltar carvão!

“Ah!”, disse para si. “Se o meu amo resolve este problema, é, sem dúvida, um homem excepcional.”

E como encontrasse casualmente Fix, pô-lo ao corrente da situação.

— Então — respondeu-lhe o detetive — crê que vamos até Liverpool?

— Naturalmente!

— Imbecil! — respondeu Fix, que se afastou, encolhendo os ombros.

Passepartout teria pedido satisfação por aquele qualificativo, embora não compreendesse a sua verdadeira significação, mas pensou que o detetive se encontrava muito aborrecido, muito humilhado no seu amor-próprio, depois de ter seguido tão inutilmente pista falsa, e não fez caso.

Naquela mesma tarde, Fogg chamou o maquinista e disse-lhe:

— Aumente o vapor e force a máquina, até que o combustível se esgote por completo.

Momentos depois, a chaminé do *Henriqueta* vomitava turbilhões de fumo.

O navio continuava a navegar a toda velocidade, mas, tal como estava previsto, dois dias depois, a 18, o maquinista comunicou a Fogg que o carvão acabaria durante aquele dia.

— Não diminuam a pressão — respondeu Fogg. — Pelo contrário, carreguem as válvulas.

Por volta do meio-dia, depois de ter tomado a latitude e calculado a posição do barco, Fogg mandou chamar Passepartout e ordenou-lhe que fosse buscar o capitão Speedy. Era como se lhe tivesse ordenado que fosse soltar um tigre. Passepartout desceu do tombadilho, pensando que o capitão Speedy estaria como fera.

Minutos mais tarde — Passepartout não se tinha enganado — e no meio de uma trovoada de gritos e pragas, o capitão Speedy caía como bomba sobre a tolda que estivesse prestes a rebentar.

— Onde estamos? — foram as suas primeiras palavras, que pronunciou sufocado pela cólera.

— Onde estamos? — repetiu congestionado.

— A 1.240 quilômetros de Liverpool — respondeu Fogg com a sua imperturbável calma.

— Pirata! — gritou Andrew Speedy.

— Mandei-o vir…

— Corsário!

—… para lhe pedir — continuou Fogg — que me venda o seu navio.

— Não. Com mil diabos, não!

— É que me vejo na necessidade de queimá-lo!

— Queimar o meu barco?

— Sim, pelo menos o madeiramento, pois acabou-se o combustível.

— Queimar o meu barco! — exclamou o capitão, pronunciando as palavras com dificuldade. — Um barco que vale cinquenta mil dólares!

— Aí tem sessenta mil — respondeu Phileas Fogg, oferecendo ao capitão um maço de notas.

Isto produziu efeito prodigioso no capitão Speedy. Não seria americano se, à vista de tão elevada quantia, não se tivesse impressionado. Esqueceu imediatamente a sua cólera, a sua prisão, todas as suas queixas. Era excelente negócio, pois o seu barco tinha mais de vinte anos!… A bomba já não podia rebentar, pois Fogg tinha arrancado a mecha.

— E o casco de ferro ficará para mim? — perguntou em tom quase manso.

— O casco e a maquinaria. De acordo?

— De acordo.

E Andrew Speedy, pegando no dinheiro, contou-o e fê-lo desaparecer na algibeira.

Durante a cena anterior, Passepartout tinha-se posto lívido. A Fix faltou pouco para que tivesse uma síncope. Gastar perto de vinte mil libras e ainda renunciar ao casco e à maquinaria em favor do vendedor! É verdade que a quantia roubada do Banco ascendia a cinquenta mil libras…

Depois de o capitão ter metido o dinheiro no bolso, Fogg disse-lhe:

— Não se admire com tudo isto. Fique sabendo que perco vinte mil libras se não estiver em Londres no dia 21, às 20h45. Não apanhei o navio de Nova York,

e como o senhor se negou a levar-me a Liverpool…

— E fiz muito bem, por todos os diabos! — exclamou Speedy. — Visto que assim ganhei, pelo menos, quarenta mil dólares.

Depois acrescentou:

— Sabe de uma coisa, capitão…

— Fogg.

— Capitão Fogg, o senhor tem qualquer coisa de ianque.

Dirigiu-lhe o que pensava ser um cumprimento e retirou-se. Fogg ainda lhe disse:

— Agora este navio pertence-me, não é verdade?

— Com certeza. Desde a quilha até o topo dos mastros. Tudo o que for madeira, bem entendido…

— Bem. Mande deitar debaixo toda a armação interior e que façam lenha para as caldeiras.

Imagine-se a quantidade de madeira que foi necessária para dar às caldeiras todo vapor. Naquele dia desapareceram o tombadilho, os camarotes e os beliches.

No dia seguinte, 19 de dezembro, foram queimados os mastros, as portinholas e as antenas. Todos os tripulantes punham nesta tarefa zelo extraordinário. Passepartout, rachando, cortando e serrando, fazia o trabalho de dez homens. Era uma fúria destruidora.

No dia 20 foram devorados pelas chamas os parapeitos, os paveses, as obras mortas e a maior parte da coberta. O *Henriqueta* ficou como navio raso, parecido com pontão.

Mas naquele dia avistaram a costa da Irlanda e o farol de Festonet. Contudo, às dez da noite, o barco apenas se encontrava nas alturas de Queenstown. Phileas Fogg não dispunha de mais de 24 horas para chegar a Londres e este era precisamente o tempo necessário para o *Henriqueta* aportar em Liverpool, mesmo que se contasse que seguia sempre a todo vapor…

— Cavalheiro — disse a Fogg o capitão Speedy, que tinha acabado por interessar-se pelos seus projetos —, lamento muito o que acontece. Tudo é contra o senhor. Ainda estamos à vista de Queenstown.

— Ah! — disse Fogg. — É Queenstown aquela cidade que se distingue ao fundo?

— Sim.

— Podemos entrar no porto?

— Só a partir das três horas. Unicamente com a preamar.

— Esperemos! — disse tranquilamente Phileas Fogg, sem deixar transparecer no seu rosto que, inspirado subitamente, ia vencer uma vez mais a sorte adversa.

Com efeito, Queenstown é um porto da costa irlandesa onde os transatlânticos, procedentes dos Estados Unidos, lançam ferro para deixar a mala do correio. A correspondência é levada para Dublin em trens expressos e transportada de Dublin para Liverpool em rápidos vapores, precedendo em 12 horas os mais velozes barcos das companhias marítimas. Aquelas 12 horas que ganhava o correio da América, pretendia Fogg ganhá-las também. Em lugar de chegar no dia seguinte à tarde no *Henriqueta* a Liverpool, chegaria ao meio-dia e, por conseguinte, poderia estar em Londres antes das 20h45.

À uma hora da madrugada, o *Heriqueta* entrava no porto de Queenstown e Phileas Fogg, depois de receber vigoroso aperto de mão do capitão Speedy, deixou-o sobre o casco raso do seu barco, que ainda valia metade do preço por que vendera.

Os passageiros desembarcaram rapidamente. Naquele instante, ocorreu a Fix a ideia de deter Fogg. Mas não o fez. Por quê? Que dúvidas havia na sua mente? Havia modificado a opinião que tivera sobre Fogg? Compreendia, por fim, que se tinha enganado? De qualquer modo, não abandonou Fogg. À uma e meia da madrugada, Fogg e os companheiros subiram para um trem em Queenstown. Chegaram a Dublin ao amanhecer e embarcaram num daqueles navios, autênticos tubos de aço, quase só máquina, que, em vez de se elevarem sobre as ondas, passam através delas.

Às 11h40 do dia 21 de dezembro, Phileas Fogg chegava à estação de Liverpool. Já não se encontrava a mais de seis horas de Londres.

Mas, naquele instante, Fix aproximou-se, pôs-lhe a mão no ombro e, mostrando a sua ordem de captura, perguntou:

— O senhor é Phileas Fogg?

— Sim, senhor.

— Em nome da rainha, está preso!

34
A prisão

Phileas Fogg estava na prisão. Haviam-no encerrado em dependência da Alfândega de Liverpool, e devia passar ali a noite, à espera de ser transferido para Londres.

No momento da sua detenção, Passepartout quis lançar-se sobre o detetive Fix, mas os policiais impediram-no. Passepartout explicou tudo a Aouda, que, além de inquieta, estava aterrada. Fogg, aquele valente e honrado cavalheiro, a quem ela devia a vida, estava detido como ladrão… As lágrimas sulcaram as faces da jovem quando viu que nada podia fazer para socorrer o seu salvador.

Quanto a Fix, tinha detido Fogg, fosse ou não culpado, porque era esse o seu dever. A Justiça decidiria.

Uma ideia terrível assaltou Passepartout, a ideia de que era ele o culpado de tudo. Por que havia ocultado a sua aventura a Fogg? Quando Fix revelou que era policial e a missão de que estava incumbido, por que não o disse a seu amo? Este, então, teria dado a Fix provas da sua inocência e ter-lhe-ia mostrado o seu erro, ou, pelo menos, não teria levado à sua custa, colado aos seus calcanhares, aquele malfadado detetive Fix, cujo primeiro cuidado, ao pisar em terra inglesa, tinha sido prendê-lo. Inspirava dó ver o desconsolo e o desespero do pobre rapaz…

Aouda e ele tinham permanecido, apesar do frio, debaixo do alpendre da Alfândega. Queriam voltar a ver Fogg.

No que diz respeito a este, encontrava-se completamente arruinado, e isso no momento em que estava prestes a conseguir o seu objetivo, pois, tendo chegado a Liverpool ao meio-dia de 21 de dezembro, tinha tempo até às 20h45 para

apresentar-se no Clube Reformador, isto é, dispunha de oito horas e 45 minutos, quando só necessitava de seis para chegar a Londres.

Quem entrasse, naquele momento, no calabouço da Alfândega teria encontrado Phileas Fogg imóvel, sentado num banco de madeira, imperturbável e frio. Que esperava? Conservava alguma esperança? Acreditava, apesar de tudo, no êxito da sua empresa, quando a porta do cárcere acabava de fechar-se?

Fogg havia deixado o seu relógio sobre uma mesa e, sem pronunciar palavra, contemplava o movimento dos ponteiros com o olhar fixo. Todavia, a sua situação era terrível porque…

Se era inocente, encontrava-se arruinado. Se era culpado, haviam-no capturado. Talvez com a ideia de fugir, tratou de verificar se o calabouço tinha alguma saída praticável. Fez um reconhecimento minucioso da cela. Mas a porta encontrava-se solidamente fechada e a janela, protegida por forte grade. Fogg voltou a sentar-se e tirou do seu bolso o itinerário da viagem. À linha que continha estas palavras: “dia 21 de dezembro, sábado, Liverpool”, juntou: “octogésimo dia, 11h45!”

Às 14h30, a porta do calabouço abriu-se e Aouda, Passepartout e Fix precipitaram-se sobre Fogg.

O detetive estava sem fôlego, com os cabelos em desalinho. Não podia falar.

— Cavalheiro — balbuciou. — Cavalheiro!… Perdoe-me! Uma lamentável semelhança… O ladrão está preso há três dias… O senhor fica em liberdade…

Phileas Fogg, aproximando-se do policial, olhou-o com dureza e, fazendo o único movimento rápido da sua vida, o primeiro e o último certamente, encolheu os braços e, depois, com a precisão de um autômato, descarregou dois murros sobre o desditoso Fix.

— Bem! — exclamou satisfeito Passepartout. — O senhor encontrou a forma para o seu sapato… Isso é o que se chama ir buscar lã e vir tosquiado.

Fix, caído no chão, não pronunciou nem uma palavra. Compreendeu que a ação de Fogg era justa represália e que tinha o que merecia. Imediatamente, Fogg, Aouda e Passepartout saíram da Alfândega. Precipitaram-se para uma carruagem e, em poucos minutos, chegaram à estação de Liverpool. Phileas Fogg perguntou se havia algum trem rápido que estivesse para partir. Eram 14h40… Como não havia — o rápido tinha partido há 35 minutos —, fretou um trem especial.

Havia algumas locomotivas de grande velocidade, mas, devido a exigências de serviço, o trem especial não pôde sair da estação antes das três horas.

À essa hora, Fogg, depois de ter falado com o maquinista acerca de certa gratificação, empreendeu a viagem até Londres, acompanhado da jovem viúva e do seu fiel e valente servidor. Era necessário percorrer em cinco horas e meia a distância que separa Liverpool de Londres, o que é fácil quando a linha está livre em todo o trajeto. Sem dúvida, houve atrasos inevitáveis e, quando o cavalheiro chegou à estação de Londres, eram 20h50 em todos os relógios da cidade…

Phileas Fogg, depois de ter realizado a sua viagem à volta do mundo, chegava com um atraso de cinco minutos…

Tinha perdido a aposta! Tinha perdido vinte mil libras!…

35
Fogg e Aouda

No dia seguinte, os habitantes da ladeira Saville teriam ficado surpreendidos se soubessem que Phileas Fogg tinha regressado à sua casa. As portas e janelas continuavam fechadas, sem que mudança alguma se notasse no exterior.

Com efeito, ao sair da estação, Fogg tinha ordenado a Passepartout que comprasse alguns víveres, e recolhera-se à casa.

Tinha recebido com a impassibilidade habitual o golpe cruel que acabara de sofrer. Estava arruinado! E por culpa daquele maldito detetive!… Depois de haver caminhado com pés de chumbo, como é uso dizer-se, durante toda a sua longa viagem; depois de haver transposto mil obstáculos, desafiado milhares de perigos, dispondo ainda de tempo para fazer bem durante o caminho, ia naufragar exatamente no porto, por culpa de fato brutal que não podia prever e contra o qual se encontrava desarmado. Aquilo era espantoso! Da considerável soma que havia levado ao partir de Londres não lhe restava mais que uma insignificância. Toda a sua fortuna se limitava a vinte mil libras, que tinha depositadas na sua conta-corrente na casa bancária Baring’s e Irmãos, e aquelas vinte mil libras devia-as aos seus consócios do Clube Reformador. Depois de ter gastado tanto, aquela aposta, no caso de ganhar, não o teria enriquecido, e é possível que não estivesse nisso o seu interesse, pois Phileas Fogg era do gênero de homens que apostam só por honra. Mas, tendo perdido a aposta, ficava completamente arruinado. Além disso, a sua decisão estava tomada. Já sabia o que tinha a fazer.

Na casa da ladeira Saville foram reservados aposentos para Aouda. A jovem estava desesperada, pois por algumas palavras que ouvira de Fogg tinha compreendido que este arquitetava algum plano trágico.

Sabe-se a que lamentáveis extremos se deixam levar algumas vezes os monomaníacos ingleses quando estão obcecados por uma ideia fixa. Passepartout dedicou-se, pois, a vigiar o amo. Mas, antes de mais nada, o rapaz tinha subido ao seu quarto para apagar o bico de gás, que estava a arder há oitenta dias. Tinha encontrado na caixa do correio uma nota da Companhia do Gás e pensou que era tempo de suprimir aquela despesa da qual era responsável.

Naquela noite, Passepartout velou o seu senhor como cão em frente da porta do amo. Quanto a Aouda, não descansou um instante. Fogg deitou-se. Mas teria dormido?

Na manhã seguinte, Fogg chamou Passepartout e recomendou-lhe, com firmeza, que tratasse do café da manhã de Aouda. Ele tomaria uma chávena de chá e uma torrada. Aouda desculpá-lo-ia por não a acompanhar ao almoço e ao jantar, visto que precisava de todo o dia para tratar dos seus assuntos. À noite, pediria a Aouda licença para falar-lhe.

Passepartout contemplou o seu amo, sempre impassível, sem se decidir a abandonar o quarto, sentindo-se pesaroso e arrependido, pois a sua consciência estava cheia de remorsos e acusava-o mais do que nunca do irreparável desastre.

Sim, porque se ele tivesse prevenido o seu amo, se lhe tivesse explicado os projetos do detetive Fix, Phileas Fogg não teria levado este a Liverpool, e então…

Passepartout não pôde mais conter-se, e exclamou:

— Amaldiçoe-me, senhor! Eu tenho culpa de…

— Eu não acusei ninguém — respondeu Fogg, sem alterar-se. — Vá-se embora.

Passepartout saiu do aposento e foi falar a Aouda, dando-lhe a conhecer os propósitos do seu amo. Pediu-lhe que exercesse sobre ele a sua influência para fazê-lo desistir do seu funesto projeto, pois provavelmente Fogg idealizava qualquer coisa irreparável…

— Eu não posso exercer sobre ele nenhuma influência — disse Aouda. — Ele nunca soube ler o meu coração. Meu amigo, é preciso que não o abandonemos um só momento. Você disse que ele mostrou o desejo de falar comigo esta noite?

— Sim, senhora. Certamente trata-se de prever a sua situação na Inglaterra.

Durante aquele dia, domingo, a mansão de Fogg permaneceu como se estivesse desabitada e, pela primeira vez, Phileas Fogg não foi ao Clube

Reformador quando davam as onze horas e meia no relógio do Parlamento.

E por que havia ele de ir ao clube? Os seus amigos não o esperavam. Visto que na véspera, o fatal dia 21 de dezembro, sábado, às 20h45, Phileas Fogg não tinha aparecido no Clube Reformador, a aposta estava perdida. Nem sequer precisava ir à casa do seu banqueiro para levantar a quantia de vinte mil libras. Os seus adversários possuíam cheque assinado por ele e era suficiente apresentá-lo a Baring e Irmãos para que as vinte mil libras fossem retiradas da sua conta-corrente.

Fogg permaneceu todo o dia em casa e pôs em ordem os seus assuntos. Passepartout escutava à porta do seu amo e espreitava pela fechadura, sem sequer pensar que cometia indiscrição. O rapaz temia a todo o instante uma catástrofe… Pelas sete e meia da noite, Fogg mandou perguntar a Aouda se podia recebê-lo, e momentos depois a jovem e ele ficaram a sós nos aposentos dela.

Phileas Fogg tomou uma cadeira e sentou-se próximo da chaminé, em frente de Aouda. Não se refletia no seu rosto a menor emoção. O Fogg do regresso era exatamente o mesmo Fogg da partida. A mesma calma e a mesma tranquilidade. Permaneceu sem falar durante cinco minutos. Depois, levantou os olhos e pediu-lhe que lhe perdoasse por tê-la trazido para a Inglaterra… Afirmou que dantes era rico e contava pôr parte da sua fortuna à sua disposição. Agora, pelo contrário, estava arruinado.

— De qualquer modo — disse —, peço-lhe licença para dispor em seu favor do pouco que me resta.

— Mas, sr. Fogg, e o senhor? — perguntou a jovem.

— Eu, senhora — respondeu friamente o cavalheiro —, não tenho necessidade de nada.

— Mas de que modo, então, vê o senhor o seu futuro?

— Como convém.

— Em todo caso — continuou Aouda —, a miséria não pode atingir um homem como o senhor. Os seus amigos…

— Não tenho amigos, senhora.

— Os seus parentes…

— Não tenho parentes.

— Lastimo-o então, sr. Fogg, pois a solidão é coisa má. Não há nada mais triste que o isolamento. Sem contar com um coração para desafogar as mágoas! Dizem que a miséria, suportada por dois, se torna mais leve.

— Assim o dizem, senhora.

Então Aouda levantou-se e, pondo a sua mão na do cavalheiro, disse:

— Sr. Fogg, quer o senhor ter ao mesmo tempo parente e amiga? Aceita-me por esposa?

Fogg, ao ouvir isto, levantou-se por sua vez. Nos seus olhos havia um reflexo insólito e ligeiro tremor nos lábios. Aouda olhava-o. A sinceridade, a lealdade, a firmeza e a doçura do olhar de uma nobre mulher que arrisca tudo para salvar a quem tudo deve assombraram-no primeiro e comoveram-no depois. Fechou por instantes os olhos para subtrair-se àquele olhar e evitar que este lhe penetrasse mais fundo na sua alma… Quando os abriu de novo, limitou-se a responder:

— Amo-a! Sim, juro-lhe pelo que há de mais sagrado no mundo. Amo-a e estou por completo à sua disposição.

— Ah!… — exclamou Aouda levando a mão ao coração.

Chamado Passepartout, este apresentou-se imediatamente. Fogg tinha ainda entre as suas mãos as de Aouda. Passepartout compreendeu imediatamente do que se tratava e a sua larga cara resplandeceu como o sol no zênite das regiões tropicais.

Fogg perguntou-lhe se ainda havia tempo de ir avisar o reverendo Samuel Wilson, da paróquia de Marylebone.

Passepartout respondeu com o seu melhor sorriso:

— Nunca é tarde se a ocasião chega.

Eram 20h05.

— Marcaremos para amanhã, segunda-feira? — perguntou Passepartout.

— Para amanhã, segunda-feira? — repetiu Fogg, olhando a gentil Aouda.

— Para amanhã, segunda-feira! — concordou a jovem.

Passepartout saiu a correr.

36
No Clube Reformador

Houve verdadeira reviravolta na opinião pública da Inglaterra quando se soube da prisão do autêntico ladrão do Banco, um tal Jaime Strand, efetuada no dia 17 de dezembro, em Edimburgo.

Três dias antes, Phileas Fogg era o criminoso, perseguido pela polícia, e agora era reintegrado na sua condição de cavalheiro que levava a cabo com matemática exatidão a sua excêntrica viagem à volta do mundo.

Que revolta se produziu nos jornais! Todas as apostas, em favor ou contra, que haviam sido esquecidas, ressuscitaram como por arte de magia. Todas as transações voltaram a ter validade. Todos os compromissos reviveram e, há que dizê-lo, as apostas recomeçaram com mais energia. O nome de Phileas Fogg subiu novamente no mercado.

Os cinco sócios do Clube Reformador, companheiros de Phileas Fogg, passaram aqueles três dias em certa inquietação ao verem ressurgir Phileas Fogg, a quem quase tinham esquecido. Onde estaria naquele momento? Teria morrido? Teria renunciado à luta ou prosseguia a sua marcha seguindo o itinerário conveniente? Em 17 de dezembro, dia da detenção de Jaime Strand, fazia 76 dias que Phileas Fogg tinha partido de Londres… Apareceria como um deus da pontualidade, no clube, no sábado 21 de dezembro, às 20h45?

Aqueles três dias foram de grande ansiedade para a sociedade londrina. Expediram-se despachos para a América e Ásia para obter notícias de Phileas Fogg. Enviaram-se observadores à casa de Saville. Nada se obteve. A própria polícia ignorava o que tinha acontecido ao detetive Fix, que com tão pouca sorte se tinha lançado em pista falsa. Sem dúvida, tudo isto não impediu que as apostas se cruzassem de novo em grande escala. Já não se cotava a cem, mas a

vinte, a dez, a cinco, e o velho paralítico lorde Albermale tomava-o ao par. No sábado à tarde, imensa multidão apinhava-se à volta do Clube Reformador. O trânsito estava interrompido. Discutiam-se, disputavam-se e apregoavam-se os *Phileas Fogg* como se se tratasse de títulos ingleses de dívida. A polícia continha com dificuldade a multidão e, à medida que se aproximava a hora da chegada de Phileas Fogg, a emoção pública adquiria proporções invulgares.

Naquela noite, os cinco consócios do expedicionário cavalheiro encontravam-se reunidos desde as oito horas no salão do Clube Reformador. Os dois banqueiros, John Sullivan e Samuel Fallentin, o engenheiro, Andrew Stewart, Gauthier Ralph, administrador do Banco da Inglaterra, e o cervejeiro Thomas Flanagan aguardavam ansiosamente.

No mesmo instante em que o relógio do salão marcava 20h25, Andrew Stewart, levantando-se, disse aos amigos:

— Senhores, dentro de vinte minutos terá expirado o prazo convencionado entre nós e Phileas Fogg.

— A que horas chegou o último trem de Liverpool? — perguntou Thomas Flanagan.

— Às 19h23 — respondeu Gauthier Ralph —, e o seguinte não chegará antes de 0h10.

— Pois bem, senhores — prosseguiu Andrew Stewart —, se Phileas Fogg tivesse chegado no trem das 19h23, já se encontraria aqui. Por conseguinte, podemos considerar ganha a aposta.

— Esperemos, não nos precipitemos — objetou Samuel Fallentin. — Os senhores sabem que o nosso amigo é um excêntrico de primeira ordem. A sua exatidão e a sua pontualidade são bem conhecidas de todos. Nunca chega tarde nem cedo, e não me surpreenderia vê-lo aparecer no último minuto.

— Eu — disse Andrew Stewart, tão nervoso como de costume — vê-lo-ia mas não acreditaria.

— De fato — concordou Thomas Flanagan. — O projeto de Phileas Fogg era insensato. Por maior que seja a sua exatidão, sempre acontecem acidentes, contratempos, e atraso de dois ou três dias são suficientes para fazê-lo fracassar.

— Por outro lado — continuou John Sullivan —, devemos ter em conta que não recebemos nenhuma notícia dele, apesar de não faltarem linhas telegráficas no seu itinerário.

— Perdeu, senhores, perdeu! — exclamou Andrew Stewart. — Perdeu irremediavelmente. Os senhores bem sabem que o *China* era o único barco que ele podia tomar em Nova York para chegar a tempo a Liverpool, e esse navio chegou ontem. Aqui está a lista dos passageiros, publicada pela *Shipping Gazette*. O nome de Phileas Fogg não figura nela. Admitindo as mais favoráveis circunstâncias, o nosso consócio apenas chegou à América. Calculo em vinte dias, pelo menos, o atraso que leva, e o velho lorde Albermale terá que pagar as suas cinco mil libras.

— Sem dúvida nenhuma — respondeu Gauthier Ralph —, e amanhã apenas teremos que apresentar na casa bancária o cheque e… receber.

Naquele instante, o relógio marcava 20h40.

— Ainda faltam cinco minutos — disse Stuart.

Os cinco interlocutores olharam-se. O pulsar dos corações tinha-se acelerado ligeiramente, pois até para bons jogadores a aposta era um pouco forte. Nunca os minutos lhes pareceram tão longos.

Para ocultar a sua emoção — os seus rostos refletiam impaciência e receio — e, por sugestão de Samuel Fallentin, sentaram-se a uma mesa de jogo.

— Não daria a minha parte de quatro mil libras na aposta — disse Stuart — ainda que me oferecessem 3.999.

Os ponteiros do relógio marcavam naquele momento 20h43.

— Oito e quarenta e três — disse Thomas Flanagan, cortando o baralho que lhe apresentava Gauthier Ralph.

Fez-se silêncio. O vasto salão do clube permanecia tranquilo, mas no exterior ouvia-se a vozeria da multidão, dominada algumas vezes por gritos agudos. O relógio marcava os segundos com matemática regularidade.

— Oito e quarenta e quatro — disse Sullivan, com voz emocionada.

Um minuto mais e a aposta estaria ganha. Andrew Stewart e os seus amigos já não jogavam. Tinham deixado as cartas e contavam os segundos.

Aos quarenta segundos, nada. Aos cinquenta, nada também!

Aos 55 ouviu-se lá fora um barulho ensurdecedor. Aplausos, vivas e até imprecações, que alastravam sem parar. Os jogadores levantaram-se.

Aos 57 segundos a porta do salão abriu-se e ainda não tinha batido o pêndulo do relógio o sexagésimo segundo quando Phileas Fogg apareceu, seguido de

uma multidão delirante que tinha forçado a porta do clube, e disse com a sua voz fria de costume e com a sua calma habitual:

— Aqui estou, senhores!

37
Conclusão

Sim! Era Phileas Fogg em pessoa.

Os leitores estarão lembrados que às 20h05 — 24 horas depois da chegada de Fogg, Aouda e Passepartout — o criado tinha sido encarregado por seu amo de prevenir o reverendo Samuel Wilson para certo casamento que devia celebrar-se no dia seguinte.

O rapaz tinha saído muito satisfeito e com passo rápido dirigiu-se ao domicílio do padre. Mas este ainda não tinha chegado. Passepartout aguardou vinte minutos pelo menos.

Enfim, eram 20h35 quando saiu da casa do reverendo. Mas em que estado! O cabelo em desordem, sem chapéu, correndo como louco, como jamais se viu correr um homem, atropelando os transeuntes, precipitando-se como furacão pelos passeios.

Em três minutos estava de regresso à casa e caía sem fôlego sobre uma cadeira no aposento de Phileas Fogg.

Era-lhe impossível pronunciar palavra.

— Que sucedeu? — perguntou Fogg.

— Senhor… — balbuciou Passepartout. — Casamento… impossível.

— Impossível?

— Impossível… para amanhã.

— Por quê?

— Porque amanhã… é domingo.

— Segunda-feira — replicou Fogg.

— Não… hoje… é… sábado…

— Sábado? Impossível!

— Sim, sim, sim! — começou a gritar Passepartout. — O senhor enganou-se num dia! Chegamos 24 horas antes… Mas agora não restam mais que… dez minutos.

E, puxando o seu amo pela aba do casaco, arrastou-o com força irresistível.

Fogg, tirado daquela forma da sua casa, sem ter tempo para pensar, saltou para um carro, prometendo cem libras de gorjeta ao cocheiro, que, depois de ter atropelado dois cães e abalroado cinco veículos, chegou ao Clube Reformador.

O relógio marcava 20h45 quando se apresentou no vasto salão.

Phileas Fogg havia dado a volta ao mundo em oitenta dias! Phileas Fogg tinha ganhado a aposta de vinte mil libras!

• • •

Ora bem, porque é que um homem tão pontual, tão exato, tão meticuloso em tudo pôde incorrer naquele erro de um dia? Como pensava que era sábado, 21 de dezembro, 79 dias somente depois da sua partida de Londres?

A razão deste erro era muito simples. Ei-la:

Phileas Fogg tinha, sem dar por isso, ganhado um dia no seu itinerário, pela simples razão de haver dado a volta ao mundo caminhando para leste, enquanto o teria perdido se, pelo contrário, tivesse viajado em sentido inverso, isto é, em direção ao oeste.

Com efeito, caminhando para leste, Phileas Fogg dirigia-se para o sol e, portanto, os dias diminuíam para ele quatro minutos por cada grau que percorria naquela direção. E tendo a circunferência 360 graus, multiplicados estes por quatro minutos, perfazem exatamente 24 horas, ou seja, aquele dia ganho de maneira inconsciente. Por estas palavras, enquanto Phileas Fogg, caminhando em direção a leste, viu passar o sol oitenta vezes pelo meridiano, os seus colegas do Clube Reformador, de Londres, viram-no passar apenas 79 vezes. Por isso, naquele mesmo dia, que era sábado e não domingo, como Fogg supunha, aguardavam-no os seus consócios e companheiros de uíste no salão do clube.

E isto é o que o famoso relógio de Passepartout — que sempre tinha conservado a hora de Londres — teria comprovado se, ao mesmo tempo que marcava as horas e os minutos, indicasse os dias.

Phileas Fogg tinha ganhado, pois, as vinte mil libras, mas como tinha gastado perto de 19 mil, o resultado econômico era muito escasso. Todavia, já se disse que o excêntrico personagem não tinha procurado o lucro, mas, antes, a luta. Tanto assim é que ainda repartiu as mil libras restantes entre o fiel Passepartout e o desventurado detetive Fix, a quem era incapaz de odiar. Unicamente, por mera formalidade, e para não faltar à regularidade, descontou ao seu servidor a quantia referente às 1.900 horas de gás consumido por sua culpa.

• • •

Naquela mesma noite, Fogg, tão impassível e tão fleumático como de costume, disse a Aouda:

— Continua a convir-lhe o casamento, senhora?

— Sr. Fogg — respondeu Aouda —, sou eu quem deve fazer essa pergunta. O senhor encontrava-se arruinado, mas voltou a ser rico…

— Perdoe-me, senhora, esta fortuna pertence-lhe. Se não tivesse tido a ideia do casamento, o meu criado não tinha ido ao domicílio do reverendo Samuel Wilson, não se tinha descoberto o erro e…

— Querido Fogg — disse a jovem.

— Querida Aouda — respondeu Phileas Fogg.

Como é fácil de supor, o casamento realizou-se 48 horas depois, e Passepartout, radiante de satisfação, figurou como testemunha da jovem. Acaso não a tinha salvo e, por conseguinte, essa honra não lhe era devida?

• • •

No dia seguinte ao amanhecer, Passepartout batia com força à porta do aposento de seu amo.

A porta abriu-se e o impassível cavalheiro apareceu, perguntando:

— Que aconteceu, Passepartout?

— Uma descoberta, senhor! Acabo de pensar que…

— O quê?…

— … que tínhamos podido dar a volta ao mundo em 78 dias somente!

— Sem dúvida alguma — respondeu Fogg — não atravessando a Índia. Mas nesse caso não teria conhecido Aouda, não seria minha esposa e…

E Fogg fechou a porta tranquilamente.

Assim, pois, Phileas Fogg havia ganhado a sua aposta. Tinha realizado em oitenta dias o seu temerário projeto. Havia utilizado todos os meios de transporte: navios, trens, carruagens, iates, barcos de carga, trenós, elefantes… O excêntrico cavalheiro tinha demonstrado naquela empresa as suas maravilhosas qualidades de sangue-frio e exatidão. Mas que havia ganhado depois de tudo? Que benefício lhe trouxe a viagem?

Nada? Não! Encontrou uma encantadora mulher, que, por inverossímil que pareça, o tornou o mais feliz dos mortais.

Em verdade, não se daria por muito menos a volta ao mundo?

JÚLIO VERNE

A ILHA MISTERIOSA

2ª EDIÇÃO

TRADUÇÃO ELISABETE GONÇALVES FERNANDES

PRIMEIRA PARTE

1
Os náufragos do ar

— Estamos subindo?

— Ao contrário! Parece que estamos descendo!

— Pior do que isso, sr. Cyrus. Estamos caindo.

— Meu Deus! Jogue fora o lastro!

— Já vai o último saco.

— E o balão voltou a subir?

— Não.

— Estou ouvindo o barulho das ondas.

— O mar está debaixo da nossa barquinha.

— E não deve estar a mais de cento e cinquenta metros!

Nesse momento, uma voz possante ordenou:

— Joguem fora tudo o que pesa!… Tudo! E confiemos em Deus!

Foram essas as palavras que ecoaram nos ares, sobre o imenso deserto de água que se chama Pacífico, por volta das quatro horas da tarde do dia 23 de março de 1865.

Ninguém, sem dúvida, se esqueceu da terrível lufada de vento nordeste que se desencadeou no meio do equinócio daquele ano e durante o qual o barômetro caiu a 710 milímetros. Foi um furacão que, sem trégua, durou de 18 a 26 de março. Seus estragos foram sentidos na América, Europa e Ásia, num raio de milhares de quilômetros. Cidades e florestas arrasadas, margens de rios devastadas por montanhas de água que se precipitavam como se fossem ondas do mar, centenas de navios jogados à costa, territórios inteiros destruídos por trombas que arrasavam tudo, milhares de pessoas esmagadas na terra ou

engolidas pelo mar — tais foram as consequências que o monstruoso furacão deixou atrás de si.

Justamente quando tantas catástrofes aconteciam na terra e no mar, drama não menos surpreendente desenrolava-se nos ares agitados. Um balão, levado como bola na crista de uma tromba e preso no movimento giratório da coluna de ar, percorria o espaço com velocidade de 166 quilômetros por hora, rodando ao redor de si mesmo. No apêndice inferior do balão, uma pequena barquinha com cinco passageiros oscilava.

De onde viria esse aeróstato, verdadeiro brinquedo no meio da terrível tempestade? De onde partira? Naturalmente não começara sua viagem durante o furacão. Ora, este começara há cinco dias e seus primeiros sinais se manifestaram no dia 18. Logo, tudo levava a crer que o balão viesse de muito longe, pois não devia ter percorrido menos de 3.600 quilômetros em 24 horas. Em todo caso, os passageiros não tinham meio algum de estimar o caminho percorrido desde a partida, pois lhes faltava qualquer ponto de referência. E, talvez, nem houvessem percebido a violência da tempestade. Nenhum raio de luz, nenhum ruído de terra habitada, nenhum barulho do oceano chegava até eles, naquela imensidão escura, tão alto estavam. Só a rápida descida lhes fizera compreender o perigo que corriam acima das águas.

Entretanto, o balão, aliviado dos objetos pesados, tais como munições, armas, provisões, subira de novo para as camadas superiores da atmosfera, a uma altura de mil e quatrocentos metros. Os passageiros, depois de terem percebido que estavam sobre o mar, não hesitaram em jogar fora até mesmo os objetos mais úteis, a fim de preservar o gás, alma da embarcação.

A noite se passou entre inquietações que teriam sido mortais para pessoas menos fortes. Depois, surgiu o dia e com ele o furacão mostrou certa tendência para melhorar. A partir desse dia, 24 de março, começou a abrandar. Com a aurora, as nuvens subiram para as alturas e dentro de poucas horas a tromba foi-se desvanecendo até sumir. O vento de furacão passou a uma brisa fresca, quer dizer, a rapidez da translação das camadas atmosféricas diminuiu cinquenta por cento. Por volta das onze horas, a atmosfera apresentava-se com aquela limpidez úmida que se vê e se sente depois da passagem dos grandes meteoros. O furacão não parecia ter ido para oeste. Parecia ter morrido por si mesmo. Talvez tivesse se transformado em eletricidade.

Mas naquele momento o balão abaixava-se lentamente. Parecia que se esvaziava pouco a pouco e que a parte de cima se alongava e se distendia, passando da forma esférica para a ovoide. Por volta do meio-dia, o aeróstato planava a seiscentos metros acima do mar. Graças à sua capacidade, de cerca de 1.700 metros cúbicos, conseguira manter-se no ar tanto tempo.

Nessa ocasião, os passageiros jogaram fora da barquinha os últimos objetos que pesavam, os poucos víveres que tinham conservado e até mesmo os menores objetos que traziam nos bolsos. Era evidente que os tripulantes não conseguiam mais manter o balão nas zonas elevadas, pois faltava gás. Estavam perdidos!

Com efeito, nenhum continente, nenhuma ilha estendia-se debaixo deles. Não se via no espaço nenhum ponto de aterrissagem, nenhuma superfície sólida sobre a qual pudessem jogar a âncora. Tudo era a imensidão do mar, cujas ondas se chocavam ainda com extrema violência! E não havia limites visíveis para esse oceano, mesmo para eles, que o enxergavam do alto. A planície líquida, batida sem pena, açoitada pelo furacão, parecia uma cavalgada de ondas desencadeadas. Nenhuma terra ou navio à vista! Era preciso, a todo custo, evitar que o aeróstato descesse e viesse afundar-se nas ondas revoltas. Mas, apesar dos esforços dos passageiros, o balão cada vez se abaixava mais, ao mesmo tempo que se deslocava com rapidez incrível na direção do vento, quer dizer, do nordeste para sudoeste.

Situação terrível a desses infortunados! Já não eram senhores do aeróstato. Suas tentativas não tinham êxito. O invólucro do balão murchava pouco a pouco. O gás escapava sem que se pudesse evitar. A descida aumentava sensivelmente e à uma hora da tarde a barquinha não estava a mais de duzentos metros do oceano.

Com efeito, era impossível impedir a saída do gás, que escapava por um rasgão. Aliviando a barquinha de vários objetos, os passageiros tinham prolongado durante algumas horas a sua permanência no ar. Mas a inevitável catástrofe fora apenas retardada e, se alguma terra não aparecesse antes do anoitecer, os passageiros, a barquinha e o balão desapareceriam definitivamente no mar.

A única manobra que não se fizera até então foi feita nesse momento. Os passageiros eram homens enérgicos, que sabiam enfrentar a morte de frente. Não se ouviu um único murmúrio escapar de seus lábios. Estavam decididos a lutar

até o último segundo, a fazer tudo para adiar a queda. A barquinha era uma espécie de cesta de vime, imprópria para flutuar, e se caíssem não haveria nenhuma possibilidade de mantê-la na superfície das águas.

Às duas da tarde, o aeróstato estava apenas a 120 metros das ondas. Nesse momento, uma voz máscula fez-se ouvir. E a essa voz responderam vozes não menos enérgicas:

— Já lançaram fora tudo?

— Não! Ainda há dez mil francos de ouro.

E logo um saco pesado foi jogado ao mar.

— O balão está subindo?

— Um pouco, mas não tardará a descer.

— O que resta ainda para jogar fora?

— Nada.

— Ainda resta alguma coisa… a barquinha!

Por certo, esse era o último recurso para elevar o balão. As cordas que prendiam a barquinha foram cortadas e logo o aeróstato subiu cerca de seiscentos metros. Os cinco tripulantes ficaram seguros na rede que envolvia o balão, contemplando o abismo.

Todos sabem de que sensibilidade estática são dotados os balões. Basta jogar fora o menor objeto para provocar deslocamento no sentido vertical. O aparelho, flutuando no ar, comporta-se como balança de precisão matemática. Compreende-se, pois, que, sendo aliviado de peso relativamente avultado, sua subida seja rápida e considerável. Foi o que aconteceu. Depois de ter-se equilibrado por um instante nas zonas superiores, o aeróstato recomeçou a descer. O gás fugia pelo rasgão, que não tinha como ser consertado. Os passageiros haviam feito tudo o que podiam. Nenhum recurso humano poderia salvá-los. Só lhes restava esperar a ajuda de Deus.

Às quatro horas, quando o balão não estava a mais de 150 metros da superfície das águas, ouviu-se ganido do cachorro que acompanhava os passageiros e se mantinha pendurado, perto do seu dono, nas malhas da rede.

— Top viu algo! — gritou um dos passageiros.

Uma voz forte anunciou:

— Terra! Terra!

O balão, que o vento não cessava de impelir para sudoeste, tinha, desde a madrugada, percorrido distância considerável, que se podia calcular em centenas de quilômetros, e uma terra bastante elevada acabava de aparecer nessa direção.

Mas essa terra encontrava-se a 54 quilômetros. Precisariam pelo menos de uma hora para atingi-la, se não derivassem. Uma hora! O balão, antes disso, não estaria de todo vazio?

Era essa a terrível questão. Os passageiros viam distintamente aquele ponto que precisavam chegar a qualquer custo. Ignoravam se era ilha ou continente, pois mal sabiam para que parte do mundo o furacão os havia impelido. Mas essa terra, habitada ou não, hospitaleira ou não, precisava ser atingida.

Às quatro horas ficou claro que o balão não mais se sustentava. Corria, quase tocando a superfície do mar. Já, por vezes, a crista de algum vagalhão lambia a parte baixa da rede, aumentando-lhe o peso. O aeróstato mal se levantava, como ave que tem chumbo nas asas.

Meia hora depois, a terra estava a quinhentos metros. Mas o balão, esgotado, desentumescido, distendido, todo cheio de pregas, já não continha gás senão na parte superior. Os passageiros, agarrados à rede, já representavam peso excessivo e dentro em pouco ficaram mergulhados na água até a metade do corpo, açoitados pelas ondas furiosas. O vento, entrando forte por uma das muitas pregas que formavam o invólucro do balão, impelia-o como se fosse um navio. Talvez assim ainda viesse dar à costa! Nessa terrível situação, quando o balão estava a apenas seiscentos metros da praia, quatro tripulantes soltaram gritos uníssonos. O balão, que parecia não se levantar mais, acabava de subir, num pulo inesperado, depois de ter recebido rajada de ar.

Como se tivesse sido subitamente aliviado de nova e grande parte do peso que sustentava, tornou a elevar-se a uma altura de aproximadamente quinhentos metros, onde encontrou uma espécie de redemoinho de vento que, em vez de levá-lo diretamente à costa, obrigou-o a seguir direção mais ou menos paralela a esta.

Finalmente, dali a dois minutos aproximava-se o aeróstato obliquamente da terra e caía na praia, fora do alcance das vagas.

Auxiliando-se mutuamente, conseguiram os passageiros soltar-se das malhas da rede e o balão, aliviado do peso e apanhado de novo por uma lufada, desapareceu no espaço, como ave ferida que volta por momentos à vida.

Mas a barquinha transportava cinco passageiros, além de um cachorro, e só quatro foram arrojados à praia. O que faltava fora, evidentemente, levado pelo último golpe de vento que apanhara a rede e que fizera com que o balão se elevasse mais uma vez, poucos momentos depois de chegar à terra.

Mal os quatro náufragos — é lícito chamá-los assim — puseram o pé em terra, todos, pensando no companheiro ausente, exclamaram:

— Talvez ele tente alcançar a terra a nado. Vamos salvá-lo! Vamos salvá-lo!

2
A fuga

Os homens que o furacão lançara à costa não eram nem aeronautas profissionais nem sequer amadores de viagens aéreas. Eram cinco prisioneiros de guerra que, levados por singular audácia, tinham conseguido fugir em circunstâncias extraordinárias. Várias vezes correram risco iminente de perecer! O céu, porém, reservava-os para estranhos destinos e, no dia 23 de março, aqueles fugitivos de Richmond, cercados pelas tropas do general Ulisses Grant, estavam a onze mil quilômetros da capital da Virgínia, primeira praça de guerra dos separatistas, durante a terrível Guerra de Secessão. A viagem aérea durara cinco dias.

Contaremos agora as circunstâncias da fuga dos prisioneiros.

Naquele mesmo ano, no mês de fevereiro, por ocasião de um dos golpes tentados em vão pelo general Grant, muitos dos seus oficiais caíram nas mãos dos inimigos e foram presos. Dentre esses, um dos mais notáveis foi Cyrus Smith, oficial do Estado-Maior federal. Era engenheiro e sábio de primeira ordem, ao qual o governo da União havia confiado, durante a guerra, a direção das estradas de ferro, cujo papel estratégico foi considerável. Autêntico americano do norte, era magro, ossudo e devia ter uns 45 anos de idade. Já começavam a aparecer os primeiros fios brancos no seu cabelo curto, na sua barba e no seu espesso bigode. Possuía uma dessas belas cabeças numismáticas que parecem próprias para ser gravadas em medalhas. Era daqueles engenheiros que querem começar a carreira manejando a picareta e o martelo.

Além disso, ao lado de espírito engenhoso, possuía suprema habilidade manual. Seus músculos eram surpreendentemente elásticos. Era, ao mesmo tempo, homem de ação e homem de ideia. Muito instruído e prático, possuía

temperamento soberbo, pois embora permanecendo senhor de si, em qualquer circunstância, realizava no mais elevado grau as três condições, cujo conjunto determina a energia humana: a atividade do espírito e do corpo, a impetuosidade no desejo e a força de vontade.

Podia-se dizer, ainda, que Smith era a coragem personificada. Começara sua carreira sob o comando de Ulisses Grant, como voluntário, e participara de todas as batalhas da Guerra de Secessão. Mas em todos esses combates, apesar de não se poupar, a sorte sempre o favoreceu, até o momento em que foi ferido e feito prisioneiro no campo de batalha de Richmond.

Ao mesmo tempo e também no mesmo dia, caiu em poder dos sulistas outro personagem importante, Gideon Spillet, repórter do *Arauto de Nova York*, que havia sido encarregado de fazer a cobertura das peripécias da guerra entre os exércitos do norte. Spillet pertencia àquela raça de espantosos jornalistas ingleses e americanos que não recuam diante de coisa alguma para obter a informação exata e transmiti-la para seu jornal, o mais rápido possível. Homem de mérito, enérgico, pronto para tudo, cheio de ideias. Já tendo percorrido o mundo inteiro, soldado e artista, ardente nos conselhos e resoluto nas ações, não se importava com trabalhos ou cansaços, ou perigos, quando se tratava de descobrir alguma coisa para satisfação própria, em primeiro lugar, e depois para o seu jornal. Era verdadeiro herói da curiosidade, da informação, do inédito, do desconhecido, do impossível. Podemos considerá-lo um desses intrépidos observadores que escrevem ao zunir das balas, fazem crônicas ao troar dos canhões e para os quais todos os perigos são atraentes.

Havia participado de todas as batalhas, nas primeiras fileiras, com um revólver numa das mãos e um caderno na outra, sem que o barulho da metralhadora fizesse tremer o seu lápis. Não era dos que cansam os fios com intermináveis telegramas, como os que falam quando nada têm a dizer. Cada uma de suas notas, curtas e precisas, esclarecia algum ponto importante.

Gideon Spillet era de estatura elevada e tinha mais de quarenta anos. Suíças louras, um tanto avermelhadas, emolduravam o seu rosto. O olhar era calmo, mas seus olhos eram vivos e rápidos. A constituição era sólida, tendo sido temperada em todos os climas, como barra de aço em água fria.

Há dez anos, exercia o cargo de repórter no *Arauto de Nova York*, que era sempre enriquecido com suas crônicas e desenhos, pois manejava tão bem o

lápis como o pincel. Quando foi preso estava, justamente, fazendo a descrição e o esboço da batalha. As últimas palavras que se encontraram escritas em seu caderno foram: “Um sulista aponta-me uma arma de fogo…” Mas, certamente, o soldado errou a pontaria, pois Gideon, como sempre, saiu sem um arranhão.

Cyrus Smith e Gideon Spillet, que não se conheciam, foram levados para Richmond. O engenheiro logo curou seus ferimentos e foi durante a convalescença que travou conhecimento com o repórter, surgindo logo admiração recíproca. Em pouco tempo, a vida de ambos passou a ter uma única finalidade: fugir para poderem de novo incorporar-se ao exército de Grant e combater pela causa da unidade federal.

Nos seus planos de fuga, Cyrus incluiu um criado seu, que lhe era muito dedicado. Esse intrépido negro, nascido nas propriedades do engenheiro, de pai e mãe escravos, há muito fora alforriado por Smith, abolicionista de bom coração. Depois de livre, porém, não quis abandonar o amo, por quem seria capaz de dar a vida. Tinha trinta anos, era vigoroso, ágil, inteligente, delicado e calmo, às vezes ingênuo, sempre sorridente, servil e bom. Chamava-se Nabucodonosor mas era mais conhecido pelo diminutivo familiar de Nab.

Quando Nab soube da prisão de seu amo, saiu de Massachusetts e conseguiu chegar a Richmond à custa de muita astúcia e habilidade, depois de ter arriscado a vida diversas vezes. Mas, se pudera entrar na cidade sitiada, não conseguiria sair, pois os prisioneiros eram vigiados severamente. Somente numa ocasião extraordinária uma evasão seria bem-sucedida.

Enquanto isso, Grant continuava suas manobras. A vitória obtida em Petersburgo saíra-lhe cara. Suas forças, reunidas às de Butler, em frente a Richmond, não haviam obtido sucesso. Nada fazia crer que a libertação dos prisioneiros estivesse próxima. O repórter, que não encontrava no cativeiro nenhum fato interessante que pudesse anotar, não aguentava mais. Só tinha uma ideia fixa: sair da cidade a qualquer preço. Por mais de uma vez tentou fugir, mas sempre foi detido por obstáculos intransponíveis.

Entretanto, o cerco continuava e, se os prisioneiros tinham pressa de escapar para retornar ao exército de Grant, certos sitiados não estavam menos ansiosos para fugir e juntar-se às tropas separatistas. E entre esses últimos estava um tal Jonathan Forster, sulista ferrenho. Com efeito, se os prisioneiros federados não podiam abandonar a cidade, os confederados também não podiam fazê-lo, pois

seriam acossados pelos nortistas. Há muito tempo que o general Lee não podia comunicar-se com o governador da cidade, o que era necessário, pois só assim conseguiriam exército de socorro com urgência.

Foi então que Jonathan Forster teve a ideia de subir num balão, a fim de atravessar as linhas nortistas e poder chegar ao campo dos separatistas. O governador logo autorizou a tentativa e um aeróstato foi fabricado e posto à disposição de Forster, que devia viajar acompanhado por cinco companheiros. Estavam armados para se defenderem caso fosse preciso, quando aterrissassem, e levavam víveres para o caso de prolongar-se a viagem além do tempo previsto.

A partida do balão fora fixada para a noite de 18 de março. Com vento noroeste, de velocidade média, os aeronautas contavam atingir o quartel de Lee em poucas horas. Mas o esperado vento noroeste não foi uma simples brisa. Desde a manhã do dia marcado para a partida, transformou-se em furacão. Não sendo prudente arriscar o aeróstato e a vida dos tripulantes, adiou-se a viagem.

O balão, que fora cheio na praça da cidade, aguardava que o tempo melhorasse para partir. Passou-se o dia 18 sem que nenhuma mudança de tempo se produzisse. O balão, preso ao solo, era muitas vezes castigado pelo vento e chegava a deitar-se no chão. Todos temiam que ele se rasgasse. Na manhã do dia 20, o furacão aumentou de intensidade, tornando novamente impossível a partida.

Nesse dia, o engenheiro Cyrus Smith foi abordado numa das ruas de Richmond por um homem desconhecido. Era um marinheiro chamado Pencroft, de 35 anos, de constituição vigorosa, olhos vivos e bom aspecto. Era um americano do norte, que havia percorrido todos os mares do globo e a quem, em matéria de aventuras, já acontecera tudo o que pode acontecer de extraordinário a um ser de dois pés e sem plumas. É escusado dizer que Pencroft era de natureza empreendedora, estando sempre disposto para qualquer aventura e ao qual nada espantava. No princípio do ano, o marinheiro fora a Richmond, com um jovem de quinze anos, Harbert Brown, de Nova Jersey, filho de seu capitão, órfão que ele estimava como se fosse seu filho. Não tendo podido abandonar a cidade antes do cerco, ficou bloqueado, a contragosto, e desde então passou a ter um só objetivo: fugir de qualquer maneira. Já conhecia a fama do engenheiro Smith. Sabia com que impaciência esse homem resoluto suportava o cativeiro. Naquele dia, não hesitou mais e abordou-o, dizendo-lhe sem preâmbulos:

— Sr. Smith, já não está farto desta cidade?

O engenheiro olhou fixamente o homem que lhe falava, que acrescentou em voz baixa:

— O senhor não deseja fugir?

— Quando? — perguntou interessado o engenheiro.

A pergunta saíra sem pensar, pois não conhecia o interlocutor.

Mas, depois de ter examinado com olhar penetrante a honesta figura do marinheiro, não teve mais dúvidas de que estava diante de alguém honrado.

— Quem é o senhor? — perguntou, em voz baixa.

Pencroft deu-se a conhecer.

— Bem — disse Cyrus —, como pretende fugir?

— Usando esse balão que deixaram à toa na praça e que parece estar nos esperando!…

Smith compreendeu tudo. Pegou Pencroft pelo braço e levou-o para sua casa. O marinheiro explicou minuciosamente o seu projeto, que era na realidade muito simples. Só se arriscava a vida… O furacão atingira o máximo da violência, mas um engenheiro hábil e audaz, como Cyrus Smith, saberia conduzir o aeróstato. Se aceitasse o encargo, Pencroft não hesitaria em partir com Harbert, sem dúvida. Já havia passado por situações difíceis e não seria uma tempestade que o iria deter!

Cyrus Smith ouvia o marinheiro sem dizer palavra. Mas seu olhar brilhava. A ocasião apresentava-se. O projeto era apenas bastante perigoso. Durante a noite, apesar da vigilância, seria possível chegar até o balão, deslizar para dentro dele e depois cortar as cordas que o prendiam. Arriscavam-se a ser mortos, mas, por outro lado, poderiam ter êxito se a tempestade… Mas sem a tempestade o aeróstato já teria partido e a ocasião tão esperada não se apresentaria!

— Mas eu não estou só… — disse Smith.

— Quantas pessoas o senhor pretende levar?

— Duas. Meu amigo Spillet e meu criado Nab.

— Portanto, os senhores são três. Com Harbert e eu seremos cinco. Ora, o balão tem capacidade para seis…

— Pois bem. Partiremos — concordou Cyrus.

Esse plural abrangia o repórter, pois ele sabia que Spillet não era homem de recuar e logo que o projeto lhe foi comunicado aprovou sem reservas. Só se

admirou por uma ideia tão simples não lhe ter ocorrido antes. Quanto a Nab, não precisava preocupar-se, pois sabia que ele o seguiria em qualquer parte.

— Então, até a noite — disse Pencroft.

— Sim. Às dez em ponto — respondeu Cyrus. — Queira Deus que a tempestade não amaine antes de partirmos.

Pencroft despediu-se de Smith e voltou para seu alojamento, onde tinha ficado o jovem Harbert Brown. Esse valente rapaz conhecia o plano do marinheiro e não era sem certa ansiedade que esperava o resultado da entrevista com o engenheiro.

O dia foi terrível. O furacão não se acalmou um só instante. Chegou afinal a noite, muito escura. Espessas brumas passavam como nuvens, rentes ao chão. Caía chuva misturada com neve e fazia frio em toda a cidade, coberta por uma espécie de nevoeiro. As ruas estavam desertas, pois, com semelhante tempo, não tinham achado necessário vigiar a praça, no centro da qual se debatia o aeróstato. Tudo parecia favorecer a partida dos prisioneiros. Mas que viagem os aguardaria, através daquelas rajadas terríveis?

Às nove e meia, Cyrus Smith e seus companheiros esgueiraram-se pelos cantos da praça, que permaneciam escuros, pois as lanternas de gás haviam sido apagadas pelo vento. Nem se enxergava o enorme balão, quase deitado na terra.

Finalmente, os cinco prisioneiros encontraram-se a bordo da barquinha. Ninguém os vira e pode-se mesmo dizer que a escuridão era tão grande que não podiam nem ver-se uns aos outros. Sem pronunciar palavra, Cyrus Smith, Gideon Spillet, Nab e Harbert tomaram seus lugares na barquinha, enquanto Pencroft, por ordem do engenheiro, soltava sucessivamente os sacos de lastro. Não tendo demorado muito, logo veio juntar-se aos companheiros. O balão ficara preso apenas por um cabo dobrado e Cyrus só precisava dar a ordem de partida. Um cachorro subiu na barquinha. Era Top, cão do engenheiro, que, tendo partido a sua corrente, seguira o dono. Cyrus, temendo excesso de peso, queria mandar voltar o animal.

— Ora, é apenas mais um! — disse Pencroft, deslastrando a barquinha de dois sacos de areia.

Em seguida, soltou a extremidade do cabo duplo e o balão, partindo em direção oblíqua, desapareceu. O furacão desencadeava-se com terrível violência. O engenheiro, durante a noite, não pôde nem sonhar em descer e, quando raiou o

dia, por causa da neblina, nada enxergava. Só cinco dias depois é que uma abertura deixou ver o imenso mar debaixo do aeróstato, que o vento arrastava com imensa rapidez!

Já sabemos como quatro dos cinco homens que haviam partido no dia 20 de março foram lançados, no dia 24 do mesmo mês, numa costa deserta, a mais de nove mil e seiscentos quilômetros de Richmond.

E quem faltava era o líder natural deles, o engenheiro Cyrus Smith!

3
Terra desconhecida

O engenheiro fora levado por uma onda, através das malhas da rede, que haviam cedido. Seu cão também desaparecera, pois voluntariamente se havia precipitado para socorrer o amo.

— Avante! — gritou o jornalista.

E todos os quatro, Gideon, Harbert, Pencroft e Nab, esquecendo o cansaço, começaram as buscas. O pobre Nab chorava de raiva e desespero, pensando que havia perdido o que mais amava no mundo.

— Procuremos! Procuremos! — gritava Nab.

— Pode ficar tranquilo — disse Spillet —, nós o encontraremos.

— Vivo?

— Naturalmente!

— Ele sabe nadar? — perguntou Pencroft.

— Sabe — respondeu Nab. — E, mesmo que não soubesse, Top está junto dele.

Naquele momento deviam ser seis horas. Havia forte nevoeiro e a noite tornava-se muito escura. Os náufragos dirigiam-se para o norte da costa leste, onde o engenheiro desaparecera, a cerca de mil metros do lugar onde o balão acabava de chegar. O chão era arenoso e pedregoso, desprovido de qualquer vegetação. O terreno, bastante desigual, era acidentado em certos lugares e parecia crivado de pequenas tocas, o que tornava a caminhada bastante penosa. Desses buracos, a cada instante, escapavam grandes pássaros, fugindo em todas as direções, que não podiam ser vistos por causa da escuridão.

Depois de vinte minutos de caminhada, os quatro náufragos foram, subitamente, detidos pelo mar. Acabara-se o terreno sólido. Eles encontravam-se

na extremidade de uma ponta aguda de terra, castigada com furor pelas ondas.

— Estamos num promontório — disse o marinheiro. — Precisamos voltar, mantendo-nos à direita. Assim alcançaremos terra firme.

— E se ele estiver ali? — perguntou Nab, apontando para o mar, cujas ondas enormes quebravam-se com furor.

— Bem, então vamos chamá-lo!

E todos, unindo as vozes, chamaram pelo engenheiro. Não tendo obtido resposta, esperaram um pouco e logo tornaram a gritar, mas em vão. Os náufragos voltaram, então, pelo mesmo caminho, mas seguindo o lado oposto do promontório. O marinheiro observou que aquele litoral tinha mais declive e que o terreno formava uma subida que devia ser ligada, por rampa bastante extensa, a uma costa elevada, cujo maciço perfilava-se confusamente na sombra. Os pássaros eram menos numerosos naquele lado da praia e o mar menos bravo e barulhento. A agitação das ondas ia diminuindo. Apenas se ouvia o barulho da ressaca. Isso tudo indicava que aquele lado do promontório formava uma enseada semicircular, cuja ponta aguda protegia contra as ondas do alto-mar.

Mas, seguindo nessa direção, andavam para o sul, lado oposto àquele onde Cyrus devia ter caído. Depois de caminharem mais mil metros, viram que o litoral não apresentava nenhuma curvatura que os levasse para o norte, o que os surpreendeu, pois o promontório que haviam contornado devia estar ligado com terra firme. Os náufragos, embora exaustos, andavam com coragem, esperando descobrir caminho que os levasse para a direção inicial. Qual não foi, pois, o desapontamento de todos quando, após terem percorrido cerca de três quilômetros, viram-se detidos pelo mar, numa ponta bastante elevada, feita de rochas escorregadias!

— Estamos numa ilhota — disse Pencroft. — Demos uma volta completa!

A observação do marinheiro era exata. Os náufragos tinham sido jogados numa pequena ilha, que não media mais de três quilômetros e meio de comprimento e cuja largura era bem pouco considerável. Quando os passageiros do balão viram terra, da barquinha, através da neblina, não puderam distinguir seu tamanho. Apenas Pencroft, com seus olhos treinados de marinheiro acostumados a penetrar na obscuridade, julgara enxergar, a oeste, massas confusas que anunciavam costa elevada. Na escuridão em que se encontravam os náufragos não podiam descobrir se estavam numa ilha isolada ou se ela pertencia

a algum arquipélago, e muito menos se podiam abandoná-la, pois estavam cercados pelo mar. Precisariam deixar para o dia seguinte a busca pelo engenheiro, que, infelizmente, não dera sinal de vida.

— O silêncio de nosso amigo nada prova — disse o jornalista. — Ele pode estar ferido, desmaiado, momentaneamente impossibilitado de responder, mas não devemos nos desesperar.

Compreende-se facilmente a dor de Nab e de seus companheiros, que estavam tão ligados a Cyrus Smith. Era mais do que evidente que no momento não podiam socorrê-lo. Seria preciso esperar nascer o dia. Só havia duas hipóteses: ou o engenheiro pudera salvar-se sozinho e já encontrara refúgio em qualquer ponto da costa ou estava perdido para sempre.

Foram horas longas e penosas aquelas. O frio era grande. Os náufragos sofriam cruelmente mas mal se apercebiam disso. Nem sequer pensaram em repousar. Só pensavam no seu chefe, esperando, sem perder as esperanças. Passaram a noite inteira andando de um lado para o outro, naquela árida ilhota, indo sempre até a ponta norte, onde acontecera a catástrofe. Escutavam, gritavam, procuravam ouvir algum chamado de socorro. Um dos apelos de Nab, em certo momento, foi reproduzido num eco. Harbert chamou a atenção de Pencroft, dizendo:

— Isso prova que deve existir a oeste uma costa bem próxima.

O marinheiro fez um gesto afirmativo. Além do mais, seus olhos não podiam enganá-lo. Se ele tinha distinguido uma terra, mesmo que mal, é porque ela realmente existia. Mas o eco longínquo foi a única resposta provocada pelos gritos de Nab. E a imensidão, em toda a parte leste da pequena ilha, permaneceu silenciosa.

Entretanto, o céu ia-se limpando pouco a pouco. Por volta de meia-noite, algumas estrelas apareceram e, se o engenheiro estivesse lá, junto dos companheiros, teria notado que essas estrelas não eram mais as do hemisfério boreal. Com efeito, a estrela polar não aparecia. As constelações do zênite não eram mais as que se podiam observar na parte norte do novo continente e o Cruzeiro do Sul surgia resplandecente no polo austral.

Passou-se a noite. Por volta das cinco da manhã do dia 25 de março, o céu começou a colorir-se ligeiramente. O horizonte continuava sombrio, mas com a

primeira claridade do dia começou a levantar-se do mar bruma tão espessa que não se enxergava nada que estivesse a mais de vinte passos.

— Não faz mal que não se veja a costa — disse Pencroft —, porque sinto que ela está ali!…

Mas o nevoeiro, que era um sinal de bom tempo, não devia tardar em dissipar-se. Um bom sol aquecia as camadas superiores e o calor filtrava-se até a superfície da ilhota. Por volta das seis e meia, três quartos de hora depois do sol ter se levantado, a bruma começou a ficar mais transparente. Em pouco tempo, toda a ilha apareceu, como se tivesse surgido de uma nuvem. Depois, apareceu o mar, num plano circular, sem limites a leste e a oeste, emoldurado por costa elevada e inclinada. Ali estava a terra. A salvação, pelo menos provisoriamente, estava assegurada. Entre a ilha e a costa, separadas apenas por um canal de novecentos metros, corria com estrépito uma veloz corrente. Nesse momento, um dos náufragos, consultando apenas o seu coração, precipitou-se no rio, sem consultar seus companheiros e sem dizer uma só palavra. Era Nab, que estava ansioso por atingir a costa. Ninguém pôde detê-lo e Pencroft chamou-o em vão. O jornalista já se dispunha a seguir o negro quando o marinheiro o interpelou:

— Você pretende atravessar o canal?

— Sim — respondeu Gideon Spillet.

— Penso que seria melhor esperar. Nab, sozinho, será capaz de socorrer o amo. Se todos nós nos metermos no canal, correremos o risco de ser levados para o mar pela força da corrente. E, se não me engano, a maré está bem alta. Tenhamos paciência e depois da baixa-mar é possível que possamos atravessar a pé.

— Acho que tem razão — disse o repórter. — Devemos permanecer juntos o máximo possível.

Enquanto falavam, Nab lutava vigorosamente contra a corrente. Ia em direção oblíqua e era possível ver suas costas negras emergindo a cada braçada. Nadava com rapidez e assim ia conseguindo atingir a costa. Levou mais de meia hora para vencer os novecentos metros que separavam a ilhota da terra e só a atingiu a umas centenas de metros do lugar que ficava em frente do ponto de onde partira. Saiu da água, correu e desapareceu atrás de uma ponta de rocha que se precipitava pelo mar adentro, aproximadamente na altura da extremidade setentrional da ilhota.

Seus companheiros o haviam seguido com ansiedade e, quando desapareceu, todos tornaram a olhar para o pedaço de terra que lhes ia servir de único refúgio. Enquanto isso, foram comendo alguns mariscos que estavam espalhados na areia. Era uma refeição pobre, porém melhor do que nada.

A costa oposta formava vasta baía, terminada, ao sul, por uma ponta muito aguda. Na parte norte, ao contrário, a baía, alargando-se, formava uma costa mais arredondada, que corria de sudoeste para nordeste, terminando num cabo pontudo. Entre esses dois pontos extremos, sobre os quais se apoiava a curva da baía, a distância podia ser de uns treze quilômetros. A mil metros da margem, a ilhota ocupava estreita faixa de mar, parecendo um enorme cetáceo. A pequena ilha tinha a forma de enorme baleia. Sua maior largura, entretanto, não passava de quinhentos metros.

Diante da ilhota o litoral era formado, em primeiro plano, por uma praia arenosa, semeada de rochas escuras, que nesse momento começava a aparecer, graças à maré vazante. Em segundo plano, destacava-se uma espécie de cortina granítica, cortada a prumo e coroada por caprichosa aresta, a mais de novecentos metros de altura. Essa alta muralha prolongava-se por uns cinco quilômetros e meio e terminava repentinamente à direita, sem transição, por uma aresta que parecia cortada pela mão do homem. À esquerda, ao contrário, no cimo do promontório, o penhasco irregular descia, formando longa rampa que pouco a pouco se confundia com as rochas da ponta meridional.

No planalto superior da costa, nenhuma árvore. Entretanto, não faltava vegetação no lado direito. Distinguia-se facilmente a massa confusa de árvores grandes, cuja aglomeração se prolongava a perder de vista.

Finalmente, em último plano, por cima do planalto, na direção noroeste, a uma distância de pelo menos doze quilômetros e meio, resplandecia um cume branco, no qual se refletiam os raios de sol. Ainda não se podia saber se aquela terra era uma ilha ou se pertencia a algum continente. Mas, à vista dessas rochas acidentadas, que se acumulavam à esquerda, um geólogo não teria hesitado em atribuir-lhes origem vulcânica, pois elas eram incontestavelmente o produto de trabalho plutônico.

Gideon, Pencroft e Harbert observavam atentamente essa terra, sobre a qual eles iriam, talvez, viver longos anos e quem sabe morrer, se não se encontrasse na rota dos navios!

— Pois bem — perguntou Harbert —, que acha, Pencroft?

— Acho que há coisas boas e más, como em todo lugar. Mas vejam que a vazante já faz sentir seus efeitos. Dentro de três horas tentaremos atravessar o canal e procuraremos o sr. Smith.

Pencroft não errara nas suas previsões. Três horas mais tarde, com a maré baixa, grande parte da areia que formava o leito do canal estava descoberta. Só restava entre a ilha e a costa estreito canal que seria fácil atravessar. Efetivamente, por volta das dez horas, Gideon e seus dois companheiros tiraram as roupas, que ataram em forma de trouxa na cabeça e atiraram-se no canal, cuja profundidade não passava de metro e meio. Harbert era o único que não tinha pé, mas, como nadava como peixe, saiu-se às mil maravilhas. Todos os três chegaram sem dificuldade ao litoral oposto.

4
Casa dentro da rocha

O jornalista, deixando os companheiros, subiu o litoral, na direção em que algumas horas antes seguira Nab. Depois, rapidamente desapareceu atrás de uma curva da costa. Harbert quisera acompanhá-lo, mas o marinheiro lhe dissera:

— Fique aqui, pois precisamos preparar acampamento e ver se é possível comer algo mais sólido. Nossos amigos vão precisar de uma boa refeição quando voltarem. Dividamos as tarefas.

— Estou às suas ordens, Pencroft.

— Bem — continuou o marinheiro. — Comecemos a trabalhar com método. Estamos cansados, com frio e fome. Precisamos encontrar abrigo, fazer fogo e conseguir comida. Na floresta há lenha e nos ninhos deve haver ovos. Só nos falta achar uma casa.

— Eu procurarei uma gruta entre essas rochas — disse Harbert.

— Isso mesmo, meu jovem. Agora, mãos à obra!

Os dois começaram a percorrer a enorme muralha, seguindo pela praia que a maré vazante deixara descoberta. Mas, em vez de subirem para o norte, desceram para sul. Pencroft observara que, a algumas centenas de passos de onde haviam atingido a terra, a costa apresentava estreita abertura, que devia ser a foz de algum riacho. Ora, não só era interessante que eles achassem abrigo perto de um curso de água potável como era bem possível que a corrente tivesse impelido Cyrus Smith para aquele lado. A alta muralha, como já dissemos, devia medir noventa metros de altura. Entretanto, era maciça, não apresentando nenhuma gruta, mesmo na sua base, apenas lambida pelo mar. Não tinha a menor cavidade que pudesse servir como habitação provisória. Era inteiriça, feita de granito muito duro, que as águas nunca tinham conseguido corroer.

Entretanto, Harbert, que se desviara para a esquerda, notou alguns rochedos atapetados de algas, que dentro de algumas horas deveriam ficar inteiramente recobertos pela maré alta. Sobre as rochas, no meio do limo escorregadio, pululavam mariscos de concha dupla, que não podiam ser desprezados por quem estava com fome. O rapaz chamou Pencroft, que exclamou:

— São mexilhões! Servirão para substituir os ovos que não encontramos!

— Não são mexilhões — respondeu Harbert, examinando com atenção os moluscos agarrados na rocha. — São litodomos.

— E servem para comer?

— Perfeitamente.

— Então comeremos litodomos.

O marinheiro podia acreditar no que dizia o rapaz, que era perito em História Natural. Desde cedo demonstrara verdadeira paixão por essa ciência, na qual fora iniciado por seu pai, que lhe fornecera os melhores professores de Boston.

Pencroft e Harbert comeram boa quantidade de mariscos, que entreabriram suas conchas ao sol. Saciada a fome, precisavam encontrar água doce que, com certeza, não devia faltar em região tão caprichosamente acidentada. Depois de fazerem boa provisão de litodomos, voltaram ao sopé da terra alta.

Duzentos passos além, chegaram à abertura da costa pela qual, segundo o pressentimento de Pencroft, devia correr um pequeno rio. A muralha parecia ter sido separada por alguma violenta convulsão plutônica. Na sua base abria-se pequena enseada, cujo fundo formava um ângulo bastante agudo. O rio desembocava quase diretamente entre dois muros de granito que diminuíam de altura na embocadura. Depois, virando bruscamente, desaparecia entre a mata.

— Temos água e lenha — disse Pencroft. — Bem, só nos falta abrigo!

A água do rio estava límpida e era potável. Uma vez seguros quanto a esse ponto, Harbert procurou alguma cavidade que pudesse servir de abrigo, mas inutilmente. Toda a muralha era lisa, plana e vertical. Mesmo na embocadura do rio e fora do alcance das águas do mar, os rochedos formavam um amontoado de pedras como se encontram frequentemente nos países graníticos. Os dois amigos meteram-se entre as rochas, nos corredores arenosos, aos quais não faltava luz, pois ela penetrava pelos interstícios existentes nas rochas. Mas com a luz também entrava o vento e, com o vento, um frio cortante. Entretanto, o

marinheiro pensou que, tapando certas porções desses corredores com uma mistura de pedras e areia, poderiam conseguir tornar o lugar habitável.

— É isso que vamos fazer — disse Pencroft. — E se encontrarmos o sr. Smith podemos estar certos de que ele saberá tirar partido desse labirinto.

— Nós o tornaremos a ver. E então é preciso que encontremos aqui um abrigo mais ou menos suportável. Conseguiremos isso se pudermos fazer uma lareira no corredor à esquerda e conservar abertura para a fumaça.

— Podemos fazer isso, meu rapaz. Antes de tudo, façamos provisão de combustível, pois acho que a lenha até nos será útil para tapar essas aberturas pelas quais o diabo toca trombeta!

Harbert e Pencroft começaram a subir pela margem esquerda do rio. A corrente era bastante rápida e carregava pedaços de lenha. A maré cheia — que já começava a fazer-se sentir — devia impelir os toros em sentido contrário. O marinheiro logo pensou em tirar proveito desse fluxo e refluxo para transportar, mais tarde, objetos pesados.

Depois de terem andado um quarto de hora, o marinheiro e o rapaz chegaram à curva que o rio fazia para a esquerda. A partir desse ponto, seu curso seguia através de uma floresta de árvores magníficas, que haviam conservado suas folhas verdes, apesar da estação, pois pertenciam à família das coníferas, que se propaga por todas as regiões do globo. O jovem naturalista reconheceu mais particularmente as *deodoras*, abundantes na zona do Himalaia e que espalham agradável aroma. Entre essas belas árvores, vegetavam moitas de pinheiros, cuja copa se abria como imenso guarda-sol. Entre essa vegetação alta, Pencroft sentiu que seu pé quebrava galhos secos, que crepitavam como fogos de artifício.

— Bem, meu rapaz, possa ignorar o nome dessas árvores, mas pelo menos sei classificá-las na categoria de *lenha*, que no momento é a única classificação que nos interessa.

— Vamos fazer boa provisão! — exclamou Harbert, que logo começou a trabalhar.

Foi fácil recolher a lenha. Mas era necessário transportar uma quantidade considerável, e dois homens não eram suficientes para isso.

— Deve haver meio de transportar esses galhos secos — disse o marinheiro. — Se tivéssemos uma carroça ou um barco, seria muito fácil.

— Mas temos o rio!

— Justamente — declarou Pencroft. — O rio será para nós um caminho que anda e as jangadas não foram inventadas sem motivo.

— Somente que nosso caminho, nesse momento, anda em sentido contrário ao que desejamos, pois a maré está subindo — observou Harbert.

— Esperaremos que baixe e ela mesma nos ajudará a transportar o combustível. Enquanto isso, preparemos nossa jangada.

Começaram a carregar lenha em feixes. Na margem também havia grande quantidade de galhos secos. Numa espécie de represa, formada por saliência da margem, onde se quebrava a corrente, o marinheiro e o rapaz colocaram os maiores pedaços de madeira, que ligaram com cipós. Assim fizeram uma espécie de jangada, sobre a qual empilharam sucessivamente toda a lenha recolhida, que representava carga para vinte homens. Levaram uma hora trabalhando. A jangada ficou amarrada, esperando a maré baixar.

Como precisavam esperar ainda algumas horas, resolveram subir até o planalto superior, a fim de examinar a região, num raio maior. Precisamente sessenta metros atrás do ângulo formado pelo rio, a muralha, terminada por amontoamento de rochas despencadas, morria em suave declínio, nos limites da floresta. Parecia uma escada natural e os dois amigos começaram a subir por ela. Graças às boas pernas, logo atingiram a crista e vieram colocar-se no ângulo que esta fazia sobre a foz do rio. Logo que chegaram, olharam para o oceano que acabavam de atravessar em tão terríveis condições. Observaram com emoção toda a parte norte da costa, onde acontecera a tragédia.

Naquele lugar desaparecera Cyrus Smith. Procuravam com os olhos algum destroço do balão ao qual pudesse estar agarrado um homem. Mas nada! O mar era apenas um vasto deserto de água. Quanto à costa, estava também deserta. Nem o repórter nem Nab apareciam, mas era possível que nesse momento os dois estivessem a tal distância que não fosse possível observá-los.

— Alguma coisa me diz — exclamou Harbert — que um homem tão enérgico como o sr. Cyrus não podia ter-se afogado como um qualquer. Deve ter atingido algum ponto da praia. Não acha, Pencroft?

O marinheiro sacudiu tristemente a cabeça. Já não esperava mais encontrar Smith, mas, não querendo desanimar o rapaz, disse:

— Sem dúvida, sem dúvida. Nosso engenheiro é homem capaz de sair-se bem quando qualquer outro sucumbiria!

No lugar onde o marinheiro deixara sua jangada, carregada de lenha, o rio começava a correr entre duas altas muralhas de granito. Mas, se na margem esquerda a parede era abrupta, na direita, ao contrário, ela se abaixava pouco a pouco, transformando os maciços em rochas isoladas e estas em pedregulhos, que por sua vez se transformavam em seixos miúdos.

— Estamos numa ilha? — perguntou o marinheiro.

— Se sim, parece ser bem grande — respondeu o jovem.

— Uma ilha, por maior que seja, será sempre uma ilha.

Mas esse problema ainda não podia ser resolvido. Deviam adiar a sua solução. Quanto à terra propriamente dita, fosse ilha ou continente, parecia fértil e agradável, sob certos aspectos, e variada quanto aos seus produtos. Durante muito tempo, os dois examinaram a região na qual tinham sido lançados pelo destino e era difícil imaginar, depois de sumária inspeção, o que ele lhes reservava.

Retornaram, seguindo a crista meridional do planalto de granito, desenhada por longo recortado de rochas caprichosas, de formas bizarras. Ali viviam centenas de pássaros que faziam ninhos nos buracos dos rochedos.

Harbert, saltando sobre as rochas, espantou um bando.

— Ah! — exclamou. — Não são nem gaivotas nem guichos.

— Então o que são? — perguntou Pencroft. — Parecem pombos.

— São pombos, mas selvagens, que vivem em rochedos. Eu os reconheço por causa da dupla listra preta que têm nas asas, pela cauda branca e pela plumagem azul-acinzentada. Ora, se o pombo dos rochedos é de gosto agradável, seus ovos devem ser excelentes. E esses que fugiram devem ter deixado alguns nos ninhos.

— Então faremos uma boa fritada com eles — disse alegremente Pencroft.

— E onde pretende fazê-la? No chapéu?

— Não quero chegar a tanto. Acho que teremos que nos contentar com ovos cozidos!

Nas reentrâncias dos rochedos conseguiram descobrir alguns ovos, que foram logo recolhidos. Estando na hora da maré baixar, resolveram descer até o rio, onde chegaram à uma hora da tarde. Precisavam aproveitar o refluxo para levar a lenha até a embocadura.

Pencroft não tinha a intenção de deixar a jangada seguir o rio, sem direção, mas também não queria embarcar para guiá-la. Como bom marinheiro, não se

afligiu e rapidamente fabricou uma corda de cipós que foi atada atrás da jangada e segura por ele, enquanto Harbert empurrava a embarcação com uma vara comprida.

O processo deu resultado. A enorme carga de lenha seguiu o riacho e antes de duas horas chegou à embocadura, a alguns passos da habitação de emergência.

5
A primeira noite na ilha

O primeiro cuidado de Pencroft, depois de ter conseguido levar a lenha para o abrigo, foi tornar a caverna habitável, obstruindo os corredores através dos quais o vento penetrava. Com um pouco de areia, pedras, galhos entrelaçados e terra molhada, fecharam hermeticamente as galerias abertas ao vento sul e isolaram a parte superior. Ficou apenas o estreito canal sinuoso que se abria na parte lateral a fim de dar saída à fumaça da fogueira que pretendiam fazer. Dessa maneira, o abrigo ficou dividido em três ou quatro quartos, se assim podem chamar-se escuros covis que não contentariam nem a feras. Mas, pelo menos, ali estariam alojados em lugar seco e até poderiam ficar de pé, no cômodo principal, que ficava ao centro.

Rapidamente concluíram o arranjo da habitação e Pencroft declarou-se satisfeito. Faltava fazer fogo e comida, trabalho bastante simples. Grandes pedras foram colocadas no fundo do primeiro corredor da esquerda, no orifício do estreito canal que não haviam obstruído. Dessa maneira, o calor não sairia junto com a fumaça, mantendo-se temperatura agradável no alojamento. A lenha foi armazenada num dos cômodos e o marinheiro colocou sobre as pedras da lareira alguns toros misturados com galhos úmidos. O marinheiro se encarregava disso quando Harbert perguntou-lhe se tinha fósforos.

— Certamente, pois sem fósforos ou isca estaríamos perdidos.

— Poderíamos fazer fogo como os selvagens — retrucou o rapaz —, esfregando dois pedaços de pau.

— Experimente e verá que não conseguirá mais do que cansar os braços.

— Mas esse processo é muito usado nas ilhas do Pacífico.

— Não digo que não, mas acho que os selvagens sabem bem como fazer e usam alguma madeira especial. Prefiro os fósforos. Mas onde estão os meus?

Pencroft procurou no bolso a caixa que não largava jamais, pois era fumante inveterado. Não conseguiu encontrar.

Vasculhou os bolsos da calça e com grande espanto não a encontrou.

— Que estupidez a minha! — exclamou. — Com certeza ela caiu do meu bolso. Devo tê-la perdido. Mas você, Harbert, nada tem que sirva para fazer fogo?

— Infelizmente, não.

O marinheiro saiu, seguido pelo amigo. Procuraram a caixa na areia, nos rochedos, nas margens do rio, mas inutilmente. A caixa era de cobre e era difícil não vê-la.

— Será que você não a jogou fora da barquinha? — perguntou Harbert.

— Certeza que não. Mas depois do que passamos não é de admirar que um objeto tão pequeno tenha sumido. Até meu cachimbo desapareceu! Onde poderá estar a caixa?

— Como a maré está baixa — disse o jovem —, voltemos até o ponto onde desembarcamos.

Era pouco provável que a encontrassem, pois as ondas deviam tê-la feito rolar juntamente com os seixos miúdos, durante a maré alta. Em todo caso, os dois se dirigiram rapidamente para lá.

Procuraram entre os seixos; nas cavidades das rochas, sempre com muita atenção. Mas o resultado foi nulo. Se a caixa tivesse caído ali, devia ter sido levada pela maré. À medida que o mar recuava, o marinheiro esquadrinhava todos os intervalos das rochas, sem nada encontrar. Era uma perda irreparável, nas circunstâncias em que se encontravam.

Pencroft não escondia o seu desapontamento. Sua testa estava franzida. Não pronunciava uma só palavra.

— Certamente encontraremos um meio de acender o fogo — disse Harbert. — O senhor Smith ou o sr. Spillet não se embaraçarão por tão pouco!

— Tenho as minhas dúvidas — disse o marinheiro, sacudindo a cabeça. — Antes de tudo, Nab e o sr. Smith não fumam e acho que o sr. Spillet conservaria primeiro o seu caderno de notas do que a caixa de fósforos.

Harbert não respondeu. Contava conseguir fogo de uma ou de outra maneira. Pencroft, mais experimentado, embora não fosse homem de atrapalhar-se por pouco, não era da mesma opinião. Em todo caso, só tinham uma coisa a fazer: esperar a volta de Nab e do jornalista. Mas era preciso renunciar aos ovos duros que pretendiam preparar. E o regime de carne crua não lhes parecia apetitoso.

Antes de voltar à gruta, os dois, prevendo a hipótese de não terem fogo, recolheram alguns litodomos e retomaram silenciosamente o seu caminho. Pencroft, com os olhos fixos no chão, procurava sempre a sua caixa. Subiu a margem esquerda do rio, desde a embocadura até o lugar onde haviam amarrado a jangada. Voltou ao planalto superior, percorreu-o em todos os sentidos e procurou até entre os arbustos da orla da floresta. Tudo em vão.

Eram cinco horas quando chegaram ao abrigo. É inútil dizer que os corredores foram vasculhados em todos os cantos. Por volta das seis horas, quando o sol desaparecia atrás das altas terras de oeste, Harbert, que ia e vinha na praia, notou o sinal do retorno de Nab e de Gideon Spillet. Voltavam sós!… O jovem sentiu o coração apertar. O marinheiro não se enganara nos seus pressentimentos. Cyrus Smith não fora encontrado.

O jornalista contou as tentativas feitas para encontrar o engenheiro. Nab e ele haviam percorrido a costa numa distância de treze quilômetros. Chegaram a ir além do ponto onde caíra o balão. A praia estava deserta. Nenhum vestígio, nenhum seixo virado recentemente, nenhum indício na areia, nenhum rasto humano! Era evidente que não havia habitantes naquela parte da costa. O mar estava tão deserto quanto a praia. E justamente ali, a alguns metros da costa, o engenheiro encontrara o seu túmulo!

Nesse momento, Nab levantou-se e exclamou:

— Não! Ele não morreu! Isso não pode acontecer. Se fosse comigo ou com outro qualquer seria possível, mas com ele, não! É homem capaz de resistir a tudo.

Continuou, como se suas forças o tivessem abandonado:

— Ah! Já não posso mais!

Harbert foi para junto dele.

— Nab — disse o rapaz —, nós o encontraremos! Deus nos ajudará. Mas você deve estar com fome. Coma um pouco, eu lhe peço.

E, dizendo isso, ofereceu ao pobre negro alguns punhados de mariscos, refeição bem pobre e insuficiente. Nab não comia havia horas, mas mesmo assim recusou. Sem o amo não queria viver. Quanto a Spillet, devorou os moluscos e depois deitou-se na areia, perto de uma rocha. Estava extenuado, mas calmo. Harbert então se aproximou dele e, segurando-lhe a mão, disse:

— Descobrimos um abrigo onde o senhor ficará melhor do que aqui. A noite já está chegando. Venha descansar. Amanhã veremos…

O jornalista levantou-se e guiado pelo rapaz dirigiu-se para a caverna. Nesse momento, Pencroft aproximou-se de Spillet e em tom bem natural perguntou-lhe se por acaso não tinha fósforos. O repórter parou, procurou nos bolsos…

— Eu tinha, mas precisei jogar tudo fora…

O marinheiro chamou Nab e fez-lhe a mesma pergunta, recebendo a mesma resposta.

— Maldição! — exclamou o marinheiro.

O repórter escutou e dirigindo-se a ele perguntou:

— Não tem fósforos?

— Nenhum. Por isso não temos fogo.

Os quatro náufragos permaneceram imóveis, olhando-se um tanto inquietos. Foi Harbert quem primeiro rompeu o silêncio.

— Sr. Spillet, o senhor fumava e sempre tinha fósforos. Talvez o senhor não tenha procurado bem.

O jornalista vasculhou de novo os bolsos da calça, do colete, do paletó e, afinal, encontrou um único fósforo no forro do colete.

— Um fósforo! — exclamou Pencroft. — É tão bom quanto se tivéssemos uma caixa inteira.

Pegou o fósforo e, seguido por seus companheiros, dirigiu-se para a caverna. O pequeno pedaço de madeira era tratado pelos náufragos com extremo cuidado. Pencroft assegurou-se de que estava bem seco e depois disse:

— Preciso de papel!

— Aqui está — disse Gideon, que, depois de alguma hesitação, rasgou uma folha de seu caderno.

Pencroft segurou o pedaço de papel e acocorou-se diante da lareira. Alguns punhados de musgos, ervas e folhas secas foram colocados de maneira que o ar pudesse circular livremente para inflamar rapidamente os galhos secos. Então,

dobrou o papel em forma de canudo, como fazem os fumantes de cachimbo quando há vento, e introduziu-o entre as ervas. Em seguida, puxando um seixo ligeiramente áspero, enxugou-o com cuidado e, com o coração batendo rápido, esfregou brandamente o fósforo, prendendo a respiração. A primeira tentativa não produziu efeito. Ele não esfregara com a força necessária, temendo estragar o fósforo.

— Não, não conseguirei — disse Pencroft. — Minha mão treme… Vou estragar o fósforo… Não posso… não posso… — E, levantando-se, encarregou Harbert de substituí-lo. Certamente, o rapaz nunca tinha experimentado tal sensação. O coração batia fortemente. Prometeu, indo roubar fogo no céu, não devia ter ficado mais emocionado! Mas não hesitou e rapidamente esfregou o fósforo. Ouviu-se um pequeno estalido e apareceu uma chama azulada, produzindo fumaça acre. Harbert virou o fósforo com cuidado, para que não se apagasse, e introduziu-o no canudo de papel, que pegou fogo em alguns segundos, e logo os musgos também se inflamaram.

Alguns segundos depois a lenha crepitava e bela chama, avivada pelo vigoroso sopro do marinheiro, brilhava no meio da escuridão.

— Até que enfim! — exclamou Pencroft levantando-se. — Acho que nunca me senti tão emocionado!

A lareira fora muito bem construída. A fumaça escapava pelo corredor estreito e agradável calor não tardou em espalhar-se pela caverna. Precisavam, porém, tomar cuidado para que o fogo não se extinguisse.

Pencroft decidiu utilizar o fogo para fazer um jantar mais nutritivo que um simples prato de litodomos. Cozinhou, então, duas dúzias de ovos trazidos por Harbert.

O jornalista, num canto, observava os preparativos sem nada dizer. Três pensamentos ocupavam seu espírito. Cyrus ainda estaria vivo? E, nesse caso, onde poderia estar? Se sobrevivera à queda, como não encontrara meio de avisar que estava vivo? Quanto a Nab, vagava pela praia. Parecia um corpo sem alma.

Dentro de poucos instantes os ovos ficaram prontos e Pencroft convidou o repórter para comer. Essa foi a primeira refeição dos náufragos naquela costa desconhecida. Os ovos estavam deliciosos e todos logo se sentiram reconfortados.

Assim passou-se o dia 25 de março. Chegando a noite, o vento começou a soprar lá fora e podia-se escutar o barulho das ondas quebrando-se na costa. Os seixos, levados e trazidos pelas ondas, rolavam com barulho ensurdecedor.

O repórter fora para o fundo do corredor, depois de ter tomado nota sobre os incidentes do dia. Depois, cansado, dormiu. Harbert também adormeceu. Apenas Pencroft passou a noite vigiando, perto da lareira, alimentando o fogo com bastante lenha. Só um náufrago não repousou. Foi o inconsolável Nab que, desesperado, vagou durante toda a noite pela praia, chamando por seu amo!

6
Caçada com anzol

Os náufragos nada possuíam além das roupas que usavam no momento da catástrofe, um caderno de notas e um relógio que Gideon conservara, certamente por esquecimento. Não tinham arma ou utensílio algum. Haviam jogado fora quase tudo, na tentativa de aliviar o aeróstato. Se, pelo menos, o engenheiro estivesse com eles, teria posto em prática seus conhecimentos e seu espírito inventivo para melhorar a situação. Mas eles já não esperavam mais encontrar Cyrus Smith. Só podiam contar com eles mesmos e com a Providência.

Mas deveriam instalar-se naquela costa antes de saber a que continente pertencia, se era habitada ou apenas uma ilha deserta? Era preciso resolver essa questão o mais rápido possível. Dessa solução dependiam as medidas a ser tomadas. Entretanto, seguindo o conselho de Pencroft, todos resolveram esperar alguns dias antes de iniciar a exploração.

Com efeito, era preciso conseguir víveres e procurar alimentação mais nutritiva do que simples mariscos e ovos. Os exploradores, que fatalmente teriam que suportar muitas fadigas, sem abrigo para repousar, deviam, antes de tudo, recuperar as forças. As cavernas ofereciam proteção bastante satisfatória, provisoriamente. O fogo estava aceso e seria fácil conservá-lo. Na praia e nos rochedos havia mariscos e ovos de sobra. Logo inventariam meio de matar alguns dos pombos que voavam às centenas. E quem sabe se as árvores da floresta vizinha não produziam frutos comestíveis? Água não lhes faltava. Decidiram, pois, permanecer alguns dias no abrigo para explorar o litoral ou o interior.

Esse projeto convinha sobretudo a Nab. Obstinado nas suas ideias e pressentimentos, não tinha pressa alguma em abandonar aquela parte da costa,

onde acontecera a catástrofe. Não acreditava, não queria acreditar na perda de Cyrus. Enquanto as vagas não jogassem o cadáver do engenheiro na praia, enquanto ele, Nab, não tivesse visto com seus próprios olhos e tocado com as próprias mãos o cadáver, não o consideraria perdido nem morto. E essa ideia enraizou-se cada vez mais no seu coração obstinado. Talvez fosse simples ilusão, embora digna de respeito. Em todo caso, o marinheiro não quis destruí-la. Acreditava que o engenheiro havia realmente morrido afogado, mas não discutia com Nab. Sua dor era tal que provavelmente não sobreviveria.

Na madrugada do dia 26 de março, Nab seguiu novamente a costa na direção norte, voltando ao lugar onde, sem dúvida, o mar havia engolido o infeliz Cyrus Smith.

O almoço desse dia compôs-se apenas de ovos de pombo e litodomos. Harbert havia encontrado sal depositado nas cavidades das rochas, o que foi ótimo. Terminada a refeição, Pencroft perguntou ao jornalista se queria ir com ele e Harbert até a floresta, onde tentariam caçar. Mas, refletindo melhor, acharam que alguém deveria ficar tomando conta do fogo e, mesmo que improvável, talvez fosse preciso ajudar Nab. Ficou o repórter.

— Vamos caçar, Harbert — disse o marinheiro. — Encontraremos munição no caminho e fabricaremos nossa espingarda na floresta.

Mas, no momento da partida, Harbert observou que era preciso encontrar substituto para a isca que faltava para acender fogo, caso fosse necessário.

— Mas qual? — perguntou Pencroft.

— Um pedaço de pano queimado às vezes serve de isca.

O marinheiro achou a ideia muito razoável, cujo único inconveniente era exigir o sacrifício de um pedaço de lenço. Mas, como valia a pena, um pedaço de lenço quadriculado de Pencroft foi meio queimado. A matéria inflamável, assim obtida, foi guardada no quarto central, em pequena cavidade do rochedo, ao abrigo do vento e da umidade.

Eram nove horas da manhã. O tempo estava ameaçador e soprava vento de sudeste. Harbert e Pencroft dobraram a esquina da caverna e, depois de lançar um último olhar para a fumaça que escapava dos rochedos, seguiram a margem esquerda do rio. Logo que chegou à floresta, Pencroft cortou dois sólidos galhos, cuja ponta Harbert afiou numa pedra próxima. Depois, os dois caçadores meteram-se entre a vegetação alta, sempre seguindo a margem do rio. Mas o

caminho oferecia-lhes obstáculos. Ora eram árvores cujos ramos flexíveis se curvavam até as águas do rio, ora cipós ou plantas espinhosas, que precisavam ser derrubadas a golpes de pau.

Tudo levava a crer que a floresta fosse virgem, bem como a costa que já haviam percorrido. Pencroft encontrou ali vestígios de quadrúpedes e pegadas recentes de animais, cuja espécie não pôde reconhecer. O certo é que alguns desses vestígios eram de feras de grande tamanho, que deveriam temer. No arvoredo não se via nenhum sinal de machado, no chão não havia cinzas, nem sinais de pé humano, o que era vantajoso, pois naquele lugar, em pleno Pacífico, a presença humana seria mais temida do que desejada. As dificuldades para avançar eram inúmeras.

Os dois amigos pouco falavam e caminhavam tão devagar que ao fim de uma hora tinham andado apenas um quilômetro e meio. As tentativas de caça até ali tinham sido infrutíferas. Apesar de que muitas aves chilreassem e voassem de ramo em ramo, todas se mostravam ariscas, como se instintivamente receassem a presença humana. Num lugar mais pantanoso da floresta, Harbert teve ocasião de notar, entre outras aves, uma de bico comprido e agudo, anatomicamente parecida com o martim-pescador.

— Deve ser um jacamar — disse, tentando se aproximar do animal.

— Seria uma boa ocasião de experimentar o gosto de um jacamar — respondeu o marinheiro.

Nesse momento, uma pedra certeira e vigorosamente lançada pelo rapaz atingiu a asa da ave. Mas o golpe não foi forte o bastante e o jacamar fugiu correndo e logo desapareceu.

A exploração continuou. À medida que os caçadores avançavam, as árvores, mais espaçadas, tornavam-se mais bonitas. Mas nenhuma produzia frutos comestíveis. Pencroft procurava, em vão, encontrar palmeiras da espécie que se presta a vários usos domésticos e cuja presença foi assinalada até o quadragésimo paralelo do hemisfério boreal e até o trigésimo-quinto do hemisfério austral. Nesse momento, verdadeira nuvem de passarinhos de pequeno tamanho, bela plumagem e longa cauda furta-cor veio pousar nos galhos das árvores.

— São curucus — disse Harbert.

— Servem para comer? — perguntou Pencroft.

— Sim. E sua carne é até bem delicada. Se não me engano, é fácil se aproximar deles e matá-los a golpe de cacete.

O marinheiro e o jovem, deslizando entre as ervas, chegaram ao pé de uma árvore cujos ramos estavam cobertos de pequenos pássaros. Esperavam a aparição de insetos que lhes serviam de alimento. Quando chegaram perto dos passarinhos, os dois caçadores levantaram-se de repente, manejando os cajados como foices. Conseguiram assim derrubar filas de curucus que se deixaram estupidamente apanhar, sem nem sequer tentar fugir. O chão já estava cheio, com mais de uma centena de pássaros, quando os restantes resolveram fugir.

— Ora, até que afinal encontramos caça à altura de caçadores como nós! Deixa-se pegar com a mão — disse Pencroft.

O marinheiro tratou de enfiar os curucus numa vara flexível e continuou a exploração. Por volta das três da tarde tornaram a aparecer bandos de aves em certas árvores, como nos zimbros, cujas bagas aromáticas eram por eles bicadas. De repente, ressoou na floresta verdadeiro toque de clarim. Estas estranhas e sonoras fanfarras eram produzidas por galináceos que são chamados de tetrazes. Dentro em pouco apareceram alguns casais com as penas pardas e ruivas misturadas e cauda parda. Harbert pôde distinguir os machos pelas duas asas pequenas e bicudas, formadas por algumas penas grossas levantadas no pescoço. Pencroft logo achou indispensável apanhar com a mão alguns desses galináceos que são do tamanho de uma galinha e cuja carne é tão saborosa quanto esta. Mas o feito não era fácil, pois os animais não deixavam que alguém se aproximasse deles. Depois de várias tentativas, que não serviram senão para espantar os tetrazes, o marinheiro disse para o rapaz:

— Por certo, já que não podemos matá-los no ar, tratemos de pegá-los com linha.

— Como se fossem carpas? — perguntou o jovem, espantado com a proposta.

— Isso mesmo — respondeu o marinheiro, com a maior serenidade.

Pencroft tinha achado entre a vegetação meia dúzia de ninhos dessas aves, cada um com dois ou três ovos. Teve o maior cuidado em não os tocar, prevendo que as donas voltariam para eles. E foi justamente ao redor desses ninhos que pensou em estender suas linhas. Trançou verdadeira linha de pesca, trabalho digno de um especialista.

As linhas eram feitas de delgadas trepadeiras que, unidas umas às outras, davam cinco metros de comprimento. Em vez de anzol, Pencroft atou na extremidade das trepadeiras enormes espinhos curvos, arrancados de acácias-anãs que havia por perto, em moitas. Para servir de isca apanharam vermes grandes, avermelhados, que rastejavam pelo chão. Feito isso, Pencroft meteu-o entre a vegetação, fazendo tudo para não ser percebido, e foi colocar perto dos ninhos a extremidade das linhas preparadas com os anzóis. Segurando a outra extremidade, foi esconder-se com o amigo atrás de uma árvore de tronco grosso. Ali esperaram com toda a paciência, embora o rapaz não acreditasse muito no êxito da empresa.

Decorrida meia hora, como o marinheiro tinha previsto, alguns casais de tetrazes voltaram para os ninhos, saltando e bicando a terra, sem suspeitarem os caçadores escondidos. O rapaz mal respirava. Pencroft, de olhos arregalados, boca aberta e lábios estendidos como se fosse engolir algum pedaço de tetraz, estava imóvel. Os galináceos, entretanto, passeavam entre os anzóis, sem dar por eles. Pencroft então deu uns puxões na linha, o que fez estremecerem as iscas, como se os vermes estivessem vivos. Não há dúvida de que o marinheiro estava mais tenso do que um pescador que não é capaz de ver a sua presa, debaixo da água.

Dentro em pouco a isca despertou a atenção dos galináceos, que logo começaram a bicar. Três tetrazes, com certeza os mais vorazes, engoliram de uma vez isca e anzol. Vendo isso, Pencroft deu um repentino e forte puxão nas linhas e, pelo bater das asas que ouviu, percebeu que os pássaros tinham sido apanhados.

— Urra! — exclamou o marinheiro, correndo direto para a caça e agarrando-a rapidamente.

Harbert aplaudia freneticamente. Era a primeira vez na sua vida que via apanhar pássaros com linha. Pencroft, porém, modesto como sempre, apressou-se em afirmar que nem era ele o inventor do sistema nem o primeiro a aplicá-lo.

— E além disso — acrescentou —, na situação em que estamos, devemos preparar-nos para ver coisas muito mais extraordinárias!

Pencroft amarrou os tetrazes pelos pés e, muito satisfeito por não voltar com as mãos abanando, regressou à caverna, pois o dia já ia caindo. O caminho

estava claramente indicado pelo rio, cuja corrente deviam seguir. Por volta das seis horas da tarde, os dois chegaram no acampamento, bastante fatigados.

7
Nab, Top e Smith

Gideon Spillet estava na praia, imóvel, com os braços cruzados, olhando o mar, cujo horizonte se confundia a leste com imensa nuvem negra que subia rapidamente para o zênite.

— Parece que teremos uma noite bastante agitada, sr. Spillet — disse o marinheiro. — Os petreis é que vão gostar do vento e da chuva.

O jornalista voltou-se e perguntou:

— A que distância da praia o senhor acha que a barquinha sofreu a lufada que levou nosso companheiro?

O marinheiro, que não esperava pela pergunta, refletiu um pouco e respondeu:

— A quatrocentos metros, aproximadamente.

— E o cachorro também?

— Acho que sim.

— O que me espanta — continuou o repórter — é que, admitindo a hipótese de ter o nosso companheiro morrido, ainda não tenha sido lançado à praia o seu cadáver ou o do seu cachorro.

— Nada vejo de extraordinário nisso, levando em conta a agitação do mar — respondeu o companheiro. — Além disso, uma corrente pode tê-los levado para bem longe.

— Então acha que Cyrus Smith morreu nas ondas? — perguntou mais uma vez o repórter.

— Estou convencido disso.

— Pois, meu caro Pencroft, apesar do respeito que devo à sua experiência, a minha opinião é de que o duplo desaparecimento de Cyrus e de Top, vivos ou mortos, tem qualquer coisa de inexplicável e inverossímil.

— Eu gostaria de pensar como o senhor. Mas, infelizmente, estou convencido do contrário.

Dito isso, o marinheiro dirigiu-se para a caverna. Um bom fogo crepitava na lareira. Pencroft tratou de preparar o jantar. Depenou dois ou três tetrazes, enfiou-os no espeto e começou a assá-los.

Às sete horas da noite, Nab ainda não havia voltado. Isso deixava Pencroft muito inquieto, temendo que lhe tivesse acontecido algum acidente. Harbert, entretanto, era de opinião diferente. Achava que Nab não voltara porque alguma nova circunstância o obrigara a isso. E essa nova circunstância só podia ser o encontro de Cyrus Smith.

Harbert muitas vezes teve vontade de ir procurar Nab. Pencroft, porém, dissuadiu-o sempre de tal empenho, dizendo-lhe que todos os seus esforços seriam inúteis, por não ser possível descobrir o rasto de Nab naquela escuridão e com o tempo horrível que fazia. O mais sensato era esperar e, se no dia seguinte o empregado do engenheiro não tivesse voltado, seria o primeiro a juntar-se a ele para ir procurá-lo.

Gideon Spillet aprovou a ideia de não se separarem. O rapaz, tendo desistido do projeto, mal conseguia conter as lágrimas.

O mau tempo estava declarado. Na praia, soprava com violência ventania de sudeste. O mar, na vazante, batia, rugindo, de encontro à primeira fila de rochedos ao longo do litoral. A chuva era impedida de cair no chão, pelas rajadas, e formava no ar uma espécie de nevoeiro líquido. Parecia farrapos de nuvens que se arrastavam sobre aquela costa, onde as pedras e os seixos batiam uns de encontro aos outros, fazendo um barulho surdo. A fumaça que saía da lareira, muitas vezes empurrada pela força das rajadas, enchia os corredores da habitação.

Eram oito horas e Nab ainda não retornara. Era razoável, porém, supor que o tempo horroroso o tivesse impedido de regressar ao abrigo.

Depois da ceia, cada um se retirou para o canto onde descansara na noite anterior. Harbert dentro de pouco tempo estava profundamente adormecido ao lado do marinheiro, que se estendera ao pé da lareira.

Do lado de fora, a tempestade, à medida que a noite ia caindo, aumentava. Felizmente o amontoado de rochas que formava as cavernas era sólido. Os enormes blocos de granito, alguns deles mal equilibrados, pareciam tremer sobre

suas bases. Pencroft sentia isso mas sabia que não devia inquietar-se, pois seu abrigo improvisado era bem resistente. Entretanto, escutava o barulho das pedras, arrancadas do cimo do planalto e lançadas sobre a praia. Algumas chegavam a rolar sobre a parte de cima das cavernas. Por duas vezes o marinheiro levantou-se e foi espiar pelo orifício do corredor o que se passava lá fora. Percebendo que não havia nenhum perigo, voltava para junto da lareira, onde as brasas crepitavam sob as cinzas. Apesar do furor do furacão, do barulho da tempestade e da chuva forte, Harbert dormia profundamente, Pencroft, cuja vida de marinheiro o habituara a todas essas violências, acabou adormecendo. Apenas Gideon mantinha-se acordado e inquieto. Ele se censurava por não ter acompanhado Nab. Via-se perfeitamente que a esperança não abandonara Spillet de todo. Os pressentimentos que agitaram Harbert também o perseguiam. Seu pensamento estava concentrado em Nab. Por que não voltara? Revolvia-se na sua cama de areia, prestando muito pouca atenção na luta dos elementos. Algumas vezes seus olhos fechavam-se pesados de cansaço, mas logo algum pensamento fugaz os abria de novo.

A noite ia-se passando quando, por volta das duas da manhã, Pencroft, que estava profundamente adormecido, acordou sendo sacudido vigorosamente. O repórter estava debruçado sobre ele e dizia:

— Escute, Pencroft, escute!

O marinheiro prestou atenção, mas não distinguiu nenhum barulho a não ser o das rajadas do vento.

— É o vento — respondeu.

— Não — replicou Spillet, escutando de novo. — Eu pensei ouvir…

— O quê?

— Latidos de cachorro!

— Cachorro! — exclamou Pencroft, levantando-se de um salto.

— Sim… latidos…

— Não é possível! E, além do mais, com o barulho da tempestade…

— Escute… — disse o repórter.

Pencroft escutou com mais atenção e achou, com efeito, que, num instante de trégua da tempestade, ouvira latidos de cão, bem distantes.

— Então… — disse o marinheiro, segurando a mão do outro.

— Sim… sim…

— É Top! É Top! — exclamou Harbert, que acabara de despertar.

E todos os três lançaram-se para fora. Custou-lhes muito sair, pois o vento os empurrava. A escuridão era absoluta. O mar, o céu e a terra confundiam-se nas trevas. Parecia não haver um só átomo de luz na atmosfera. Durante alguns instantes, o repórter e seus dois companheiros permaneceram como que massacrados pelas rajadas, molhados pela chuva e cegos pela areia. Depois, ouviram mais uma vez os latidos e perceberam que o cão ainda devia estar longe. Só podia ser Top! Mas estaria só ou acompanhado? Era provável que estivesse só, pois se Nab estivesse com ele naturalmente que se teria dirigido com toda a pressa para a caverna.

O marinheiro apertou a mão do repórter, já que não podia fazer-se ouvir, como se quisesse dizer: espere! E depois entrou na habitação. Um minuto depois apareceu com uma tacha, procurando iluminar a escuridão, enquanto assobiava agudamente. A esse sinal, latidos mais próximos responderam e pouco depois um cachorro precipitou-se no corredor. Pencroft, Harbert e Gideon entraram atrás dele. Um punhado de lenha seca foi jogada sobre os carvões e logo o corredor se iluminou.

— É Top! — exclamou Harbert.

Era realmente Top, magnífico anglo-normando que tinha das duas raças misturadas rapidez e o bom olfato. Era o cão do engenheiro Cyrus Smith. Mas estava só. Nem seu dono nem Nab o acompanhavam!

Entretanto, como o instinto pudera guiá-lo até as cavernas que não conhecia? Parecia inexplicável, sobretudo naquela noite escura e durante tal tempestade. Mas o mais espantoso é que ele não estava cansado, esgotado e nem sequer sujo de lama ou areia!

Harbert segurava sua cabeça entre as mãos. E o cachorro esfregava seu pescoço nas mãos do jovem.

— Se o cachorro foi encontrado, o dono também será! — disse o repórter.

— Queira Deus — respondeu Harbert. — Vamos. Top nos guiará.

Pencroft não fez qualquer objeção. Sentia que a chegada de Top podia desmentir suas previsões.

— Vamos lá! — disse.

O marinheiro recobriu com cuidado os carvões da lareira. Colocou alguns pedaços de lenha sob as brasas para encontrar fogo quando voltasse. Depois, saiu

precedido pelo cachorro, que parecia convidá-los a que o seguisse, dando pequenos latidos. Seguiram-no o repórter e o rapaz.

A tempestade estava no máximo da violência. A lua nova não conseguia filtrar a menor claridade através das nuvens. Era difícil caminhar em linha reta. Acharam melhor seguir o instinto de Top. O repórter e o jovem andavam atrás do cão e o marinheiro fechava a fila. Não conseguiam trocar uma só palavra. A chuva que caía não era muita, porque estava pulverizada pelas rajadas de vento. O furacão era terrível. Entretanto, uma circunstância muito boa veio favorecer o marinheiro e seus dois companheiros. Soprava um vento de sudeste, que os empurrava pelas costas fazendo com que andassem mais depressa do que esperavam. Imensa esperança aumentava suas forças. Não eram buscas ao acaso que iam fazer. Acreditavam que Nab encontrara seu amo e que lhes mandara atrás fiel cachorro. Mas estaria o engenheiro vivo ou Nab teria mandado chamá-los para que prestassem as últimas homenagens ao cadáver do desventurado Smith?

Depois de terem passado além do ângulo dos rochedos, que prudentemente haviam evitado, pararam para tomar fôlego. O rochedo os abrigava do vento e eles respiravam bem, pela primeira vez depois daquela corrida de um quarto de hora. Ali podiam conversar. Tendo o rapaz pronunciado o nome de Cyrus, Top deu pequenos latidos, como se quisesse dizer que seu dono estava a salvo.

Os amigos prosseguiram na caminhada. Deviam ser duas e meia da madrugada. A maré já enchia e receava-se que as águas subissem muito. Os vagalhões arrebentavam-se de encontro aos recifes, com tal violência que pareciam querer passar por cima do ilhéu, que já estava inteiramente encoberto. A costa deixara de estar abrigada por aquele comprido dique. Estava diretamente exposta aos embates do mar alto.

Logo que os três companheiros saíram do abrigo do rochedo, foram novamente açoitados pela ventania. Caminhavam rápido, dobrados, dando as costas para o vento, seguindo sempre Top, que não hesitava no caminho. Mal protegidos pelas roupas, deviam estar sofrendo bastante. Mas não se escutava uma só queixa de seus lábios. Estavam resolvidos a acompanhar o animal para onde quer que fosse.

Por volta das cinco horas começou a aparecer a luz da manhã. Primeiro apareceu no zênite, onde eram menos densos os vapores. As nuvens começaram

a destacar-se e logo apareceu um traço luminoso no horizonte do mar. A crista das vagas ficou ligeiramente salpicada de luz e logo a espuma se tornou branca. Ao mesmo tempo, do lado esquerdo, as partes acidentadas do litoral começaram a surgir, embora ainda de maneira pouco nítida. Às seis, o dia já nascera. As nuvens corriam com extrema rapidez numa altura considerável. Os amigos estavam a cerca de nove quilômetros e meio da caverna. Andavam por uma praia rasa, que tinha num dos lados uma fila de rochedos, cujas pontas apenas emergiam das águas. À esquerda, a região era acidentada por dunas cheias de cardos, que davam à região aspecto bastante agreste. O litoral era pouco acidentado e só oferecia ao oceano uma barreira formada de pequenos montículos. Aqui e ali duas árvores tentavam sobreviver, inclinadas para oeste. A sudoeste destacava-se a orla da última floresta.

Nesse momento Top deu sinais de inquietação. Ia e vinha até onde estava o marinheiro, como se o convidasse a apressar o passo. Saindo da praia, guiado por seu admirável instinto, entrou no meio das dunas sem nenhuma hesitação. Os três companheiros o seguiram. A região parecia deserta. A faixa das dunas era ampla, composta de montículos e colinas caprichosamente distribuídos. Era preciso uma intuição prodigiosa para reconhecer aquele percurso.

Cinco minutos depois de terem abandonado a praia, o repórter e seus companheiros chegaram diante de uma espécie de escavação feita numa duna. Ali Top latiu alegremente. Spillet, Pencroft e Harbert penetraram na gruta. Nab estava ali, ajoelhado diante de um corpo estendido num leito de folhas…

Era o corpo do engenheiro Cyrus Smith.

8
Água contra fogo

Nab nem se mexeu. O marinheiro só lhe fez uma pergunta:

— Vivo?

Nab não respondeu. Gideon, Pencroft e Harbert empalideceram. Este último juntou as mãos e ficou imóvel. Era, porém, evidente que o negro estava tão absorvido pela dor que nem sequer vira os companheiros chegarem ou ouvira a pergunta que lhe fizeram. O repórter ajoelhou-se diante do corpo inerte e encostou o ouvido no peito do engenheiro.

— Está vivo! — disse.

Harbert, adivinhando o desejo do jornalista, foi procurar água. Felizmente encontrou um regato a menos de cem passos. Mas faltava-lhe um recipiente para levar a água. Teve de contentar-se em molhar o lenço no regato e voltar correndo para a gruta. Felizmente o lenço ensopado serviu, pois Spillet queria apenas molhar os lábios do engenheiro. E aquela água fresca pareceu produzir verdadeiro milagre, pois Cyrus Smith suspirou levemente, parecendo querer pronunciar algumas palavras.

— Vai sobreviver! — exclamou o repórter.

Nab, ouvindo essas palavras, voltou a ter esperanças. Procurou ver se o engenheiro não tinha algum ferimento. Mas nem o corpo, nem a cabeça, nem os membros apresentavam a menor contusão. No entanto, o corpo de Cyrus Smith devia ter rolado pelas rochas pontiagudas. Até mesmo suas mãos estavam intactas, o que não se podia explicar, pois o engenheiro devia ter feito força para atravessar a linha de recifes.

Aquecido pelas massagens, o engenheiro logo moveu os braços e a sua respiração tornou-se mais regular.

— Então você pensou que seu patrão tivesse morrido? — perguntou o marinheiro a Nab.

— Pensei! Se Top não os tivesse encontrado, teria enterrado o sr. Smith e me deixaria morrer junto de sua sepultura.

Nab contou então como se tinham passado as coisas. Tendo saído da caverna na véspera, ao amanhecer, caminhara pela costa, sempre na direção norte, até chegar à ponta do litoral, que já visitara antes. Procurou na praia algum indício, por menor que fosse, que pudesse fornecer-lhe uma pista. Examinava, sobretudo, a parte da areia que a maré cheia não cobrira, pois os vestígios, na parte mais próxima das águas, com certeza teriam sido apagados pelo fluxo e refluxo das ondas. Não esperava encontrar seu amo vivo, mas queria achar seu cadáver para sepultar com as próprias mãos. Durante muito tempo procurara em vão. Aquela costa deserta parecia jamais ter sido frequentada por ser humano. Numa extensão de aproximadamente trezentos metros não havia nenhum sinal de desembarque, antigo ou recente.

— Fui andando ao longo da costa por mais uns três quilômetros — dizia ele. — Examinei toda a linha de escolhos, durante a maré baixa, e toda a praia, na maré alta. Já ia desistindo de encontrar o que procurava quando ontem, por volta das cinco horas da tarde, deparei com pegadas humanas na areia. Fiquei como doido. Os vestígios do pé humano eram bem nítidos e encaminhavam-se para as dunas. Segui correndo, durante mais ou menos um quarto de hora, tendo o cuidado de não apagá-las. Cinco minutos depois, quando já ia caindo a noite, ouvi um cão ladrar. Era Top. E foi ele quem me conduziu para perto de meu amo.

Nab concluiu sua narração contando a sua dor ao ver aquele corpo já inerte e como tentara divisar nele algum sinal de vida. Depois que o encontrara, já não se contentava com isso, desejava que estivesse vivo. Mas todos os seus esforços tinham sido em vão. Só lhe restava prestar a última homenagem a quem tanto amara. Então se lembrou de que os outros companheiros também gostariam de estar presentes. Top estava ali. Não poderia contar com a esperteza do animal? Pronunciou várias vezes o nome do repórter, que entre todos os amigos de Cyrus era o que Top mais conhecia, e mostrou a parte sul da costa ao cão, que logo partiu na direção indicada.

Os companheiros de Nab o escutaram com a maior atenção. O fato de Cyrus Smith, depois dos esforços que devia ter feito para atravessar os escolhos, não ter nenhum arranhão era inexplicável. Além disso, também não se podia entender como o engenheiro chegara àquela gruta, a mais de um quilômetro e meio da costa.

— Nab, não foi você quem trouxe Cyrus para cá? — perguntou o repórter.

— Não, não.

— Então é evidente que ele veio com seus próprios pés — disse Pencroft.

— Sim, é evidente, mas é inacreditável.

As fricções haviam restabelecido a circulação do sangue do engenheiro, que naquele momento mexeu as pernas e os braços e depois a cabeça, pronunciando algumas palavras incompreensíveis. Nab, curvado sobre ele, chamava-o, mas Cyrus não parecia ouvi-lo, mantendo os olhos sempre fechados. Só se notava que estava vivo pelos movimentos que fazia. Entretanto, os cuidados que lhe foram reservados conseguiram fazer com que ele recuperasse a consciência mais cedo do que esperavam.

Seus olhos abriram-se. Nab e o repórter estavam debruçados sobre ele.

— Meu amo! Meu amo! — dizia o empregado.

O engenheiro ouviu-o. Reconheceu Nab, Spillet e os dois outros companheiros. Algumas palavras foram balbuciadas e compreendidas. Elas indicavam as preocupações que o atormentavam.

— Ilha ou continente? — murmurou.

— Ah! — exclamou Pencroft. — Com todos os diabos, isso pouco nos importa desde que o senhor esteja vivo. Ilha ou continente? Descobriremos mais tarde.

Cyrus fez pequeno sinal afirmativo e adormeceu.

Todos respeitaram o seu sono e o repórter tomou todas as providências para que o engenheiro fosse transportado nas melhores condições. Nab, Harbert e Pencroft deixaram a gruta dirigindo-se para uma alta duna coroada com algumas árvores raquíticas. E durante o caminho o marinheiro não podia deixar de repetir:

— Ilha ou continente! Pensar nisso quando estava a um passo da morte! Que homem!

Chegados no cimo da duna, sem outros utensílios a não ser seus braços, tiraram os principais galhos de uma árvore bastante fraca, espécie de pinheiro marinho. Com esses ramos fizeram uma liteira que, depois de coberta com folhas e ervas, ficaria bem confortável para transportar o engenheiro. O trabalho durou quarenta minutos mais ou menos e já eram dez horas quando o marinheiro, Nab e Harbert voltaram para perto de Cyrus Smith, que acabava de acordar. As cores já voltavam à sua face, que até então estava pálida como a de um morto. Levantou-se um pouco, olhou ao seu redor e pareceu perguntar onde se encontrava.

— O senhor pode ouvir-me sem se cansar? — perguntou o repórter.

— Sim — respondeu Cyrus.

Spillet começou a fazer um resumo do que se passara desde a queda do balão até o desembarque naquela terra desconhecida, que, ilha ou continente, parecia deserta. Contou também a descoberta das cavernas e as buscas feitas para encontrá-lo, a dedicação de Nab e a inteligência de Top. Fez ligeira narração de tudo quanto o engenheiro ignorava.

— Mas — perguntou Cyrus, com voz ainda bastante fraca — vocês não me apanharam na praia?

— Não.

— A que distância está essa gruta dos recifes?

— Oitocentos metros. E, se o senhor está surpreendido de encontrar-se aqui, nós também estamos.

— Certamente — disse o engenheiro, que se reanimava pouco a pouco e tinha grande interesse nos detalhes. — Eis uma coisa singular.

— O senhor pode contar-nos o que se passou depois que foi arrebatado por aquela onda? — perguntou Pencroft.

Cyrus procurou lembrar-se. Sabia pouca coisa. Recordava-se apenas de que a força do mar o arrancara do aeróstato. Depois de ter mergulhado alguns metros, voltara à tona, e apesar da escuridão percebeu que ao seu lado estava Top, que tinha se precipitado no mar para salvá-lo. Quando levantara os olhos já não vira mais o balão, que partira como seta, depois de aliviado do peso do engenheiro e do de Top. Encontrava-se, então, entre ondas bem fortes, a 1.500 metros da costa. Lutara com vigor contra as ondas, auxiliado por Top, que se agarrava na sua roupa. Enquanto nadava fora pego por uma corrente fortíssima e impelido

para o norte, apesar dos imensos esforços que fazia. Com ele, Top também fora arrastado. Cyrus só se lembrava disso. Não sabia o que se passara entre o momento da catástrofe e a chegada dos amigos.

— Mas — replicou Pencroft —, visto que Nab descobriu sinais de seus passos na areia, parece que o senhor não só foi jogado na praia como caminhou até aqui.

— Realmente — disse o engenheiro, preocupado. — Não acharam vestígios de presença humana nesta costa?

— Nenhum — respondeu o repórter. — Além disso, se alguém o tivesse salvado da fúria das ondas, não o teria abandonado aqui.

— O senhor tem razão. Mas responda-me, Nab, não teria sido você… que num momento de exaltação, sem consciência do que fazia… mas não… não… tudo isso é absurdo… Existem ainda vestígios dos meus passos?

— Ainda existe um, senhor — respondeu Nab —, mesmo aqui na entrada, nas costas da duna, num lugar abrigado do vento e da chuva. Os outros a tempestade deve ter apagado.

— Pencroft — disse Cyrus —, quer fazer-me o favor de levar meus sapatos e ver se eles correspondem às pegadas?

O marinheiro apressou-se em cumprir o desejo do engenheiro. Enquanto Harbert e ele, guiados por Nab, dirigiam-se para o lugar indicado, Smith disse para o repórter:

— Em tudo isso há algo inexplicável!

— Com certeza — disse Gideon.

— Mas não insistamos por enquanto nesse assunto, meu caro Spillet. Mais tarde conversaremos.

Instantes depois entravam Nab, Pencroft e Harbert. Os sapatos do engenheiro correspondiam perfeitamente aos sinais de pegadas ainda visíveis.

— Teria sido eu vítima de alguma alucinação ou do desvario que atribuía a Nab? — questionou o engenheiro. — Talvez tenha andado como sonâmbulo, sem ter consciência dos meus passos. Talvez Top me tenha salvado da fúria das ondas e me trazido para cá. Venha cá, meu querido Top!

O belo animal saltou, latindo para o dono.

Realmente não havia outra interpretação possível para os fatos que se relacionavam com o salvamento do engenheiro. A Top coube todas as honras.

Por volta de meio-dia, Pencroft perguntou a Cyrus se já podiam transportá-lo. Recebendo resposta afirmativa, gritou:

— Tragam a padiola!

A padiola estava com os ramos transversais cobertos de ervas e musgos. Nela se deitou o engenheiro e todos iniciaram a caminhada em direção à costa. Numa extremidade ia Nab e na outra Pencroft. Precisariam percorrer perto de treze quilômetros para chegar à caverna e como não podiam andar depressa, bem como precisariam fazer várias paradas no caminho, não contavam chegar em casa antes das seis da tarde.

O vento continuava violento, mas não chovia. O engenheiro, apesar de deitado, ia apoiado nos cotovelos, observando a costa, especialmente do lado oposto ao mar. Apesar de calado, ia olhando tudo, de forma que devia estar gravando na memória todo o relevo topográfico da região. Entretanto, a fraqueza acabou por dominá-lo. Depois de duas horas de jornada, dormia profundamente.

Às cinco e meia, a pequena caravana chegou à caverna. Todos pararam, descansando a padiola na areia. Cyrus continuava dormindo.

Pencroft reparou então que a tempestade da véspera tinha transformado completamente o aspecto ao redor. Na praia jaziam enormes fragmentos de rochas e a areia perto do mar estava coberta por ervas marinhas, limos ou algas. Estava claro que o mar, passando por cima do ilhéu, chegara mesmo até a base da penedia de granito. Em frente das cavernas o chão estava cheio de cavidades feitas pelas ondas.

Pencroft teve um pressentimento terrível. Precipitou-se como raio pelo corredor. Mal entrara, porém, voltou e ficou parado diante dos companheiros…

Encontrara o fogo apagado. As cinzas estavam ensopadas e reduzidas a uma poça de lama. Onde estaria o trapo queimado que poderia servir de isca? O mar, penetrando até o fundo dos corredores, tinha misturado e destruído tudo!

9
Ressurreição do fogo

Spillet, Harbert e Nab não deram importância ao incidente. O repórter apenas disse:

— Meu caro Pencroft, acredite ou não, tudo o que você me diz não faz diferença.

— Mas estou dizendo que não temos mais fogo!

— Coisa sem importância.

— Nem sequer temos meio de tornar a acendê-lo.

— Paciência.

— Portanto, sr. Spillet…

— Cyrus não está conosco? — perguntou o repórter. — Não está vivo? Ele logo encontrará meio de fazer fogo.

— Com quê?

— Com qualquer coisa.

O que poderia responder Pencroft? Aliás, no fundo, ele também tinha a mesma confiança que os outros no engenheiro. Acreditavam que com ele nada lhes faltaria. Não deviam mais desesperar-se. Se alguém dissesse àqueles homens que uma erupção vulcânica destruiria aquela região, que a mergulharia nos abismos do Pacífico, eles apenas responderiam:

— Cyrus está conosco. Nada tememos!

Entretanto, o engenheiro ainda estava bastante prostrado. O jantar deveria ser bastante parco. Toda a carne dos galináceos fora comida ou tinha desaparecido. Precisavam tomar providências urgente.

Antes de tudo, trataram de transportar Cyrus para o corredor central, onde lhe arranjaram uma cama de folhas e algas quase secas. O sono que dominava o

engenheiro era tão pesado que lhe restauraria as forças mais rapidamente do que uma boa refeição.

A noite chegou e a temperatura baixou, devido à mudança do vento para nordeste. Como o mar havia destruído as divisões construídas por Pencroft, em certos pontos dos corredores as correntes de ar eram tão grandes que tornavam a caverna pouco habitável. O engenheiro teria ficado em péssimas condições se os companheiros não o tivessem coberto com suas próprias roupas.

A ceia constou apenas dos inevitáveis litodomos e de algumas algas comestíveis. Essas algas pertenciam à família das fucáceas e eram uma espécie de sargaços que depois de secos davam substância gelatinosa bastante rica de elementos nutritivos.

Entretanto, o frio cada vez aumentava mais e os náufragos não sabiam como combatê-lo. O marinheiro, desesperado, tentou acender o fogo de qualquer maneira. Nab, que o auxiliava, catara alguns musgos secos e, esfregando duas pedras, chegou a conseguir algumas centelhas, mas a erva não era inflamável o suficiente. Aliás, essas faíscas eram apenas sílex incandescente, não tendo a consistência das que servem para acender fogo. Pencroft, embora não acreditasse num resultado positivo, ainda tentou o processo de esfregar dois pedaços de madeira seca, como fazem os indígenas. Depois de uma hora de trabalho jogou fora aborrecido os pedaços de pau.

— É mais provável crer que aqui faz calor no inverno do que acreditar que os selvagens conseguem acender fogo dessa maneira! Acho que mais facilmente conseguiria incendiar meus braços se os esfregasse um contra o outro!

O marinheiro não estava com a razão. Os selvagens realmente conseguem fazer fogo dessa maneira, mas acontece que nem toda espécie de madeira é apropriada.

No dia seguinte, quando o engenheiro acordou por volta das oito da manhã, viu que os companheiros estavam perto dele. Repetiu, então, a mesma pergunta da véspera:

— Ilha ou continente?

Como se vê, era sua ideia fixa.

— Infelizmente não sabemos — disse Pencroft.

— Ainda não sabem?

— Logo saberemos, quando o senhor puder nos guiar.

— Acho que já estou em condições — respondeu o engenheiro, levantando-se sem grande esforço.

— Isso me agrada! — exclamou Pencroft.

— O meu mal era fraqueza. Agora, eu gostaria de comer alguma coisa. Vocês têm fogo, não?

— Infelizmente, sr. Cyrus, já não temos mais!

O marinheiro, então, contou o que se passara na véspera. O engenheiro até se divertiu muito com a história do único fósforo e com a tentativa frustrada de conseguir fogo à maneira selvagem.

— Cuidaremos disso — respondeu o engenheiro —, e se não conseguirmos substância análoga à isca…

— Então?…

— Então faremos palitos de fósforo.

— Químicos?

— Sim, químicos!

— Você já vê que tudo não é tão difícil quanto parecia! — disse o repórter, batendo no ombro do marinheiro.

Este último, embora não achasse a solução tão fácil, não replicou. Logo depois, todos saíram. O tempo estava lindíssimo. O sol, que se ostentava esplêndido no horizonte do mar, iluminava com reflexos dourados as asperezas da muralha de granito. Depois de ter olhado rapidamente em volta de si, o engenheiro sentou-se numa rocha. Harbert ofereceu-lhe alguns mexilhões e algas, dizendo:

— É só o que temos, sr. Cyrus.

— Obrigado, meu rapaz. Mas isso já me satisfaz, pelo menos por enquanto.

Os companheiros, calados, contemplavam-no. Cyrus, depois de ter matado a sede e a fome, cruzou os braços e disse:

— Então, meus amigos, vocês ainda não sabem se a sorte nos lançou num continente ou numa ilha!

— É verdade, sr. Cyrus.

— Pois amanhã saberemos. Até lá não temos o que fazer.

— Temos sim — replicou o marinheiro.

— O quê?

— Fogo — respondeu Pencroft, que não abandonara sua ideia fixa.

— Fique tranquilo que nós o faremos. Ontem, enquanto vocês me transportavam, não viram a oeste uma grande montanha que domina toda esta região?

— Sim — respondeu Gideon — , é uma montanha bem alta…

— Bem, amanhã subiremos até lá e veremos se estamos num continente ou numa ilha. Até lá eu repito que não temos nada para fazer.

— Não se esqueça do fogo — teimou Pencroft.

— Tenha paciência, ele arranjará fogo — replicou o repórter.

O marinheiro lançou um olhar de incredulidade para o repórter. Cyrus, entretanto, nada respondera. Parecia pouco preocupado com a questão do fogo. Depois de refletir um pouco, disse:

— Meus amigos, nossa situação pode ser deplorável, mas é simples. Ou estamos num continente e com maior ou menor esforço conseguiremos chegar a um lugar habitado, ou estamos numa ilha. Nessa última hipótese, teremos que descobrir se é habitada ou deserta. No primeiro caso, deveremos procurar entender-nos com os nativos. No segundo, teremos que nos arranjar sozinhos.

— Realmente, não há coisa mais simples — disse Pencroft.

— Mas, sendo ilha ou continente, onde é que você acha que o furacão nos lançou? — perguntou Gideon.

— Não posso saber com exatidão, mas acho provável que estejamos em terras do Pacífico. Quando saímos de Richmond, o vento soprava do nordeste e, devido a sua violência, acho que não mudou. Se essa direção se manteve, atravessamos os estados da Carolina do Norte e do Sul, da Geórgia, o golfo do México, o próprio México na sua parte mais estreita e depois uma porção do oceano Pacífico. Não calculo em menos de onze mil quilômetros a distância percorrida pelo balão. E basta que o vento tenha mudado meio quadrante para ter-nos lançado no arquipélago de Mendanha, ou nas ilhas Pomotu ou nas terras da Nova Zelândia, se a velocidade do vendaval era maior do que penso. Nesse último caso, nosso repatriamento será fácil. Mas se, pelo contrário, esta costa pertencer a alguma ilha deserta de um arquipélago micronésio, o que descobriremos amanhã, deveremos estabelecer-nos aqui, pois é provável que nunca mais possamos sair.

— Nunca mais — exclamou o jornalista. — O senhor disse nunca mais, meu caro amigo?

— É melhor estarmos preparados para o pior.

— Mas ainda resta a esperança desta ilha estar na rota dos navios — disse Pencroft.

— Enquanto não subirmos naquela montanha não saberemos o que fazer.

— Mas o senhor acha que amanhã estará em condições de fazer uma escalada? — perguntou Harbert.

— Acho que sim, mas tudo depende da destreza sua e do sr. Pencroft como caçadores.

— Sr. Cyrus — respondeu o marinheiro —, eu gostaria de ter tanta certeza de conseguir fogo quanto de trazer caça!

— Pode cuidar de trazer a caça.

O engenheiro e o repórter passaram o dia todo nas cavernas examinando o planalto superior e o litoral. E Harbert, Nab e Pencroft foram à floresta para renovar a provisão de lenha e caça. Seguiram juntos até a curva do rio, onde o marinheiro parou e disse aos amigos:

— Começaremos por caçar ou apanhar lenha?

— Vamos primeiro caçar — disse o rapaz. — Veja como Top já está farejando!

— Bem, depois faremos o estoque de lenha — disse Pencroft.

Dito isso, cada um dos três arrancou um galho de um abeto novo e seguiram Top, que ia pulando entre a vegetação alta. Em vez de acompanharem o rio, embrenharam-se pela floresta. Por toda parte, encontravam as mesmas árvores, a maioria pertencente à família dos pinheiros. Algumas clareiras, cheias de troncos corroídos pela ação do tempo, estavam tão cheias de lenha seca que eram verdadeiras reservas inesgotáveis de combustível. Passada a clareira, a floresta tornava-se muito densa, quase impenetrável. Top, correndo entre a erva baixa, fazia voar alguma ave, mas os caçadores não a conseguiam pegar. Até os curucus tinham desaparecido.

Continuando a exploração, Harbert descobriu uma árvore de frutos comestíveis. Era um pinheiro que produzia uma espécie de amêndoa muito apreciada na América e na Europa. Os frutos estavam maduros e o rapaz mostrou-os aos amigos, que se fartaram de comer.

— Top viu algo! — exclamou Nab, correndo para uma moita fechada onde o cachorro entrara latindo.

O marinheiro e Harbert seguiram Nab e viram, então, Top segurando um animal pela orelha. Era uma espécie de porco de sessenta centímetros de comprimento, de cor castanho-escura, um pouco mais claro na barriga, pelo duro e espesso e com os dedos, então fortemente agarrados no chão, parecendo ligados por membrana. O animal nem lutava com o cão. Movia, aparvalhado, seus olhos quase escondidos na espessa capa de gordura. Nab já havia apanhado um pau para golpear o animal quando este conseguiu escapar dos dentes de Top, sacrificando um pedaço de sua orelha. Grunhindo, precipitou-se sobre Harbert, que quase caiu, e desapareceu.

Os três amigos seguiram os rastos de Top e viram o animal desaparecer nas águas de vasta lagoa cercada de pinheiros seculares.

Nab, Harbert e Pencroft permaneceram imóveis. Top lançara-se na água, mas o bicho, escondido no fundo, não ressurgia.

— Esperemos — disse o rapaz —, pois ele precisará vir à superfície para respirar.

— Será que ele não se afoga? — perguntou Nab.

— Não — respondeu Harbert —, porque tem pés de palmípede. É quase um anfíbio. É mais seguro esperá-lo.

Top continuava dentro da água. Pencroft e seus companheiros colocaram-se em diversos pontos da margem para cortar a fuga do animal perseguido pelo cão. Harbert não se enganara. Depois de alguns minutos, o animal veio à superfície. Top saltou em cima dele, impedindo-o de mergulhar. Pouco depois, conseguiu arrastá-lo para a margem, onde Nab o golpeou.

— Urra! — exclamou Pencroft. — Bastariam umas brasas para que ele ficasse só nos ossos!

O marinheiro lançou o animal às costas e, calculando que já deviam ser duas horas pela altura do sol, deu o sinal de retirada. Graças ao instinto de Top, conseguiram descobrir o caminho pelo qual tinham vindo e meia hora depois chegavam ao rio. Ali, Pencroft, rapidamente, fez boa provisão de lenha, ainda que achasse inútil por não terem fogo e, aproveitando o rio para transportar a carga, voltou para a caverna. Mal tinham dado cinquenta passos, apontou para os rochedos e exclamou:

— Harbert, Nab! Olhem!

Uma espessa fumaça escapava do meio das rochas!

10
A ilha

Instantes depois os caçadores estavam diante de uma fogueira chamejante, com o engenheiro e o jornalista. Pencroft, com a caça nas mãos, olhava em silêncio.

— É verdade, meu caro Pencroft — disse o repórter. — Conseguimos bom fogo para assar essa magnífica peça!

— Quem o acendeu? — perguntou o marinheiro.

— O sol!

A resposta de Gideon era exata. Fora o sol que fornecera o calor com o qual se maravilhava Pencroft. Estava de tal maneira assombrado que nem se lembrava de interrogar o engenheiro.

— O senhor tinha uma lente? — perguntou Harbert a Cyrus.

— Não, meu filho, mas arranjei-a — disse ele, mostrando os dois vidros de relógio que ele havia tirado do seu e do de Gideon.

Depois de ter-lhes posto um pouco de água e de ter tornado seus bordos mais aderentes com um pouco de argila, conseguira transformá-los em verdadeira lente que, concentrando os raios solares sobre um pouco de musgo bem seco, provocara a combustão.

O marinheiro observou com toda a atenção o aparelho e encarou o engenheiro sem dizer palavra. Cyrus Smith, para ele, não era um deus, mas era certamente mais do que um homem. Em seguida disse:

— Não se esqueça de anotar isso, sr. Spillet!

— Já tomei nota — respondeu o repórter.

Depois, com a ajuda de Nab, Pencroft preparou o espeto para assar o roedor, naquela chama viva e cintilante.

As cavernas haviam-se tornado habitáveis de novo não somente porque seus corredores se aqueciam com o fogo da lareira, mas também porque haviam sido reconstruídos os tabiques de areia e pedra.

O jantar foi bem razoável. A carne do porco-da-índia era excelente. Como complemento tiveram sargaços e como sobremesa, amêndoas. O engenheiro pouco falou, preocupado com os projetos do dia seguinte. Uma ou duas vezes, Pencroft emitiu algumas ideias sobre o que conviria ser feito, mas Cyrus possuía um espírito metódico e contentou-se a ser feito a cabeça.

— Amanhã — repetiu — saberemos o que fazer.

Terminada a refeição, novas braçadas de lenha foram jogadas na lareira e todos adormeceram profundamente. Nenhum acidente perturbou a noite e no dia seguinte, 29 de março, descansados e animados, acordaram prontos para empreender a excursão que devia decidir a sorte deles.

Tudo estava pronto para a partida. Os restos do porco seriam suficientes para alimentá-los por 24 horas. Além disso, esperavam reabastecer-se no caminho. Como já haviam recolocado os vidros nos relógios, Pencroft queimou um pouco de tecido para servir de isca. Quanto ao sílex, certamente não faltaria em terreno de origem plutônica.

Eram sete e meia da manhã quando os exploradores, armados com bastões, abandonaram as cavernas. Seguindo o conselho de Pencroft, tomaram o caminho da floresta, que já conheciam. Era o percurso mais direto para atingir a montanha. Viraram para o lado sul e seguiram a margem esquerda do rio, que só abandonaram quando ela virou para sudoeste. O sinal, feito pelos três caçadores na véspera, foi encontrado e às nove horas Cyrus e seus amigos atingiram a extremidade ocidental da floresta.

O engenheiro não era homem que abandonasse uma ideia fixa. Estaria enganado quem pensasse que ele não prestava atenção ao terreno. Observava muito bem a configuração da ilha, bem como sua natureza. Seu único objetivo era aquela montanha, que pretendia escalar. E nada o impediria.

Às dez horas, fizeram parada de alguns minutos. Saindo da floresta, o sistema orográfico da região surgiu aos seus olhos. A montanha se compunha de dois picos. O primeiro, cortado a uma altura de cerca de oitocentos metros, era sustentado por caprichosos contrafortes, que pareciam ramificar-se como garras imensas, presas ao solo.

Entre os contrafortes havia estreitos vales cobertos de árvores, cujas últimas copas atingiam o entroncamento do primeiro cone. Entretanto, a vegetação parecia menos abundante na parte nordeste da montanha e viam-se ranhuras bastante profundas que deviam ter sido escoadouros de lavas. Sobre o primeiro pico repousava um segundo cone, ligeiramente arredondado na parte de cima, que se equilibrava um pouco de lado sobre o outro. Se assemelhava a um chapéu redondo, colocado em cima da orelha. Era formado por uma terra sem vegetação, cheia de rochas avermelhadas. Era justamente o cume desse segundo cone que precisavam atingir e a aresta dos contrafortes parecia ser o melhor caminho a seguir.

— Estamos numa região vulcânica — afirmou Cyrus.

Seus companheiros, guiados por ele, começaram a subir pouco a pouco a encosta de um contraforte. Os acidentes do terreno eram numerosos. Evidentemente, o solo fora convulsionado por forças plutônicas. Havia, por todo lado, blocos irregulares de pedras, fragmentos de basalto e pedras-pomes. Durante a subida nas rampas inferiores, Harbert chamou a atenção para vestígios de passagem recente de grandes animais.

— Acho que essas feras não nos cederão o seu domínio de muito boa vontade — disse Pencroft.

— Pois bem — disse o repórter, que já havia caçado tigres na Índia e leões na África —, nós resolveremos o assunto. Mas, em todo caso, tenhamos cuidado.

Enquanto isso, os exploradores iam subindo pouco a pouco. O caminho, cheio de desvios e obstáculos, não podia ser percorrido depressa. Algumas vezes o solo sumia, de repente, e eles encontravam-se diante de enormes fendas, que precisavam contornar. Perdiam muito tempo, voltando, a fim de procurar outra direção. Ao meio-dia, quando a caravana parou para almoçar, debaixo de um conjunto de pinheiros, perto de riacho que corria formando cascatas, estava na metade do caminho do primeiro platô, que na realidade só deveria ser atingido ao cair da noite.

Nesse ponto já se via melhor o horizonte do mar. À direita, entretanto, o olhar era impedido pelo promontório de sudeste. Por isso, não se podia determinar se a costa se ligava a qualquer outra terra. À esquerda, o raio de visão estendia-se alguns metros para o norte. Entretanto, desde noroeste até o ponto onde se

encontravam os exploradores, esse raio era cortado por um contraforte estranhamente talhado, que parecia verdadeiro estribo para o cone central.

Recomeçaram a subida à uma da tarde. Precisaram ir para sudoeste e seguir novamente pelo meio da mata espessa. Após terem abandonado o bosque, subiram cerca de trinta metros e chegaram a um plano superior, com poucas árvores, cujo solo tinha aparência vulcânica. Precisavam dirigir-se para leste, dando várias voltas até encontrarem caminhos melhores, pois a subida era íngreme. Nab e Harbert iam na frente e Pencroft na retaguarda. Os dois outros iam no meio. Os animais que frequentavam aquelas alturas deviam necessariamente pertencer àquelas raças de patas firmes e espinhaço flexível como as camurças e cabras monteses.

Naquele momento todos tinham parado a cinquenta passos de meia dúzia de animais de grande estatura, com enormes chifres retorcidos para trás e achatados na ponta, com o corpo coberto de espessa lã, escondida por longos pelos sedosos de cor avermelhada. Não eram carneiros ordinários. Pertenciam a uma raça muito encontrada nas regiões montanhosas das zonas temperadas.

Os animais permaneciam imóveis entre os fragmentos de basalto e olhavam os invasores com espanto, como se pela primeira vez vissem bípedes humanos. Pouco depois, como que repentinamente assustados, desapareceram aos pulos pelos rochedos.

A escalada recomeçou e os viajantes tiveram ocasião de observar, em certos declives, vestígios de lavas, caprichosamente recortadas. O caminho era às vezes, interrompido por enxofreiras, sendo necessário seguir pelas bordas das mesmas. Ao chegar ao primeiro platô formado pelo entroncamento do cone inferior, as dificuldades para a subida tornaram-se muito maiores. Por volta das quatro horas, já tinham ultrapassado a zona extrema do arvoredo. Felizmente o tempo estava ótimo, a atmosfera perfeitamente sossegada.

Apenas 150 metros separavam os nossos exploradores do platô ao qual pretendiam chegar, a fim de acamparem para passar a noite. Mas os zigue-zagues que precisavam fazer aumentavam muito a distância. Já era quase noite fechada quando conseguiram chegar ao platô do primeiro cone. Estavam exaustos com a subida, que durara sete horas. Trataram logo de organizar um acampamento para recobrar as forças com boa ceia e bom sono.

Ainda não eram seis e meia quando terminaram a refeição. Cyrus Smith lembrou-se então de explorar, apesar da semiobscuridade, o enorme alicerce circular onde se assentava o cone superior da montanha. Não queria descansar antes de saber se a base do cone podia ser contornada, caso os flancos da pirâmide lhe tornassem o cume inacessível. Essa ideia preocupava um pouco o engenheiro, porque era possível que do lado para onde o chapéu se inclinava o platô fosse inacessível. Ora, se não pudessem, por um dos lados, atingir o cume da montanha e pelo outro não pudessem contornar a base do cone, ser-lhes-ia impossível examinar a porção ocidental da região e a subida estaria, em parte, fracassada. Por essas razões, Cyrus deixou Pencroft e Nab fazendo as camas, Gideon tomando notas dos acontecimentos do dia, e começou a seguir para o norte. Harbert acompanhou-o.

A noite estava bela e tranquila e a escuridão ainda não era total. Cyrus e Harbert caminhavam juntos, sem falar. Em certos lugares, o platô alargava-se e podiam passar sem dificuldade. Em outros, estreitava-se de tal maneira que não dava para duas pessoas passarem. Depois de vinte minutos de caminhada, precisaram parar. A partir daquele ponto começava a encosta dos dois cones. Nada mais separava as duas montanhas. Era impraticável contornar aquelas encostas que tinham inclinação de setenta graus. Mas, se o engenheiro e o rapaz tiveram que renunciar a seguir uma direção circular, por outro lado surgiu-lhes a oportunidade de começar diretamente a subida.

Com efeito, diante deles abria-se um rasgão profundo no maciço. Era a cratera superior, pela qual escapavam as matérias eruptivas líquidas, na época em que o vulcão ainda estava em erupção. As lavas endurecidas formavam uma escada natural, com degraus bem marcados, que facilitavam o acesso à montanha. De relance, Cyrus viu tudo isso e, sem hesitar, seguido pelo rapaz, meteu-se na enorme cratera, apesar da escuridão que cada vez aumentava mais.

Precisavam ainda subir trezentos metros. Os declives interiores da cratera eram muito longos e sinuosos, facilitando assim a subida. Quanto ao vulcão, não havia nenhuma dúvida de que estivesse extinto. Dos seus flancos não surgia a menor fumaça, e nas suas cavidades mais profundas não havia a menor chama. Daquele poço escuro, cavado talvez até as entranhas do globo, não saía nenhum rugido, murmúrio ou estremecimento. Dentro da cratera, nem mesmo a atmosfera estava saturada de vapores sulfurosos.

A tentativa de Cyrus seria bem-sucedida. Pouco a pouco ele e o rapaz, caminhando pelas superfícies internas, repararam que a cratera se alargava por cima de suas cabeças. O raio da porção circular do céu, emoldurado pelos bordos do cone, se expandia sensivelmente. A cada passo os dois amigos podiam ver mais estrelas. As constelações brilhavam extraordinariamente naquele céu austral. No zênite cintilava a esplêndida Antares do Escorpião e pouco distante a Beta Centauri, que se acredita ser a estrela mais próxima da Terra. À medida que a cratera se dilatava, foram aparecendo a constelação de Peixes, o Triângulo austral e, enfim, quase no polo antártico do mundo, a esplêndida Cruzeiro do Sul, que substitui a Estrela Polar do hemisfério boreal.

Eram quase oito horas quando chegaram ao topo do cone. A escuridão era tão completa que não podiam enxergar nada que estivesse num raio de mais de três quilômetros. Estaria aquela terra desconhecida toda cercada pelo mar ou se ligaria a oeste com algum continente do Pacífico? Não podiam, ainda, sabê-lo. A oeste, uma faixa de pequenas nuvens, perfeitamente desenhada no horizonte, aumentava as trevas e a noite não deixava ver se o céu e o mar se confundiam na mesma linha circular.

Mas num ponto do horizonte apareceu, de repente, um vago clarão, que descia lentamente, à medida que as nuvens subiam para o zênite. Era o quarto crescente da lua, já quase desaparecendo. Mas a sua claridade foi suficiente para desenhar a linha horizontal, então separada das nuvens. E o engenheiro pôde ver sua imagem trêmula refletir-se por um momento na superfície líquida. Então, segurando a mão do rapaz, disse com voz grave:

— Uma ilha!

11
O batismo da ilha

Meia hora depois, Cyrus e Harbert estavam de volta ao acampamento. O engenheiro limitou-se a dizer que a terra onde se encontravam era uma ilha.

No dia seguinte, depois de parco almoço, Cyrus quis tornar a subir ao topo do vulcão, a fim de observar com atenção a terra onde ele e seus amigos estavam presos, talvez para sempre. Desta vez, todos o acompanharam.

Mais ou menos às sete horas deixaram o acampamento. O engenheiro seguiu o caminho da véspera. O tempo estava magnífico e o céu, limpo. O sol cobria com seus raios toda a parte oriental da montanha. Finalmente, chegaram à cratera. Tudo coincidia com o que Cyrus vira na véspera, na escuridão da noite. Era uma enorme abertura que ia até trezentos metros acima do platô. Embaixo da enorme boca, espessas camadas de lava serpenteavam sobre os lados do monte, enchendo, assim, o caminho de matéria eruptiva até os vales inferiores que sulcavam o lado setentrional da ilha.

O interior da cratera, cujo declive não excedia de 35 a quarenta graus, não oferecia nem obstáculos nem dificuldades para a ascensão. Antes das oito horas atingiram o topo da cratera.

— O mar! Por toda parte o mar! — exclamaram todos, sem poder reprimir aquele grito.

E realmente, nada mais viam além daquele imenso lençol de água em volta, num raio de mais de oitenta quilômetros. Nenhuma terra à vista, nenhum navio. Toda aquela imensidão estava deserta. A ilha ocupava o centro de uma circunferência que parecia ser infinita.

— Que tamanho terá esta ilha? — perguntou Spillet.

Cyrus Smith refletiu um pouco, observou atentamente o perímetro da ilha, sem se esquecer da altura em que estavam, e disse:

— Meus amigos, acho que, não levando em conta a linha do litoral, 150 quilômetros.

— E a superfície da ilha?…

— É difícil calcular. A terra é muito recortada.

Se Cyrus não se enganava em seus cálculos, a ilha devia ser do tamanho da de Malta, no Mediterrâneo. Era, entretanto, muito mais irregular e abundante em cabos, promontórios, línguas, golfos, enseadas ou angras. A sua forma estranha surpreendia a todos. Quando Gideon, a pedido do engenheiro, desenhou o seu contorno, descobriu que se parecia com um animal fantástico, uma espécie de pterópode monstruoso, que estivesse adormecido na superfície do Pacífico.

A parte leste do litoral, isto é, aquela onde haviam desembarcado os náufragos, era recortada de modo a formar uma vasta baía, terminada a sudoeste por cabo muito agudo. A nordeste, dois outros cabos fechavam a baía e entre eles aprofundava-se um estreito golfo que se assemelhava na forma à queixada aberta de imenso esqualo. De nordeste a noroeste a costa tomava o aspecto de um crânio achatado, para tornar a elevar-se mais adiante, criando uma espécie de corcova, que não permitia desenhar com grande precisão aquela parte da ilha, cujo centro estava ocupado por montanha vulcânica. Desde aquele ponto o litoral continuava regularmente para norte e sul, cortado apenas em dois terços do seu perímetro por pequena angra, a partir da qual tomava a forma de enorme cauda de um gigantesco crocodilo. A cauda formava verdadeira península, que se estendia por mais de 48 quilômetros, mar adentro, a contar do mencionado cabo sudeste da ilha, desenhando uma enseada bem aberta, que enfeitava o litoral inferior daquela estranha terra tão caprichosamente recortada.

Na parte mais estreita, a ilha media apenas dezesseis quilômetros. Mas seu maior comprimento, da queixada de nordeste à extremidade da cauda de sudoeste, não era menor do que 48 quilômetros.

Quanto ao interior, era coberta de matas em toda sua parte meridional, desde a montanha até o litoral, árida e arenosa na parte setentrional. Cyrus e seus companheiros ficaram surpreendidos ao ver entre o vulcão e a praia leste um lago rodeado de árvores vigorosas, das quais nem suspeitavam a existência. Visto daquela altura, o lago parecia estar no mesmo nível que o mar. Refletindo

melhor, porém, o engenheiro explicou que a altitude daquele lençol de água devia ser de cem metros, pois o platô que lhe servia de bacia era somente prolongamento do que havia na costa.

— Será de água doce? — perguntou Pencroft.

— Com certeza — respondeu Cyrus. — Deve ser alimentado pelas águas que se escoam das montanhas.

— Parece-me ver um riacho que vai desembocar lá — disse Harbert, indicando estreito regato, cuja nascente devia encontrar-se nos contrafortes de oeste.

— Realmente — concordou Cyrus. — E, visto que o regato alimenta o lago, é provável que exista do lado do mar algum escoadouro. Na volta investigaremos isso.

Na parte setentrional da ilha não havia indício algum de água corrente. Talvez houvesse águas estagnadas na parte pantanosa de nordeste, mas tudo o que se via eram montões de areia, dunas, enfim, uma aridez muito característica, contrastando visivelmente com a opulência do terreno, na sua maior extensão.

O vulcão não estava no centro da ilha. Elevava-se na região nordeste e parecia servir de limite para as duas zonas. A sudoeste, sul e sudeste, os primeiros planos de contraforte desapareciam sob a massa verdejante. Ao norte, pelo contrário, podiam seguir-se todas as ramificações, que iam acabar nas planícies de areia. Era, também, naquele lado que o vulcão, nos tempos de erupção, tinha provocado aberturas, por causa da passagem das lavas. Havia uma enorme parede de lava que chegava até a estreita queixada que formava o golfo a nordeste.

Cyrus e seus amigos permaneceram uma hora no topo da montanha. Dessa maneira, puderam apreciar perfeitamente o aspecto geral da ilha, escapando apenas às investigações deles o terreno escondido debaixo do imenso verde, as encostas dos vales sombrios e o interior das gargantas estreitas cavadas ao pé do vulcão.

Em toda a ilha não havia vestígio de obra humana, nem aglomeração de casas ou até mesmo uma cabana isolada ou pescaria no litoral. No ar não se elevava fumaça alguma que traísse a presença do homem.

Os exploradores estavam distantes dos pontos extremos da ilha, quer dizer, da parte da ilha em forma de cauda que se projetava a sudoeste e de onde seria

difícil descobrir uma habitação. Por outro lado, também não podiam arrancar o véu de natureza que encobria três quartos da ilha e ver se escondia ou não alguma aldeia.

Mas seria, pelo menos, frequentada ocasionalmente pelos nativos das ilhas vizinhas? Era difícil responder a essa pergunta. Não se avistava nenhuma terra num raio de oitenta quilômetros. Mas essa distância podia ser facilmente transposta quer pelos praos malaios quer pelas imensas pirogas polinésias. Tudo dependia, pois, da localização da ilha, isto é, do seu isolamento no meio do Pacífico ou da sua proximidade dos arquipélagos.

Poder-se-ia mais tarde calcular a sua posição em latitude e longitude? Era difícil. Mas, em todo caso, era conveniente que tomassem algumas precauções contra a possível invasão de indígenas vizinhos.

A exploração da ilha estava acabada, sua configuração determinada, suas desigualdades de terreno conhecidas, sua extensão calculada, sua orografia e hidrografia reconhecidas. A disposição das florestas e planícies tinha sido indicada de maneira geral no caderno do repórter. Faltava tornar a descer o declive da montanha e explorar o solo sob o tríplice ponto de vista dos seus recursos minerais, vegetais e animais.

Cyrus, antes de dar o sinal de partida, disse, com voz grave e pausada, para os companheiros:

— Eis aqui, meus amigos, o pedaço de terra onde a mão do Todo-Poderoso nos lançou. Aqui deveremos viver por muito tempo. Talvez algum socorro inesperado, como um navio que passe por acaso, venha salvar-nos. Digo talvez porque esta ilha é bem pouco importante e não tem um único porto que possa servir de abrigo aos navios. Além disso, pode-se supor que ela esteja fora da rota ordinária dos navios que frequentam os arquipélagos do Pacífico, pois está muito ao sul. E aqueles que se dirigem para a Austrália, dobrando o cabo Horne, ela está muito ao norte. Não quero, pois, ocultar-lhes a nossa verdadeira situação.

— O senhor tem razão — respondeu Gideon. — Somos todos homens corajosos que têm toda confiança no senhor. Pode contar conosco para qualquer coisa, não é, meus amigos?

— Eu lhe obedecerei em tudo, sr. Cyrus — disse Harbert, agarrando a mão do engenheiro.

— Meu amo sempre e em toda parte! — exclamou Nab.

— Quanto a mim — disse o marinheiro —, que eu perca meu nome se me negar a qualquer coisa. Se o senhor quiser transformar essa ilha numa pequena América, assim o faremos. Levantaremos cidades, construiremos estradas de ferro, instalaremos um telégrafo e um belo dia, quando ela estiver habitável, vamos oferecê-la ao governo da União! Mas peço apenas uma coisa.

— O que é? — perguntou o repórter.

— Que não nos consideremos mais como náufragos e sim como colonizadores.

Cyrus não pôde deixar de sorrir e, tendo sido aceita a proposta de Pencroft, este agradeceu aos companheiros dizendo que contava com o auxílio divino e com sua energia.

— Vamos! De volta para as cavernas — disse Pencroft.

— Esperem um instante, meus amigos — respondeu o engenheiro. — Acho que devemos dar um nome a esta ilha, bem como aos cabos, promontórios e rios que encontrarmos.

— Muito bem — disse o repórter. — Isso simplificará, no futuro, as instruções que precisarmos dar ou seguir.

— As cavernas, por exemplo — propôs Harbert —, serão chamadas de Chaminés. Concorda, sr. Cyrus?

— Ótimo — respondeu o engenheiro.

— Para os acidentes geográficos, eu preferiria que tirássemos nomes da nossa pátria — propôs o repórter —, pois assim nos lembraríamos sempre dela.

— Admito isso — disse Cyrus — para os principais acidentes. Chamemos à vasta baía de leste de baía da União, à do sul, de baía Washington, ao monte onde estamos, de monte Franklin, ao lago que se estende diante de nossos olhos, de lago Grant. Esses nomes nos farão lembrar nosso país e os grandes homens que o honraram. Mas, para os rios, golfos, cabos e promontórios, escolhamos denominações que lembrem a configuração de cada um deles. Elas se fixarão melhor em nossa cabeça e será bem mais prático. A forma da ilha é bastante estranha para que possamos imaginar um nome que lhe sirva. Quanto aos rios que ainda não conhecemos e que só descobriremos quando explorarmos a floresta, bem como as angras que descobrirmos, batizaremos à medida que os formos encontrando. Que acham vocês?

A proposta do engenheiro foi aceita por todos e Spillet foi encarregado de tomar nota dos nomes escolhidos.

— Agora — disse o repórter —, proponho que se dê o nome de Serpentina à península que se projeta a sudoeste da ilha e o de Réptil à cauda recurvada que a termina.

— Aprovado — disse o engenheiro.

— Ao golfo que parece tanto uma queixada aberta, chamaremos de golfo do Tubarão — propôs Harbert.

— Muito bem lembrado — exclamou Pencroft —, e completaremos o cenário chamando de cabo Mandíbula às duas partes da queixada.

— Mas é preciso notar que há dois cabos — observou o repórter.

— Bem, serão cabo Mandíbula norte e cabo Mandíbula sul.

— Anotado — disse Spillet.

— Falta-nos arranjar um nome para a ponta, na extremidade sudoeste da ilha.

— O senhor quer dizer a extremidade da baía União — corrigiu Harbert.

— Cabo Garra — exclamou Nab, que também queria ser padrinho de algum pedaço do seu domínio.

E na verdade escolhera nome bem apropriado. O cabo tinha o formato de uma garra de um animal fantástico.

Ao rio que lhes fornecia água, perto do qual os havia lançado o balão, deram o nome de Providência. À ilhota onde primeiro puseram os pés, chamaram de Salvação. Ao platô que coroava a alta muralha de granito, acima da Chaminé, de onde podiam ver toda a baía, chamaram de Vista Grande. E ao maciço impenetrável de bosques, que cobria a península Serpentina, chamaram de floresta do Faroeste.

Terminaram, assim, de escolher a nomenclatura das partes visíveis e conhecidas da ilha. Foi quando Pencroft exclamou:

— Nós somos uns estouvados!

— Por quê? — perguntou Gideon, que tinha fechado seu caderno e preparava-se para partir.

— Não nos esquecemos de batizar nossa ilha?

Harbert ia propor que lhe dessem o nome do engenheiro, o que todos teriam aprovado, quando Cyrus simplesmente disse:

— Vamos dar-lhe o nome de um grande cidadão, que luta nesse momento em defesa da unidade da república americana. Vamos chamá-la de Lincoln!

Três valentes urras foram a resposta à proposta do engenheiro.

Isso tudo acontecia no dia 30 de março de 1865. Nenhum deles imaginava que dezesseis dias depois um crime terrível seria cometido em Washington. Na Quinta-Feira Santa Abraham Lincoln seria assassinado pela bala de um fanático.

12
Animais, vegetais e minerais

Os colonos da ilha Lincoln lançaram um último olhar em volta de si mesmos e, meia hora depois, estavam no primeiro platô, onde tinham acampado na noite anterior.

Naquele momento, o engenheiro deu corda ao seu relógio. Calculando pela altura do sol que deviam ser nove horas da manhã, pôs os ponteiros nessa posição. Gideon Spillet ia fazer o mesmo quando Cyrus impediu-o, dizendo:

— Não faça isso, meu caro Spillet. Você conservou a hora de Richmond?

— Conservei.

— Portanto, seu relógio está regulado pelo meridiano daquela cidade, que é mais ou menos da cidade de Washington.

— Sem dúvida.

— Pois bem, mantenha-o assim. Limite-se apenas a dar corda, sem mexer nos seus ponteiros. Isso talvez nos venha a ser útil.

Depois disso almoçaram tão bem que toda a reserva de caça e amêndoas foi consumida. Mas Pencroft nem se preocupou com isso, contando reabastecer-se no caminho. Top, cuja ração fora pequena, saberia encontrar caça no bosque. Por outro lado, o marinheiro pensava pedir ao engenheiro que fabricasse um pouco de pólvora, uma ou duas espingardas, achando que isso não seria muito difícil.

Abandonando o platô, Cyrus propôs aos companheiros seguirem novo caminho ao voltarem para casa. Desejava tornar a ver o lago Grant, tão magnificamente emoldurado pelas árvores. Seguiram então pela aresta sinuosa de um dos contrafortes, entre os quais o rio que alimentava o lago devia ter sua nascente. Conversando, os colonos só empregavam os nomes que tinham

acabado de escolher para os acidentes geográficos e isso facilitava muito a troca de ideias.

Tinha-se combinado que, embora não precisassem andar muito juntos, não se distanciariam demasiado uns dos outros, pois, sendo quase certo que as densas florestas da ilha eram habitadas por animais ferozes, era prudente que eles se acautelassem. O engenheiro andava calado, não se afastando do caminho a não ser para apanhar aqui e ali alguma substância vegetal ou mineral, que metia no bolso, sem nenhum comentário.

— O que estará ele apanhando? — murmurava Pencroft. — Por mais que olhe não vejo nada que valha a pena guardar.

Às dez horas, descia a pequena caravana até as últimas rampas do monte Franklin. Cyrus já pensava poder atingir sem incidentes o rio, que na sua opinião corria entre as árvores, no extremo da planície, quando viu Harbert voltar precipitadamente.

— O que há de novo? — perguntou Gideon.

— Fumaça! Vimos uma coluna de fogo que escapava entre os rochedos, a cem passos de distância.

— Será que há homens nesse lugar? — exclamou o jornalista.

— Evitemos aparecer antes de sabermos com quem nos defrontaremos. Se há nativos na ilha, tenho mais medo deles do que desejo de encontrá-los. Onde está Top?

— Vai à frente.

— E não está latindo?

— Não.

— É estranho. Em todo caso, é melhor chamá-lo.

Instantes depois, o engenheiro, Harbert e Gideon juntaram-se aos dois outros companheiros e esconderam-se atrás dos rochedos de basalto. Dali divisaram distintamente uma pequena coluna de fumaça que se elevava nos ares, rodopiando, de cor amarela muito característica. Top, chamado pelo assobio do dono, veio logo, e este, pedindo aos companheiros que o esperassem, deslizou entre os rochedos. Os colonos, imóveis, esperavam ansiosos o resultado da exploração quando Cyrus os chamou. Logo se reuniram a ele e ficaram surpreendidos com o cheiro desagradável que impregnava a atmosfera. Aquele

odor, que facilmente se reconhecia, era suficiente para o engenheiro adivinhar de onde provinha a fumaça que a princípio tanto os tinha inquietado.

— A natureza é a única responsável pela fumaça — disse Cyrus. — Ali existe uma fonte sulfurosa que servirá para curar nossas laringites.

— Que pena eu não estar resfriado! — exclamou Pencroft.

Os colonos dirigiram-se para o lugar de onde saía a fumaça e viram ali uma nascente sulfurosa sódica, que corria abundante entre os rochedos. Essas águas exalavam um cheiro fortíssimo de ácido sulfídrico, depois de terem absorvido o oxigênio do ar. Cyrus meteu a mão na água e notou que era oleosa. Provando-a, achou que tinha sabor bastante adocicado. Calculou que sua temperatura devia ser de 35 graus centígrados. E, como Harbert perguntasse em que baseava seus cálculos, disse:

— É simples. Quando mergulhei a mão na água não senti nem sensação de frio nem de calor, o que prova que ela está na temperatura do corpo humano.

Mas, como a nascente sulfurosa não oferecesse utilidade real, os colonos dirigiram-se para a floresta que estava a poucos passos de distância. Como haviam presumido, o rio ali espraiava suas águas vivas e límpidas entre as escarpadas margens de barro vermelho, cor que indicava a presença do óxido de ferro e que fez com que lhe dessem o nome de rio Vermelho. Era largo, profundo e límpido, metade rio, metade torrente, correndo pacificamente sobre a areia em alguns lugares, encrespando-se de encontro às rochas ou precipitando-se em cascata em outros. Corria dali até o lago, numa extensão de quilômetro e meio, tendo nove a doze metros de largura.

Naquela época do ano, começo de abril, que corresponde naquele hemisfério ao nosso mês de outubro, começo do outono, a folhagem das árvores ainda não havia caído. Predominavam as casuarinas e os eucaliptos, alguns dos quais, na primavera, deviam fornecer maná adocicado, muito semelhante ao maná do oriente. Havia também cedros australianos nas clareiras. Entretanto, os coqueiros, tão abundantes nos arquipélagos do Pacífico, pareciam inexistir naquela ilha.

De repente, do meio da mata, surgiu um estranho concerto de vozes discordantes. Os colonos ouviram sucessivamente vozes de aves, gritos de quadrúpedes e uma espécie de estalos, que se poderia supor serem produzidos pela boca de algum nativo. Nab e Harbert, esquecendo-se dos princípios mais

elementares de prudência, embrenharam-se entre as moitas. Felizmente, ali não havia feras terríveis ou indígenas perigosos e sim apenas meia dúzia de aves zombeteiras e cantoras, conhecidas como faisões das montanhas. Alguns golpes bem dados puseram fim àquela gritaria e forneceram aos colonos um bom jantar.

Harbert chamou a atenção de seus amigos para magníficos pombos de asas bronzeadas. Embora tentassem alcançá-los, não o conseguiram, nem tampouco a vários corvos e pegas que fugiam em bandos. Um tiro de chumbo teria provocado enorme estrago, mas eles tinham apenas pedra e pau, armas bem primitivas que deixavam muito a desejar!

A insuficiência dessas armas ficou ainda mais patente com o aparecimento de um bando de quadrúpedes, que saltava, dando pulos de nove metros, verdadeiros mamíferos voadores, escondendo-se, depois, em cima das árvores, com tanta ligeireza e a tal altura que pareciam saltar de uma árvore para outra com a agilidade de esquilos.

— São cangurus! — exclamou Harbert.

— Servem para comer? — perguntou Pencroft.

— Assados — disse o repórter —, se igualam à melhor caça.

O marinheiro, Nab e Harbert tinham ido atrás dos cangurus. Depois de cinco minutos de corrida, os caçadores estavam exaustos e os animais haviam desaparecido na floresta. Top tinha sido tão infeliz quanto os colonos. Quando o engenheiro e o repórter se aproximaram deles, Pencroft disse:

— Sr. Cyrus, é indispensável fabricarmos espingardas. Isso será possível?

— Talvez. Mas comecemos por fabricar arcos e flechas. Estou convencido de que dentro de pouco tempo vocês os manejarão tão bem quanto qualquer caçador australiano.

Enquanto isso, Top, compreendendo que seu próprio interesse estava em jogo, farejava tudo com o faro apurado pela fome. Era bem provável que se alguma caça lhe caísse nos dentes não sobrasse nada para os colonos. Top caçava por conta própria, mas Nab o seguia. Por volta das três horas, o cão desapareceu atrás de algumas moitas, e alguns grunhidos, que se ouviram depois, indicavam que ele estava empenhado em lutar com algum animal. Nab dirigiu-se para o local de onde vinham os sons estranhos e viu Top comendo com avidez um quadrúpede. Mas, felizmente, o cachorro atacara uma ninhada daqueles bichos e conseguira matar três. Os outros dois jaziam mortos no chão.

Nab reapareceu triunfante, trazendo em cada uma das mãos um roedor, maior do que uma lebre, de pelo amarelado, com manchas esverdeadas e cauda muito pequena. Os caçadores logo verificaram que eram marás, espécie de cutias, um pouco maiores que seus congêneres das regiões tropicais, verdadeiros coelhos.

— Urra! — exclamou Pencroft. — Agora já podemos voltar para casa.

As águas do rio Vermelho corriam límpidas sob a abóbada de casuarinas, gumíferas gigantes e líliáceas soberbas, que atingiam a altura de seis metros. Havia, ainda, outras espécies de árvores, desconhecidas, que cresciam debruçadas sobre o riacho que se ouvia passar debaixo daquele verde. Entretanto, o fio ia se alargando sensivelmente. Ao saírem de espesso maciço de árvores, chegaram à embocadura, na margem ocidental do lago Grant. A leste, através de uma cortina de verdura pitorescamente levantada em alguns lugares, via-se deslumbrante horizonte de mar. Ao norte, o lago fazia uma curva ligeiramente côncava, que criava perfeito contraste com o desenho agudo de sua ponta inferior. As águas eram doces e límpidas. Por certos borbulhos e círculos concêntricos, que se cruzavam na superfície, via-se que o lago devia ter peixes em abundância.

— É realmente admirável esse lago — observou Gideon. — Poder-se-ia viver muito bem nas suas margens.

— E viveremos! — afirmou Cyrus Smith.

Os colonos, querendo retornar para a Chaminé pelo caminho mais curto, desceram até o ângulo formado ao sul pela junção das margens do lago. Com muito esforço, conseguiram abrir caminho entre as árvores da floresta, que, sem dúvida, nunca tinham sido tocadas pela mão humana. Dirigiram-se para o litoral para chegar à parte norte do platô da Vista Grande. Andaram três quilômetros nessa direção e depois da última cortina de árvores apareceu o platô, atapetado de grama, e mais além o infinito mar. Para chegar à Chaminé, seria suficiente atravessar obliquamente o platô, num percurso de 1.600 metros, e descer até o cotovelo formado pelo rio Providência. Mas, como o engenheiro desejava conhecer como e por onde se escoava o excesso das águas do lago, continuaram a exploração sob as árvores, numa distância de mais de dois quilômetros para o norte.

Com efeito, deveria haver um escoadouro e era quase certo que estava entre alguma fenda do granito. Afinal, o lago era apenas uma cova imensa que se

enchia pouco a pouco pela vazão do rio e era evidente que o excesso de água que recebia devia dar para o mar. O engenheiro tinha esperanças de aproveitar aquela provável queda-d’água, utilizando sua força até então desperdiçada. Com essa intenção, continuaram seguindo as margens do lago Grant e subiram ao platô. Depois de já terem andado dois quilômetros naquela direção, sem encontrar o escoadouro, Cyrus resolveu voltar para que o jantar pudesse ser preparado, pois já eram quatro horas.

Depois de aceso o fogo, Nab e Pencroft, que exerciam as funções de cozinheiro, prepararam, com a maior rapidez possível, as cutias assadas. Depois da refeição, muito apreciada por todos, foram se deitar. Nesse momento, Cyrus tirou do bolso várias espécies de minerais e limitou-se a dizer:

— Meus amigos, isto é minério de ferro, isto é pirite, isto é argila e isto é carvão. Eis o que nos dá a natureza. Amanhã cuidaremos do nosso futuro.

13
Industrializa-se a ilha

— E agora, sr. Cyrus, por onde devemos começar? — perguntou Pencroft no dia seguinte.

— Pelo princípio.

Realmente era bem pelo princípio que os colonos deviam começar, pois não possuíam o material necessário para fabricar utensílios. O tempo lhes era pouco, pois precisavam, com urgência, prover as necessidades de subsistência. Aproveitando a experiência adquirida, não precisavam inventar, mas apenas fabricar. O ferro e o aço ainda estavam em estado de minério, o tijolo em estado de argila e as roupas em estado de matérias têxteis.

Gideon Spillet, repórter inteligentíssimo, homem que estudara e que entendia de tudo, deveria contribuir manual e intelectualmente para a colonização da ilha. Não recuaria diante de nenhum obstáculo. Caçador entusiasta, aceitaria como trabalho o que até então fora para ele simples divertimento. Harbert, já bastante instruído em ciências naturais era, também, auxiliar indispensável. Nab era a dedicação personificada. Esperto, inteligente, resistente, com saúde de ferro, entendia um pouco de trabalhos de forja. Não podia deixar de ser útil à colônia. Quanto a Pencroft, havia navegado em todos os oceanos. Como homem do mar, sabia fazer de tudo.

Seria difícil reunir cinco homens tão capazes para lutar contra a sorte.

Quando Cyrus dissera que precisavam começar pelo princípio, referia-se à necessidade da construção de um aparelho que servisse para a transformação das substâncias naturais. Como se sabe, o calor desempenha papel importante nessas operações. Ora, o combustível, lenha e carvão de pedra, podiam ser utilizados logo, mas seria necessário construir um forno para esse fim.

— Para que serve o forno? — perguntou Pencroft.
— Para fabricar a louça da qual necessitamos.
— E com que faremos o forno?
— Com tijolos.
— E os tijolos?
— Com argila. Agora, ao trabalho! Para evitar termos que nos deslocar devemos instalar a oficina no mesmo lugar da produção. Nab trará as provisões. Não há de faltar fogo para cozinharmos.
— Se ao menos tivéssemos uma faca! — exclamou o marinheiro.
— Para quê? — perguntou Cyrus.
— Faria um arco e flecha, e caça não nos faltaria! — respondeu Pencroft.
— Uma faca, uma lâmina cortante — disse o engenheiro, falando consigo mesmo.
No mesmo instante olhou Top, que passeava na praia.
— Aqui, Top! — chamou.
O cão atendeu ao dono, que, segurando sua cabeça entre as mãos, desapertou a coleira que ele trazia e, partindo-a em dois pedaços, entregou-os a Pencroft, dizendo:
— Aqui estão duas facas.
A coleira de Top era feita de uma lâmina fina de aço temperado. Bastava amolar para aparecer o gume e depois afiar em pedra mais fina. Como havia abundância de pedra na região, duas horas depois os colonos já tinham duas boas facas com fortes cabos.
Partiram, afinal. Cyrus pretendia voltar à margem ocidental do lago onde, na véspera, havia encontrado terra argilosa. Seguiram, então pela margem do Providência, atravessaram o platô Vista Grande e, depois de caminharem oito quilômetros, chegaram a uma clareira que ficava à distância de duzentos passos do lago Grant. Harbert, enquanto caminhava, descobriu algumas árvores que os índios da América costumam usar para fabricar arcos. Eram árvores da família das palmeiras, que não dão frutos comestíveis. Cortaram os ramos mais compridos e em bom estado, tiraram-lhes as folhas, afinaram-lhes as extremidades. Só lhes faltava encontrar uma planta adequada para fazer a corda do arco. Finalmente, conseguiram achar uma espécie, pertencente à família das malváceas, cujas fibras eram tão rijas que podiam ser comparadas a tendões de

animais. Pencroft conseguiu, assim, arcos de tamanho razoável. Arranjou flechas utilizando ramos retos e rijos, sem nós. Mas não seria fácil encontrar substância para substituir o ferro, que devia ser colocado na ponta das flechas. O marinheiro resolveu confiar na sorte e não se preocupou.

Os colonos tinham chegado ao terreno reconhecido na véspera, que era composto de argila propícia para fazer tijolos e telhas. Era portanto o de que eles precisavam. Bastaria desengordurar a argila com um pouco de areia, moldar os tijolos e cozê-los em fogo de lenha. Em geral usam-se moldes para fazer os tijolos, mas Cyrus teve que fazê-los à mão, ocupando nesse trabalho aquele dia e mais o seguinte. A argila molhada e amassada foi dividida em blocos iguais. Um trabalhador especializado podia fazer, sem máquina, até dez mil tijolos em doze horas, mas os tijoleiros da ilha Lincoln, nos dois dias de trabalho, conseguiram fazer apenas três mil tijolos, que colocaram juntos uns dos outros, até que estivessem bem secos para ser cozidos, o que levaria de três a quatro dias.

Foi no dia 2 de abril que Cyrus tratou de fixar a orientação da ilha. Na véspera tinha tomado nota exata da hora em que o sol tinha desaparecido no horizonte, levando em conta a refração. Na manhã do dia 2, precisou a hora em que ele reapareceu e viu que tinham decorrido doze horas e 24 minutos entre o pôr do sol e o seu nascer. Portanto, seis horas e doze minutos depois de nascer, o sol, naquele dia, passaria pelo meridiano. O ponto que ele ocupasse naquela ocasião deveria ser o norte. Na hora calculada, Cyrus marcou aquele ponto e, com o auxílio de duas árvores que lhe serviriam de ponto de referência, obteve um meridiano invariável para seus cálculos posteriores.

Durante os dois dias que esperaram para cozer os tijolos, trataram de armazenar lenha. Vários galhos foram cortados e os encontrados caídos eram recolhidos. Também não se descuidaram de caçar nos arredores, ainda mais por Pencroft ter flechas de pontas afiadas, pois Top caçara um porco-espinho cujas agulhas serviram para fazer as pontas. Além dos espinhos, os colonos prenderam penas de cacatuas nas flechas, para assegurar a direção desejada. Em pouco tempo, Pencroft e o repórter tornaram-se ótimos atiradores e nunca mais faltou caça de pelo ou pena.

Durante alguns dias os colonos não melhoraram a Chaminé porque Cyrus pretendia encontrar moradia mais confortável. Limitaram-se apenas a espalhar

sobre a areia dos corredores musgos e folhas secas. Nessas camas, os trabalhadores cansados dormiam profundamente.

No dia 6 de abril, ao despontar a manhã, o engenheiro e seus amigos encontravam-se reunidos na clareira, no lugar onde deviam fazer os tijolos. Naturalmente a operação devia ser feita ao ar livre. A própria aglomeração dos tijolos formaria o forno de cozimento. O combustível, em feixes bem preparados, foi posto no chão, e em volta colocaram-se várias ordens de tijolos secos que dali a pouco formavam grande cubo, no qual foram deixados alguns respiradouros. O cozimento durou 48 horas e foi coroado de êxito.

Nab e Pencroft, guiados por Cyrus, aproveitaram o tempo carregando, numa esteira feita de vimes entrelaçados, imensas quantidades de carbonato de cal, pedra muito comum que se encontrava com abundância ao norte do lago. Essas pedras, decompondo-se com o calor, davam cal viva, tão pura como se tivesse sido produzida pela calcinação do mármore ou do giz. Misturada com areia, obtinha-se uma argamassa excelente.

Finalmente, no dia 9 de abril o engenheiro tinha à sua disposição certa quantidade de cal preparada e alguns milhares de tijolos. Começara, pois, sem perda de tempo, a construção de um forno que deveria servir para o fabrico da louça de que tanto necessitavam. Cinco dias depois, já enchiam o forno com carvão de pedra, tirado da jazida descoberta por Cyrus na embocadura do rio vermelho. Dali a pouco já se via sair fumaça pela chaminé de seis metros de altura.

A primeira coisa que os colonos fabricaram foi louça comum, própria para cozinhar. A matéria-prima usada foi argila, à qual Cyrus juntou um pouco de cal e de quartzo, com a qual fizeram potes, xícaras, pratos, jarras para água e outros utensílios. A forma desses objetos era torta e defeituosa, mas depois de cozidos serviam muito para a cozinha e foram de tanta utilidade quanto seriam os mesmos objetos bem-feitos e de porcelana.

Pencroft fabricou alguns cachimbos, embora grosseiros. Faltava, porém, o fumo, o que era verdadeiro suplício para ele.

Esses trabalhos ocuparam os colonos até o dia 15 de abril. O dia seguinte seria domingo de Páscoa. Decidiram descansar. Todos eles eram homens religiosos, seguidores dos preceitos da Bíblia, e a situação na qual se encontravam fazia-os cada vez ter maior confiança no autor de todas as coisas.

Na tarde de 15 de abril, os colonos voltaram definitivamente para a Chaminé, levando o resto da louça. O forno foi apagado, esperando novo destino. Essa volta, aliás, foi assinalada pela feliz descoberta que o engenheiro fez de substância para substituir a isca, a qual era esponjosa e macia e provinha de certos cogumelos do gênero políporo. Convenientemente preparada, é muito inflamável, sobretudo se antes tiver sido saturada de pólvora e fervida em solução de nitrato ou clorato de potassa.

Mas até então os colonos não tinham encontrado nenhum dos tais políporos, nem mesmo alguma outra espécie de cogumelo que pudesse substituí-los. Naquele dia, porém, o engenheiro tinha notado uma planta pertencente ao gênero artemisa, cujas espécies principais são o absinto, a erva-cidreira e o estragão. Arrancando alguns galhos delas, disse para Pencroft:

— Aqui está uma coisa que vai dar-lhe muita satisfação.

O marinheiro analisou com toda a atenção a planta, coberta de pelos compridos e sedosos e cujas folhas eram revestidas de penugem que parecia algodão.

— O que é isso, sr. Cyrus? — perguntou. — Louvado seja Deus! Será tabaco?

— Não, é artemisa. Mas para nós será isca!

E, com efeito, aquela artemisa, depois de preparada convenientemente, tornou-se substância bastante inflamável. E ficou mais ainda quando o engenheiro impregnou-a de nitrato de potassa, abundante na ilha e que não é outra coisa senão salitre.

Naquela noite, todos os colonos reunidos no corredor central cearam admiravelmente. Acabada a refeição, Cyrus e os amigos foram até a praia tomar um pouco de ar. Eram oito horas e a noite prometia ser magnífica. A lua, que cinco dias antes tinha sido cheia, ainda não aparecera, mas o horizonte já se prateava com aquela gradação de cores que bem se pode chamar de aurora lunar. Brilhavam no zênite austral as constelações circumpolares e entre todas destacava-se a que o engenheiro dias antes havia chamado de Cruzeiro do Sul. Cyrus observou durante algum tempo aquela constelação que tem no cimo e na base duas estrelas de primeira grandeza, no braço esquerdo uma de segunda e no braço direito uma de terceira.

— Se não me engano — disse Cyrus —, amanhã será um dos quatro dias do ano em que o tempo verdadeiro se confunde com o tempo médio. Quer dizer que

amanhã, com diferença de alguns segundos, o sol há de passar no meridiano, justamente ao meio-dia dos relógios. Portanto, se o tempo estiver bom, hei de obter a longitude da ilha.

— Sem instrumentos? — perguntou Spillet.

— Sim. E, como a noite está limpa, vou fazer providências hoje mesmo para obter a nossa latitude, calculando a altura do Cruzeiro do Sul, quer dizer, do polo austral, acima do horizonte. Vocês devem compreender, meus amigos, que antes de empreendermos trabalhos mais sérios de instalações devemos verificar a que distância esta ilha está do continente americano, do australiano ou dos arquipélagos do Pacífico.

— Realmente — disse o repórter —, talvez ganhemos mais construindo um barco do que uma casa, se descobrirmos que estamos apenas a algumas centenas de quilômetros de uma costa habitada.

— Por isso mesmo — respondeu Cyrus — vou esta noite tentar obter a latitude da ilha Lincoln e amanhã ao meio-dia tratarei de calcular a longitude.

Se o engenheiro possuísse sextante, aparelho que permite medir com precisão a distância angular dos objetos pela reflexão, a operação não seria difícil e naquela noite, pela altura do polo e, no dia seguinte, pela passagem do sol no meridiano, teria obtido as coordenadas da ilha. Mas, como tal instrumento lhe faltava, era preciso substituí-lo. Cyrus voltou à Chaminé. Com a fraca luz da lareira, conseguiu talhar duas pequenas réguas chatas e juntou-as numa das extremidades, de maneira a formar uma espécie de compasso, cujas pernas pudesse afastar-se ou aproximar-se, sendo o eixo de junção feito com um grande espinho de acácia, que o engenheiro achara entre a lenha seca da fogueira. Terminado o instrumento, voltou para a praia. Mas, como era preciso medir a altura do polo em horizonte claramente desenhado, como o do mar, e o cabo Garra lhe escondia o horizonte ao sul, precisou se posicionar de maneira mais adequada. O melhor seria ficar no litoral diretamente exposto ao sul, mas precisaria atravessar o Providência, o que, naquele momento, era impossível, visto que estava muito profundo. Em consequência disso, Cyrus resolveu fazer suas observações do platô Vista Grande, não se esquecendo da longitude, que tencionava no dia seguinte calcular, por simples método de geometria elementar.

Seguiram, pois, todos os colonos para o Vista Grande, subindo pela margem esquerda do Providência, e foram colocar-se no lado que ia de noroeste a

sudeste.

Nenhum obstáculo tolhia a vista do observador, que abrangia o horizonte em semicircunferência. O Cruzeiro do Sul apresentava-se, naquele momento, em posição inteiramente invertida, a estrela Alfa marcando a base da constelação, que é a parte mais próxima do polo austral. A constelação não fica tão perto do polo antártico como a estrela Polar está do polo ártico. A estrela Alfa dista cerca de 26 graus do polo, mas Cyrus estava ciente e levaria em conta para fazer o seu cálculo. Teve, também, o cuidado de observá-la no momento em que passava pelo meridiano, abaixo do polo, o que simplificaria a sua operação. Smith direcionou uma das pernas do seu compasso de madeira para o horizonte do mar e a outra para a Alfa, como teria feito com as lentes de um círculo repetidor, e a abertura que ficou entre as duas pernas indicou-lhe a distância angular que separava a Alfa do horizonte. A fim de fixar de maneira imutável o ângulo obtido, pregou com espinhos as duas réguas do aparelho sobre uma terceira colocada transversalmente. Feito isso, faltava apenas calcular o ângulo obtido, reduzindo a observação ao nível do mar. E para isso precisava calcular a altura do platô. O cálculo do ângulo daria a altura da Alfa e, por consequência, a do polo acima do horizonte, que era a latitude da ilha, pois a latitude de um ponto da terra é sempre igual à altura do polo acima do horizonte desse ponto.

Esses cálculos foram deixados para o dia seguinte e às dez horas todos dormiam profundamente.

14
A localização da ilha

No dia seguinte, 16 de abril, domingo de Páscoa, os colonos saíram da Chaminé ao nascer do dia, e foram lavar suas roupas. O engenheiro tencionava fabricar sabão logo que conseguisse as matérias-primas essenciais, como soda, potassa e gordura ou óleo qualquer.

O sol, levantando-se no horizonte limpo, anunciava um dia magnífico. O dia era então propício para completar os elementos obtidos com a observação da véspera, medindo-se a altura do platô da Vista Grande.

— Não será necessário instrumento análogo ao que o senhor usou ontem, sr. Cyrus? — perguntou Harbert.

— Não, meu filho. Hoje vamos operar de maneira diferente, embora com a mesma precisão.

Cyrus munira-se com uma espécie de vara reta, com três metros e meio de comprimento, que ele próprio medira com toda a exatidão possível, comparando-a com a própria altura. Harbert levava um fio de prumo que Cyrus lhe entregara: uma pedra amarrada na extremidade de fibra flexível.

Tendo chegado a seis metros da beira da praia e a 150 da muralha de granito, perpendicularmente erguida diante deles, Cyrus enterrou sessenta centímetros da vara no chão e foi calcando a areia até conseguir que a vara ficasse perpendicular ao plano do horizonte, com o auxílio do fio de prumo. Realizada essa primeira parte da operação, o engenheiro recuou um pouco, deitou-se na areia e procurou atingir com seu raio visual a extremidade da vara e a crista da muralha. Marcando com uma estaca o ponto onde tivera a cabeça, disse para Harbert:

— Você conhece os princípios elementares de geometria?

— Um pouco — respondeu o rapaz.

— Lembra-se quais são as propriedades dos triângulos semelhantes?

— Eles têm os lados homólogos proporcionais.

— Pois bem, acabo de construir dois triângulos semelhantes, todos os dois retângulos. O primeiro, o menor, tem por lados a vara perpendicular e a distância que medeia entre a estaca e o pé da vara. E por hipotenusa, temos o meu raio visual. O segundo tem por catetos a altura da muralha, que é, exatamente, o que pretendemos medir, a distância entre a estaca e o pé da muralha. A sua hipotenusa é a do outro triângulo, prolongada.

— Já compreendi! Já compreendi! — exclamou Harbert. — A relação que há entre a distância da estaca à vara e a distância da estaca à base da muralha é igual à que deve existir entre a altura da vara e a da muralha.

— É isso mesmo. Assim, logo que tivermos medido as duas primeiras distâncias, uma vez que conhecemos a altura da vara, basta-nos resolver uma proporção para termos a altura da muralha sem ter o incômodo de medi-la diretamente.

Foram medidas as duas distâncias horizontais por meio da vara, cujo comprimento fora da areia era de exatos três metros. A primeira distância foi de quatro metros e meio, entre a cabeça da estaca e o ponto onde a vara se enterrava na areia. A segunda, entre a cabeça da estaca e a base da muralha, mediu 150 metros. Concluídas essas operações, Cyrus e Harbert voltaram para a Chaminé, onde o engenheiro, pegando numa pedra chata que trouxera de excursões anteriores, espécie de ardósia, na qual se podia escrever com uma pedra afiada, estabeleceu e resolveu a seguinte proporção:

4,50 : 150 : 3 : x

150 x 3 = 450

4,50 = 100

———

4,50

Daí concluiu-se que a muralha media aproximadamente cem metros.

Feito isso, Cyrus pegou o compasso que fabricara na véspera, cujas duas pernas lhe davam a distância angular entre a estrela Alfa e o horizonte. Mediu, com a maior exatidão, a abertura do ângulo com uma circunferência que dividiu em 360 partes iguais. O ângulo assim medido, somado aos 27 graus que constituem a distância angular da Alfa com o polo antártico e tendo sido a altura

do platô reduzida ao nível do mar, deu 53 graus. Subtraídos esses 53 graus de noventa — distância do polo ao equador —, restaram 37. Desses cálculos, Cyrus concluiu que a ilha Lincoln devia estar situada a 37 graus de latitude austral, admitindo-se erro provável de cinco graus, entre o trigésimo-quinto e o quadragésimo paralelo.

Só faltava obter a longitude, mas era preciso esperar o meio-dia. Ficara resolvido que aquele domingo seria destinado à exploração da parte da ilha situada entre o norte do lago e o golfo do Tubarão. E, caso o tempo permitisse, fariam o reconhecimento até a costa setentrional do cabo Mandíbula sul. O almoço seria realizado nas dunas e regressariam à noite.

Às oito e meia da manhã, a pequena caravana já estava a caminho, seguindo pela borda do canal. A toda hora Cyrus consultava o relógio, a fim de poder fazer a observação solar ao meio-dia em ponto. Toda aquela porção da ilha, dali até a ponta que fechava a baía da União, que fora batizada com o nome de cabo Mandíbula sul, era muito árida. Encontravam-se apenas conchas e areia misturadas com restos de lavas. De aspecto muito triste, era apenas frequentada por algumas aves marítimas: gaivotas, albatrozes e alguns patos selvagens.

Os observadores estavam então a nove quilômetros e meio da Chaminé, não longe da parte das dunas onde fora encontrado o engenheiro, depois de ter se salvado de modo tão enigmático. Tendo parado um pouco, trataram de preparar o almoço, pois já eram onze e meia. Enquanto esses preparativos eram feitos, Cyrus organizava tudo para a sua observação astronômica. Escolheu na areia um lugar limpo, sem pedras, perfeitamente nivelado pela vazante. A areia naquele lugar era tão fina que o pedaço de praia estava liso como espelho. Isso pouco importava, como também não tinha importância que a vara de um metro e oitenta, enterrada por Cyrus, ficasse ou não perpendicular. Quando o engenheiro meteu a vara na areia, fez com que pendesse para o sul, lado oposto ao sol, pois os colonos da ilha Lincoln viam o astro radiante descrever o seu arco diurno acima do horizonte norte e não acima do horizonte sul, visto que a ilha se achava no hemisfério austral.

Só então Harbert compreendeu como Cyrus ia proceder para determinar o instante da passagem do sol pelo meridiano da ilha, isto é, o meio-dia do lugar. Era por meio da sombra projetada pela vara na areia que faria seus cálculos, na falta de instrumento próprio. No momento em que a sombra da vara atingisse o

menor comprimento, deveria ser exatamente meio-dia e para determinar esse momento exato era necessário, apenas, acompanhar com os olhos, de relógio em punho, a extremidade da sombra e marcar com precisão o instante em que esta recomeçasse a aumentar. Pelo fato de ter inclinado a vara para o lado oposto ao sol, Cyrus conseguira que a sombra ficasse mais comprida e por conseguinte seria mais fácil verificar as modificações dela. Realmente, quanto maior é um ponteiro de mostrador, mais facilmente podem-se observar suas modificações.

Cyrus, logo que julgou ter chegado o momento adequado para começar a observação, ajoelhou no chão e começou a marcar com palitos, que enterrava na areia, as sucessivas posições da extremidade da sombra. Todos os companheiros, inclinados, seguiam a observação com interesse. O repórter estava de cronômetro em punho, pronto para marcar a hora, logo que Cyrus desse o sinal. E não nos devemos esquecer que isso tudo se passava no dia 16 de abril, dia em que o tempo verdadeiro e o tempo médio são iguais. O relógio de Gideon marcava a hora de Washington, fato que simplificava o cálculo.

O sol, no entanto, ia caminhando lentamente. A sombra da vara ia diminuindo pouco a pouco. Quando Cyrus achou que a sombra recomeçava a aumentar, disse:

— Que horas são?

— Cinco e um minuto — respondeu prontamente o repórter.

Obtidas essas informações, só faltava fazer o cálculo, que era facílimo. Como acabamos de ver, a diferença entre o meridiano de Washington e o da ilha Lincoln era de cinco horas. Ora, o sol, no seu movimento aparente em volta da terra, percorre um grau em quatro minutos, ou melhor, quinze graus por hora. Quinze multiplicado por cinco dão 75 graus. Por consequência, como a longitude de Washington é de 770 graus, três minutos e onze segundos, ou seja, desprezando frações, de 77 graus, pelo meridiano de Greenwich — que os americanos e ingleses tomam para ponto de partida das longitudes —, concluía-se que a ilha estava a 77, mais 75 graus a oeste do meridiano de Greenwich, isto é, a 152 graus de longitude oeste.

Cyrus deu esse resultado aos companheiros, ressalvando o desconto de possíveis erros de observação, como já fizera no caso da latitude. Acreditava poder afirmar que a ilha estava entre o trigésimo-quinto e o trigésimo-sétimo paralelo, entre 150 e 155 graus de longitude, a oeste do meridiano de Greenwich.

Portanto, o único erro que admitia era de cinco graus, nos dois sentidos, que poderia equivaler a um erro de 480 quilômetros em latitude ou longitude. Mas esse erro não deveria influir sobre a decisão a tomar. Era evidente que a ilha Lincoln, a tal distância de qualquer terra ou arquipélago, não poderia ser abandonada em simples e frágil barco. Com efeito, os cálculos realizados colocavam a ilha a pelo menos dois mil quilômetros de Taiti e das ilhas do arquipélago das Pomotus, a mais de 2.800 quilômetros da Nova Zelândia, a mais de sete mil quilômetros da costa americana!

Por mais que se esforçasse, Cyrus não conseguia lembrar-se de nenhuma ilha que ficasse naquela parte do Pacífico, em situação correspondente à que haviam batizado de Lincoln.

15
O período metalúrgico

No dia seguinte, 17 de abril, as primeiras palavras pronunciadas pelo marinheiro foram para Gideon Spillet:

— Então, o que faremos hoje?

— O que Cyrus quiser.

Até então haviam sido oleiros e fabricantes de utensílios. Agora deveriam ser metalúrgicos. Precisavam fabricar martelos, machados, enxós, serras, brocas, verrumas, plainas e procurar habitação mais confortável que a Chaminé para enfrentar os meses de inverno.

Em geral, não se encontram metais em estado de perfeita pureza. Na maioria das vezes eles estão misturados com oxigênio e enxofre. As amostras que Cyrus trouxera da excursão eram de ferro magnético não carbonatado e de sulfeto de ferro. O óxido de ferro deveria ser reduzido pelo carvão, isto é, seria preciso tirar-lhe o oxigênio para obter-se o ferro puro. Tal redução é atingida submetendo-se o minério, em presença do carvão, a elevada temperatura, seja pelo rápido e fácil método catalão, que tem a vantagem de transformar diretamente o minério em ferro, numa só operação, seja pelo método dos altos-fornos, que primeiro transforma o minério em ferro fundido e depois em ferro puro. Ora, Cyrus precisava de ferro puro e não de ferro fundido. Devia, pois, utilizar-se do método mais fácil de redução.

De mais a mais, o minério que Cyrus trouxera era muito puro e rico. Era oxidulado, que se encontra em massas confusas de cor pardo-escura e que fica negro quando reduzido a pó. Cristaliza-se em octaedros regulares, serve para a fabricação de ímãs naturais e para fazer ferramentas de primeira qualidade. Não longe da jazida de ferro magnético estavam as jazidas de carvão de pedra, que os

colonos já haviam começado a explorar. Essa proximidade facilitaria o aproveitamento do minério.

— Então, sr. Cyrus — perguntou Pencroft —, vamos extrair o tal minério de ferro?

— Sim, amigo. Mas, para podermos começar, precisamos ir até o ilhéu caçar algumas focas.

— Caçar focas! — exclamou o marinheiro, voltando-se para Gideon. — Para fabricar ferro?

— Já que Cyrus afirma… — respondeu o repórter.

Mas o engenheiro já saíra da Chaminé e Pencroft tratou de preparar-se para a caça, mesmo sem ter conseguido as explicações que queria. Dentro de pouco tempo, Cyrus, Harbert, Gideon, Nab e o marinheiro estavam reunidos num ponto da praia onde o canal era raso na maré baixa. Os caçadores conseguiram atravessar o canal com água pelos joelhos. Foram avançando, assim, em direção à ponta do norte, pisando no terreno crivado de tocas e ninhos de aves aquáticas.

No extremo da ilha apareciam, nadando, grandes pontos negros, como escolhos em movimento. Eram os anfíbios que eles procuravam capturar. Para isso, era preciso esperar que os animais viessem para terra, pois as focas, tendo bacia estreita, pelo raso e espesso e forma fusiforme, são excelentes nadadoras, difíceis de ser apanhadas no mar. Em terra, porém, os pés curtos e espalmados apenas lhes permitiam um movimento rastejante, lento.

Pencroft, que conhecia os hábitos dos anfíbios, aconselhou aos companheiros que esperassem os animais estenderem-se na areia, ao sol, pois o calor faria com que mergulhassem em profundo sono. Nessa ocasião seria fácil impedir-lhes a fuga e atacá-los de frente.

Uma hora se passou antes que as focas se decidissem a vir brincar na areia. Havia cerca de meia dúzia. Pencroft e Harbert foram para a ponta da ilhota, de maneira a poder bloquear a fuga das focas. Os outros caminharam, rastejando ao longo das rochas, tratando de alcançar disfarçadamente a futura arena do combate. De repente, todos viram levantar-se o marinheiro. Soltou um grito. O engenheiro e seus dois companheiros logo se precipitaram entre o mar e as focas. Duas delas, vigorosamente golpeadas, caíram mortas na areia, mas as outras alcançaram o mar e fugiram para longe.

— Eis as focas pedidas, sr. Cyrus — disse Pencroft.

— Bem, nós faremos dois bons foles de ferreiro!

Na realidade, o engenheiro pretendia fazer com a pele das focas uma espécie de máquina de soprar, necessária para a preparação do minério. Os dois animais eram de tamanho médio, não passando de um metro e oitenta de comprimento. Pela forma da cabeça pareciam cães. Como fosse inútil carregar o peso daqueles animais, Nab e Pencroft resolveram esfolá-los ali mesmo, enquanto Cyrus e o repórter acabavam de explorar a ilhota.

O marinheiro e o negro desincumbiram-se perfeitamente da tarefa. Dentro de três horas, Cyrus teve à sua disposição duas peles de foca, que pretendia utilizar no estado em que estavam, sem nem sequer tentar curti-las.

Não foi trabalho fácil estender as duas peles em caixilhos de madeira para que não encolhessem e enroscassem e depois cosê-las com fibras vegetais, dando-lhes a forma de foles, sem que o ar tivesse muito por onde escapar. Cyrus, dispondo apenas das duas lâminas de aço da coleira de Top, e com auxílio de seus amigos, foi bastante hábil e conseguiu completar em três dias a máquina de soprar, destinada a injetar ar no meio do minério, quando este fosse tratado pelo calor.

Segundo as observações que fizera, as jazidas estavam no sopé dos contrafortes do monte Franklin, isto é, a nove quilômetros e meio dali. Portanto, era inútil pensar em voltar todos os dias para a Chaminé, e todos concordaram em acampar numa choupana feita de ramos, para que não precisassem interromper o trabalho de dia ou de noite.

Esclarecidos todos esses pontos, partiram os colonos pela manhã. Nab e Pencroft arrastavam, com auxílio de uma esteira, a máquina de soprar e certa quantidade de alimentos vegetais e animais. Por volta das cinco da tarde, Cyrus deu o sinal de parada. Os colonos já estavam fora da floresta, nas raízes dos contrafortes do monte Franklin. A poucos passos dali corria o rio Vermelho. Organizaram o acampamento. Em menos de uma hora, construíram entre as árvores, na extremidade da floresta, uma choupana de ramos entrelaçados com trepadeiras e revestida com barro, abrigo suficiente para todos. Preparou-se a ceia, acendeu-se boa fogueira diante da choça, cozinhou-se um bom pedaço de carne e, às oito horas, todos dormiam, exceto um, que vigiava a fogueira, destinada a afugentar algum animal perigoso que andasse vagando por ali.

No dia seguinte, Cyrus marchou, em companhia de Harbert, em busca dos tais terrenos de formação primitiva, de onde já trouxera a amostra do minério. Em pouco tempo encontraram a jazida, à superfície do terreno, próxima da nascente do regato, ao pé da base lateral de um dos contrafortes de nordeste. O minério encontrado era riquíssimo em ferro e estava encerrado numa ganga fusível e, portanto, prestava-se ao modo de redução que o engenheiro contava empregar, isto é, o catalão. O método referido exige construção de fornos e cadinhos, onde o minério e o carvão são colocados em camadas alternadas e reciprocamente se transformam e reduzem. Cyrus, porém, pretendia evitar tais construções, formando, com o minério e o carvão, uma simples massa cúbica, para cujo centro apontaria a corrente de ar do fole já construído.

A hulha e o minério foram recolhidos sem grande trabalho, a pequena distância e à superfície do terreno. Antes de começar a operação, o minério foi partido em pedaços e limpo, com as mãos, de várias impurezas. Em seguida, fez-se um monte de carvão e minério, dispostos em camadas sucessivas, como fazem os carvoeiros com as madeiras que querem queimar. Dessa maneira, o carvão, sob o influxo da corrente de ar projetada pela máquina de soprar, devia transformar-se primeiro em ácido carbônico e depois em óxido de carbono, elemento encarregado de reduzir o óxido de ferro, isto é, de tirar-lhe o oxigênio.

Assim procedeu o engenheiro. O fole de pelo de foca, guarnecido na extremidade com bico de barro refratário, fabricado no forno de louça, foi assentado junto ao monte de minério. O fole era movido por uma engrenagem cujos órgãos consistiam em caixilhos de madeira, cordas de fibras têxteis e contrapesos, e lançava na massa de minério uma provisão de ar que, ao passo que se elevava a temperatura, concorria simultaneamente para a transformação química de que sairia o ferro puro. A operação era difícil e exigia toda paciência e engenho. Conseguiram um pedaço de ferro esponjoso, que foi necessário bater, isto é, forjar, para separar do ferro a ganga derretida. É claro que faltava aos ferreiros improvisados o martelo, mas, afinal de contas, estavam nas mesmas condições que o primeiro forjador de metais e o que este fez eles também, provavelmente, fizeram.

O primeiro pedaço de ferro, mesmo por forjar, recebeu cabo e foi o martelo com que forjaram o segundo, numa bigorna de granito. Dessa maneira, logo conseguiram boa porção de metal, de qualidade secundária, mas utilizável.

Enfim, depois de tantos esforços e trabalhos, no dia 25 de abril muitas barras já haviam sido forjadas e transformadas em ferramentas e utensílios.

Não era, porém, no estado de ferro puro que o metal elaborado podia prestar serviços grandes, e sim depois de transformado em aço, que é uma combinação de ferro e carvão, que se tira quer do ferro fundido, subtraindo-lhe certo excesso de carvão, quer do ferro puro, carbonando-o, a certo grau. A primeira dessas espécies de aço, obtida pela descarbonização do ferro fundido, dá o aço natural. A segunda dá o aço de cementação. Portanto, Cyrus deveria tentar fabricar esse segundo tipo de aço, pois já possuía o ferro puro. Conseguiu isso aquecendo o metal em carvão em pó, num cadinho de barro refratário. Em seguida, trabalhou a martelo o aço assim obtido, que era maleável tanto a quente como a frio. Nab e Pencroft, sob as ordens do engenheiro, fabricaram alguns machados que, aquecidos até ficarem em brasa e mergulhados de repente em água fria, ficaram com excelente têmpera. Muitos outros instrumentos, todos grosseiramente moldados, como é de supor, foram assim fabricados, tais como plainas, fitas de aço para fazer serras, torqueses de carpinteiro e ainda ferros de alviões, picaretas, pás, martelos e pregos.

No dia 5 de maio estava terminado o primeiro período metalúrgico e os ferreiros voltavam à Chaminé.

16
O monstro desconhecido

Era o dia 6 de maio, que corresponde a 6 de novembro nas regiões do hemisfério boreal. O céu, havia já alguns dias, começava a toldar-se e era preciso tomar certas providências para o inverno. A temperatura, todavia, ainda não baixara sensivelmente. Em todo caso, se o frio ainda não se fazia sentir, a estação das chuvas já se aproximava. Era então fundamental pensar e resolver a questão de arranjar habitação mais abrigada e cômoda do que a Chaminé.

— Além disso — observou Cyrus Smith — temos que tomar certas precauções.

— Precauções por quê? A ilha não é habitada! — disse o jornalista.

— É provável que não seja, mas nós ainda não a exploramos toda. Se não existir aqui nenhum ser humano, no mínimo devem existir animais ferozes. Por causa disso, devemos procurar abrigo que nos livre de qualquer agressão possível. E, depois, convém prever sempre o pior. Lembrem-se de que estamos numa parte do Pacífico muito frequentada por piratas malaios…

— Pois bem — respondeu Pencroft —, fortifiquemo-nos contra qualquer espécie de selvagens, quer de dois quer de quatro pés. Mas, sr. Cyrus, não seria razoável explorar toda a ilha antes de empreendermos qualquer coisa?

— Realmente, seria melhor — acrescentou Gideon. — Quem nos diz que na outra costa não encontraremos cavernas?

— Pode ser — retrucou o engenheiro —, mas vocês se esquecem de que precisamos nos estabelecer nas vizinhanças de um rio qualquer e que, de cima do monte Franklin, não vimos para o lado oeste nenhum regato? Pelo menos aqui ficamos entre o Providência e o lago Grant, vantagem que não devemos

desprezar. Sem falar que, esta costa, orientada para leste, não fica tão exposta quanto a outra aos ventos alíseos que neste hemisfério sopram de noroeste.

— Nesse caso, sr. Cyrus — disse o marinheiro —, o melhor é construirmos uma casa nas margens do lago.

— Sim, mas antes de tomarmos qualquer resolução convém procurar alguma habitação já preparada pela natureza, o que nos poupará trabalho e será abrigo mais seguro.

Saíram todos e procedeu-se à exploração, num raio de mais ou menos três quilômetros, com todo o cuidado. Mas a parede, toda lisa e reta, em lugar nenhum apresentava qualquer cavidade. Os próprios ninhos dos pombos bravos que voavam no cimo da penedia não passavam, na realidade, de buracos abertos na crista e na orla irregularmente recortada do granito.

Quando terminou a exploração, os colonos estavam juntos do ângulo norte da muralha, onde esta terminava por declives alongados que vinham morrer no areal. Dali até o extremo oeste, a penedia se transformava numa espécie de talude, grande aglomeração de penedos, terra e areia, tudo ligado por muitas plantas, arbustos ou folhas e com inclinação, no horizonte, de 45 graus apenas. Num ou noutro ponto ainda se via o granito, como que furando com pontas afiadas aquele imenso penhasco. No declive, todo atapetado de ervas, nasciam moitas de árvores. A vegetação, porém, não ia além. Do sopé do talude nascia imenso areal, que se estendia até o mar.

Cyrus achou que o excesso de água do lago devia escoar-se daquele lado, formando uma cascata. Evidentemente, era obrigatório que o excesso de água fornecida pelo rio Vermelho tivesse qualquer saída. O engenheiro não encontrara ainda tal saída em nenhuma porção da margem já explorada. Por causa disso, propôs que trepassem todos no talude e que depois voltassem à Chaminé, pelo monte, aproveitando a caminhada para explorar as margens setentrionais e orientais do lago.

A ideia foi aceita e dali a poucos minutos Nab e Harbert já estavam no platô superior. Cyrus, Spillet e Pencroft foram atrás deles, em passo mais pausado. A sessenta metros, através da folhagem, resplandecia belo lençol de água. A paisagem era encantadora. Em vez de se encaminharem diretamente para a margem norte do lago, rodearam a orla do platô, de forma que chegaram à embocadura do regato, na margem esquerda. Era uma volta de mais ou menos

dois quilômetros e meio. O passeio era cômodo e fácil, porque as árvores, bastante distantes umas das outras, davam livre passagem. Bem se percebia que ali estava o limite da zona fértil. A vegetação começava a mostrar-se com menos vigor do que em toda a região compreendida entre o curso do rio Vermelho e o do Providência.

Smith e os companheiros examinavam bem o terreno, para eles desconhecido. Arcos, flechas e paus ferrados eram as únicas armas que possuíam. Entretanto, nenhuma fera apareceu. Era mais provável que os animais ferozes frequentassem as densas florestas do sul. Mas os colonos tiveram a desagradável surpresa de ver Top parado diante de uma serpente que não tinha menos de quatro metros e meio de comprimento. Nab logo a matou com uma paulada.

Em pouco tempo, os viajantes chegaram à embocadura do rio Vermelho, no lugar onde escoava no lago, e reconheceram na margem oposta o lugar onde haviam estado quando desceram o monte Franklin. Cyrus verificou que o volume de água fornecido pelo rio ao lago era muito importante. Por isso a natureza devia ter aberto algum escoadouro para a água que transbordava do lago. Precisavam descobrir esse escoadouro, porque decerto formava uma queda-d'água, cuja potência mecânica seria possível utilizar.

Os colonos começaram, pois, a marchar à vontade, mas sem se afastarem uns dos outros, seguindo a margem do lago, que era bastante escarpada. Antes de tudo, precisaram dobrar a ponta aguda de nordeste. Era natural supor que naquele sítio é que se realizava o escoamento das águas lacustres, porque ali a sua extremidade chegava quase ao contato com a orla do platô. Mas enganavam-se. Precisavam continuar a explorar a margem, que depois de ligeira curva tornava a descer paralelamente ao litoral.

A encosta, naquele lado, tinha menos árvores. Entretanto, havia semeadas aqui e ali moitas de árvores, que tornavam a paisagem bastante pitoresca. Os colonos seguiram então pela margem oriental do lago e dentro em breve chegariam à porção já explorada. O engenheiro estava deveras admirado de não encontrar nenhum vestígio de escoadouro.

Naquele momento, Top, até então muito sossegado, começou a dar sinais de agitação. O inteligente animal andava irrequieto de um lado para outro na margem e ora parava de repente, olhando para as águas com uma pata no ar, como se estivesse parado diante de uma caça invisível, ora ladrava enfurecido,

como quem pede auxílio, calando-se de súbito. A princípio, nem Cyrus nem os outros tinham dado importância às atitudes de Top. Os seus latidos, porém, foram-se tornando tão frequentes que o engenheiro afinal prestou atenção.

— Que é isso, Top? — perguntou ele.

O cão, ouvindo a voz do dono, começou a dar pulos, manifestando sua inquietação e lançou-se no lago.

— Aqui! — gritou Cyrus, pois não queria que ele se aventurasse naquelas águas suspeitas.

— O que estará acontecendo debaixo d'água? — perguntou Pencroft, examinando a superfície do lago.

— Certamente Top farejou algum anfíbio — disse Harbert.

— Talvez algum jacaré? — sugeriu o jornalista.

— Não creio — respondeu Cyrus. — Jacarés só existem em regiões de latitude inferior.

No entanto, Top, ouvindo a voz do dono que o chamava, voltou para a margem, mas continuou inquieto, dando saltos. Parecia, guiado pelo instinto, seguir algum animal invisível. As águas continuavam tranquilas, sem nenhuma ruga. Os colonos pararam várias vezes, observando, mas nada viram de suspeito. Ali havia algum mistério. O engenheiro estava preocupado.

Dali a meia hora, tinham chegado ao ângulo sudeste do lago e encontravam-se exatamente no platô Vista Grande. Naquele ponto, podia-se considerar completo exame das margens. O engenheiro não conseguira descobrir por onde se escoavam as águas.

— Seja como for — repetia Smith —, o escoadouro deve existir. Como não é exterior deve ser algum canal cavado no interior do granito da costa!

— Mas que importância você dá a isso? — perguntou Gideon.

— Isso é de grande importância, porque, se as águas se filtram através da penedia, é bem possível que nela exista alguma cavidade fácil de tornar habitável, começando por desviar o curso das águas.

— Mas, sr. Cyrus, não será possível que elas escoem pelo fundo do lago e vão dar no mar por algum canal subterrâneo? — perguntou Harbert.

— É possível. Nesse caso, teremos que construir nossa habitação.

Os colonos já se dispunham a voltar para a Chaminé quando Top deu sinal de intensa agitação. Ladrando raivosamente, antes que o dono pudesse segurá-lo,

lançou-se pela segunda vez no lago. Todos correram para a margem. O animal já nadava a mais de seis metros da margem quando enorme cabeça emergiu da superfície das águas, que naquele lugar não pareciam ser profundas. Harbert julgou reconhecer logo a espécie de anfíbio a que pertencia a enorme cabeça cônica, de olhos muito abertos, ornada de compridos bigodes.

— É um peixe-boi! — exclamou o rapaz.

Mas não era um peixe-boi e, sim, exemplar de um tipo de cetáceos, chamado dugongo, pois as narinas abriam-se na parte superior do focinho. O enorme bicho arremessara-se sobre o cão, que em vão tentou fugir para a margem. O dono, naquele caso, nada podia fazer para salvá-lo e, antes que algum dos homens se lembrasse de armar o arco, Top já havia desaparecido debaixo das águas, agarrado pelo dugongo. Nab, que tinha na mão um pau ferrado, quis lançar-se ao lago para salvar o cão.

— Não — disse o engenheiro, segurando o seu valente criado.

No entanto, debaixo da água travava-se luta inexplicável, porque naquelas condições Top não podia resistir. Todos esperavam a morte do cão! Mas, subitamente, num círculo de espuma, reapareceu Top. Lançado ao ar por alguma força desconhecida, subiu três metros acima da superfície do lago e tornou a cair no meio das águas profundamente agitadas. Dentro em pouco voltou para a margem, sem nenhum ferimento grave.

Cyrus e os companheiros assistiram a tudo, mas sem compreender. E o mais inexplicável ainda era que a luta parecia continuar debaixo das águas do lago. Com certeza, o dugongo, atacado por algum animal mais possante, largara o cão e continuava o combate em defesa própria.

Tudo isso, porém, não durou muito. As águas tingiram-se de sangue e o corpo do dugongo emergiu de uma onda escarlate e veio parar numa praiazinha junto do ângulo sul do lago. Os colonos correram todos para lá. O animal já estava morto. Era enorme. Devia medir quatro metros e meio de comprimento e pesar 140 quilos. No pescoço, via-se grande ferida, que parecia ter sido feita com instrumento cortante.

Que anfíbio teria conseguido, com tão terrível golpe, destruir o formidável dugongo? Ninguém sabia responder. Cyrus e seus companheiros, bastante preocupados com o incidente, voltaram para a Chaminé.

17
Nova queda-d’água

No dia seguinte, 7 de maio, Cyrus e Gideon deixaram Nab preparando o almoço e subiram ao platô Vista Grande. Logo chegaram à pequena praia, situada junto da ponta sul do lago, onde ainda estava o cadáver do anfíbio. Grandes bandos de aves já estavam sobre o corpo do animal. Precisaram jogar pedras para afugentá-las, pois desejavam conservar a gordura do dugongo para dela tirar algum proveito para as necessidades dos colonos. Além disso, a sua carne devia ser ótima, pois em certas regiões dos malaios é reservada para a mesa dos indígenas mais importantes.

Naquele momento Cyrus pensava em coisa muito diferente. Ainda não se esquecera do incidente da véspera. Gostaria de descobrir o mistério daquele combate submarino, de saber qual foi o outro mastodonte ou monstro marinho que tinha ferido o dugongo de tal maneira. Nesse intuito, permanecia na beira do lago, olhando e observando. Mas das tranquilas águas, que cintilavam com os primeiros raios de sol, nada emergia. O lago era pouco profundo ali, mas a partir daquele ponto o fundo descia gradualmente e era provável que no centro houvesse grande profundidade. O lago podia considerar-se como uma imensa cova que tivesse sido cheia pelas águas do rio Vermelho.

— Então, Cyrus — perguntou o repórter —, você acha que essas águas não são suspeitas?

— Meu caro amigo, realmente não sei como explicar o incidente de ontem.

— Eu também acho bastante estranho o ferimento do anfíbio e não consigo encontrar explicação para o fato de Top ter sido violentamente lançado fora da água.

— Realmente — respondeu o engenheiro, que estava pensativo. — Nisso tudo há alguma coisa que não consigo compreender. Além disso, como pude salvar-me, como fui arrancado das ondas e transportado para as dunas? Pressinto algum mistério que ainda descobriremos um dia. Observemos, mas não alarmemos nossos companheiros falando sobre esses incidentes. Guardemos nossas observações e vamos continuar nosso trabalho.

Precisamente naquele momento, Cyrus teve a agradável surpresa de perceber que existia uma corrente bastante pronunciada naquele lugar. Jogou uns pedacinhos de pau na água e viu que eles se dirigiam para o ângulo sul. Seguiu, então, a corrente, caminhando pela margem, e assim chegou à ponta meridional do lago. Ali, as águas apresentavam uma espécie de depressão, como se sumisse, de repente, por alguma fenda do terreno. O engenheiro começou a escutar, com o ouvido ao nível do lago, e discerniu distintamente o barulho de uma queda-d'água subterrânea.

— Aqui — disse ele, levantando-se — é que se opera a descarga. Por aqui é que as águas, por caminho cavado no granito, vão dar ao mar, através de cavidades que saberemos aproveitar!

Cyrus cortou um ramo grande, tirou as folhas e, mergulhando-o no ângulo das duas margens, reconheceu que ali havia um grande buraco aberto a trinta centímetros abaixo no nível superior das águas. Esse buraco era o orifício de um escoadouro até então debalde procurado. A força da corrente naquele ponto era tal que arrancou o galho das mãos do engenheiro, fazendo-o logo desaparecer.

— Agora que não temos mais dúvidas — repetiu Cyrus —, hei de pôr a descoberto o orifício do escoadouro.

— Mas como?

— Fazendo baixar as águas do lago em mais ou menos um metro.

— Mas como você vai baixar esse nível?

— Abrindo uma saída maior do que essa.

— Onde?

— Na parte da margem que está mais perto da costa.

— Mas ali a margem é de puro granito — lembrou o jornalista.

— E daí? Se é granito faremos com que voe pelos ares e as águas hão de baixar tanto que deixarão a descoberto o tal orifício.

— E vão formar uma queda-d'água até a praia — acrescentou o repórter.

— Essa queda nos será útil. Venha! Venha!

Quando Cyrus e o jornalista entraram na Chaminé, Pencroft e Harbert estavam descarregando lenha.

— Os lenhadores já estão acabando o serviço, sr. Cyrus — disse o marinheiro. — E quando forem necessários pedreiros…

— Pedreiros não, mas químicos — respondeu o engenheiro.

E explicou-lhes o que descobrira e o que pretendia fazer. Na opinião dele, devia existir na massa de granito que aguentava o platô Vista Grande uma cavidade maior ou menor e ele pretendia entrar nessa cavidade. Para conseguir isso, era necessário tornar acessível a abertura por onde se escoavam as águas, baixando o nível do lago. Por isso, precisava fabricar uma substância explosiva qualquer que pudesse fazer na outra parte do lago uma boa abertura. E Cyrus tentaria fazer isso usando os minerais que a natureza pusera à sua disposição.

Todos receberam o projeto com entusiasmo. Antes de tudo, porém, coube a Nab e a Pencroft o encargo de extrair a gordura do dugongo e de preparar-lhe a carne. Os dois logo partiram para realizar a tarefa. Poucos instantes depois, Cyrus, Harbert e Gideon encaminharam-se rio acima, levando uma esteira, e dirigiram-se para a jazida da hulha, onde abundavam piritas xistosas. Levaram o dia todo carregando os tais minérios para a Chaminé. De noite, já tinham lá algumas toneladas.

No dia seguinte, o engenheiro começou as suas manipulações. A composição daquelas pedras era carvão, sílica, alumínio e sulfeto de ferro — este em excesso. O que precisavam fazer era isolar o sulfeto de ferro e transformá-lo em sulfato, com a maior rapidez possível e depois extrair dele o ácido sulfúrico.

Cyrus escolheu atrás da Chaminé uma porção de terreno bem plano e nele mandou fazer um monte de ramos e lenha miúda. Em cima do monte, grandes pedaços de xistos piritosos, encostados uns nos outros, e por cima uma camada de piritas partidas em bocados do tamanho de uma noz. Feito isso, mandou atear fogo à lenha, que logo transmitiu seu calor aos xistos, principalmente compostos de enxofre e carvão. Em cima da fogueira colocaram novas camadas de piritas esfaceladas e pisadas até fazer enorme monte, que, em seguida, excetuando alguns respiradouros, foi todo tapado com terra e folhas, como se faz para carbonizar a madeira para o fabrico de carvão. Terminados esses preparativos, deixaram que a transformação se realizasse por si. Não demoraria mais de dez ou

doze dias para que o sulfureto de ferro se transformasse em sulfato de ferro e o alumínio em sulfato de alumínio, substâncias igualmente solúveis, o que não sucedia com os outros produtos da operação com a sílica, resíduos de carvão ou cinzas.

Enquanto se realizava esse trabalho das forças químicas, Nab e Pencroft tinham tirado a gordura do dugongo, que guardaram em grandes vasilhas de barro. O que Cyrus pretendia fazer com essa gordura era isolar, pela saponificação, a glicerina. Para isso trataria a substância gordurosa pela soda ou pela cal. Efetivamente, qualquer dessas duas substâncias, em ação com a matéria gorda, formaria sabão, deixando isolada a glicerina, que era precisamente o elemento que se pretendia obter. Havia cal de sobra, mas o tratamento das gorduras pela cal tinha o inconveniente de dar como resultado sabões calcários, insolúveis e por consequência inúteis, ao passo que o tratamento pela soda daria sabão solúvel, que serviria para a limpeza doméstica. Cyrus, como homem prático, dava preferência à soda. E o resultado foi uma massa compacta, pardacenta, conhecida como soda natural. Em seguida, Cyrus tratou a substância gordurosa pela soda, o que lhe deu não só sabão, mas uma substância neutra chamada glicerina.

Mas Cyrus, para conseguir o fim principal que tinha em mente, precisava de outra substância, chamada azotato de potassa, mais vulgarmente conhecida como sal de nitro ou salitre. Se o engenheiro tivesse azotato poderia fabricar o azotato de potassa tratando por meio daquele ácido o carbonato de potassa, que facilmente se extrai das cinzas vegetais. Mas justamente se queixava da falta de ácido azótico e pretendia ele mesmo fabricar tal ácido. A fabricação do azotato parecia, pois, um círculo vicioso. Felizmente, a natureza daquela vez ia encarregar-se de fornecer o salitre. Eles só teriam o trabalho de apanhá-lo, pois Harbert descobrira uma jazida de salitre no norte da ilha, e todo o trabalho que teriam seria apenas purificar o sal.

Todos esses projetos levaram oito dias. Estavam, portanto, concluídos antes de terminar a transformação do sulfeto em sulfato de ferro. Nos dias que se seguiram, os colonos ocuparam-se em fabricar vasos refratários de argila e um forno de tijolos, disposto de maneira particular, destinado à destilação do sulfato de ferro. Acabaram tudo isso no dia 18 de maio, mais ou menos na época em que estaria pronta a transformação química.

Logo que o montão de piritas foi completamente reduzido pelo fogo, o resultado da operação, que consistiu em sulfato de ferro, sulfato de alumínio, sílica, resíduos de carvão e cinzas, foi lançado dentro de um tanque de água. Depois de batida e deixada assentar e decantar, obteve-se um líquido de cor clara, dissolução aquosa de sulfato de ferro e sulfato de alumínio, visto que as outras substâncias, por serem insolúveis, tinham-se precipitado no fundo do tanque. Vaporizado, enfim, parte do líquido, ficaram depositados nas paredes do tanque numerosos cristais de sulfato de ferro e as águas-mães, isto é, a parte não vaporizada do líquido, que continha apenas sulfato de alumínio, foram abandonadas. Portanto, Cyrus tinha à sua disposição grande quantidade de sulfato de ferro em cristais. Precisava apenas extrair deles o ácido sulfúrico.

Cyrus não possuía qualquer aparelho especial e, para obter por idêntico processo o ácido sulfúrico, precisava realizar uma operação: calcinar em vasos fechados os cristais de sulfato de ferro, de forma que o ácido sulfúrico se dilatasse em vapores, os quais pela condensação viriam a dar o ácido sulfúrico. Para essa operação é que serviram os vasos refratários. Neles foram colocados os cristais de sulfato e o forno de tijolos serviu para destilar o ácido sulfúrico. Tudo correu perfeitamente e no dia 20 de maio, doze dias depois de começado o processo, o engenheiro estava de posse do agente químico que serviria para tantas coisas no futuro.

Antes de tudo, porém, para que Cyrus precisava do ácido? Única e simplesmente para produzir ácido azótico, que era obtido atacando o salitre com ácido sulfúrico.

Depois de ter conseguido o ácido azótico, juntou-o à glicerina, que já havia sido concentrada em banho-maria e conseguiu, mesmo sem empregar mistura refrigerante, um líquido oleoso e amarelado. Esta última operação fora feita por Cyrus longe da Chaminé, pois havia perigo de explosão. Quando trouxe um frasco com o líquido, mostrou-o aos amigos e disse simplesmente:

— Eis a nitroglicerina!

Era, realmente, aquele terrível produto, cujo poder explosivo é dez vezes maior do que o da pólvora comum. Entretanto, desde que descobriram meio de transformá-lo em dinamite, quer dizer, misturá-lo com substância sólida, como argila ou açúcar, bastante porosa para retê-lo, o perigoso líquido passou a ser

utilizado com mais segurança. Mas a dinamite ainda não havia sido descoberta quando os colonos se encontravam na ilha Lincoln.

— Esse líquido é que vai quebrar a rocha? — perguntou Pencroft bastante incrédulo.

— Sim, meu amigo — respondeu o engenheiro —, esta nitroglicerina produzirá efeito ainda maior porque, sendo muito duro o granito, oferecerá resistência maior à explosão.

No dia seguinte, de madrugada, os mineiros dirigiram-se para a ponta formada pela margem leste do lago Grant, a quinhentos passos da costa. Nesse lugar, o platô estava debaixo das águas, que eram retidas apenas pela parede de granito. Bastaria quebrar a pedra para que as águas começassem a correr por ali, formando regato que, após correr pela superfície inclinada do platô, iria precipitar-se na praia. A consequência disso seria a baixa do nível do lago e o aparecimento do orifício que lhe servia de escoadouro.

Pencroft, armado com uma picareta, começou a cavar a pedra. O túnel que desejava abrir começava numa aresta horizontal da margem e devia penetrar obliquamente, de modo a atingir nível inferior ao das águas do lago. Dessa maneira, a força explosiva afastaria as rochas, fazendo com que as águas ali penetrassem, o que provocaria a baixa do nível do lago.

Por volta das quatro da tarde o buraco ficou pronto. Cyrus, tendo determinado que todos se afastassem, encheu o buraco da mina com explosivos, de maneira que a nitroglicerina ficasse ao nível da boca. Espalhou, então, algumas gotas do inflamável. Feito isso, pegou a ponta de fibra cheia de enxofre e acendeu-a. Fugiu depressa e foi encontrar-se com os companheiros. Segundo o que calculara, a fibra deveria arder em 25 minutos. Foi o que aconteceu. Ouviu-se então uma explosão indescritível. Parecia que toda a ilha tremia. Um jato de pedras foi lançado para os ares, como se tivesse sido vomitado por vulcão. O deslocamento de ar foi tão grande que os colonos, embora estivessem a mais de três quilômetros da mina, foram lançados ao chão. Depois de terem se levantado, subiram ao platô e correram para a margem do lago que devia ter sido aberta pela explosão.

Todos então soltaram um tríplice urra! O dique de granito fendera-se em grande explosão. Pela fenda saltava torrente de água, que, correndo espumosa pelo platô abaixo, se precipitava na praia, da altura de noventa metros!

18
O palácio de granito

A nitroglicerina tinha agido com bastante força. A sangria feita no lago fora tão grande que o volume das águas que saía pelo novo escoadouro era pelo menos o triplo do que escapava pelo antigo. Por causa disso, o nível das águas deveria baixar pelo menos sessenta centímetros, em pouco tempo.

Os colonos voltaram para a Chaminé em busca de picaretas, paus ferrados, cordas de fibra, isca e alimento e dirigiram-se em seguida para a ponta do lago, junto da qual se abria a boca do antigo escoadouro, que já devia estar a descoberto. Em pouco tempo chegaram junto do ângulo do lago e viram que tinham conseguido o que desejavam. Via-se perfeitamente a boca do escoadouro. Uma estreita saliência do granito, que a retirada das águas deixara também a descoberto, servia de caminho para que pudessem chegar até a abertura.

A boca teria seis metros de largura, mas apenas sessenta centímetros de altura. Não era, portanto, passagem fácil para os colonos. Mas Nab e Pencroft, pegando as picaretas, em menos de uma hora aumentaram a altura da boca. O engenheiro verificou que os penedos do escoadouro, na sua parte superior, não indicavam declive superior a trinta ou 35 graus. O canal subterrâneo, portanto, dava passagem e, se não aumentasse o declive, seria fácil descer por ali até o nível do mar. Portanto, se realmente havia, como era provável, alguma cavidade no interior do granito, talvez pudesse ser aproveitada.

— Então, sr. Cyrus, o que nos impede agora? — perguntou o marinheiro, ansioso por aventurar-se pelo estreito corredor. — Olhem como Top já vai à nossa frente!

— Está bem — disse o engenheiro —, mas não podemos ir no escuro. Vá cortar alguns ramos resinosos, Nab.

Harbert e Nab logo correram para as margens do lago, cheias de pinheiros e outras árvores sempre verdes, e voltaram com vários ramos arranjados em forma de archotes. Depois de acendê-los, Cyrus entrou no corredor, seguido pelos amigos. Ao contrário do que se supunha, o diâmetro do canal ia sempre aumentando, de tal forma que os exploradores dali a pouco desciam sem precisar curvar-se. As paredes de granito, desde tempos longínquos gastas pela água, eram naturalmente escorregadias e era preciso cuidado para evitar quedas. Por isso, os colonos prendiam-se uns aos outros por meio de cordas, como fazem os alpinistas.

Felizmente, algumas saliências do granito formavam degraus que tornavam a caminhada menos perigosa. Os colonos desciam devagar e não era sem certo receio que se aventuravam nas profundezas da massa granítica, onde, pela primeira vez, sem dúvida, penetrava um ser humano. Nenhum deles falava, mas todos pensavam e com certeza algum deles pensou que as cavidades internas da penedia, tendo comunicação com o mar, bem poderia ser a habitação de algum enorme polvo ou de um cefalópode qualquer. Convinha, pois, avançar com cautela.

Cyrus Smith, que ia na frente, depois de descer trinta metros por um caminho bem sinuoso, parou e esperou pelos companheiros. O lugar onde pararam era bastante escavado e formava uma espécie de caverna de pequenas dimensões. Do teto caíam alguns pingos de água, mas que não provinham do lago. Eram os últimos vestígios da torrente que por tanto tempo correra naquelas cavidades. O ar, levemente úmido, não estava impregnado de nenhum mau cheiro.

— E o que foi feito de Top? — perguntou Nab.

— Provavelmente continuou o caminho — observou Pencroft.

— Pois vamos ao encontro dele — acrescentou Cyrus.

E todos recomeçaram a marcha. Tinham descido talvez quinze metros quando um ruído distante, que parecia vir do fundo da rocha, chamou-lhes a atenção. Pararam e começaram a escutar. Os sons que ouviram, levados através do corredor como voz dentro de tubo acústico, chegaram perfeitamente aos seus ouvidos.

— É Top latindo! — exclamou Harbert.

— É mesmo! — disse Pencroft. — E parece que está furioso.

Cyrus e seus amigos correram em socorro do cão. Os seus latidos cada vez eram mais audíveis. Em poucos minutos, tinham descido dezoito metros e estavam junto de Top. O corredor, naquele lugar, alargava-se, formando magnífica caverna. Top andava de um lado para o outro, latindo com furor. Pencroft e Nab levantaram os archotes, lançando luz em todos os recantos da caverna. Enquanto isso, os outros, armados de pau, estavam preparados para o que desse e viesse. A enorme caverna, porém, estava vazia. Os colonos revistaram-na e não encontraram nenhum animal! Top, entretanto, continuava latindo e nem carinhos nem ameaças fizeram com que se calasse.

— Deve haver, por aqui, abertura por onde corriam as águas do lago para o mar — disse o engenheiro. — Anda, Top! Busca!

O cão, excitado pela voz do dono, correu para o extremo da caverna e começou a ladrar com fúria redobrada. Todos o seguiram e à luz dos archotes apareceu a boca de verdadeiro poço aberto no granito. Era certo que por ali escoavam as águas do lago, antigamente. Mas não se tratava, desta vez, de canal, e, sim, de poço perpendicular, que não poderiam explorar. Por mais que inclinassem os archotes na boca do poço, nada puderam enxergar. Cyrus chegou a quebrar um pedaço de galho cheio de resina, aceso, e jogou-o dentro do poço, mas sem resultado. Logo depois, apagou-se a chama com ligeiro crepitar, indicando que ele chegara à primeira camada de água, isto é, ao nível do mar.

O engenheiro, que prestara atenção no tempo gasto na queda do ramo aceso, conseguiu assim avaliar a altura do poço, que seria de trinta metros.

— Ora, temos aqui uma boa morada — disse Cyrus.

— Mas antes habitava aqui algum ser desconhecido — disse Gideon.

— Não duvido — respondeu Cyrus —, mas esse ser qualquer, anfíbio ou não, saiu por este poço, cedendo-nos o seu lugar.

Os desejos dos colonos estavam em parte realizados. Tinham à disposição uma caverna vastíssima, cuja capacidade mal podiam avaliar à luz vacilante dos archotes. Mas certamente seria fácil dividi-la com tijolos e arrumá-la, se não como casa, pelo menos como espaçosa habitação. As águas que tinham abandonado a caverna não podiam voltar. O lugar estava desocupado.

Restavam duas dificuldades a vencer. Em primeiro lugar, a possibilidade de dar luz àquela escavação aberta num penedo maciço e, em segundo, a necessidade de tornar mais fácil o acesso àqueles lugares. Introduzir luz pela

parte de cima era impossível, pois o teto era rocha espessa. Mas talvez fosse possível furar a parede que dava para o mar.

Pencroft começou a atacar o granito a golpes de picareta e durante mais de meia hora fez saltar estilhaços. O penedo faiscava a cada golpe que recebia. Ao marinheiro seguiu-se Nab, que depois foi substituído por Gideon no desempenho de tão árdua tarefa. Havia já duas horas que tinham iniciado o trabalho e já começavam a acreditar que naquele ponto a parede fosse grossa demais quando Gideon, dando um golpe, viu o ferro atravessar a parede.

A muralha ali apresentava espessura de apenas noventa centímetros. Cyrus olhou pela abertura, que estava a trinta metros do chão. Na frente dele estendia-se o ilhéu e mais além, a perder de vista, a imensidão do mar. Pela abertura bastante ampla, porque a rocha se desagregara bastante, entravam ondas de luz, que, inundando a esplêndida caverna, produziam efeitos de verdadeira magia. A escavação que, do lado esquerdo, teria quando muito nove metros de altura e de largura, por trinta de comprimento, do lado direito era enorme e terminava em abóbada de mais de 24 metros de altura. Em alguns lugares, pilastras de granito, irregularmente dispostas, sustentavam essa abóbada. Parecia a nave de uma catedral.

A imensa cúpula, apoiada em torno de uma espécie de meias colunas laterais, às vezes abaixava-se em arcos, outras vezes levantava-se, formando cúpulas de nervuras ogivais, perdia-se mais longe entre escuras sinuosidades, cujas caprichosas arcadas mal se distinguiam na sombra, cheia de ornamentos. Tudo aquilo parecia uma mistura pitoresca das arquiteturas bizantina, romana e gótica. E tudo era obra da natureza! Ela, sozinha, havia construído aquela feérica Alhambra de granito!

Os colonos estavam abismados de admiração. Onde mal esperavam encontrar uma acanhada cavidade encontraram um palácio maravilhoso.

— Meus amigos — disse Cyrus —, quando tivermos iluminado o interior desta penedia, e tivermos instalado nossos quartos e oficinas no lado esquerdo, ainda nos restará esta imensa caverna, na qual instalaremos nossa sala de estudos e museu!

— E como vamos chamá-la? — perguntou Harbert.

— Palácio de Granito — respondeu Cyrus.

Todos aprovaram.

Os archotes estavam quase se extinguindo e, como para sair dali precisariam subir o corredor e atingir o platô, resolveram deixar para o dia seguinte todos os trabalhos de instalação interna da nova habitação.

E todos saíram da caverna, começando a subir pelo estreito e escuro escoadouro. Top, que ia atrás, rosnava de maneira singular. A subida não foi das mais fáceis. Mas, dentro de pouco tempo, começaram a sentir o ar mais fresco. Pelas quatro horas, chegaram ao orifício superior do escoadouro.

No dia seguinte, 22 de maio, começaram os trabalhos de adaptação da nova moradia. Entretanto, o engenheiro não pretendia abandonar de todo a antiga habitação. Ia transformá-la em oficina.

O primeiro cuidado de Cyrus foi descobrir onde ficava exatamente a fachada do Palácio de Granito. Dirigiu-se para a praia, que ficava aos pés da imensa muralha, e ali começou a procurar a picareta, que escapara das mãos do repórter, na véspera. A ferramenta, devendo ter caído perpendicularmente, mostraria onde fora aberto o buraco no granito. Cyrus a encontrou e, como previra, 24 metros acima do lugar onde ela se cravara na areia, podia-se ver o buraco feito no granito.

O engenheiro tencionava dividir a parte direita da caverna em muitos quartos, um corredor e abrir cinco janelas e uma porta, na fachada.

— Se para nós — disse Cyrus — o acesso pelo escoadouro é mais fácil, o mesmo sucederia com relação a outras pessoas. Por isso tenciono obstruir a boca do escoadouro e até mesmo disfarçar a sua entrada, fazendo subir de novo o nível das águas do lago, por meio de uma barragem.

— Então, por onde entraremos? — perguntou o marinheiro.

— Por uma escada exterior, de corda, que possa ser tirada caso queiramos impedir a entrada de alguém.

— Mas por que tanta precaução? Pelo menos até agora não apareceu nenhum animal que nos metesse medo! E não resta dúvida de que a ilha é desabitada.

— Você está seguro, Pencroft? — perguntou Cyrus.

— Só poderei estar certo depois de termos explorado toda a ilha.

— Portanto — disse Cyrus —, mal conhecemos uma pequena parte dela. E, se não houver inimigos aqui dentro, podem vir de fora, pois estas paragens do Pacífico não são boas. É preciso estarmos precavidos contra qualquer eventualidade.

Ficara combinado que a fachada da nova moradia seria virada para leste e teria cinco janelas e uma porta. Além disso seriam feitas várias aberturas por onde a luz entraria profusamente.

Depois de abertos os buracos, com explosivo, as picaretas serviram para completar o traçado ogival das janelas, das frestas e da porta. Em poucos dias, o Palácio de Granito ficou bem iluminado pela luz do sol, que penetrava até nas mais secretas profundezas da nova habitação.

O segundo cuidado de Cyrus Smith foi dividir a casa em cinco cômodos, todos com vista para o mar. À direita pretendia fazer uma entrada, com porta, de onde sairia a escada. Depois, viria uma cozinha com nove metros, uma sala de jantar de doze metros, um quarto do mesmo tamanho e um quarto de hóspedes. Esses cômodos, entretanto, não deveriam ocupar toda a caverna. Dariam para um corredor, do outro lado do qual ficaria extenso armazém para guardar utensílios e provisões. Sendo um local seco, serviria para guardar todas as produções da ilha, quer da flora quer da fauna.

Feito o plano, só faltava executá-lo. Os colonos voltaram a ser oleiros, fabricaram muitos tijolos e transportaram-nos para a nova casa. Até então, todos entravam na caverna pelo antigo escoadouro. Isso, porém, forçava-os a subir até o platô Vista Grande, depois de volta pela margem do rio e, enfim, a descer todo o corredor para chegar à caverna. Perdiam muito tempo e cansavam-se bastante. Então, Cyrus resolveu começar logo a fabricação de uma escada de corda que, uma vez içada, tornasse o Palácio de Granito completamente inacessível.

As obras concluíram-se rapidamente, sob a direção do engenheiro, que também ajudava. Todos trabalhavam com alegria e confiança. No dia 28 de maio, instalou-se definitivamente a escada, que devia ter cem degraus. Felizmente, Cyrus conseguira dividi-la em duas partes, aproveitando uma saliência da muralha, a mais ou menos doze metros do chão. Cuidadosamente transformada em patamar, com o auxílio da picareta, serviu de suporte para o primeiro lance da escada, que poderia ser içada de cima do Palácio de Granito. O segundo lance da escada ficou preso pelas duas extremidades e não precisaria ser recolhido.

Os homens logo se habituaram a usar a escada de corda. O mais difícil foi ensinar Top, que com suas quatro patas tinha muitas dificuldades. Mas, com o

marinheiro como professor, dentro em breve começou a subir as escadas como se trabalhasse num circo.

No dia 31 de maio, as paredes divisórias ficaram prontas. Só faltava mobiliar os cômodos, mas isso seria tarefa para o longo inverno.

Terminados os arranjos interiores, o engenheiro começou a cuidar de obstruir a entrada pelo escoadouro. Várias rochas foram movidas para a abertura e cimentadas fortemente. Cyrus não conseguira ainda fazer com que as águas do lago cobrissem novamente o orifício. Contentou-se em dissimular a entrada com árvores e arbustos, que foram plantadas nos interstícios das rochas. A próxima primavera se encarregaria de fazer com que essas plantas se desenvolvessem. Cyrus aproveitou o escoadouro para trazer do lago até a nova moradia pequeno filete de água doce. Os colonos podiam, pois, contar com mais ou menos 140 litros por dia.

Todas essas obras foram terminadas antes que chegasse o inverno, que estava bem próximo. Portas pesadas permitiam fechar as janelas da fachada, enquanto não conseguissem arranjar vidro. Os habitantes da sólida, segura e salubre moradia estavam encantados com o trabalho realizado.

19
Dois grãos: um de trigo, outro de chumbo

O inverno começou no mês de junho, que corresponde ao mês de dezembro no hemisfério boreal. Os habitantes do Palácio de Granito puderam ficar bem abrigados das tempestades, o que não aconteceria se estivessem na Chaminé.

Durante todo aquele mês, os colonos ocuparam-se de diversos trabalhos, entre os quais a caça e a pesca. A questão do vestuário foi seriamente discutida. Eles só possuíam as roupas que vestiam quando foram lançados na ilha. Eram roupas quentes e resistentes e as mantinham sempre limpas. Mas em pouco tempo precisariam ser substituídas. Se o inverno fosse rigoroso, os colonos sofreriam muito com o frio. Nesse ponto, a competência de Cyrus era pouca. Preocupara-se em conseguir habitação e alimentos, mas descuidara-se quanto às roupas. Os colonos deveriam conformar-se e esperar a primavera para fazerem uma boa caçada de carneiros, que já haviam visto quando exploraram o monte Franklin. Depois de recolhida a lã, o engenheiro saberia como fabricar tecidos resistentes e quentes…

— Os dias já estão ficando curtos e as noites frias — disse Pencroft. — Seria melhor que tratássemos da questão da iluminação.

— Nada mais fácil — respondeu Cyrus. — Amanhã caçaremos focas. Com elas, fabricaremos velas.

O projeto do engenheiro era fácil de ser realizado, pois havia cal e ácido sulfúrico na ilha. A gordura necessária seria fornecida pelos anfíbios da ilhota.

No dia 5 de junho, o tempo estava bastante instável, mas mesmo assim todos se dirigiram para a ilhota. Precisavam aproveitar a maré vazante para atravessar o canal a vau. As focas eram muitas. Os caçadores, armados de paus ferrados, mataram diversas. Nab e Pencroft só transportaram para casa as peles e a

gordura. A pele serviria para fabricarem sapatos bastante resistentes e a gordura para a confecção de velas.

Durante todo o mês não faltou trabalho no interior da nova moradia. Aperfeiçoaram vários utensílios e completaram muitos outros. Finalmente, fabricaram tesouras e os colonos puderam, assim, cortar cabelos e barbas. Confeccionaram também mesas, bancos, armários e camas. A cozinha, cheia de prateleiras, nas quais havia objetos de barro, tinha bom aspecto. Nab trabalhava ali como se estivesse num laboratório de química.

O novo escoadouro, criado pela mão dos colonos, tornara necessária a construção de duas pontes, uma sobre o platô Vista Grande e outra sobre a própria praia. Com efeito, o platô e a praia estavam transversalmente cortados por curso de água que precisava ser transposto, quando quisessem ir ao norte da ilha. Por causa disso, foram obrigados a dar uma volta enorme e subir, a oeste, até as fontes do rio Vermelho. O mais simples era estabelecer sobre o platô e a praia duas pontes, de mais ou menos seis metros, construídas com troncos de árvores, o que foi tarefa para alguns dias.

Depois de prontas as pontes, Nab e Pencroft foram até a ostreira que haviam descoberto perto das dunas. Trouxeram milhares de ostras, que logo se aclimataram nos rochedos, perto da embocadura do Providência. Esses moluscos eram de excelente qualidade e os colonos passaram a comê-los diariamente.

A ilha Lincoln, embora não tivesse ainda sido inteiramente explorada, fornecia muitas coisas. Não faltavam alimentos azotados, bem como alimentos vegetais. As raízes lenhosas das dragoeiras, ferramentadas, forneciam bebida acidulada, espécie de cerveja. Até mesmo açúcar tinham fabricado, sem cana ou beterraba, recolhendo o licor de planta da família das acerinas. Também faziam bom chá, com ervas trazidas da coelheira. Tinham sal em abundância. O único alimento que lhes faltava era o pão.

Mas a Providência Divina viria ajudar os colonos, pois Cyrus, com toda a sua inteligência e habilidade, não poderia nunca ter fabricado o que Harbert encontrou numa dobra de sua roupa. Naquele dia, chovia torrencialmente e os colonos estavam reunidos na grande sala do Palácio de Granito, quando o rapaz exclamou:

— Veja, sr. Cyrus, um grão de trigo!

E mostrou aos companheiros um único grão que escorregara de seu bolso e ficara preso numa dobra da roupa. A questão era que Harbert costumava levar trigo no bolso para alimentar alguns pombos-bravos que Pencroft lhe dera, quando se achavam em Richmond.

— Um grão de trigo? — perguntou, interessado, o engenheiro.

— Sim, senhor. Mas apenas um!

Harbert já ia jogar fora o grão quando Cyrus começou a examiná-lo e verificou que estava em bom estado. Foi então que, olhando para os companheiros, disse:

— Vamos plantar o grão.

— E com todo o cuidado — acrescentou Gideon —, pois ele encerra várias futuras colheitas.

Estavam no dia 20 de junho. Era a época propícia para semear o único e precioso grão. Subiram o platô e lá escolheram local bem abrigado do vento, que recebesse o calor do sol do meio-dia. Limparam o lugar, revolveram a terra para tirar qualquer inseto ou verme, afofaram-na bem e adicionaram-lhe um pouco de cal. Enterraram o grão no solo úmido e cercaram-no, para protegê-lo.

Parecia que os colonos estavam erigindo alguma pedra fundamental. Pencroft lembrou-se do dia em que tinham apenas um fósforo. Mas, desta vez, a coisa era mais séria. Os náufragos podiam conseguir fogo de outra maneira, mas nenhuma força humana conseguiria outro grão de trigo, caso aquele não vingasse.

No fim do mês de junho, depois de intermináveis chuvas, o tempo esfriou bastante e, no dia 29, um termômetro por certo teria marcado seis graus abaixo de zero. O dia seguinte, 30 de junho, que corresponde a 31 de dezembro do ano boreal, era quinta-feira. O ano começou com frio intenso. A embocadura do rio Providência congelou-se e não tardou em acontecer o mesmo com o lago.

Durante esse período de frio, Cyrus pôde aproveitar bem o filete de água que canalizara do lago para a caverna. A água corria debaixo da superfície gelada do lago e chegava ao interior do Palácio de Granito em estado líquido, onde enchia um reservatório cavado no granito.

Estando o tempo extremamente seco, os colonos resolveram destinar um dia à exploração da parte da ilha que ficava à sudeste, entre o Providência e o cabo Garra. Era um pântano imenso, que poderia fornecer boa caça, pois as aves aquáticas ali abundavam.

No dia 5 de julho, às seis horas da manhã, quando o sol começava a nascer, Cyrus, Gideon, Nab, Harbert e Pencroft, armados de paus ferrados, arcos e flechas, munidos de provisões suficientes, abandonaram o Palácio de Granito, precedidos de Top. O caminho mais curto era o que atravessasse o Providência congelado, mas, como observara o repórter, isso não dispensava a construção de uma ponte, no futuro.

Não tinham ainda andado oitocentos metros quando viram passar uma família inteira de quadrúpedes, assustados com os latidos de Top.

— Parecem raposas! — exclamou Harbert, quando viu o bando fugir.

Com efeito, eram raposas, mas de grande porte, que uivavam de modo tão estranho que até mesmo Top se assustou e desistiu de persegui-las.

Depois de terem dobrado a ponta dos Destroços, os colonos encontraram uma praia comprida, banhada pelo vasto oceano. O céu, como acontece quando o frio é prolongado, estava limpo. Aquecidos pelo esforço da caminhada, Cyrus e seus amigos não sentiam frio. Pararam um pouco para almoçar, olhando tudo enquanto comiam. A parte da ilha na qual se encontravam era completamente estéril, contrastando com a parte ocidental.

— Acho que se o balão nos houvesse deixado aqui nem sequer teríamos conseguido chegar à terra — disse o engenheiro —, pois o mar é profundo e não há um só rochedo que sirva para refúgio. Do outro lado, havia bancos e uma ilhota, o que facilitou a nossa salvação. Aqui só teríamos encontrado abismos!

— É singular — disse Spillet — que sendo essa ilha tão pequena apresente solo tão variado. Essa diferença de paisagem só é encontrada em continentes de certa extensão. Parece até que a parte ocidental da ilha, tão rica e fértil, é banhada pelas águas quentes do golfo do México e que suas costas norte e sudeste são banhadas pelo oceano Antártico.

— Você tem razão, meu caro Gideon — respondeu Cyrus. — Também já observei o mesmo. Acho esta ilha não só por sua forma como por sua natureza bastante estranha. Tem todas as características de continente e não me surpreenderia que isso tivesse sido outrora.

— O quê! — exclamou Pencroft. — Continente no meio do Pacífico?

— Por que não? — perguntou Cyrus. — Quem sabe se a Austrália, a Nova Zelândia, tudo o que os geógrafos ingleses chamam de Australásia, reunidas aos arquipélagos do Pacífico não formavam antigamente um sexto continente, tão

importante quanto a Europa, a Ásia, a África e as duas Américas? Acredito bem que todas essas ilhas do Pacífico são apenas picos de um continente submerso.

— E a ilha Lincoln teria pertencido àquele continente? — perguntou Pencroft.

— É provável. Só assim se explicaria a diversidade de produções que nela encontramos e o número considerável de animais que nela existem.

Assim terminaram a conversa. O almoço chegara ao fim. A exploração foi recomeçada e os colonos alcançaram o limite do pântano.

O pântano, que se estendia até a costa arredondada que terminava a ilha a sudeste, devia medir seis quilômetros quadrados e meio. O solo era formado de limo argilo-silicoso, misturado com detritos vegetais. Estava inteiramente recoberto de confervas, juncos e outras folhas, algumas das quais formavam espesso tapete. Algumas poças de água estagnada cintilavam sob os raios de sol. Essas poças não podiam ter sido formadas pelas chuvas ou por alguma súbita cheia de um rio. O pântano devia ser alimentado por infiltrações do solo.

Por cima das ervas aquáticas, na superfície das águas estagnadas, esvoaçava um mundo de aves. Um tiro de espingarda teria atingido uma dúzia desses pássaros, pois andavam todos juntos. Os colonos tiveram que se contentar em flechá-los. O resultado não foi tão bom, mas teve a vantagem de não assustar as aves. Os caçadores se contentaram em apanhar uma dúzia de patos brancos com listras escuras, cabeça verde, asas pretas, brancas e avermelhadas, bicos chatos, tipo que Harbert reconheceu como tadornas. Top ajudou muito na captura dos animais, cujo nome foi dado àquela parte pantanosa da ilha.

Por volta das cinco horas, Cyrus e seus amigos começaram a viagem de volta, atravessando o Pântano das Tadornas e o rio Providência, congelado.

Às oito horas estavam de volta ao Palácio de Granito.

O frio intenso durou até 15 de agosto. Depois, o estado atmosférico modificou-se subitamente por causa da mudança do vento para noroeste. A temperatura subiu alguns graus e os vapores acumulados no ar não tardaram em transformar-se em neve. Toda a ilha ficou coberta de branco e apresentou-se aos habitantes sob novo aspecto. A neve caiu durante alguns dias e chegou a ter espessura de sessenta centímetros.

O vento logo refrescou e começou a soprar com violência. Do alto do Palácio de Granito, ouvia-se o mar bater nos rochedos. Em certos lugares, formavam-se redemoinhos de neve que pareciam trombas-d’água. Entretanto, o furacão, vindo

de nordeste, não atingia diretamente o abrigo dos colonos. Mas enquanto durou a tempestade nenhum deles pôde sair. De 20 a 25 de agosto permaneceram presos.

Durante a última semana de agosto, o tempo tornou a modificar-se. A temperatura baixou um pouco e a tempestade se acalmou. Os colonos puderam sair. Havia sessenta centímetros de neve sobre a praia. Andando, sem muito custo, sobre a neve endurecida, Cyrus e seus amigos dirigiram-se para o platô.

Que mudança! Os bosques que haviam deixado verdejantes, sobretudo na parte vizinha onde dominavam as coníferas, tinham desaparecido. Tudo estava branco: o cume do monte Franklin, o litoral, as florestas, o lago, o rio, as praias. A água do Providência corria sob uma crosta de gelo que a cada fluxo ou refluxo balançava e quebrava-se com ruído. Numerosos pássaros voejavam sobre a superfície do lago. As rochas, entre as quais corria a cascata, estavam cobertas de gelo. Parecia que a água escapava de monstruosa bica, construída, com todo esmero, por um artista da Renascença.

A neve acabou por dissipar-se com a elevação da temperatura. A chuva começou a cair e dissolveu a coberta branca. Apesar do mau tempo, os colonos trataram de renovar suas provisões de caça e de raízes e frutos. Para isso, necessitavam fazer algumas incursões na floresta, quando descobriram que várias árvores haviam sido abatidas pelo furacão. O marinheiro e Nab chegaram a ir até a jazida de hulha e com o auxílio do carrinho apanharam bastante carvão.

Não fora em vão o trabalho de renovação do combustível. O frio rigoroso ainda não havia acabado. No dia 25, depois de alternativa de neve e chuva, o vento mudou para sudeste e subitamente o frio tornou-se intenso, agravado por causa do vento, que se manteve por vários dias. Os colonos tiveram que permanecer dentro de casa e tapar todos os orifícios da fachada, respeitando apenas o necessário para a renovação do ar.

O frio continuou até meados de setembro e os prisioneiros do Palácio de Granito já começavam a achar o cativeiro longo demais. Quase todos os dias tentavam algumas saídas, que não podiam, entretanto, ser muito demoradas.

O mais impaciente com a prisão era Top. O fiel cachorro achava muito apertado o Palácio de Granito. Ia e vinha de um quarto para outro, demonstrando seu descontentamento.

Cyrus por várias vezes notou que o cão, quando se aproximava do poço escuro, que se comunicava com o mar, rosnava de modo estranho. Dava voltas

ao redor do buraco, coberto por um pedaço de madeira. Algumas vezes chegava a meter as patas debaixo da tábua, como se pretendesse levantá-la. Latia, como se demonstrasse cólera e inquietude ao mesmo tempo.

O engenheiro observou por várias vezes o que ele fazia. O que haveria no abismo para impressionar tanto o inteligente animal? Que o poço ia dar no mar não havia dúvida. Seria possível que se ramificasse em estreitas passagens subterrâneas? Teria comunicação com outras cavidades interiores? Algum monstro marinho viria de vez em quando respirar no fundo do poço? Cyrus não sabia o que pensar e não podia deixar de imaginar cenários estranhos.

Habituado a ir muito além do domínio das realidades científicas, não se perdoava por deixar-se levar para o domínio do estranho e quase sobrenatural. Mas como explicar que Top, cão inteligente, que jamais havia perdido tempo latindo para a lua, teimasse obstinadamente em sondar aquele abismo?

Finalmente, os grandes frios cessaram. Ainda havia um pouco de chuva, de rajadas de vento misturadas com neve, mas tudo isso não durou muito. A neve já se havia derretido e o gelo também. O platô, as margens do Providência e a floresta puderam ser novamente explorados. A primavera encantou os colonos, que só passavam dentro de casa as horas destinadas às refeições e ao sono.

Na segunda metade de setembro caçaram bastante. Harbert e Gideon tinham-se tornado hábeis arqueiros e qualquer caça de pelo ou de pluma caía sob suas flechas.

No dia 24 de outubro, Pencroft fora visitar as armadilhas colocadas nos limites da floresta. Encontrou três animais: uma fêmea e dois filhotes de pecari. Voltou encantado para casa, fazendo grande alarde:

— Teremos boa refeição. Porco! Esses filhotes não têm ainda três meses!

E o marinheiro, seguido por Nab, foi para a cozinha. Prepararam uma refeição magnífica: dois leitões, uma sopa de canguru, presunto defumado, amêndoas, bebida fermentada e chá. Mas o melhor de tudo eram os pecaris.

Às cinco horas o jantar foi servido. A sopa de canguru fumegava sobre a mesa e todos a acharam excelente. Depois, vieram os pecaris. O marinheiro devorava a parte que lhe coubera quando soltou um grito.

— O que aconteceu? — perguntou Cyrus.

— Acabei de quebrar um dente!

— Então há pedras nos seus leitões?

— Parece que sim — disse Pencroft, retirando dos lábios o objeto que lhe custara um dente.

Mas não era pedra. Era um grão de chumbo.

SEGUNDA PARTE

20
Dois barris e uma caixa

Já haviam decorrido sete meses desde que o balão lançara os colonos na ilha Lincoln. Desde então nunca se havia notado presença humana. A ilha parecia nunca ter sido habitada. E, no entanto, um simples grão de chumbo, encontrado no corpo do inofensivo roedor, vinha provar o contrário. O chumbo só poderia ter saído de uma arma de fogo e só um homem poderia manejá-la!

Pencroft colocou o pedacinho de metal sobre a mesa e todos ficaram olhando, profundamente espantados. Cyrus formulou algumas hipóteses. Segurando o grão entre o indicador e o polegar, disse:

— Você pode garantir, Pencroft, que o pecari ferido por este chumbo tinha apenas três meses?

— Posso. Ainda mamava quando o encontrei na fossa.

— Portanto, isso prova que há três meses apenas foi dado um tiro na ilha Lincoln. E só podemos chegar às seguintes conclusões do incidente: ou a ilha era habitada antes da nossa chegada ou alguns homens desembarcaram aqui há três meses mais ou menos.

— Nada disso! — exclamou o marinheiro levantando-se da mesa. — Não existem outros homens além de nós na ilha! Que diabo! A ilha não é grande e se fosse habitada já teríamos visto alguém!

— É fato que um tiro foi dado na ilha há três meses, mas acho que os homens que aqui aportaram só ficaram pouco tempo ou então apenas estiveram de passagem. É provável que apenas há algumas semanas náufragos tenham sido lançados nesta costa, pela tempestade.

— Acho que devemos agir com cautela — disse o repórter.

— Eu também — concordou Cyrus —, pois é possível que sejam piratas malásios que desembarcaram em nossa ilha.

— Sr. Cyrus — perguntou o marinheiro —, não seria conveniente, antes de apurar o fato, construir uma canoa que permitisse subir o rio e contornar a costa?

— Sua ideia é boa, mas não podemos perder tempo. Levaríamos pelo menos um mês construindo um bote…

— Acho que em cinco dias construiríamos uma piroga capaz de navegar no rio Providência.

— Em cinco dias? — perguntou Nab.

— Sim, uma canoa à moda indiana, de casca de árvore.

— Está bem — disse o engenheiro.

Já no dia seguinte, Pencroft começou a construir o bote. Bastaria algo que flutuasse, com fundo achatado, própria para a navegação no Providência, sobretudo perto da sua nascente, onde a profundidade era pouca.

No dia 29 de outubro a canoa foi terminada. Pencroft cumprira a promessa. Uma espécie de piroga, cujo casco estava preso por meio de varas flexíveis, fora construída em cinco dias. Havia um banco na proa, outro no meio e outro na popa. A amurada que servia para sustentar os toletes de dois remos e um remo de popa para dirigir a embarcação completavam a embarcação. Sua colocação na água foi bastante simples. Levada para a areia, na orla do litoral, defronte ao Palácio de Granito, as ondas da maré-cheia fizeram com que flutuasse.

— Urra! — exclamou o marinheiro, que não podia deixar de celebrar seu próprio triunfo. — Com esta canoa seria possível fazermos a volta…

— Ao mundo? — perguntou Gideon Spillet.

— Não, da ilha. Com alguns seixos por lastro, um mastro na frente e uma vela, iremos longe!

Pencroft, dando um golpe de direção, levou a embarcação para perto da praia, por estreita passagem entre as rochas. Logo todos decidiram que nesse mesmo dia fariam uma experiência subindo a margem até a primeira ponta onde terminavam os rochedos do sul.

No momento de embarcar Nab gritou:

— Está entrando um pouco de água na sua canoa, Pencroft!

— Não faz mal. A madeira precisa ficar bem embebida de água, para se impermeabilizar.

Todos embarcaram. O tempo estava magnífico, o mar calmo como um lago e a piroga podia enfrentá-lo com tanta segurança como se estivesse subindo a tranquila corrente do Providência.

O marinheiro primeiro atravessou o canal e depois foi até a ponta sul da ilhota. Ligeira brisa sul soprava. Não havia ondas nem no canal nem no mar. Apenas algumas ondulações, que a piroga mal sentia, pois estava bastante pesada. A canoa seguia de perto o litoral, evitando os escolhos, que eram numerosos e que a maré enchente começava a cobrir. A muralha de granito ia-se abaixando depois da embocadura do rio. Era um amontoado de granitos caprichosamente distribuídos, muito diferentes da cortina que formava o platô Vista Grande e de aspecto extremamente selvagem.

A canoa, impelida por dois remos, corria bem. Depois de três quartos de hora de navegação, já estava quase chegando à extremidade da ponta, e Pencroft já se preparava para dobrá-la, quando Harbert, levantando-se, indicou um ponto escuro, dizendo:

— O que é aquilo na praia?

Todos olharam.

— Parece um destroço meio enterrado na areia — disse o repórter.

— Já vi o que é! — exclamou Pencroft.

— O quê? — perguntou Nab.

— Barris, barris, que podem estar cheios!

— Vamos para a praia — disse Cyrus.

Com algumas remadas, a piroga chegou até pequena enseada e todos saltaram. Pencroft não se enganara. Havia dois barris, meio enterrados na areia e ainda solidamente presos numa grande caixa que flutuara até encalhar naquele lugar.

— Teria havido algum naufrágio nas proximidades da nossa ilha? — perguntou Harbert.

— Parece — respondeu Gideon.

— O que conterá essa caixa? — indagou Pencroft impaciente. — Está fechada e não temos como abri-la!

— Vamos transportá-la para nossa casa e lá poderemos abri-la. Se pôde flutuar até aqui, poderá flutuar até a embocadura do rio.

De onde viria aquele destroço? Cyrus e seus companheiros olharam atentamente ao redor e percorreram a costa por alguns metros. Nada mais viram. O mar também foi observado. Harbert e Nab subiram numa rocha elevada, mas o horizonte estava deserto. Não avistaram navio naufragado, nem barco a vela. Mas não havia dúvida de que acontecera algum naufrágio. Quem sabe se tal incidente não teria ligação com o grão de chumbo? Talvez estrangeiros tivessem aportado em um outro ponto da ilha. Estariam ainda lá? Mas todos logo refletiram que não poderiam ser malásios, porque o destroço era de origem americana ou europeia.

Voltaram para perto da caixa. Era de carvalho, estava cuidadosamente fechada e era recoberta por uma película espessa, presa por pregos de cobre. As duas grandes barricas, rigorosamente fechadas, mas vazias, estavam amarradas à caixa. Esta parecia estar em perfeito estado, pois encalhara na areia e não sobre recifes e era claro que fora recente. A água parecia não ter penetrado nela e os objetos que continha deviam estar intactos. Evidentemente fora lançada de bordo de algum navio perdido, na esperança de que chegasse à costa, onde seria encontrada mais tarde. Por isso tiveram o cuidado de prepará-la tão bem.

A maré já começava a atingir a caixa. Uma das cordas que a prendia aos barris foi desatada em parte, e serviu para amarrá-la à piroga. Depois, Pencroft e Nab sulcaram a areia com os remos para facilitar o seu deslocamento e dentro de pouco tempo a embarcação arrastava-a. Depois de uma hora a piroga chegou diante do Palácio de Granito. A canoa e a caixa foram levadas para a areia.

O marinheiro começou por soltar os barris, que poderiam ser aproveitados. Depois, os cadeados foram forçados com alicate e abriu-se a tampa. Havia um envoltório de zinco. A caixa fora preparada para proteger seu conteúdo da umidade. O zinco foi cortado e pouco a pouco foram sendo tirados e colocados sobre a areia diversos objetos. A caixa continha utensílios, armas, roupas, livros, instrumentos de óptica e de astronomia, de topografia e de desenho, agulhas, pólvora e papel.

— Devemos reconhecer que o proprietário dessa caixa era um homem prático! — disse o repórter. — Nada falta! Parece que esperava pelo naufrágio!

— Realmente! — disse Cyrus, pensativo.

— Certamente o navio que transportava a caixa não pertencia a piratas malásios — observou Harbert.

— A menos que o proprietário dela tenha sido aprisionado pelos piratas malásios… — acrescentou Pencroft.

— Não creio — disse Gideon. — Acho mais provável que algum navio europeu ou americano tenha se perdido nessas paragens e que os passageiros procuraram salvar pelo menos o necessário para sobreviver.

— Que pensa o senhor? — perguntou Harbert a Cyrus.

— Acho que essa última hipótese é bem possível.

— Será que nesses instrumentos e livros não encontraremos nada que nos permita descobrir de onde vêm? — perguntou Spillet.

Examinaram tudo, mas nem mesmo os livros, as armas e os instrumentos, contrariando o que sempre acontece, traziam a marca do fabricante. Parecia que tudo fora meticulosamente escolhido. O envoltório de metal mostrava o cuidado que haviam tido de preservar os objetos da umidade. Tudo isso não poderia ter sido feito em um momento de pressa.

Não havia nenhum indício que permitisse descobrir a origem de todas aquelas coisas ou pelo menos a nacionalidade do navio que deveria ter naufragado naquelas proximidades.

Mas não importava de onde vinha aquela caixa, uma vez que ela fazia a felicidade dos colonos. Até então eles haviam criado tudo que tinham, transformando os produtos da natureza. Parecia que naquele momento a Providência Divina queria recompensá-los, enviando-lhes aqueles objetos. E todos deram graças a Deus.

Depois dessa descoberta, mais do que nunca era necessária exploração minuciosa de toda a ilha. Decidiram que no dia seguinte, ao raiar do sol, todos se poriam a caminho, subindo o Providência de maneira a chegar até a costa ocidental. Se alguns náufragos haviam chegado àquele ponto da costa, era de supor que estivessem sem recursos. Era urgente salvá-los. Durante todo o dia os diversos objetos foram transportados para o Palácio de Granito. Era domingo, 29 de outubro. Antes de deitar-se, Harbert perguntou ao engenheiro se não queria ler a Bíblia.

— De boa vontade — respondeu Cyrus.

Já ia abrir o livro sagrado, quando Pencroft deteve-o, dizendo:

— Sou supersticioso. Abra ao acaso e leia o primeiro versículo que seus olhos virem. Veremos se ele se aplica à nossa situação.

Cyrus sorriu e atendeu ao pedido do marinheiro. Abriu o Evangelho justamente num lugar onde um pequeno sinal separava as páginas. Imediatamente seus olhos se detiveram numa marcação vermelha, feita a lápis, evidenciando o versículo oito do capítulo VII do Evangelho de São Mateus.

E leu o versículo:

Todo aquele que pede recebe e o que procura encontra.

21
Os bambus estalam como bombas

No dia seguinte, tudo estava pronto para iniciarem a exploração que se tornara urgente devido aos incidentes ocorridos nos últimos dias. Decidiram subir o Providência, enquanto seu curso fosse navegável. Grande parte do caminho seria feita sem esforço e os colonos poderiam transportar suas provisões e armas até ponto bastante avançado a oeste. Pensavam não só em recolher náufragos como em encontrar novos objetos.

Nab colocou na canoa as provisões que serviriam para alimentar os colonos durante três dias: carne-seca e alguns galões de cerveja e de licor fermentado. Levaram ainda pequeno forno, dois machados, uma luneta, uma bússola, duas espingardas, uma carabina, cinco facas, alguns cartuchos e pólvora.

Às seis da manhã, a piroga foi colocada na água. Todos nela embarcaram, inclusive Top, e dirigiram-se para a embocadura do rio Providência. A canoa subia o rio sem que fosse necessário utilizar os remos.

O aspecto das margens era magnífico. Viam-se belas ulmáceas, algumas lardizabáleas, cujos ramos flexíveis, macerados na água, forneciam excelentes cordas, e dois ou três troncos de ébano, de bela cor negra.

De tempos em tempos, a piroga parava e Gideon, Harbert e Pencroft desembarcavam e exploravam a margem. Durante uma das excursões, Gideon conseguiu pegar dois casais de galináceos. Eram aves de bico comprido e fino, de pescoço alongado, asas curtas e sem cauda. Seriam os primeiros hóspedes do galinheiro.

Até então as espingardas não haviam sido postas em uso. A primeira detonação foi provocada pela aparição de belo pássaro que se assemelhava a um martim-pescador.

— Eu o conheço! — exclamou Pencroft.

Podia dizer-se que o tiro partira involuntariamente de sua espingarda.

— Conhece o quê? — perguntou Spillet.

— A ave que nos escapou na primeira exploração que fizemos e cujo nome foi dado a esta parte da floresta.

— Um jacamar! — exclamou Harbert.

Já eram dez horas da manhã quando a piroga atingiu a segunda volta do Providência, que devia ficar a oito quilômetros de sua embocadura. Ali pararam para almoçar durante meia hora, debaixo da copa de grandes e belas árvores. O rio media dezoito ou vinte metros de largura e sua profundidade era de metro e meio. O engenheiro observava que numerosos afluentes engrossavam o seu curso, mas eram apenas riachos que não podiam ser navegados. A floresta estendia-se a perder de vista. Em nenhum lugar notavam-se sinais de presença humana. Se náufragos haviam desembarcado na ilha, certamente não haviam abandonado o litoral e não seria naquela densa floresta que deviam ser procurados.

O engenheiro demonstrava certa pressa em atingir a costa ocidental da ilha, que devia estar a cinco quilômetros. Recomeçaram a navegar. A exploração continuou por mais três quilômetros, em região completamente coberta de eucaliptos. Chegavam a perder-se de vista, dos dois lados do Providência. Muitas vezes o leito do rio ficava obstruído por altas árvores e rochas agudas, o que tornava a navegação bastante penosa. Os remos já não davam muito resultado e Pencroft teve que empurrar a piroga com uma vara. Sentia-se perfeitamente que o rio ia ficando cada vez mais raso e que dentro em pouco a canoa não poderia mais navegar.

O sol já declinava no horizonte e começava a projetar no chão as sombras das árvores. Cyrus Smith, vendo que não conseguiriam atingir a costa ocidental da ilha naquele dia, resolveu acampar no lugar em que não fosse mais possível navegar, por ser o rio muito raso. Calculava estar a oito ou nove quilômetros da costa, distância muito grande para ser percorrida, durante a noite, no meio de bosques desconhecidos.

A embarcação foi levada através da floresta, que ficava cada vez mais espessa e parecia ser mais habitada. Se o marinheiro não se enganava, vira bandos de macacos correndo sob as árvores. Realmente, mais tarde, dois ou três macacos

pararam a alguma distância da canoa e olharam para os colonos sem manifestar nenhum terror, provavelmente porque viam pela primeira vez seres humanos.

Por volta das quatro horas, a navegação tornou-se muito difícil. As margens cada vez se elevavam mais e o rio já atingia os primeiros contrafortes do monte Franklin. Sua nascente não podia estar longe.

— Antes de um quarto de hora seremos forçados a parar — disse o marinheiro.

— Então vamos parar e acampar para passar a noite.

— A que distância devemos estar do Palácio de Granito?

— A mais ou menos onze quilômetros — respondeu o engenheiro —, levando-se em conta as curvas do rio.

— Seguiremos em frente?

— Enquanto pudermos — respondeu Cyrus. — Amanhã, ao raiar do dia, abandonaremos a canoa e completaremos em duas horas, segundo espero, a distância que nos separa da costa. Teremos um dia inteiro para explorar o litoral.

— Então vamos adiante! — exclamou Pencroft.

Mas em pouco tempo a canoa encalhou no fundo pedregoso do rio, cuja largura não passava de seis metros. Espessa manta verde estendia-se sobre o seu leito e o escondia em semiobscuridade. Escutava-se o barulho acentuado de uma queda-d'água, que indicava a proximidade de barragem natural. Com efeito, na última volta do rio, apareceu uma cascata, através das árvores. A canoa foi amarrada num tronco, perto da margem direita.

Eram cerca de cinco horas e os últimos raios de sol filtravam-se pela densa folhagem e incidiam obliquamente na pequena queda, cuja úmida poeira refletia as cores do prisma. Mais adiante, o leito desaparecia entre a vegetação, onde se alimentavam em alguma fonte escondida. Os diversos rios que nele desembocavam transformavam-no, mais abaixo, em verdadeiro rio.

Acamparam e fizeram fogo. Abrigaram-se debaixo da copa de uma frondosa árvore para passar a noite. O jantar foi logo devorado, pois todos estavam famintos. O fogo foi alimentado durante toda a noite. Nab e Pencroft revezaram-se na vigia.

Às seis horas da manhã, depois da refeição matinal, os colonos recomeçaram a viagem, procurando seguir pelo caminho mais curto, até a costa ocidental da

ilha. Quanto tempo levariam para atingi-la? Cyrus calculara duas horas, mas isso dependia, evidentemente, da natureza dos obstáculos que se apresentariam.

Partiram todos depois de haverem amarrado fortemente a piroga. Desceram as pequenas rampas que formavam o sistema orográfico da ilha e caminharam em terreno muito seco, mas cuja vegetação deixava pressentir ou lençol de água subterrâneo ou riacho próximo. Entretanto, Cyrus não se lembrava, quando de sua excursão à cratera, de ter reconhecido outro curso de água além do Providência e do Vermelho.

Às nove e meia da manhã, o percurso, que ia diretamente para sudoeste, subitamente viu-se cortado por curso de água desconhecido, de nove metros de largura e cuja corrente forte, por causa da inclinação do seu leito, precipitava-se com grande estrépito. O rio era profundo e claro mas completamente inavegável.

— Estamos obstruídos! — disse Nab.

— Não! — respondeu Harbert. — É um simples riacho. Podemos atravessá-lo a nado.

— Não é necessário. É evidente que este rio corre para o mar. Se seguirmos sua margem esquerda logo estaremos na costa. Continuemos.

— Um momento! — disse Pencroft.

— O que é? — perguntou Cyrus.

— A caça está proibida, mas suponho que a pesca seja permitida.

— Nós não podemos perder tempo — respondeu o engenheiro.

— Ora, preciso apenas de cinco minutos. Peço que o permita em vista do nosso almoço.

E, dizendo isso, mergulhou os braços nas águas agitadas e apanhou algumas dúzias de caranguejos que formigavam nas rochas. Encheu um saco com os animais e continuaram viagem.

Desde que seguiam o curso do novo rio, o caminho tornara-se mais fácil. As suas margens também não tinham nenhum vestígio de presença humana. De quando em quando, viam-se vetígios de animais bastante grandes. Entretanto, observando aquele rápido riacho que corria para o mar, Cyrus concluiu que se achavam mais longe da costa ocidental do que ele e seus companheiros acreditavam. Com efeito naquela hora, a maré enchente já deveria ter atingido as águas do rio, se sua embocadura estivesse apenas a alguns quilômetros. Ora, isso

não acontecia. O engenheiro consultou, então, sua bússola, a fim de se certificar se alguma curva do rio os levava, involuntariamente, para o interior da floresta.

O rio ia se alargando pouco a pouco e suas águas se tornavam menos tumultuosas. As árvores da margem direita não estavam menos cerradas que as da margem esquerda, mas podia-se bem perceber que elas eram desertas, pois o inteligente Top não dava nenhum sinal de pressentir algum estranho por perto. Às dez e meia, Harbert, que andava um pouco à frente, para grande surpresa de Cyrus, exclamou:

— O mar!

Depois de alguns instantes, todos puderam ver a costa ocidental da ilha. Mas que contraste entre essa costa e aquela onde haviam desembarcado! Nem muralha de granito, nem escolhos, nem sequer praia! A floresta formava o litoral e suas últimas árvores, castigadas pelas ondas, inclinavam-se sobre as águas. Não se tratava de litoral, como geralmente se vê, ou formado por vastos tapetes de areia ou por rochas agrupadas. A margem era tão elevada que poderia dominar o nível dos maiores oceanos. E sobre aquele solo luxuriante, sustentado por base de granito, as árvores pareciam estar tão solidamente plantadas quanto as do interior da ilha.

Os colonos encontraram uma pequena enseada, sem importância, e que servia de escoadouro para o riacho. Mas em vez de lançar-se ao mar, por embocadura suave, precipitava-se de altura de mais de doze metros, o que explicava por que a maré cheia não invadia o rio.

Para o norte, a orla formada pela floresta prolongava-se por cerca de três quilômetros. Depois, as árvores iam se distanciando e algumas montanhas pitorescas elevavam-se, desenhando linha quase reta, que corria de norte a sul. Em toda a porção do litoral compreendida entre o rio da Cascata e o promontório do Réptil, só se viam magníficas árvores, banhadas pelas águas do mar. Era justamente a península Serpentina que os colonos deviam explorar, pois aquela parte do litoral oferecia refúgios, enquanto a outra, árida e selvagem, não era propícia para náufragos.

O tempo estava bonito e do alto de um penhasco, onde Nab e Pencroft haviam servido o almoço, todos podiam descortinar grande distância. Não se via nenhuma vela, nenhum navio, nenhum destroço no mar. Mas o engenheiro só ficaria seguro disso depois de ter explorado toda a península.

Às onze e meia, Cyrus Smith deu o sinal de partida. A distância que separava a embocadura do rio do promontório do Réptil era de cerca de dezenove quilômetros. Em quatro horas, teriam facilmente vencido essa distância, mas andando entre as árvores, precisando cortar cipós, levariam muito mais tempo. Por volta das sete horas, mortos de cansaço, chegaram ao promontório do Réptil, espécie de concha estranhamente desenhada pelo mar. Ali terminava a floresta da península e a costa, para o sul, retomava o aspecto normal, com seus rochedos, recifes e praias. Era possível que ali encontrassem o navio procurado, mas era preciso esperar até o dia seguinte, porque a noite já vinha chegando.

Pencroft e Harbert trataram de encontrar lugar para acampar. Não precisaram procurar por muito tempo. Os rochedos do litoral apresentavam cavidades que serviam de abrigo contra o vento. Mas, no momento em que se dispunham a entrar numa dessas escavações, formidáveis rugidos fizeram com que parassem. Ocultaram-se entre as rochas no momento exato em que um magnífico animal apareceu na entrada da caverna.

Era um jaguar. Devia medir um metro e meio da cabeça até o início da cauda. Seu pelo fulvo era cheio de manchas negras e fazia sobressair a pelagem branca de sua barriga. O animal avançou e olhou ao redor, com o pelo eriçado e os olhos em fogo, como se não fosse a primeira vez que sentia a presença do homem.

Nesse momento, o repórter estava rodeando as rochas altas e Harbert, pensando que ele não notara o jaguar, ia lançar-se na sua direção quando percebeu sinal do amigo. Gideon continuou andando. Não era o primeiro jaguar que via. Aproximando-se até uns três metros do animal, permaneceu imóvel, com a carabina no ombro, sem tremer um só músculo. O jaguar, dando meia-volta, precipitou-se sobre o caçador. Mas neste exato momento uma bala atingiu-o entre os dois olhos e ele tombou morto.

Harbert, Pencroft, Nab e Cyrus correram e permaneceram todos alguns instantes contemplando a fera estendida no chão.

— E agora — disse Gideon —, uma vez que o jaguar abandonou a caverna, não vejo por que não nos instalarmos nela para passar a noite.

— Pode haver outros animais! — exclamou Pencroft.

— Bastará acendermos uma fogueira na porta da caverna.

— Então vamos para a casa dos jaguares — respondeu o marinheiro puxando o cadáver do animal.

Os colonos dirigiram-se para o abrigo abandonado e, enquanto Nab tirava a pele do jaguar, os outros juntaram bastante lenha para fazer a fogueira na entrada da caverna. Cyrus, tendo descoberto uma touceira de bambu, cortou alguns e misturou com a lenha.

Feito isso, abrigaram-se na gruta, cujo chão arenoso estava coberto de ossadas. Como precaução, carregaram todas as armas. Depois de jantar, todos foram dormir, após terem ateado fogo no monte de lenha. Começaram, então, as explosões dos bambus que, atingidos pelo fogo, estouravam como fogos de artifício! Isso bastaria para afugentar as feras mais audaciosas.

Esse meio de conseguir detonações não fora inventado por Cyrus, pois, segundo Marco Polo, os tártaros, há vários séculos, empregavam com sucesso esse sistema para afugentar de seus acampamentos as temíveis feras da Ásia central.

22
Novo membro da colônia

Cyrus Smith e seus companheiros dormiram profundamente na caverna que o jaguar lhes havia gentilmente cedido. Ao nascer do sol, porém, todos já estavam de pé, na extremidade do promontório. Pela última vez, o engenheiro certificou-se de que nenhum navio naufragado aparecia no mar. No litoral também nada se podia ver de estranho, numa extensão de três quilômetros.

Restava explorar a costa meridional da ilha. Isso não fazia parte do plano orignial que haviam feito. Quando abandonaram a piroga nas cabeceiras do Providência, ficara decidido que depois de explorar a costa oeste voltariam pelo mesmo caminho até o ponto de partida. Mas, em vista de nada terem encontrado naquele litoral, tornava-se necessário explorar também a costa sul da ilha. Foi Gideon o primeiro a propor que continuassem as buscas, para que a questão do presumido naufrágio ficasse resolvida definitivamente.

A proposta do repórter, defendida pelo marinheiro, obteve aprovação geral, pois todos queriam acabar com as dúvidas que tinham. Como a viagem seria longa, não podiam perder um só momento.

Às seis da manhã puseram-se a caminho. Prevenindo desagradáveis encontros de animais de duas ou quatro patas, as espingardas foram carregadas e Top recebeu ordens de ir à frente. A partir da extremidade do promontório que formava a cauda da península, a costa arredondava-se numa extensão de oito quilômetros, que foram facilmente percorridos. Não havia vestígios de presença humana naquela região. Os colonos, tendo chegado ao ângulo no qual a curvatura terminava para depois formar a baía de Washington, na direção nordeste, puderam observar todo o litoral sul da ilha. A quarenta quilômetros dali a costa terminava pelo cabo Garra, que mal se distinguia através da bruma

matutina. Parecia estar suspenso entre a terra e a água. O litoral, que se estendia do lugar onde estavam os colonos até o fundo da imensa baía, era formado por grande praia, bastante plana, limitada por uma série de árvores. Depois, a costa tornava-se irregular, projetando pontas agudas no mar, e finalmente um amontoado desordenado de rochas escuras terminava o cabo Garra.

Era esse o aspecto da parte sul da ilha.

Os colonos chegaram à baía de Washington mais ou menos à uma da tarde, depois de terem percorrido uma distância de 32 quilômetros. Ali pararam para fazer uma pequena refeição. Naquele ponto começava a costa irregular, recortada de forma bizarra e contornada por uma comprida fileira de escolhos que se sucediam aos bancos de areia. A maré não devia tardar a subir, cobrindo esses recifes sobre os quais as ondas se quebrariam, formando uma longa franja de espuma. Dali até o cabo Garra, a praia era uma pequena faixa de areia, entre os recifes e a floresta. O caminho, obstruído por diversas rochas, parecia tornar-se mais difícil. A muralha de granito aumentava cada vez mais e mal se podiam avistar as copas das árvores que a coroavam.

Depois de meia hora de descanso, recomeçaram a caminhada, sempre atentos aos menores detalhes. Por volta das três horas, chegaram a um ancoradouro bastante fechado. Nenhum rio desembocava ali. Era um verdadeiro porto natural, que não podia ser visto ao longe e cuja entrada era um pequeno canal entre recifes. No fundo dessa angra, alguma violenta convulsão arrebentara a orla rochosa e uma rampa suave conduzia ao platô superior, que devia estar situado a menos de dezesseis quilômetros do cabo Garra, a seis quilômetros do platô Vista Grande, em linha reta.

Spillet propôs aos companheiros parar um pouco. Todos concordaram com a proposta, pois a longa caminhada abrira o apetite. Sentados debaixo de pinheiros marítimos, em poucos instantes devoraram as provisões trazidas por Nab.

Então, ouviram latidos fortes de Top, que saiu do bosque segurando nos dentes um pedaço de tecido sujo de lama. Nab arrancou o trapo da boca do cachorro e verificou que era de fazenda bem resistente.

O cachorro latia e andava de um lado para o outro, como se estivesse convidando o dono a segui-lo pela floresta. E todos seguiram o cão, que corria entre os pinheiros. Depois de sete ou oito minutos de caminhada, Top parou. Os

colonos, que já haviam chegado a uma espécie de clareira, rodeada por grandes árvores, pararam e olharam em volta, mas nada notaram.

— O que foi que você viu, Top? — perguntou o engenheiro.

O cachorro latiu com mais força, pulando perto de um gigantesco pinheiro.

De repente, Pencroft gritou:

— Estamos procurando por destroços no mar e na terra, mas eles estão nos ares!

E, dizendo isso, o marinheiro apontou para um imenso farrapo branco em cima do pinheiro.

— Mas aquilo não é um destroço — disse Gideon.

— Peço desculpas — explicou Pencroft. — Aquilo é tudo o que resta do nosso balão! Vejam que tecido bom! Temos fazenda para muitos anos!

Fora excelente para os colonos encontrar o aeróstato. Eles poderiam conservar o balão como estava, para tentar nova evasão, ou poderiam usar aquela enorme quantidade de algodão para fazer roupas.

Não foi fácil tirar o aeróstato de cima da árvore e colocá-lo em lugar seguro. Nab, Harbert e o marinheiro, que subiram na árvore, precisaram fazer milagres. A operação durou cerca de duas horas mas foi coroada de êxito, pois conseguiram retirar não só o invólucro mas todas as cordas e a âncora do balão. Apesar de rasgado, estava em bom estado. Só a barquinha fora completamente destruída. Era uma fortuna que caía do céu!

Os colonos não podiam levar para o Palácio de Granito aquela imensa carga de tecido e cordas, cujo peso era considerável. Por outro lado, não podiam deixar aquela riqueza à mercê de algum furacão. Felizmente encontraram entre as rochas uma cavidade, bem abrigada dos ventos, da chuva e do mar.

— Precisávamos de um armário e já o encontramos. Já que não podemos fechá-lo a chave, pelo menos vamos dissimular a sua abertura. Não digo isso por causa dos ladrões de dois pés mas por causa dos de quatro patas.

Às seis da tarde, os homens terminaram o trabalho e retomaram o caminho do cabo Garra, depois de haverem batizado a angra com o nome de porto Balão.

Já passava de meia-noite quando dobraram o primeiro cotovelo formado pelo rio, depois de terem seguido o litoral até a embocadura do Providência. Naquele ponto, o leito do rio media 24 metros e seria difícil transpô-lo. Os colonos estavam extenuados. A viagem fora longa e o incidente do balão contribuíra para

cansá-los mais ainda. Todos desejavam ardentemente chegar em casa, jantar e dormir. Se houvesse uma ponte, em quinze minutos chegariam.

Pencroft, ajudado por Nab, começava a construir a jangada para atravessar o rio quando o jovem Harbert, apontando para o Providência, disse:

— O que é aquilo?

Pencroft interrompeu o seu trabalho e distinguiu um objeto na escuridão:

— Uma canoa! — exclamou.

Todos se aproximaram e surpresos viram uma canoa descendo o rio. Quando ela se aproximou, o marinheiro exclamou:

— Mas é a nossa piroga! Ela rompeu as amarras e desceu o rio!

O marinheiro tinha razão. Era a canoa que voltava sozinha! Precisavam segurá-la antes que a correnteza a levasse. E foi o que fizeram Nab e Pencroft, com uma enorme vara. A piroga encostou-se na margem e o engenheiro foi o primeiro a embarcar, verificando que a amarra fora realmente gasta pelo roçar nas pedras.

Com algumas remadas, os colonos atingiram a embocadura do Providência. Depois de colocarem a canoa sobre a areia, dirigiram-se para a escada do Palácio de Granito.

Mas nesse momento Top latiu colérico e Nab, que fora o primeiro a procurar a escada, deu um grito… Não havia mais escada!

Cyrus deteve-se sem dizer palavra. Seus companheiros procuravam ver, apesar da escuridão, se a escada havia caído ou se ficara presa em alguma saliência da muralha… Mas a escada parecia ter desaparecido!

Os colonos não puderam deixar de preocupar-se com aquele incidente, sem dúvida o mais surpreendente daqueles sete meses passados na ilha. Fatigados e surpresos, não sabendo o que pensar, considerando as hipóteses mais absurdas, encontravam-se todos ao pé do Palácio de Granito.

— Meus amigos — disse Cyrus —, precisamos esperar o dia raiar. Acho melhor irmos para a Chaminé. Pelo menos ali dormiremos abrigados.

Realmente, a melhor coisa que tinham a fazer era dormir no antigo abrigo até o nascer do dia. Top recebeu ordens de vigiar as janelas do Palácio de Granito e permaneceu ao pé da muralha.

Apesar do cansaço, os colonos não dormiram bem. Mostravam-se ansiosos para descobrir a razão do incidente. Teria sido provocado por causas naturais ou

seria obra humana? Mas o fato é que a moradia deles estava ocupada e não podiam retomá-la.

Assim que raiou o dia, os colonos, devidamente armados, foram para a praia e colocaram-se perto dos recifes. Dali poderiam observar bem o Palácio de Granito, iluminado pelo sol nascente. Pouco antes das cinco horas a casa iluminou-se e nesse momento escapou de todos um grito. A porta que haviam fechado antes de sair estava aberta! Não havia dúvida. Alguém havia entrado lá!

A escada superior estava no lugar de costume, mas a inferior fora recolhida. Era evidente que os intrusos tinham querido prevenir-se contra alguma surpresa. Os colonos não podiam saber que tipo de pessoa ou quantas pessoas haviam entrado no Palácio de Granito, porque ninguém aparecia.

— Miseráveis! — exclamou o marinheiro. — Dormem tranquilamente como se tivessem o direito! Olá! Piratas, bandidos, corsários, filhos de John Bull!

Quando Pencroft, como legítimo americano, chamava alguém de John Bull, estava no auge da indignação.

Nesse momento, o sol já se levantara, iluminando toda a fachada da casa, onde reinava completa calma, no interior e no exterior. Os colonos não duvidavam de que a casa estivesse ocupada pelos invasores. Mas como chegar até eles?

Harbert teve a ideia de amarrar uma corda numa flecha e atirá-la para que se prendesse nos degraus da escada que estava suspensa. Dessa maneira poderiam desenrolá-la e restabelecer a comunicação com o Palácio.

Era a única coisa que tinham a fazer. Pencroft desenrolou a corda, que foi presa na ponta de uma flecha disparada por Harbert. A flecha prendeu-se nos degraus da escada. A operação fora bem-sucedida. Segurando a extremidade da corda, Harbert sacudiu-a para que a escada caísse. Nesse momento, um braço segurou a escada e levou-a para dentro de casa.

— Miserável! — exclamou o marinheiro.

— Mas quem fez isso? — perguntou Nab.

— Não viu?

— Não.

— Um macaco, um mico, um bugio, um mono, um orangotango, um gorila, um sagui! Nossa casa foi invadida por macacos!

Foi então que três ou quatro quadrúmanos apareceram nas janelas e começaram a fazer caretas.

— Eu bem sabia que tudo não passava de brincadeira! — exclamou Pencroft. — Mas um dos autores pagará caro por todos!

E, apontando a espingarda, apertou o gatilho. Todos os macacos desapareceram, exceto o que caiu mortalmente ferido. De tamanho grande, pertencia à primeira classe dos quadrúmanos. Fosse ele chimpanzé ou gorila, o certo é que pertencia à classe dos antropomorfos, assim chamados por causa da semelhança que têm com a raça humana. Harbert, que conhecia bem zoologia, classificou-o como orangotango.

Passaram-se duas horas sem que os macacos tornassem aparecer. Mas era evidente que eles estavam lá, pois três ou quatro vezes uma pata ou um focinho aparecia nas janelas ou na porta.

— Vamos fingir que fomos embora — disse o engenheiro. — Talvez assim os macacos apareçam. Spillet e Harbert devem ficar atrás das rochas, prontos para disparar em quem aparecer.

As ordens de Cyrus foram obedecidas. O repórter e Harbert, que eram os melhores atiradores da colônia, ficaram alerta enquanto os outros foram caçar. Depois de meia hora, os caçadores voltaram com alguns pombos, que logo foram grelhados e comidos. Nenhum símio apareceu durante todo esse tempo.

Duas horas mais tarde a situação continuava a mesma. Era possível que, assustados com a morte do companheiro, estivessem escondidos nos quartos ou na despensa do Palácio de Granito.

De repente, o cenário modificou-se bastante. Os símios, iluminados por súbito terror, procuravam fugir. Dois ou três pulavam de uma janela para outra, com tremenda agilidade. Todos procuravam descer, esquecendo-se da escada. Os colonos conseguiram acertar tiros, matando vários, que ou caíam para dentro de casa ou se precipitavam na praia, soltando gritos agudos. Alguns minutos mais tarde, tudo indicava não haver nenhum macaco sobrevivente.

Inesperadamente, a escada começou a deslizar e chegou até a praia.

— Ora, vejam que coisa! — disse Pencroft olhando para Cyrus.

— É incrível — murmurou Cyrus enquanto subia a escada.

Todos os companheiros o seguiram e entraram na casa. Revistaram todos os cantos e até mesmo a despensa, que fora poupada pelos quadrúmanos, mas nada

encontraram.

— E a escada? — perguntou Pencroft. — Qual foi o cavalheiro que teve a gentileza de jogá-la para nós?

Ouviu-se, então, um grito e um grande macaco, que se refugiara no corredor, correu para a sala, perseguido por Nab.

— Bandido! — exclamou Pencroft.

E já ia quebrar a cabeça do animal com um cacete quando Cyrus o deteve dizendo:

— Não faça isso, amigo. Lembre-se de que foi ele quem nos atirou a escada!

O macaco, depois de ter se defendido valentemente, foi amarrado.

— O que faremos com ele? — perguntou Pencroft.

— Vamos transformá-lo em empregado — respondeu Harbert.

Assim falando, o rapaz não brincava, pois sabia como podiam ser aproveitados aqueles quadrúmanos. Os colonos aproximaram-se do símio para melhor observá-lo. Era um orangotango. Não tinha a ferocidade dos babuínos, nem a irracionalidade dos macacos, nem a falta de asseio do sagui, nem a impaciência do mono, nem os maus instintos do cinocéfalo. Pertencia à família dos antropomorfos, que possui inteligência quase humana. Empregados em casas de famílias, podem servir a mesa, varrer, engraxar sapatos, lavar talheres e até mesmo aprendem a beber vinho…

— É verdade, patrão, que vamos tomá-lo como empregado? — perguntou Nab.

— Sim — respondeu Cyrus sorrindo. — Mas não tenha ciúmes.

— Acho que será bom empregado — disse Harbert. — Parece jovem, portanto será fácil de ensinar.

Foi dessa maneira que a colônia recebeu um novo membro que, aliás, lhe seria muito útil. Quanto ao nome, foi Pencroft quem escolheu. Lembrando-se do outro macaco que conhecera, chamado Júpiter, resolveu dar esse nome ao orangotango. E todos passaram a chamá-lo de Jup.

23
Os onagros

As últimas horas daquele dia foram empregadas para transportar os cadáveres dos macacos para o bosque, onde foram enterrados. Nab tratou de acender o fogo e preparar uma boa refeição. Jup não foi esquecido. Deram-lhe pinhões e raízes. O marinheiro desatara-lhe os braços, mas achou conveniente conservar presas as suas pernas.

Antes de deitar, os colonos, reunidos ao redor da mesa, discutiram alguns projetos que consideravam urgentes, como a construção de uma ponte ligando as margens do Providência e a construção de um curral para a criação de carneiros e outros animais produtores de lã que porventura capturassem.

No dia seguinte, 3 de novembro, iniciou-se a construção da ponte. Várias árvores foram abatidas e cortadas em tábuas. A ponte seria fixa na parte que se apoiaria na margem direita do rio e móvel na outra parte. Seria levantada por meio de um contrapeso. Foi uma obra considerável e levou vinte dias para ser concluída. Sua parte móvel, equilibrada por meio de contrapesos, podia ser levantada com facilidade. E, uma vez levantada, deixava intervalo de seis metros, intransponível para qualquer animal.

O primeiro campo de trigo, onde fora plantado apenas um grão, havia prosperado admiravelmente, graças aos cuidados de Pencroft. Nasceram dez espigas, cada uma com oitenta grãos. E cada ano a colheita dobraria. Os oitocentos grãos, menos cinquenta que seriam guardados por prudência, deveriam ser semeados em novo campo com o mesmo cuidado que merecera o primeiro. Depois de preparado e cercado o campo, Pencroft arranjou um espantalho para afugentar os pássaros e semeou os 750 grãos em covas regulares. A natureza se encarregaria do resto.

No dia 21 de novembro, Cyrus começou a desenhar o fosso que devia fechar o platô a oeste, depois do ângulo sul do lago Grant e até o cotovelo do Providência. Como havia granito, foi usada nitroglicerina. Em menos de quinze dias ficou pronto. Tinha três metros e meio e, graças a uma sangria, as águas encheram aquele novo leito, formando pequeno curso de água ao qual chamaram de rio Glicerina. Como previra o engenheiro, o nível do lago desceu, mas de maneira quase imperceptível. Na primeira quinzena de dezembro, terminaram-se os trabalhos e o platô, que era uma espécie de pentágono irregular, tendo um perímetro de seis quilômetros e meio, ficou completamente cercado de água, livre de qualquer agressão.

Durante o mês de dezembro, o calor foi intenso mas nem assim os colonos adiaram a construção do galinheiro, que ocupou área de 180 metros quadrados, na margem sudeste do lago. Foi todo cercado e dividido em partes para as diversas espécies de animais. Os seus primeiros hóspedes foram dois tinamus, que em pouco tempo deram uma ninhada. Como companheiros tiveram meia dúzia de patos que viviam na beira do lago.

Cyrus, para completar sua obra, construiu um pombal destinado a abrigar alguns pombos que frequentavam os altos rochedos do platô.

Chegara o momento de confeccionar roupa branca, usando o pano do aeróstato, pois os colonos nem sequer cogitavam de abandonar a ilha, navegando no balão. Para transportar a imensa quantidade de panos e cordas, os colonos trataram de construir uma carroça fácil de manejar. Não existiria na ilha algum ruminante nativo que substituísse o cavalo, boi ou burro?

No dia 23 de dezembro, os colonos viram dois belos e grandes animais, que imprudentemente haviam se aventurado no platô. Pareciam ser dois cavalos ou pelo menos dois asnos. Eram esguios, o pelo curto, pernas e cauda brancas raiados de preto no corpo e na cabeça. Avançavam tranquilamente sem demonstrar inquietude e olhavam atentamente para os colonos.

— São onagros — exclamou Harbert —, quadrúpedes intermediários entre a zebra e o cuaga!

— Por que não são asnos? — perguntou Nab.

— Porque não têm orelhas compridas e suas formas são mais graciosas.

Sem espantar os onagros, o marinheiro deslizou entre as folhas e levantou a pequena ponte sobre o rio Glicerina, conseguindo capturar o casal de animais.

Ficou decidido que não domesticariam à força os onagros. Durante alguns dias eles poderiam pastar livremente. Perto do galinheiro foi construído estábulo para que eles tivessem onde passar a noite. Mas por mais de uma vez os quadrúpedes deram sinais de querer abandonar aquele platô pequeno demais para eles, habituados a extensas florestas e muito espaço. Seguiam o fosso de água, relinchavam, corriam e finalmente acalmavam-se. Enquanto isso, os colonos fabricavam arreios com fibras vegetais e construíam uma estrada através da floresta.

No fim de dezembro, pela primeira vez experimentaram atrelar os animais. Dentro em pouco estavam domesticados. Então, todos os colonos subiram na carroça e dirigiram-se para o porto Balão. O veículo chegou, sem dificuldades, ao seu destino e naquele mesmo dia carregaram o invólucro do balão e suas cordas. Às oito da noite, a carroça, depois de ter passado a ponte do Providência, desceu a sua margem esquerda e parou na praia.

A primeira semana de janeiro foi destinada à confecção de roupa. A fazenda do aeróstato foi desengraxada por meio de soda e potassa obtidas pela incineração de plantas. Livre do verniz, o algodão voltou a ser macio. Algumas dúzias de camisas e meias foram confeccionadas.

No começo do ano de 1866, o calor aumentou, o mesmo acontecendo com a caça. E Gideon e Harbert não perdiam um só tiro.

Várias excursões foram feitas às florestas Jacamar e Faroeste para recolher vegetais selvagens que depois de bem cultivados serviriam para enriquecer as refeições dos colonos, até então por demais azotadas. A colheita continuava a fornecer alimento. A ostreira também era muito procurada pelos colonos, que ainda se dedicavam à pesca no lago e no rio. Várias trutas e outros peixes saborosos foram apanhados. Nab, encarregado da cozinha, podia variar sempre o cardápio. Só o pão fazia bastante falta a todos.

Jup começara a ser treinado nos trabalhos domésticos. Usava colete, calças curtas e avental com bolsos. Nab e ele pareciam entender-se muito bem. O macaco só deixava a cozinha quando se precisavam de seus serviços para apanhar lenha ou subir em árvores. Sendo muito inteligente, aprendia tudo com facilidade. Um dia Jup surpreendeu os colonos, servindo a mesa. Sempre atento, agradou a todos.

No fim de janeiro os colonos começaram a executar os grandes trabalhos na parte central da ilha. Precisavam construir curral no sopé do monte Franklin, para abrigar os animais ruminantes e principalmente os carneiros produtores de lã. O local escolhido fora uma pradaria cheia de agrupamentos de árvores, situada ao pé de contraforte que a fechava num lado. Pequeno rio cortava o terreno e ia desaguar no rio Vermelho. Foram também construídos abrigos para os animais e depois de tudo pronto foram até o sopé do monte Franklin para capturar animais. O resultado foi bastante satisfatório.

Todo o mês de fevereiro passou-se sem incidentes. Os trabalhos continuaram, as estradas foram melhoradas e outra nova foi iniciada, em direção à costa ocidental. Antes da estação fria, os colonos trataram de cultivar várias plantas selvagens. A terra era muito fértil e era de se esperar que as colheitas fossem abundantes.

As bebidas usadas eram variadas. Só não tinham vinho. Além do chá e do licor extraído de raízes, havia cerveja fabricada com os brotos de planta chamada *Abies nigra*, que eram fervidos, fermentando-se o suco obtido.

A Providência Divina ajudava bastante aqueles homens corajosos e inteligentes, que tudo conseguiam graças aos seus esforços. Nas tardes de verão, gostavam de conversar numa espécie de varanda feita por Nab, coberta de trepadeiras, sobre assuntos variados e sobretudo sobre a pátria distante. Como estaria a Guerra de Secessão? Sem dúvida Richmond já teria caído nas mãos de Grant! O norte devia ter vencido! Como seria bem recebido um jornal naquela ilha! Havia onze meses que os colonos não se comunicavam com ninguém. Quem diria que os antigos náufragos desamparados tinham-se tornado verdadeiros colonos, que haviam transformado ao seu gosto as plantas e animais da ilha!

Cyrus era o mais calado de todos. Às vezes sorria, ouvindo alguma reflexão de Harbert ou de Pencroft, mas permanecia a maior parte do tempo meditando sobre todos os fatos estranhos acontecidos na ilha!

24
O cachimbo

O tempo começou a mudar na primeira semana de março. No começo do mês houvera lua cheia e o calor fora intenso. A atmosfera parecia carregada de eletricidade e todos esperavam uma tempestade. E realmente, no dia 2 começou a trovoar muito forte e o vento leste fez com que o granizo que começava a cair castigasse a fachada do Palácio de Granito. Todas as janelas e portas precisaram ser hermeticamente fechadas para que os quartos e as salas não ficassem inundados. O mal tempo durou oito dias.

A tempestade terminou no dia 9 de março, mas o céu continuou coberto de nuvens durante o mês. Nessa época, a fêmea do onagro teve um filhote do sexo feminino. Os animais do curral também se reproduziram. Os pecaris haviam-se domesticado muito bem. Num cercado, ao lado do galinheiro, eram engordados vários animais.

Certo dia, Pencroft lembrou a Cyrus uma promessa que fizera e ainda não cumprira: a construção de uma espécie de elevador para substituir as longas escadas do Palácio de Granito.

— É uma coisa bem fácil de fazer, Pencroft. Mas valerá a pena?

— Pode ser que seja um luxo para as pessoas, mas não para os objetos. Não é nada cômodo subir a escada com carga às costas.

— Pois bem, então vamos experimentar satisfazê-lo.

Havia força natural para manobrar o aparelho planejado pelo engenheiro. Para conseguir o que desejavam, bastaria que aumentassem o pequeno desvio do lago que fornecia água ao Palácio de Granito. Feito isso, formou-se uma pequena cascata no fundo do corredor, cujo excesso escorria para poço interior. Sob essa queda, o engenheiro instalou um cilindro que ficava preso a uma roda. Nessa

roda, enrolava-se uma corda que tinha uma cesta presa numa extremidade. Dessa maneira, por meio da corda comprida que ia até o chão, podia-se ligar e desligar o motor hidráulico e transportar qualquer coisa até a porta do Palácio de Granito. No dia 17 de março, para satisfação geral, o ascensor funcionou pela primeira vez. Desse dia em diante, toda a carga foi transportada pelo elevador e até mesmo os colonos passaram a utilizá-lo.

Depois do elevador, Cyrus dedicou-se a produzir vidro. Adaptou o antigo forno de cerâmica e começou a fazer experiências. Para a fabricação do vidro são necessárias poucas substâncias: areia, carbonato de cal e soda. Ora, o rio fornecia areia, a cal fornecia o carbonato e as plantas marinhas, a soda. O ácido sulfúrico podia ser tirado das piritas e o próprio solo fornecia a hulha para aquecer o forno. O utensílio cuja fabricação oferecia maiores dificuldades era um tubo de ferro, de um metro e meio de comprimento, usado para manter as substâncias fundidas. Mas o habilidoso Pencroft achou uma solução. No dia 28 de março, o forno foi devidamente aquecido e nele colocaram uma mistura de cem partes de areia, 35 de carbonato de cal, quarenta de sulfato de soda e duas ou três partes de carvão em pó. Logo que essa mistura se tornou pastosa, Cyrus retirou um pouco e começou a revirá-la numa placa de metal, procurando dar-lhe forma para soprar. Depois, entregando o tubo a Harbert, pediu-lhe que soprasse.

— Como se fosse para fazer bolhas de sabão? — perguntou o rapaz.

— Exatamente.

Harbert soprou tão bem, sempre revirando o tubo, que logo conseguiu dilatar a massa de vidro. Juntando a essa massa outros bocados da que ainda estava fundida, conseguiram uma bolha de trinta centímetros de diâmetro. Tomando o tubo da mão de Harbert, Cyrus movimentou-o como se fosse um pêndulo, dando à bolha um formato cilindro-cônica. A sopragem do vidro havia obtido um cilindro terminado por duas calotas hemisféricas, que foram facilmente destacadas por ferro molhado em água fria. Pelo mesmo processo, o cilindro foi partido no sentido do comprimento e, depois de aquecido outra vez, foi estendido e achatado com um rolo de madeira. Seria necessário repetir essa operação cinquenta vezes para conseguir vidros para todas as janelas da casa dos colonos. A indústria de copos e garrafas foi um divertimento para todos. Pencroft soprava com tanta força que os objetos tomavam as formas mais estranhas.

Durante uma das excursões feitas, naquela época, foi descoberta uma árvore que contribuiu para enriquecer a alimentação da colônia. De seu tronco foi extraída a farinha que servia para fabricar pão.

Num domingo, dia de Páscoa, todos descansavam, observando o dia santo. Depois do jantar, encontravam-se reunidos na varanda, vendo a noite cair. Comentavam a situação isolada da ilha no Pacífico quando Gideon disse:

— Agora que já temos o sextante, Cyrus, não seria interessante verificarmos a posição exata de nossa ilha?

— Sou da mesma opinião — disse Cyrus. — Mas acho que, se houve algum erro no meu cálculo anterior, deve ser de mais ou menos cinco graus em longitude ou latitude.

— Mas quem sabe se não estamos mais próximos do que pensamos de terra habitada?

— Amanhã tiraremos as dúvidas.

No dia seguinte, Cyrus, com o auxílio do sextante, fez as observações necessárias para verificar as coordenadas da ilha e verificou que apenas errara, sem instrumentos, cinco graus. A situação exata era a seguinte: longitude oeste, 150 graus e trinta minutos; latitude sul, 34 graus e 57 minutos.

— Agora — disse Gideon —, já que possuímos também um mapa, vamos verificar a nossa posição exata no meio do Pacífico.

Aberto o mapa, o engenheiro pegou o compasso e fez os cálculos. De repente exclamou:

— Mas já existe uma ilha nessa parte do Pacífico! Está situada dois graus e meio a oeste e dois graus ao sul de nossa ilha.

— E como se chama? — perguntou Harbert.

— Ilha Tabor.

— Será importante?

— Não, apenas uma ilhota perdida no Pacífico! Talvez nunca tenha sido visitada.

— Pois bem, nós a visitaremos — retrucou Pencroft.

— Nós?

— Sim, sr. Cyrus. Construiremos uma barca que será dirigida por mim. A que distância estamos dessa tal ilha?

— Mais ou menos a 240 quilômetros a nordeste — respondeu o engenheiro.

— Então, em 48 horas conseguimos chegar lá se tivermos bons ventos.

Decidiram todos, então, fazer um barco. Mas, como a estação propícia à viagem demoraria seis meses, Cyrus e Pencroft puderam dedicar-se, com calma, à construção da pequena embarcação. Gideon e Harbert continuaram ocupando-se da caça e Nab e Jup dos afazeres domésticos. O marinheiro estava tão entusiasmado com o novo trabalho que se afastou do estaleiro por apenas um dia e assim mesmo para colher trigo.

— Conseguimos cinco alqueires! — exclamou Pencroft.

— Cinco alqueires! — repetiu o engenheiro. — Quer dizer que temos 650 mil grãos.

— Precisamos ainda dessa vez semear tudo, exceto pequena reserva.

— É verdade. Se tivermos sorte, da próxima vez colheremos quatro mil alqueires.

O terceiro campo de trigo foi bem mais extenso que os outros dois. Depois de ter trabalhado bem a terra e semeado cuidadosamente, Pencroft voltou para seu trabalho no estaleiro.

No dia 30 de abril, Gideon fez uma descoberta preciosa. Ele e Harbert haviam se embrenhado na parte sudeste da floresta Faroeste quando chegaram a uma clareira. Naquele lugar, as árvores, um pouco mais espaçadas, permitiam que alguns raios de sol se filtrassem. Spillet achou estranho o cheiro que exalavam essas árvores de tronco reto e cilíndrico, bastante cheias de folhas. Produziam flores em cachos e pequenas sementes. O repórter perguntou ao rapaz:

— Que árvores serão essas?

— Onde o senhor achou essa planta? — perguntou Harbert

— Numa clareira. E são muito numerosas.

— Pois bem, a sua descoberta receberá os maiores agradecimentos de Pencroft.

— Então descobrimos tabaco?

— Embora não seja de primeira qualidade, é tabaco.

— Como ficará contente! Mas espero que não fume tudo. Também queremos a nossa parte!

— Tive uma ideia — disse Harbert. — Não contemos nada a Pencroft até termos preparado as folhas e então, um belo dia, nós lhe ofereceremos um cachimbo pronto para fumar.

— Estou de acordo.

Os dois amigos colheram boa porção de folhas e voltaram para casa. Tomaram todos os cuidados para que o marinheiro nada percebesse. Cyrus e Nab foram postos a par da situação, mas Pencroft de nada desconfiou durante o tempo que foi necessário para a secagem das folhas e depois para a sua trituração e queima entre pedras quentes.

Havia vários dias que os colonos viam, a três quilômetros da costa, um animal de grande porte. Parecia uma baleia. Tendo entrado na baía da União, nadava até o cabo Mandíbula e depois até o cabo Garra, balançando a nadadeira da cauda. Movimentando-se rapidamente, atingia grande velocidade. Às vezes, chegava tão perto da ilha que os colonos podiam vê-la completamente. Era uma baleia austral completamente negra e com cabeça menor que a das baleias do norte.

A presença do cetáceo inquietava a todos. Mas o acaso veio mais uma vez ajudar os colonos. No dia 3 de maio, Nab, gritando, veio avisar que a baleia estava encalhada na margem do rio. O cetáceo estava preso na areia, a menos de cinco quilômetros do Palácio de Granito. Era provável que não conseguisse se libertar, mas seria mais prudente cortar-lhe qualquer possibilidade de fuga.

Harbert e Gideon, que iam caçar, imediatamente largaram as espingardas. Pencroft e Cyrus abandonaram o estaleiro e dirigiram-se para o local. Milhares de aves voavam, cercando a baleia.

— Que monstro! — exclamou Nab.

Tratava-se de baleia austral, de 24 metros, exemplar gigantesco da espécie, que devia pesar várias toneladas. Não fazia nenhum esforço para voltar ao mar. Estranhando a imobilidade, os colonos trataram de revirar o cetáceo. Viram, então, que estava morto, arpoado no lado esquerdo.

— Haverá baleeiros por aqui? — perguntou Gideon.

— Por que pergunta isso? — disse Pencroft.

— Ora, essa baleia foi arpoada…

— Isso não quer dizer nada. As baleias podem correr centenas de quilômetros depois de feridas. A que morreu aqui pode ter sido atingida no norte do Atlântico.

— Entretanto… — continuou Gideon, que não se satisfizera com a explicação do marinheiro.

— É bem possível o que nos disse Pencroft — ponderou Cyrus. — Mas examinemos esse arpão, pois é costume dos baleeiros gravar nos arpões o nome do seu navio.

Conseguindo arrancar o arpão, o marinheiro leu a seguinte inscrição: *Maria Estela — Vineyard*.

— Um navio do Vineyard! — exclamou Pencroft. — Um navio do meu país! Um baleeiro que eu conheço bem!

E o marinheiro balançava o arpão repetindo com bastante emoção o nome de seu país natal.

Mas, como não podiam esperar que o *Maria Estela* viesse reclamar o animal, começaram a esquartejá-lo. O trabalho foi feito com rapidez, para evitar que o cetáceo começasse a decompor-se. Era fêmea e puderam tirar boa quantidade de leite que passava perfeitamente pelo de vaca. Os dois têm a mesma consistência, gosto, cor e densidade. Pencroft, que já havia trabalhado a bordo de um baleeiro, coordenou o esquartejamento, que durou três dias. Aproveitou-se a carne, bem como enorme quantidade de óleo e todas as barbatanas.

Antes de voltar para o estaleiro, Cyrus teve a ideia de construir certos engenhos que interessaram vivamente a todos. Partiu em seis partes iguais uma dúzia de barbatanas de baleia e afiou uma das extremidades.

— Para que vai servir isso? — perguntou Harbert.

— Para matar lobos e raposas e até mesmo jaguares.

— Não compreendo…

— É fácil — respondeu o engenheiro. — Não é invenção minha. É coisa muito usada pelos caçadores do Alasca. Quando começar a esfriar, vou dobrar essas barbatanas e jogá-las dentro d’água para que fiquem recobertas de camada de gelo que manterá a sua curvatura. Depois, as espalharei na neve, dissimuladas sob camada de gordura. O que acontecerá se um animal faminto engolir essa isca? O calor do seu estômago derreterá o gelo e as barbatanas esticando-se espetarão o animal.

— É realmente engenhoso! — disse Pencroft.

A construção do barco adiantava-se. No fim do mês já se podia ver que seria uma excelente embarcação para enfrentar o oceano. Pencroft trabalhava com ardor sem igual. Só uma natureza robusta como a dele resistiria a tanto trabalho.

Mas seus companheiros preparavam-lhe uma agradável surpresa e no dia 31 de maio iria experimentar uma das maiores alegrias de sua vida.

Naquele dia, depois do jantar, quando já se levantava da mesa, Gideon colocou a mão em seu ombro, dizendo:

— Espere um pouco, mestre Pencroft. O senhor está esquecendo da sobremesa?

— Obrigado, sr. Spillet, mas prefiro voltar para o trabalho.

— Não quer uma xícara de café?

— Também não.

— E um cachimbo?

Pencroft de repente levantou-se e empalideceu vendo Harbert e o repórter oferecendo-lhe um cachimbo e uma brasa. Não conseguia pronunciar palavra. Segurando o cachimbo, deu logo umas cinco ou seis tragadas. Uma nuvem azulada e perfumada espalhou-se nos ares e ele exclamou com voz delirante:

— É tabaco! Tabaco de verdade! Nada mais nos falta nesta ilha.

E Pencroft fumava, fumava, fumava.

— Naturalmente foi você quem fez essa descoberta, não. Harbert? — perguntou o marinheiro.

— Não, foi o sr. Spillet.

— Muito obrigado — disse Pencroft ao repórter, abraçando-o com toda força.

— Ufa! — exclamou Gideon recuperando o fôlego. — Você deve agradecer um pouco a Harbert, que reconheceu a planta, a Cyrus, que a preparou, e a Nab, que guardou o segredo!

— Meus amigos, eu saberei pagar um dia o bem que vocês me fizeram!

25
Documento inesperado

O frio chegou no mês de junho, que corresponde ao de dezembro das regiões boreais. A grande preocupação de todos foi confeccionar roupas quentes e duráveis. Graças a elas, puderam enfrentar sem temor o inverno de 1866.

A baixa temperatura começou a fazer-se sentir no dia 20 de junho. Pencroft foi forçado a interromper a construção do barco, que, aliás, estava bastante adiantada. O marinheiro tinha a ideia fixa de visitar a ilha Tabor. Cyrus não aprovava esse projeto, cujo único fim era a curiosidade. Não esperava encontrar nenhum socorro naquele rochedo deserto e semiárido. Uma viagem daquelas num barco pequeno e por mares desconhecidos não deixava de causar-lhe preocupação. E se a embarcação não pudesse atingir a ilha Tabor nem voltar para a Lincoln? Ficaria perdida no Pacífico, em circunstâncias trágicas!

As primeiras nevadas caíram no fim de junho. As visitas ao curral foram estabelecidas uma vez por semana. As armadilhas foram preparadas de novo e experimentaram-se os engenhos de Cyrus nos limites da floresta, perto do lado para onde iam os animais. O resultado da experiência foi bom. Uma dúzia de raposas, alguns javalis e até mesmo um jaguar foram encontrados mortos, com o estômago perfurado.

No mês de julho o frio foi intenso, mas os colonos não economizaram lenha nem carvão. Cyrus havia colocado outra chaminé na sala e ali passavam as longas noites. Enquanto trabalhavam, conversavam e, quando descansavam, liam.

Durante as tempestades era difícil alguém aventurar-se pela ilha. A queda de árvores era frequente. Mas mesmo assim os colonos não passavam mais de uma semana sem visitar o curral. Felizmente, estava situado em local abrigado pelos

contrafortes do monte Franklin. Mas o galinheiro, que ficava exposto aos ventos de leste, sofreu muito prejuízo. O pombal foi destelhado duas vezes. A cerca teve que ser consertada. A ilha Lincoln parecia estar situada em um mau local do Pacífico. Era o centro de todos os ciclones.

Na primeira semana do mês de agosto as rajadas foram diminuindo e a atmosfera acalmou-se. Com a melhora do tempo, veio o frio intenso, descendo o termômetro a 22 graus centígrados abaixo de zero.

O frio durou ainda uma semana e os colonos só abandonavam a casa para cuidar do galinheiro. Pencroft cuidou de preparar as velas do barco, ajudado por Harbert, com o material do aeróstato. Todo o aparelhamento da embarcação ficou pronto antes que ele estivesse acabado. Até mesmo uma bandeira azul, branca e vermelha foi preparada, com uso de corantes vegetais. Em vez de 37 estrelas, representando os estados da União, Pencroft colocou 38, pois já considerava a ilha Lincoln como parte de seu país.

A estação fria estava terminando. Tudo indicava que aquele inverno iria embora sem que nenhum incidente grave acontecesse quando, na noite de 11 de agosto, o platô Vista Grande foi ameaçado de devastação completa. Depois de um dia trabalhoso, os colonos dormiam profundamente quando, por volta das quatro da manhã, foram despertados pelos latidos de Top.

— Fique quieto, Top — disse Nab, que fora o primeiro a despertar.

Mas o cachorro continuou a latir com furor.

— O que está acontecendo? — perguntou Cyrus.

E todos, vestindo-se com rapidez, correram para as janelas, abrindo-as. Do lado de fora, havia apenas um imenso manto de neve que mal se podia distinguir na escuridão da noite. Os colonos nada viram de estranho, mas ouviram uivos singulares. Era evidente que a praia havia sido invadida por animais.

— Que bichos são esses? — perguntou Pencroft.

— São raposas! — exclamou Harbert.

— Avante! — disse o marinheiro.

E todos, armados de carabinas e revólveres, precipitaram-se para o elevador e desceram. As raposas são animais perigosos quando estão em bandos e famintas, mas os colonos conseguiram fazer com que recuassem dando tiros. O que importava era impedir que os animais subissem no platô, pois os danos que sofreria o galinheiro, e sobretudo a plantação de trigo, seriam irreparáveis. Como

o único acesso ao platô era pela margem esquerda do rio, bastaria fazer barreira entre o rio e a muralha de granito. Os colonos colocaram-se naquela parte estreita do terreno, formando uma parede intransponível. Top, com sua enorme boca aberta, precedia-os, seguido de Jup, que brandia um grande porrete. A noite estava extremamente escura. Era difícil enxergar os assaltantes, cujos olhos faiscavam.

— Não podem passar! — gritou Pencroft.

— E não passarão! — respondeu o engenheiro.

Os animais atacavam com fúria. A muito custo os tiros e cacetadas os detinham. Os colonos chegaram ao ponto de lutar corpo a corpo com eles e sofreram alguns ferimentos. Harbert, com uma coronhada, livrou Nab de uma raposa que o atacara pelas costas. Top lutava valentemente, saltando e mordendo as gargantas dos animais, estrangulando-os. Jup, que tinha capacidade de enxergar no escuro, brandia o cacete com violência. A luta terminou com a vitória dos bravos homens da ilha. O raiar do dia afugentou os últimos animais, que fugiram para o norte. Quando o dia clareou, os colonos puderam contar cinquenta cadáveres de raposas espalhados na praia.

— Jup! — gritou Pencroft. — Onde está você?

O orangotango desaparecera. Nab também o chamou e não obteve resposta. Todos começaram a procurar Jup entre os cadáveres que jaziam sobre a neve. Conseguiram encontrá-lo debaixo de um monte de raposas, cujos maxilares quebrados testemunhavam o tremendo ataque que sofrera o macaco.

— Ainda está vivo! — gritou Nab.

— Nós o salvaremos — disse o marinheiro. — Será tratado como seria qualquer um de nós.

O macaco foi levado por Nab e Pencroft até o elevador e colocado em sua cama, no Palácio de Granito. Depois de limpas as feridas, deitaram-no e deram-lhe para beber algumas xícaras de chá medicinal. Passados alguns dias começou a melhorar.

No dia 25 de agosto ouviu-se a voz de Nab, que dizia:

— Sr. Cyrus, sr. Gideon, sr. Harbert, venham cá!

— O que está acontecendo? — perguntou o repórter.

— Vejam! — disse Nab, apontando para Jup, que, acocorado, fumava como um turco.

— Apanhou meu cachimbo! — exclamou Pencroft. — Mas não tem importância. Pode ficar com ele.

Jup lançava baforadas de fumaça, parecendo sentir enorme prazer. A partir daquele dia, o cachimbo do macaco passou a ser guardado no seu próprio quarto. Ele mesmo o enchia de fumo e acendia com uma brasa, parecendo o mais feliz dos quadrúmanos. E essa semelhança de gostos só serviu para estreitar os laços de amizade que uniam Pencroft ao orangotango.

Com o mês de setembro terminou o inverno e os trabalhos recomeçaram com ardor. A construção do barco estava bastante adiantada. A coberta da embarcação foi dividida em dois cômodos, ao longo dos quais havia dois bancos. O pé do mastro sustentava com pontaletes o tabique que separava os dois cômodos, nos quais se entrava por duas escotilhas que davam para a coberta e que podiam ser fechadas. Pencroft não teve dificuldade para encontrar uma árvore que servisse para a mastreação. Finalmente, as vergas, o mastro da flecha e os remos ficaram prontos na primeira semana de outubro. Decidiu-se, então, experimentar o barco para ver sua resistência, circundando a ilha.

No dia 10 de outubro, o barco foi lançado ao mar. O marinheiro estava radiante. A operação foi coroada de êxito. E todos, sem exceção, escolheram Pencroft para comandante. Faltava encontrar um nome para a embarcação. Depois de muitas propostas, foi escolhido *Boaventura*.

— Vamos embarcar! — gritava Pencroft.

Mas era preciso almoçar antes e até mesmo levar algumas provisões para bordo, caso a experiência se prolongasse até o anoitecer. Cyrus também tinha pressa em experimentar o barco, construído segundo seus planos, embora sob orientação do marinheiro. Entretanto, não depositava na embarcação a mesma confiança do construtor. Tinha certo receio de ver seus companheiros arriscarem-se ao largo, num barco de menos de quinze toneladas!

Às dez e meia, todos estavam a bordo, incluindo Top e Jup, Nab e Harbert levantaram a âncora, presa na areia, perto da embocadura do Providência. A brigantina foi içada e, com a bandeira da ilha tremulando no mastro, o *Boaventura* fez-se ao largo, comandado por Pencroft. Recebendo vento de popa, a embarcação saiu da baía União com velocidade satisfatória. Depois de dobrar a ponta do Destroço e o cabo Garra, Pencroft seguiu a costa meridional, navegando a cinco quartos do vento. Todas as manobras puderam ser feitas com

facilidade. E com o tempo bom que fazia, com a brisa que soprava, o passeio foi bastante agradável.

O *Boaventura* navegava a seis quilômetros da costa. A ilha, então, mostrou-se sob novo aspecto, com o panorama variado do seu litoral, desde o cabo Garra até o promontório do Réptil, com suas florestas de coníferas e com o monte Franklin coroado de neve.

— Então, sr. Cyrus — perguntou Pencroft —, o que acha do nosso barco?

— Parece estar indo bem.

— Acha que poderá aguentar viagem mais demorada?

— Que viagem?

— A ilha Tabor, por exemplo.

— Meu amigo — disse Cyrus —, num caso de necessidade, não duvidaria da resistência do nosso barco até mesmo para viagens mais longas. Mas pode ficar sabendo que não será sem receio que eu o verei partir para a ilha Tabor, uma vez que nada o obriga a ir até lá. Acho que vai arriscar-se sem necessidade.

Pencroft nada respondeu. Pretendia insistir depois sobre o assunto, esperando que algum incidente viesse tornar necessária a viagem que pretendia empreender por simples capricho.

Depois de navegar um pouco, o barco dirigiu-se para o porto Balão. Já estavam apenas a oitocentos metros da costa, em velocidade moderada, quando Harbert, que indicava o caminho a seguir, exclamou:

— Desvie, Pencroft, desvie.

— O que foi? — perguntou o marinheiro levantando-se. — Algum rochedo?

— Não… espere… não vejo bem… incline…

E, dizendo isso, o rapaz mergulhou o braço na água.

— Uma garrafa! — exclamou.

Abrindo a garrafa, Cyrus tirou de dentro um papel úmido, no qual se podia ler:

Naufrágio… Ilha Tabor: 153° O. Long.: 37° 11’ — lat. S.

26
A ilha Tabor

— Um náufrago! — exclamou Pencroft. — Abandonado a centenas de quilômetros de nós. Acho que agora o senhor não fará mais oposição à minha viagem, sr. Cyrus.

— Não! Devemos partir o mais depressa possível.

— Amanhã?

— Sim.

Contornando o cabo Garra, por volta das quatro horas o barco chegou à embocadura do Providência. Naquela mesma tarde, discutiram sobre a nova expedição. Harbert e Pencroft, que conheciam um pouco de navegação, foram escolhidos para a viagem. Partiram no dia seguinte, 11 de outubro, e chegariam à ilha Tabor no dia 13, onde permaneceriam apenas um dia. Cyrus, Nab e Gideon ficariam no Palácio de Granito, aguardando a volta dos companheiros. Mas Gideon protestou, dizendo que preferia ir nadando a perder aquela excelente oportunidade de fazer uma reportagem. Cyrus resolveu, então, deixá-lo partir também.

Todo o resto da tarde foi aproveitado para suprir o *Boaventura* de roupas de cama, utensílios, armas, munições, bússola e víveres suficientes para oito dias. No dia seguinte, às cinco da manhã, os colonos que iam embarcar despediram-se muito emocionados, como também os dois que ficaram. Içando as velas, o marinheiro dirigiu-se para o cabo Garra e, depois de contorná-lo, seguiu para sudoeste. Três horas depois, toda a ilha Lincoln havia desaparecido no horizonte.

O barco navegava bem e rapidamente. Tendo hasteado a vela Pencroft seguia em linha reta, orientado pela bússola. De vez em quando, Harbert substituía o marinheiro no leme e sua mão era tão firme que Pencroft nada tinha a dizer. De

noite, a lua, que devia atingir o quarto crescente no dia 16, apareceu no horizonte por muito pouco tempo. A noite foi escura, mas muito estrelada. Pencroft, por prudência, baixou a vela, não querendo ser surpreendido por alguma brisa mais forte. O repórter dormiu parte da noite. Harbert e Pencroft, de duas em duas horas, revezavam-se no leme. O marinheiro confiava tanto no rapaz quanto em si mesmo, pois Harbert era competente e tinha muito sangue-frio.

A noite passou-se e também o dia 12 de outubro, sendo sempre mantida a direção sudoeste e, se o barco não fosse apanhado por alguma corrente desconhecida, deveria aportar na ilha desejada.

Na noite de 12 para 13 ninguém dormiu. Esperavam com ansiedade avistar terra. Estariam próximos? Ainda encontrariam na ilha o tal náufrago? Quem seria ele? Sua presença não traria problemas para a colônia, tão unida até então? Concordaria em trocar a sua prisão por outra?

— Terra! — gritou Pencroft às seis da manhã.

E, como Pencroft nunca se enganava, era evidente que a terra estava próxima. Que alegria!

Às onze da manhã, a embarcação distava apenas três quilômetros da costa e Pencroft dirigia com extremo cuidado. Podia-se ver toda a ilhota, naquele momento, na qual cresciam gomeiras e outras árvores da mesma espécie das que existiam na ilha Lincoln. Mas o que era de admirar é que não se via nenhuma fumaça indicando que fosse habitada. O *Boaventura* aproximava-se do litoral, seguindo o canal que havia entre os recifes. Pencroft havia confiado a direção a Harbert e examinava com cuidado o caminho. Gideon, com a luneta, examinava a costa, sem nenhum resultado.

Finalmente, por volta de meio-dia, o barco pôde ancorar e a tripulação desembarcou. Não havia dúvida. Estavam na ilha Tabor, pois os mapas mais recentes não assinalavam naquela parte do Pacífico nenhuma outra ilha entre a Nova Zelândia e a costa americana. A embarcação foi solidamente amarrada, para que o refluxo da maré não a levasse, e Pencroft e os dois amigos, bem armados, subiram a costa, almejando atingir uma espécie de cone, de noventa metros de altura, que se elevava a oitocentos metros de distância. Seguiam uma pradaria que terminava no sopé do cone. Vários pombos e andorinhas do mar voavam por ali. No bosque, à esquerda, ouviram o barulho de animais que fugiam. Mas nada indicava que a ilhota fosse habitada.

A escalada do cone foi fácil. Lá de cima, os três homens puderam observar todos os pontos salientes da pequena ilha, que não tinha mais de nove quilômetros e meio de circunferência e cujo perímetro, pouco recortado por cabos, baías ou angras, era de forma oval. O mar estava completamente deserto. Não se via nenhuma terra, nenhuma vela. Aquela ilhota, toda arborizada, não se assemelhava à ilha Lincoln, árida e selvagem de um lado e fértil do outro. Na ilha Tabor, verdadeira massa uniforme de verde dominava duas ou três colinas pouco elevadas. Um riacho corria através da longa pradaria e lançava-se ao mar na costa ocidental, formando estreita embocadura.

— É bem pequena — observou Harbert.

— E, além do mais, parece não ter habitantes — disse o repórter. — Em nenhum lugar nota-se a presença do homem.

— Vamos descer e procurar — propôs Pencroft.

Os três amigos voltaram para onde haviam deixado o barco e dali decidiram partir a pé, para explorar em volta da ilha. Seguiram na direção sul, afugentando bandos de aves aquáticas e focas que mergulhavam apressadamente. A ilhota foi inteiramente contornada em quatro horas. Nenhum sinal de habitação ou de qualquer obra humana foi encontrado.

Pencroft, Gideon e Harbert, formulando hipóteses, jantaram rapidamente a bordo do *Boaventura* e decidiram continuar a excursão que haviam iniciado até o cair da noite. Às cinco horas, aventuraram-se pelos bosques. Os animais, sentindo a presença dos homens, fugiam assustados. Não havia dúvida que homens já haviam estado naquela ilha. Mas quando? No interior da floresta viam-se troncos cortados com machado, mas isso devia ter sido há muito tempo, pois esses troncos estavam cobertos de musgo e o chão, ao seu redor, atapetado de folhas.

— Tudo indica — observou Gideon Spillet — que seres humanos desembarcaram aqui e permaneceram durante algum tempo. Mas onde estarão eles? Quantos seriam? Quantos restarão?

— O documento que encontramos refere-se apenas a um náufrago — lembrou Harbert.

— Se ele ainda estiver aqui, acho que o encontraremos — disse Pencroft.

Seguindo o caminho que cortava diagonalmente a ilha, os três amigos chegaram às margens do riacho que desembocava no mar. Não só os animais

provavam que homens haviam estado naquela ilha. Também os vegetais atestavam isso. Em algumas clareiras podia-se notar que plantas haviam sido cultivadas, embora há algum tempo.

— Acho que o náufrago já foi-se embora — disse Pencroft.

— Então devemos concluir que o documento encontrado na garrafa foi escrito há muito tempo? — perguntou Harbert.

— Evidentemente.

— Vamos para bordo. Amanhã recomeçaremos a exploração.

Realmente, a sugestão do repórter era a melhor e todos já começavam a voltar quando Harbert, apontando para massa confusa de árvores, gritou:

— Uma casa!

Imediatamente todos se dirigiram para o local indicado. À luz do crepúsculo, puderam ver que era construída de tábuas recobertas por um pano alcatroado. A porta, entreaberta, foi empurrada por Pencroft, que rapidamente entrou… A casa estava vazia!

Pencroft, Harbert e Gideon permaneceram em silêncio no meio da escuridão. O marinheiro chamou, mas não obteve resposta. Acendeu, então, um archote e todos puderam ver o interior da sala, completamente abandonada. Num canto, uma lareira bastante malfeita continha cinzas frias e um pouco de lenha. Acesa por Pencroft, a lareira espalhou claridade forte em toda a cabana. Viram, então, uma cama em desordem, cujas cobertas úmidas e amareladas não deviam ser usadas há muito. Num canto da lareira, duas chaleiras cobertas de ferrugem e uma única marmita, virada. Num armário, encontraram algumas roupas de marinheiro, já mofadas. Em cima da mesa, um talher de estanho e uma Bíblia meio estragada pela umidade. Num dos cantos da sala, estavam jogados alguns utensílios, uma pá, uma enxada, uma picareta, duas espingardas de caça, uma das quais quebrada. Numa prateleira havia um barril de pólvora ainda intato, um de chumbo e várias caixas de isca. A grossa camada de poeira indicava que aquilo tudo não era usado talvez há vários anos.

Decidiram pernoitar na cabana. Fechada a porta, conversavam, sempre atentos a qualquer ruído exterior. Se naquele momento alguém entrasse na cabana, certamente não ficariam surpreendidos, apesar do abandono em que se achava. Abraçariam o amigo desconhecido, o náufrago que tanto esperavam!

Mas nenhum ruído foi ouvido e as horas passaram-se sem que a porta se abrisse. Assim que raiou o dia, começaram a examinar a casa. Estava num local verdadeiramente privilegiado, atrás de uma colina, onde cresciam cinco ou seis gomeiras. De sua porta, através das árvores, se avistava o mar. Um gramado, cercado por pedaços de pau que já caíam de podres, levava até o riacho. A cabana fora construída com tábuas que pareciam ter sido tiradas do casco de um navio. Essa hipótese ficou provada quando Gideon, dando uma volta ao redor da cabana, encontrou numa tábua as seguintes letras, meio apagadas: BR.TAN.A.

— Britânia! — exclamou Pencroft. — Mas esse nome é tão comum em navios que não posso saber se era americano ou inglês. Mas isso pouco importa. Se a sua tripulação ainda estiver viva, nós a salvaremos. Não nos interessa a sua nacionalidade. Mas, antes de recomeçar nossa exploração, vamos até o nosso barco.

Pencroft estava um tanto inquieto. Se a ilha fosse habitada, talvez alguém se apoderasse do *Boaventura*… Mas logo deu de ombros, afastando essa hipótese absurda. Por outro lado, agradava ao marinheiro fazer refeição a bordo. Precisavam apenas andar um quilômetro e meio, através do bosque. Aproveitaram, então, para observar todo o caminho que percorriam, mas só viram cabras e porcos. Depois de vinte minutos de caminhada, avistaram a costa oriental da ilha e o *Boaventura*, fortemente ancorado na areia. O marinheiro suspirou aliviado. Subiram a bordo e almoçaram bem, para poderem jantar bastante tarde.

Terminada a refeição, as buscas recomeçaram. Como era mais provável que o habitante da ilha estivesse morto, procuravam encontrar apenas seus vestígios. Mas todo aquele trabalho foi em vão. Se o náufrago morrera, com certeza algum animal feroz o devorara.

— Voltaremos amanhã ao nascer do dia — disse Pencroft aos companheiros.

— Acho que poderemos levar os objetos encontrados aqui — acrescentou Harbert.

— Sou da mesma opinião — opinou Gideon. — A pólvora e o chumbo nos serão de grande utilidade.

— E não nós esqueçamos de capturar um ou dois casais de porcos, nem de levar sementes de legumes — disse o marinheiro.

— Talvez seja melhor permanecermos mais um dia para poder recolher tudo.

— Não, sr. Spillet — replicou Pencroft —, devemos partir amanhã ao nascer do dia. Parece-me que o vento está mudando para oeste e devemos aproveitar.

— Então não devemos mais perder tempo — afirmou Harbert, levantando-se.

— Concordo. Você, Harbert, vai recolher as sementes, enquanto o sr. Spillet e eu caçamos os porcos.

Harbert seguiu o caminho que ia dar à parte cultivada da ilha e o marinheiro e Gideon foram para a floresta. Vários porcos, extremamente ágeis, escaparam aos dois caçadores, que, finalmente, conseguiram encurralar um casal num trecho da floresta cheio de plantas entrelaçadas. Nesse momento ouviram gritos terríveis, a uma centena de passos de onde estavam, na direção norte. A esses gritos misturavam-se grunhidos que nada tinham de humano.

Pencroft e Gideon ficaram atentos aos gritos e os porcos aproveitaram para fugir.

— É a voz de Harbert! — disse o repórter.

— Vamos depressa!

Os dois correram o mais depressa possível e perto de uma clareira viram o jovem aterrorizado por um ser selvagem, sem dúvida um gigantesco macaco, que parecia ter más intenções. Imediatamente trataram de salvar Harbert e amarrar fortemente aquela estranha criatura.

— Está ferido? — perguntou Pencroft ao rapaz.

— Não, não!

— Se esse macaco o tivesse ferido…

— Mas não se trata de um macaco — afirmou Harbert.

Ouvindo isso, o repórter e o marinheiro olharam para o monstro que jazia no chão. Realmente, não era um macaco! Era criatura humana! Mas que homem! Selvagem, na verdadeira acepção da palavra. Parecia ter atingido o último grau de embrutecimento. Cabelo revolto, barba comprida, apenas um farrapo preso na cintura, olhos ferozes, mãos enormes e unhas compridíssimas, pele escura, pés cascudos!

— Será o náufrago que procuramos? — perguntou Harbert.

— Sim, mas nada tem de humano atualmente.

O repórter tinha razão. O isolamento devia ter feito do náufrago um selvagem ou, pior do que isso, um homem-animal. Só emitia sons roucos e seus dentes eram afiados como os dos animais carnívoros. Há muito tempo a memória devia

tê-lo abandonado. Por isso, não sabia mais utilizar-se de suas armas e objetos, nem acender fogo. Seu físico desenvolvera-se em detrimento de suas qualidades morais!

Depois de observá-lo bem, Gideon disse:

— Não importa quem seja ou tenha sido. Acho que é nosso dever levá-lo para a ilha Lincoln.

— Sim — disse Harbert. — Quem sabe se depois de bem cuidado não voltará à razão?

O ente selvagem foi levado para o *Boaventura*, onde foi deixado sob a guarda de Pencroft.

Harbert e Gideon voltaram para a ilhota, a fim de transportar as armas e os utensílios. Dentro de pouco regressaram ao barco, trazendo não só o que encontraram na casa, mas as sementes, alguns animais e dois casais de porcos. O barco estava pronto para levantar âncora no dia seguinte, logo que a maré permitisse.

O prisioneiro foi alojado no quarto da frente e lá permaneceu quieto. Recusou carne cozida, mas comeu com avidez um pato caçado por Harbert. Devorou-o completamente cru.

— O senhor acha que ele vai melhorar? — perguntou Pencroft, sacudindo a cabeça.

— Acho que nossos cuidados poderão fazer com que ele volte à civilização — respondeu Spillet.

No dia seguinte, 15 de outubro, o tempo mudou, como previra Pencroft. O vento, soprando de noroeste, favorecia a volta do *Boaventura*, mas, aumentando sua velocidade, tornava a navegação mais difícil. Às cinco da manhã, a âncora foi levantada e o marinheiro colocou a popa do navio na direção nordeste, dirigindo-se para a ilha Lincoln.

27
Lágrimas de homem

No dia 20 de outubro, após quatro dias de viagem, o *Boaventura* veio ancorar na embocadura do Providência, às sete da manhã. O engenheiro e Nab esperavam os passageiros na margem e mesmo antes que saltassem Cyrus perguntou-lhes:

— Pelo que vejo, não encontraram nenhum náufrago, não é verdade?

— Peço desculpas, sr. Cyrus, mas somos quatro a bordo! — disse Pencroft.

— Então encontraram alguém?

— Sim.

— E trouxeram-no?

— Sim.

— Vivo?

— Sim.

— Mas onde está? Quem é ele?

— Ele é, ou melhor, era um homem. É tudo o que podemos dizer — respondeu o repórter.

O engenheiro, pouco depois, foi posto a par do que se passara na ilhota. E Pencroft terminou dizendo:

— E não sei se fizemos bem em trazê-lo para cá.

— É claro que agiram bem!

— Mas ele parece ser irracional! — disse Pencroft.

— É possível. Mas quem sabe se há poucos meses não era homem como qualquer um de nós? Quem sabe o que acontecerá a quem ficar sozinho nesta ilha? Aquele de nós que sobreviver aos outros poderá ficar no mesmo estado que esse infeliz, por causa do isolamento.

— Mas por que o senhor acha que o embrutecimento dessa criatura data apenas de alguns meses? — perguntou Harbert.

— Porque o documento que encontramos foi recentemente escrito e só poderia ter sido produzido por ele.

— A menos que o tenha sido por algum companheiro que tenha morrido mais tarde — sugeriu o repórter.

— É impossível, meu caro amigo — retrucou Cyrus.

— Por quê?

— Nessa hipótese o documento teria mencionado dois náufragos.

O náufrago da ilha Tabor foi trazido para fora da cabine, com grande pena de Cyrus e espanto de Nab. Logo que chegou em terra mostrou desejo de fugir. Mas Cyrus colocou com autoridade a mão no seu ombro e, olhando-o com doçura, conseguiu que se acalmasse.

O desconhecido ocuparia um dos cômodos do Palácio de Granito, de onde não poderia fugir. Deixou-se levar sem opor resistência. Durante o almoço, Cyrus concordou com seus amigos quanto à nacionalidade do náufrago. Devia ser americano ou inglês.

— Aliás — disse Gideon a Harbert —, você nunca nos disse como o encontrou. Só sabemos que se não tivéssemos chegado a tempo ele o teria estrangulado.

— Nem sei bem como foi. Estava ocupado, colhendo plantas, quando ouvi um barulho, como se algo caísse de árvore bastante alta. Quando me virei, lançou-se sobre mim…

— Meu filho — disse Cyrus —, você realmente correu grande perigo, mas se não fosse isso talvez esse infeliz nunca tivesse sido encontrado. E nós não teríamos mais um companheiro.

— Você espera transformá-lo de novo em homem? — perguntou o repórter.

— Sim!

Terminado o almoço, o engenheiro e seus amigos voltaram para a praia e começaram a descarregar o navio. Mas nenhum dos objetos trazidos serviu para identificar o desconhecido. Os porcos capturados foram logo conduzidos para o curral, onde deveriam aclimatar-se com facilidade. Os barris de pólvora e chumbo, bem como as caixas de iscas, foram bem-vindos. Decidiram guardar a pólvora em outra caverna a fim de evitar explosões. A piroxila continuaria a ser

usada, pois como vinha produzindo efeitos ótimos não havia razão para substituí-la por pólvora. Terminado o descarregamento do barco, Pencroft propôs a Cyrus:

— O senhor não acha melhor colocar o *Boaventura* em local seguro?

— Não acha a embocadura um bom lugar?

— Não, porque fica muito tempo encalhado na areia, o que lhe é prejudicial. Não devemos deixar que se estrague.

— Não pode ficar flutuando no rio?

— Poderia, mas acho a embocadura muito desprotegida. Sofreria muito com o vento e com as ondas. No porto Balão ficaria mais preservado.

— Não acha um pouco distante?

— Está a apenas cinco quilômetros daqui.

— Então leve o barco para lá. Preferia que ficasse aqui para podermos vigiá-lo melhor. Assim que tivermos tempo, vamos construir um pequeno porto para ele.

Harbert e o marinheiro embarcaram no *Boaventura*, levantaram âncora e conduziram-no para o cabo Garra. Duas horas depois estava tranquilamente ancorado no porto Balão.

O desconhecido melhorou nos primeiros dias que passou no Palácio de Granito. Cyrus e Gideon chegaram até a pensar que a razão nunca o abandonara totalmente. Habituado à liberdade e ao ar livre na ilha Tabor, a princípio o prisioneiro rebelou-se. Mas pouco a pouco foi se acalmando e os colonos começaram a lhe dar mais liberdade. Já começara a aceitar carne cozida e Cyrus, aproveitando um momento em que dormia, cortou a sua cabeleira e barba. Os farrapos que trazia sobre o corpo foram substituídos por roupas mais convenientes e seu aspecto já era humano. Até mesmo seu olhar tornou-se mais suave. Todos os dias o engenheiro passava algumas horas em sua companhia, trabalhando, para ver se alguma coisa despertava sua atenção. Procurava, também, falar em voz alta, para que o desconhecido ouvisse bem o som das palavras. A calma do desconhecido era profunda e demonstrava certo apego a Cyrus. Este, certo dia, resolveu levá-lo para outro ambiente, junto do mar, onde devia ter passado tantos anos de sua vida.

Naquele dia, 30 de outubro, fazia calor e um belo sol iluminava a ilha. Cyrus e Pencroft foram até o quarto do desconhecido e encontraram-no perto da janela,

olhando para o céu.

— Venha, meu amigo — disse-lhe o engenheiro.

Levantou-se e seguiu Cyrus. O marinheiro foi atrás, não acreditando muito no êxito da experiência. Os três entraram no elevador e desceram até a praia, onde Nab e Harbert os esperavam. Os colonos afastaram-se um pouco, para deixá-lo em liberdade. Vendo o mar, o desconhecido pareceu animar-se e não tentou fugir. Ficou parado vendo as pequenas ondas morrerem na areia.

— Devemos levá-lo ao platô — disse Cyrus. — Poderemos conseguir melhor resultado.

Chegando ao lugar onde cresciam as primeiras árvores da floresta, o desconhecido pareceu respirar com satisfação aquele ar puro e um suspiro escapou de seu peito. Suas pernas então estenderam-se, mas logo voltaram à sua posição normal… e uma grande lágrima escapou de seus olhos!

— Ah! — exclamou Cyrus. — Você voltou a ser um homem, pois está chorando!

Dois dias depois dessa cena, o prisioneiro começou a participar da vida comum. Era evidente que compreendia tudo o que diziam, mas uma estranha obstinação o impedia de falar. Uma noite, Pencroft encostou o ouvido à sua porta e escutou essas palavras:

— Não! Aqui, eu, nunca!

O marinheiro correu para contar o que ouvira aos companheiros.

— Há algum mistério doloroso nessa história — disse Cyrus.

O desconhecido começara a ajudar nos trabalhos, mas, muitas vezes, interrompia o que estava fazendo e concentrava-se em si mesmo. Ninguém o perturbava, como recomendara o engenheiro. Mas, se por acaso algum dos colonos aproximava-se, o náufrago rompia em soluços. Sentiria remorsos de alguma coisa? Era o que parecia.

No dia 3 de novembro, o desconhecido trabalhava a terra, no platô, perto de Cyrus, quando deixou cair a enxada e começou a chorar. Aproximando-se dele, o engenheiro segurou seu braço e perguntou:

— O que está sentindo, meu amigo?

O desconhecido olhou para Cyrus, como se estivesse hipnotizado. Quis fugir, mas conteve-se. Sua fisionomia, então, transformou-se. Seus olhos faiscavam e

parecia que as palavras queriam escapar de seus lábios. Já não podia mais conter-se!… Finalmente, cruzou os braços e disse, com voz surda:

— Quem são vocês?

— Náufragos como você — respondeu o engenheiro, profundamente emocionado. — Nós o trouxemos para cá, para que você fique entre seus semelhantes.

— Meus semelhantes… Não tenho…

— Você está entre amigos…

— Amigos… eu… amigos! — exclamou o desconhecido escondendo a cabeça entre as mãos. — Não… deixem-me!

Depois, fugiu para o lado do platô, de onde podia ver o mar, e ali permaneceu imóvel por muito tempo. Cyrus fora contar aos companheiros o que acontecera.

Durante duas horas, o desconhecido permaneceu sozinho na praia, lembrando-se do seu passado — sem dúvida funesto —, e os colonos, embora sem o perderem de vista, não o perturbaram. Depois desse isolamento, veio voluntariamente procurar Cyrus. Seus olhos estavam vermelhos, mas não chorava mais. Sua atitude era de humildade e parecia um tanto amedrontado.

— O senhor é inglês?

— Não — respondeu o engenheiro. — Eu e meus companheiros somos americanos. E o senhor?

— Inglês!

Depois de dizer isso, tornou a afastar-se, indo até a embocadura do Providência, demonstrando profunda agitação. Depois, passando perto de Harbert, perguntou:

— Em que mês e ano estamos?

— Em dezembro de 1886.

— Doze anos! Doze anos! — exclamou, afastando-se.

Quando Harbert contou aos companheiros o que o desconhecido lhe perguntara, disse Gideon:

— Esse infeliz não tinha mais noção de tempo.

— Doze anos! — repetiu Cyrus. — Tanto tempo de isolamento, de uma existência maldita, é suficiente para alterar a razão de um homem.

Nos dias que se seguiram, o desconhecido não pronunciou mais nenhuma palavra. Continuou revolvendo a terra, sem descanso, mas sempre afastado.

Embora fosse convidado para comer, preferia alimentar-se com legumes crus. De noite, não ia para seu quarto, preferindo dormir sob as árvores ou embaixo de alguma rocha. Vivia como se estivesse na ilha Tabor. No dia 10 de novembro, por volta das oito da noite, quando começava a escurecer, o desconhecido apareceu de repente diante dos colonos reunidos na varanda. Seus olhos brilhavam estranhamente e seu aspecto não era bom.

— Por que estou aqui? — perguntou ele. — Que direito tinham de tirar-me de lá? Sabem quem sou eu?… O que fiz? Como sabem que não fui abandonado?… Conhecem meu passado?… Sabem se roubei ou assassinei?… Se sou um miserável… um maldito… se devo viver como um animal, longe de todos?

Os colonos escutaram sem interromper a confissão daquele infeliz. Cyrus quis acalmá-lo, aproximando-se dele, mas o homem imediatamente recuou dizendo:

— Não, não! Só quero saber se sou livre!

— Você é livre — respondeu o engenheiro.

— Pois então, adeus!

E fugiu como louco.

— Devemos deixá-lo à vontade — disse Cyrus. — Tenho certeza de que voltará.

Passaram-se os dias e Cyrus continuava afirmando que o infeliz homem voltaria mais cedo ou mais tarde.

— Essa foi a última revolta daquela natureza rude, atormentada pelos remorsos. Não permanecerá muito tempo longe de nós.

Os trabalhos costumeiros continuaram a ser feitos no platô e no curral, onde Cyrus pretendia estabelecer uma fazenda. Os grãos trazidos da ilha Tabor tinham sido semeados e muito bem cuidados. No dia 15 de novembro, foi feita a terceira colheita de trigo, dezoito meses depois de terem semeado o primeiro grão. A segunda colheita, de seiscentos mil grãos, produziu dessa vez mais de quinhentos milhões de grãos! A colônia tinha bastante trigo para consumir, pois bastava dali em diante semear uma dezena de alqueires de trigo para assegurar o fornecimento de alimento para todos os homens e animais. Terminada a colheita, a última quinzena do mês foi destinada aos trabalhos de panificação. Era verdade que tinham o grão, mas não a farinha. Cyrus construiu um simples moinho de vento, no alto do platô, perto da margem do lago.

No dia 3 de dezembro, Harbert foi pescar na margem do lago. Não levava nenhuma arma porque os animais selvagens não costumavam aventurar-se até ali. Pencroft e Nab trabalhavam no galinheiro e Cyrus, juntamente com Gideon, fabricava soda, para fazer sabão, quando se ouviram gritos:

— Socorro! Socorro!

Cyrus e o repórter, que estavam muito longe, não ouviram os gritos, mas Nab e Pencroft largaram tudo e correram para o lago. Mas, antes deles, o desconhecido, que ninguém supunha ali por perto, atravessou o rio Glicerina, que separava o platô da floresta, e correu para auxiliar o rapaz. Harbert estava diante de um imenso jaguar. Sem saber o que fazer, o rapaz encostara-se numa árvore e o animal já armava o bote para atacá-lo quando seu inesperado protetor, armado apenas com uma faca, lançou-se sobre o animal. A luta não demorou muito. O selvagem, dotado de força e destreza surpreendentes, conseguiu segurar a garganta do jaguar com uma das mãos, enquanto enfiava a faca no coração do animal com a outra. O jaguar caiu e o desconhecido empurrou-o com o pé. Já ia fugindo quando Harbert segurou-o, dizendo:

— Não, você não pode ir embora!

Cyrus aproximou-se do desconhecido, que franziu a testa. O sangue escorria abundantemente do seu ombro, mas ele parecia não se importar.

— Meu amigo — disse o engenheiro —, temos uma dívida com você. Para salvar o rapaz, arriscou sua própria vida!

— Minha vida! — murmurou ele. — Ela não vale nada!

— Você está ferido?

— Não importa.

— Quer apertar minha mão?

E, como Harbert procurasse ampará-lo, cruzou os braços. Por um minuto, pareceu querer fugir, mas, fazendo violento esforço, disse em tom brusco:

— Quem são os senhores e o que querem de mim?

Ele queria saber toda a história dos colonos. Contaria a dele depois? Em poucas palavras, Cyrus relatou o que se passara desde a partida de Richmond até aquele momento. O desconhecido ouviu tudo com extrema atenção. Terminando a narrativa, o engenheiro disse que a maior alegria que haviam tido, desde a chegada à ilha Lincoln, fora o encontro de um novo companheiro.

— E agora, já que nos conhece — propôs Cyrus —, quer apertar nossas mãos?

— Não, não! Vocês são honestos, mas eu…

28
A confissão

As últimas palavras ouvidas pelos colonos justificaram os seus pressentimentos. Havia algo de sombrio na vida daquele infeliz. Vivia torturado pelos remorsos. Não se achava digno de apertar as mãos que os colonos lhe ofereciam. Entretanto, depois do incidente do jaguar, não voltou mais para a floresta, permanecendo nos arredores do Palácio de Granito.

No dia 10 de dezembro, uma semana depois de sua volta, o desconhecido aproximou-se de Cyrus e com voz humilde disse:

— Tenho um pedido a fazer.

— Pode falar, mas antes permita-me dizer-lhe que pode contar conosco não como simples companheiros, mas como amigos.

O desconhecido passou a mão sobre os olhos e ficou tremendo, sem poder articular palavra. Finalmente, disse:

— Venho apenas pedir um favor.

— Qual?

— A poucos quilômetros daqui existe um curral. Os animais que estão lá precisam ser cuidados. Consente que eu viva lá?

Cyrus olhou durante alguns instantes o infeliz homem e cheio de comiseração respondeu:

— Mas no curral há apenas estábulos para animais…

— Servem para mim.

— Meu amigo, não queremos contrariá-lo. Se quer viver no curral, pode ir, mas saiba que será sempre bem recebido no Palácio de Granito. E, já que quer permanecer lá, procuraremos instalá-lo o melhor possível.

— Não é preciso.

— Pode deixar por nossa conta.

— Muito obrigado — disse, retirando-se.

O engenheiro contou o que se passara aos companheiros e decidiu construir uma pequena cabana no curral para proporcionar certo conforto ao infeliz. Uma semana depois ficou pronta a pequena casa, levantada a seis metros do estábulo. Dali podia-se vigiar bem os oitenta carneiros que compunham o rebanho. Para lá foram levados móveis, objetos e armas.

O desconhecido deixou que os colonos trabalhassem sozinhos na construção de sua casa. Ficou no platô arando a terra. No dia 20 de dezembro o engenheiro avisou-lhe que sua casa estava pronta. Este respondeu que naquela mesma noite iria para lá.

Às oito horas, os colonos reuniram-se na sala principal do Palácio de Granito. Queriam evitar as despedidas que seriam penosas para o infeliz. Todos conversavam quando ouviram uma batida na porta. O desconhecido entrou na sala e começou a falar:

— Meus senhores, antes de nos separarmos, gostaria de contar a minha história.

Essas palavras impressionaram Cyrus e seus amigos. O engenheiro levantou-se e disse:

— Não exigimos que nos conte nada. Se quiser, pode manter o segredo.

— Acho que é meu dever falar.

— Então se sente e fale.

— Prefiro ficar de pé.

O desconhecido estava num canto da sala, meio protegido pela penumbra. A cabeça descoberta e os braços cruzados no peito. Com voz surda, começou a contar:

“No dia 20 de dezembro de 1854, um iate de luxo ancorou no cabo Bernoulli, na costa ocidental da Austrália. Pertencia ao lorde escocês Glenarvan. A bordo, além do dono, estavam as seguintes pessoas: sua esposa, um major da armada inglesa, um geógrafo francês, um rapaz e uma jovem. Os dois eram os filhos do capitão Grant, cujo navio, *Britânia*, afundara havia mais de um ano. O iate, que se chamava *Duncan*, era comandado pelo capitão John Mangles e sua tripulação era de quinze homens. Vou contar por que esse iate se encontrava na costa australiana, no paralelo 37. Seis meses antes, uma garrafa fora recolhida pelo

Duncan e nela havia uma mensagem escrita em inglês, alemão e francês. Dizia que três passageiros do *Britânia* haviam sobrevivido, o capitão e dois tripulantes, e que estes haviam encontrado refúgio numa terra cuja latitude estava consignada. Infelizmente, a longitude fora apagada pela água do mar. A latitude era 37 graus e onze minutos, sul. Como a longitude era desconhecida, só restava seguir o paralelo 37, por mares e continentes, para encontrar os náufragos. O almirantado inglês hesitava em tomar uma decisão, quando lorde Glenarvan resolveu encontrar o capitão perdido. Mandou preparar seu iate para a longa travessia, da qual participariam sua família e os filhos do capitão Grant. Saindo de Glasgow, o *Duncan* dirigiu-se para o Atlântico, dobrou o estreito de Magalhães e subiu o Pacífico até a Patagônia, onde, de acordo com a primeira interpretação do documento, o capitão teria sido feito prisioneiro de indígenas. A embarcação deixou os passageiros na costa ocidental da Patagônia e seguiu para tornar a apanhá-los na costa oriental do cabo Correntes. Lorde Glenarvan atravessou a Patagônia, seguindo o paralelo 37, mas não encontrou vestígios do capitão. Tornou a embarcar no dia 13 de novembro, para continuar as buscas. Depois de ter visitado, sem êxito, as ilhas de Tristão da Cunha e Amsterdã, o iate chegou ao cabo Bernoulli, em 20 de dezembro de 1854. A intenção de lorde Glenarvan era atravessar a Austrália como havia feito com a América. Então desembarcou. Um fazendeiro irlandês, que possuía uma propriedade a poucos quilômetros da costa, ofereceu hospitalidade aos viajantes. O dono do iate aproveitou a ocasião para contar ao irlandês a finalidade de sua viagem e ao mesmo tempo perguntar se ouvira falar do naufrágio de um navio chamado *Britânia*, ocorrido há pouco menos de dois anos, na costa oeste da Austrália. O fazendeiro respondeu que nunca ouvira falar daquele navio, mas, para surpresa de todos, um dos seus criados disse:

— Meu senhor, agradeça a Deus se encontrar o capitão Grant vivo. Ainda existe e deve estar aqui na Austrália.

— Quem é o senhor? — perguntou o lorde.

— Um escocês, como o senhor. Fui um dos companheiros do capitão que procura.

O homem chamava-se Ayrton e fora o contramestre do *Britânia*, apresentando documentos para provar. Tendo perdido de vista o capitão desde o momento em

que o navio se quebrara de encontro aos recifes, acreditara que este morrera, juntamente com toda a tripulação.

— Entretanto — continuou ele —, o naufrágio ocorreu na costa leste da Austrália e não na oeste, como diz o documento. Se o capitão ainda vive, deve estar prisioneiro dos indígenas que habitam a outra costa.

O homem que falava tinha voz firme e olhar seguro. Não se podia duvidar do que dizia. Lorde Glenarvan resolveu confiar nele e decidiu atravessar a Austrália, seguindo o paralelo 37. Foi organizada uma pequena caravana, composta pelo lorde, sua esposa, os dois jovens, o major, o geógrafo, o capitão Mangles e alguns marinheiros. O chefe era Ayrton. O *Duncan*, sob as ordens de Tom Austin, imediato, iria para Melbourne aguardar ordens do dono.

A caravana partiu no dia 23 de dezembro de 1854.

Já é tempo de dizer que Ayrton era um patife. Fora, realmente, contramestre do *Britânia*, mas, por ter tentado motim a fim de apoderar-se do navio, foi expulso pelo capitão no dia 8 de abril de 1852 na costa oeste da Austrália. Portanto, o miserável nada sabia do naufrágio do *Britânia*. Desde o seu desembarque, tomara o nome de Ben Joyce e tornara-se o chefe dos foragidos condenados. Atraindo o lorde para a costa leste, planejava apenas separá-lo do iate para poder apoderar-se do mesmo e torná-lo um navio pirata do Pacífico."

Nesse momento, o desconhecido interrompeu sua narrativa. Depois, com voz trêmula, recomeçou:

"A expedição não teve êxito, como era de supor, pois Ayrton ou Ben Joyce, como queiram chamá-lo, era quem a dirigia, sempre auxiliado pelos foragidos condenados. Enquanto isso, o *Duncan* fora enviado a Melbourne para reparos. Era preciso convencer lorde Glenarvan a mandar buscar o iate e levá-lo para a costa leste, onde seria fácil roubá-lo. Depois de levar a caravana para bem perto dessa costa, e de fazê-la atravessar florestas imensas, Ayrton conseguiu que o lorde escrevesse uma carta para seu imediato, ordenando que o barco fosse levado para a baía Twofold, que ficava perto do local onde estava a caravana. No momento em que ia receber a carta, o patife foi desmascarado e só teve uma saída: fugir. Mas antes disso conseguiu apoderar-se da mensagem e dois dias depois chegou a Melbourne. Até aquele momento o criminoso havia conseguido tudo o que desejara. Conduzir o navio até a baía onde os cúmplices o esperavam seria coisa fácil. Depois de dominada a tripulação, Ben Joyce se transformaria

em dono dos mares… Mas Deus não permitiria que ele conseguisse realizar seus planos funestos. O imediato, assim que recebeu a carta, tratou de partir. Mas não se pode calcular a fúria de Ayrton quando viu, no dia seguinte, que Tom conduzia o navio para a costa da Nova Zelândia e não para a baía Twofold. Protestou, mas o imediato mostrou-lhe as ordens recebidas e, com efeito, por erro providencial do geógrafo francês, a carta indicava a costa da Nova Zelândia como destino. Todos os planos de Ayrton falharam! Tentou revoltar-se, mas foi preso e levado para a Nova Zelândia, sem saber o que acontecera aos seus cúmplices e a lorde Glenarvan. O *Duncan* navegou naquela costa até o dia 3 de março. Nesse dia, Ayrton ouviu tiros disparados pelos canhões do iate. Dentro de poucos minutos, lorde Glenarvan e todos os seus estavam a bordo.

Eis o que aconteceu. Após uma viagem cheia de perigos e bastante penosa, os componentes da caravana haviam chegado à baía Twofold, onde não encontraram nem sinal do *Duncan*. Telegrafando para Melbourne, o lorde recebera a seguinte resposta: ‘*Duncan* partiu dezoito do corrente destino desconhecido.’ Glenarvan só teve um pensamento: seu iate caíra nas mãos de Ben Joyce e transformara-se em um navio pirata! Embarcou num navio mercante para a costa oeste da Nova Zelândia e atravessou o paralelo 37 sem, contudo, encontrar nenhum traço do capitão Grant. Mas, passando para a costa leste, teve a surpresa de encontrar o *Duncan*, que o esperava há cinco semanas, sob o comando do imediato.

Ayrton foi trazido à presença do lorde, que tentou tirar dele alguma informação sobre o capitão desaparecido. Mas o traidor permaneceu mudo e nem mesmo as ameaças de entregá-lo às autoridades inglesas o fizeram falar. O *Duncan* continuou a seguir o paralelo 37. Enquanto isso, a sra. Glenarvan tentava vencer a resistência de Ayrton. Finalmente, este concordou em falar, sob a condição de ser deixado numa ilha do Pacífico em vez de entregue às autoridades inglesas. Contou toda a sua vida, mas deixou bem claro que não sabia do paradeiro do capitão, desde o dia em que fora desembarcado na costa australiana. Por outro lado, lorde Glenarvan manteve a palavra. Tendo chegado à ilha Tabor, decidiu deixar ali o tratante e, por feliz coincidência, foi justamente ali que encontrou o capitão Grant e seus dois companheiros. Deixando o condenado na ilha, lorde Glenarvan pronunciou as seguintes palavras:

— Aqui, Ayrton, você ficará completamente isolado, sem meios de comunicação com seus semelhantes. Ficará só, apenas com Deus, que vive no fundo do coração de todos nós, mas você não será ignorado nem ficará perdido como esteve o capitão Grant. Por mais indigno que você seja da lembrança dos homens, pode estar certo de que eles não o esquecerão. Eu sei onde você está. Saberei encontrá-lo. Não o esquecerei jamais!

E o *Duncan* logo desapareceu no horizonte. Era o dia 18 de março de 1855. Ayrton ficara só, mas não lhe faltaram armas, utensílios e comida. Tinha a casa construída pelo capitão e só lhe restava permanecer ali para expiar seus crimes.

Ayrton arrependeu-se de tudo que fizera e sentiu-se muito feliz naquela ilha. Disse a si mesmo que, se um dia os homens viessem buscá-lo, seria necessário que ele fosse digno de acompanhá-los. Como sofreu o infeliz! Como trabalhou para regenerar-se! Como rezou! Durante dois ou três anos agiu dessa maneira. Mas, pouco a pouco, foi ficando desanimado, sempre olhando o horizonte para ver se algum navio aparecia. Como é dura a solidão para uma alma roída pelos remorsos! Mas o céu ainda não o havia castigado bastante. Pouco a pouco, sentiu que se ia tornando selvagem! Não posso dizer com exatidão se foi dois ou quatro anos depois do isolamento que ficou embrutecido. Só posso dizer que se transformou no miserável que os senhores encontraram!

Penso que não preciso dizer que Ayrton ou Ben Joyce e eu somos a mesma pessoa!"

— Ayrton — disse Cyrus —, você cometeu grandes crimes, mas o céu já o castigou bastante. E a prova disso foi o milagre de termos podido trazê-lo para o nosso meio. Já está perdoado! E agora, aceita a nossa amizade?

Ayrton recuara um pouco.

— Aperte a minha mão — disse o engenheiro.

Ayrton precipitou-se para apertar a mão que lhe era estendida, chorando copiosamente.

— Não quer morar conosco agora?

— Sr. Cyrus, prefiro ficar ainda algum tempo sozinho.

— Faça como achar melhor!

Ayrton já ia embora quando Cyrus perguntou:

— Responda-me uma coisa, amigo. Se queria viver isolado, por que jogou no mar aquele documento que nos forneceu seu paradeiro?

— Documento? — perguntou Ayrton parecendo não entender.

— Sim, um papel que encontramos dentro de uma garrafa, com a posição da ilha Tabor.

Ayrton passou a mão na testa e disse:

— Eu nunca joguei nenhuma garrafa ao mar!

— Nunca? — perguntou Pencroft.

— Tenho certeza!

E, dizendo isso, inclinou-se e foi-se embora.

No dia seguinte, 21 de dezembro, os colonos desceram até a praia e dirigiram-se para o platô. Não encontraram Ayrton e acharam melhor não perturbá-lo indo até o curral.

Chegou o mês de janeiro. Os trabalhos de verão continuaram a ser executados. Harbert e Gideon, tendo ido até o curral, viram que Ayrton se instalara na cabana que lhe fora preparada. Graças ao cuidado que dispensava aos animais, os colonos não precisavam mais enfrentar a árdua viagem até lá, de três em três dias. Contudo, para não deixar o amigo isolado demais, sempre iam visitá-lo. Todos sabiam que aquela parte da ilha devia estar sob constante vigilância. Se alguma coisa de extraordinário acontecesse, Ayrton certamente os avisaria. Mas poderia acontecer alguma coisa que pedisse intervenção urgente, como, por exemplo, a passagem de um navio, um naufrágio na costa oeste, piratas… Levando tudo isso em conta, Cyrus resolveu estabelecer um meio de comunicação entre o curral e o Palácio de Granito. No dia 10 de janeiro, disse aos companheiros o que pretendia fazer.

— Será que o senhor pretende instalar um telégrafo? — perguntou Pencroft.

— Exatamente!

— Elétrico?

— Sim. Temos todos os elementos necessários para fazer uma pilha e os fios.

O telégrafo ficou completamente instalado no dia 12 de fevereiro. Cyrus inaugurou-o perguntando se tudo ia bem no curral. Logo em seguida veio a resposta afirmativa de Ayrton.

Pencroft exultava. Todas as manhãs não deixava de mandar telegrama para o curral e nunca deixava de receber resposta. O telégrafo teve duas grandes vantagens: a de poderem os colonos certificar-se da presença de Ayrton no curral e a de não mantê-lo em isolamento completo. Aliás, Cyrus não deixava de ir

visitar o novo companheiro uma vez por semana e este também costumava ir até o Palácio de Granito, algumas vezes.

A boa estação foi bem aproveitada para a realização de vários trabalhos. As reservas, principalmente de cereais e legumes, cresciam dia a dia. As plantas trazidas da ilha Tabor brotavam maravilhosamente. A quarta colheita de trigo foi um sucesso. Os hóspedes do galinheiro eram numerosos e os porcos haviam dado muitas crias. Os onagros já possuíam dois filhotes.

Várias excursões foram feitas às partes inexploradas da ilha. O engenheiro observava tudo com extrema atenção, procurando vestígios não de animais, mas de alguma coisa que pudesse explicar todos os mistérios da ilha. Mas nunca encontrava nada de suspeito e nem Jup nem Top, que sempre o acompanhavam, davam sinais de perceber alguma coisa estranha. No entanto, Top, por mais de uma vez, ainda latia para aquele poço já explorado sem que nada tivesse sido encontrado!

Foi naquela mesma época que Gideon, aproveitando a máquina fotográfica encontrada na caixa naufragada, tirou algumas fotografias da ilha, auxiliado por Harbert. Além da máquina, a caixa continha todas as substâncias necessárias para a revelação dos filmes. Até mesmo os papéis, já cloretados, foram encontrados. Bastava, antes de colocá-los sobre os negativos, mergulhá-los durante alguns minutos em nitrato de prata e água.

No mês de março terminaram os dias quentes. O tempo começou a ficar chuvoso, embora ainda não fizesse frio. Parecia anunciar-se um inverno rigoroso e precoce.

No dia 26 de março os colonos comemoraram o segundo aniversário do naufrágio!

29
Surge um navio

Dois anos! Havia dois anos que os colonos se encontravam naquela ilha, sem nenhuma comunicação com seus semelhantes! A imagem da pátria ausente estava sempre diante de seus olhos. O que estaria acontecendo lá? Ainda continuaria a guerra civil que tanto ensanguentara o país? Durante todo esse tempo, nenhum navio passara perto da ilha, o que indicava que não se encontravam na rota dos navios que cruzavam aquela parte do oceano. Os colonos não podiam esperar ser um dia repatriados, pois o oceano que os rodeava estava sempre deserto!

Enquanto não chegavam os dias tempestuosos, ficou decidido que seria feita uma viagem ao redor da ilha. Os colonos conheciam muito mal as costas oeste e norte, que iam da embocadura do rio Cascata até os cabos Mandíbula. Também mal conheciam a estreita baía que havia entre os dois. Pencroft tivera a ideia de fazer essa excursão e Cyrus concordara plenamente, pois desejava conhecer todo o seu domínio.

Cyrus convidou Ayrton para a viagem, mas ele preferiu ficar em terra. Permaneceria em companhia de Jup, no Palácio de Granito, durante a ausência dos companheiros.

O *Boaventura*, ancorado no porto Balão, foi preparado para a excursão e no dia 16 de abril levantaram âncora. A viagem foi iniciada com vento sudoeste. A costa sul, que ia desde o promontório até o porto, media 32 quilômetros. Para atingir o promontório, o barco levou o dia inteiro. Só de noite conseguiram contornará-lo. Como a finalidade da excursão era reconhecer o litoral, todos concordaram em não viajar durante a noite. Sempre que o tempo permitisse, passariam as noites ancorados, perto de terra. O vento diminuiu com a chegada

da noite e todos, exceto o marinheiro, dormiram. Não estavam tão confortavelmente instalados quanto no Palácio de Granito, mas assim mesmo passaram uma boa noite.

Os colonos já conheciam aquela costa arborizada, que já haviam percorrido a pé. O barco navegava vagarosamente para que todos pudessem observar bem. Pencroft só precisava tomar cuidado para evitar os troncos que flutuavam por ali. Ao meio-dia o *Boaventura* chegou à embocadura do rio Cascata. Um pouco além, na margem direita, as árvores reapareceram mais espaçadas e quatro quilômetros adiante apenas havia bosques isolados entre os contrafortes ocidentais do monte.

Todos os caprichos da natureza estavam presentes naquela costa grandiosa, que media mais ou menos catorze quilômetros. Cyrus e seus companheiros, estupefatos, tudo observavam. Apenas Top latia, provocando o eco daquelas muralhas de basalto. O engenheiro pôde observar que esses latidos eram um tanto estranhos, semelhantes aos que o cachorro costumava dar perto do poço do Palácio de Granito.

— Aproximemo-nos da costa — disse o engenheiro.

O barco chegou o mais perto possível. Cyrus procurou ver se havia ali alguma gruta que pudesse abrigar algum ser, mas nada descobriu. Como Top parou de latir, o engenheiro ordenou que a viagem continuasse. A costa noroeste da ilha era mais arenosa, mais plana. Poucas árvores elevavam-se naquela terra pantanosa, cheia de aves aquáticas.

Naquela noite, o *Boaventura* permaneceu bem perto da costa, pois as águas naquele local eram muito profundas. A noite foi bastante calma, pois a brisa cessou com o cair da tarde e só recomeçou de madrugada. Como era fácil ir até a costa, Harbert e Gideon desembarcaram e voltaram depois de duas horas, trazendo alguns patos e outras aves.

Às oito da manhã, a embarcação, aproveitando o vento, dirigiu-se para o cabo Mandíbula norte. A brisa mostrava tendência para aumentar.

— Não ficaria admirado se viesse alguma rajada oeste — disse Pencroft. — Ontem, quando o sol se pôs, o horizonte estava muito vermelho e agora de manhã estou vendo nuvens que não trazem bons presságios.

Realmente, havia vários cirros espalhados no céu a cerca de quinze mil metros acima do nível do mar.

— Bem — disse Cyrus —, icemos todas as velas e vamos procurar refúgio no golfo Tubarão. Ali o nosso barco estará seguro. Gostaria de passar não apenas a noite, mas o dia inteiro nessa baía, que merece ser explorada.

— Acho que seremos obrigados a isso, pois o horizonte está bem ameaçador a oeste.

— Ainda bem que temos bastante vento para alcançar o cabo Mandíbula — observou o repórter.

— Temos vento muito bom — disse Pencroft —, mas para entrar no golfo, que não conheço, gostaria de ter um pouco de claridade. Suas águas devem estar cheias de recifes.

— Pencroft — resumiu Cyrus —, faça o que achar melhor. Confiamos em você!

— Pode ficar tranquilo. Que horas são?

— Dez horas.

— Quantas milhas marítimas precisamos percorrer?

— Cerca de quinze mil — respondeu o engenheiro.

— Levaremos então duas horas e meia — disse o marinheiro. — Só chegaremos ao golfo entre meio-dia e uma hora, justamente quando a maré vai começar a mudar. Acho que vai ser difícil entrarmos lá, tendo o vento e o refluxo da maré contra nós!

— Tanto mais que hoje é dia de lua cheia — observou Harbert. — E no mês de abril as marés são muito fortes!

— E não podemos atingir a ponta do cabo? — perguntou Cyrus.

— Isso seria o mesmo que encalhar — respondeu Pencroft.

— Então o que devemos fazer?

— Vou tentar esperar a mudança da maré, ao largo. A maré cheia deverá começar às sete horas e pode ser que ainda haja um pouco de claridade. Caso esteja muito escuro, passarei a noite de um lado para o outro e só entrarei amanhã ao nascer do sol.

— Torno a dizer que confiamos em você.

Tudo se passou como Pencroft previra. O vento aumentara de intensidade e chegou a atingir a velocidade horária de sessenta quilômetros. O *Boaventura* chegara ao golfo justamente quando o refluxo estava bastante forte. Içando a vela triangular, o marinheiro esperou ao largo o amanhecer.

Chegando a madrugada, o vento que se acalmara voltou a soprar mais forte e Pencroft pôde facilmente entrar no porto. Às sete da manhã, o *Boaventura*, tranquilamente, entrou na baía, emoldurada por estranhas formações de lavas.

— Que belo porto! — exclamou Pencroft.

— É curioso — disse Cyrus — que este golfo tenha sido formado por dois corredores de lavas produzidas por erupções sucessivas. Ele está completamente abrigado dos ventos e em qualquer tempo o mar aqui está sempre manso.

— É verdade. O vento só pode entrar aqui por um corredor estreito. Nosso navio poderia permanecer o ano inteiro aqui, sem nem precisar de âncora.

— Estamos na garganta do tubarão — observou Nab, aludindo à forma do golfo.

— Está com medo que o tubarão feche a boca e nos engula? — perguntou Harbert.

— Não. Mas esse golfo não me agrada muito! Tem um aspecto estranho!

— As águas aqui serão profundas? — perguntou Cyrus.

O marinheiro jogou ao mar a comprida corda que lhe servia de sonda, na qual estava amarrado pequeno pedaço de ferro. A corda, que media cerca de cem metros, não conseguiu atingir o fundo do mar.

— Este golfo parece verdadeiro abismo — observou Cyrus Smith. — Mas, se levarmos em conta a origem plutônica da ilha, não devemos estranhar tais depressões.

— Eu só penso que falta uma coisa importante nesta baía — disse Gideon.

— O que é?

— Uma abertura qualquer que permitisse a entrada para o interior da ilha. Não vejo um só ponto onde alguém possa desembarcar.

Era verdade. Os passageiros do *Boaventura* não encontraram um só lugar para desembarcar. Pencroft consolou-se, dizendo que com dinamite poderiam abrir caminho entre aquelas rochas. Depois, vendo que nada poderiam fazer ali, tratou de levar o barco para fora. Eram duas da tarde.

— Ufa! — exclamou Nab aliviado.

O corajoso negro não parecia sentir-se bem dentro daquele maxilar de tubarão.

O *Boaventura*, com todas as velas içadas, seguia a costa a um quilômetro e meio e dirigia-se para o Palácio de Granito. Depois das rochas de lava,

apareceram dunas caprichosas, muito frequentadas por aves marítimas. Às quatro horas, Pencroft deixou à sua esquerda a ponta da ilhota e entrou no canal que a separava da costa. Às cinco, a embarcação foi ancorada na areia da embocadura do Providência. Havia três dias que viajavam. Foram recebidos alegremente por Ayrton e Jup, que se encontravam na praia.

Todo o litoral da ilha fora explorado e nada de estranho havia sido encontrado. Se algum ser misterioso habitava aquela ilha, deveria viver nos bosques impenetráveis da península Serpentina, onde os colonos não haviam ainda se aventurado. Spillet conversou com Cyrus Smith acerca da necessidade de chamar a atenção dos companheiros para todos aqueles acontecimentos inexplicáveis ocorridos na ilha. O engenheiro concordou com ele.

Alguns dias depois, na noite de 25 de abril, quando todos estavam reunidos, Cyrus falou:

— Considero meu dever, amigos, chamar a atenção de todos para certos fatos passados aqui na ilha, que podemos classificar como sobrenaturais…

— Sobrenaturais! — exclamou o marinheiro soltando uma baforada. — Será nossa ilha sobrenatural?

— Não, Pencroft, mas misteriosa ela é, a não ser que você possa encontrar explicação para fatos que Spillet e eu não conseguimos compreender até agora.

— Pode falar, sr. Cyrus — respondeu o marinheiro.

— Está a par das circunstâncias misteriosas que cercaram o meu encontro, depois do naufrágio. Como poderia eu ter andado tanto para o interior e não me lembrar de nada?

— O senhor pode ter esquecido tudo depois de demasiado…

— Não acho admissível tal hipótese. Mas vamos adiante. Como pôde Top descobri-los, a mais de oito quilômetros de onde me encontrava?

— O instinto… — respondeu Harbert.

— Instinto muito estranho — observou o repórter —, pois, embora ventasse e chovesse, Top chegou à Chaminé completamente seco e sem manchas de lama.

— E como explicar que nosso cachorro tivesse sido atirado para o alto, depois da luta que teve com o dugongo nas águas do lago?

— Também não tem explicação o ferimento do dugongo, que parecia ter sido feito por um instrumento cortante — disse Pencroft.

— E o grão de chumbo encontrado no pecari? E a caixa encontrada sem sinal de naufrágio nas proximidades? E a garrafa com o bilhete? E como explicar que a canoa tivesse arrebentado as amarras e descido o rio, no momento em que necessitávamos dela? Como nos foi jogada a escada depois daquela invasão dos macacos? Como chegou às nossas mãos o documento que Ayrton afirma nunca ter escrito?

Os colonos entreolhavam-se surpresos, não sabendo como explicar todos aqueles incidentes.

— O senhor tem razão — disse Pencroft a Cyrus. — São coisas inexplicáveis!

Todos os colonos concordaram. Havia um mistério na ilha! Havia uma força oculta favorável aos colonos, mas que espicaçava a curiosidade de todos! Haveria algum ente misterioso escondido nas profundezas da ilha? Cyrus lembrou aos companheiros a atitude estranha de Top e também a de Jup quando rondavam o poço existente na caverna que habitavam. Contou que ele mesmo já havia explorado aquela cavidade sem descobrir nada.

Terminada a exposição de todos esses acontecimentos estranhos, os colonos tomaram a decisão de explorar todos os recantos da ilha, assim que chegasse a primavera. Daquele dia em diante, Pencroft mostrou-se um tanto preocupado. Achava que a ilha não pertencia apenas aos colonos. Conversando com Nab, dizia reconhecer a existência de um poder sobrenatural, ao qual se sentia submisso.

Com o mês de maio chegou o mau tempo. O inverno começava cedo e ameaçava ser muito frio. Os colonos estavam preparados para receber o inverno, por mais rigoroso que fosse. Não lhes faltavam roupas de feltro, fabricada com lã dos numerosos carneiros. Até mesmo Ayrton ganhara roupas quentes. Cyrus convidara-o a passar a estação fria no Palácio de Granito e ele concordara.

Vivendo no Palácio de Granito, Ayrton participava da vida comum, ajudando bastante os colonos. Mas, sempre triste e humilde, não se divertia junto com os outros.

Esse terceiro inverno obrigou os colonos a não sairem de casa. As tempestades eram tão fortes que pareciam abalar as rochas. Por duas vezes o rio Providência engrossou tanto que ameaçou derrubar as pontes existentes. Marés imensas cobriam grande parte da ilha. Qualquer navio que estivesse nas proximidades estaria completamente perdido! As fortes ventanias causaram

grandes prejuízos. O moinho e o galinheiro foram as partes mais afetadas. Várias providências foram tomadas para que as aves não morressem. Trabalho não faltou durante o inverno, dentro e fora de casa. Algumas caçadas foram feitas no pântano das tadornas. Spillet e Harbert não perdiam um tiro e, ajudados por Jup e Top, trouxeram vários patos, narcejas, cercetas e outras aves.

Dessa maneira, passaram-se os meses de inverno, que foram realmente muito frios. Durante todo o inverno nada aconteceu de estranho. Top e Jup nem sequer tinham rondado o poço ou dado sinal de inquietude. Parecia que os incidentes sobrenaturais tinham terminado. Entretanto, continuava de pé a decisão de explorar todos os recantos da ilha. Mas acontecimento da maior gravidade veio modificar os planos de Cyrus.

No mês de outubro começaram os dias agradáveis. No dia 17 desse mês, por volta de três horas, seduzido pela pureza do céu, Harbert teve a ideia de fotografar a baía da União, que ficava diante do platô Vista Grande e que ia do cabo Mandíbula até o Garra. O horizonte estava limpo, e o mar, suavemente ondulado por uma brisa. Harbert pousou a máquina numa das janelas da casa e depois foi revelar a fotografia. Observando-a, viu um pequeno ponto, quase imperceptível, que aparecia no horizonte. Tentou fazer desaparecer tal mancha, mas não conseguiu.

“Deve ser algum defeito”, pensou ele.

Por curiosidade, foi examinar a fotografia com lente forte e de repente deu um grito, deixando cair a fotografia. Correndo para o quarto de Cyrus, entregou-lhe a lente e a fotografia, apontando-lhe a pequena mancha.

Cyrus, depois de examinar o ponto, precipitou-se para a janela levando sua luneta. Após haver percorrido lentamente o horizonte, apenas pronunciou uma palavra: navio!

E, com efeito, um navio aproximava-se da ilha Lincoln!

TERCEIRA PARTE

30
Seis contra cinquenta

Havia dois anos e meio que os náufragos se encontravam isolados na ilha Lincoln. Não tinham podido comunicar-se com ninguém. Apenas Ayrton viera juntar-se aos membros da pequena colônia. Entretanto, naquele 17 de outubro outros homens apareciam de repente, naquele mar até então deserto!

Não havia dúvida. Um navio cruzava o oceano deserto! Mas passaria ao largo? Cyrus e Harbert chamaram os companheiros, que se encontravam reunidos na grande sala da casa, e puseram-nos a par do que acontecia. Pencroft, tomando a luneta, percorreu rapidamente o horizonte e disse:

— Com mil diabos! É um navio!

— Será que virá até nós? — perguntou Gideon Spillet.

— Ainda não posso dizer — respondeu o marinheiro —, pois apenas os seus mastros aparecem no horizonte. Nenhum pedaço do casco está à vista.

Durante bastante tempo permaneceram silenciosos, entregues aos seus pensamentos, emoções, temores e esperanças produzidos por aquele incidente, sem dúvida o mais importante já ocorrido na ilha Lincoln desde a queda do aeróstato. Os colonos não estavam na situação de náufragos perdidos em uma ilha estéril, que só sobreviveriam se fossem salvos por algum navio. Pencroft e Nab consideravam-se tão ricos que com muita pena deixariam a ilha. Todos haviam se adaptado bem à vida na ilha que com inteligência tinham civilizado. Mas, afinal de contas, um navio aproximava-se. Talvez trouxesse notícias de sua pátria distante e o coração de todos batia fortemente.

De vez em quando, Pencroft pegava a luneta e examinava com extrema atenção o navio que ainda estava à distância de trinta quilômetros, a leste. Os colonos não tinham meio de assinalar a sua presença. Uma bandeira ainda não

seria vista, tiro não seria ouvido e fumaça passaria despercebida. Mas uma coisa era certa: aquela ilha, dominada pelo monte Franklin, não poderia escapar aos olhos dos marinheiros. Mesmo assim, por que atracariam naquele lugar? Naturalmente, apenas o acaso levava aquela embarcação até a zona deserta do Pacífico, cujos mapas não consignavam outra ilha além da Tabor. E, assim mesmo, esta não ficava na rota normalmente seguida pelos navios que serviam os arquipélagos polinésios, a Nova Zelândia e a costa americana.

— Não será o *Duncan*? — sugeriu Harbert.

Era bem possível que Glenarvan, cumprindo o que prometera, tivesse vindo buscar Ayrton. E, como a ilha Lincoln não estava tão longe da Tabor, era bem possível que fosse o iate escocês o navio que viam ao longe.

Durante mais de uma hora os colonos ficaram na incerteza da rota seguida pelo navio. Puderam, entretanto, verificar que ele aproximara-se um pouco, sem, contudo, poder calcular a sua marcha. Como soprava vento nordeste, era provável que procurasse aproximar-se da terra, pois o mar calmo não oferecia perigo.

A ansiedade que todos experimentavam não permitia que nenhum trabalho fosse executado. Gideon e Pencroft eram os mais nervosos, andando de um lado para o outro sem parar. Harbert sentia uma curiosidade tremenda. Nab conservava sua calma habitual, esperando as determinações do patrão. O engenheiro permanecia calado, parecendo temer e não desejar a chegada do navio.

A embarcação aproximou-se mais um pouco e, com o auxílio da luneta, puderam verificar que se tratava de navio de longo curso e não de pequeno navio pirata malaio. Pencroft, depois de observar atentamente, afirmou que o navio se dirigia para a baía da União.

Ayrton, com a luneta, procurou ver se o navio que avistavam era ou não o *Duncan*, que naquele momento não estava a mais de dezesseis quilômetros. Deixando cair a luneta, disse:

— Não é o *Duncan*!

Por sua vez, Pencroft, apanhando a luneta, reconheceu que o brigue tinha trezentas ou quatrocentas toneladas e que fora construído para singrar os mares com rapidez. Mas não pôde verificar a que nação pertencia.

— Vejo que uma bandeira tremula no seu mastro — disse o marinheiro —, mas não posso distinguir suas cores.

Com o anoitecer, o vento aumentou, enrolando a bandeira do brigue e tornando cada vez mais difícil o seu reconhecimento. Dentro em pouco, porém, a brisa estendeu o pavilhão desconhecido e Ayrton, tomando a luneta, exclamou com voz surda:

— Bandeira negra!

O engenheiro teria razão? Seria um navio pirata, rival dos malaios que infestavam o Pacífico? Ninguém podia compreender o que queria um navio pirata naquela ilha, local bastante impróprio para esconderijo de mercadorias roubadas. Era possível que a embarcação procurasse refúgio para os meses de inverno e nesse caso a ilha Lincoln se transformaria numa espécie de capital da pirataria no Pacífico.

Cyrus, sem perder tempo, disse aos amigos:

— É possível que esse navio tenha vindo apenas observar o litoral e que sua tripulação nem chegue a desembarcar. Portanto, devemos ocultar nossa presença aqui. Ayrton e Nab devem ir desmontar as pás do moinho, que pode ser facilmente reconhecido de longe. As janelas de nossa casa podem ser camufladas com ramagens. Nenhum fogo deverá ser aceso enquanto o brigue não for embora. Nada deve demonstrar a presença humana aqui!

As ordens do engenheiro foram cumpridas e todas as armas e grande quantidade de munição foram colocadas de maneira a poder ser usadas a qualquer momento. Depois de terem sido tomadas todas essas precauções, Cyrus disse aos colonos, com voz embargada:

— Se esses miseráveis quiserem apossar-se da ilha Lincoln, nós a defenderemos, não?

— Seremos capazes de morrer para defendê-la — disse Gideon.

O engenheiro estendeu a mão aos amigos e todos vieram apertá-la.

Já eram sete horas e o sol já havia desaparecido há mais de vinte minutos, atrás do Palácio de Granito. O horizonte escurecia cada vez mais e o brigue avançava em direção da baía da União, depois de ter virado o cabo Garra. Aproveitando a maré enchente, em pouco tempo o navio entraria naquela baía imensa que se estendia entre os cabos Garra e Mandíbula.

A noite já caíra. Não havia a menor claridade no céu. O vento cessara e nenhuma folha balançava, nenhuma onda arrebentava-se na praia. Os colonos não podiam ver o navio.

— Quem sabe se não retomou o seu caminho durante a noite? — disse Pencroft.

Como resposta à pergunta do marinheiro, viu-se um clarão e ouviu-se tiro de artilharia. O navio estava na ilha e tinha canhões a bordo. Apenas seis segundos haviam decorrido entre o clarão e o estampido. Devia estar a apenas dois quilômetros da costa.

Logo depois, ouviu-se barulho de correntes. O navio acabava de ancorar bem em frente ao Palácio de Granito.

Ninguém duvidava mais das intenções dos piratas. Se haviam ancorado tão perto da ilha é porque no dia seguinte planejavam desembarcar!

Cyrus e seus companheiros precisavam agir, mas, antes de tudo, não deviam esquecer a prudência. A presença dos colonos na ilha poderia passar despercebida. Era até bem possível que desembarcassem apenas para renovar a provisão de água e até mesmo a ponte sobre o Providência e as instalações da Chaminé poderiam deixar de ser vistas pelos corsários. Mas por que haviam hasteado a bandeira no mastro? Por que haviam dado aquele tiro de canhão? Poderia ser sinal de que pretendiam apossar-se da ilha. E os colonos, para responder ao canhão do navio, tinham apenas espingardas!

— Felizmente, estamos numa situação inexpugnável — observou Cyrus. — Nossos inimigos nunca serão capazes de descobrir a antiga entrada pelo lago, pois o orifício está bem disfarçado entre as plantas.

— Mas em poucas horas podem destruir nossas plantações, nosso curral e nosso galinheiro! — lembrou Pencroft.

— Se forem apenas dez ou doze, ainda poderemos detê-los — raciocinou Gideon. — Mas se forem cinquenta…

— Sr. Cyrus — disse Ayrton —, o senhor permite que eu fale?

— Pois não.

— Acho que devemos ir até o navio para verificar a força de sua tripulação. Estou disposto a fazer isso.

— Mas… você está arriscando a sua vida.

— Não tem importância.

— Isso é mais do que o seu dever.

— Estou pronto a fazer mais do que o meu dever.

— Você irá até lá de piroga?

— Não, pretendo ir nadando.

— Pode ir — respondeu Cyrus, sabendo que a negativa frustraria profundamente o antigo condenado regenerado.

— Eu o acompanharei — disse Pencroft.

— O senhor desconfia de mim! — volveu Ayrton.

E depois, com humildade:

— Não tem problema, pode vir.

— Não! — exclamou Cyrus. — Pencroft não desconfia de você. Não interprete mal suas palavras.

— É verdade. Eu apenas ofereci-me para acompanhá-lo até a ilhota, porque algum daqueles tratantes pode ter desembarcado e, nesse caso, seriam melhor dois homens, para evitar que dê algum sinal de alarme. Pretendo esperar Ayrton na ilhota.

Esclarecido o incidente, Ayrton e Pencroft, seguidos pelos amigos, desceram até a praia. Ayrton despiu-se e cobriu-se de graxa para não sentir muito o frio da água. Era possível que permanecesse dentro dela por várias horas. Enquanto isso, Nab e Pencroft foram buscar a piroga, que se encontrava amarrada algumas centenas de metros acima, nas margens do Providência. Uma coberta foi jogada sobre os ombros de Ayrton e os colonos despediram-se dele.

Eram seis e meia quando os dois amigos desapareceram, remando a canoa. Os companheiros foram aguardá-los na Chaminé. O canal foi facilmente atravessado e a piroga foi ancorada na ilhota, com muito cuidado, pois algum pirata poderia estar por ali. Depois, Pencroft e Ayrton dirigiram-se para o mar. Sem hesitar, este último lançou-se na água e, nadando sem fazer ruído, dirigiu-se para o navio. Algumas luzes acesas indicavam a sua posição exata. Pencroft escondeu-se atrás de algumas rochas e pôs-se a esperar a volta do companheiro.

Ayrton nadava silenciosamente e sua cabeça mal saía de dentro da água. Só pensava no dever que precisava cumprir, nem sequer pensando no risco que correria não só dentro do navio como naquelas águas muitas vezes infestadas de tubarões. Meia hora depois, conseguiu chegar ao brigue e, segurando-se ao mastro da proa, respirou. Depois, se agarrando nas correntes, conseguiu chegar

até o talhamar, onde encontrou algumas calças de marinheiro secando. Vestiu uma, escondeu-se e ficou escutando.

Ninguém dormia a bordo. Discutiam, cantavam, riam. E Ayrton ouviu dizerem.

— Este brigue foi uma boa aquisição!

— Como anda rápido! Merece o nome de *Veloz*!

— Toda a frota de Norfolk não consegue alcançá-lo!

— Viva o seu comandante!

— Viva Robert Harvey!

Ayrton ficou perturbado ao escutar esse nome. Robert Harvey fora um dos seus companheiros na Austrália. Era um marujo audacioso e havia se apoderado daquele navio que se destinava a uma das ilhas Sandwich e se encontrava carregado de armas, munições e vários objetos. Toda a turma de condenados embarcara no brigue e planejava atravessar o Pacífico, assaltando navios, massacrando tripulações, mostrando-se mais ferozes que os próprios malaios.

Os piratas conversavam em voz alta. Toda a tripulação do *Veloz* era composta de prisioneiros ingleses evadidos de Norfolk, pequena ilha situada a 29 graus de latitude sul e a 165 de longitude leste da Austrália. Media apenas 36 quilômetros de circunferência e era dominada pelo monte Pitt, que se elevava a mais de trezentos metros acima do nível do mar. Tornara-se uma prisão destinada aos piores criminosos ingleses.

Norfolk abrigava quinhentos prisioneiros, que eram tratados com disciplina férrea, sob os piores castigos. Cento e cinquenta guardas garantiam a ordem. Não havia pior reunião de criminosos. Algumas vezes, embora fosse raro, pois a vigilância era grande, os detentos conseguiam fugir e apoderar-se de navios que serviam os arquipélagos polinésios.

Robert Harvey e seus companheiros haviam feito justamente isso. Apoderaram-se do *Veloz*, atracado nas proximidades de Norfolk, massacraram toda a sua tripulação e transformaram-no em navio pirata.

A maior parte dos malfeitores estava reunida no tombadilho da proa, mas alguns, estendidos na coberta, conversavam em voz alta. Ayrton, apesar da gritaria que faziam, pôde entender que apenas o acaso levara o brigue até aquela ilha. Mas Harvey, vendo que aquela ilha não constava nos mapas, pensava transformá-la em um bom porto para seu navio. O tiro de canhão e o

hasteamento da bandeira, como costumam fazer os navios de guerra quando içam seus pavilhões, fora apenas fanfarronice. Não significava que tivessem qualquer ligação com a ilha Lincoln.

O domínio dos colonos estava ameaçado. Aquela ilha, tão hospitaleira, serviria muito bem para os piratas. O porto, o refúgio do Palácio de Granito, tudo lhes conviria perfeitamente. Certamente, a vida dos colonos não seria respeitada e nem sequer poderiam fugir, pois se a ilha fosse escolhida para refúgio, mesmo que alguns saíssem do navio para assaltar, outros permaneceriam na ilha, melhorando as instalações. Era preciso acabar com a vida de todos aqueles miseráveis, indignos de piedade!

Era assim que pensava Ayrton e sabia que Cyrus concordaria com seu ponto de vista. Mas a vitória da resistência dependia do número de pessoas que tripulava o brigue. Ayrton, uma hora depois, aproveitando-se do fato de muitos homens haverem adormecido, bêbados, aventurou-se até a coberta do *Veloz*, que naquele momento estava em escuridão profunda. Deslizando entre os bandidos, conseguiu dar a volta ao navio e verificar que havia quatro canhões, capazes de disparar balas de quatro quilos e meio. Eram armas modernas, que podiam ser carregadas pela culatra e cujo efeito era terrível. Os homens que estavam deitados no tombadilho eram dez, mas era de supor que muitos outros dormissem no interior. Calculava que ao todo a tripulação fosse de cinquenta homens. E os colonos eram apenas seis!

Já se preparava para voltar, nadando, quando lhe passou pela cabeça uma ideia heroica. Pensou que Cyrus não poderia resistir a cinquenta piratas e que aqueles que o haviam transformado em homem de bem seriam massacrados. Ao mesmo tempo, lembrou-se de que era responsável pelo que acontecia, pois Harvey apenas pusera em execução seus próprios planos. Imaginou, então, explodir o navio. Morreria na explosão, mas seus amigos estariam salvos!

Sem hesitar, Ayrton dirigiu-se para a proa, onde são geralmente guardados os barris de pólvora dos navios. Conseguiu apoderar-se de um revólver e, depois de certificar-se de que estava carregado, continuou seu caminho, devagar, pois temia pisar em algum pirata. Finalmente, chegou ao compartimento onde devia estar a pólvora, mas encontrou-o fechado. Começou a forçar o cadeado da porta, que, finalmente, cedeu. Mas nesse exato momento sentiu que uma pessoa colocava a mão sobre seu ombro.

— O que está fazendo aqui? — perguntou um homem alto, de voz áspera, iluminando Ayrton com uma lanterna.

Ayrton jogou-se para trás. Havia reconhecido seu antigo cúmplice, Robert Harvey. Sem responder, empurrou o chefe dos piratas e procurou entrar no depósito de pólvora. Um simples tiro e todos os barris explodiriam!

— Ajudem! — gritara Harvey.

Dois ou três piratas, que acordaram ouvindo o apelo do comandante, tentaram dominar Ayrton. Mas este, livrando-se dos homens, deu dois tiros e os piratas caíram. Mas não pôde evitar uma facada nas costas.

Ayrton compreendeu que não poderia executar seu plano, pois Harvey fechara a porta do paiol. Só lhe restava fugir. Como ainda restavam quatro balas no seu revólver, atirou em Harvey. Embora não o tivesse atingido, pelo menos gravemente, os piratas recuaram um pouco. Aproveitando-se disso, fugiu para a coberta, quebrando os lampiões que encontrava, a fim de escapar protegido pela escuridão.

Dois ou três piratas, acordados pelo barulho, precipitaram-se para a escada, mas o quinto tiro de Ayrton atingiu um deles, obrigando os outros a recuar. Com dois pulos chegou ao tombadilho e três segundos mais tarde, depois de haver dado um tiro num pirata que o segurara pelo pescoço, conseguiu lançar-se ao mar.

Enquanto nadava, o valente homem via as balas choverem. Que emoção sentiram Pencroft, na ilhota, e os outros colonos, na praia, quando ouviram detonações a bordo do brigue! Imediatamente, todos pensaram que Ayrton fora surpreendido pelos piratas e cruelmente assassinado. E quem sabe se os piratas não iam aproveitar a escuridão da noite para descer?

Os tiros cessaram, mas nem Pencroft nem Ayrton haviam regressado. A maré, naquele momento cheia, impedia que atravessassem o canal. E a canoa estava com Pencroft, do outro lado. Finalmente, por volta de meia-noite e meia, uma piroga atracou na praia, trazendo dois homens: Ayrton, ligeiramente ferido nas costas, e Pencroft, são e salvo.

Depois de refugiados na Chaminé, os colonos ouviram a narrativa feita por Ayrton de tudo o que se passara. Agradeceram-lhe, cientes da gravidade da situação. Os piratas sabiam que a ilha era habitada e provavelmente desembarcariam em grande número e bem armados, dispostos a nada respeitar.

— Saberemos morrer! — disse o repórter.
— Vamos entrar e vigiar — sugeriu o engenheiro.
— Temos *alguma* chance de escapar? — perguntou o marinheiro.
— Sim — respondeu Cyrus.
— Seis contra cinquenta…
— Seis, mas sem contar…
— Com quem?
Cyrus não respondeu, mas apontou para o céu.

31
Fim do *veloz*

A noite decorreu sem incidentes. Os piratas não fizeram qualquer tentativa de desembarque. Depois dos últimos tiros contra Ayrton, nenhum outro barulho ouviu-se a bordo do brigue. Ao amanhecer, Cyrus disse a seus amigos:

— A neblina serve para ocultar-nos dos piratas e assim podemos agir livremente, sem despertar sua atenção. É importante pensarem que somos muitos e que poderemos resistir a qualquer ataque. Devemos, portanto, dividir-nos em três grupos: o primeiro ficará na Chaminé, o segundo na embocadura do Providência e o terceiro na ilhota, a fim de impedir ou pelo menos retardar qualquer tentativa de desembarque. Temos duas carabinas e quatro espingardas, mas, como temos bastantes balas, não precisaremos economizar munição. Os tiros que dispararem não poderão causar muito mal a essas rochas e, como não atiraremos das janelas do Palácio de Granito, os piratas não pensarão em dirigir algum canhão para lá, o que evidentemente nos causaria grande prejuízo. O que devemos temer é a luta corpo a corpo, pois os inimigos são muito mais numerosos. Portanto, devemos impedir qualquer desembarque.

Cyrus dissera tudo isso com voz calma. Os seus companheiros aprovaram o plano e trataram de tomar as posições, antes que o nevoeiro se dissipasse inteiramente. Nab e Pencroft dirigiram-se ao Palácio de Granito e voltaram trazendo munições suficientes. Gideon e Ayrton, bons atiradores, receberam duas carabinas cujos tiros atingiam quase um quilômetro e meio. As espingardas foram distribuídas entre os outros.

Cyrus e Harbert permaneceram escondidos na Chaminé e ficaram encarregados de defender a praia. Spillet e Nab foram esconder-se nas rochas da embocadura do Providência para impedir qualquer desembarque. As pontes

também foram levantadas. Ayrton e Pencroft tomaram a canoa e atravessaram o canal, indo ocupar postos diferentes na ilhota. Dessa maneira, os piratas veriam tiros partir de quatro pontos diferentes da ilha e pensariam que os habitantes insulares eram numerosos.

Eram seis e meia da manhã quando os colonos foram para os seus lugares. Esconderam-se tão bem que nenhum pirata poderia avistá-los e eles mesmos mal enxergavam o navio. O nevoeiro começou a dissipar-se e a brisa ajudou a limpar o horizonte. O *Veloz*, então, mostrou-se por completo, ancorado com duas âncoras e com a proa voltada para o norte. Não devia estar a mais de dois quilômetros da costa.

O sinistro pavilhão negro balançava ao vento. Com o auxílio da luneta, o engenheiro pôde distinguir os quatro canhões que apontavam para a ilha e que estavam prontos a fazer fogo, ao primeiro sinal. Viam-se homens ir e vir no tombadilho. Alguns, com lunetas, observavam a ilha com extrema atenção. Certamente, Robert Harvey não podia compreender bem o que acontecera na noite anterior. Aquele homem seminu, que viera forçar a porta do paiol na noite anterior e que havia ferido dois de seus homens e matado um, teria escapado às balas enquanto nadava? Teria conseguido atingir a costa? De onde viera? O que fora fazer a bordo? Seu objetivo seria fazer o brigue ir pelos ares, como achava Harvey?

Tudo isso devia confundir os piratas. Só sabiam uma coisa: a ilha diante da qual estavam ancorados não era deserta. E, no entanto, ninguém aparecia na praia nem nas montanhas. O litoral parecia deserto e não havia vestígios de casas. Teriam os seus habitantes fugido para o interior?

Durante uma hora e meia não se notou nenhum sinal de ataque ou de desembarque. Era evidente que Harvey hesitava, pois nem suas melhores lunetas conseguiram descobrir algum habitante escondido. Nem mesmo os galhos que escondiam as janelas do Palácio de Granito deviam ter chamado a sua atenção, pois não poderia supor que existisse alguma habitação cavada na rocha, a uma altura daquelas.

Às oito horas, os colonos observaram certo movimento a bordo do navio. Uma baleeira foi arriada e sete homens embarcaram. Todos estavam armados. Um colocou-se no leme, quatro nos remos e dois permaneceram atentos, prontos

a atirar. Era evidente que pretendiam apenas fazer reconhecimento e não desembarcar, pois, nesse caso, seriam mais numerosos.

Pencroft e Ayrton, escondidos, viram a canoa dirigir-se para onde estavam. Avançava com extrema precaução. Um dos piratas, com sonda, procurava ver a profundidade do canal, o que indicava o propósito de Harvey de aproximar seu brigue o mais possível da costa.

De repente, dois tiros foram disparados do meio dos rochedos e os homens que seguravam o leme e a sonda caíram mortos. Quase no mesmo momento ouviu-se detonação mais forte, partida do navio, que atingiu o alto das rochas que abrigavam Ayrton e Pencroft.

Os homens da baleeira praguejaram, mas continuaram seu caminho, tendo sido substituídos os dois mortos. Em vez de voltar para bordo, o barco começou a contornar a ilhota, procurando ir para a ponta sul. Os piratas procuravam manter-se fora do alcance dos tiros. Atingiram a reentrância que terminava do Destroço e, depois de havê-la contornado, sempre protegidos pelos canhões do brigue, dirigiram-se para a embocadura do Providência. Era evidente que a intenção dos piratas era entrar no canal e atacar os colonos pelas costas, pois, dessa maneira, mesmo que fossem numerosos, ficariam em situação de inferioridade, entre os canhões e a baleeira.

Pencroft e Ayrton, embora percebessem o risco que corriam, não haviam abandonado suas posições ou porque não quisessem ainda mostrar-se, ou porque confiassem em Nab e Spillet, que vigiavam a embocadura do rio, ou em Cyrus e Harbert, escondidos na Chaminé. Vinte minutos depois da troca de tiros, o escaler encontrava-se na embocadura do Providência e, como a maré começava a subir naquele momento, só a muito custo conseguiram manter-se no meio do canal, pois eram impelidos rio acima. No momento em que passavam pela embocadura, dois tiros mataram dois deles. Nab e Spillet não haviam falhado.

A baleeira estava reduzida a três homens. Seguindo a corrente, a canoa passou rapidamente diante de Cyrus e Harbert, que, não julgando a ocasião propícia, permaneceram mudos. Depois, dirigindo-se para o norte da ilhota, os três homens procuraram atingir o brigue. A canoa, que precisou lutar contra a corrente, ao largo, demorou meia hora para chegar ao navio. Gritos horríveis foram ouvidos quando os sobreviventes contaram o que se havia passado e levaram para bordo os mortos e feridos em estado desesperador.

Os piratas, loucos de cólera e talvez ainda um pouco embriagados, decidiram embarcar na canoa. Eram doze homens. Mais oito tomaram outra baleeira e, enquanto a primeira se dirigiu para a ilhota, a outra procurou entrar no Providência.

Pencroft e Ayrton compreenderam que sua situação tornara-se muito perigosa e resolveram voltar para a ilha. Antes, porém, esperaram que a canoa estivesse bem próxima, acertaram dois tiros e, aproveitando-se da confusão estabelecida entre os piratas, embarcaram na sua piroga e atravessaram o canal justamente no momento em que a outra canoa atingia a ponta sul. Correram e foram esconder-se na Chaminé. Mal chegaram, e toda a ilhota foi invadida pelos bandidos, que a percorreram em todos os sentidos.

Quase no mesmo instante novas detonações ouviram-se, no porto do Providência, para onde fora a outra canoa. Dois dos seus oito tripulantes foram mortalmente feridos e a própria embarcação, arrastada para os recifes, espatifou-se. Mas os seis sobreviventes, levantando as armas acima das cabeças, para que elas não se molhassem, conseguiram atingir a margem direita do rio. Como naquele ponto estavam por demais expostos às balas dos colonos do posto do Providência, correram depressa para a ponta do Destroço.

Era a seguinte a situação. Na ilhota havia doze homens, talvez muitos feridos, mas tendo uma barca à sua disposição. Na ilha, havia seis piratas que, entretanto, não podiam chegar até o Palácio de Granito porque as pontes tinham sido levantadas.

Os piratas da ilhota aproximaram-se do canal que os separava da terra. Armados com simples fuzis, não podiam causar nenhum mal aos colonos emboscados na Chaminé ou na embocadura do Providência. Ignorando que os colonos estivessem munidos de carabina de longo alcance, não receavam ser atingidos. Mas essa ilusão durou pouco. As carabinas de Ayrton e Spillet logo fizeram dois deles cair. Foi uma debandada geral. Os dez sobreviventes correram para a embarcação que os havia trazido e, remando com rapidez, fugiram.

— Meus senhores — disse Ayrton carregando a carabina —, vejam que coisa grave: o brigue apronta-se para navegar.

— Levantou âncoras! — gritou Pencroft.

— Sim, já está começando a andar!

Soprava vento de largo e o navio, derivando, aproximava-se da terra, usando o grande cutelo e a pequena gávea. Como poderiam impedir os piratas de desembarcar? Cyrus procurava uma saída. Poderiam esconder-se no Palácio de Granito e lá permanecer até meses, pois víveres não faltavam. Mas e depois? Os piratas virariam os donos da ilha e terminariam por dominar os colonos. Restava apenas a esperança de que Harvey não se aventurasse naquele canal, arriscado para seu navio.

Enquanto isso, o brigue foi se aproximando da ilhota e procurava ganhar a extremidade inferior da mesma. A brisa que soprava era ligeira e, tendo a corrente perdido um pouco de sua força, Robert Harvey podia manobrar à vontade.

— Bandidos! — exclamou Pencroft vendo o *Veloz* içar a brigantina e entrar no Providência.

Nesse momento, reuniram-se a Cyrus os dois outros colonos que estavam no posto do Providência. Haviam agido bem. Seria melhor que estivessem todos reunidos para enfrentar os piratas. Quando Cyrus os viu chegar, debaixo de saraivada de balas, perguntou-lhes:

— Não estão feridos?

— Não — respondeu o repórter —, estamos apenas contundidos por causa dos ricochetes. Mas o miserável está entrando no canal!

— É verdade — disse Pencroft. — Em menos de dez minutos estará ancorado diante de nossa casa!

— Tem algum plano? — perguntou Gideon a Cyrus.

— Precisamos nos refugiar no Palácio de Granito antes que nos vejam.

Sem perder um minuto, os colonos abandonaram a Chaminé. Rapidamente, subiram no ascensor e entraram na grande sala do Palácio de Granito, onde desde a véspera encontravam-se Jup e Top.

Através das folhagens que dissimulavam as janelas, os colonos puderam ver que o *Veloz* entrava no canal, dando tiros de canhão às cegas. Era de esperar que o Palácio de Granito fosse poupado, mas, de repente, uma bala entrou pela porta, indo atingir o corredor.

A situação dos colonos era desesperadora. Não tinham meios de se defender. Precisariam abandonar a casa. Mas, nesse momento, ouviram um barulho surdo, seguido de gritos apavorantes!

Cyrus e seus amigos precipitaram-se para as janelas…

O brigue, levantado por uma súbita tromba-d’água, acabava de partir-se ao meio e em menos de dez segundos afundara com sua criminosa tripulação!

— Foram atirados para cima! — exclamou Harbert.

— É verdade. Saltaram como se Ayrton tivesse tocado fogo no paiol!

E, dizendo isso, Pencroft lançou-se no elevador, seguido por Harbert.

— O que foi que aconteceu? — perguntou espantado Gideon.

— Dessa vez saberemos — respondeu o engenheiro.

— Saberemos o quê?…

— Mais tarde explico. Venha, Gideon, o que nos importa agora é que os piratas tenham sido exterminados.

Cyrus, Gideon e Ayrton foram juntar-se a Pencroft e Harbert na praia.

Não se via mais nada do brigue, nem mesmo seus mastros. Depois de ter sido levantado pela tromba, o navio tombara e afundara. Mas, como o canal naquele ponto media apenas seis metros de profundidade, certamente na maré baixa apareceria o brigue. Alguns destroços flutuavam à superfície do mar: pedaços de mastros, gaiolas de galinhas ainda vivas, barris. Mas não se viam tábuas do tombadilho, nem pedaços de casco, o que tornava bastante estranho o súbito desaparecimento do *Veloz.*

Ayrton e Pencroft embarcaram na piroga, a fim de amarrar todos esses destroços em algum ponto da ilhota ou da ilha, para que a maré vazante não levasse tudo para longe. Quando já iam começar a remar, Gideon deteve-os, perguntando:

— E os seis piratas que estavam na margem direita do Providência?

— Mais tarde cuidaremos deles — disse Cyrus Smith. — Podem ser perigosos, porque estão armados, mas, afinal de contas, serão seis contra seis.

Ayrton e Pencroft seguiram seu caminho e aproximaram-se dos destroços. Conseguiram amarrar os mastros com fortes cordas, cujas extremidades foram levadas para a praia do Palácio de Granito. Todas as coisas que não eram muito pesadas foram imediatamente transportadas para a Chaminé.

Alguns cadáveres flutuavam. Entre eles, Ayrton reconheceu o de Robert Harvey. Era estranho que tão poucos corpos tivessem vindo à tona. Apenas cinco ou seis boiavam no canal e já começavam a ser levados para o mar pela maré que recuava. A única explicação era que os piratas, surpreendidos pelo

naufrágio, não haviam tido tempo de fugir. E, como o navio submerso ficara deitado, era possível que os outros corpos estivessem presos na pavesada.

Durante duas horas, o engenheiro e seus amigos cuidaram de puxar para a praia as alavancas destinadas a mover artilharia de grosso calibre e de secar as velas que estavam intactas. O naufrágio do brigue proporcionara a todos verdadeiro tesouro. Conseguiram em grande número o que a célebre caixa encontrada lhes proporcionara reduzidamente.

Depois de terem colocado na areia os destroços, os colonos fizeram uma pausa para almoçar. Morriam de fome e comeram com apetite perto da Chaminé. Durante a refeição, o único assunto foi o acontecimento miraculoso que salvara a colônia.

— Miraculoso é bem o termo — repetia Pencroft —, pois os miseráveis foram pelos ares justamente quando nossa casa começava a sofrer duramente.

— O que me causa estranheza — disse Harbert — é que a explosão não tenha tido maiores consequências. A detonação não foi forte e, além disso, não há muitos destroços.

— Acha isso estranho?

— Sim, sr. Cyrus.

— Eu também acho — respondeu o engenheiro. — Mas assim que visitarmos o casco do navio esclarecemos tudo.

Por volta de uma e meia, os colonos embarcaram na piroga e dirigiram-se para o local do naufrágio. O casco do *Veloz* começava a emergir. O brigue estava mais do que deitado. Depois de haver quebrado os mastros, o brigue virara, ficando com a quilha quase para cima, por causa do peso do lastro deslocado. Realmente fora virado pela inexplicável e terrível tromba-d’água. À medida que as águas baixavam, puderam observar melhor o navio afundado. Os dois lados da quilha da proa estavam completamente arrebentados, numa extensão de pelo menos seis metros. Eram dois imensos buracos impossíveis de reparar. E até mesmo as partes de cobre e ferro haviam sido reduzidas a pó. Ao longo do casco, tudo estava destruído. A falsa quilha fora separada, com violência inexplicável, e a própria quilha fora arrancada da carlinga, em vários pontos, e estava toda avariada.

— Com mil diabos! — exclamou Pencroft. — Vai ser bem difícil fazê-lo flutuar novamente.

— Acho que será impossível — disse Ayrton.

— Em todo caso — observou Gideon —, se houve explosão, não podemos negar que os efeitos tenham sido bem singulares. Danificou as partes inferiores do casco em vez de fazer voar pelos ares o tombadilho! E esses imensos buracos parecem ter sido provocados por algum escolho e não por uma explosão!

— Não há recifes no canal — disse o marinheiro. — Aceito qualquer hipótese, exceto essa.

— Vamos entrar no brigue para ver se descobrimos a causa do desastre — propôs Cyrus.

Foi fácil entrar no navio. A água continuava a baixar e a parte debaixo do tombadilho estava agora para cima, por causa da posição. Cyrus e seus amigos abriram caminho com machados e encontraram várias caixas na coberta. O *Veloz* possuía grande sortimento de artigos. Provavelmente encontrariam naquela carga tudo o que faltava à ilha Lincoln. Cyrus, admirado, observava em silêncio que não apenas a proa do navio fora destruída, mas também toda a parte de madeira. Parecia que uma granada estourara no seu interior.

Os colonos puderam, com facilidade, ir de um extremo ao outro do navio. Todos estavam ansiosos por descobrir o paiol, pois o engenheiro achava que ele não explodira e que poderiam ser aproveitados alguns barris de pólvora. Cyrus estava com a razão. Vinte barris, forrados de cobre, foram retirados com cuidado. Pencroft, nessa ocasião, pôde certificar-se de que não ocorrera nenhuma explosão a bordo. A porção do casco onde se encontrava o depósito de pólvora era justamente a menos danificada.

— É possível que tenha me enganado — disse o marinheiro. — Mas continuo afirmando que não existem rochas nesse canal.

— Então o que aconteceu? — perguntou Harbert.

— Acho que nenhum de nós sabe nem conseguirá saber.

Nesse momento, as operações de salvamento foram suspensas, pois a maré começava a subir. Aliás, não havia perigo de ser o casco levado para o mar, pois os colonos o haviam amarrado fortemente.

Os dias 19, 20 e 21 de outubro foram empregados para carregar tudo que pudesse ter utilidade no navio. Durante a maré alta, os objetos salvos eram armazenados. Grande placa de cobre, que protegia o casco, foi retirada. Ayrton e Pencroft, mergulhando, conseguiram salvar as correntes e âncoras do brigue,

bem como o ferro do lastro. E até mesmo os canhões, amarrados a barricas vazias, foram trazidos para terra. O casco do brigue foi inteiramente desmantelado e seus restos atirados à praia.

O engenheiro não encontrara nenhum papel que se referisse ao que acontecera com a tripulação. Por outro lado, também não havia nenhum documento que permitisse descobrir a que país pertencera o navio. Oito dias depois do naufrágio, já não havia o menor sinal do *Veloz*.

O mistério que cercava aquele naufrágio jamais teria sido desvendado se, no dia 30 de novembro, Nab, passeando pela praia, não tivesse encontrado um pedaço de cilindro de ferro com traços de explosão. Estava completamente retorcido e arrebentado. Imediatamente levou-o a Cyrus, que estava na oficina da Chaminé.

— Ainda insiste em dizer que o *Veloz* naufragou por causa de uma explosão? — perguntou Cyrus a Pencroft.

— O senhor sabe tão bem quanto eu que não existem rochas no fundo do canal.

— E se ele tivesse batido nesse pedaço de ferro? — perguntou o engenheiro, mostrando o cilindro estraçalhado.

— Nesse pedaço de cano? — disse, incrédulo, Pencroft.

— Vocês estão lembrados, meus amigos, de que, antes de naufragar, o brigue foi levantado por uma verdadeira tromba-d’água?

— Sim, sr. Cyrus — respondeu Harbert.

— Pois bem, o que levantou aquela imensa onda foi esse pedaço de ferro.

— Não é possível!

— Isso é tudo o que resta de um torpedo!

— Um torpedo! — exclamaram todos.

— Mas quem poderia tê-lo colocado lá? — perguntou Pencroft.

— Só posso afirmar que não fui eu!

32
Harbert ferido

O mistério do naufrágio desfizera-se com o encontro do fragmento de torpedo. Cyrus, que conhecia bem esses engenhos perigosos, desde o tempo da Guerra de Secessão, não duvidava que tivesse sido um torpedo a causa do desastre, pois a nitroglicerina ou o picrato, contidos nele, seriam suficientes para levantar grande volume de água. Ora, o navio não pudera ser salvo por causa das grandes avarias que sofrera. Só um torpedo explicava tamanha destruição. Tudo, porém, era explicável… menos a presença de um torpedo naquele canal!

— Meus amigos — disse Cyrus —, já não podemos duvidar da presença de um ser misterioso nessa ilha. Talvez seja um náufrago como nós. Acho bom que Ayrton seja posto a par de tudo o que nos aconteceu, desde que chegamos aqui. Só não consigo compreender os motivos que levam esse benfeitor desconhecido a ajudar-nos, sempre escondido. Todos nós lhe devemos muito, pois deve ter sido quem me salvou depois da queda do balão e também quem escreveu o documento e colocou a garrafa de maneira que pudéssemos encontrá-la. Acredito, ainda, que foi ele quem levou para a ponta do Destroço aquela caixa, quem atirou no pecari e quem colocou o torpedo no canal. Acho, portanto, que temos uma dívida de gratidão para com esse desconhecido e espero poder pagá-la um dia.

— Você tem razão — disse o jornalista. — Não duvido que exista nessa ilha um ser quase todo-poderoso que muito ajudou a todos nós. Penso até que sua ajuda tem algo de sobrenatural.

— É verdade — respondeu Cyrus. — Se existe tal homem, sem dúvida tem à sua disposição meios sobrenaturais de agir. Mas, quando o descobrirmos, tudo ficará esclarecido.

Durante alguns dias, os colonos cuidaram de plantar e colher. As plantas trazidas da ilha Tabor produziram muitos legumes, que foram logo armazenados no Palácio de Granito, a fim de ficarem protegidos contra os animais e contra os homens. Não havia umidade naquela imensa rocha de granito. As escavações naturais foram aproveitadas como prateleiras e nelas foi colocado todo o material da colônia. Antes de iniciarem as excursões, os colonos queriam deixar tudo em ordem.

Os canhões provenientes do brigue foram levados até o patamar do Palácio de Granito. Colocados naquela altura, as bocas de fogo dominavam toda a baía da União. Todo navio que aparecesse ao largo da ilhota estaria exposto ao fogo daqueles canhões, que formavam verdadeira bateria aérea.

No dia 8 de novembro, Pencroft disse a Cyrus:

— Já que terminamos as instalações, não acha que devemos experimentar o alcance dos tiros?

— Será necessário?

— Sem isso, como poderemos calcular a distância para atirar?

— Então vamos fazer a experiência com piroxila para economizar pólvora.

Naquele mesmo dia, na presença de todos, inclusive de Top e Jup, os canhões foram testados com piroxila, cujo poder explosivo é quatro vezes maior que o da pólvora comum. O projétil a ser experimentado era de forma cilindro-cônica. O êxito foi completo.

— Então, sr. Cyrus, o que acha de nossa bateria? — perguntou Pencroft. — Ninguém mais ousará desembarcar sem nossa permissão. Todos os piratas do Pacífico podem vir agora!

— Prefiro não enfrentá-los — respondeu Cyrus.

— A propósito — disse Pencroft —, e os seis bandidos que ficaram soltos na ilha? Não devemos deixá-los livres por aí… São verdadeiras feras e devem ser tratados como tal.

— Pensa assim? — perguntou Cyrus.

— Sim, senhor.

— Não acha melhor ver a atitude deles antes de persegui-los sem piedade?

— O que eles fizeram já não foi o bastante?

— Eles podem ter mudado. Podem ter se arrependido…

— Duvido — respondeu o marinheiro, dando de ombros.

— Lembre-se de Ayrton — disse Cyrus.

O marinheiro olhou todos os companheiros, sem compreender como todos discordavam dele. Sua natureza rude não admitia que os bandidos, cúmplices de Harvey e assassinos da tripulação do *Veloz,* fossem tratados com indulgência.

— Bem — disse ele. — Todos estão contra mim. Estimo que não nos arrependamos de tratar esses piratas com generosidade.

— Que perigo corremos se temos meios de defesa e estamos prevenidos? — perguntou Harbert.

— Os seis estão bem armados — observou o repórter, que ainda não se manifestara. — Se souberem fazer uma emboscada, é bem possível que venham a nos dominar.

— Se não fizeram isso até agora, é porque não têm essa intenção — ponderou Harbert.

— Bem — disse Pencroft —, não falemos mais nisso. Deixemos os valentes marinheiros cuidarem de suas ocupações!

— Ora, não se finja de mau! Garanto que se um desses infelizes aparecesse aqui, você não seria capaz de matá-lo!

— Atiraria nele como num cão raivoso!

— Pencroft — disse Cyrus —, em outras ocasiões você sempre ouviu meus conselhos. Está disposto a ouvir-me agora?

— Agirei de acordo com o que o senhor quiser — respondeu o marinheiro.

— Pois bem, só atacaremos se formos atacados.

Ficou, portanto, decidido que ninguém atacaria os piratas antes de uma agressão. A ilha era grande o bastante para todos. E se algum resto de honestidade existisse no fundo daquelas almas, talvez os criminosos pudessem ser regenerados.

A grande preocupação dos colonos era explorar a ilha completamente para ver se conseguiam encontrar o benfeitor desconhecido e ao mesmo tempo para saber o que fora feito dos piratas.

Cyrus tinha pressa em partir, mas como a excursão seria bastante demorada, achou prudente levar boa provisão de alimentos e utensílios que lhes fossem úteis quando acampassem. Ora, um dos onagros estava com a perna ferida e precisava de alguns dias para refazer-se e poder ser atrelado. Decidiu-se, então, que a partida seria feita dali a uma semana, ou seja, no dia 20 de novembro.

Cyrus pretendia explorar desde as densas florestas do Faroeste até a extremidade da península Serpentina.

Ayrton teve que voltar para o curral, pois os animais precisavam de seus cuidados. Ficou decidido que permaneceria lá dois dias e só voltaria depois de ter deixado bastante alimento para eles comerem durante a ausência dos colonos. Ayrton partiu na manhã do dia 9, levando a carroça puxada por um dos animais. Duas horas depois, o telégrafo avisava que tudo estava em ordem no curral.

Durante aqueles dias, Cyrus cuidou de dissimular o antigo orifício do lago, que permitiria a invasão do Palácio de Granito. Já havia camuflado a entrada com pedras e plantas, mas, agora, desejava elevar o nível do lago de noventa centímetros, para que a antiga entrada ficasse submersa. Para elevar o nível do lago seria necessário fazer barragem nas duas sangrias feitas no próprio lago, que alimentavam o rio Glicerina e o rio Cascata. Todos trabalharam nisso e em pouco tempo as duas barragens, que não excediam de dois metros e meio de largura por noventa de altura, foram concluídas. Para isso foram usadas rochas bem cimentadas. Agora seria impossível alguém descobrir que naquela ponta do lago havia um antigo escoadouro.

Depois de terminado o trabalho, foi enviado um telegrama a Ayrton, pedindo-lhe que trouxesse do curral um casal de caprinos para Nab tentar aclimatar nas pradarias do platô. Mas, coisa singular, Ayrton não acusou o recebimento da mensagem, como costumava fazer. Cyrus ficou admirado, mas achou possível que ele já estivesse a caminho de casa, pois fora combinado que no dia 10, de tarde, ou dia 11, de manhã, o mais tardar, voltaria para reunir-se aos companheiros. Mas vendo que ele não chegava, por volta das dez horas da noite, resolveram enviar nova mensagem, pedindo resposta urgente. Mas não obtiveram resposta. Que teria acontecido ao amigo? Deveriam ir até o curral, apesar da escuridão da noite? Começaram a discutir. Uns queriam partir imediatamente, outros queriam ficar.

— Quem sabe se não houve algum desarranjo no aparelho? — disse Harbert.

— É possível — concordou Gideon.

— Esperemos até amanhã — ponderou Cyrus —, pois é possível que Ayrton não tenha recebido nossa mensagem ou que não tenhamos recebido a dele.

Todos concordaram em esperar, embora estivessem muito aflitos. E logo ao raiar do dia, Cyrus tentou nova comunicação, mas não conseguiu nenhuma

resposta.

— Vamos para o curral — disse ele.

— E bem armados! — acrescentou Pencroft.

Nab deveria acompanhar os amigos até o rio Glicerina para levantar a ponte depois que passassem. Feito isso voltaria e aguardaria, escondido atrás de uma árvore, ou a chegada de Ayrton ou a volta dos colonos. Caso os piratas tentassem atravessar os riachos, Nab tentaria detê-los com tiros e em último caso deveria fugir para o Palácio de Granito. Uma vez suspenso o elevador, estaria seguro. Cyrus Smith, Gideon Spillet, Harbert e Pencroft deveriam ir diretamente ao curral. Caso não encontrassem lá o amigo, fariam uma busca nos arredores.

Às seis da manhã o engenheiro e seus três companheiros atravessaram o rio, levando as armas carregadas, prontas para atirar. O matagal existente dos dois lados da estrada poderia servir de refúgio aos piratas, que, bem armados, eram para ser temidos. Andavam depressa e em silêncio. Top ia na frente, correndo, e, às vezes, entrava no mato, mas sem latir. Enquanto andavam, examinavam o fio do telégrafo. Chegando ao poste número 74, Harbert, que ia um pouco adiante, gritou:

— O fio está arrebentado!

Os companheiros apertaram o passo e chegaram ao local onde Harbert se encontrava. O poste estava caído, cortando a estrada.

— Não foi o vento que o derrubou — disse Pencroft.

— Não — confirmou Gideon. — A terra, ao seu redor, foi escavada por mãos humanas.

— E o fio foi violentamente arrebentado — observou Harbert.

— Foi coisa recente? — perguntou Cyrus.

— Parece.

— Vamos depressa para o curral — propôs o marinheiro.

Os quatro quilômetros que faltavam para o curral deviam ser vencidos com rapidez. Poderia ter ocorrido alguma coisa grave com Ayrton. Mesmo sem receber nenhuma mensagem, ele já devia ter voltado. E quem mais, além dos piratas, poderia estar interessado em interromper as comunicações com o Palácio de Granito? Os colonos sentiam o coração apertado. Teria o amigo sido abatido pelas mãos daqueles que outrora comandara?

Chegando ao pequeno riacho que irrigava o curral, diminuíram o passo, poupando-se para alguma luta eventual. Todos estavam atentos e Top começou a rosnar, o que não era bom sinal.

A porta da cabana, como de costume, estava fechada. Um silêncio profundo reinava no local. Não se ouvia nem a voz de Ayrton nem os balidos das ovelhas.

— Entremos — disse o engenheiro.

Cyrus preparava-se para entrar, quando Top começou a latir com violência. Ouviu-se um tiro e um grito de dor.

Harbert, atingido por uma bala, caíra!

33
Completa devastação

Ouvindo o grito de Harbert, Pencroft largou a arma e correu para junto dele.

— Mataram meu filho! — gritou. — Meu filho! Eles o mataram!

Cyrus e Gideon também correram para junto do rapaz e o repórter logo verificou se o seu coração ainda batia.

— Está vivo! Mas precisamos tirá-lo daqui…

— E levá-lo para casa? Impossível! — disse Cyrus.

— Então vamos para o curral! — exclamou Pencroft.

— Um momento — pediu o engenheiro.

E dirigiu-se para a esquerda do cercado, onde encontrou um pirata que lhe atravessou o chapéu com uma bala. Mas antes que o bandido pudesse dar segundo tiro, foi abatido pelo engenheiro.

Enquanto isso, Gideon e Pencroft esgueiraram-se e forçaram a porta da cabana, que estava vazia, e deitaram o infeliz rapaz na cama de Ayrton. Alguns minutos mais tarde, Cyrus veio juntar-se a eles.

Vendo Harbert desacordado, o marinheiro chorava desesperadamente. O engenheiro e o repórter, também comovidos, não conseguiam consolá-lo.

Gideon, que sempre tivera vida acidentada, sabia um pouco de medicina de urgência. Ajudado por Cyrus, começou logo a tratar do ferimento. Harbert estava tremendamente pálido, por causa da hemorragia, e seu pulso tão fraco que por vezes parecia que ia parar. O ferimento do rapaz foi cuidadosamente lavado, depois de terem estancado o sangue com lenços. A bala produzira uma ferida oval.

Com muito cuidado, Cyrus e Gideon viraram o rapaz, que deixou escapar suspiro tão débil que parecia ser o último. Apareceu nas costas outra ferida.

Quase no mesmo instante, a bala que o atingira saiu. Gideon não duvidava que a bala tivesse entrado pela frente e saído pelas costas do rapaz. Mas que lesões causara? Que órgãos essenciais atingira? Um simples repórter não poderia saber o que até um cirurgião não descobriria com facilidade.

O que Gideon sabia era que devia evitar a inflamação local e combater a febre que fatalmente apareceria. Mas como combater a inflamação? O rapaz já havia perdido bastante sangue. Não seria conveniente lavar a ferida em água morna e comprimir seus bordos. Estava deitado do lado esquerdo e assim continuou, pois era a posição que melhor favorecia os ferimentos.

— Cyrus — disse Gideon —, não sou médico. Gostaria que me desse algum conselho. Você tem tanta experiência!

— Recupere sua calma. Procure apenas fazer o que achar melhor para salvar o rapaz.

Spillet sentiu-se encorajado com essas palavras e continuou à cabeceira do doente. Com açúcar e várias plantas medicinais foram feitas algumas tisanas para aliviar o sofrimento de Harbert. A febre começara a subir e o doente, completamente inconsciente, passou todo o resto do dia e a noite com a vida por um fio.

No dia seguinte, 12 de novembro, o rapaz abriu os olhos e reconheceu os companheiros. Pronunciou algumas palavras, mas logo os amigos, contando o que lhe sucedera, pediram-lhe que permanecesse em absoluto repouso, para que suas feridas pudessem cicatrizar. Harbert adormeceu novamente.

— O senhor salvará Harbert? — perguntou Pencroft a Gideon.

— Pode ficar tranquilo. O ferimento foi grave e é possível que a bala tenha atravessado o pulmão, mas felizmente esse órgão suporta bem qualquer lesão.

— Que Deus o ouça!

Os colonos estavam há 24 horas no curral e não haviam se preocupado com mais nada a não ser com a saúde de Harbert. Nem sequer se importavam com o perigo que os ameaçava, caso os piratas voltassem. Não haviam tomado nenhuma precaução.

Naquele dia, enquanto Pencroft ficava à cabeceira do doente, Cyrus e Gideon percorreram todo o curral, mas não encontraram sinal de Ayrton. Teria o infeliz sido levado pelos antigos cúmplices? Teria morrido em combate? Esta última hipótese era bem provável. O curral nada sofrera. Os animais continuavam

presos, e os abrigos, em pé. Apenas as munições da cabana haviam desaparecido.

— O infeliz deve ter sido surpreendido — disse Cyrus — e, como não temia lutar, deve ter sido morto.

— É possível — concordou o repórter. — Penso que os bandidos haviam se estabelecido aqui no curral, onde encontraram alimento e água e que só fugiram quando nos viram.

— Precisamos dar uma batida na floresta e livrar a ilha desses miseráveis. Os pressentimentos de Pencroft não o enganavam quando queria caçar esses bandidos como feras!

— É verdade — concordou o repórter. — Mas agora não teremos piedade.

— Ainda precisaremos permanecer aqui até que Harbert se restabeleça.

— E Nab? — perguntou o repórter.

— Está seguro.

— E se resolver vir procurar-nos por causa da demora?

— Ele não deve fazer isso. Certamente será assassinado no caminho.

— Garanto que virá!

— Se o telégrafo funcionasse, seria fácil… — disse Cyrus — Não podemos deixar Harbert e Pencroft aqui sozinhos… Irei só até o Palácio de Granito.

— Não — protestou o repórter. — Você não pode expor-se dessa maneira. Os bandidos devem estar escondidos aqui nas proximidades.

— Mas Nab é capaz de vir!

— E, como não deve temer algum ataque, certamente será apanhado de surpresa.

— Não haverá algum meio de preveni-lo?

Enquanto o engenheiro pensava, olhou casualmente para Top, que andava de um lado para o outro.

— Top! — exclamou de repente Cyrus.

O animal atendeu ao chamado do dono, latindo.

— Sim, Top fará isso! — exclamou Gideon. — Poderá passar em lugares onde não passaríamos. Levará nossa mensagem a Nab e trará resposta.

O repórter rasgou uma página do seu caderno de notas e escreveu o seguinte:

Harbert ferido. Estamos no curral. Mantenha-se alerta. Não abandone o Palácio de Granito. Os bandidos apareceram por aí? Resposta por Top.

Esse lacônico bilhete dizia tudo quanto Nab precisava saber e perguntava tudo o que os colonos queriam saber. Depois de bem dobrado, foi preso na coleira de Top.

— Vá, Top — disse Cyrus. — Leve isso para Nab!

Top latiu, demonstrando ter compreendido o que lhe pediam. O caminho era conhecido e em menos de meia hora poderia vencer a distância até o Palácio de Granito. Correndo no meio da vegetação, certamente o cachorro passaria despercebido, o que não ocorreria com nenhum dos colonos.

O engenheiro foi até a porta do curral e disse mais uma vez, apontando para o Palácio de Granito:

— Nab! Top, Nab!

O cachorro partiu imediatamente e logo desapareceu.

— Que horas são? — indagou o repórter.

— Dez horas.

— Poderá estar de volta dentro de uma hora.

A porta do curral foi fechada e os dois amigos entraram em casa. Harbert dormia profundamente e Pencroft mantinha as compressas sempre úmidas.

Pouco antes de onze horas, Cyrus e Gideon colocaram-se atrás da porta para poder abri-la assim que ouvissem um latido, pois sabiam que, se o cachorro tivesse chegado ao Palácio de Granito, Nab não demoraria em mandá-lo de volta.

Dez minutos depois, ouviram repetidos latidos seguirem-se a uma detonação. O engenheiro abriu a porta e, vendo um resto de fumaça a cem passos, no bosque, atirou naquela direção.

— Top! Top! — exclamou Cyrus, segurando a cabeça do cachorro.

Preso na coleira do animal estava um bilhete de Nab:

Nenhum pirata nas proximidades do Palácio de Granito. Não sairei daqui. Pobre Harbert!

Os bandidos continuavam cercando o curral, esperando matar os colonos um a um! Gideon imaginava o que acontecera. Os seis bandidos, desembarcados na ilhota, haviam seguido o litoral sul e depois de terem percorrido a dupla margem da península Serpentina atingiram a embocadura do rio Cascata, pois não tinham querido aventurar-se nas florestas Faroeste.

Seguindo a margem direita do rio, tinham chegado aos contrafortes do monte Franklin. Naturalmente, procurando algum abrigo, chegaram ao curral, naquela ocasião desabitado. Ali permaneceram escondidos, tramando seus abomináveis projetos. A chegada de Ayrton com certeza os surpreendera, mas deviam ter conseguido dominá-lo com facilidade, pois era um contra seis… É verdade que eram agora somente cinco, mas como estavam bem armados e camuflados, representavam grande perigo.

— Só nos resta esperar — dizia Cyrus. — Quando Harbert estiver curado, organizaremos uma busca geral na ilha e eliminaremos esses bandidos. E ao mesmo tempo…

— Procuraremos nosso benfeitor misterioso — acrescentou Gideon. — Só lamento que não nos tenha acudido desta vez!

— Quem sabe se ainda não nos ajudará? Acho que teremos que enfrentar situações piores do que esta!

A maior preocupação dos colonos era a saúde de Harbert. Felizmente, não piorara. A febre baixava pouco a pouco e as tisanas e o repouso absoluto pareciam fazer muito bem ao rapaz. Após dez dias de tratamento, Harbert começou a apresentar sensíveis melhoras. As cores já voltavam ao rosto e seus olhos já brilhavam. A alimentação que lhe davam era bem leve.

Custava muito a Cyrus estar separado de Nab, pois a divisão das forças da colônia favorecia aos piratas. Depois do desaparecimento de Ayrton, eram apenas quatro, pois Harbert ainda não contava. E os bandidos eram cinco.

No dia 29 de novembro, às sete da manhã, os colonos conversavam no quarto de Harbert quando ouviram Top latir com fúria. Cyrus, Gideon e Pencroft pegaram as armas e correram para fora. O cachorro latia e pulava perto da cerca. Mas não latia de cólera e sim de alegria.

— É alguém que se aproxima!

— Sim!

— Não é inimigo!

— Será Nab?

— Ou Ayrton?

Ainda não haviam acabado de trocar essas palavras quando viram um corpo pular a cerca. Era mestre Jup.

— Jup! — exclamou Pencroft.

— Foi Nab quem nos mandou o macaco! — disse o repórter.

— Deve trazer algum bilhete — observou o engenheiro.

Pencroft correu para o orangotango e encontrou pendurada no seu pescoço uma sacola, dentro da qual havia um bilhete de Nab.

É fácil compreender o desespero de todos quando leram:

Platô invadido pelos bandidos!

Nab.

Os colonos entreolharam-se sem dizer palavra e entraram na cabana. Que deviam fazer? Os malfeitores no platô significava o desastre, a devastação e a ruína!

Harbert, vendo entrar o engenheiro, o repórter e Pencroft, compreendeu que a situação se agravara. Quando viu Jup, não teve mais dúvidas.

— Sr. Cyrus — disse ele —, eu quero partir. Já posso suportar a viagem!

Gideon aproximou-se de Harbert e, depois de olhá-lo, exclamou:

— Então partamos!

Os colonos pensaram em transportar o ferido numa padiola, mas como para isso seriam necessários dois homens, ficou decidido que o rapaz seria levado na carroça que Ayrton levara para o curral. Era preciso o maior número de homens livres para atirar em caso de emergência. Harbert foi acomodado no fundo do carro, o mais confortavelmente possível, a fim de evitar as sacudidelas.

O tempo estava bom e fortes raios de sol atravessavam as folhagens.

— As armas estão preparadas? — perguntou Cyrus. — E você está bem, Harbert?

— Fique tranquilo, não morrerei em viagem.

— Vamos! — disse Cyrus.

Jup e Top foram à frente e a carroça, dirigida com cuidado por Pencroft, avançou lentamente. Cyrus e Spillet andavam um de cada lado do carro, para responder a qualquer ataque. A carroça avançava lentamente. Haviam iniciado a viagem às sete e meia, e uma hora depois ainda não havia ocorrido nenhum acidente grave.

A estrada estava deserta, como toda a parte do bosque Jacamar, que se estendia entre o Providência e o lago. Ainda faltava um quilômetro e meio para chegar ao platô e já podiam ver o rio Glicerina. Cyrus não duvidava que a ponte

estivesse arriada, pois os piratas deviam tê-la abaixado depois de atravessar o riacho, para facilitar a sua própria passagem.

Quando já se enxergava o mar, Pencroft deteve a carroça exclamando:

— Miseráveis!

E apontava para a espessa fumaça que envolvia o moinho, o estábulo e o galinheiro.

Um homem agitava-se no meio da fumaça. Era Nab.

Os bandidos haviam abandonado o platô, havia meia hora, depois de terem feito uma completa devastação.

— E o sr. Harbert? — perguntou Nab.

Gideon voltou-se para a carroça. Harbert havia perdido os sentidos!

34
Sulfato de quinino

Ninguém se importou mais com os bandidos ou com os outros perigos que ameaçavam o Palácio de Granito. O estado de Harbert inspirava cuidado. Teria a viagem provocado alguma lesão interna grave? O repórter não sabia responder e todos estavam desesperados. Gideon examinou as feridas e viu que não haviam aberto… De onde viria aquela prostração? Por que o rapaz piorara? O doente adormeceu, com bastante febre. O repórter e o marinheiro permaneceram à sua cabeceira.

Enquanto Cyrus contava o que se sucedera no curral, Nab pôs o patrão a par do que acontecera no platô.

Na noite anterior os malfeitores haviam aparecido no limite da floresta, nas proximidades do rio Glicerina. Nab, que vigiava junto ao galinheiro, não hesitou em atirar contra um dos piratas. Como a noite estava muito escura, não conseguiu ver se fora ou não atingido. Em todo caso, serviu para afugentar o bando e Nab pôde refugiar-se dentro de casa. Mas como impedir que os piratas devastassem o platô? Como prevenir o amo? Havia dezenove dias que não tinha notícias dos amigos. Só sabia o que lera no bilhete trazido por Top. Nab, pessoalmente, nada tinha a temer, pois seu refúgio era seguro. Mas poderia deixar à mercê dos piratas todas as plantações e construções do platô? Foi então que Nab pensara em mandar Jup levar o bilhete ao engenheiro. Um macaco passaria despercebido entre os piratas, que deveriam julgá-lo habitante da floresta. Não hesitou. Escreveu um bilhete, prendeu-o ao pescoço do orangotango e, levando-o até a porta da casa, fê-lo descer por uma corda. Depois, repetiu várias vezes:

— Jup! Vá até o curral!

O animal deslizou pela corda e ganhou a floresta, sem que nenhum dos piratas percebesse.

— Fez bem, Nab — disse Cyrus —, mas talvez tivesse sido melhor que não soubéssemos de nada.

Enquanto falava, Cyrus pensava em Harbert, que parecia ter sofrido muito com a viagem.

Nab terminou a narrativa, contando que os patifes não apareceram na praia, pois, sem dúvida, temiam que os habitantes do Palácio de Granito fossem muitos. Atacaram o platô e apenas meia hora antes da chegada dos colonos é que os miseráveis partiram. Nab descera precipitadamente de seu refúgio para tentar apagar o incêndio provocado pelos piratas, arriscando-se a levar algum tiro, mas nada conseguira.

Sem dúvida, a presença dos miseráveis na ilha representava constante ameaça. Cyrus e Nab foram verificar a extensão do desastre, enquanto os outros dois permaneciam acompanhando Harbert. Felizmente, os malfeitores não haviam chegado muito perto do Palácio de Granito, pois, nesse caso, as oficinas da Chaminé não teriam escapado. Mas isso seria mais fácil de reparar do que as ruínas do platô! Cyrus e Nab dirigiram-se para o Providência, subindo a margem esquerda. Não encontraram sinal dos piratas nem mesmo do outro lado, que era cheio de árvores.

O engenheiro e Nab, quando chegaram ao platô, ficaram desolados. As espigas de trigo que deveriam ser colhidas estavam espalhadas no chão. As outras plantações tinham sofrido menos, mas, mesmo assim, todos os canteiros tinham sido revolvidos. O fogo havia destruído o moinho, os estábulos e os abrigos dos animais presos no galinheiro. Cyrus, mais pálido do que de costume, deixava transparecer cólera interior, mas nada dizia.

Os dias seguintes foram os piores para os colonos. Harbert enfraquecia a olhos vistos e parecia estar sofrendo de doença resultante do tremendo choque passado. Estava sempre adormecido e começava a delirar. A febre não era muito alta, mas vinha em acessos regulares. E os colonos só podiam dar a Harbert, como remédios, chás de ervas encontradas na ilha!

No dia 6 de dezembro, o rapaz teve uma crise bem forte. Seus dedos, orelhas e nariz tornaram-se muito pálidos e começou a sentir calafrios. O pulso ficou muito fraco e irregular, a pele, seca, e sentia imensa sede. Depois disso, veio um

período de calor. O rosto melhorou, a pele voltou ao tom normal e o pulso acelerou-se. Depois de suar abundantemente, a febre baixou. O acesso durara cerca de cinco horas. Gideon não abandonara Harbert e estava decidido a diminuir aquela febre antes que ela se tornasse mais violenta.

— Para combatê-la preciso de febrífugo — disse Spillet a Cyrus.

— Mas não temos nem quina nem sulfato de quinino!

— Mas temos salgueiros perto do lago e a casca dessa árvore serve muito bem para substituir o quinino.

— Vamos logo tentar — disse Cyrus.

O próprio Cyrus foi cortar alguns pedaços de casca, reduziu-os a pó e naquela mesma noite o rapaz tomou a primeira dose. A noite passou-se sem incidentes graves. Harbert ainda delirou um pouco, mas a febre não apareceu novamente, nem mesmo no dia seguinte.

Pencroft recobrara as esperanças. Gideon nada dizia, pois achava que a febre podia ser terçã, ou seja, só voltaria no outro dia. Quando estava sem febre, o rapaz sentia-se completamente alquebrado, com a cabeça pesada e meio atordoado. Outro sintoma que apavorou o repórter foi o começo de congestão do fígado do rapaz. Chamando o engenheiro, disse-lhe:

— Trata-se de febre perniciosa.

— Você deve estar enganado. Febre desse tipo não aparece espontaneamente. É preciso haver um germe…

— Com certeza, Harbert a contraiu nos pântanos da ilha. Já teve um acesso. Se tiver um segundo e não conseguirmos impedir o terceiro, estará perdido!

— E a casca do salgueiro?

— É insuficiente. Terceiro ataque de febre palustre, que não possa ser evitado com quinino, é sempre mortal!

Felizmente, Pencroft não ouvira essa conversa, senão teria enlouquecido. O engenheiro e o repórter passaram todo o dia e a noite de 7 de dezembro muito inquietos. Durante o dia seguinte, veio outro acesso. A crise foi terrível! Harbert, sentindo-se perdido, estendia os braços para os amigos! Não queria morrer. Foi uma cena comovedora!

A noite foi horrorosa. Delirando, Harbert chamava por Ayrton, lutava contra os bandidos, clamava pelo benfeitor desconhecido… Depois caía em sono… Por várias vezes, Pencroft julgou-o morto. Passou muito fraco o dia. O repórter

administrou-lhe mais uma dose do chá vegetal, mas sem esperar grandes resultados.

— Se não conseguirmos encontrar um febrífugo mais forte, antes de amanhã, não escapará! — disse Gideon.

Durante a noite, Harbert delirou muito. O fígado estava muito congestionado e seu cérebro também tinha sido atingido. Já não reconhecia ninguém. Deviam ser três da manhã, quando Harbert deu um grito aterrador e pareceu ter uma convulsão.

Top, nesse momento, latiu de maneira estranha…

Todos correram para perto do rapaz, que parecia querer jogar-se da cama, enquanto Gideon tomava seu pulso… que inexplicavelmente começava a estabilizar.

Quando os raios do sol nascente, às cinco da manhã, começaram a iluminar os quartos do Palácio de Granito, Pencroft deu um grito e apontou para um objeto colocado sobre a mesa de cabeceira…

Era uma pequena caixa oblonga, na qual se podia ler: *Sulfato de quinino.*

Gideon Spillet abriu a caixa e verificou que continha grãos de pó branco, que imediatamente provou. O gosto amargo da substância não podia enganá-lo. Tratava-se do precioso alcalóide da quina. Antes de descobrir como o remédio aparecera, era necessário administrá-lo ao rapaz.

Em alguns instantes, Nab preparou uma xícara de café quente e nela o repórter lançou o remédio e fez com que o rapaz bebesse. Ainda era tempo de administrar o medicamento, pois o terceiro ataque ainda não se manifestara

Algumas horas depois de tomar o remédio, Harbert adormeceu tranquilamente e os colonos puderam conversar acerca do que sucedera. Nenhum deles duvidava da intervenção do célebre desconhecido. Mas como pudera penetrar, durante a noite, no Palácio de Granito? Era inexplicável!

Durante todo aquele dia, administraram o quinino a cada três horas ao rapaz, que começou a apresentar sensíveis melhoras. No dia seguinte, parecia outro. Via-se que não estava curado, pois sentia-se ainda muito fraco, mas melhorara muito. Mas como as febres intermitentes são perigosas, podendo haver recaída, os colonos continuaram dispensando grandes cuidados ao doente.

No dia 20 de dezembro, dez dias depois de ter começado a tomar o remédio, Harbert entrou em franca convalescença. Ainda estava fraco e seguia rigorosa

dieta, mas não teve mais nenhuma crise de febre. E como tinha muita vontade de ficar bom, submetia-se a tudo sem reclamar.

Pencroft parecia um homem saído do fundo de precipício. Tinha crises de alegria que até pareciam delírio. Vendo que o terceiro acesso não viera, abraçou o repórter e passou a chamá-lo de *doutor* Spillet. Restava apenas saber quem era o verdadeiro doutor.

— Ainda descobriremos! — dizia Pencroft.

Com o mês de dezembro, terminou o ano de 1867, que fora tão duro para os colonos. O novo ano entrou com dias lindos e calor intenso, que a brisa do mar vinha amenizar. Harbert renascia. Deitado na cama, recebia diretamente o salubre ar do mar e já começava a comer alguns pratos leves preparados por Nab.

Durante todo esse tempo os colonos não avistaram uma só vez os piratas nas proximidades do Palácio de Granito. De Ayrton não tinham notícias e apenas o engenheiro e Harbert acalentavam esperanças de encontrá-lo vivo. Assim que o rapaz ficasse bom, descobririam tudo, explorando completamente a ilha. Mas seria preciso esperarem pelo menos um mês…

O fígado de Harbert voltara ao tamanho normal e suas feridas estavam cicatrizadas.

Durante o mês de janeiro os colonos procuraram colher tudo o que havia escapado à devastação dos piratas: alguns legumes e um pouco de trigo. Cyrus não quis logo reconstruir os abrigos do galinheiro e os estábulos, porque os malfeitores poderiam penetrar novamente no platô, quando os colonos estivessem ausentes.

O convalescente passou a levantar-se na segunda quinzena de janeiro. As forças começavam a voltar-lhe, graças a sua constituição vigorosa. Harbert naquela ocasião tinha dezoito anos e prometia tornar-se homem bastante forte. Sob os cuidados de Spillet, o rapaz convalescia rapidamente.

No fim do mês, Harbert já andava pelo platô e pela praia. Banhos de mar, na companhia de Pencroft e Nab, fizeram-lhe muito bem, de maneira que Cyrus marcou para 15 de fevereiro a partida para explorar a ilha. As noites eram muito claras naquela época do ano, o que facilitaria muito as buscas.

Foram grandes os preparativos para a excursão, pois os colonos haviam jurado só voltar depois de terem destruído os invasores, descoberto Ayrton, se

vivo, e o misterioso benfeitor.

Os colonos conheciam a fundo a costa oriental da ilha, desde o cabo Garra até os cabos Mandíbula, o pântano das Tadomas, as margens do lago Grant, o bosque Jacamar, compreendido entre o caminho do curral e o Providência, todo o curso desse rio e do rio Vermelho e os contrafortes do monte Franklin, entre os quais havia sido construído o curral. Já haviam explorado, mas imperfeitamente, o vasto litoral da baía de Washington, desde o cabo Garra até o promontório do Réptil, a orla florestal e pantanosa da costa oeste e as extensas dunas que terminavam na boca entreaberta do golfo Tubarão. Mas desconheciam completamente as florestas que cobriam a península Serpentina, a margem direita do Providência, a margem esquerda do Cascata e o emaranhado de contrafortes que suportavam os três quartos da base do monte Franklin a oeste, ao norte e a leste. Portanto, milhares de acres da ilha precisavam ser explorados.

Decidiu-se que a caravana seguiria pela floresta Faroeste, para poder explorar a margem direita do Providência.

Talvez fosse melhor os colonos irem diretamente para o curral, onde poderiam encontrar os bandidos. Poderiam ter ido para lá, a fim de pilhar ou refugiar-se. No primeiro caso, não havia pressa, pois a devastação já teria sido completa. Por outro lado, se os piratas tivessem procurado refúgio lá, em qualquer momento os colonos poderiam encontrá-los.

Depois de discutirem os prós e contras, ficou decidido que os colonos atingiriam o promontório do Réptil, seguindo através da floresta. Pretendiam abrir caminho que ligasse o Palácio de Granito à extremidade da península.

A carroça estava em perfeito estado. Os quadrúpedes, bem descansados, poderiam aguentar a viagem, puxando o carro carregado de víveres, utensílios diversos, armas e munições. Os colonos pretendiam manter-se sempre juntos, pois era possível que os piratas estivessem escondidos no bosque, prontos para atacar. Ninguém deveria permanecer no Palácio de Granito.

Até mesmo Top e Jup fariam parte da caravana. A casa, inacessível, poderia permanecer vazia.

O dia 14 de fevereiro, véspera do embarque, foi consagrado inteiramente ao descanso e ações de graças. Harbert estava completamente restabelecido e tomaria parte na expedição, embora ainda estivesse um pouco fraco.

No dia seguinte, ao nascer do dia, Cyrus tomou as medidas necessárias para proteger o Palácio de Granito de qualquer invasão. As antigas escadas foram levadas para a Chaminé e enterradas na areia, bem fundo, para que pudessem ser usadas na volta, pois o motor e o elevador foram desmontados.

Pencroft foi quem executou essa última tarefa e depois desceu por uma corda, até a praia.

O tempo estava magnífico.

— Teremos um dia quente! — observou alegremente o repórter.

— Ora, *doutor* Spillet — respondeu Pencroft —, caminharemos debaixo de tantas árvores que nem sentiremos o sol!

— Então, a caminho! — disse Cyrus.

A carroça esperava diante da Chaminé. Gideon obrigara Harbert a sentar-se nela. Não queria que andasse, pelo menos durante as primeiras horas de viagem. Nab colocou-se na frente do onagro. Cyrus, o repórter e o marinheiro seguiram na vanguarda. Top dava pulos de alegria e Jup ocupava lugar na carroça, ao lado do rapaz.

O carro dobrou o ângulo da embocadura e depois de ter seguido por um quilômetro e meio a margem do Providência, atravessou a ponte onde começava o caminho que levava até o porto Balão. Nesse lugar, os colonos deixaram o caminho à esquerda e embrenharam-se entre as imensas árvores que formavam a floresta Faroeste.

Durante os primeiros três quilômetros, as árvores, espaçadas, permitiram que o carro andasse bem. Apenas de vez em quando era preciso cortar algum cipó. A densa ramagem tornava bastante agradável a viagem. Várias espécies de árvores, já conhecidas dos colonos, e um sem-número de pássaros foram encontrados. Alguns agutis, cangurus e outros mamíferos fizeram com que se lembrassem da primeira expedição que haviam feito naquela ilha.

— Acho que esses animais agora são mais medrosos — observou Cyrus. — É possível que os piratas tenham andado por aqui.

E logo adiante os colonos viram vestígios humanos mais ou menos recentes: galhos quebrados, cinzas, pegadas. Mas nada indicava que houvessem acampado ali definitivamente.

O engenheiro recomendara aos amigos que se abstivessem de caçar, pois os tiros poderiam alertar os bandidos, que talvez estivessem por perto. Além disso,

para caçar, os homens teriam que se afastar da carroça e isso fora terminantemente proibido!

Na parte da tarde daquele mesmo dia, os colonos encontravam-se a cerca de dez quilômetros do Palácio de Granito e a passagem tornara-se bastante difícil. Muitas árvores precisavam ser derrubadas. Cyrus sempre mandava Top e Jup sondarem os bosques, para ver se havia homens estranhos ou feras.

Acamparam para pernoitar às margens de pequeno afluente do Providência, desconhecido até então e que devia ser o responsável pela fertilidade daquela região. Todos jantaram bem, pois a caminhada abrira o apetite. Foram, depois, tomadas as precauções para passar a noite. Se o engenheiro quisesse defender-se apenas das feras, bastaria acender fogo, mas, pensando que os malfeitores poderiam ser atraídos pela luz, preferia permanecer na escuridão. Dois colonos deveriam vigiar, sendo rendidos de duas em duas horas. Harbert, apesar de seus protestos, foi dispensado. Pencroft e Gideon formaram uma dupla, e Cyrus e Nab, a outra.

A noite decorreu sem incidentes e a caminhada foi recomeçada no dia seguinte, mais lenta do que penosa. Tão lenta que não puderam andar mais de nove quilômetros, pois a cada momento era preciso abrir caminho com o machado. Embora fosse trabalho duro, os colonos conseguiram abrir um caminho reto, quase sem curvas.

Outros vestígios dos bandidos foram encontrados. Havia pegadas de tamanhos diferentes e os colonos puderam identificar sinais de passagem de cinco homens.

— Ayrton não estava com eles! — notou Harbert.

— Não — concordou Pencroft. — Isso quer dizer que os miseráveis o mataram. Mas não perdem por esperar! Será que não têm uma toca onde possamos acuá-los como a tigres?

— Não — respondeu o repórter. — Penso que preferem vagar por aí, esperando o momento de tornarem-se reis da ilha.

— Será que pretendem isso? — perguntou Pencroft com voz embargada. — O senhor sabe com que bala armei minha espingarda?

— Não.

— Com a que feriu Harbert. E garanto que acertarei no que atirar.

Mas nada disso poderia devolver a vida a Ayrton. E tudo levava a crer que estivesse morto.

Naquela noite, acamparam a 22 quilômetros do Palácio de Granito e Cyrus calculou que deviam estar mais ou menos a oito quilômetros do promontório do Réptil.

Efetivamente, no dia seguinte chegavam os viajantes à extremidade da península e a floresta foi atravessada em todo o seu comprimento. Nenhum sinal dos piratas ou do desconhecido foi encontrado.

35
Cinco cadáveres

O dia seguinte, 18 de janeiro, foi destinado a explorar toda a parte do bosque que formava o litoral, desde o promontório do Réptil até o rio Cascata. Puderam observar toda aquela floresta, cuja largura variava entre quatro e cinco quilômetros. As árvores imensas e com folhagens espessas atestavam a riqueza do solo. Tudo indicava que as árvores encontravam, embaixo daquele solo úmido, calor vulcânico. Predominavam os cauris e os eucaliptos gigantescos.

Mas a finalidade da exploração não era admirar aqueles vegetais exuberantes. Há muito tempo sabiam que a ilha Lincoln merecia figurar ao lado das Canárias, que primitivamente haviam recebido o nome de Afortunadas. A finalidade era destruir os piratas que tinham vindo acabar com a tranquilidade da colônia.

Na costa ocidental não foram encontrados vestígios de passagem de homens.

— Isso me surpreende — disse Cyrus aos companheiros. — Os piratas desembarcaram na ilha, perto da ponta do Destroço e logo embrenharam-se na floresta Faroeste, depois de atravessar o pântano das Tadornas. Portanto, devem ter seguido o mesmo caminho que agora percorremos, o que justifica todos os sinais que encontramos. Depois de verificarem que nesse litoral não encontrariam nenhum refúgio, resolveram seguir para o norte e voltar ao curral…

— Para onde devem ter voltado… — observou Pencroft.

— Não sou da mesma opinião, pois devem calcular que iremos procurá-los lá. O curral para eles é apenas um lugar que lhes oferece recursos, mas não acampamento definitivo.

— Estou de acordo — concordou Gideon. — Na minha opinião, estão escondidos nos contrafortes do monte Franklin.

— Então vamos para o curral, sem perder tempo — disse o marinheiro.

— Não, meu amigo. Precisamos saber se na floresta Faroeste existe alguma habitação. Nossa expedição tem duplo objetivo: castigar um crime e cumprir um ato de reconhecimento.

— O senhor falou bem — disse Pencroft —, mas acho que só encontraremos esse desconhecido se ele mesmo desejar.

O marinheiro exprimira a opinião de todos. Era provável que sua casa fosse ainda mais misteriosa do que ele próprio.

Naquela noite, a carroça parou na embocadura do rio Cascata. O acampamento foi organizado como de costume. Harbert já podia ajudar a vigiar durante a noite, pois aproveitara bem o ar livre, entre o ar do mar e o das florestas. Já não andava dentro do carro, mas à sua frente.

No dia seguinte, os colonos abandonaram o litoral e subiram o curso do rio pela margem esquerda. O caminho já fora em parte aberto em excursões anteriores, desde o curral até a costa oeste. Encontravam-se a nove quilômetros e meio do monte Franklin. O engenheiro tencionava examinar minuciosamente todo o vale que formava o leito do rio e depois chegar às proximidades do curral. Se estivesse ocupado, tomá-lo-iam à força. Se não encontrassem os bandidos, pretendiam transformar o curral no centro das operações, que tinham como objetivo explorar os contrafortes da montanha. O plano foi unanimemente aprovado, pois todos estavam ansiosos por recuperar o domínio inteiro da ilha.

Caminhavam pelo estreito vale que separava os dois maiores contrafortes do monte Franklin. As árvores cerradas nas margens do rio iam ficando mais espaçadas nas zonas superiores do vulcão. Aquele solo montanhoso, bastante acidentado, prestava-se para emboscadas. Top e Jup iam à frente, sondando o terreno. Mas nada indicava que os piratas tivessem passado por ali ou que estivessem acampados por perto.

Às cinco da tarde, a carroça parou a seiscentos passos da cerca do curral. Uma cortina semicircular de árvores ainda a escondia. Era preciso descobrir se a cabana estava habitada e isso era uma verificação perigosa durante o dia. Poderia acontecer com eles o que sucedera com Harbert. Resolveram, então, esperar a chegada da noite.

Permaneceram ao lado da carroça, sempre vigiando a floresta. Três horas passaram-se assim. O vento diminuíra e silêncio absoluto reinava. Top, deitado,

não dava sinal de inquietude. Às oito horas, Cyrus resolveu que estava na hora de fazerem o reconhecimento. Gideon prontificou-se a partir em companhia do marinheiro. Top e Jup deviam permanecer com os outros para evitar que um latido ou um grito despertasse a atenção dos piratas.

— Não se exponham inutilmente — recomendou Cyrus. — Não vão ocupar o curral e sim verificar se está ocupado ou não.

— Entendido — disse Pencroft.

Os dois amigos caminhavam com cuidado entre as árvores.

A semiobscuridade não permitia que fossem vistos objetos além de doze metros. Pencroft e Gideon andavam um pouco afastados um do outro para ficarem menos expostos aos tiros que esperavam a qualquer momento. Cinco minutos depois, chegaram à clareira, onde fora construída a cabana. A trinta passos dali, estava a porta do curral, que parecia fechada, mas o espaço era completamente descampado e quem quer que aventurasse por ali serviria de ótimo alvo. Pararam. Não podiam cometer nenhuma imprudência. Se fossem mortos, o que seria dos companheiros?

Pencroft, sentindo-se tão perto do curral, onde julgava que os bandidos estivessem, ia avançar quando o repórter o deteve.

— Daqui a pouco será noite escura e poderemos agir sem perigo — murmurou.

O marinheiro, segurando convulsivamente a espingarda, aceitou esperar. Quando a noite escureceu completamente, resolveram agir. Gideon segurou a mão do companheiro e os dois avançaram até a porta do curral e tentaram abri-la. Estava fechada. Tudo indicava que os piratas estavam refugiados ali. Hesitaram. Deveriam ou não pular a cerca?

O repórter achou melhor esperar que os colonos se reunissem para entrar no curral. Pencroft concordou e dentro de poucos instantes Cyrus foi posto a par do que acontecia no curral.

Depois de refletir um pouco, o engenheiro disse:

— Penso que os bandidos não estão no curral.

— Assim que pularmos a cerca saberemos — respondeu Pencroft.

— Então, vamos!

— Devemos deixar a carroça no bosque? — perguntou Nab.

— Não, pois nele está nossa reserva de víveres e munições.

A carroça começou a rodar sem fazer barulho. O silêncio e a escuridão eram completos. Os colonos tinham as armas prontas para atirar em caso de necessidade. Jup era mantido na retaguarda por Pencroft e Top era levado por Nab. Assim que avistou a clareira, a caravana apertou o passo e rapidamente entrou no curral. A porta estava apenas encostada!

— Não disseram que esta porta estava trancada? — perguntou Cyrus a Pencroft e Gideon.

Ambos estavam assombrados.

— Juro que estava bem fechada! — disse o marinheiro.

Os colonos pararam. Teriam os malfeitores aberto a porta enquanto o repórter e o marinheiro tinham voltado para junto dos amigos? Cada um deles pensava, mas não encontravam resposta para as suas dúvidas.

Nesse momento, Harbert, que havia avançado um pouco, recuou e segurou a mão de Cyrus.

— O que foi que houve? — perguntou o engenheiro.

— Uma luz!

— Dentro da casa?

— Sim!

Os colonos avançaram para a porta da cabana. Através dos vidros das janelas via-se uma luz trêmula.

— Precisamos aproveitar esta oportunidade — disse Cyrus. — Os piratas estão reunidos e não esperam ataque.

Avançaram, com as armas no ombro. A carroça fora deixada fora da cerca, sob a guarda de Jup e Top. A porta da cabana estava fechada. Cyrus aproximou-se do vidro da janela e olhou para a única peça da casa. A luz estava sobre a mesa e, perto desta, a cama que outrora servira a Ayrton. Um homem estava deitado nela. De repente, com voz emocionada, Cyrus disse:

— Ayrton!

A porta foi aberta e todos entraram. Ayrton parecia dormir. Seus pulsos e tornozelos estavam feridos.

O engenheiro reclinou-se sobre ele e disse:

— Ayrton!

Ouvindo isso, o homem abriu os olhos, contemplou Cyrus e os outros e perguntou:

— São os senhores?

— Sim! — respondeu Cyrus.

— Onde estou?

— No curral!

— Sozinho?

— Sim!

— Mas eles voltarão! Tratem de defender-se!

E desmaiou.

— Spillet — disse Cyrus —, podemos ser atacados a qualquer momento. Traga a carroça para cá. Faça uma barricada na porta e volte.

Pencroft, Nab e o repórter trataram de executar as ordens de Cyrus. Talvez naquele momento a carroça já estivesse em poder dos malfeitores!

Enquanto os três homens dirigiam-se para a carroça, Top começou a rosnar. O engenheiro, deixando Ayrton, saiu da cabana, pronto para atirar. Harbert seguiu-o. Os dois vigiavam a crista do contraforte que dominava o curral, pois, se os bandidos estivessem escondidos lá, certamente conseguiriam matar os colonos um a um.

Nesse momento apareceu a lua, a leste, iluminando todo o curral. Top, que estivera amordaçado até então, começou a latir com furor e lançou-se para o fundo do curral, do lado direito da casa.

— Atenção, meus amigos — disse Cyrus.

Os colonos, com as armas preparadas, esperavam ordem para atirar. Top continuava latindo e Jup soltava gritos agudos. Seguiram os animais e viram, nas margens do riacho que ali corria, cinco corpos estendidos no chão!

Eram os cadáveres dos cinco piratas que quatro meses antes haviam desembarcado na ilha Lincoln!

36
Inútil procura do protetor

O que acontecera? Quem matara os bandidos? Teria sido Ayrton? Não era possível, pois há poucos instantes temia que os piratas voltassem!

Ayrton caíra em sono profundo e ninguém conseguiu despertá-lo. Os colonos, cheios de ideias confusas, esperaram toda a noite dentro da casa, sem voltar ao local onde jaziam os corpos. Ayrton não deveria saber como tinham morrido os homens, pois encontrava-se dentro da cabana. Mas, pelo menos, poderia contar alguma coisa que tivesse sucedido antes da terrível execução.

No dia seguinte, Ayrton acordou recuperado. Em poucas palavras, contou tudo o que sabia.

No dia seguinte ao de sua chegada ao curral, portanto no dia 10 de novembro, ao cair da noite, fora surpreendido pelos piratas, que o amarraram e amordaçaram. Depois, fora levado para uma caverna escura, no sopé do monte Franklin, onde os invasores estavam estabelecidos. Os piratas tinham decidido matá-lo, quando foi reconhecido por um deles. Ouvindo o nome de Ben Joyce, os outros bandidos respeitaram Ayrton, que foi poupado. Desde aquele momento, os miseráveis não mais o deixaram em paz. Queriam que ele voltasse a ser um deles e contavam com a sua ajuda para apoderar-se do Palácio de Granito e assassinar os colonos. Pretendiam tornar-se os senhores da ilha! Mas Ayrton resistiu. Preferia a morte.

Amarrado, amordaçado e vigiado, passou quatro meses na caverna. Os piratas viviam das reservas do curral, mas não moravam lá. No dia 11 de novembro, um dos bandidos, surpreendido pela chegada dos colonos, atirara contra Harbert. Um dos miseráveis voltara para a caverna, gabando-se de ter matado um colono, mas voltara só, pois seu companheiro fora abatido pela mão de Cyrus, Ayrton

ficou desesperado. Deveriam, então, estar reduzidos a quatro, enquanto os piratas eram cinco!

Durante todo o tempo em que os colonos ficaram cuidando do rapaz, os bandidos não tinham abandonado a caverna. E, mesmo depois de terem pilhado o platô, acharam mais prudente não abandoná-la. Os maus-tratos infligidos a Ayrton aumentaram. Suas mãos e pés mostravam as marcas de cordas que o haviam prendido durante muito tempo. A cada instante, esperava a morte. Finalmente, o infeliz, enfraquecido pelos maus-tratos, caiu em prostração profunda, nada vendo nem ouvindo.

Havia dois dias que não tinha mais consciência do que se passava.

— Sr. Smith — disse ele —, se eu estava prisioneiro na caverna, como consegui vir para cá?

— Como se explica que os bandidos estejam mortos no meio do curral? — perguntou Cyrus por sua vez.

— Mortos! — exclamou Ayrton, que, apesar de sua fraqueza, levantara-se um pouco.

Os companheiros ampararam o infeliz e ajudaram-no a chegar ao riacho. O dia já havia nascido. Os cinco cadáveres continuavam onde os colonos os haviam encontrado. Ayrton estava aterrorizado.

Nab e Pencroft, por ordem do engenheiro, foram examinar os corpos, já frios. Não apresentavam ferimentos. Só depois de tê-los minuciosamente examinado foi que o marinheiro descobriu na cabeça de um, no peito de outro e nas costas de terceiro pequeno ponto vermelho, parecendo contusão, produzido por um objeto difícil de identificar.

— Eles foram feridos! — exclamou Cyrus.

— Mas com que arma? — perguntou o repórter.

— Com alguma arma fulminante que desconhecemos!

— E quem terá feito isso?

— O justiceiro da ilha — disse Cyrus. — E também deve ter sido ele quem o trouxe para cá, Ayrton. Faz tudo por nós e sempre se esconde!

— Então vamos procurá-lo! — exclamou Pencroft.

— Só o encontraremos se ele quiser — respondeu Cyrus.

Essa proteção invisível, que reduzia a nada qualquer esforço dos colonos, irritava e comovia ao mesmo tempo o engenheiro.

— Deus permita que um dia possamos encontrá-lo para que ele saiba que não fez bem a ingratos! — disse Cyrus.

A única preocupação dos colonos passou a ser descobrir o benfeitor. O bom tratamento dispensado a Ayrton fez com que ele logo se recuperasse. Nab e Pencroft levaram os cadáveres para a floresta e lá os sepultaram. Ayrton foi posto a par de tudo o que acontecera com os amigos. Terminando a narrativa, Cyrus disse:

— Se voltamos a ser os senhores dessa ilha, não devemos isso a nós mesmos.

— Bem — propôs Gideon —, vamos procurar esse desconhecido em todos os cantos da ilha!

— E só voltaremos para casa depois de tê-lo descoberto — reforçou Harbert.

— Sim… — disse o engenheiro. — Faremos todo o possível, mas torno a repetir que só o encontraremos se ele quiser.

— Vamos permanecer no curral? — perguntou o marinheiro.

— É melhor — ponderou Cyrus. — Aqui temos provisões abundantes. E, se quisermos voltar para casa, a distância é pequena.

— Só tenho uma observação a fazer — disse o marinheiro.

— Qual?

— A estação boa está acabando e não devemos esquecer-nos da viagem que precisamos fazer.

— Que viagem? — quis saber Spillet.

— Até a ilha Tabor. Precisamos deixar indicações da nossa ilha dentro da antiga cabana de Ayrton, pois é possível que o iate escocês volte para procurá-lo.

— Como pretende fazer essa viagem? — perguntou o engenheiro.

— No *Boaventura*.

— Ele não existe mais! — exclamou Ayrton.

— Não existe mais? — urrou Pencroft.

— Os piratas descobriram-no e há oito dias embarcaram nele. Depois…

— O que aconteceu? — perguntou o marinheiro com o coração acelerado.

— Não tendo Robert Harvey para manobrá-lo, naufragaram nas rochas. A embarcação ficou completamente destruída!

— Ah! Miseráveis! Bandidos! — exclamou Pencroft.

— Não se incomode — disse Harbert —, faremos um navio ainda maior! Temos todo o material do brigue afundado!

— Mas levaremos seis meses no mínimo para construir uma embarcação de trinta a quarenta toneladas.

— Renunciemos a fazer a viagem esse ano — propôs Gideon.

— É preciso conformar-se — disse Cyrus a Pencroft. — Acho que esse atraso não nos será prejudicial.

— Ah! Meu pobre *Boaventura!* — dizia Pencroft, consternado com a perda do navio.

Realmente, fora grande perda para os colonos, que deveria ser reparada o mais depressa possível.

As buscas foram começadas no próprio dia 19 de fevereiro e duraram uma semana. Toda a base da montanha, formada por um labirinto de vales, foi explorada. Certamente, aquelas gargantas escondiam a morada do desconhecido. Primeiro, os colonos visitaram o vale que ficava na parte sul do vulcão e que recolhia as primeiras águas do rio Cascata. Ali, Ayrton mostrou a caverna dos piratas, onde encontraram grande quantidade de víveres e munições.

Todo o vale levava a uma gruta, cheia de belas árvores, entre as quais predominavam as coníferas. Depois de terem virado a ponta do contraforte sudoeste, os colonos entraram numa garganta muito estreita. Nesse lugar, as pedras substituíam as árvores. Várias cabras e carneiros selvagens andavam por lá. Apenas três dos vales formados pela base do monte eram arborizados e ricos em pastagens, como aquele onde fora construído o curral, que confinava a oeste com o vale do rio Cascata e a leste com o vale do rio Vermelho. Esses dois riachos, transformados mais abaixo em rios, graças a alguns afluentes, formavam todo o sistema hidrográfico da região e eram os responsáveis pela fertilidade de sua porção meridional.

O rio Providência era mais diretamente alimentado por fontes abundantes, perdidas na floresta Jacamar, que, espalhando-se em filetes, irrigavam o solo da península Serpentina. Os três vales, nos quais não faltava água; podiam servir de refúgio melhor do que os outros. Mas os colonos já haviam explorado os três sem nada descobrir.

Teria o desconhecido escolhido, para morar, os vales áridos, cobertos de lavas?

A parte norte do monte era formada por dois vales, pouco profundos, sem verdura, cheios de pedras e lavas. Era uma parte difícil de explorar. Havia, sem

dúvida, muitas cavernas, mas todas sem conforto e de difícil acesso. Os colonos chegaram a visitar vários túneis da época plutoniana, ainda escurecidos pela passagem do fogo de outrora e que se dirigiam para o interior do maciço.

Por todos os lados só havia silêncio. Parecia que o pé humano jamais pisara aqueles corredores antigos e que ninguém jamais mexera numa pedra. Tudo estava como quando o vulcão provocara o aparecimento da ilha em época remota. Mas, chegando no fundo de uma cavidade, Cyrus observou que o silêncio não era completo. Ouviam-se alguns barulhos surdos, cuja intensidade era aumentada pela sonoridade das rochas. Gideon também foi testemunha desses rumores, que pareciam indicar renascimento de fogos subterrâneos.

— Será que o vulcão não está completamente extinto? — perguntou Gideon.

— É possível que depois da nossa visita à cratera tenha ocorrido alguma modificação nas camadas inferiores. Todo vulcão considerado extinto pode voltar à atividade.

— Se houver erupção, a ilha correrá perigo?

— Não creio — respondeu Cyrus. — O excesso de vapores e de lavas deverá escapar, como outrora, pela sua saída costumeira.

— A menos que as lavas não forcem novo caminho em direção às partes mais férteis da ilha!

— Por que não hão de seguir o caminho naturalmente traçado?

— Ora, os vulcões são caprichosos!

— Veja — disse o engenheiro —, toda a inclinação do monte favorece o escoamento das lavas para essa parte que agora exploramos. Só um tremor de terra poderia modificar o centro de gravidade da montanha e mudar essa inclinação.

— Mas nesses casos sempre podem acontecer tremores de terra.

— É verdade, sobretudo quando as forças subterrâneas começam a despertar, depois de longo repouso. Realmente, seria melhor que esse vulcão não entrasse em erupção. Mas o que podemos fazer? Em todo caso, acho que nosso platô não correrá grande perigo. Entre ele e a montanha, o solo apresenta grande depressão e, se por acaso as lavas correrem em direção ao lago, serão jogadas para as dunas e para as terras vizinhas do golfo Tubarão.

— Ainda não vimos fumaça, indicando que o vulcão está para entrar em erupção — disse Spillet.

— Ainda não — confirmou Cyrus —, mas é possível que a parte inferior da chaminé esteja com grande quantidade de lavas endurecidas e cinzas, o que impediria a passagem da fumaça.

— Ouve-se muito bem o barulho no interior do vulcão — observou Gideon.

— Infelizmente, não podemos avaliar o resultado nem a importância desse fenômeno.

Cyrus e Gideon foram contar aos amigos o que haviam observado.

— Bem — disse Pencroft —, então o vulcão quer aprontar… Ele que não experimente, pois encontrará um senhor!

— Quem? — perguntou Nab.

— Nosso gênio. Ele saberá amordaçá-lo!

Parecia não ter limites a confiança do marinheiro no protetor desconhecido.

De 19 a 25 de fevereiro, foi explorada a parte norte da ilha, onde os recantos mais secretos foram examinados. A primeira parte do cone, que terminava o primeiro andar das rochas, foi bastante estudada, bem como a aresta superior do enorme chapéu, no fundo do que se abria a cratera.

Nenhuma fumaça, nenhum vapor escapava da montanha, indicando próxima erupção. E nenhum sinal do benfeitor foi encontrado naquele local.

Depois, os colonos dirigiram-se para as dunas. As altas muralhas lávicas do golfo Tubarão foram visitadas. Vendo que nada encontravam, resolveram voltar, pois não era possível continuar buscas inúteis por mais tempo. Já acreditavam que o misterioso ser não morava na ilha. Nab e Pencroft já pensavam que fosse ente sobrenatural.

No dia 25 de fevereiro, os colonos voltaram para o Palácio de Granito e, por meio de uma corda dupla, levada por flecha até o patamar da porta, restabeleceram a comunicação entre a casa e a praia.

Um mês mais tarde, festejaram o terceiro aniversário de chegada na ilha Lincoln!

37
Começo de erupção

Durante os três anos em que estavam na ilha, os colonos sempre falavam da pátria distante. Não duvidavam de que a guerra civil tivesse terminado, com resultado favorável para a causa do norte. Mas gostariam de saber com exatidão. Quantas vidas havia custado? Quantos amigos haviam perdido na luta? Sempre conversavam sobre isso, sem esperança de poderem regressar. Aliás, gostariam muito de poder voltar, estabelecer comunicação entre a ilha e sua pátria e finalmente poder viver naquela colônia fundada por eles. Seria um sonho impossível?

Só poderiam retornar aos Estados Unidos, se um navio aparecesse por acaso nas proximidades da ilha ou se construíssem embarcação capaz de suportar longa travessia.

— A menos — dizia Pencroft — que nosso gênio nos forneça meio de repatriar-nos.

E, realmente, se viessem dizer a Pencroft ou a Nab que um navio de trezentas toneladas os esperava no golfo do Tubarão ou no porto Balão não se mostrariam surpresos. Mas Cyrus Smith, mais realista, propôs que começassem logo a construção de um navio, pois era urgente ir até a ilha Tabor para deixar por escrito a posição da ilha em que se encontravam. A construção levaria seis meses e, como o inverno já estava para chegar, precisariam esperar até a próxima primavera para empreender a viagem.

— Teremos bastante tempo para construir nosso navio — disse Cyrus a Pencroft —, pois só poderemos viajar na primavera. Acho que devemos fazer um navio de dimensões consideráveis. A vinda do iate escocês é bastante problemática e até pode ser que já tenha vindo procurar Ayrton e voltado sem ter

conseguido encontrá-lo. Não acha melhor construir um barco que nos permita chegar até algum arquipélago da Nova Zelândia?

— Penso que o senhor é capaz de construir um grande navio tão bem quanto um pequeno. Não nos falta nem madeira nem ferramentas. É apenas uma questão de tempo.

— Quantos meses serão precisos para construir uma embarcação de 250 ou trezentas toneladas?

— Sete ou oito meses — respondeu Pencroft. — Mas devemos deduzir os dias de inverno que não nos permitirão trabalhar. Calculo que só fique pronto em novembro.

— Esse mês é, justamente, o melhor para empreendermos qualquer viagem, seja até a ilha Tabor ou até mais longe.

— O senhor precisa apenas fazer seus planos. Os operários estão ao seu dispor. Ayrton também nos poderá ser muito útil.

O projeto do engenheiro foi aprovado, embora a construção de um navio daquela capacidade não fosse tarefa fácil.

Enquanto Cyrus traçava o projeto de construção, os colonos abatiam as árvores que seriam utilizadas: carvalhos e olmos. Na Chaminé foi instalado o estaleiro. As madeiras deviam ser cortadas e deixadas a secar, pois não podiam ser empregadas verdes. Trabalharam sem parar, durante todo o mês de abril, que foi apenas perturbado por algumas rajadas de vento forte. Jup ajudou bastante todo esse tempo.

O mês de abril teve dias bonitos, como costuma ter o mês de outubro na zona boreal. As plantações foram recomeçadas, o moinho reconstruído e os abrigos do galinheiro levantados de novo, em maiores dimensões, pois as aves aumentavam cada dia.

Os estábulos abrigavam naquela época cinco onagros, sendo que quatro podiam ser atrelados e um era recém-nascido. Haviam construído um arado e os onagros trabalhavam para lavrar a terra como se fossem bois.

Havia trabalho para todos e graças à boa saúde de que gozavam nenhum se queixava de cansaço. Ayrton acostumara-se a viver com os amigos e não voltara para o curral. Continuava, porém, triste e pouco comunicativo, se dedicando e quase nunca se divertia. Era um trabalhador forte, hábil e inteligente.

Mas o curral não fora abandonado. Cada dois dias, um colono ia até lá, levando a carroça ou montado num dos quadrúpedes e trazia leite. Gideon e Harbert, acompanhados por Top, eram os que mais iam até o curral, pois gostavam muito de caçar, o que faziam pelo caminho.

Os colonos variavam muito a comida, pois tinham a coelheira e a ostreira à sua disposição. Além disso, haviam capturado algumas tartarugas e pescado excelentes salmões. Os legumes plantados no platô serviam de acompanhamento às carnes e as frutas frescas eram a sobremesa.

O fio telegráfico fora consertado e assim, quando julgavam necessário passar a noite no curral, avisavam aos que tinham permanecido no Palácio de Granito, para que não ficassem preocupados. Não se esperava perigo, mas o que acontecera poderia repetir-se. Era possível que outros cúmplices de Robert Harvey, ainda detidos em Norfolk, tivessem a mesma intenção que o chefe. Todos os dias os colonos examinavam o horizonte com a luneta. E quando iam ao curral olhavam a parte oeste do mar. Mas nada viam de anormal.

O engenheiro sugeriu aos amigos fortificar o curral, pois assim poderiam enfrentar possíveis inimigos. Sendo o Palácio de Granito inexpugnável, o curral sempre seria alvo dos piratas, por causa do abrigo e das reservas que continha.

No dia 15 de maio, a quilha da nova embarcação estendia-se no estaleiro. Construída com boa madeira, media 33 metros de comprimento. Depois de terem feito essa parte do navio, os colonos foram obrigados a interromper os trabalhos por causa do frio.

Os últimos dias do mês foram terríveis. O vento leste soprava com violência, parecendo, às vezes, um furacão. O engenheiro chegou a temer pelos hangares do estaleiro, que, aliás, não poderiam ter sido levantados em outro lugar. Com efeito, a ilhota pouco protegia o litoral contra a fúria do mar e durante as tempestades as ondas chegavam a bater diretamente na muralha de granito. Felizmente, o vento soprou mais para sudeste e, dessa maneira, a costa do Palácio de Granito ficou protegida pela ponta do Destroço.

Pencroft e Ayrton, os operários navais mais zelosos, trabalhavam muito. O vento e a chuva não os perturbavam. Mas, quando chegou o frio intenso, não puderam mais manipular a madeira cujas fibras endureceram e no dia 10 de junho foram forçados, definitivamente, a abandonar a construção.

Os colonos já sabiam que o frio era rigoroso na ilha. A temperatura de inverno podia ser comparada com a do estado da Nova Inglaterra, que estava situada mais ou menos à mesma distância do Equador. Se no hemisfério boreal ou, pelo menos, na parte ocupada pela Nova-Britânia e pelo norte dos Estados Unidos a temperatura é baixa pela conformação achatada do terreno, que confina com o polo, e não oferece obstáculos às ventanias de inverno, na ilha Lincoln não acontece o mesmo.

Certo dia, Cyrus disse aos amigos:

— Em latitudes iguais, as ilhas e regiões do litoral sofrem menos os rigores do frio que o interior. Muitas vezes, ouvi dizer que o inverno da Lombardia é menos rigoroso que o da Escócia, pois o mar devolve, no inverno, o calor que recebeu no verão. Portanto, as ilhas costumam ser os melhores lugares, pois nelas não faz muito frio nem muito calor.

— Mas por que nossa ilha é exceção? — perguntou Harbert.

— Acho que é porque ela está situada no hemisfério austral, que é mais frio que o boreal.

— É verdade. As montanhas de gelo flutuante encontram-se em latitudes mais baixas ao sul e não ao norte do Pacífico.

— Posso confirmar — reforçou Pencroft. — Quando trabalhei como pescador de baleias, vi aicebergues até no cabo Horne.

— Não se pode explicar o frio intenso da ilha Lincoln pela proximidade de blocos de gelo flutuantes? — perguntou o repórter.

— Sua teoria é possível, meu caro Spillet. Mas lembro-lhes uma causa física que também parece explicar os rigorosos invernos que sofremos. Durante o verão, o sol aproxima-se muito do nosso hemisfério. Por conseguinte, durante o inverno, deve ficar muito afastado. Não devemos esquecer-nos de que, se os invernos aqui são muito frios, os verões são muito quentes.

— Mas por que nosso hemisfério sofre tanto? — perguntou o marinheiro. — Não acho justo!

— Meu amigo — respondeu Cyrus —, justo ou não, precisamos conformar-nos com a situação. A terra descreve ao redor do sol uma elipse e não uma curva, segundo as leis da mecânica racional. A terra, ocupando um dos focos da elipse, em certa época do seu percurso atinge seu apogeu, isto é, sua maior distância do sol. Quando, ao contrário, está no ponto mais próximo ao sol, atinge seu perigeu.

Ora, é precisamente na época dos invernos austrais que ela está no apogeu. E nada podemos fazer contra isso, pois não podemos alterar a ordem cosmográfica estabelecida por Deus.

— Que grande livro o senhor poderia escrever com o que sabe! — exclamou Pencroft.

— Poderia escrever um ainda maior com o que não sei — respondeu Cyrus.

Durante o mês de junho, os colonos quase não puderam abandonar a casa. Como custavam a passar aqueles dias, sobretudo para Gideon!

— Se me arranjasse um jornal — disse certa vez o repórter a Nab —, eu seria capaz de dar-lhe o que me pedisse! Para minha felicidade completa, só falta um jornal todas as manhãs!

Nab limitou-se a rir.

A colônia atingira grande prosperidade, depois de três anos de trabalho. O naufrágio do brigue fora muito vantajoso para todos, pois haviam conseguido recolher armas, roupas e utensílios, sem falar nas ferragens e instrumentos do navio. Não precisaram mais fabricar feltro, pois as roupas encontradas serviram muito bem para abrigá-los do frio. A roupa branca, também não faltava e era tratada com muito cuidado.

Do cloreto de sódio, que nada mais é do que sal marinho, o engenheiro extraíra soda e cloro. A soda foi facilmente transformada em carbonato de sódio, e o cloro, em cloreto de cálcio. Esses produtos eram usados para diversos fins e sobretudo para clarear fazenda. Não eram preparadas mais de quatro lixívias por ano, como faziam as antigas famílias. E, enquanto esperavam um jornal, Gideon e Pencroft tornaram-se excelentes branqueadores.

Dessa maneira, passaram-se os meses de junho, julho e agosto, que foram muito rigorosos. A temperatura média foi de treze graus centígrados abaixo de zero, inferior, portanto, à do inverno anterior. Felizmente, não faltava combustível para manter aceso o fogo da lareira do Palácio de Granito. Para não gastar muita hulha, que era de difícil transporte, os colonos usavam lenha.

Os homens e os animais portavam-se bem. Só Jup mostrava-se um pouco friorento. Mas como trabalhava bem! Era um empregado bom, zeloso, incansável, discreto e silencioso.

— Também, com quatro mãos, não é de admirar que trabalhe tão bem! — dizia o marinheiro.

Durante os sete meses que se passaram depois das buscas até o mês de setembro, que trouxe de volta os dias bonitos, o gênio da ilha não se manifestou. É verdade que nada acontecera aos colonos e o gênio só costumava aparecer nas ocasiões necessárias. Cyrus observara que, durante todo aquele tempo, Top não latira perto do poço nem Jup guinchara. Os dois nem sequer rondavam o lugar.

O inverno terminou, mas nos primeiros dias da primavera, ocorreu um fato cujas consequências poderiam ser muito graves.

No dia 7 de setembro, Cyrus viu fumaça em cima do monte Franklin. Era a cratera que lançava seus primeiros vapores.

38
Encontro com o benfeitor

Os colonos, chamados por Cyrus, observaram em silêncio o monte. O vulcão despertara e seus vapores haviam furado a camada mineral que havia no fundo da cratera. Os fogos internos provocariam explosão violenta? Era eventualidade a prevenir. Mesmo que ocorresse erupção, era provável que a ilha Lincoln nada sofresse. Nem sempre os derramamentos de lava são desastrosos. A própria ilha já sofrera isso, como testemunhavam os corredores de lavas existentes na parte setentrional da montanha. Além disso, a forma da cratera faria com que a matéria incandescente escorresse para o lado oposto à região fértil da ilha.

Mas era preciso que se tomassem algumas precauções, pois, às vezes, antigas crateras se fecham e novas se abrem. Isso já aconteceu no vulcão Etna, no Popocatépetl e no Orizaba. Bastaria um tremor de terra para modificar toda a disposição interior da montanha e formar novos corredores de lavas. Cyrus explicou todos os prós e contras aos amigos. O Palácio de Granito só correria perigo em caso de tremor de terra, mas o curral sofreria muito se outra cratera se abrisse na parte sul do monte Franklin. Os vapores foram cada dia aumentando, mas nenhum fogo aparecia, o que indicava que o fenômeno se processava apenas na parte inferior da montanha.

Os trabalhos recomeçaram com a chegada dos dias bonitos. A construção do navio fora acelerada. Cyrus conseguiu fazer uma serra hidráulica, utilizando a cachoeira da praia. Isso facilitou muito o corte dos enormes troncos.

No fim do mês de setembro, a carcaça do navio, que seria uma galeota, estava pronta. O navio era estreito na popa e largo na proa. Destinava-se a travessias longas. Felizmente, todas as ferragens do brigue naufragado haviam sido salvas e os colonos puderam aproveitá-las, bem como boa quantidade de pregos de

cobre. A construção naval só foi interrompida durante uma semana, para a colheita.

Quando chegava a noite, os trabalhadores estavam extenuados. Para não perder tempo, haviam mudado as horas das refeições. Almoçavam ao meio-dia e só vinham jantar quando já escurecia. Depois de comer, deitavam-se e dormiam.

Algumas vezes, um debate interessante retardava a hora de dormir. Nessas ocasiões, geralmente conversavam sobre a futura viagem da galeota até terras próximas. Mas nunca se esqueciam de fazer referência a uma viagem de volta à ilha Lincoln, que não tencionavam abandonar. Entrando em contato com a América, pretendiam dar-lhe novo desenvolvimento.

Pencroft e Nab aspiravam passar ali seus dias.

— Harbert — dizia o marinheiro —, pretende abandonar a nossa ilha?

— Não, principalmente se você ficar aqui.

— Então, espero que traga para cá sua mulher e seus filhos.

— Combinado! — respondeu Harbert, rindo e corando.

— E o sr. Cyrus será o governador da ilha! Quantas pessoas terá? Dez mil?

Todos faziam planos para o futuro e Pencroft chegou até a prever a fundação de um jornal, dirigido por Spillet: o *Arauto da Ilha Lincoln*. Ayrton, silencioso, só desejava rever lorde Glenarvan e mostrar a todos que estava recuperado.

No dia 15 de outubro, a conversa prolongara-se mais do que de costume. Já eram nove da noite e Pencroft, já não conseguindo reprimir alguns bocejos, ia para a cama, quando ouviu a campainha do telégrafo. Todos os colonos estavam juntos. Não havia ninguém no curral. Entreolhavam-se e Cyrus levantou-se.

— Que quer dizer isso? — perguntou Nab. — Será que o diabo é quem está chamando?

Ninguém respondeu.

— O tempo está meio tempestuoso — observou Harbert. — Não poderá influir na eletricidade?

O engenheiro balançou a cabeça negativamente.

— Esperemos — disse Gideon. — Se foi alguém que deu o sinal, na certa o repetirá.

— Mas quem pode ter feito isso? — perguntou Nab.

— Aquele que… — respondeu Pencroft.

Mas a frase do marinheiro foi cortada pelo som da campainha.

Cyrus, dirigindo-se para o telégrafo, mandou a seguinte mensagem:

“O que deseja?”

E recebeu a resposta:

“Venham depressa até o curral.”

— Até que enfim! — exclamou Cyrus.

Sim! O mistério começava a desvendar-se. Esquecendo o cansaço, desceram até a praia e dirigiram-se para o curral. Apenas Jup e Top ficaram em casa.

A noite estava bastante escura. A lua nova desaparecera juntamente com o sol e algumas nuvens de tempestade escondiam as estrelas. Relâmpagos, ao longe, riscavam o céu. Era possível que caísse uma tempestade algumas horas depois. Mas nem a escuridão deteve os colonos. Andavam depressa, ansiosos por encontrar o ser misterioso que tantas vezes os salvara.

Na floresta tudo era silêncio. Nenhuma brisa agitava as folhas e os animais pareciam imobilizados pela atmosfera pesada. Apenas os passos dos homens ressoavam. O primeiro quarto de hora de viagem foi feito em completo silêncio. Apenas Pencroft dissera:

— Devíamos ter trazido um archote.

— Encontraremos um no curral! — respondera Cyrus.

Os colonos haviam deixado a casa por volta das nove horas. Às 21h47, já haviam percorrido mais da metade do caminho, quando os relâmpagos aumentaram e alguns trovões começaram a ribombar. Cyrus e seus amigos andavam como se fossem impelidos por uma força irresistível. Em pouco tempo atingiram a cerca do curral, justamente quando a tempestade caiu com toda a violência.

Em poucos instantes os homens conseguiram atingir a porta do curral e Cyrus bateu. Nenhuma resposta. E, no entanto, a casa deveria estar ocupada por quem enviara o telegrama! O engenheiro abriu a porta e todos entraram na sala completamente às escuras.

Nab acendeu a lareira e puderam verificar que tudo estava como haviam deixado e que ali não havia ninguém…

— Terá sido uma ilusão? — murmurou o engenheiro.

Não era possível! O telegrama fora bem claro. A mesa telegráfica estava em ordem.

— Quem esteve aqui pela última vez? — perguntou Cyrus.

— Fui eu — respondeu Ayrton.

— Quando?

— Há quatro dias.

— Vejam! — disse Harbert. — Uma nota sobre a mesa.

Naquele papel, leram o que estava escrito em inglês:

Sigam o novo fio.

— Vamos seguir! — exclamou Cyrus, compreendendo que a mensagem não partira do curral, mas de outro local, onde havia um fio ligado ao da cabana.

Nab apanhou um archote e todos o acompanharam, debaixo de tremenda tempestade. Os relâmpagos eram tão fortes que iluminavam todo o monte Franklin, de cuja cratera saíam vapores.

Cyrus logo encontrou o fio que devia ser seguido, todo enrolado em material isolante, como um cabo submarino. Parecia passar pelos bosques e contrafortes meridionais da montanha, dirigindo-se para oeste. Começaram a segui-lo, não se importando com a trovoada, que era aterradora. Nem sequer podiam conversar, pois nada se escutava.

O fio continuava subindo o contraforte que havia entre o vale do curral e o do rio Cascata, que atravessaram na sua parte mais estreita. Às vezes passava pelos galhos das árvores e às vezes esticava-se no solo. O engenheiro calculava que o fundo do vale fosse a morada do desconhecido. Mas enganara-se. Ainda tiveram que subir o contraforte de sudoeste e tornar a descer até o platô árido que terminava à muralha de basaltos tão estranhamente talhados. O fio parecia dirigir-se para o mar. Certamente, alguma caverna era o abrigo do ser misterioso.

O céu parecia estar pegando fogo, tal era a claridade dos relâmpagos. Durante alguns instantes pareceu que o vulcão entrara em erupção. Depois de percorrerem dois quilômetros, chegaram à extremidade que dominava o oceano a oeste. O vento desaparecera e a ressaca bramia. Ali, o fio entrava pelas rochas. Desceram o caminho perigoso formado por pedras, arriscando-se a cair ao mar. Era uma descida extremamente arriscada, mas uma atração irresistível os impelia. Cyrus caminhava na frente e Ayrton fechava a caravana. Andavam devagar, escorregando nas pedras lisas, caindo às vezes. Levantando-se, continuavam a andar. Chegando ao limite inferior da muralha de basalto, seguiram por uma rampa e, dentro em pouco, encontraram o fio ao nível do mar. O engenheiro segurou-o e viu que estava mergulhado na água. Seus

companheiros pararam estupefatos. Um grito de desespero escapou de todos! Precisariam mergulhar para encontrar alguma caverna submarina? No estado de excitação em que se encontravam seriam bem capazes de fazer isso!

Mas Cyrus, refletindo, deteve-os, dizendo-lhes:

— Esperemos, pois a maré está cheia. Quando baixar, encontraremos o caminho.

— O senhor ainda acredita?... — perguntou Pencroft.

— Não nos teria chamado se não pudéssemos chegar até onde está.

O engenheiro respondera com tanta convicção que ninguém objetou mais nada. Realmente, era possível que a maré baixa deixasse à mostra alguma abertura na muralha. Permaneceram em silêncio, durante algumas horas, esperando que a maré baixasse. Abrigaram-se numa cavidade da rocha, pois a chuva começara a cair. A emoção era grande. Mil pensamentos estranhos atravessavam-lhes as mentes. Faziam ideia sobrenatural daquele ilustre desconhecido.

À meia-noite, Cyrus desceu novamente até a praia e, levando o archote, foi observar a disposição das rochas. A maré vazante começara há duas horas. Não se enganara. Imensa abertura começava a aparecer. O fio entrava ali. Voltando para junto dos companheiros, Cyrus disse:

— Dentro de uma hora poderemos entrar.

— Então existe uma caverna? — perguntou Pencroft.

— Estava duvidando?

— Mas essa caverna sempre deve ter água até certa altura — observou Harbert.

— Ou fica completamente seca ou encontraremos meio de penetrar dentro dela.

Depois de uma hora, todos desceram e viram que a maré já havia baixado quatro metros e meio. No meio da escuridão da caverna, o engenheiro divisou um objeto flutuando na superfície das águas. Era uma canoa que estava amarrada em uma saliência da rocha.

— Embarquemos — disse Cyrus.

Os colonos tomaram os dois remos que estavam no fundo da embarcação e, tendo a direção ficado a cargo de Pencroft, entraram na caverna. A escuridão era muito grande e a luz do archote insuficiente para que pudessem avaliar largura e

altura da gruta. O silêncio era completo. Nem sequer ouviam-se os ruídos da trovoada.

Os colonos estavam curiosos por saber se a caverna que haviam encontrado iria até o centro da ilha. Depois de quinze minutos de viagem, Cyrus, que indicava o caminho, disse a Pencroft:

— Mais para a direita!

A embarcação encostou na parede da direita e Cyrus pôde verificar que o fio telegráfico passava por ali.

— Então vamos adiante! — disse o engenheiro.

A canoa já devia ter avançado oitocentos metros, quando ouviu-se Cyrus dizer:

— Parem!

O barco parou e todos viram uma luz forte, iluminando a enorme cripta, profundamente cavada nas entranhas da ilha. E, assim, puderam examinar a caverna, cuja existência nem sequer suspeitavam.

A abóbada arredondava-se a trinta metros de altura e era segura por rochas de basalto. As águas do mar banhavam tranquilamente essas colunas. O efeito produzido pela luz naquela caverna, cheia de reentrâncias, era indescritível! Aquela luz branca e forte só podia ser de origem elétrica. Parecia verdadeiro sol dentro daquela gruta.

Os homens remaram para o foco de luz e viram que o lençol de água era bastante largo e que uma muralha basáltica fechava a caverna. Havia ali um verdadeiro lago, que parecia cercado de diamantes, tal era o reflexo das pedras iluminadas pela possante luz!

No centro do lago flutuava, silencioso, um objeto fusiforme. Era um aparelho semelhante a enorme cetáceo, que media 75 metros de comprimento e três de altura. A canoa aproximava-se lentamente e Cyrus, na proa, agitou-se e exclamou, segurando o repórter pelo braço:

— É ele! Só pode ser ele!

E, depois, sentou-se no banco, murmurando um nome que só Gideon Spillet compreendeu. Sem dúvida, o repórter conhecia aquele nome, pois respondeu em voz baixa:

— Ele! Um homem fora da lei!

— Ele mesmo — repetiu Cyrus.

O engenheiro ordenou que a canoa se aproximasse do aparelho flutuante e encostasse ao seu lado esquerdo. Cyrus e os amigos subiram na plataforma e entraram num orifício, descendo uma escada.

Embaixo da escada havia um corredor iluminado eletricamente e numa de suas extremidades abria-se uma porta, que Cyrus logo empurrou. Atravessaram uma sala ricamente decorada que ia dar numa biblioteca, onde pendia um lustre aceso. No fundo da biblioteca, havia outra porta fechada, que Cyrus abriu. Dessa vez, os homens entraram num vasto salão, espécie de museu, onde havia verdadeiros tesouros minerais, obras de arte e maravilhas industriais. Parecia que estavam num país de sonhos! Estendido sobre um rico sofá, viram um homem, que pareceu não notar a presença dos visitantes.

Cyrus levantou a voz e, para surpresa dos companheiros, disse:

— Capitão Nemo, o senhor chamou? Pois aqui estamos.

39
O capitão Nemo

Ouvindo essas palavras, o homem levantou-se e todos puderam ver seu rosto iluminado. Possuía uma cabeça magnífica, testa grande, olhar confiante, barba branca, cabeleira abundante e jogada para trás. Apoiou-se no sofá de onde se levantara. Seu olhar era sereno, mas via-se que uma doença lenta enfraquecia-o pouco a pouco. Com voz forte, disse em inglês e em tom de extrema surpresa:

— Eu não tenho nome!

— Eu o conheço — respondeu Cyrus.

O capitão Nemo lançou um olhar furioso para o engenheiro, como se pretendesse aniquilá-lo. Depois, caindo sobre o sofá, disse:

— Não importa, pois estou morrendo!

Cyrus aproximou-se do capitão e Gideon segurou-lhe a mão, que estava muito quente. Os outros mantinham-se afastados em um canto do salão.

Nemo pediu que o engenheiro e o repórter se sentassem. Todos o olhavam muito emocionados, pois estavam diante do que costumavam chamar *gênio da ilha*, do benfeitor que tantas vezes havia salvo suas vidas. E, em vez de um deus, Nab e Pencroft tinham encontrado um homem prestes a morrer!

Como pudera Cyrus concluir que se encontrava em presença de Nemo? E por que o capitão ficara tão surpreendido por ter sido reconhecido? Sentara-se no sofá e olhava para o engenheiro, sentado ao seu lado.

— O senhor conhece o nome que já usei?

— Sim, e também sei o nome desse admirável aparelho submarino…

— O *Náutilo?* — perguntou sorrindo o capitão Nemo.

— Exatamente.

— Então o senhor sabe quem sou?

— Sim.

— Como pode saber isso tudo se vivo completamente isolado da civilização há trinta anos? Só nas profundezas do mar consegui encontrar a independência! Quem traiu meu segredo?

— Um homem que nunca trabalhou com o senhor e, portanto, não houve traição.

— Aquele francês que o acaso colocou a bordo do *Náutilo* há dezesseis anos?

— Ele mesmo.

— Esse homem não morreu com seus companheiros?

— Não. Li numa obra chamada *Vinte mil léguas submarinas* toda a sua história.

— Minha história durante alguns meses apenas! — respondeu o capitão.

— É verdade… mas alguns meses de vida tão estranha foram suficientes para que não me esquecesse do senhor.

— Deve julgar-me grande culpado, não? — disse Nemo sorrindo altivamente. — Pensa que sou um revoltado, posto à margem da sociedade?

O engenheiro nada disse.

— E então? Não responde?

— Não posso julgá-lo, pois nada sei sobre o seu passado. Ignoro, como todo mundo, quais os motivos que o levaram a viver tão estranhamente. Sei apenas que suas mãos benfeitoras muito nos ajudaram desde que aqui chegamos. Devemos a nossa vida a uma criatura boa e poderosa que é o senhor!

— Realmente fui eu quem os ajudou — respondeu simplesmente Nemo.

Os colonos levantaram-se e estavam prontos para demonstrar seu reconhecimento por meio de gestos e palavras quando o capitão pediu-lhes que parassem e disse:

— Só depois de me escutarem.

Em poucas palavras, Nemo contou sua vida. Fez grande esforço para falar, lutando contra sua extrema fraqueza. Por várias vezes, Cyrus pediu-lhe que descansasse, mas recusou-se, dizendo:

— Não adianta. Minhas horas estão contadas!

O capitão Nemo era indiano, filho do príncipe Dacar, que descendia de um rajá do território, então independente, chamado Bundelcunde. Era sobrinho do herói indiano Tippo-Sahib. Aos dez anos, fora enviado pelo pai para a Europa, a

fim de receber educação completa, para um dia poder expulsar do seu país os opressores. Dos dez aos trinta anos, estudou ciências, letras e artes. Viajou toda a Europa, mas, apesar da grande fortuna, não se deixou seduzir pelas atrações do mundo. Jovem e belo, permaneceu sempre sério, dominado pelo desejo de aprender tudo e por implacável sentimento escondido no fundo do coração. Odiava a Inglaterra, onde jamais pisara, que oprimia seu país. Mas, sob certos aspectos, também a admirava. Entretanto, achava que o filho de um soberano hindu não podia tolerar o país opressor.

O príncipe Dacar tornou-se grande apreciador de arte, sábio conhecedor de todas as ciências e verdadeiro homem de Estado. Muitos, erroneamente, julgavam-no simples viajante, muito rico, que gastava seu tempo percorrendo diversos países. Conservava, no fundo do coração, desejo enorme de vingança. Sonhava poder libertar seu país do jugo britânico e, por causa disso, voltou a Bundelcunde, no ano de 1849. Casou-se com uma indiana e teve dois filhos.

Finalmente, um dia apresentou-se a oportunidade que tanto esperava. Estando a população nativa insatisfeita com o domínio inglês, o príncipe tomou a defesa dos descontentes e procurou levantar rebeldes não somente nas regiões da Índia ainda livres, mas também nas regiões submetidas diretamente ao domínio inglês. Parecia relembrar os grandes dias de Tippo-Sahib, morto heroicamente em defesa da pátria.

Em 1857, estourou a revolta dos cipaios, chefiada por ele. Usou suas riquezas e seu talento nessa luta. Combateu à frente dos revoltosos e, embora ferido dez vezes, em vinte lutas, não morreu nem mesmo quando seus últimos soldados caíram sob as balas inglesas.

Nunca o poderio inglês correra tanto perigo como naquela ocasião. O nome do príncipe Dacar ficou sendo conhecido por todos. Tratava-se de um chefe que combatia abertamente, junto de seus subordinados. Sua cabeça foi posta a prêmio, mas ninguém apareceu para denunciá-lo. Antes que soubesse, seus pais, sua mulher e seus filhos pagaram com a vida o seu movimento de revolta…

Mais uma vez o direito caíra diante da força. Os cipaios foram vencidos e o domínio inglês tornou-se mais severo. O príncipe escondera-se nas montanhas e, desgostoso com a civilização, resolveu fugir. Reunindo o resto de sua fortuna, desapareceu com vinte fiéis companheiros.

Onde teria ido ele procurar a liberdade que lhe fora recusada na terra? Sob as águas, onde ninguém o podia seguir.

De guerreiro, tornou-se sábio e, numa ilha deserta do Pacífico, construiu a embarcação submarina. Aproveitou a imensa força mecânica da eletricidade, por métodos que mais tarde serão conhecidos por todos, como força motriz, calórica e iluminadora do seu aparelho flutuante.

Depois de ter batizado seu aparelho com o nome de *Náutilo,* o príncipe adotara o nome de Nemo e desaparecera sob os mares. Ele e seus tripulantes procurariam encontrar nas águas, entre os milhares de peixes, algas e sargaços, o que não tinham encontrado entre os homens.

Durante muitos anos, o capitão visitara todos os oceanos, viajando de um polo ao outro. Pária de um universo habitado, encontrara nesses mundos desconhecidos tesouros incalculáveis. Os milhões perdidos pelos espanhóis na baía de Vigo, em 1702, quando vários de seus navios afundaram, foram por ele utilizados, anonimamente, como auxílio aos povos que procuravam conseguir sua independência.

Durante muitos anos não tivera contato com seus semelhantes. Mas, na noite de 6 de novembro de 1866, três homens foram lançados a bordo do submarino: um professor francês, seu empregado e um pescador canadense. Os três tinham caído ao mar, depois de um abalroamento do *Náutilo* com a fragata americana *Abraham Lincoln,* que o perseguia.

E foi esse professor quem contou que o *Náutilo* era considerado por alguns como um gigantesco cetáceo e por outros como um aparelho submarino, refúgio de piratas. Por isso era perseguido por todos os mares.

O capitão podia ter abandonado os três homens no mar, mas preferiu acolhê-los a bordo de sua embarcação e, durante sete meses, viajou com eles, percorrendo vinte mil léguas sob os mares.

No dia 22 de junho de 1867, os prisioneiros, que ignoravam o passado de Nemo, conseguiram escapar, usando o bote do submarino.

Como isso aconteceu nas costas da Noruega, Nemo pensou que os fugitivos tivessem morrido afogados naquele litoral acidentado. Nem sequer imaginara que os homens milagrosamente tinham sido lançados na costa e salvos por pescadores. E fora esse professor quem escrevera um livro contando as maravilhosas aventuras que vivera durante sete meses a bordo do *Náutilo*.

Durante muitos anos, o capitão continuou percorrendo os mares, mas pouco a pouco seus companheiros foram morrendo e ficaram sepultados num cemitério de coral, no fundo do Pacífico. De todos os que haviam embarcado, só restou Nemo, que então já contava sessenta anos. Vendo-se sozinho, resolveu levar o *Náutilo* para um dos portos submarinos que já conhecia. Era o que ficava na ilha Lincoln.

O capitão já estava parado no porto da ilha há seis anos quando o balão dos colonos caíra. Por simples acaso, presenciara a queda. Como já não navegava, de vez em quando Nemo costumava passear debaixo das águas, vestindo seu escafandro. E estava justamente perto do litoral quando o engenheiro caíra. Levado por bons sentimentos, salvara Cyrus.

Vendo os cinco náufragos, Nemo pensou em fugir, mas, devido a movimentos vulcânicos, o *Náutilo* não podia mais passar na entrada da caverna, pois as rochas haviam mudado de posição. Resolvera, portanto, observar aqueles homens jogados numa ilha deserta, sem, contudo, aparecer.

Com o passar do tempo, viu que os náufragos eram homens enérgicos e leais. Vestindo o escafandro, conseguia penetrar no poço do Palácio de Granito e ouvia todos os projetos dos colonos, ficando a par do grande esforço que faziam Os americanos contra os próprios americanos, para abolir a escravatura, achou que os colonos eram pessoas honestas, dignas de sua amizade.

Fora o capitão quem salvara Cyrus, quem levara Top até à Chaminé, quem salvara Top do dugongo e também quem colocara a caixa encontrada na ponta do Destroço. Fora ainda ele quem soltara a canoa nas cabeceiras do Providência, quem jogara a corda, por ocasião da invasão dos macacos, quem dera as indicações para que encontrassem Ayrton, quem torpedeara o navio pirata e quem salvara Harbert de morte certa. E, para terminar, fora ele o responsável pelo extermínio dos bandidos. Usara balas elétricas, que costumava empregar nas caçadas submarinas.

Aquele grande misantropo tinha sede de fazer o bem. Como ainda precisava dar muitos conselhos aos colonos e sentia-se morrer, mandara chamar os habitantes do Palácio de Granito… Talvez não tivesse feito isso se soubesse que o engenheiro o identificaria…

Quando o capitão terminou de contar sua história, Cyrus começou a falar, lembrando todos os incidentes ocorridos na colônia que haviam sido resolvidos

pela benéfica intervenção do misterioso benfeitor. Em seu próprio nome e no dos companheiros, agradeceu a Nemo.

Mas o capitão não queria agradecimentos. Só tinha uma preocupação e antes de aceitar a mão que o engenheiro lhe estendia, disse:

— Agora que conhecem minha vida, podem julgar-me!

Certamente, o capitão referia-se ao caso dos três náufragos, pois achava que o livro publicado pelo professor francês devia ter tido repercussão imensa.

Realmente, dois dias antes da fuga dos prisioneiros, o *Náutilo* havia sido perseguido por uma fragata e impiedosamente havia investido contra a mesma, afundando-a.

Cyrus compreendeu a alusão, mas nada respondeu.

— Era uma fragata inglesa — continuou o capitão. — De repente, lembrei-me de que já fora o príncipe hindu, procurem compreender-me! E, depois, eu estava encurralado num canal tão estreito… Precisava passar… e passei!

E, depois, com voz mais calma, continuou:

— Procurei fazer todo o bem possível e reparar todo o mal que algum dia causei. Mas nem sempre a justiça está no perdão!

Permaneceu alguns instantes calado e depois perguntou:

— Que juízo fazem de mim?

Cyrus estendeu a mão ao capitão e respondeu com voz grave:

— O seu erro, capitão, foi ter tentado ressuscitar o passado. Só Deus poderá julgá-lo e acho que a razão humana deve absolvê-lo. Aquele que, embora errado, tem boa intenção, deve ser estimado por todos. O senhor nem precisa temer o julgamento da História, pois ela costuma gostar das loucuras heroicas, embora condenando seus resultados.

Ouvindo isso, o capitão Nemo empertigou-se e levantou as mãos para o céu.

— Terei agido mal ou bem? — murmurou ele.

Cyrus continuou:

— Todas as grandes ações chegam até Deus, porque todas dele emanam. Todos nós, que devemos a vida ao senhor, jamais o esqueceremos e lamentaremos para sempre sua falta!

Harbert aproximou-se do capitão e, ajoelhando-se, beijou-lhe as mãos.

Uma lágrima escorreu dos olhos do moribundo, que disse:

— Meu filho, que Deus o abençoe!…

40
Fim do capitão Nemo

O dia raiara e um pouco de luz penetrara na cripta escura. A maré cheia obstruía a abertura da caverna. Mas a forte luz do *Náutilo* não enfraquecera.

Esgotado, o capitão deitara no sofá. Os colonos nem sequer podiam pensar em transportá-lo para o Palácio de Granito, pois ele manifestara o desejo de permanecer no submarino até o momento da sua morte, que não devia tardar.

Depois de uma hora, durante a qual ficou quase inconsciente, Cyrus e Gideon observavam com cuidado o doente e viam preocupados que a vida se ia extinguindo pouco a pouco. Parecia que toda a energia daquele corpo, outrora robusto, estava concentrada apenas no seu coração e na sua cabeça.

O engenheiro e o repórter consultavam-se, em voz baixa, sobre o que deveriam fazer. Já que não podiam salvá-lo, pelo menos poderiam prolongar por alguns dias sua vida? O próprio capitão havia dito que nenhum remédio poderia salvá-lo e que esperava sem temor a morte.

— Nada podemos fazer — disse Gideon.

— De que mal está morrendo? — perguntou Pencroft.

— Não sei.

— E se o levássemos para fora daqui? Talvez, apanhando sol, melhorasse — sugeriu o marinheiro.

— Não — respondeu Cyrus. — Não adiantaria. Além disso, há trinta anos que o capitão Nemo vive a bordo do *Náutilo* e não concordaria em abandoná-lo agora. Ele deseja morrer aqui.

O capitão ouviu a resposta de Cyrus e, levantando um pouco a cabeça, disse com voz fraca, mas compreensível:

— O senhor tem razão. Eu devo e quero morrer aqui. Mas antes queria fazer-lhe um pedido.

Os colonos aproximaram-se do sofá, onde estava deitado Nemo e puderam ver que seu olhar percorria todo o interior do salão, iluminado feericamente. Nemo olhava pela última vez suas tapeçarias, suas obras-primas de autores italianos, flamengos, franceses e espanhóis, suas estátuas de mármore e bronze, seu órgão encostado numa parede e suas vitrines que serviam para expor plantas marinhas, zoófitos, fios de pérolas de valor incalculável. Finalmente deteve seu olhar na divisa do *Náutilo:*

Mobilis in mobili

Nemo parecia querer acariciar pela última vez, com seus olhos, todas aquelas obras-primas da arte e da natureza que durante tantos anos tinham sido o limite do seu horizonte.

Cyrus respeitou o silêncio do capitão e esperou que ele continuasse a falar.

— Acham que me devem algum reconhecimento? — perguntou o moribundo.

— Nós daríamos nossa vida para prolongar a sua!

— Bem — disse o capitão —, eu me considerarei bem pago se prometerem executar minhas últimas vontades!

— Prometemos! — respondeu Cyrus Smith, garantindo por todos.

— Meus senhores — continuou Nemo —, amanhã estarei morto. E não desejo outro túmulo, além do *Náutilo.* Desejo repousar ao lado dos meus amigos, no fundo do mar!

A essas palavras, seguiu-se silêncio profundo.

— Ouçam bem. O *Náutilo* não pode sair dessa caverna, mas pode afundar, levando meu corpo no seu interior.

Os colonos ouviam religiosamente as recomendações do capitão.

— Depois da minha morte, os senhores devem abandonar o *Náutilo,* pois todas as riquezas que nele se encontram devem desaparecer comigo. Só restará para os senhores uma lembrança do príncipe Dacar: aquele cofre que encerra milhares de diamantes, guardados desde o tempo em que fui príncipe, e uma grande coleção de pérolas, recolhidas por mim e pelos meus amigos no fundo ao mar. Nas mãos de pessoas como os senhores, o dinheiro não representa perigo!

Depois de descansar alguns minutos, Nemo continuou:

— Amanhã, os senhores pegarão esse cofre e abandonarão esta sala, fechando a porta. Subindo até a plataforma do submarino, façam o favor de fechar a tampa.

— Pode ficar tranquilo.

— Depois, embarquem na canoa que os trouxe até aqui. Mas antes de abandonar o *Náutilo*, abram dois registros na sua parte de trás para que a água possa penetrar no aparelho e afundá-lo.

E, vendo o engenheiro fazer um gesto, disse:

— Não tenham medo, os senhores sepultarão apenas um morto!

Cyrus e seus amigos não fizeram qualquer observação ao capitão Nemo. Precisavam apenas cumprir suas últimas vontades.

— Posso confiar nos senhores? — perguntou Nemo.

— Damos nossa palavra — respondeu Cyrus.

O capitão fez um sinal de agradecimento e pediu que o deixassem só por alguns minutos. Gideon insistiu em permanecer ao seu lado, pois poderia sobrevir alguma crise, mas o moribundo recusou dizendo:

— Viverei até amanhã!

Os colonos abandonaram o salão, atravessando a biblioteca, a sala de jantar e chegaram à casa das máquinas, onde estavam os aparelhos que forneciam luz e calor ao aparelho. O *Náutilo* era uma obra-prima e como tal maravilhou o engenheiro.

Os homens foram até a plataforma que ficava mais ou menos dois metros acima da água e viram ali imenso olho de vidro, de onde emanava um pouco de luz. Atrás desse olho havia uma cabine com o leme. Era através dessa janela de vidro que o timoneiro do aparelho podia enxergar o caminho, pois dali a saía a luz que iluminava até distância considerável.

Cyrus e seus companheiros permaneceram em silêncio, vivamente impressionados com o que acabavam de ver e ouvir. Sentiam o coração apertar quando se lembravam de que o protetor que tantas vezes os salvara encontrava-se à morte!

O príncipe Dacar seria sempre uma dessas figuras difíceis de esquecer, qualquer que fosse o juízo que fizesse dele a posteridade.

— Eis um homem! — exclamou Pencroft. — Pena que só conseguiu encontrar tranquilidade nas profundezas do oceano!

— O *Náutilo* poderia servir para abandonarmos a ilha Lincoln — disse Ayrton.

— Eu é que não dirigiria um aparelho desse tipo! — exclamou Pencroft. — Sou capaz de viajar sobre os mares, mas nunca sob a água!

— A manobra deve ser muito fácil — observou Gideon. — Além disso, não há perigo de abordagens nem de tempestades. Alguns metros abaixo da superfície, as águas são tão calmas como as de um lago.

— É possível, mas prefiro um golpe de vento em navio bem preparado. As embarcações foram inventadas para flutuar e não para andar debaixo das águas!

— É inútil discutir o assunto — disse o engenheiro. — O *Náutilo* não nos pertence e, além do mais, não poderia sair dessa caverna. Cumpriremos a vontade de Nemo.

Depois de conversarem mais um pouco, desceram e comeram qualquer coisa.

O capitão Nemo melhorara da prostração em que se encontrava e seu olhar tornara a brilhar. Um sorriso começou a desenhar-se nos seus lábios.

Os colonos aproximaram-se dele e ouviram-no dizer:

— Meus senhores, sei que são homens honestos, corajosos e bons. Gostei muito de todos… pois vi a dedicação que tinham pelo bem da comunidade… Dê-me a sua mão, sr. Smith!

Cyrus estendeu a mão e o capitão apertou-a afetuosamente. Depois disse:

— Chega de falar de mim… Pretendem abandonar ilha onde se refugiaram durante todo esse tempo?

— Sim, pretendemos voltar! — respondeu Pencroft.

— Pretendem voltar?… Sim… compreendo que gostam dessa ilha, completamente modificada pelo trabalho de todos.

— Pretendemos doá-la aos Estados Unidos, para que sirva de base naval no Pacífico.

— Os senhores pensam na pátria… trabalham pela sua prosperidade e glória. Têm razão… devem voltar para sua terra natal… cada um deve morrer na sua terra! Só eu tenho de morrer longe de tudo que amei!

— O senhor ainda tem algum desejo? Não tem nenhuma lembrança para mandar aos amigos que deixou nas montanhas da Índia?

— Não tenho mais amigos. Sou o último da minha raça… E, para todos os que conheci, já morri… Mas voltemos aos senhores. A solidão e o isolamento

estão acima das forças humanas… Estou morrendo por ter querido viver só! Os senhores devem tentar tudo para abandonar esta ilha. Sei que aqueles miseráveis destruíram a embarcação com que podiam contar…

— Estamos construindo outro navio maior para empreendermos viagem — respondeu Gideon. — Mas se conseguirmos voltar para nossa pátria, pode estar certo de que regressaremos a esta ilha, pois estamos presos demais a esta terra!

— E foi aqui que conhecemos o capitão Nemo — disse Cyrus.

— E, nessa ilha, pretendo repousar para sempre — respondeu o capitão. — Dormirei aqui meu sono eterno se…

Nemo hesitou e, sem terminar a frase, disse:

— Sr. Cyrus, gostaria de falar a sós com o senhor…

Os companheiros do engenheiro retiraram-se.

Cyrus Smith permaneceu conversando em particular com Nemo e depois chamou seus amigos, nada revelando acerca do assunto tratado.

Gideon observava o doente com extrema atenção. Era evidente que o capitão continuava a viver sustentado apenas por sua energia moral. O dia terminou sem nenhum incidente e os colonos não abandonaram o submarino nem por um instante.

O capitão não sofria, mas declinava aos poucos. Sua nobre figura, pálida, estava calma. De seus lábios escapavam algumas palavras ininteligíveis. A vida sumia daquele corpo, cujas extremidades já estavam frias.

Nemo ainda dirigiu a palavra aos amigos, por uma ou duas vezes e sorriu. Pouco depois de meia-noite, cruzou os braços sobre o peito, como se desejasse morrer nessa posição.

A uma hora da manhã, só o seu olhar permanecia vivo. Pronunciando as palavras *Deus… Pátria*, expirou suavemente.

Cyrus fechou os olhos do capitão Nemo, que outrora fora o príncipe Dacar. Harbert e Pencroft choravam e Ayrton enxugou uma lágrima furtiva. Nab, ajoelhado perto do repórter, parecia estátua.

Cyrus, levantando a mão sobre a cabeça do morto, disse:

— Que Deus receba sua alma!

E voltando-se para os amigos acrescentou:

— Rezemos pelo que acabamos de perder!

Algumas horas depois, os colonos cumpriram os últimos desejos do capitão. Abandonaram o aparelho, levando o cofre, e fecharam a porta do salão profusamente iluminado. A tampa foi fechada de maneira a não permitir que as águas invadissem o interior dos cômodos do *Náutilo* e tomaram a canoa que estava amarrada num dos lados do submarino.

Remando para a parte de trás do aparelho, abriram os registros que controlavam sua imersão. Em poucos instantes, desapareceu sob as águas.

Os colonos ainda puderam, durante algum tempo, seguir o submarino, pois a luz elétrica iluminava as águas transparentes. Finalmente tudo tornou-se escuro. O capitão Nemo repousava no fundo dos mares.

41
Perigo na ilha

Ao nascer do dia, os colonos chegaram à boca da caverna que haviam batizado com o nome de Dacar, última homenagem ao capitão desaparecido. Como a maré estava baixa, puderam passar facilmente. Tiveram o cuidado de colocar a canoa ao abrigo das ondas, na praia que confinava com uma das costas da cripta.

A tempestade cessara com a noite. As últimas trovoadas haviam fugido para oeste. Não chovia mais, embora o céu ainda estivesse carregado de nuvens. O mês de outubro, início da primavera austral, não parecia começar de maneira muito satisfatória, e o vento, mudando muito, não permitia previsão de tempo.

Abandonando a caverna, os colonos dirigiram-se para o curral. Enquanto andavam, Nab e Harbert tiveram o cuidado de recolher o fio estendido pelo capitão, pois poderiam utilizá-lo mais tarde.

Enquanto andavam, pouco conversavam. Os diversos acontecimentos daquela noite de 15 para 16 de outubro haviam-nos impressionado muito. Aquele desconhecido, que muitos consideravam ente sobrenatural, já não existia mais. O *Náutilo* repousava no fundo do oceano. Os colonos consideravam-se mais sós do que nunca. Já não podiam contar com nenhuma proteção nos momentos difíceis.

Às nove horas chegaram ao Palácio de Granito.

Todos eles decidiram apressar a construção do navio, pois não sabiam o que lhes reservava o futuro. Precisavam de embarcação sólida, que suportasse uma viagem longa. Se não quisessem aventurar-se a atingir algum arquipélago polinésio ou as costas da Nova Zelândia, pelo menos poderiam ir até a ilha Tabor e deixar um bilhete sobre Ayrton, pois. era bem possível que o iate aparecesse por lá.

Todos começaram a trabalhar com ardor. Dentro de cinco meses, no começo de março, precisavam ir à ilhota Tabor, antes que o vento forte tornasse a travessia impraticável.

O fim do ano de 1868 decorreu dessa maneira. Mas os colonos não podiam cuidar apenas da construção naval. Precisavam abastecer a despensa do Palácio de Granito para o inverno. Pencroft ficava bastante aborrecido quando os companheiros iam cuidar de outras coisas e, nessas ocasiões, em sinal de protesto, trabalhava por seis.

O tempo, durante todo o verão, foi ruim. Em certos dias, fazia calor sufocante e a atmosfera, saturada de eletricidade, só melhorava depois de violentas tempestades. Era raro o dia em que não havia trovoada.

O dia primeiro de janeiro de 1868 foi marcado por terrível tempestade. Vários raios caíram na ilha. Árvores foram abatidas, muitas das quais perto do lago. Essa violenta tempestade teria alguma relação com os fenômenos das entranhas da terra? Cyrus achava que sim, pois a violência maior da tempestade coincidia com a recrudescência dos sintomas vulcânicos.

No dia 3 de janeiro, Harbert subiu ao platô para selar um dos onagros e viu que a fumaça acima da cratera do vulcão aumentara. Harbert correu e avisou aos amigos. Todos correram para o monte Franklin.

— Vejam — disse Pencroft —, já não é simples vapor! O gigante não se contenta de respirar, resolveu fumar!

A imagem evocada pelo marinheiro traduzia muito bem a modificação operada no vulcão. Havia três meses que o vulcão deixava escapar vapores mais ou menos intensos, mas que ainda não indicavam nenhuma ebulição interior de matérias minerais. Agora, via-se fumaça espessa, acinzentada, que se elevava a mais de cem metros e parecia um enorme cogumelo.

— Há bastante fogo na chaminé! — disse Gideon.

— E não podemos apagá-lo! — respondeu Harbert.

— Os vulcões deviam ser proibidos de fazer isso! — disse Nab seriamente.

— E quem vai encarregar-se da proibição? — perguntou Pencroft rindo.

Cyrus observava com extremo interesse o vulcão. Depois, voltando-se para os companheiros:

— Acho que está acontecendo profunda modificação. As matérias eruptivas não estão apenas em ebulição. Incendeiam-se. Certamente, estamos ameaçados

de erupção próxima.

— Ora, acho que não precisamos temê-la — disse Pencroft.

— É verdade que ainda existe o antigo escoadouro das lavas, mas pode ser…

— É melhor que não haja erupção, pois não podemos tirar nenhuma vantagem dela — interrompeu Gideon.

— Quem sabe se o vulcão não vomitará alguma substância preciosa para nós? — retrucou o marinheiro.

Cyrus sacudiu a cabeça. Se as lavas não ameaçavam imediatamente as partes plantadas da ilha, poderiam ter outras consequências funestas. Realmente, não raro, as erupções são acompanhadas de tremores de terra e o terreno da ilha, formado de basaltos e granitos, era muito móvel. Qualquer movimento no terreno da ilha teria consequências desastrosas.

Ayrton, que se deitara e colara a orelha no chão, disse:

— Estou ouvindo barulhos surdos, como se fosse uma carroça cheia de barras de ferro…

Os colonos escutaram atentamente e puderam perceber que Ayrton não se enganava. Mas parecia que a chaminé era bastante grande para os vapores escaparem e, por isso, ainda não ocorrera nenhuma explosão.

— Então, não vamos voltar para o trabalho? — perguntou Pencroft. — Só porque o monte Franklin fumega não fazemos mais nada! Vamos embora! Antes de dois meses o *Boaventura* — o nome será conservado, não? — deverá estar flutuando nas águas do porto Balão!

Os colonos desceram e foram cuidar de unir as partes do casco do navio. Durante todo o dia os homens cuidaram da construção, sem preocupar-se com o vulcão, que não podia ser avistado da praia do Palácio de Granito. Por mais de uma vez viram os vapores levados pelo vento para o lado oeste. Era preciso apressar a construção do barco, pois, em caso de erupção, era o único refúgio com que podiam contar.

À noite, depois da ceia, Cyrus, Gideon e Harbert tornaram a subir até o platô. Na escuridão da noite poderiam ver se havia só fumaça ou se também havia fogo, se matérias incandescentes já eram projetadas pelo vulcão.

— A cratera está pegando fogo! — gritou Harbert, que fora à frente.

O monte Franklin parecia uma imensa tocha e no seu cimo apareciam chamas fuliginosas. Cinzas, fumaça e matérias incandescentes misturavam-se, de

maneira que a claridade não era muito intensa.

— Está aumentando rapidamente! — disse Cyrus.

— Não é de admirar — respondeu o repórter. — Já despertou há muito tempo. O senhor não se lembra dos primeiros vapores que vimos quando procurávamos o capitão Nemo, por volta do dia 15 de outubro?

— Já se passaram dois meses e meio! — exclamou Harbert.

— Há dez semanas que os fogos subterrâneos se estão preparando. Não é de estranhar a violência do vulcão agora! — disse o repórter.

— Não sentem o solo vibrar? — perguntou Cyrus.

— Eu sinto — disse Gideon —, mas daí a um tremor de terra…

— Não digo que estejamos ameaçados por terremoto. Deus nos livre de tal coisa! Essas vibrações são devidas à efervescência do fogo central. A crosta terrestre esconde uma caldeira e suas paredes, sofrendo a pressão dos gases, vibram como placa sonora. É o que está acontecendo agora.

— Que lindo! — exclamou Harbert.

Naquele momento escapavam da cratera fagulhas incandescentes, cujo brilho não pôde ser diminuído pelos vapores. Milhares de fragmentos luminosos espalharam-se em direções contrárias, deixando atrás de si verdadeira poeira incandescente. O fenômeno era acompanhado de detonações sucessivas.

Depois de permanecerem uma hora admirando o vulcão, os três amigos voltaram para casa. O engenheiro mostrava-se tão preocupado que Gideon resolveu perguntar-lhe se pressentia algum perigo iminente, provocado direta ou indiretamente pela erupção.

— Sim e não — respondeu Cyrus.

— Nossa maior desgraça será um tremor de terra e penso que isso não ocorrerá, pois as lavas estão escapando muito bem pela chaminé.

— Quanto a isso estou tranquilo. Mas outras causas podem provocar desastres.

— Quais? — perguntou o repórter.

— Não sei ainda… preciso visitar a montanha…

Gideon não tornou a insistir, embora as detonações do vulcão aumentassem de intensidade. Os hóspedes do Palácio de Granito dormiam tranquilamente. Durante os três dias seguintes, os colonos trabalharam ativamente na embarcação.

O monte Franklin, com aspecto sinistro, vomitava rochas incandescentes, algumas das quais caíam dentro de sua própria cratera. Parecia que as lavas ainda não tinham chegado até a cratera, pois, pelo menos para nordeste, que era a parte visível, o monstro não deixara escorrer lavas.

No dia 7 de janeiro, Ayrton resolveu ir até o curral, para cuidar dos animais. E todos ficaram surpresos ouvindo Cyrus dizer a Ayrton:

— Se vai amanhã ao curral, eu o acompanho.

— Ora, sr. Cyrus — replicara o marinheiro. — Nossos dias de trabalho estão contados. Se o senhor partir, teremos quatro braços a menos!

— Voltaremos amanhã. Preciso ver em que ponto está a erupção.

— Ora, uma coisa tão sem importância!

Harbert queria acompanhar Cyrus, mas, para não desagradar ao marinheiro, desistiu.

No dia seguinte, Cyrus e Ayrton pegaram a carroça puxada pelo quadrúpede e seguiram para o curral. Acima da floresta, viam-se espessas nuvens, alimentadas por matérias fuliginosas pelo monte Franklin. Eram nuvens formadas de matérias heterogêneas. Além da fuligem, havia cinzas escuras e pulverizadas, tão finas como fécula e que se mantinham em suspensão, ajudando a formar aquelas nuvens pesadas. Essas cinzas costumam permanecer meses nos ares. O mais comum, porém, é as cinzas caírem. Foi o que aconteceu quando Cyrus e Ayrton chegaram ao curral. A chuva de cinza chegou a modificar momentaneamente o aspecto do solo. Árvores e pradaria, tudo desapareceu debaixo da poeira. Felizmente, o vento nordeste soprou e levou para o mar a maior quantidade.

— Que coisa estranha! — disse Ayrton.

— Estranha, não — respondeu Cyrus —, grave! Essa poeira nada mais é do que pedra-pomes pulverizadas! Por aí vemos como o interior do vulcão está convulsionado!

— Nada podemos fazer?

— Nada. Pode ir cuidar do curral, enquanto vou até o rio Vermelho para examinar a parte setentrional da montanha. Depois…

— O quê?

— Depois voltaremos até a caverna de Dacar… quero ver… Bem, virei encontrá-lo daqui a duas horas.

Ayrton foi cuidar dos carneiros e das cabras, que pareciam estar sentindo os primeiros efeitos da erupção. Cyrus, seguindo pelos contrafortes do leste, chegara ao local onde seus companheiros um dia descobriram a fonte sulfurosa. Como tudo mudara! Em vez de uma coluna de fumaça, viam-se treze! A crosta terrestre devia estar sofrendo, naquele ponto, terrível pressão. O ar estava saturado de gases sulfurosos, de hidrogênio e de ácido carbônico, tudo misturado com vapores aquosos!

Cyrus sentia tremer o solo, mas não descobriu qualquer traço de novas lavas. Na parte setentrional do monte havia muita matéria no solo, mas nenhuma lava de origem recente.

“Eu preferiria que as lavas estivessem escorrendo pelo caminho de costume, pensou Cyrus. “Será que estão escorrendo por alguma cratera nova? Mas o perigo não está nisso… Bem que o capitão Nemo pressentiu!”

Enquanto voltava, o engenheiro prestou muita atenção ao barulho do vulcão. Às nove horas, chegou ao curral. Ayrton o esperava.

— Os animais estão alimentados, sr. Cyrus.

— Muito bem!

— Mas parecem inquietos.

— É o instinto que não se engana jamais.

— Quando o senhor quiser, podemos partir.

— Traga um archote e pedra para fazer fogo.

Ayrton fez o que lhe pedira o engenheiro. Deixando o onagro desatrelado, dentro do curral, fecharam a porta e seguiram pelo estreito caminho que levava até a costa. Andavam em cima de matérias pulverizadas. Nenhum quadrúpede, nenhum pássaro aparecia. De vez em quando, a brisa levantava aquelas cinzas e não podiam enxergar o caminho, sendo forçados a tapar a boca e os olhos com lenços para não ficarem sufocados e cegos.

Cyrus e Ayrton, nessas condições, não podiam andar rapidamente. Por outro lado, o ar estava pesado, como se o oxigênio tivesse sido queimado. A cada momento, precisavam parar e descansar. Só as dez horas o engenheiro e seu companheiro atingiram a crista do enorme amontoado de rochas basálticas e porifiríticas que formavam a costa nordeste da ilha. Começaram a descer a costa abrupta, seguindo mais ou menos o mesmo caminho que haviam seguido na

noite tempestuosa em que foram encontrar o desconhecido. Com a luz do dia, a descida foi menos perigosa e a espessa camada de cinzas facilitava muito.

Cyrus encontrou sem dificuldade a entrada da caverna de Dacar.

— A canoa está onde a deixamos? — perguntou.

— Sim — respondeu Ayrton, enquanto a tirava do abrigo.

— Então embarquemos.

Conseguiram entrar na caverna e Ayrton, depois de ter acendido o archote, começou a remar, enquanto Cyrus dirigia a embarcação. A luz insuficiente do archote mal iluminava a caverna. Na sua parte anterior, reinava completo silêncio, mas, aproximando-se de seu lado direito ouviam-se grunhidos que partiam do interior da montanha.

— É o vulcão — disse Cyrus.

Seguindo-se aos ruídos, apareceram emanações sulfurosas, que quase sufocaram os dois exploradores.

— Aconteceu o que temia o capitão Nemo! — exclamou Cyrus empalidecendo. — Mas precisamos ir até o fim.

— Vamos — disse Ayrton, continuando a remar.

Vinte e cinco minutos depois de ter entrado na caverna, a embarcação chegou ao seu ponto final. O engenheiro, com o archote, iluminou as paredes que separavam a cripta da chaminé central do vulcão. Que espessura teriam as paredes? Ouviam-se muito bem os rumores do vulcão. Não deviam ser muito espessas.

Depois de ter explorado a parede, seguindo linha horizontal, o engenheiro prendeu o archote na extremidade de um dos remos e explorou a parede na sua parte mais alta. Ali, por pequenas fendas mal visíveis, saía uma fumaça acre, que infestava toda a caverna. Várias fendas apareciam na muralha e chegavam até sessenta centímetros das águas da caverna.

Cyrus permaneceu pensativo e depois disse:

— O capitão tinha razão! Corremos enorme perigo!

Ayrton nada disse e, obedecendo a um sinal da Cyrus, retomou os remos. Meia hora depois estavam fora da cripta.

42
A erupção

Na manhã do dia seguinte, 8 de janeiro, depois de terem passado a noite no curral, Cyrus e Ayrton voltaram para casa. Imediatamente, o engenheiro pôs os companheiros a par do perigo que corriam e que não poderia ser evitado por ninguém.

— Meus amigos — disse ele —, a ilha Lincoln não pertence à categoria das que devem permanecer sobre a terra. Está prestes a desaparecer!

Os colonos olhavam para o engenheiro sem compreender.

— Explique-se melhor — disse Gideon.

— Eu me limitarei a expor o que Nemo me disse, quando conversou a sós comigo.

— O capitão Nemo! — exclamaram todos.

— Foi o último serviço que nos prestou, antes de morrer.

— O último! — exclamou Pencroft. Os senhores verão que, embora morto, ainda nos ajudará!

— Mas o que lhe disse ele? — perguntou Gideon.

— Que a nossa ilha não está na mesma situação que outras do Pacífico. Mais cedo ou mais tarde ela se deslocará!

— Ora, não acredito — exclamou o marinheiro, dando de ombros, apesar do respeito que devotava a Cyrus.

— Ouça, Pencroft, eu pude ver com meus próprios olhos ontem o que Nemo verificara explorando a cripta de Dacar. Esta caverna está separada do vulcão apenas por uma parede e esta já apresenta várias rachaduras, pelas quais passam gases sulfurosos, vindos do interior do vulcão.

— E daí? — perguntou o marinheiro, franzindo a testa.

— Pude observar que essas aberturas estão aumentando devido à pressão interior e que a muralha de basalto está abrindo-se pouco a pouco. Dentro em breve permitirá a passagem das águas do mar que enchem a caverna.

— Nesse caso — disse Pencroft brincando —, as águas apagarão o vulcão e estará tudo acabado!

— Sim — concordou Cyrus —, tudo estará terminado no dia em que o mar entrar na chaminé do vulcão. Nossa ilha explodirá como aconteceria com a Sicília se o Mediterrâneo invadisse o Etna.

Os colonos nada responderam. Compreendiam o perigo que corriam. Cyrus não exagerava ao expor a situação. Muitas pessoas sabem o perigo que representa um vulcão que esteja expelindo lavas, mas poucas percebem que pode fazer explodir uma parte do globo terrestre, como se fosse uma caldeira cujo vapor recebesse golpe de água. A água, entrando no vulcão, produziria tal quantidade de vapor que nada poderia resistir.

Sabiam que a ilha estava ameaçada. E não se tratava de meses ou semanas e sim de dias e talvez de horas! O primeiro sentimento que dominou a todos foi o de dor. Não podiam aceitar a destruição daquele solo tão fértil que os havia acolhido e no qual tanto haviam trabalhado! Pencroft não se preocupou em esconder uma lágrima que lhe escorreu pela face.

A conversa continuou durante algum tempo, pois queriam discutir as possibilidades que restavam. Finalmente, decidiram que o melhor era apressar a construção do navio, pois seria a única solução viável e dedicaram-se ao trabalho. Para que colher, armazenar e caçar? O que estava armazenado na despensa era suficiente para abastecer a embarcação, que seria preparada para longa travessia.

No dia 23 de janeiro, o navio já estava meio guarnecido. Até então nenhuma novidade ocorrera no vulcão. Mas, na noite para o dia 24, começaram a escorrer lavas. Ouviu-se um barulho terrível e todos pensaram que a ilha estava começando a deslocar-se. Correram para fora do Palácio de Granito. Eram duas horas da manhã. O céu estava cor de fogo. O cone superior do vulcão havia caído sobre a ilha, cujo solo tremeu. Felizmente, caíra para o lado norte, sobre a planície de areia que separava o monte do oceano. A cratera, com abertura imensa, projetava para os céus intensa claridade que, pelo simples efeito de revérbero, tornava a atmosfera incandescente. As lavas escorriam como cascata.

— Vamos para o curral! — gritou Ayrton.

Com efeito, era na direção do curral que corriam as lavas, pela nova cratera aberta. Todas as partes férteis da ilha, próximas do rio Vermelho e do bosque Jacamar, estavam ameaçadas de destruição imediata.

Ouvindo o grito de Ayrton, todos correram para o curral, usando o carro puxado pelos onagros. Queriam libertar os animais que ali se encontravam presos. Conseguiram chegar antes das três da manhã. Os animais aterrorizados baliam. Quando abriram a porteira, começaram a fugir como loucos, em todas as direções. Uma hora depois, o cercado do curral foi invadido por lavas ferventes e a cabana foi rapidamente destruída.

Os colonos tentaram inutilmente impedir que isso acontecesse, mas, infelizmente, homens nada podem contra tais cataclismos.

Ao nascer do dia, antes de voltar para casa, quiseram ver qual a direção seguida pelas lavas. Temiam que embora houvesse uma depressão entre o monte Franklin e a costa, a torrente de lavas atravessasse o espesso bosque Jacamar e atingisse o platô Vista Grande.

— O lago nos protegerá! — lembrou Gideon.

— Assim espero — respondeu Cyrus.

Os colonos quiseram chegar até a planície onde caíra o cone superior do monte, mas foram impedidos pelas lavas.

Elas ocupavam todo o vale do rio Vermelho, o do rio Cascata e vaporizaram os dois rios, enquanto passavam. Não havia possibilidade de vencer aquela barreira. Era preciso recuar. O vulcão, por suas duas crateras de sul e de leste, continuava a derramar lavas e rochas incandescentes, fazendo grande barulho. O céu respondia com relâmpagos à erupção vulcânica.

Às sete horas, os colonos tiveram que abandonar a posição em que se encontravam, refugiados nos limites do bosque Jacamar, pois começavam a ser atingidos por minerais em fogo e as lavas ameaçavam interromper a estrada do curral. As primeiras árvores começaram a pegar fogo e sua seiva, subitamente transformada em vapor, pipocava como fogos de artifício.

Os colonos retomaram a estrada do curral e andavam devagar, recuando, por assim dizer. Por causa da inclinação do solo, a lava corria rapidamente para leste, ficando em cima de camadas de lavas antigas, já endurecidas. Todo o vale do rio Vermelho pegava fogo. Rolos de fumaça elevavam-se acima das árvores, cujas

raízes enterravam-se nas lavas. Permaneceram às margens do lago, a oitocentos metros do rio Vermelho. Era questão de vida ou de morte o que precisavam resolver. Cyrus, habituado a situações graves, dirigiu-se aos amigos, que sabia capazes de suportar qualquer verdade.

— Ou o lago detém as lavas ou as florestas serão invadidas e nada restará na nossa ilha. Só poderemos esperar a morte por explosão!

— Então é inútil continuar a construção do nosso navio? — perguntou Pencroft.

— Devemos cumprir nosso dever até o fim.

Nesse momento, uma torrente de lava, depois de abrir caminho entre as árvores que devorava, chegou às margens do lago. Ali havia uma pequena depressão do solo que talvez pudesse conter a torrente.

— Ao trabalho! — exclamou Cyrus.

Todos compreenderam que deviam forçar a torrente a cair no lago. Correram até as oficinas e de lá trouxeram machados e picaretas. Aproveitando algumas árvores abatidas, conseguiram levantar um dique de noventa centímetros de altura e com alguns metros de extensão. Mal haviam acabado o trabalho, viram as matérias líquidas atingir a barragem. Por um momento pensaram que o dique fosse ser ultrapassado… mas, de repente, as lavas começaram a dirigir-se para o lago, caindo de uma altura de seis metros.

Sem pronunciar palavra, os colonos presenciaram a luta dos dois elementos. Nenhuma pena poderia descrever essa luta, nenhum pincel poderia pintá-la! A água siflava, evaporando-se ao entrar em contato com a matéria fervente. Os vapores, lançados para o ar, turbilhonavam a grande altura. Mas a massa de água do lago, por maior que fosse, terminaria absorvida pela torrente incandescente que sempre se renovava.

As primeiras lavas que caíram no lago solidificaram-se e emergiram logo. Outras camadas vieram colocar-se em cima. Não havia transbordamento, porque o excesso escapava sob a forma de vapor. Suas águas, outrora tranquilas, pareciam um amontoado de rochas fumegantes. Havia a impressão de que tinham sido revoltas por furacão e repentinamente tinham-se solidificado por causa de frio intenso. Tudo indicava que a água seria vencida pelo fogo.

Mas fora bom o desvio da lava para o lago. Pelo menos momentaneamente, o platô e o estaleiro estavam protegidos. Ora, os colonos precisavam apenas

calafetar o navio para poder lançá-lo ao mar. O resto seria feito depois. Com a ameaça de explosão, nenhum deles poderia se sentir seguro em terra. Até mesmo o sólido abrigo do Palácio de Granito podia desmoronar a qualquer minuto!

De 25 a 30 de janeiro, os homens trabalharam no navio. Fizeram serviço de vinte operários. Mal descansavam. À luz da cratera, podiam trabalhar dia e noite.

O vulcão continuava em atividade, mas não com tanta intensidade, o que foi bom, pois o lago Grant já estava repleto. Novas torrentes violentas invadiriam o platô. A parte ocidental da ilha não estava tão protegida quanto a outra. A corrente de lavas que havia seguido o rio Cascata não encontrara obstáculos e o líquido incandescente espalhara-se pela floresta Faroeste. Como as árvores naquela época estavam secas, com muita rapidez pegaram fogo.

Os animais, assustados, procuraram refúgio no Providência e no pântano das Tadornas, além do porto Balão. Mas os colonos estavam por demais ocupados para prestar atenção aos animais. Haviam abandonado o Palácio de Granito e a Chaminé, procurando refúgio numa tenda perto da embocadura do Providência.

Todos os dias, Cyrus e Gideon subiam ao platô, algumas vezes acompanhados por Harbert. Somente Pencroft recusava-se a ver o novo aspecto desolado da ilha.

Era um espetáculo deprimente! Toda a parte coberta de vegetação estava árida. Apenas um amontoado de árvores ainda verdes aparecia na extremidade da península Serpentina. As florestas destruídas tinham aspecto mais árido que o pântano das Tadornas. Os rios Cascata e Providência não lançavam uma só gota de água no mar e os colonos não teriam como matar a sede se o lago Grant secasse inteiramente. Felizmente, porém, a ponta sul fora poupada e continha toda a água potável que restava na ilha.

— Isso corta o coração — disse Spillet um dia.

— É verdade — concordou Cyrus. — Só peço que Deus nos ajude a terminar nosso navio.

— Não acha que o vulcão está ficando mais calmo? Já não solta tantas lavas… — disse Gideon a Cyrus.

— Não tem importância. O fogo continua nas entranhas da montanha e o mar pode penetrar pela chaminé a qualquer momento. Estamos na mesma situação de passageiros de um navio devorado por incêndio que não podem dominar e que

sabem que mais cedo ou mais tarde os paióis serão atingidos. Venha, Spillet, não percamos tempo!

Durante oito dias, as lavas continuaram a espalhar-se, mas a erupção manteve-se nos limites indicados. Cyrus, entretanto, temia que as matérias liquefeitas se espalhassem pela praia, invadindo o estaleiro.

Estavam no dia 20 de fevereiro e faltava ainda um mês para o navio poder flutuar. A ilha duraria tanto tempo? Cyrus pretendia lançar o navio ao mar assim que o casco estivesse pronto. O resto seria feito depois. O importante era conseguir abrigo para todos.

Os colonos pensavam que seria melhor levar o navio até o porto Balão, que estava bem longe do centro eruptivo, pois a embocadura do Providência, entre a ilhota e a muralha de granito era uma zona de perigo, onde a embarcação corria o risco de ser amassada em caso de deslocamento.

No dia 3 de março, foi prevista para dentro de dez dias o lançamento do navio e a esperança voltou ao coração de todos, tão castigados naquele quarto ano de permanência na ilha! Até mesmo Pencroft mostrou-se menos deprimido com a devastação. É verdade que estava completamente absorvido pelo navio que construía.

— Nós o terminaremos — dizia ao engenheiro. — E já é tempo, pois precisamos passar o inverno na ilha Tabor, se não conseguirmos continuar a viagem.

— É preciso apressar a construção — repetia Cyrus.

Na primeira semana de março, o monte Franklin voltou a piorar. As lavas caíam como chuva sobre o solo. As novas correntes incandescentes acabavam de destruir os esqueletos das árvores.

A nova torrente de lava seguiu pela margem sudoeste do lago Grant e, atravessando o rio Glicerina, atingiu o platô. Foi terrível para os colonos verem destruídos o moinho, os estábulos e o galinheiro. As aves voavam para todos os lados, e Top e Jup, guiados pelo instinto, davam sinais de temer catástrofe iminente.

Os animais sobreviventes da ilha haviam-se refugiado no pântano das Tadornas e no platô. Mas esse último refúgio falhou e durante toda a noite as lavas escorreram pela muralha de granito, atingindo a praia! Parecia uma catarata do Niágara incandescente!

Durante a noite, enorme coluna de vapor escapou da cratera e ouviram-se terríveis detonações. Parecia que a parede da caverna de Dacar havia cedido. Uma explosão, que teria sido ouvida a milhares de quilômetros, fez em pedaços a ilha.

Em poucos minutos, o oceano invadiu o lugar onde se elevara a ilha Lincoln!

43
Último favor de Nemo

Um rochedo isolado, medindo nove metros de comprimento e quatro e meio de largura, emergindo apenas três metros, era o único ponto sólido que não fora invadido pelo mar. Tudo desaparecera no abismo: o cone inferior do monte, estraçalhado pela explosão, o golfo Tubarão, o platô Vista Grande, a ilhota de Salvação, os granitos do porto Balão, os basaltos da cripta Dacar e até mesmo a península Serpentina, tão distante do centro eruptivo!

Da ilha Lincoln sobrara apenas aquele estreito rochedo que servia de refúgio aos seis colonos e ao cachorro Top, pois até mesmo Jup morrera, como todos os outros animais, afogados ou engolidos pelo chão.

Os colonos haviam conseguido escapar porque tinham se lançado ao mar, no momento da explosão e, vendo aquele pequeno rochedo, tinham nadado até lá. Estavam vivendo naquela rocha há nove dias, alimentando-se com as poucas provisões que haviam salvo da despensa do Palácio de Granito, pouco antes da explosão. Só tinham para beber a água doce que a chuva depositara nas cavidades da rocha. A última esperança de todos, o navio, partira-se. Sem meios de acender qualquer fogo, impossibilitados de abandonar aquele recife, só podiam esperar a morte!

No dia 18 de março só lhes restavam alimentos para dois dias, embora a comida fosse racionada. Dependiam exclusivamente de Deus. Cyrus Smith permanecia calmo. Gideon e Pencroft, mais nervosos, iam e vinham sobre o rochedo. Harbert não cessava de olhar para o engenheiro, esperando que ele achasse uma saída. Nab e Ayrton estavam resignados com a sorte.

— Que miséria! — repetia frequentemente Pencroft. — Se pelo menos tivéssemos construído uma casca de noz, poderíamos chegar até a ilha Tabor!

Mas nada temos! Nada!

— O capitão Nemo fez bem em morrer — disse certa vez Nab.

Durante os cinco dias seguintes, passaram comendo apenas o necessário para não morrer. A fraqueza de todos era extrema. Harbert e Nab já davam sinais de delírio.

Naquela situação poderiam alimentar a menor sombra de esperança? Não! O único meio de salvação seria a chegada de algum navio e todos sabiam que eles não passavam naquela zona do Pacífico. Poderiam contar com a chegada do iate escocês?

Era pouco provável que passasse por perto deles. Mesmo que fosse até a ilha Tabor, não encontrando Ayrton, o capitão deveria rumar para latitudes mais baixas. Os colonos não haviam deixado nenhuma indicação na cabana…

Só podiam esperar uma morte horrível, pela fome e pela sede! Já estavam inanimados, estendidos sobre o rochedo, quando Ayrton, fazendo extremo esforço, levantou a cabeça e olhou para o mar deserto… Estendeu seu braço para um pequeno ponto no espaço… Ficando de joelhos e, depois, de pé, conseguiu fazer sinais com a mão. Estavam no dia 24 de março.

Um navio dirigia-se para onde estavam! E o navio não navegava sem destino. Dirigia-se, em linha reta, para aquele recife e os infelizes já o teriam visto há muito tempo se ainda tivessem força para examinar o horizonte.

— É o *Duncan* — murmurou Ayrton, caindo inanimado.

*

Quando Cyrus e seus companheiros recobraram os sentidos, graças aos cuidados que lhes eram dispensados, encontraram-se num camarote de navio, sem compreender como haviam escapado da morte.

Mas uma palavra de Ayrton foi suficiente para que compreendessem tudo:

— O *Duncan!* — murmurava ele.

E Cyrus, levantando as mãos para o céu, exclamou:

— Obrigado, Deus Todo-Poderoso, que permitiu que fôssemos salvos!

Realmente, os sobreviventes do cataclismo haviam sido salvos pelo iate escocês, comandado por Robert, filho do capitão Grant, que fora mandado à ilha Tabor para repatriar Ayrton, depois de doze anos de isolamento…

— Capitão Robert — perguntou Cyrus —, como foi que o senhor teve a ideia de navegar cem milhas para nordeste da ilha Tabor, depois de não ter encontrado Ayrton na ilha?

— Ora, vim até aqui para salvar não apenas Ayrton, mas aos senhores.

— Salvar a nós todos?

— Sem dúvida! Na ilha Lincoln!

— Ilha Lincoln! — exclamaram todos ao mesmo tempo.

— Como o senhor soube da existência dessa ilha? — perguntou Cyrus. — Ela nem sequer aparece nos mapas!

— Soube da sua existência pelo bilhete que os senhores deixaram na ilha.

— Um bilhete? — perguntou Gideon.

— Vejam — respondeu Roberto, mostrando uma nota na qual estavam indicadas a latitude e a longitude da antiga ilha Lincoln, "residência atual de Ayrton e de cinco colonos americanos".

— Capitão Nemo! — disse Cyrus depois de ter lido bilhete.

Reconhecera a mesma letra da nota encontrada no curral.

— Então foi ele quem usou o nosso *Boaventura* para ir até a ilha Tabor! — lembrou-se Pencroft. — Eu tinha razão quando disse que mesmo depois de morto o capitão nos prestaria algum serviço.

— Meus amigos — disse Cyrus —, que Deus receba a alma do capitão Nemo, nosso salvador!

Os colonos tiraram os chapéus, ao ouvir esta frase.

Nesse momento, Ayrton, aproximando-se de Cyrus, perguntou:

— Onde devo colocar esse cofre?

Era o cofre que ele salvara, com grande perigo de vida, no momento em que a ilha submergia, e que vinha fielmente restituir ao engenheiro.

— Ayrton! Ayrton! — exclamou Cyrus emocionado.

E, dirigindo-se ao capitão, disse:

— Meu senhor, o culpado que foi deixado na ilha Tabor tornou-se um verdadeiro homem e sinto orgulho em poder apertar sua mão.

Robert Grant foi posto a par da estranha história do capitão Nemo e dos colonos da ilha Lincoln. Depois de fazer levantamento de tudo que restava naquele escolho, deu ordem aos marinheiros para virar o navio e continuar a

viagem de volta. Aquele pequeno recife passaria a figurar nos mapas do Pacífico.

Quinze dias depois, os colonos desembarcavam na América e encontravam sua pátria tranquila, pois a justiça e o direito haviam triunfado!

A maior parte do tesouro legado pelo capitão Nemo aos colonos foi empregada para comprar vasta propriedade no Iowa. A mais bela pérola foi enviada de presente à sra. Glenarvan, em nome dos náufragos repatriados pelo *Duncan.*

Na propriedade comprada, fundaram vasta colônia, à qual deram o nome de ilha Lincoln. O rio que a cortava foi chamado Providência, uma das montanhas foi batizada com o nome de Franklin, um pequeno lago recebeu o nome de Grant e as florestas passaram a ser chamadas de Faroeste. Consideravam a propriedade como ilha em terra firme.

Dirigida pelo competente engenheiro e cuidada pelos seus trabalhadores amigos, a ilha prosperou.

Todos os companheiros viviam juntos, pois haviam jurado jamais se afastarem um dos outros. Nab continuava perto de seu amo, Ayrton pronto a qualquer sacrifício e Pencroft tornara-se ótimo fazendeiro. Harbert terminara seus estudos dirigido por Cyrus e Gideon fundou um jornal chamado *Arauto da Nova Lincoln.*

Muitas vezes, os colonos receberam a visita de lorde Glenarvan e do capitão John Mangles, com suas mulheres, do major Mac Nabbs e do próprio Robert Grant.

Naquela propriedade todos permaneceram unidos como haviam sido no passado. Mas nenhum deles conseguia esquecer a ilha que os havia tão bem acolhido durante quatro anos e da qual nada mais restava senão um pedaço de granito castigado pelas ondas do Pacífico e que era o túmulo daquele grande amigo de todos, o capitão Nemo!

2ª EDIÇÃO

TRADUÇÃO JOSÉ GONÇALVES VILANOVA

PRIMEIRA PARTE

1
O recife flutuante

Corria o ano de 1866. Inesperadamente, o mundo foi abalado por acontecimento fantástico, fenômeno inexplicado e inexplicável, que certamente ainda não foi esquecido. Estranhos boatos alarmaram os habitantes dos portos e provocaram a curiosidade pública no interior dos continentes, impressionando, principalmente, todos os que, por ofício, navegavam pelos mares. Comerciantes, armadores e governos de alguns Estados ficaram enormemente preocupados com o estranho fato.

A partir de dado momento, vários navios haviam cruzado no mar com uma coisa enorme. Era um objeto longo, fusiforme, às vezes fosforescente, infinitamente maior e mais veloz que uma baleia.

Os diários de bordo, em que os fatos relativos à aparição tinham sido registrados, estavam inteiramente de acordo não só quanto à estrutura da coisa ou ente avistado, como quanto à espantosa velocidade, à surpreendente potência de seus meios de deslocamento e à vida especial de que parecia dotado. Se era algum cetáceo, tinha volume muito maior que o de qualquer outro até então classificado pela ciência. Os mais insignes ictiólogos só admitiriam a existência de tal monstro se o pudessem ver, mas vê-lo de verdade, esquadrinhando-o com os seus olhos sábios.

Baseando-nos na média das observações feitas, desprezando as avaliações prudentes e rejeitando as opiniões exageradas, poderíamos assegurar que o ser descomunal, se é que realmente existia, ultrapassava de muito todas as dimensões até então admitidas pelos cientistas. Ora, que o bicho existia era inegável, e, dada a tendência que inclina o cérebro humano a impressionar-se com o maravilhoso, é fácil compreender a sensação provocada no mundo inteiro

por essa aparição sobrenatural. Tanto mais quando seria impossível considerá-la inexistente.

Realmente, a 20 de julho de 1866, o navio *Governador Higginson* encontrara, a cerca de cinco milhas a este do litoral da Austrália, a referida massa flutuante. O capitão Baker supôs, a princípio, encontrar-se frente a frente com algum recife desconhecido, e, quando já se preparava para determinar-lhe a posição exata, o esquisito objeto esguichou no ar dois enormes jatos sibilantes de água, que chegaram, mais ou menos, a quarenta metros de altura. Portanto, a não ser que o tal rochedo estivesse sujeito às expansões intermitentes de um gêiser, o *Governador Higginson* cruzara com algum mamífero aquático, até então desconhecido, que expelia pelos respiros jatos de água misturada a vapor.

Fato semelhante foi observado a 23 de julho do mesmo ano, nos mares do Pacífico, pelo *Cristóvão Colombo.*

O excepcional cetáceo era capaz de locomover-se com surpreendente velocidade, tanto que, no espaço de três dias, dois navios o haviam observado em pontos separados por distância superior a setecentas léguas marítimas.

Quinze dias depois, a duas mil léguas dali, o *Helvécia* e o *Shannon*, navegando em direções opostas, na região do Atlântico compreendida entre os Estados Unidos e a Europa, comunicaram-se reciprocamente a observação do monstro, a 42 graus e 15 minutos de latitude norte, e sessenta graus e 35 minutos de longitude oeste de Greenwich. Nessa observação simultânea, supuseram poder avaliar o comprimento mínimo do mamífero em mais de 106 metros. A conclusão era bem fundamentada, porque o *Helvécia* e o *Shannon* eram menores do que o monstro, embora medissem cem metros da popa à proa. Ora, as mais alentadas baleias nunca passam dos 56 metros, se é que alguma já atingiu tal dimensão.

Essas comunicações, chegadas uma em seguida à outra; novas observações feitas a bordo do transatlântico *Pereira*; um abalroamento entre o *Etna* e o monstro; o registro feito pelos oficiais da fragata francesa *Normandia*; e a observação náutica conseguida pelo estado-maior do comodoro Fitz-James, a bordo do *Lorde Clyde*, causaram profunda impressão na opinião pública. Nos países de gênio leviano e folgazão, o fenômeno provocou riso. Todavia, os países de gênio sisudo e prático, como a Inglaterra, os Estados Unidos e a Alemanha, ficaram vivamente preocupados.

O monstro passou a ser assunto do dia em todas as grandes cidades do mundo. Foi celebrado nas canções dos cafés-concertos, mereceu a zombaria dos jornais e alcançou a glória dos palcos. A imprensa sensacionalista aproveitou a oportunidade para as invencionices mais incríveis. Nos jornais em crise de assunto, reapareceram todos os seres fantásticos e gigantescos. Foram ressuscitadas até as observações da Antiguidade, as opiniões de Aristóteles e de Plínio, que admitiam a existência de tais monstros.

Rebentou então a interminável polêmica dos crédulos e dos incrédulos nas sociedades sábias e nos jornais científicos. A questão do monstro acendeu os espíritos. Os jornalistas que fazem profissão de pilhéria jorraram mar de tinta durante essa memorável campanha, e alguns até a sua gota de sangue, porque da serpente do mar passaram às mais injuriosas alusões pessoais. A guerra durou cerca de seis meses com variações da sorte dos combatentes.

Durante os primeiros meses de 1897, o assunto pareceu enterrado, sem possibilidade de reaparecer. Contudo, justamente quando todos o tinham como encerrado, novos fatos chegaram ao conhecimento público. Não se tratava mais da solução de problema científico, mas de evitar sério perigo, perigo muito concreto. A questão revestiu-se, pois, de aspecto inteiramente diferente. O monstro converteu-se outra vez em ilhéu, rochedo, recife, mas escolho fugaz, incompreensível, impossível de ser localizado.

A 5 de março de 1897, o *Morávio,* navegando durante a noite cerca de 27 graus e trinta minutos de latitude norte e 72 graus e 15 minutos de longitude oeste, colidiu por estibordo com um escolho que mapa algum indicava naquelas paragens. Mediante a ação combinada do vento e de seus quatrocentos cavalos de força, o *Morávio* navegava à velocidade de 13 nós. É indubitável, pois, que, se não fora a qualidade superior de seu casco, arrombado pelo choque, teria soçobrado, levando para o fundo do mar os 237 passageiros que recebera no Canadá.

O acidente verificou-se por volta das cinco horas da manhã, quando o dia apenas começava a amanhecer. Os oficiais de quarto correram para a ré do navio e observaram o mar com escrupulosa atenção. Nada viram, a não ser forte redemoinho que se quebrava a distância de trezentas e sessenta braças, como se as camadas líquidas estivessem sendo violentamente agitadas. Feito cuidadoso levantamento do local em que se dera o choque, o *Morávio* continuou em sua

derrota, sem avarias aparentes. Chocara-se contra algum rochedo submarino, contra os destroços de algum naufrágio? Não foi possível determinar. Mas, quando no estaleiro lhe examinaram a querena, verificaram que parte da quilha havia sido destruída.

Esse fato, extremamente grave em si mesmo, teria, talvez, sido esquecido, como se esquecem tantos outros, se não se reproduzisse, em idênticas condições, três semanas mais tarde. Apenas, graças à nacionalidade do navio, vítima do novo abalroamento, e à reputação da companhia a que ele pertencia o fato teve enorme repercussão.

A 13 de abril de 1897, com o mar sereno e a brisa suave, navegava o *Escócia* a 15 graus e 12 minutos de longitude oeste, e 45 graus e 37 minutos de longitude norte. Sob o empuxo de mil cavalos de força, o navio desenvolvia velocidade de 13 nós e 43 centésimos. As suas rodas batiam o mar com regularidade impecável. Às 16h17 minutos, hora em que os passageiros estavam reunidos no grande salão para o lanche, o *Escócia* sofreu pequeno choque na parte traseira do casco, um pouco atrás da roda de bombordo.

Não fora o navio que batera. Ele havia sido abalroado e o choque fora tão pouco sensível que fazia pensar, de preferência, em objeto cortante ou perfurante, mais do que em objeto contundente. Entretanto, o choque fora tão leve que ninguém se preocuparia com ele a bordo, não fosse o grito aterrorizado do pessoal das caldeiras, que subiu ao convés gritando:

— Vamos a pique! Vamos a pique!

A princípio, os passageiros foram tomados pelo medo, mas o capitão Anderson logo conseguiu acalmá-los. Efetivamente, não podia haver perigo imediato. O *Escócia*, dividido em compartimentos estanques, por meio de comportas, podia desafiar impunemente uma avaria. O capitão desceu logo ao porão e verificou que o quinto compartimento fora invadido pelas águas, e a rapidez da inundação provava que o rombo era enorme. Felizmente, as caldeiras não estavam instaladas naquela parte do navio, se não se teriam apagado imediatamente.

Anderson ordenou a parada do navio e um dos marinheiros mergulhou para observar a avaria. Instantes depois informava que a querena sofrera rombo de dois metros de largura. Tal fenda não podia ser calafetada; e o *Escócia* teve que seguir sua rota com as rodas meio afogadas. Encontrava-se, então, a trezentas

milhas do cabo Clear e, após três dias de atraso, causando com isso vivas inquietações em Liverpool, entrou nas docas da Companhia.

Os engenheiros realizaram rigorosa vistoria e, levando o navio ao dique seco, mal puderam acreditar no que viam. Dois metros e meio abaixo da linha d'água, abria-se fenda regular, em forma de triângulo isósceles. O rompimento da chapa de ferro era de nitidez perfeita e não teria sido realizado com mais perfeição pelo poderoso cortador de uma usina siderúrgica. Era indispensável, portanto, que o instrumento perfurante que o produzira fosse de têmpera incomum e houvesse sido manejado com força prodigiosa para conseguir furar com tal precisão chapa de quatro centímetros de espessura e retirar-se por si mesmo mediante movimento retrógrado verdadeiramente inexplicável.

Tal era o último fato, cuja consequência foi apaixonar novamente a opinião pública. A partir do acidente do *Escócia*, os sinistros marítimos de causa desconhecida passaram a ser atribuídos ao monstro. O fantástico animal aguentou a responsabilidade de tais naufrágios, cujo número, infelizmente, é considerável. Ora, o monstro foi, justa ou injustamente, acusado do desaparecimento desses barcos, e, graças a ele, as comunicações entre os diversos continentes foram consideradas cada vez mais perigosas; o público manifestou-se exigindo categoricamente que os mares fossem libertados, a qualquer preço e para sempre, daquele formidável cetáceo.

2
Convite inesperado

Na época em que aconteceram esses fatos, regressava eu de uma expedição científica à inculta região de Nebraska, nos Estados Unidos. Na qualidade de professor adjunto no Museu de História Natural de Paris, o governo francês me designara para essa expedição. Depois de percorrer o Nebraska durante seis meses, cheguei a Nova York, no fim de março, carregado de coleções preciosas. Minha partida para a França estava marcada para os primeiros dias de maio. Enquanto esperava a data do embarque, ocupava-me na classificação das minhas riquezas minerais, botânicas e zoológicas quando sobreveio o incidente do *Escócia.*

Encontrava-me perfeitamente ao corrente do assunto do dia e nem poderia ignorá-lo. Lera e relera todos os jornais americanos e europeus, vale dizer — ficara na mesma. O mistério excitava-me a curiosidade. Na impossibilidade de formar opinião, meu espírito flutuava entre os extremos. Que havia qualquer coisa era indubitável, e os incrédulos podiam, agora, palpar o flanco dilacerado do *Escócia.*

Por ocasião de minha chegada a Nova York, a questão fervia. A hipótese do recife flutuante, a ilhota fugidia, sustentada por alguns espíritos de voo curto, fora completamente abandonada. Com efeito, a menos que o tal recife fosse equipado com máquina em seu interior, como poderia deslocar-se com velocidade tão prodigiosa? Pela mesma razão foi recusada a hipótese da existência de um casco flutuante, de enorme destroço. É evidente que um casco abandonado não poderia gozar de tal rapidez de deslocamento.

O problema só podia, pois, admitir duas soluções possíveis, em volta das quais surgiram dois partidos perfeitamente definidos. De um lado, agruparam-se

os que acreditavam na existência de monstro colossal. De outro, os que admitiam a existência de embarcação submarina provida de poderosa força motora. Ora, essa última hipótese, embora admissível, não pôde resistir às investigações realizadas nos dois mundos. Era improvável que um particular pudesse ter à sua disposição tal engenho mecânico. Onde e quando o mandara construir e como conseguira manter secreta essa construção? Somente um governo poderia possuir tal máquina de destruição, e, nestes calamitosos tempos, em que o homem se empenha em multiplicar a potência das armas de guerra, era possível que algum país tentasse, às ocultas, a construção daquele formidável engenho.

Entretanto, também esta hipótese não prosperou, diante da negativa dos governos. Como se tratava do interesse geral, visto como as comunicações transoceânicas haviam sido atingidas, isso não era possível, principalmente porque todos os atos de cada um são obstinadamente vigiados pelas potências rivais.

No entanto, após algumas investigações, feitas na Inglaterra, na França, na Rússia, na Alemanha, na Espanha, na Itália, nos Estados Unidos e até na Turquia, a hipótese do encouraçado submarino foi definitivamente rejeitada. O monstro voltou, portanto, à tona, a despeito das constantes zombarias com que o ironizava a imprensa de segunda ordem, e, nessa direção, os imaginosos abandonaram-se aos devaneios mais absurdos de uma ictiologia fantástica.

Por ocasião de minha chegada a Nova York, várias pessoas distinguiram-me com a honra de indagar a minha opinião sobre o fenômeno. Eu publicara na França uma obra em dois volumes, intitulada *Os mistérios do fundo do mar.* Esse livro, muito apreciado pelos cientistas de todo o mundo, transformara-se em especialista dessa divisão ainda bastante obscura da história natural. Era justo, pois, que pedissem a minha opinião.

Enquanto pude negar a realidade do fato, refugiei-me na negativa absoluta, Não demorou, entretanto, que me encontrasse entre a parede e a espada, e fui obrigado a manifestar-me claramente. O ilustre Pierre Aronnax, professor do Museu de Paris, foi intimado pelo *New York Herald* a emitir opinião, fosse qual fosse! Tive de render-me. Impossibilitado de continuar calado, falei. Discuti o problema sob todos os ângulos, política e cientificamente, e aqui transcrevo as conclusões de artigo bem extenso, que publiquei no número de 30 de abril:

“Assim, portanto”, afirmava eu, “depois de haver examinado todas as hipóteses, cada uma por sua vez, e haver rejeitado qualquer outra suposição, é forçoso admitir a existência de animal marinho possuidor de força esmagadora. As grandes profundidades oceânicas ainda nos são totalmente desconhecidas. A sonda até hoje não as alcançou. Que se passa nesses profundos abismos? Que seres habitam ou podem habitar a 12 ou 15 milhas abaixo da superfície das águas? Como é o organismo desses animais? Mal poderíamos conjecturar.

A solução do problema que me foi submetido, porém, pode resultar numa alternativa: ou conhecemos todas as variedades de seres que habitam nosso planeta ou não as conhecemos. Se ainda não as conhecemos todas, se a natureza, até agora, tem segredos para nós, em ictiologia, nada mais aceitável do que admitir a existência de peixes ou cetáceos, de espécies ou até de gêneros novos, de organização essencialmente abissal — os quais habitam as camadas inacessíveis à sonda —, que um acontecimento qualquer, fantasia, capricho, como quisermos, traga, de longe em longe, às camadas superiores do oceano.

“Se, ao contrário, conhecemos todas as espécies vivas, é preciso procurar o animal em questão entre os seres marinhos já catalogados, e nesse caso eu estaria inclinado a admitir a existência de um narval gigante.

“O narval comum, ou unicórnio marinho, atinge muitas vezes o comprimento de dois metros. Quintupliquemos, decupliquemos essa dimensão, demos a esse cetáceo força proporcional a sua corpulência, dotemo-lo de armas ofensivas, e teremos o animal em questão. Terá proporções determinadas pelos oficiais do *Shannon*, possuirá o instrumento necessário à perfuração do *Escócia* e a força indispensável para cortar o casco de um navio.

“Efetivamente, o narval tem como arma uma espécie de espada de marfim, ou alabarda, segundo preferem certos naturalistas. É o seu dente principal, que tem a dureza do aço. Alguns desses dentes foram encontrados cravados em corpos de baleias, que o narval ataca sempre com êxito. Outros foram arrancados com dificuldade de carenas de navios, por eles varados de lado a lado, da mesma forma que a verruma fura a pipa. O Museu da Faculdade de Medicina de Paris possui uma dessas defesas, que tem 2,25 metros de comprimento e 48 centímetros de largura na base.

“Pois bem! Suponhamos a arma dez vezes maior e o animal dez vezes mais possante. Lancemo-lo com a velocidade de vinte milhas por hora.

Multipliquemos a massa pela velocidade, e teremos choque capaz de produzir a catástrofe referida.

“Portanto, até melhores e mais completas informações, opinarei por um unicórnio marinho, de dimensões colossais, armado não de alabarda, mas de esporão, como as fragatas couraçadas ou os aríetes de guerra, dos quais teria, ao mesmo tempo, a massa e a potência motora.

“Assim se explicaria, talvez, esse fenômeno inexplicável, a menos que nada exista — apesar de que foi avistado, visto, sentido e sofrido —, o que também é possível!”

Essas últimas palavras eram de baixo expediente de minha parte. Mas eu precisava, até certo ponto, dar cobertura à minha dignidade de professor e não desejava dar ensejo ao riso dos americanos, que, quando riem, sabem fazê-lo bem. Reservava-me, assim, uma saída. No fundo, admitia a existência do monstro.

Meu artigo foi calorosamente discutido, o que lhe valeu grande repercussão e atraiu para mim alguns partidários. Além disso, a solução proposta permitia voo livre à imaginação. O espírito humano sempre se compraz da concepção grandiosa de seres sobrenaturais. Ora, o mar é exatamente o seu melhor veículo, o único meio em que esses gigantes — ao lado dos quais os animais terrestres como elefantes e rinocerontes são apenas anões — podem produzir-se e desenvolver-se. As massas líquidas alojam as maiores espécies de mamíferos conhecidas e ocultam, talvez, enormes moluscos e crustáceos apavorantes, como o seriam lagostas de cem metros ou caranguejos de duzentas toneladas! Por que não? Outrora, os animais terrestres, contemporâneos das épocas geológicas — os quadrúpedes, os quadrumanos, os répteis, as aves —, eram moldados segundo gabaritos gigantescos. O Criador vazava-os em moldes colossais, que o tempo, pouco a pouco, foi reduzindo. Por que o mar, em suas profundezas desconhecidas, não poderia ter conservado essas imensas amostras da vida, nas antigas idades da terra, ele que jamais se modifica, enquanto o núcleo terrestre está em mudança quase contínua? Por que não ocultaria o mar, em seu seio, as últimas variedades dessas espécies titânicas, cujos anos são séculos e cujos séculos são milênios?

Mas… não devo deixar-me arrastar por devaneios que já não posso alimentar. Tréguas às quimeras, que o tempo transformou em terríveis realidades. Repito,

pois. O público formou opinião sobre a natureza do fenômeno e acreditou, sem contestação, na existência de ser prodigioso, que nada tinha em comum com as fabulosas serpentes marinhas.

Contudo, se alguns viram naquilo apenas um problema científico a resolver, outros, mais positivos, principalmente nos Estados Unidos e na Inglaterra, foram de parecer que se devia libertar o oceano desse monstro temível, a fim de assegurar as comunicações transoceânicas. Os jornais encaram o problema especialmente desse ponto de vista e foram unânimes na defesa da expedição punitiva.

Havendo-se pronunciado a opinião pública, os Estados Unidos tomaram a iniciativa. Os preparativos de expedição destinada a perseguir o narval foram feitos em Nova York. Uma fragata velocíssima, a *Abraham Lincoln*, foi posta em estado de fazer-se imediatamente ao mar, sob o comando do capitão Farragut.

Como sempre acontece, desde que ficou resolvida a perseguição do monstro, ele desapareceu. Durante dois meses, ninguém mais ouviu falar dele. Nenhum navio mais o encontrou. E a *Abraham Lincoln*, completamente equipada para campanha longínqua e provida de formidável aparelhos de pesca, ali ficava imobilizada, sem saber que direção tomar. A impaciência era crescente quando, a 2 de julho, chegou a notícia de que um navio encontrara o animal, três semanas antes, nos mares do Pacífico norte.

A comoção causada por essa notícia foi extrema. Não concederam ao comandante Farragut sequer 24 horas de demora. Os paióis estavam atulhados de víveres. Os porões, cheios de carvão. O rol da equipagem, completo. Era acender caldeiras e safar-se. Ninguém lhe perdoaria meio dia de atraso. E o próprio comandante estava louco por partir.

Três horas antes que a *Abraham Lincoln* largasse do cais de Brooklyn, recebi carta redigida nos seguintes termos:

“Sr. Aronnax, professor no Museu de Paris.
Hotel da Quinta Avenida. *Nova York*.

Senhor, se quiser participar da expedição da *Abraham Lincoln*, o governo dos Estados Unidos verá com prazer a França representada pelo senhor nessa empresa. O capitão Farragut reserva-lhe um camarote.

Muito cordialmente, seu

J. B. HOBSON
Secretário da Marinha”

3
Um criado inigualável

Três segundos antes de receber a carta de J. B. Hobson, eu pensava tanto em ir dar caça ao unicórnio como em tentar passagem do noroeste. Três segundos depois da leitura da carta do honrado secretário da Marinha, achara, enfim, a minha verdadeira vocação, o fim único de minha vida — a perseguição daquele monstro amedrontador, livrando dele o mundo.

Entretanto, estava regressando de viagem penosa, estava fatigado e ávido de repouso. Desejava, até o recebimento da carta, apenas rever minha terra, abraçar meus amigos, aninhar-me no meu pequeno apartamento, viver tranquilo com as minhas queridas e preciosas coleções. Depois da carta, nada pôde deter-me. Tudo esqueci: fadigas, amigos e coleções, e aceitei, sem mais reflexões, o convite do governo americano.

“Enfim”, pensava, “todos os caminhos levam à Europa e o unicórnio há de ser bastante amável para levar-me às costas da França. Como bicho de vergonha, não pode deixar-se agarrar senão em mares europeus. Não deixarei de levar pelo menos meio metro de sua alabarda de marfim para o Museu de História Natural.”

Todavia, era preciso caçar o narval no norte do oceano Pacífico, o que equivalia a seguir a rota das antípodas para voltar à França.

— Conselho! — gritei, impaciente.

Conselho era meu criado. Moço dedicado, que me acompanhava em todas as minhas viagens. Excelente flamengo a quem eu muito estimava e que me retribuía na mesma moeda. Era criatura fleumática por natureza, metódica por princípio, cuidadosa por hábito, pouco impressionável ante as surpresas da vida, dotada de grande habilidade manual, apta para todo e qualquer serviço e que, a

despeito do nome, nunca dava conselhos — mesmo quando ninguém os pedia. A sua convivência permanente com os cientistas do Jardim Botânico fora-lhe proveitosa. Assim, eu tinha em Conselho um especialista experimentado nas classificações de História Natural. Ele percorria com agilidade de acrobata toda a escala de ramos, grupos, classes, subclasses, ordens, famílias, gêneros, subgêneros, espécies e variedades. Mas sua ciência parava aí. Classificar era a sua vida e fora daí nada mais sabia. Versadíssimo na teoria da classificação, pouco entendia da prática, e acredito mesmo que seria incapaz de distinguir um cachalote de uma baleia. Apesar disso, era homem corajoso e digno.

Havia dez anos que me acompanhava por toda parte aonde me levasse a ciência e jamais se queixara da duração ou da fadiga de uma viagem. Nunca fizera uma simples objeção ao arrumar a maleta, quer a partida fosse para a China, quer fosse para o Congo. Partia sem fazer perguntas. Além do mais, gozava de saúde que desafiava doenças, músculos sólidos e, quanto a nervos, nem vestígio deles — no moral, é claro. Contava trinta anos, dez a menos do que eu, e, depois de tantas virtudes, tinha um só defeito: exagerava a etiqueta e só me dava tratamento cerimonioso, a ponto de tornar-se irritante.

— Conselho! — chamei de novo, enquanto, com mão febril, começava os preparativos de viagem.

Como já disse, estava seguro da dedicação do rapaz. Ordinariamente, nunca lhe perguntava se lhe convinha ou não acompanhar-me em minhas viagens. Todavia, dessa vez tratava-se de uma expedição que se poderia prolongar indefinidamente, um empresa aventurosa, da perseguição de um animal capaz de virar uma fragata como se fosse simples casquinha de noz! A aventura dava que pensar duas vezes, mesmo ao homem mais impassível do mundo. Que diria Conselho?

— Conselho! — gritei pela terceira vez.

Conselho atendeu.

— O senhor chamou?

— Sim, meu filho. Prepara-me e prepara-te que temos de partir dentro de duas horas.

— As ordens do senhor serão cumpridas — respondeu Conselho tranquilamente.

— Não temos um segundo a perder. Põe em minha mala tudo quanto couber: ternos, camisas, meias e o mais possível. Apressa-te!

— E as coleções do senhor? — perguntou Conselho.

— Depois trataremos delas.

— Como! Os arquiotérios, os hiracotérios, os oreodones, os queropótamos e as outras carcaças do senhor…

— Ficarão guardadas no hotel.

— E o babirussa vivo?

— Alguém cuidará dele em minha ausência. Além disso, darei ordens para que remetam para a França todos os nossos animais.

— Então, não vamos voltar para Paris?

— Sim… Certamente… — respondi de forma evasiva. — Antes, porém, daremos uma volta.

— As voltas que agradem ao senhor.

— Oh! Será quase nada. Um caminho menos direto e nada mais. Embarcaremos na *Abraham Lincoln*.

— Será como o senhor determinar.

— Como sabes, meu amigo, trata-se do monstro… do famoso narval… Vamos livrar dele os mares… O autor de uma obra em dois volumes sobre os mistérios do fundo do mar não pode deixar de embarcar com o comandante Farragut. A missão é gloriosa… mas perigosa também! Não sabemos aonde vamos. O narval pode ser animal caprichoso. Mas, apesar dos riscos, nós o alcançaremos de qualquer forma. Nosso comandante tem olho vivo!

— O que o senhor fizer também farei — respondeu Conselho.

— Reflete bem! Não quero esconder-te nada. Esta viagem é daquelas de que nem sempre se volta.

— Quem manda é o senhor.

Um quarto de hora depois, estavam fechadas as nossa malas. Num instante as arrumara Conselho e eu estava certo de que nada fora esquecido, porque o rapaz classificava com a mesma perfeição ternos e camisas, aves e mamíferos.

O elevador do hotel levou-nos ao grande vestíbulo da sobreloja. Desci os poucos degraus que me separavam do andar térreo e paguei minha conta no vasto balcão sempre assediado por verdadeira multidão. Dei ordem para que expedissem a Paris os meus fardos de animais empalhados e plantas secas. Fiz

abrir crédito suficiente ao tratamento do babirussa. E, seguido por Conselho, peguei uma caleça. Dentro em pouco chegamos ao cais junto ao qual a *Abraham Lincoln* vomitava torrentes de fumo negro pelas duas chaminés.

As nossas bagagens foram imediatamente levadas para o convés da fragata. No instante seguinte estávamos a bordo. Perguntei pelo comandante Farragut. Um dos marinheiros conduziu-nos ao tombadilho, onde me encontrei em presença de um oficial simpático, que me estendeu a mão.

— Sr. Pierre Aronnax? — perguntou-me.

— Ele próprio. Tenho a honra de falar ao comandante Farragut?

— Em pessoa. Seja bem-vindo, senhor professor. O seu camarote já está preparado.

Cumprimentei-o e, deixando-o entregue aos cuidados das manobras de partida, pedi ao marinheiro que me indicasse o camarote que me fora destinado.

A escolha da fragata fora feliz e ela estava perfeitamente equipada para a aventura. Além de se tratar de barco veloz, fora provida de superaquecedores que tornavam possível elevar a sete atmosferas a tensão do vapor. Sob tal pressão, a *Abraham Lincoln* alcançava velocidade média de 18,3 milhas por hora, certamente considerável, contudo insuficiente para a luta contra o gigantesco cetáceo.

A disposição interior da fragata correspondia às suas qualidades náuticas. O meu camarote, situado a ré e abrindo-se sobre o salão de refeições da oficialidade, deixou-me inteiramente satisfeito.

Deixei a Conselho o cuidado de amarrar convenientemente as nossas malas e subi ao convés para presenciar a partida.

Naquele momento, o capitão Farragut mandava largar as últimas amarras que prendiam a *Abraham Lincoln* ao cais. Assim, pois, tivesse havido um quarto de hora de demora, talvez menos, a fragata partiria sem mim e eu teria perdido essa expedição extraordinária, sobrenatural, inverossímil, cuja narrativa verídica talvez encontre incrédulos…

Mas o comandante Farragut não queria perder um só dia, sequer um minuto, ansiava por alcançar os mares em que, recentemente, fora, de novo, assinalado o animal.

Chamou o chefe de máquinas.

— Temos pressão suficiente? — perguntou-lhe.

— Sim, senhor.

— Para a frente! — gritou o capitão.

A essa ordem, os maquinistas puseram em movimento a roda motriz. O vapor silvou, precipitando-se nos cilindros, e os longos êmbolos horizontais gemeram comprimidos, impulsionando as bielas. As pás da hélice bateram a água com rapidez crescente e a *Abraham Lincoln* largou majestosamente, em meio a uma centena de barcas e lanchas repletas de espectadores, que lhe formaram cortejo.

O cais de Brooklyn estava apinhado de curiosos. Três hurras, saídos de quinhentas mil bocas, explodiram sucessivamente. Milhares de lenços acenaram sobre aquela compacta multidão saudando a *Abraham Lincoln*.

O cortejo de botes e lanchas continuou nas águas da fragata e só a deixou à altura da boia luminosa, cujo farol duplo marca a entrada da barra de Nova York.

Eram três da tarde. O prático embarcou em seu escaler e voltou para a pequena escuna que o esperava a sota-vento. Os fogos foram avivados, a hélice bateu as ondas com rapidez crescente, a fragata singrou ao longo da costa amarelada e baixa de Long Island e, às oito da noite, cortou a todo o vapor as águas escuras do Atlântico.

4
Ned Land

Excelente marinheiro, Farragut estava à altura da fragata que comandava. Ele e seu navio completavam-se. O capitão era a alma daquele barco. Quanto ao cetáceo, era de existência indiscutível, em sua opinião, e nem permitia que a existência dele fosse discutida a bordo. Acreditava no monstro como certas mulheres creem no Paraíso: tinha fé, não raciocinava. O monstro existia e ele jurara livrar os mares daquele flagelo. Das duas uma: ou o capitão Farragut mataria o narval, ou o narval daria cabo do capitão Farragut. Não havia meio-termo.

Os oficiais de bordo partilhavam da opinião de seu comandante. Era admirável ver a convicção com que conversavam, discutiam, divergiam uns dos outros, calculavam as probabilidades da luta e observavam a vasta extensão do oceano. Muitos escalavam a si mesmos para um quarto voluntário nas vergas do joanete. Enquanto brilhava o sol, a mastreação ficava sobrecarregada de marinheiros, para os quais parecia que as tábuas do convés queimavam os pés e lá não podiam ficar quietos. E, note-se, a roda da proa da *Abraham Lincoln* ainda não cortava as suspeitas águas do Pacífico.

Quanto à tripulação, o que ela desejava era encontrar o unicórnio, arpoá-lo, içá-lo para bordo e despesdaçá-lo. Não havia tripulante que não observasse o mar com cuidadosa atenção, principalmente depois que o capitão falara num prêmio de dois mil dólares, reservado a quem quer que fosse — mestre ou grumete, marinheiro ou oficial — que avistasse o animal em primeiro lugar.

De meu lado, não ficava atrás, e a ninguém cedia minha parte nas pesquisas diárias. Conselho era a exceção. A sua indiferença pelo problema que a todos tanto apaixonava e excitava o entusiasmo geral a bordo tomava ares de protesto.

Já contei como o capitão Farragut equipara cuidadosamente o seu navio com aparelhos destinados à pesca do gigantesco cetáceo. Nenhum navio baleeiro teria equipamento melhor. Todos os engenhos conhecidos ali estavam representados, desde o arpão lançado a mão até as flechas farpadas dos bacamartes e as balas explosivas das espingardas de tiro rápido. No castelo de proa pavoneava-se um canhão aperfeiçoado, de carregar pela culatra, cano grosso e calibre fino, capaz de, sem dificuldades, enviar projétil cônico de quatro quilos à distância média de 16 quilômetros. Contudo, ainda havia melhor. A bordo seguia Ned Land, o rei dos arpoadores.

Era um canadense de excepcional segurança nas mãos, insuperável no exercício da perigosa profissão. Misto de destreza e sangue-frio, audácia e astúcia, possuía tais qualidades em grau superlativo e era preciso que uma baleia fosse muito esperta, ou um cachalote muito manhoso, para escapar ao seu arpão. Com cerca de quarenta anos, Ned Land era homem alto — quase dois metros —, vigoroso, de aspecto sisudo, pouco comunicativo, às vezes violento e sujeito a encolerizar-se quando alguém o contrariava. Sua pessoa despertava a atenção, principalmente o vigor de seu olhar, que lhe acentuava singularmente a fisionomia. Acho que o comandante Farragut agira avisadamente quando engajara tal homem. Só por si valia uma tripulação inteira, tanto pela eficiência de sua visão quanto pelo valor de seu braço. Nenhuma comparação seria tão exata quanto aquela que o considerasse um bom telescópio que ao mesmo tempo fosse um canhão sempre pronto a disparar.

Quem diz canadense é como se dissesse francês, e, por pouco comunicativo que Ned Land fosse, devo confessar que me distinguira com certa afeição. Certamente era a minha nacionalidade que o atraía. Em mim via a ocasião de falar, e eu, a de ouvir a velha língua de Rabelais, ainda hoje corrente em algumas províncias canadenses. A família do arpoador era natural de Quebec e já constituía uma tribo de pescadores, na época em que a cidade ainda pertencia à França.

Pouco a pouco, Ned foi tomando gosto em palestrar comigo, e eu gostava de ouvir a narrativa de suas aventuras nos mares polares. Contava-me as suas pescarias e seus combates com grande poesia natural. A sua narração tinha forma épica, e eu supunha ouvir algum Homero canadense cantando a Ilíada das regiões nórdicas.

Que pensava Ned sobre o monstro marinho? Devo dizer, lealmente, que ele não dava muito crédito à existência do unicórnio e era o único a bordo que não compartilhava da convicção geral. Evitava até tratar do assunto. Um dia não me contive e resolvi interpelá-lo.

A noite de 25 de julho foi magnífica. Partíramos havia três semanas, a fragata navegava à altura do cabo Branco, trinta milhas a sota-vento das costas da Patagônia. Tínhamos ultrapassado o trópico do Capricórnio, e o estreito de Magalhães abria-se a menos de setecentas milhas ao sul. Antes de oito dias a *Abraham Lincoln* sulcaria as águas do Pacífico.

Sentados no tombadilho, Ned Land e eu conversávamos sobre assuntos variados, contemplando aquele mar misterioso, cujas profundezas até então haviam ficado inacessíveis à vista humana. Encaminhei com toda a naturalidade a conversação para o unicórnio gigante e examinei as diversas probabilidades de êxito ou insucesso de nossa expedição. Finalmente, vendo que Ned Land me deixava falar sozinho e não dizia palavra, provoquei-o diretamente:

— Ned, como se pode explicar que você ainda não esteja convencido da existência do cetáceo que perseguimos? Que razões pessoais tem para mostrar-se tão incrédulo?

O arpoador fitou-me durante alguns momentos antes de responder-me, bateu com a mão em sua larga testa, gesto que lhe era habitual, fechou os olhos como se quisesse concentrar e afinal falou:

— Talvez tenha, sr. Aronnax.

— Entretanto, Ned, você é baleeiro profissional, familiarizado com os grandes mamíferos marinhos. Você, cuja imaginação deve aceitar com facilidade a hipótese de cetáceos enormes, devia ser o último a duvidar em tais circunstâncias!

— Nisso, exatamente, é que o professor se engana — retrucou Ned. — Que o vulgo acredite que cometas extraordinários atravessam o espaço, ou que monstros antediluvianos povoam o interior do globo, admite-se. Mas que o astrônomo e o geólogo possam admitir semelhante quimera é inadmissível. O mesmo acontece com o baleeiro. Persegui muitos cetáceos, arpoei-os em grande quantidade, matei alguns deles. Todavia, por mais fortes e mais bem armados que fossem, nem suas caudas nem suas defesas poderiam romper as chapas de aço de um navio.

— Ned, já houve embarcações atravessadas de lado a lado por dente de narval.

— Navios de madeira é possível — respondeu o canadense —, e, ainda assim, é coisa que eu nunca vi. Logo, até prova em contrário nego que baleias, cachalotes ou unicórnios sejam capazes de praticar tal proeza.

— Escute, Ned…

— Não, senhor professor, não. Tudo o que o senhor queira, menos isso. Um polvo gigante… Talvez.

— Muito menos, Ned. O polvo não passa de um molusco, e seu próprio nome já indica a pequena consistência de suas carnes. Mesmo que tivesse 170 metros de comprimento, o polvo, que não pertence ao ramo dos vertebrados, é completamente inofensivo para navios como o *Escócia* e a *Abraham Lincoln.* Logo, devemos considerar simples fábulas as proezas de craquens e outros monstros da mesma espécie.

— Então, senhor naturalista — comentou Ned em tom de troça —, teima em admitir a existência de um enorme cetáceo?

— Sim, Ned, e repito-o com convicção que se baseia na lógica dos fatos. Creio na existência de um mamífero, poderosamente organizado, pertencente ao ramo dos vertebrados, como as baleias, os cachalotes e os delfins, e provido de dente córneo, de extrema força de penetração…

— Hum! — exclamou o arpoador, sacudindo a cabeça, com ar de quem não se quer deixar convencer.

— Note o prezado amigo — retruquei — que se tal mamífero existe, se habita as profundezas do oceano, se frequenta as camadas líquidas situadas a algumas milhas abaixo da superfície das águas, tem, necessariamente, um organismo cuja solidez desafia qualquer comparação.

— E para que organismo tão poderoso?

— Porque é preciso força incalculável para manter-se nas camadas profundas e resistir à pressão delas.

— Deveras? — perguntou Ned, que me piscava o olho.

— Sim, e alguns números o provarão sem dificuldades.

— Ah!… os números! Com eles podemos provar o que quisermos.

— Em negócios, Ned, em negócios. Em matemática, não! Escute aqui. Admitamos que a pressão de uma atmosfera seja representada pela pressão de

uma coluna d’água de dez metros de altura. Na realidade, essa coluna teria altura pouco menor, porque se trata de água do mar, cuja densidade é superior à da água doce. Pois bem, quando se mergulha, sofre-se pressão igual a tantas atmosferas quantas vezes dez metros houver acima do mergulhador. Quer dizer, o corpo suportará pressão igual a tantos quilogramas por centímetro quadrado de superfície quantas forem as atmosferas a que esteja submetido. Disso decorre que a cem metros essa pressão é de dez atmosferas, e a mil metros é de cem atmosferas. O que equivale a dizer que, se se conseguir atingir essa profundidade do oceano, cada centímetro quadrado da superfície do corpo suportará a pressão de uma tonelada. Ora, sabe quantos centímetros quadrados de superfície tem o corpo humano?

— Não faço a menor ideia.

— Cerca de 17 mil.

— Tanto assim?

— E como, na realidade, a pressão atmosférica é um pouco superior ao peso de um quilograma por centímetro quadrado, os 17 mil centímetros quadrados suportam, nesse momento, pressão de 17.568 quilogramas.

— Sem que se aperceba disso?

— Sem que se aperceba de nada. E, se o mergulhador não é esmagado por tal pressão, é porque o ar penetra no interior do corpo com igual pressão. Daí um equilíbrio perfeito entre o impulso interior e o exterior, que se neutralizam, o que permite suportá-los sem dificuldade. Na água, porém, a coisa é diferente.

— Compreendo — concordou Ned, que se tornara atento —, porque a água cerca, mas não penetra.

— Exatamente. Assim, pois, a dez metros abaixo da superfície do mar, sofrer-se-á pressão de 17.568 quilogramas. A cem metros, dez vezes essa pressão, ou seja, 175.680 quilogramas. A mil metros, cem vezes essa pressão, ou seja, 17.568.000 quilogramas. Quer dizer que o corpo seria esmagado como se o colocassem entre pratos de prensa hidráulica!

— Meu Deus! — exclamou Ned.

— Pois, prezado arpoador, se vertebrados com centenas de metros de comprimento e proporcionalmente volumosos se mantêm a semelhantes profundidades, é por bilhões que devemos calcular a pressão que sofrem, visto que sua superfície é representada por milhões de centímetros quadrados. Calcule

qual deve ser a resistência do esqueleto deles e a sua potência orgânica para poderem resistir a tais pressões!

— Era preciso que fossem fabricados de chapas de aço de oito polegadas, como as fragatas couraçadas.

— Exatamente. E pense na devastação que pode causar semelhante massa arremessada com velocidade de trem expresso contra o casco de um navio.

— É… com efeito… talvez… — murmurou o canadense, abalado por esses números, mas sem querer dar o braço a torcer.

— Então, está convencido?

— Estou convencido de uma coisa, senhor naturalista. É de que se tais bichos existem no fundo do mar devem ser tão fortes quanto o senhor o afirma.

— Mas se eles não existem, senhor arpoador, como explica o acidente de que foi vítima o *Escócia?*

— Talvez fosse… — falou, hesitante, Ned.

— Coragem, acabe!

— Porque… isso não é verdade! — concluiu o canadense.

Essa resposta, porém, provava apenas a obstinação do arpoador e nada mais. Naquele dia não o provoquei mais. O acidente do *Escócia* não podia ser negado. Tanto existia o rombo que fora necessário tapá-lo, e não há demonstração mais categórica da existência de um rombo do que a necessidade de repará-lo. Ora, o rombo não fora obra espontânea de si mesmo, e, já que não fora produzido por nenhum rochedo submarino nem por engenhos submarinos, fica evidente que era devido ao instrumento perfurante de algum animal.

Segundo minha opinião, fundamentada em todas as razões precedentemente deduzidas, o animal em questão pertencia ao ramo dos vertebrados, classe dos mamíferos, grupo dos pisciformes e, finalmente, ordem dos cetáceos. Quanto à família em que se devia classificar — cachalote, baleia ou delfim, quantoao gênero a que pertencia ou à espécie em que se devia incluir —, era questão pendente de ulterior elucidação. Para resolvê-la, seria necessário dissecar o monstro desconhecido. Para dissecá-lo, prendê-lo. Para prendê-lo, arpoá-lo, avistá-lo — tarefa própria da tripulação. E para avistá-lo, encontrá-lo, tudo dependeria do acaso.

5
O acaso nos favorece

A viagem da *Abraham Lincoln*, durante algum tempo, não foi assinalada por incidente algum. Entretanto, surgiu circunstância que pôs em evidência a maravilhosa habilidade de Ned Land e demonstrou a confiança que podíamos depositar nele.

Ao largo das Malvinas, no dia 30 de junho, a fragata entrou em contato com baleeiros americanos que não tinham notícia alguma do narval. Um deles, porém, o comandante do *Monroe*, tomando conhecimento da presença de Ned Land a bordo, pediu seu auxílio para dar caça a uma baleia que avistara. O capitão Farragut, ansioso por ver Ned operar, permitiu-lhe que passasse para o outro navio. E o acaso favoreceu tanto o nosso amigo canadense que, em vez de uma, arpoou duas baleias, ferindo uma diretamente no coração e agarrando a outra após poucos minutos de perseguição.

Decididamente, se o monstro houvesse de enfrentar algum dia o arpão de Ned Land, não seria eu que iria apostar nele.

A fragata perlongou a costa sudeste da América com rapidez prodigiosa. A 3 de julho atingimos a entrada do estreito de Magalhães, mais ou menos pelas alturas do cabo das Virgens. Farragut não quis atravessar aquela sinuosa passagem e manobrou para dobrar o cabo Horn.

Toda a tripulação aplaudiu a deliberação. Com efeito, seria possível encontrar o narval naquele estreito apertado? Muitos marinheiros afirmavam que o monstro certamente não passaria por ali porque era demasiado volumoso.

No dia 6 de julho, cerca das três da tarde, a *Abraham Lincoln* dobrou a ilhota solitária, perdida na extremidade do continente americano a que alguns marinheiros holandeses puseram o nome de sua cidade natal — o cabo Horn.

Dirigindo-se para noroeste, no dia seguinte, a hélice da fragata fendeu, finalmente, as águas do Pacífico.

— Olho vivo! Olho vivo! — repetiam os marinheiros da *Abraham Lincoln*.

E, de fato, arregalavam desmedidamente os olhos. Os olhos e os óculos, um pouco ofuscados, é verdade, pela perspectiva dos dois mil dólares, não tiveram mais um momento de repouso. Dia e noite, a superfície do oceano ia sendo varrida pelos observadores, e os nictalopes, cuja faculdade de enxergar na obscuridade aumentava em cinquenta por cento as suas probabilidades, aproveitaram a sua maior possibilidade de ganhar o prêmio.

Eu próprio, a quem a isca do dinheiro não atraía muito, não era o menos atento a bordo. Reservando apenas alguns minutos às refeições, dormindo poucas horas, indiferente ao sol e à chuva, não abandonava mais o tombadilho. Ora debruçado na amurada, ora encostado à câmara de ré, devorava com olho ávido a espumante esteira que branqueava o mar a perder de vista. E quantas vezes partilhei do alvoroço dos oficiais de bordo e da tripulação quando alguma caprichosa baleia erguia o dorso escuro acima das ondas! O convés da fragata enchia-se de repente. As passagens da coberta vomitavam verdadeiras torrentes de marinheiros e oficiais. Cada um deles, peito ofegante e olhos turvos, observava a marcha do cetáceo. Eu olhava fixamente, a ponto de ressentir-me a retina, e Conselho, sempre fleumático, aconselhava pachorrento:

— Se o senhor quisesse ter a bondade de arregalar menos os olhos, enxergaria bem melhor.

Tudo em vão! A *Abraham Lincoln* alterava a rota, corria em direção ao animal assinalado, simples baleia ou cachalote vulgar, que não tardava a desaparecer em meio a um concerto de imprecações!

Entretanto, o tempo permanecia favorável e a viagem desenrolava-se nas melhores condições. Era o inverno austral, a pior estação do ano. Todavia, o mar mantinha-se manso e deixava-me observá-lo facilmente em vasto perímetro.

Ned Land mantinha-se na mais tenaz incredulidade, afetando até não contemplar a superfície das águas fora de sua hora de quarto, a menos que alguma baleia estivesse à vista. Entretanto, o seu maravilhoso alcance visual teria sido utilíssimo. Oito em cada doze horas o teimoso canadense lia ou dormia em seu camarote. Muitas vezes reprovei-lhe aquela indiferença.

— Ora, senhor professor! — respondia-me. — Não existe coisa alguma. Ainda que existisse, que probabilidade temos de avistá-la? Não vamos navegando ao acaso? Afirmam que o animal que ninguém encontra tornou a ser visto nas águas do Pacífico. Admito que sejam verdadeiras as notícias. Mais de dois meses, porém, decorreram desde o encontro e, se considerarmos o temperamento do tal narval, vemos que não gosta de mofar no mesmo lugar! Ao contrário, é dotado de prodigiosa facilidade de deslocamento. O senhor sabe melhor do que eu que a natureza nada faz sem finalidade, portanto não dotaria um animal naturalmente vagaroso com a faculdade de veloz movimento, se ele não tivesse necessidade de servir-se dela. Logo, se o bicho existe, já deve estar longe.

A isso não sabia eu como responder. Evidentemente, navegávamos às cegas. Mas como proceder de maneira diferente? Assim, as nossas probabilidades eram reduzidíssimas. Ninguém duvidava, porém, do bom êxito da empresa e não havia um só marinheiro a bordo que não fosse capaz de apostar contra o narval e a favor de sua próxima aparição.

No dia 20 de julho, atravessamos o trópico de Capricórnio a 105 graus de longitude oeste, e a 27 do mesmo mês atravessamos o equador, seguindo o meridiano de 110 graus. Feita essa observação, a fragata embicou determinadamente para oeste e começou a cortar os mares centrais do Pacífico. O capitão Farragut opinava, com razão, que era melhor singrar águas profundas e afastar-se dos continentes ou das ilhas, cuja proximidade o animal sempre parecera evitar, "decerto porque nesses lugares a água era insuficiente para ele", afirmava o mestre de bordo. A fragata passou, portanto, ao largo de Pomutu, das Marquesas e de Sandwich, cortou o trópico de Câncer aos 132 graus de longitude este e dirigiu-se para os mares da China.

Navegávamos, finalmente, no teatro das últimas proezas do monstro! Falando francamente, não se vivia a bordo. Os corações palpitavam violentamente e preparavam, assim, aneurismas incuráveis. A tripulação inteira sofria superexcitação nervosa, da qual não posso nem dar ideia. Ninguém comia nem dormia mais. Vinte vezes por dia, um erro de observação ou ilusão de óptica de algum marinheiro encarapitado nas vergas provocava tensão nervosa demasiado violenta e que produzia reação imediata.

Com efeito, a reação não tardou a produzir-se. Durante três meses, dos quais cada dia parecera ter durado um século, a *Abraham Lincoln* sulcara os mares setentrionais do Pacífico, perseguindo todas as baleias que surgiam em volta, fazendo bruscos desvios de rota, virando subitamente de um bordo a outro, parando repentinamente, aumentando ou invertendo o vapor a cada instante, em risco de desnivelar a máquina, e sem deixar um só ponto inexplorado, das praias do Japão à costa americana. E nada. Nada que se assemelhasse a um narval gigantesco, a uma ilhota submarina, aos restos de naufrágio, a recife flutuante, ou ao que quer que fosse de sobrenatural!

Sobreveio a reação. O desânimo dominou os espíritos, a incredulidade abriu brecha. Novo sentimento surgiu a bordo. Compunha-se de três décimos de decepção e sete décimos de raiva. Nós nos sentíamos envergonhados por nos havermos deixado empolgar por uma quimera, mas nossa cólera sobrepujava a vergonha. As montanhas de argumentos, amontoados durante um ano, ruíram de repente, e cada um de nós pensou apenas em recuperar as horas perdidas, de refeição ou de sono, tão totalmente sacrificadas.

Com a volubilidade natural do espírito humano, caímos noutro excesso. Os mais ardentes partidários da expedição tornaram-se, paradoxalmente, os seus mais veementes difamadores. A reação subiu porões, do posto dos foguistas à câmara da oficialidade. Não fosse a teimosia pessoal do capitão Farragut, a fragata rumaria imediatamente para o sul.

Entretanto, aquela pesquisa inútil não podia prolongar-se por mais tempo. A *Abraham Lincoln* não tinha do que se recriminar e tudo fizera para vencer a campanha. Nunca uma tripulação da Marinha americana tivera mais paciência e mostrara maior zelo. Ninguém poderia imputar-lhe culpa pelo resultado negativo. Só lhe restava, pois, regressar a Nova York.

Uma representação nesse sentido foi feita a Farragut. Ele resistiu. Os tripulantes não puderam esconder o descontentamento, e o serviço ressentiu-se disso. Não chego a dizer que tenha havido revolta a bordo, mas, como Colombo outrora, o comandante, após razoável período de obstinação, pediu três dias de tolerância. Se dentro desses três dias o monstro não aparecesse, o timoneiro daria três voltas ao leme e a *Abraham Lincoln* singraria rumo aos mares europeus.

Essa promessa, feita a 2 de novembro, teve como primeira consequência reanimar a tripulação. O oceano voltou a ser observado com redobrada atenção.

Cada um queria dar-lhe essa última olhadela em que afinal se resume toda a nossa recordação. Os óculos de alcance funcionaram com febril atividade. Era um supremo desafio lançado ao narval gigante e não havia razão para que ele fugisse a essa intimação de comparecimento.

Dois dias passaram-se. A fragata navegava de fogos abafados. Mil artifícios foram empregados para despertar a atenção do monstro ou estimular o seu apetite, caso se encontrasse por aquelas bandas. Enormes pedaços de toucinho foram pendurados a ré, para a alegria dos tubarões, devo dizê-lo. As lanchas cortaram o mar em todas as direções em redor da *Abraham Lincoln*, enquanto esta, parada, esperava. Nenhum ponto do mar ficou inexplorado. Todavia, chegou a noite de 4 de novembro sem que fosse desvendado o mistério submarino.

O prazo combinado expirava no dia seguinte, 5 de novembro, ao meio-dia. Depois de assinalar o ponto, o capitão Farragut, fiel à sua promessa, deveria fazer rota para sudeste, abandonando definitivamente as regiões setentrionais do Pacífico.

A fragata encontrava-se, então, a 31 graus e 15 minutos de latitude norte, e 136 graus e 42 minutos de longitude leste. A sota-vento, a menos de duzentas milhas, ficava a costa do Japão. A noite baixava. A sineta de bordo acabara de bater oito horas. Nuvens densas ocultavam a lua em quarto crescente. O mar ondulava mansamente sob a proa da fragata.

Naquele momento, estava eu à proa, encostado na amurada de estibordo. Conselho, de pé ao meu lado, contemplava o mar, à nossa frente. A tripulação, amontoada nos ovéns, observava o horizonte, que se ia estreitando à proporção que escurecia. Os oficiais, empunhando óculos noturnos, continuavam a busca, apesar da escuridão crescente. De vez em quando, o negror do oceano refletia raios de luar, que dardejavam na aberta entre duas nuvens. A seguir, os traços luminosos perdiam-se nas trevas.

Observando Conselho, pareceu-me que o bom rapaz, afinal, se contagiara um pouco com o entusiasmo geral. Por ventura, pela primeira vez, seus nervos vibravam sob a ação de sentimento de curiosidade.

— Tens razão — disse-lhe eu —, esta é a última oportunidade de embolsar os dois mil dólares.

— Desculpe-me o senhor que lhe diga — respondeu Conselho — que nunca contei com eles, e o governo dos Estados Unidos poderia prometer cem mil dólares, que não ficaria mais pobre.

— Tens razão. Pensando bem, foi uma tolice essa empresa em que nos empenhamos um pouco levianamente. Quanto tempo perdido, quantos riscos inúteis! Há seis meses que já poderíamos ter voltado para a França…

— E estaríamos no seu apartamento, perto do Museu. E eu já teria classificado os seus fósseis. E o seu babirussa estaria alojado na sua jaula, atraindo ao Jardim Zoológico todos os curiosos da capital.

— Essa é a verdade, sem contar a zombaria de que vamos ser alvo.

— Realmente — prosseguiu tranquilamente Conselho —, é certo que zombarão do senhor. E na verdade…

— Como?

— Na verdade, o senhor bem o mereceu.

— Com franqueza!

— Professor, quando alguém tem a honra de ser sábio como o senhor, não se deve expor…

Conselho não pôde concluir o cumprimento. Em meio ao silêncio geral ouviu-se uma voz. Era Ned Land, que gritava:

— Olá! Eis a coisa que procuramos. A sota-vento, a través!

6
O combate

A esse grito, toda a tripulação correu em direção ao arpoador — capitão, oficiais, marinheiros, grumetes e até os maquinistas, que abandonaram as máquinas, e foguistas, que esqueceram as fornalhas. Fora dada ordem de parar e a fragata navegava apenas levada pelo impulso adquirido.

A escuridão era profunda e, por melhores que fossem os olhos do canadense, não podia eu atinar como avistara alguma coisa e o que avistara. Meu coração parecia querer quebrar-me o peito.

Contudo, Ned não se enganara, e todos nós também vimos o objeto que ele indicava com a mão.

A cerca de duzentas braças da *Abraham Lincoln* e à altura da alheta de estibordo, o mar parecia iluminado por baixo. Não era um simples fenômeno de fosforescência e ninguém poderia enganar-se sobre a sua natureza. O monstro, imerso poucos metros abaixo da superfície, projetava aquele clarão intenso, mas inexplicável, já mencionado nos relatórios de vários comandantes. A magnífica irradiação devia ser produzida por algum agente de grande poder luminoso. A fonte brilhante descrevia no mar imenso um alongado oval, em cujo centro se condensava foco ardente, cujo brilho irresistível se extinguia por gradações sucessivas.

— Aquilo é apenas aglomeração de moléculas fosforescentes — opinou um dos oficiais.

— Não, senhor, não é — repliquei com convicção. — Nunca foladas e salpas produziram luz tão intensa. É de natureza essencialmente elétrica. Além disso… veja! veja! Ele se desloca! Move-se para a frente e para trás! Repare! Agora, ele se dirige para nós!

Um grito uníssono ecoou na fragata.

— Silêncio! — ordenou o capitão. — Todo o timão a barlavento! Máquina à ré!

O timoneiro precipitou-se sobre a roda do leme, os maquinistas guarneceram as máquinas, o vapor foi imediatamente invertido e a *Abraham Lincoln*, virando para bombordo, descreveu um semicírculo.

— Timão firme! Máquina avante! — gritou Farragut.

Executadas essas ordens, a fragata afastou-se rapidamente do foco luminoso.

Não me expresso bem. Ela quis afastar-se, mas aquele monstro sobrenatural aproximou-se, desenvolvendo velocidade duas vezes superior à da fragata. Estávamos ofegantes. Nossa estupefação dominava o medo e mantinha-nos mudos e imóveis. O animal vencia-nos facilmente. Deu uma volta completa à fragata, que corria a 14 nós, e envolveu-nos com uma espécie de nuvem de poeira luminosa. A seguir, afastou-se duas ou três milhas, deixando um rastilho fosforescente comparável aos turbilhões de fumaça que a locomotiva de um expresso lança para trás. De repente, dos sombrios limites do horizonte, onde fora tomar impulso, arremeteu o monstro, subitamente, contra a *Abraham Lincoln* com medonha velocidade, parou bruscamente a vinte pés das precintas e apagou-se, como se a fonte daquele brilhante eflúvio se houvesse repentinamente estancado. Foi reaparecer do outro lado do navio, ou porque o houvesse contornado, ou porque se houvesse deslizado por baixo da quilha. Durante essas escaramuças, uma colisão, que nos poderia ter sido fatal, pareceu-nos sempre iminente.

Entretanto, as manobras da fragata deixavam-me atônito. Em vez de perseguir era perseguida. Fiz essa observação ao capitão, cujo semblante normalmente impassível estampava indescritível espanto.

— Professor Aronnax — respondeu-me —, ignoro o ente formidável que enfrento e não quero arriscar imprudentemente a minha fragata dentro dessa escuridão. Além disso, como atacar uma coisa que desconheço, ou dela defender-me? Vamos esperar a luz do dia e verá que os papéis se inverterão.

— O senhor ainda tem dúvidas sobre a natureza do animal?

— Nenhuma, professor. É evidentemente um narval gigantesco e ao mesmo tempo elétrico.

— Se assim for — ponderei —, talvez não possamos nos aproximar dele, do mesmo modo que não podemos chegar perto do gimnoto ou do torpedo.

— Realmente — respondeu-me o capitão. — E, se ele possui o poder de fulminar, é certamente o animal mais terrível que já saiu das mãos do Criador. Eis a razão por que estou me acautelando.

A tripulação inteira passou a noite acordada. Ninguém se lembrou de dormir. A *Abraham Lincoln*, não podendo rivalizar com o monstro em velocidade, moderara a marcha e seguia de fogos abafados. De seu lado, o narval, imitando a fragata, deixava-se balançar à mercê das ondas e parecia decidido a não abandonar o campo de batalha. Por volta da meia-noite, entretanto, desapareceu ou, para empregar expressão mais exata, apagou-se, como se fosse um enorme vaga-lume. Teria fugido? Era para temer e não para esperar. Contudo, aos sete minutos para uma hora da madrugada, ouviu-se um silvo ensurdecedor, semelhante ao produzido por um jato de água quando expelido com extrema violência. Farragut, Ned Land e eu estávamos, naquele momento, no tombadilho, observando com olhos atentos aquelas trevas profundas.

— Ned, já ouviu muitas vezes rugirem as baleias? — perguntou o capitão.

— Muitas vezes, capitão. Nunca, porém, dessas que rendem dois mil dólares.

— Com efeito, há o direito ao prêmio. Mas diga-me: é esse o ruído que fazem tais cetáceos quando expelem água pelos respiradouros?

— O ruído é o mesmo. Este, porém, é incomparavelmente mais forte. Não podemos duvidar. O cetáceo está ali em nossas águas e, se o senhor der licença, ao amanhecer lhe diremos duas palavrinhas.

— Se ele as quiser ouvir — observei, incrédulo.

— Ele que me deixe aproximar a quatro comprimentos de arpão e mesmo contra a vontade terá de ouvir-me.

— Mas, para aproximar-se dele, seria necessário pôr uma baleeira à sua disposição?

— Decerto, capitão.

— Isso seria arriscar a vida de meus homens.

— E a minha também — respondeu calmamente o arpoador.

Por volta das duas da madrugada, o foco luminoso reapareceu, com a mesma intensidade, a cerca de cinco milhas a barlavento da *Abraham Lincoln.* Apesar da distância, do ruído do vento e do barulho do mar, ouviam-se distintamente as

formidáveis batidas da cauda do animal e até sua respiração ofegante. Era como se o enorme narval houvesse vindo à superfície para respirar e o ar se precipitasse em seus pulmões, como acontece com o vapor nos enormes cilindros de máquina de dois mil cavalos.

Todos permaneceram acordados até o amanhecer, preparando-se para o combate. Os apetrechos de pesca foram dispostos ao longo das amuradas. O imediato mandou carregar os bacamartes que lançavam arpões à distância de uma milha e espingardões de balas explosivas, cujo ferimento é mortal mesmo para os animais corpulentos. Ned Land mostrava-se radiante afiando o seu arpão, arma terrível em suas mãos.

Às seis horas, o dia começou a despontar e, aos primeiros clarões da aurora, desapareceu o clarão elétrico do narval. Às sete horas, já havia claridade suficiente, mas uma bruma matinal muito densa, que os melhores óculos não conseguiam vencer, reduzia o círculo do horizonte. Isso provocou desapontamento e cólera.

Às oito horas, a bruma caiu pesadamente sobre o mar e foi-se desfazendo pouco a pouco em grossas volutas. De repente, repetindo o feito da véspera, soou a voz de Ned Land:

— Olhem a coisa, vem vindo a ré, por bombordo!

Todos os olhares se dirigiram para o ponto indicado. A uma milha e meia da fragata, um comprido corpo escuro emergia cerca de um metro acima das ondas. A sua cauda, violentamente agitada, produzia ondas enormes. Jamais cauda alguma agitara o mar com tal violência. Um imenso sulco, de brilhante alvura, inalava a passagem do animal, que descrevia uma curva alongada.

A fragata aproximou-se do cetáceo. Pude observá-lo com todo o vagar. Os relatórios do *Shannon* e do *Helvécia* haviam exagerado um pouco as suas dimensões. Avaliei o seu comprimento em apenas 85 metros. Quanto à grossura, dificilmente poderia ser avaliada. Em suma, o animal pareceu-me admiravelmente bem proporcionado nas três dimensões.

Enquanto eu observava aquele ser fenomenal, esguicharam de seus respiradouros dois jatos de vapor de água, que se elevaram a uma altura de quarenta metros, revelando-me sua maneira de respirar. Desse jato concluí, de maneira definitiva, que o animal pertencia ao ramo dos vertebrados, classe dos mamíferos, subclasse dos monodelfos, grupo dos pisciformes, ordem dos

cetáceos, família… Sobre esse ponto ainda não me podia decidir. A ordem dos cetáceos compreende três famílias: as baleias, os cachalotes e os delfins, estando os narvais compreendidos nesta última. Cada uma dessas famílias divide-se em vários gêneros, cada gênero em espécies, cada espécie em variedades. Variedades, espécie e gênero faltavam-me ainda, mas eu contava completar a minha classificação com a ajuda do céu e do capitão Farragut.

A tripulação esperava ansiosa as ordens do comandante. Este, depois de observar atentamente o animal, mandou chamar o maquinista-chefe, que atendeu imediatamente.

— Temos pressão suficiente? — perguntou-lhe.

— Perfeitamente.

— Muito bem. Então aumente a pressão e a todo vapor!

Três hurras saudaram essa ordem. Soara a hora do combate. Alguns instantes depois, as duas chaminés da fragata vomitavam torrentes de fumo negro e o convés estremecia com o ronco das caldeiras. A *Abraham Lincoln*, impulsionada para a frente por sua poderosa hélice, arrancou em linha reta contra o animal, que permaneceu indiferente e deixou-a aproximar-se até cerca de sessenta braças. Depois, sem se dar ao trabalho de mergulhar, pôs-se em fuga sem forçar a velocidade, contentando-se em conservar a mesma distância entre nós e ele. A perseguição durou cerca de três quartos de hora, sem que a fragata conseguisse ganhar um metro sobre o cetáceo. Era evidente que, se continuássemos assim, nunca o alcançaríamos. Farragut torcia violentamente o espesso tufo de pelos que lhe escondia o queixo.

— Ned Land! — gritou ele.

O canadense atendeu prontamente ao chamado.

— Então, mestre Land, ainda me aconselha a arriar a baleeira?

— Não, senhor. Esse animal só se deixará agarrar se quiser.

— Que haveremos de fazer?

— Forçar a marcha, se for possível. Quanto a mim, se o senhor consentir, vou instalar-me no cesto do gurupés e, mal cheguemos à distância de um arpão, arpoarei o bicho.

— Ande, Ned — comandou o capitão. — Maquinista — gritou —, aumente a pressão.

Ned Land dirigiu-se ao posto que escolhera. As caldeiras tiveram a pressão rapidamente forçada ao máximo, a hélice girou 48 vezes por minuto e o vapor precipitou-se nas válvulas. Lançada a barquilha, verificou-se que a *Abraham Lincoln* corria 18,5 milhas por hora. Mas o maldito animal também fugia a velocidade de 18,5 milhas por hora. Durante uma hora a fragata manteve-se nesse esforço, sem encurtar um metro sequer a distância que a separava do animal. Era realmente humilhante para um dos mais velozes navios da Marinha americana. Uma cólera insopitável apoderou-se da tripulação. Os marinheiros xingavam o monstro, que nem ao menos se dava ao trabalho de responder-lhes. Farragut já não se contentava em torcer a barbicha; agora ele a mordia. O maquinista foi novamente chamado.

— Atingimos o máximo de pressão? — perguntou-lhe o capitão.

— Já, sim, senhor. Estamos a seis atmosferas e meia.

— Force-as até dez atmosferas.

As válvulas foram carregadas. As fornalhas engoliram tulhas de carvão. Os ventiladores sopraram torrentes de ar sobre os braseiros. A rapidez da fragata aumentou. Os mastros estremeciam até a carlinga, e turbilhões de fumo mal podiam escoar pelas chaminés demasiado estreitas.

— Que velocidade?

— Dezenove milhas e três décimos, meu capitão.

— Aumente a pressão! — ordenou Farragut.

O maquinista obedeceu. O manômetro marcou dez atmosferas. O cetáceo, porém, parecia ter também aumentado a pressão de suas caldeiras, porque, sem se perturbar, passou a correr 19,3 milhas.

Que perseguição! Não posso descrever a emoção que agitava todo o meu ser. Ned Land permanecia firme em seu posto, empunhando o arpão. Por várias vezes quase alcançamos o animal.

— Alcançamos! Alcançamos! — gritava o canadense.

Depois, exatamente no momento em que se dispunha a feri-lo, o cetáceo esquivava-se a uma velocidade que não posso calcular em menos de trinta milhas por hora. Enquanto desenvolvíamos a velocidade máxima, ousou zombar da fragata, dando uma volta completa em redor dela. Um grito de furor escapou de todas as bocas. Meio-dia soou e estávamos tão adiantados quanto às cinco da manhã. O comandante decidiu-se, então, a empregar meios mais decisivos.

— Ah! — gemeu ele — esse bicho é mais veloz que minha fragata! Vamos ver se é mais veloz que nossas granadas cônicas! Mestre, guarneça a peça da proa.

O canhão da proa foi imediatamente carregado e apontado. O tiro partiu, mas a granada passou a alguns metros acima do cetáceo que nadava a cerca de meia milha.

— Outro que tenha melhor pontaria! — gritou o capitão. — E quinhentos dólares a quem acertar esse bicho do diabo!

Um velho artilheiro de barbas grisalhas — parece-me vê-lo ainda —, olhar calmo e rosto impassível aproximou-se do canhão, colocou-o em posição e visou demoradamente. Finalmente soou uma forte detonação, a que se misturaram os burras da tripulação.

A granada atingiu o alvo. Batera no animal, mas inexplicavelmente, deslizando sobre a superfície arredondada, foi perder-se no mar duas milhas além.

— Incrível — exclamou enfurecido o velho artilheiro. — Esse bandido é, então, blindado com chapas de seis polegadas!

A caçada continuou e Farragut, inclinando-se para mim, disse-me:

— Perseguirei esse monstro nem que faça explodir minha fragata.

— Muito bem — repliquei-lhe.

Nossa esperança era que o animal cansasse, porque não podia ser indiferente à fadiga, como o seria uma máquina a vapor. Nada do que previramos aconteceu. As horas passaram sem que ele desse qualquer sinal de cansaço. Entretanto, a fragata combateu com infatigável tenacidade. Não calculo em menos de quinhentos quilômetros a distância percorrida por ela naquele azarado 6 de novembro. A noite baixou e envolveu de trevas o encapelado oceano.

Naquele momento, supus encerrada a nossa expedição e pensei que não reveríamos nunca mais o fantástico animal. Enganava-me. Às 10h50 minutos, o clarão elétrico reapareceu a três milhas a barlavento da fragata tão puro, tão intenso, quanto na noite anterior. O narval parecia imóvel. Talvez fatigado dos combates do dia, dormia entregue ao balanço das ondas. O comandante resolveu aproveitar a oportunidade e deu as suas ordens. A *Abraham Lincoln*, de fogos abafados, avançou lentamente para não acordar o adversário. Não é raro encontrarmos em pleno oceano baleias profundamente adormecidas, que por

esse motivo podem ser atacadas com segurança. Ned Land já havia arpoado mais de uma assim, durante o sono. O canadense voltou, portanto, ao seu posto no cesto do gurupés. A fragata aproximou-se sem ruído, parou as máquinas a cerca de duzentas braças do animal e deslizou, impelida pelo impulso adquirido. A bordo, todos ficaram de respiração suspensa. No convés, reinava profundo silêncio. Chegáramos a poucos metros do fogo ardente, cujo brilho crescente deslumbrava nossos olhos.

Naquele momento, encostado à precinta do castelo de proa, eu via, abaixo de mim, Ned Land agarrado à gamarra com uma das mãos, brandindo com a outra seu terrível arpão. Apenas cinco metros o separavam do animal, que permanecia imóvel. De repente, seu braço distendeu-se violentamente, arremessando o arpão. Ouvi claramente o choque sonoro da arma que parecia haver batido em corpo duro.

O foco elétrico apagou-se imediatamente e duas enormes trombas-d’água abateram-se sobre a tolda da fragata, varrendo-a como torrente de proa a popa, derrubando homens e rebentando os massames dos mastros.

Um choque medonho produziu-se. Fui lançado por cima da amurada, sem ter tempo de agarrar-me fosse no que fosse, e caí no mar.

7
Uma estranha baleia

Embora surpreendido pela queda inesperada, conservei nítida lembrança de minhas sensações. Inicialmente fui arrastado a profundidade de cerca de sete metros. Como sou bom nadador, o mergulho não me fez perder a cabeça, e dois vigorosos impulsos dos pés levaram-me à tona d'água. Meu primeiro cuidado foi procurar a fragata com a vista. Teria a tripulação dado pelo meu desaparecimento? Teria a *Abraham Lincoln* virado de bordo? Teria o comandante Farragut mandado arriar uma baleeira? Poderia eu ter esperança de salvar-me?

A escuridão era profunda. Em direção ao oriente entrevi uma massa escura que ia desaparecendo e cujos faróis iam-se apagando no horizonte. Era a fragata. Julguei-me perdido.

— Socorro! Socorro! — gritei, nadando desesperadamente em direção ao navio. Minhas roupas embaraçavam-me os movimentos, porque a água as colava a meu corpo. Ia afogar-me; sufocava.

— Socorro!

Foi o último grito que dei. Minha boca encheu-se de água. Debati-me inutilmente. Estava sendo rapidamente arrastado para o fundo do abismo.

Inesperadamente, minha roupa foi agarrada por mão vigorosa, senti-me puxado para a superfície do mar e ouvi claramente estas palavras, pronunciadas ao meu ouvido:

— Se o senhor quiser fazer a gentileza de encostar-se em meu ombro, poderá nadar com maior facilidade.

Com uma das mãos segurei o braço de meu fiel Conselho.

— Tu! — exclamei. — Tu?

— Eu próprio — respondeu-me ele —, e às ordens do senhor.

— Então, o choque te precipitou ao mar ao mesmo tempo que eu?

— Não, senhor. Mas, sendo empregado, acompanhei meu patrão.

E o corajoso rapaz achava isso muito natural.

— E a fragata? — perguntei.

— A fragata! — respondeu-me, virando-se de costas. — Creio que o senhor fará melhor não contando com ela.

— Por quê?

— Porque, no momento em que me atirei ao mar, ouvi o piloto gritar: “A hélice e o leme estão quebrados!”

— Quebrados?!

— Sim. Partidos pelos dentes do monstro. Creio que foi a única avaria que sofreu. Contudo, é avaria desastrosa para nós, porque a fragata perdeu o governo.

— Então, estamos perdidos!

— Talvez — respondeu tranquilamente Conselho. — Contudo, temos algumas horas pela frente, e em algumas horas fazem-se muitas coisas.

O imperturbável sangue-frio de Conselho deu-me alma nova. Nadei mais vigorosamente, embora embaraçado pelas roupas que me apertavam como se fossem de chumbo. Tinha extrema dificuldade em manter-me à tona d’água. Conselho percebeu minha situação.

— Permita que faça uma incisão — disse-me ele.

E metendo uma faca por dentro das minhas roupas rasgou-as de alto a baixo com golpe rápido. Depois, desembaraçou-me agilmente delas, enquanto eu nadava pelos dois. Por minha vez, prestei-lhe igual serviço e continuamos a nadar um ao lado do outro.

A nossa situação, todavia, não se tornara menos terrível. Talvez nosso desaparecimento não houvesse sido notado e, ainda mesmo que o tivesse sido, a fragata não poderia variar a sota-vento em nossa direção, porque estava sem leme. Quando muito, poderíamos contar com alguma de suas baleeiras.

Conselho examinou cuidadosamente essa hipótese e nela baseou o seu plano. Admirável temperamento! Aquele fleumático rapaz raciocinava naquelas circunstâncias como se estivesse em sua própria casa.

Baseados na hipótese de que nossa única probabilidade de salvação era sermos recolhidos por alguma das baleeiras da *Abraham Lincoln*, resolvemos proceder de modo a nos aguentarmos o maior tempo possível. Dividimos as nossas forças para não esgotá-las simultaneamente e combinamos o seguinte: enquanto um de nós se mantinha de costas, braços cruzados e pernas distendidas, o outro nadava e o empurrava para a frente. Esse papel de rebocador duraria dez minutos e, revezando-nos por esse processo, poderíamos aguentar durante algumas horas e talvez até o amanhecer.

Fraca probabilidade! Mas a esperança está tão profundamente enraizada no coração do homem! Além disso, éramos dois. Enfim, ainda que eu procurasse destruir qualquer ilusão, mesmo que quisesse desesperar, não o conseguiria.

A colisão entre a fragata e o cetáceo dera-se por volta das onze da noite. Eu calculava, portanto, nadar oito horas até o nascer do sol, coisa perfeitamente possível desde que nos revezássemos. O mar estava calmo e pouca fadiga causava. De vez em quando tentava vencer aquelas densas trevas com a vista. A escuridão, porém, só era quebrada pela fosforescência provocada por nossos movimentos. As ondas luminosas partiam-se ao contato de nossas mãos, como lençol cintilante que se manchasse de placas lívidas. Dir-se-ia que estávamos mergulhados em banho de mercúrio.

Por volta de uma hora da madrugada, uma completa fadiga dominou-me. Meus membros inteiriçaram-se sob a compressão de violentas cãibras. Conselho foi obrigado a suster-me, e a responsabilidade de nossa salvação recaiu exclusivamente sobre ele. Pouco depois o ouvi ofegar, sua respiração tornara-se curta e apressada. Percebi que ele não poderia resistir por muito tempo mais.

— Deixa-me! Deixa-me! — articulei.

— Abandoná-lo? Nunca! — respondeu-me. — Antes de meu patrão afogar-se, deixarei eu de existir.

Nesse momento, a lua reapareceu por entre as franjas de uma pesada nuvem que o vento arrastava para o leste. A superfície do mar cintilou sob os seus raios. A benéfica luz reanimou nossas forças. Levantei a cabeça e investiguei com a vista todos os pontos do horizonte. Avistei a fragata. Encontrava-se a cinco milhas de nós e formava uma massa escura, apenas visível. Quanto a baleeiras, nada.

Tentei gritar, mas seria inútil a tamanha distância. Nenhum som conseguia atravessar meus lábios inchados. Conselho ainda podia articular algumas palavras e o escutei repetir várias vezes:

— Socorro! Socorro!

Suspendendo por um instante nossos movimentos, pusemo-nos à escuta, e — talvez fosse um desses zumbidos que o sangue comprimido provoca no ouvido — pareceu-me que um grito respondia ao grito do Conselho.

— Ouviste? — sussurrei.

— Ouvi, sim, senhor.

E Conselho lançou ao espaço novo pedido desesperado. Dessa vez não podia haver erro possível. Uma voz humana respondia ao nosso apelo. Seria a voz de algum infeliz, abandonado no meio do oceano, outra vítima do choque que o navio sofrera? Ou seria alguma lancha da fragata que nos procurava em meio à escuridão?

Conselho fez um supremo esforço e, apoiando-se em meu ombro, enquanto eu resistia numa última convulsão, ergueu-se a meio fora d’água e caiu sem forças.

— Conseguiste ver alguma coisa?

— Vi — murmurou ele. — Vi, mas não falemos. Poupemos nossas forças.

Que teria visto? Então, não sei como, a ideia do monstro veio-me pela primeira vez ao pensamento. Mas, e aquela voz? Não estamos mais no tempo em que Jonas se refugiava no ventre das baleias.

Conselho continuava a rebocar-me. De vez em quando levantava a cabeça, olhava em frente, dava um grito de reconhecimento, a que respondia uma voz cada vez mais próxima. Eu mal o escutava. Estava completamente exausto. Meus dedos afastavam-se uns dos outros. Minha mão deixara de ser ponto de apoio. Minha boca aberta enchia-se de água salgada. O frio paralisava-me o corpo. Levantei a cabeça pela última vez e afundei.

Nesse instante, um corpo duro chocou-se comigo. Agarrei-me a ele. Depois, senti que me retiravam da água, puxavam-me para a superfície; meu peito esvaziou-se e desmaiei.

É certo que o desmaio durou pouco e rapidamente voltei a mim, graças às vigorosas fricções que me aqueciam o corpo inteiro. Entreabri os olhos.

— Conselho! — suspirei.

— O senhor chamou? — perguntou-me o criado.

Nesse momento, aos últimos raios da lua, que se escondia no horizonte, percebi um rosto que não era o de Conselho e que reconheci imediatamente.

— Ned! — exclamei.

— Em pessoa, correndo atrás de meu prêmio — respondeu o canadense.

— Você também foi atirado ao mar pelo abalroamento?

— Sim, professor. Mais favorecido, porém, do que o senhor, tomei pé quase imediatamente numa ilhota flutuante.

— Ilhota?

— Ou, para ser mais verdadeiro, sobre o nosso gigantesco narval.

— Explique-se, Ned.

— Agora sei por que meu arpão não o pode cortar e embotou em sua pele.

— Por que foi?

— É porque o monstro é feito de chapas de aço.

A essa altura de minha narrativa é preciso que me esforce para reavivar minhas recordações e controlar minhas asserções. As últimas palavras do canadense haviam produzido uma súbita reviravolta em meu cérebro. Consegui içar-me para a parte mais alta do ser, ou objeto, meio submerso que me servia de refúgio e nele bati com o pé. Era evidentemente um corpo duro, impenetrável, e não a substância mole que constitui o corpo dos grandes mamíferos marinhos. Contudo, aquele corpo duro podia ser uma carapaça óssea, semelhante à dos animais antediluvianos, e eu me sentiria à vontade para classificar o monstro na classe dos répteis anfíbios, como as tartarugas e os aligatores. Mas não era possível o engano! O dorso escuro que suportava era liso, polido, não imbricado. Quando batido, produzia som metálico e, por mais incrível que fosse, parecia feito de chapas cavilhadas.

Não poderia haver dúvida. O animal monstro, o fenômeno natural que intrigara os sábios de todo o mundo e alvoroçara e iludira a imaginação dos marinheiros dos dois hemisférios, era ainda mais espantoso do que supuséramos, porque era um fenômeno fabricado pela mão do homem.

A descoberta da existência do mais fabuloso e mitológico de todos os seres não teria causado tamanha surpresa. Que o prodigioso nos venha da mão do Criador é fácil aceitar. Mas encontrar de repente o impossível sob os nossos olhos, misteriosa e humanamente realizado, era próprio para confundir nosso espírito.

Contudo, não havia dúvida possível. Estávamos estendidos sobre o dorso de um barco submarino, até onde podíamos julgar, com a forma de um imenso peixe de aço. A opinião de Ned Land estava formada a respeito. A Conselho e a mim cabia apenas conformar-nos com ela.

— Mas, então — disse eu —, esse aparelho encerra um maquinismo de locomoção e uma tripulação para manobrá-lo?

— Decerto — respondeu o arpoador —, embora nas três horas em que habito essa ilha flutuante não tenha ela dado sinal de vida.

— O barco não se moveu?

— Não, professor. Deixa-se embalar ao sabor das ondas, sem sair do lugar.

— Mas sabemos que é dotado de grande velocidade e não podemos duvidar disso. Ora, como é necessário máquina para produzir essa velocidade e maquinista para dirigir essa máquina, daí concluo que estamos salvos.

— Hum! — fungou Ned, desconfiado.

Naquele momento, e como para dar razão ao meu argumento, produziu-se a ré do estranho aparelho um borbulhar, tornando evidente que o seu propulsor era uma hélice, e ele se pôs em movimento. Mal tivemos tempo de agarrar em sua parte superior que emergia cerca de oitenta centímetros. Felizmente a sua velocidade não era excessiva.

— Enquanto ele navegar horizontalmente não tenho de que me queixar — murmurou Ned Land. — Mas se lhe der a veneta de mergulhar, não darei dois dólares por minha pele.

Em menos ainda poderia avaliar-se o canadense. Tornava-se urgente, portanto, comunicar-nos com os seres, fossem quais fossem, que se encontravam encerrados nas entranhas daquela máquina. Procurei na superfície dela alguma abertura, um painel, uma escotilha, para empregar o termo técnico, mas as linhas de cavilhas, solidamente achatadas na juntura das chapas de aço, eram contínuas e uniformes. Além do mais, a lua desapareceu naquele momento, deixando-nos em completa escuridão. Foi preciso esperar que amanhecesse para procurar os meios de penetrarmos naquele barco submarino.

Assim, pois, nossa salvação dependia exclusivamente do capricho dos misteriosos pilotos que dirigiam aquele aparelho. Se eles mergulhassem, estaríamos perdidos. Salvo esse caso, eu não duvidava da possibilidade de entrar em comunicação com eles. Se eles próprios não fabricassem o ar que

respiravam, seriam forçados a voltar de vez em quando à superfície do oceano para renovar a sua provisão de moléculas respiráveis. Daí a necessidade de uma abertura que pusesse o interior do barco em comunicação com a atmosfera.

Quanto à esperança de sermos salvos pelo comandante Farragut, devíamos renunciar completamente a ela. Estávamos sendo levados para oeste e calculei que nossa velocidade, relativamente moderada, talvez atingisse 12 milhas por hora. A hélice batia as ondas com regularidade matemática, emergindo algumas vezes e provocando esguichos de água fosforescente a grande altura. Por volta das quatro da madrugada, a velocidade do aparelho aumentou de tal maneira que só a muito custo resistíamos àquele arrastamento vertiginoso quando as ondas nos açoitavam em cheio. Felizmente, Ned encontrou uma grande argola de ferro fixada na parte superior do dorso do barco e nela nos agarramos.

Afinal, terminou aquela longa noite. As minhas reminiscências incompletas não me deixam narrar todas as impressões que me abalaram. Apenas um pormenor aflora-me à lembrança. Durante certas acalmias do mar e do vento, pareceu-me ouvir sons vagos, uma espécie de harmonia fugitiva, produzida por longínquos acordes. Qual seria o mistério daquela navegação submarina, cuja explicação o mundo inteiro andava procurando em vão? Que criaturas viviam naquele estranho barco? Que agente mecânico lhe permitia deslocar-se com tão prodigiosa velocidade?

O dia clareou. As brumas matinais envolveram-nos, mas não tardaram a dissipar-se. Dispunha-me a proceder a um cuidadoso exame do casco, que formava na parte superior uma espécie de plataforma horizontal, quando senti que baixava vagarosamente.

— Oh! Com mil demônios! — gritou Ned Land, batendo com o pé na chapa sonora. — Abram logo, seus navegantes pouco hospitaleiros!

Mas era difícil fazer-se ouvir, em meio às pancadas ensurdecedoras da hélice. Felizmente, o movimento de imersão parou.

De repente, no interior do barco, produziu-se um ruído de ferragens puxadas com força. Uma chapa levantou-se e um homem apareceu, deu um grito esquisito e desapareceu imediatamente.

Alguns instantes depois, oito sólidos rapagões, mascarados, apareceram silenciosamente e nos arrastaram para o interior de sua formidável máquina.

8
Uma inicial e uma divisa

Esse rapto, tão brutalmente executado, realizara-se com a rapidez do relâmpago. Meus companheiros e eu não tínhamos tido nem sequer tempo de reagir. Não sei o que sentiram vendo-se arrastados para dentro daquela prisão flutuante. Quanto a mim, um calafrio gelou-me a epiderme. Com quem nos teríamos de haver? Sem dúvida com alguns piratas de nova espécie, que saqueavam o mar a seu modo.

Mal se fechou o estreito painel sobre mim, uma profunda escuridão envolveu-nos. Meus olhos, impressionados pela luz exterior, nada puderam distinguir. Senti que meus pés descalços pisaram os degraus de uma escada de ferro. Ned Land e Conselho, vigorosamente agarrados, seguiam-me. Na parte inferior da escada, abriu-se uma porta, que se fechou logo depois de nossa passagem, produzindo ruidoso estrondo.

Estávamos sós. Onde? Não poderia dizê-lo; apenas conseguia imaginá-lo. Estava tão escuro que após alguns minutos meus olhos não tinham ainda conseguido vislumbrar qualquer desses reflexos indecisos que flutuam nas noites por mais escuras que sejam.

Entretanto, Ned Land, furioso com aquela maneira de proceder, dava livre curso à sua indignação.

— Com mil demônios! — bradava. — Essa gente supera os caledônios quanto à hospitalidade. Só lhes falta serem antropófagos. Isso, porém, não me surpreenderia. Mas podem estar certos de que não me comerão sem meu protesto.

— Acalme-se, amigo Land, acalme-se. Não adianta zangar-se antes da hora. Por enquanto não estamos ainda na assadeira — observou calmamente

Conselho.

— Na assadeira ainda não — retrucou o canadense —, mas seguramente no forno. Por sorte, minha navalha não me abandonou e ainda enxergo o suficiente para fazer uso dela. O primeiro desses bandidos que puser a mão em mim…

— Não se irrite, Ned — aconselhei —, nem nos comprometa com violências inúteis. Quem sabe se alguém nos ouve? Procuremos saber onde estamos.

Comecei a andar às apalpadelas. Cinco passos à frente, encontrei uma parede de ferro, feita de chapas cavilhadas. Depois, voltando-me, fui de encontro a uma mesa de madeira, em volta da qual encontravam-se vários bancos. O pavimento da prisão estava recoberto por uma grossa esteira de fórmio, que abafava o ruído de nossos passos. As paredes nuas não revelavam qualquer traço de porta ou janela. Conselho, dando uma volta, mas em sentido contrário ao que eu seguira, encontrou-se comigo, e ambos voltamos ao meio da cabina, que devia ter sete metros de comprimento por três de largura. Quanto à altura, Ned Land, apesar de sua elevada estatura, não pôde medi-la.

Cerca de meia hora transcorrera sem que a situação se modificasse quando, da extrema escuridão, nossos olhos passaram a luz intensíssima. Nossa prisão iluminara-se repentinamente, isto é, encheu-se de matéria luminosa tão forte que não pude inicialmente suportar-lhe o brilho. Pela luminosidade intensa reconheci logo a luz elétrica que produzia aquele magnífico fenômeno de fosforescência. Depois de ter involuntariamente fechado os olhos, tornei a abri-los e vi que o agente luminoso provinha de meio globo fosco que se arredondava na parte superior da cabina.

— Finalmente podemos ver alguma coisa! — exclamou Ned Land, que de navalha em punho mantinha-se na defensiva.

— É verdade — respondi —, mas nossa situação não é menos sombria.

— Que o senhor tenha paciência — observou o impassível Conselho.

A repentina iluminação da cabina permitira-me examiná-la minuciosamente. Continha apenas a mesa e os cinco bancos. A porta invisível devia estar hermeticamente fechada. Nenhum ruído chegava ao nosso ouvido. Tudo parecia morto no interior daquele barco. Navegaria ele? Conservar-se-ia parado na superfície do oceano? Ou teria mergulhado em suas profundezas? Não podia adivinhá-lo.

O certo é que o globo luminoso não teria sido aceso sem razão. Tinha quase certeza de que os membros da tripulação não tardariam a aparecer. Quem quer abandonar os presos não ilumina as suas masmorras.

Não me enganara. Ouvimos o ruído de ferrolhos, a porta abriu-se e apareceram dois homens.

Um deles era de pequena estatura, musculatura vigorosa, membros fortes, cabeça grande, cabeleira negra e abundante, bigode espesso, olhar vivo e penetrante, toda a sua pessoa impregnada dessa vivacidade meridional que caracteriza na França os filhos da Provença. Diderot, com justiça, afirmou que o gesto do homem é metafórico, e aquele homenzinho era a prova viva dessa asserção. Sentia-se que em sua linguagem habitual devia prodigalizar prosopopeias, metonímias e hipólages. Fato que, aliás, nunca tive ocasião de verificar, porque, em minha presença, usou sempre um idioma singular e absolutamente incompreensível.

O segundo desconhecido merece descrição mais minuciosa. Era fácil ler em sua fisionomia. Reconheci, sem hesitar, as suas qualidades dominantes: a confiança em si, porque a sua cabeça assentava nobremente sobre o arco formado pela linha dos ombros e seus olhos negros fitavam com impassível segurança. A calma, porque a sua pele, tendendo mais para a palidez do que para o corado, denunciava o equilíbrio sanguíneo. A energia, demonstrada pela facilidade de contração dos músculos superciliares e, enfim, a coragem, porque a sua respiração profunda denotava grande expansão vital.

Acrescentarei que sua altivez era visível, que seu olhar firme e claro parecia refletir pensamentos elevados e que todo esse conjunto, a homogeneidade das expressões, do gesto, do corpo e do semblante, segundo a observação dos fisionomistas, sugeria indiscutivelmente sua franqueza.

Senti-me involuntariamente tranquilo na presença dele e tive um bom presságio quanto ao nosso encontro.

Se tinha 35 ou cinquenta anos, não me teria sido possível precisar. Sua estatura elevada, sua testa larga, seu nariz reto, sua boca nitidamente desenhada, seus dentes magníficos, suas mãos finas e alongadas eram dignos de servirem a uma alma altiva e apaixonada. Aquele homem constituía indubitavelmente o mais admirável tipo humano que até então me fora dado encontrar. Particularidade estranha, os olhos dele, um pouco afastados um do outro, podiam

abarcar simultaneamente cerca de um quarto do horizonte. Essa faculdade, como verifiquei mais tarde, era reforçada por capacidade visual superior à de Ned Land. Quando esse desconhecido fitava um objeto, a linha das sobrancelhas franzia-se, suas grandes pálpebras cerravam-se de modo a circunscrever-lhe a pupila dos olhos, restringindo assim a extensão do campo visual. Que olhar, aquele! Como aumentava os objetos diminuídos pela distância! Como nos devassava até a alma! Como vencia os lençóis líquidos, tão opacos aos nossos olhos, e como lia perfeitamente no mais profundo recanto do mar!

Os dois desconhecidos, cobertos com boinas de pele de lontra marinha e calçados com botas de mar feitas de couro de foca, vestiam roupas de tecido especial, de corte folgado, que lhes permitiam grande liberdade de movimentos. O mais alto dos dois — decerto o comandante — examinou-nos com extrema atenção, sem pronunciar palavra. Depois, voltando-se para o companheiro, conversou com ele em uma língua que não pude reconhecer. Era idioma sonoro, harmonioso, flexível, cujas vogais pareciam obedecer a uma acentuação variadíssima. O outro respondeu-lhe com aceno de cabeça e acrescentou duas ou três palavras inteiramente incompreensíveis. Em seguida, pareceu interrogar-me diretamente com o olhar.

Respondi em bom francês que não entendia a linguagem deles. Por sua vez, o desconhecido pareceu não me compreender, e a situação tornou-se bastante embaraçosa.

— Em todo caso, o senhor deve contar-lhe a nossa história — sugeriu-me Conselho. — Talvez esses senhores entendam algumas palavras.

Comecei a narração de nossas aventuras, articulando claramente todas as sílabas e sem omitir o mais insignificante pormenor. Declinei nossos nomes e qualidades. Depois fiz a apresentação formal do professor Aronnax, de seu criado Conselho e do mestre arpoador Ned Land.

O homem de olhos meigos e calmos ouviu-me impassível, com cortesia e notável atenção, mas nada em sua fisionomia revelou que houvesse entendido o que lhe contara. Quando terminei, não proferiu qualquer palavra.

Ainda tínhamos o recurso de falar inglês. Talvez nos fizéssemos entender nessa língua que é quase universal. Conhecia inglês e alemão o suficiente para ler corretamente, mas não para falar correntemente. Ora, o caso era principalmente fazer-se entender.

— Vamos, agora é a sua vez! — disse ao arpoador. — Vamos, mestre Land, tire da sacola o melhor inglês que algum dia falou um anglo-saxão e veja se consegues ser mais feliz do que eu.

Ned não se fez de rogado e repetiu a mesma história, que compreendi mais ou menos. Quer dizer, o fundo foi o mesmo, mas a forma diferiu. O canadense, levado por seu temperamento, pôs em suas palavras grande entusiasmo. Queixou-se amargamente de estar encarcerado com desprezo do direito das gentes, perguntou em virtude de que lei era assim retido, ameaçou processar quem o sequestrava indevidamente, agitou-se, gesticulou, gritou e, finalmente, fez compreender por gesto expressivo que estávamos mortos de fome.

O final era perfeitamente verdade, mas quase o havíamos esquecido.

Para sua grande estupefação, o arpoador não pareceu ter sido mais inteligível do que eu. Nossos visitantes nem pestanejaram. Era evidente que nada tinham compreendido. Bastante embaraçado, depois de haver exaurido em vão nossos recursos filológicos, não sabia que partido tomar quando Conselho me disse:

— Se o senhor consente, eu lhes contarei a coisa em alemão.

— Como?! Tu sabes alemão?! — exclamei.

— Como um bom flamengo, se o fato não desagrada ao senhor.

— Muito ao contrário, o fato é agradável. Fala, meu filho!

E Conselho, com voz pachorrenta, narrou pela terceira vez as peripécias de nossa história. Mas, apesar do estilo elegante e do belo sotaque do narrador, a língua alemã não foi mais bem-sucedida do que a francesa ou a inglesa. Enfim, desesperado, reuni tudo quanto me recordava de meus antigos estudos e empreendi a narração em latim. Cícero certamente teria tapado os ouvidos. Todavia, consegui expressar-me e o resultado foi igualmente negativo.

Frustrada, definitivamente, essa última tentativa, os dois desconhecidos trocaram algumas palavras em sua incompreensível linguagem e retiraram-se, sem ao menos nos dirigirem algum desses gestos tranquilizadores que têm curso em todos os países do mundo. A porta tornou-se a fechar.

— É uma infâmia! — explodiu Ned Land pela vigésima vez. — Falamos em francês, inglês, alemão e latim a esses patifes e nenhum dos dois teve ao menos a cortesia de responder-nos!

— Acalme-se, Ned — disse eu ao exaltado arpoador —, a cólera não nos levará a resultado algum.

— Mas sabe o senhor que poderemos morrer de fome nesta gaiola de ferro?

— Qual o quê! — filosofou Conselho. — Podemos aguentar ainda por muito tempo.

— Meus amigos — falei —, é preciso não desesperar. Já vencemos piores transes. Façam-me, pois, o favor de esperar, para depois formarem opinião sobre o comandante e a tripulação deste barco.

— Já tenho opinião formada — retrucou Ned Land. — São uns patifes…

— Muito bem. De que país?

— Do país dos patifes!

— Meu caro Ned, esse país não está suficientemente localizado no mapa-múndi e confesso que a nacionalidade desses dois desconhecidos é difícil de determinar. Tudo quanto podemos afirmar é que não são franceses, nem ingleses, nem alemães. Entretanto, sinto-me tentado a afirmar que o comandante e o seu imediato nasceram em latitudes baixas. Há neles um não sei quê de meridionais. Se são espanhóis, turcos, árabes ou indianos é o que o seu tipo físico não permite determinar. Quanto à língua que falam, é completamente incompreensível.

— Aí está o inconveniente de não saber todas as línguas — ponderou Conselho —, ou a desvantagem de não existir uma só língua.

— O que não adiantaria nada — replicou Ned. — Você não vê que essa gente tem uma fala própria dela, inventada só para fazer desesperar as pessoas honestas que pedem jantar? Em todos os países da Terra, abrir a boca, mexer os queixos, bater com os dentes e com os beiços, todo mundo sabe o que quer dizer. Em Quebec, Pomotu, Paris ou nos antípodas, isso quer dizer: "Tenho fome! Deem-me o que comer."

— Oh! — observou Conselho. — Há pessoas de tão pouca inteligência!

No momento em que ele dizia essas palavras, a porta abriu-se. Um taifeiro entrou. Trazia-nos roupas — gandolas e culotes de marinheiro, feitos de tecido que não consegui identificar. Apressei-me em vesti-los e meus companheiros imitaram-me. Durante esse tempo, o taifeiro, mudo ou talvez surdo, havia posto a mesa com três talheres.

— Eis algo sério — observou Conselho. — A coisa está melhorando.

— Qual! — retrucou o rancoroso arpoador. — Que diabo quer você que se coma aqui? Fígado de tartaruga, filé de tubarão e bife de cação!

— Haveremos de ver — replicou Conselho.

As travessas cobertas com a respectiva tampa de prata foram simetricamente dispostas sobre a toalha e nos sentamos à mesa. Era evidente que estávamos tratando com gente civilizada e, sem a luz elétrica que nos inundava, eu me teria suposto na sala de jantar do Hotel Adelfi, de Liverpool, ou do Grande Hotel, de Paris. Contudo, não havia nem pão nem vinho. A água era fresca e límpida, mas era água — o que não foi do agrado de Ned Land. Entre os quitutes que nos foram servidos, reconheci diversos peixes delicadamente preparados. Mas quanto a alguns pratos, aliás excelentes, não pude saber de que eram feitos e não poderia nem dizer a que reino — animal ou vegetal — pertencia o seu conteúdo. Quanto à baixela, era elegante e de muito bom gosto. Cada peça — colher, garfo, faca, prato — tinha gravada uma letra, rodeada por divisa de que reproduzo o fac-símile:

MOBILIS IN MOBILE
N

Móvel no elemento movente! Essa divisa aplicava-se com justeza àquele aparelho submarino, contanto que se traduzisse a preposição *in* por *em* e não por *sobre*. A letra N era evidentemente a inicial da enigmática personagem que comandava no fundo dos mares.

Ned e Conselho não faziam tantas reflexões. Devoravam, e não tardei a imitá-los. Quanto à nossa sorte, estava absolutamente tranquilo, e a mim parecia evidente que nossos hospedeiros não pretendiam deixar-nos morrer de inanição.

Mas tudo tem fim, tudo passa neste mundo, mesmo a fome de quem não comia havia 15 horas. Saciado o nosso apetite, fez-se sentir imperiosa a necessidade de dormir, reação muito natural depois daquela interminável noite que passáramos enfrentando a morte.

— Palavra de honra — disse Conselho —, bem que dormiria agora.

— Já estou dormindo — replicou Ned.

Meus companheiros deitaram-se sobre o tapete e, pouco depois, mergulharam em profundo sono.

Quanto a mim, cedi menos facilmente àquela violenta necessidade de dormir. Pensamentos numerosos tumultuavam meu espírito, inúmeros problemas insolúveis nele se comprimiam, multidão de imagens mantinha entreabertas as

minhas pálpebras. Onde estávamos? Que estranho poder nos transportava? Sentia — ou melhor, supus sentir — o aparelho abismar-se nas camadas mais profundas do mar. Violentos pesadelos me obcecavam. Entrevia naqueles asilos misteriosos todo um mundo de animais desconhecidos, dos quais aquele barco submarino parecia ser o congênere, ali vivendo e movimentando-se, formidável como eles. Por fim, meu cérebro acalmou-se, minha imaginação diluiu-se em vaga sonolência e em pouco mergulhei também em sono sem sonhos.

9
Violências de Ned Land

Quanto tempo durou esse sono, eu o ignoro, mas devia ter sido longo, porque acordamos completamente refeitos de nossas fadigas. Fui o primeiro a acordar. Meus companheiros não se haviam mexido e permaneciam estendidos em seu canto, como massas inertes. Apenas tendo-me levantado daquela cama sofrivelmente dura, senti a cabeça livre, o espírito claro. Recomecei, portanto, o exame minucioso de nossa cela. Nada havia mudado em disposições interiores. A prisão permanecera prisão e os prisioneiros continuavam prisioneiros. Entretanto, o taifeiro, aproveitando-se de nosso sono, levara a baixela e os restos da refeição. Nada havia que indicasse modificação próxima em nossa situação e indaguei seriamente aos meus botões se estaríamos condenados a viver indefinidamente naquela jaula.

Essa perspectiva me pareceu deveras penosa, tanto mais que, se o meu cérebro estava livre dos pesadelos da véspera, sentia meu peito particularmente opresso. Respirava com dificuldade. O ar pesado não era suficiente para o funcionamento regular de meus pulmões. Embora a cela fosse espaçosa, era evidente que havíamos consumido grande parte de oxigênio que ela contivera. Com efeito, cada homem consome por hora o oxigênio contido em cem litros de ar, e este, carregado de quantidade quase igual de dióxido de carbono, torna-se irrespirável.

Era, portanto, indispensável renovar a atmosfera de nossa prisão e sem dúvida também a do barco submarino.

Nesse ponto apresentou-se a meu espírito um problema. Como procederia o comandante daquela moradia flutuante? Obteria o ar por meios químicos, libertando pelo calor o oxigênio contido no clorato de potássio e absorvendo o

dióxido de carbono pela potassa cáustica? Nesse caso, deveria ter conservado algumas relações com os continentes, a fim de obter os materiais necessários a tal operação. Ou limitava-se somente a armazenar o ar sob altas pressões, em reservatórios, para depois distribuí-lo segundo as necessidades da tripulação? Talvez. Ou, processo mais cômodo, mais econômico e, por conseguinte, mais provável, contentando-se em voltar à superfície das águas para respirar como qualquer cetáceo, renovando por 24 horas a sua provisão de ar atmosférico? Fosse como fosse, parecia-me prudente que o empregasse sem mais demora.

Eu já estava reduzido a amiudar as minhas aspirações para extrair da cela o pouco oxigênio que ela ainda continha quando, de repente, senti-me refrescar por uma corrente de ar puro, perfumado por emanações salinas. Era evidentemente a brisa ao mar, vivificante e carregada de iodo. Abri largamente a boca e meus pulmões saturaram-se daquelas frescas moléculas. Ao mesmo tempo senti um balanço, arfagem de amplitude medíocre, mas perfeitamente sensível. O barco, o monstro de chapas de aço, acabara evidentemente de subir à tona para respirar à maneira das baleias. O sistema de ventilação do navio era-me, pois, conhecido.

Logo que absorvi o ar puro a largos haustos, procurei o conduto, o *aerífero*, que permitia chegar até nós aquele benéfico eflúvio, e não tardei a encontrá-lo. Por cima da porta abria-se o orifício de ventilação, dando passagem a um fresco jato de ar que renovava, assim, a atmosfera empobrecida da cela.

Alcançara esse ponto de minhas observações quando Ned e Conselho acordaram quase ao mesmo tempo, sob a influência daquela ventilação vivificante. Esfregaram os olhos, espreguiçaram-se e no instante seguinte estavam de pé.

— O senhor dormiu bem? — perguntou-me Conselho com a sua polidez habitual.

— Muito bem, meu caro. E você, Land?

— Como uma pedra, professor. Mas, se não me engano, parece-me que estou respirando a brisa do mar?

Um marinheiro não podia equivocar-se sobre um fato daqueles. Contei, então, ao canadense o que se havia passado durante o seu sono.

— Bem — disse ele —, isso explica perfeitamente os rugidos que ouvíamos quando o suposto narval estava ao alcance da fragata.

— Perfeitamente, mestre Land: era a respiração dele.

— Professor, não faço a menor ideia da hora em que estamos, a menos que seja hora do jantar.

— Hora do jantar, meu excelente arpoador? Diga ao menos hora de almoço, pois certamente já não estamos no dia de ontem.

— O que demonstra que dormimos pelo menos 24 horas — interveio Conselho.

— Essa é também minha opinião — respondi.

— Não digo o contrário — replicou Ned. — Mas jantar ou almoço, traga um ou o outro, o taifeiro será bem-vindo.

— Um e o outro — murmurou Conselho.

— Exatamente — retrucou o canadense. — Temos direito a duas refeições e tenho apetite para as duas.

— Pois bem, Ned, esperemos — observei. — É evidente que esses desconhecidos não têm a intenção de deixar-nos morrer de fome, porque nesse caso o jantar de ontem não teria nenhum sentido.

— A menos que nos queiram engordar primeiro — retrucou Ned Land.

— Protesto — objetei-lhe. — Não caímos em mãos de canibais.

— Uma vez não é costume — respondeu-me seriamente o canadense. — Quem sabe se essa gente não está privada há muito de carne fresca? Nesse caso, três sujeitos saudáveis e bem constituídos, como o professor, Conselho e eu…

— Esqueça-se de tais ideias, mestre Land, e não se baseie em tais suposições para zangar-se com os nossos hospedeiros, o que só serviria para agravar nossa situação.

— Em todo caso, tenho uma fome dos diabos e a comida não vem.

— Mestre Land — aconselhei —, é preciso que nos conformemos com os regulamentos de bordo, e suponho que o nosso estômago esteja mais adiantado do que o relógio do cozinheiro.

— Então, acertemo-lo — comentou tranquilamente Conselho.

— Essa é bem sua — retrucou o impaciente canadense.

Você não gosta de usar a sua bílis, nem os seus nervos. Sempre calmo… Você seria capaz de morrer de fome sem queixar-se.

— Que adiantaria queixar-me? — perguntou Conselho.

— Serviria para matar o tempo e seria alguma coisa. E se esses piratas, digo piratas por respeito ao professor e para não contrariá-lo, já que não me permite chamá-los de canibais, se esses piratas supõem que vão conservar-me dentro dessa jaula, em que sufoco, sem ouvir as pragas com que tempero os meus desabafos, estão muito enganados! O senhor acredita, professor, que nos conservem por muito tempo nesta caixa de aço?

— Para falar a verdade, sei tanto quanto você, amigo Land.

— Mas que supõe?

— Suponho que o acaso nos fez senhores de um segredo importante. Ora, se a tripulação deste barco submarino tem interesse em guardar tal segredo e o interesse é mais importante para eles do que a vida de três homens, sou de opinião que a nossa existência está seriamente comprometida. Caso contrário, na primeira ocasião, o monstro que nos engoliu nos restituirá ao mundo habitado por nossos semelhantes.

— A menos que nos alistem na tripulação — sugeriu Conselho — e, assim, nos conservem.

— Até o momento — concluiu Ned — em que alguma fragata mais veloz ou mais feliz do que a *Abraham Lincoln* consiga apoderar-se desse ninho de piratas, mandando-nos em companhia deles respirar pela última vez nas vergas do mastro grande.

— Bem pensado, mestre Land. Mas, que eu saiba, ainda não nos fizeram qualquer proposta nesse sentido. É, portanto, inútil discutir sobre o partido que adotaremos se a proposta concretizar-se. Repito-lhes: esperemos, sujeitemo-nos às circunstâncias e nada façamos, porque no momento nada há a fazer.

— Ao contrário — replicou Ned, que não queria dar o braço a torcer —, é preciso fazer alguma coisa.

— Fazer o quê, mestre Land?

— Fugir.

— Fugir de uma prisão terrestre é sempre difícil. Fugir desta prisão submarina parece-me absolutamente impraticável.

— Vamos, amigo Ned, que responde você à objeção de meu patrão? Não acredito que um americano possa ficar sem resposta.

O arpoador, visivelmente embaraçado, calou-se. Uma fuga, nas condições a que nos lançara o acaso, era absolutamente impossível. Mas um canadense é

meio francês e mestre Land deixou isso evidente com a saída que arranjou.

— Assim, professor — tornou a falar após alguns minutos de reflexão —, o senhor não adivinha o que devem fazer as pessoas que não podem escapar de uma prisão?

— Não, meu amigo.

— Nada mais simples. Devem acomodar-se para nela permanecerem.

— Pudera! — comentou Conselho. — É melhor estar dentro do que por cima ou por baixo.

— Sim, mas depois de haver posto fora carcereiros e sentinelas.

— Quê, Ned? Pensaria você seriamente em apoderar-se desta embarcação?

— O mais seriamente possível.

— Isso é impossível.

— Por quê, professor? Pode apresentar-se oportunidade favorável, e não vejo o que nos impediria de nos aproveitar dela. Se eles forem apenas uns vinte a bordo desta máquina, creio que não serão capazes de fazer recuarem dois franceses e um canadense.

Mais valia admitir a proposta do arpoador do que discuti-la. Por isso, limitei-me a responder:

— Deixemos surgirem as circunstâncias, mestre Land, e, então, veremos. Mas, até lá, peço-lhe que domine a impaciência. Só por astúcia poderemos dominá-los, e não será encolerizando-se que você criará oportunidades favoráveis. Prometa-me, pois, que aceitará a situação sem rebelar-se.

— Eu o prometo — respondeu Ned Land num tom pouco tranquilizador. — Nem uma só palavra violenta sairá de minha boca, nem um gesto violento me atraiçoará, ainda mesmo que as refeições não sejam servidas com a regularidade desejável.

— Conto com sua palavra, Ned.

Em seguida, suspendemos a conversa e cada um de nós entregou-se às próprias reflexões. Confesso que, apesar das afirmações do arpoador, eu não tinha a menor ilusão. Não admitia que surgissem as oportunidades favoráveis de que falara Ned. Para ser manobrado com tamanha segurança, aquele barco submarino não poderia deixar de exigir numerosa tripulação. Por conseguinte, em caso de luta, teríamos de enfrentar um combate superior às nossas forças. Além disto, antes de mais nada, deveríamos estar livres para poder agir, e ali nos

encontrávamos presos. Não havia mesmo nenhum meio de fuga daquela cela hermeticamente fechada. E, por pouco que o comandante daquele barco tivesse segredo a guardar — o que pelo menos me parecia provável —, não nos deixaria em liberdade para fazermos a bordo o que quiséssemos. Iria desembaraçar-se de nós agora pela violência ou lançar-nos-ia um dia sobre algum canto de terra? Essa era a incógnita. Todas essas hipóteses me pareciam extremamente plausíveis, e era preciso ser arpoador para alimentar a esperança de reconquistar a liberdade.

Finalmente, percebi que as ideias de Ned Land azedavam com as reflexões que fazia. De vez em quando, as pragas rugiam-lhe no fundo da garganta, os seus gestos tornavam-se ameaçadores. Levantava-se, andava como uma fera em redor da jaula, batia nas paredes com os pés e com os punhos. Aliás, o tempo passava, a fome fazia-se sentir cada vez mais cruelmente e o taifeiro não aparecia. Era esquecer por tempo demasiado nossa situação de náufragos, se realmente tinham boas intenções a nosso respeito.

Ned Land, atormentado pelas contrações de seu robusto estômago, enfurecia-se cada vez mais, apesar de haver dado a sua palavra. Chamava, gritava, mas em vão. As paredes de aço eram surdas. Não se ouvia qualquer ruído no interior do barco, que parecia morto. Nem ao menos se movia. Provavelmente, mergulhado no abismo das águas, já não pertencia à terra. Aquele lúgubre silêncio era aterrador. As esperanças que eu concebera depois de minha entrevista com o comandante iam morrendo pouco a pouco. A doçura do olhar daquele homem, a expressão generosa de sua fisionomia, a nobreza de seu porte, tudo ia se apagando em minha memória. Agora, revia aquela enigmática personagem tal como devia necessariamente ser: impiedosa e cruel. Senti que ele era estranho à humanidade, inacessível a qualquer sentimento de compaixão, implacável inimigo de seus semelhantes, aos quais votara ódio mortal.

Iria aquele homem deixar-nos morrer de inanição, fechados naquela estreita prisão, abandonados à terrível tentação a que leva a ferocidade da fome? Esse medonho pensamento tomou em meu espírito intensidade esmagadora e, auxiliado pela imaginação, deixei-me invadir por espanto insensato. Conselho continuava calmo. Ned rugia.

Nesse momento, ouvimos um ruído fora da cela. Ressoaram passos sobre o pavimento de metal. Rangeram as fechaduras, a porta abriu-se e o taifeiro

apareceu.

Antes que eu pudesse fazer qualquer movimento para impedi-lo, o canadense precipitou-se sobre o infeliz, derrubou-o e apertou-lhe a garganta. Conselho tentava já arrancar a vítima meio sufocada das mãos do arpoador e eu ia juntar meus esforços aos dele quando, subitamente, me senti imobilizado por estas palavras ditas em francês:

— Acalme-se, mestre Land, e o senhor, professor, tenha a bondade de ouvir-me.

10
O homem das águas

Era o comandante que assim falava.

Àquela ordem, Ned Land ergueu-se imediatamente. O taifeiro, quase estrangulado, saiu cambaleante, a um sinal de seu chefe, mas tal era o império do comandante a bordo que nem um simples gesto fez que traísse o ressentimento que certamente teria do canadense. Conselho, interessado, malgrado seu, e eu, estupefato, esperávamos em silêncio o desfecho daquela cena.

O comandante, apoiado a um canto da mesa, braços cruzados, fitava-nos com profunda atenção. Hesitaria em falar? Estaria arrependido das palavras que acabara de pronunciar em francês? Era o que parecia.

Após alguns instantes de silêncio, que nenhum de nós se atreveu a interromper, falou com voz clara e penetrante:

— Senhores, falo igualmente francês, inglês, alemão e latim. Poderia, portanto, ter-lhes respondido por ocasião de nossa entrevista. Entretanto, primeiro queria conhecê-los e ter tempo para refletir. A quádrupla narração que fizeram, inteiramente semelhante quanto ao fundo, deu-me a certeza da identidade dos senhores. Sei agora que o acaso trouxe à minha presença o sr. Pierre Aronnax, professor de história natural no Museu de Paris e encarregado de missão científica no estrangeiro, o seu criado Conselho e Ned Land, de origem canadense, arpoador a bordo da fragata *Abraham Lincoln*, da marinha de guerra dos Estados Unidos.

Inclinei-me num gesto de assentimento. O comandante nada me perguntara, portanto nada havia a responder. Aquele homem expressava-se com grande facilidade e sem qualquer sotaque. A sua frase era clara; os termos, precisos; e a alocução, notável. Apesar de tudo isso, não senti nele um compatriota.

Prosseguiu nos seguintes termos:

— Sem dúvida, o senhor achou demasiada a minha demora em vir fazer-lhe esta segunda visita. É que, conhecida a sua identidade, quis pesar maduramente a resolução que deveria adotar. Hesitei muito. As mais desagradáveis circunstâncias puseram-no em presença de um homem que rompeu relações com a humanidade. O senhor veio perturbar a minha existência.

— Involuntariamente — disse eu.

— Involuntariamente?! — retrucou-me, forçando um pouco a voz. — Foi involuntariamente que a *Abraham Lincoln* me perseguiu por todos os mares? Foi involuntariamente que o senhor embarcou nessa fragata? Foi involuntariamente que mestre Land lançou o seu arpão contra o meu barco?

Pareceu-me surpreender nessas palavras uma irritação a custo contida. Mas eu tinha resposta para essas recriminações e dei-a com naturalidade:

— O senhor ignora certamente as discussões que provocou a seu respeito na América e na Europa. O senhor não sabe que diversos acidentes, que o seu aparelho submarino ocasionou por abalroamento, agitaram a opinião pública nos dois continentes. Não vou cansá-lo com a repetição das inúmeras hipóteses por meio das quais os sábios procuraram explicar o inexplicável fenômeno de que somente o senhor tem o segredo. Fique certo, contudo, de que a *Abraham Lincoln*, perseguindo-o nos recessos do oceano Pacífico, julgava dar caça a possante monstro marinho, do qual era necessário, a qualquer preço, livrar o oceano.

Os lábios do comandante entreabriram-se em leve sorriso e acrescentou em tom mais calmo:

— Professor Aronnax, o senhor ousaria afirmar que a sua fragata não teria perseguido e bombardeado um barco submarino com o mesmo encarniçamento com que perseguiria um monstro?

Essa pergunta deixou-me embaraçado, porque, evidentemente, o comandante Farragut não teria hesitado em fazê-lo. Ele julgaria seu dever destruir um aparelho daquele gênero, tanto quanto se se tratasse de narval gigantesco.

— O senhor há de admitir, pois — concluiu ele —, que tenho o direito de tratá-los como inimigos.

É claro que nada respondi. Para que discutir proposição semelhante quando a força pode destruir os melhores argumentos?

O comandante prosseguiu:

— Hesitei, pois, durante muito tempo. Nada me obrigava a dar-lhes hospitalidade. Se tinha de desfazer-me dos senhores, não havia interesse algum em revê-los. Mandaria recolocá-los sobre a plataforma de meu navio, que lhes havia servido de refúgio. Mergulharia e esqueceria que algum dia tinham existido. Não era meu direito?

— Era, talvez, o direito de um selvagem. De um homem civilizado, não.

— Senhor professor — replicou com vivacidade —, não sou aquilo a que o senhor chama um homem civilizado. Rompi relações com toda a sociedade por motivos que só eu tenho o direito de julgar. Não devo, portanto, obediência às regras da sociedade e espero que nunca mais torne a invocar tais regras diante de mim.

Essas palavras foram claramente pronunciadas. A cólera e o desdém haviam incendiado os olhos do desconhecido com o fulgor do relâmpago e entrevi um passado formidável na vida daquele homem. Não somente se colocara fora das leis humanas, mas tornara-se independente, livre na mais rigorosa acepção do termo, fora do alcance de quem quer que fosse. Quem ousaria persegui-lo no fundo dos mares, se, na superfície, frustraram todas as perseguições? Que navio resistiria ao choque de seu cruzador submarino? Que couraça, por mais espessa que fosse, suportaria os golpes de seu esporão? Não havia entre os homens quem lhe pudesse pedir contas de seus atos. Deus, se acreditasse n’Ele, e sua consciência, se tivesse, eram seus únicos juízes.

Essas reflexões atravessaram-me rapidamente o espírito, enquanto aquele estranho personagem calava-se, absorto e como entregue a um tumulto interior. Eu o contemplava com um misto de pavor e curiosidade, decerto sentindo emoção análoga à que sofreu Édipo ao fitar a Esfinge.

Depois de longo silêncio, o comandante continuou a falar.

— Eis por que hesitei. Contudo, concluí que meu interesse podia conciliar-se com a natural compaixão a que todo ser humano tem direito. Os senhores permanecerão a bordo de meu navio, já que a fatalidade aqui os lançou. Ficarão livres, mas, em troca dessa liberdade, muito relativa, aliás, eu lhes imporei uma condição. É uma só e devem dar-me a sua palavra de que a ela se submeterão.

— Fale, senhor. Suponho que a condição que nos vai impor é daquelas que um homem de bem pode aceitar.

— Naturalmente. Ei-la! É possível que acontecimentos imprevistos me obriguem a confiná-los em suas cabinas por algumas horas, ou por alguns dias, segundo os casos. Não desejando empregar violência, espero dos senhores, em tais oportunidades, obediência passiva. Assim agindo, eximo-os de responsabilidade e desobrigo-os completamente, porque a mim compete reduzi-los à impossibilidade de verem o que não deve ser visto. Aceitam a condição?

Passavam-se a bordo coisas, na melhor das hipóteses, singulares e que não deviam ser presenciadas por pessoas que não se houvessem colocado fora das leis sociais. Entre as surpresas que o futuro me reservava essa não devia ser a menor.

— Nós aceitamos — respondi. — Mas peço-lhe permissão para fazer-lhe uma pergunta.

— Pode perguntar.

— O senhor disse que ficaríamos livres a bordo?

— Completamente livres.

— Que entende o comandante por essa liberdade?

— A liberdade de ir, vir, ver e até observar tudo quanto se passa aqui, salvo em raras circunstâncias, enfim, a liberdade de que nós próprios, meus companheiros e eu, gozamos.

Era evidente que não nos entendíamos.

— Perdão, senhor — repliquei —, mas essa é a liberdade que tem todo prisioneiro de percorrer a prisão. Tal liberdade não nos pode bastar.

— Será necessário que com ela se contentem.

— O quê?! Devemos, então, renunciar ao direito de tornar a rever nossa pátria, nossos amigos, nossos parentes?

— Sim, senhor. Mas renunciar a regressar ao jugo insuportável da terra não é talvez coisa tão penosa quanto supõe.

— Essa é boa! — exclamou Ned Land. — Nunca darei minha palavra de que não tentarei fugir.

— Não lhe pedi a sua palavra, mestre Land — retorquiu friamente o comandante.

— O senhor abusa da situação em que estamos — disse eu, sentindo-me irritado, apesar de meus esforços para permanecer calmo. — E isso é uma crueldade!

— Não, não é crueldade, é clemência! Os senhores são meus prisioneiros, aprisionados em combate. Eu os conservo quando poderia, com uma simples palavra, devolvê-los aos abismos do oceano! Foram os senhores que me atacaram! Os senhores vieram descobrir um segredo que ninguém no mundo deve conhecer, o segredo de toda a minha existência. Acreditam os senhores que vou devolvê-los a essa terra que nunca mais deve ter notícias minhas? Nunca! Retendo-os, apenas garanto a minha sobrevivência.

Essas palavras denotavam, da parte do comandante, decisão, contra a qual não prevaleceria qualquer argumento.

— Nesse caso, senhor, temos apenas a escolha entre a vida e a morte?

— Exatamente.

— Meus amigos — disse eu —, a uma pergunta dessas nada temos a responder. Nenhum compromisso, entretanto, nos liga ao senhor do navio.

— Nenhum, professor.

E com voz mais branda continuou:

— Agora, permita que termine o que tenho a dizer-lhe. Eu já o conhecia, professor Aronnax. O senhor, bem como os seus companheiros, talvez não terão de se queixar do acaso que os associou ao meu destino. O senhor encontrará entre os livros que constituem os meus estudos prediletos a obra que escreveu sobre o fundo do mar. Eu a tenho lido constantemente. O senhor levou a sua obra tão longe quanto lhe permitia a ciência terrestre. No entanto, o senhor não sabe tudo, porque ainda não viu tudo. Permita-me dizer-lhe que não lamentará o tempo passado em meu navio. O senhor vai viajar pelo país das maravilhas. O espanto e a estupefação serão provavelmente o estado habitual de seu espírito. O senhor não se fartará tão cedo do espetáculo que vai ser constantemente oferecido à sua vista. Vou rever, em nova volta ao mundo submarino — talvez a última —, tudo quanto pude estudar do fundo desses mares que tantas vezes percorri, e o senhor será meu companheiro de estudos. De hoje em diante, o senhor entrará em um novo elemento e vai ver o que nenhum homem viu, porque eu e meus companheiros não contamos mais, e nosso planeta, graças a mim, vai revelar-lhe os seus últimos segredos.

Não posso negá-lo. Essas palavras produziram em mim enorme efeito. Ele havia descoberto o meu fraco. Esqueci por um instante que a contemplação daquelas coisas sublimes não poderia valer a minha liberdade perdida. Além

disso, contava que o futuro resolveria esse grave problema. Assim, limitei-me a responder:

— Senhor, embora tenha rompido com a humanidade, creio que não renegou todos os sentimentos humanos. Somos náufragos caridosamente recolhidos a bordo de seu navio, nunca nos esqueceremos disso. Quanto a mim, não nego que o interesse da ciência possa até absorver a minha necessidade de liberdade, e o que promete o nosso encontro seria mais do que uma compensação.

Supunha que o comandante ia estender-me a mão para selar nosso tratado. Ele nada fez e o lamentei por ele.

— Uma última pergunta — disse eu no momento em que aquele ser inexplicável parecia querer retirar-se.

— Fale, senhor professor.

— Como devo chamá-lo?

— Sou para o senhor apenas o capitão Nemo e o senhor e seus companheiros são para mim somente os passageiros do *Náutilo*.

O capitão Nemo chamou. Um taifeiro apareceu. O capitão deu-lhe ordens naquela língua estranha que eu não pudera reconhecer. Depois, voltando-se para o canadense e para Conselho:

— Uma refeição os espera no camarote de vocês. Tenham a bondade de acompanhar este homem.

Conselho e o canadense saíram.

— E agora, sr. Aronnax, nosso almoço está à nossa espera. Permita-me precedê-lo.

— Às suas ordens, capitão.

Segui o capitão Nemo e, mal franqueei a porta, encontrei-me em estreito corredor iluminado eletricamente e semelhante ao passadiço de um navio. Depois de andar uma dezena de metros, uma segunda porta abriu-se diante de mim. Entrei, então, na sala de jantar, decorada e mobiliada com gosto sóbrio. Aparadores de carvalho com incrustações de ébano elevavam-se em suas duas extremidades e, sobre as prateleiras de frisos ondeados, reluziam faianças, porcelanas e cristais de preço incalculável. A baixela de prata resplandecia sob os raios que caíam do teto luminoso, cujo brilho era abrandado por finas pinturas. Ao centro da sala estava a mesa ricamente servida. O capitão indicou-me o lugar.

— Sente-se e coma com o apetite de um homem que deve estar morrendo de fome.

O almoço compunha-se de certo número de pratos de que o mar fora o exclusivo fornecedor e de algumas iguarias cuja natureza e proveniência eu ignorava. Confessarei que eram muito saborosas, embora tivessem gosto que eu nunca experimentara. Logo, porém, a ele me habituei. Os diversos alimentos me pareceram ricos em fósforo e daí deduzi que deviam ser de origem marinha.

O capitão Nemo olhava para mim. Eu nada lhe perguntei, mas ele adivinhou meus pensamentos e espontaneamente respondeu-me as perguntas que eu estava ansioso por fazer-lhe.

— A maior parte destas iguarias lhe é desconhecida. Contudo, pode comê-las sem temor. São saudáveis e nutritivas. Há muito renunciei aos alimentos terrestres e não passo pior por isso. Minha tripulação, que é vigorosa, alimenta-se do mesmo modo que eu.

— Todos estes alimentos são produtos do mar?

— Sim. O mar satisfaz todas as minhas necessidades. Algumas vezes deito as minhas redes de arrastão e só as colho quando já estão quase para rebentar. Outras vezes vou caçar no meio desse elemento que parece inacessível ao homem e forço a sair do esconderijo a caça que mora em minhas florestas submarinas. Meus rebanhos, como os do velho pastor Netuno, pastam sem temor nas grandes pradarias do oceano, onde tenho vasta propriedade, que eu mesmo exploro e é continuamente semeada pelas próprias mãos do Criador.

Encarei o capitão Nemo com certo espanto e respondi-lhe:

— Compreendo perfeitamente que as suas redes lhe forneçam excelente peixe para a mesa. O que já não entendo tão claramente é que o senhor persiga a caça aquática nas florestas submarinas. Mas o que não posso compreender de modo algum é que pedaços de carne possam figurar no seu cardápio.

— Mas eu, professor, nunca faço uso da carne de animais terrestres.

— Então, que é isto? — interroguei, designando uma travessa em que havia algumas fatias de lombo.

— Isto que o professor julga ser carne de porco não passa de lombo de tartaruga marinha. Aqui estão também alguns fígados de delfim e que o senhor poderia pensar que fosse guisado de porco. Tenho um excelente cozinheiro com

habilidade especial para conservar os produtos do oceano. Prove de todos esses quitutes.

Ele ia oferecendo e eu ia comendo mais por curiosidade do que por gulodice, e o capitão continuava a encantar-me com as suas histórias inverossímeis.

— Mas este mar, esta nutriz prodigiosa e inesgotável, não só me alimenta como me veste. Estes tecidos que agora o vestem são feitos do bisso de alguns moluscos, tingidos com a púrpura dos antigos e matizados com a violeta que extraio das aplísias do Mediterrâneo. Os perfumes que encontrará no toucador de seu camarote são produzidos pela destilação de plantas marinhas. O seu colchão foi estofado com a zostera mais macia do oceano. Sua pena será uma barba de baleia, e sua tinta, um licor secretado pela siba ou pelo espadarte. Tudo vem do mar e tudo a ele voltará um dia.

— O senhor adora o mar, capitão!

— Se adoro! O mar é tudo! Cobre sete décimos do globo terrestre. O seu ar é puro e salubre. É um imenso deserto em que o homem jamais está sozinho, porque sempre sente o frêmito da vida em volta de si. O mar não é apenas o veículo de uma existência prodigiosa e sobrenatural. Não é apenas movimento e amor. É o infinito vivo, como disse um de seus poetas. Realmente, professor, a natureza nele se manifesta pelos três reinos: mineral, vegetal e animal. Este último é largamente nele representado por seus quatro grupos de zoófitos, por suas três classes de articulados, cinco classes de moluscos, três de vertebrados: os mamíferos, os répteis e essas inumeráveis legiões de peixes, ordem infinita de animais, que conta mais de 13 mil espécies, das quais apenas um décimo pertence à água doce. O mar é o vasto reservatório da natureza. Por assim dizer, foi pelo mar que o globo começou, e quem sabe se não acabará por ele? Nele reina a suprema tranquilidade. O mar não pertence aos déspotas. À sua superfície podem ainda eles exercer os seus iníquos direitos, entrecombaterem-se, entredevorarem-se, nele amontoar todos os horrores terrestres. Mas a dez metros abaixo da superfície cessa o poder deles, extingue-se a sua influência, desaparece o seu poderio. Ah, professor! Viva, viva no seio dos mares! Somente aqui há independência. Aqui não reconheço senhores. Aqui sou livre.

O capitão Nemo calou-se subitamente em meio ao entusiasmo em que lhe transbordava a alma. Ter-se-ia deixado arrastar além de sua reserva habitual? Teria falado demais? Durante alguns instantes ficou muito agitado. Depois, seus

nervos acalmaram-se, a fisionomia retomou a impassibilidade habitual e, voltando-se para mim, disse:

— Agora, se quiser visitar o *Náutilo,* estou à sua disposição.

11
O *Náutilo*

O capitão Nemo ergueu-se. Eu o segui. No fundo do salão havia uma porta dupla pela qual passamos, entrando numa sala de dimensões iguais às daquela de que saíramos. Estávamos numa biblioteca. Grandes estantes de jacarandá preto, com incrustações de cobre, continham, em amplas prateleiras, um grande número de livros uniformemente encadernados. Seguiam o contorno da sala e terminavam na parte inferior por largos divãs estofados de couro marrom, que ofereciam curvas confortáveis. Carteiras portáteis que se podiam afastar ou aproximar à vontade ali estavam para repousar o livro que se quisesse ler. No centro da sala, havia uma vasta mesa coberta de brochuras, entre as quais encontravam-se alguns jornais já antigos. A luz elétrica inundava aquele harmonioso conjunto, projetando-se de quatro globos foscos meio embutidos nas volutas do teto. Sem poder crer em meus olhos, senti-me empolgado pela admiração, diante daquela sala tão engenhosamente disposta.

— Capitão Nemo — disse eu ao meu hospedeiro, que acabara de estender-se sobre um dos divãs —, eis uma biblioteca que honraria qualquer palácio e sinto-me realmente maravilhado quando penso que ela pode acompanhá-lo ao fundo dos mares.

— Onde gozaríamos de solidão mais completa e de silêncio mais tranquilo, senhor professor? O seu gabinete no Museu oferece-lhe repouso igual?

— Não, senhor, e devo acrescentar que é bem pobre, em comparação com o seu. Calculo haver aqui seis ou sete mil volumes…

— Doze mil, professor. São os únicos vínculos que ainda me prendem à terra. Para mim, o mundo acabou no dia em que o *Náutilo* mergulhou pela primeira vez. Nesse dia comprei os meus últimos volumes, as minhas últimas brochuras,

os meus últimos jornais. Desde então, para mim, é como se a humanidade não tivesse mais escrito nem pensado nada. Aliás, estes livros estão à sua disposição e o senhor poderá usá-los livremente.

Entre aqueles livros, notei as obras-primas dos mestres antigos e modernos, tudo que a humanidade produziu de melhor na história, na poesia, no romance, na ciência, desde Homero até Victor Hugo, desde Xenofonte até Michelet, desde Rabelais até George Sand. O maior número de volumes, porém, era de livros científicos. A mecânica, a balística, a hidrografia, a meteorologia, a geografia ali ocupavam lugar tão importante quanto o da história natural, e pude, assim, concluir que tais assuntos constituíam o principal estudo do capitão. Ao lado desses livros, das memórias da Academia de Ciências, dos boletins das diversas sociedades de geografia, em lugar de destaque, vi os dois volumes que me haviam valido o acolhimento relativamente benévolo do capitão Nemo. Entre as obras de Joseph Bertrand, seu livro intitulado os *Fundadores da astronomia* proporcionou-me uma data de referência, porque, como eu sabia que ele fora publicado em 1865, pude concluir que o lançamento do *Náutilo* não datava de época anterior. Assim, pois, o capitão Nemo começara a sua vida submarina no máximo há três anos. Aliás, eu esperava que obras mais recentes me permitissem a exata fixação da data, mas tinha tempo para fazer essa pesquisa e não queria atrasar o nosso passeio através das maravilhas do *Náutilo*.

— Capitão, agradeço-lhe muito por haver posto esta biblioteca à minha disposição e tudo farei para aproveitar os tesouros científicos que contém.

— Aqui não venho só ler, também venho fumar.

— Fumar? A bordo é possível fumar?

— Sem dúvida!

— Nesse caso estou certo de que conservou relações com Havana.

— Absolutamente, não. Mas fume este charuto e, ainda que não venha de Havana, se é fumante, certamente há de apreciá-lo.

Recebi o charuto que me era oferecido. Parecia fabricado com folhas de ouro. Acendi-o num braseirinho que ardia sobre elegante tripé de bronze e gozei as primeiras baforadas com a volúpia do fumante privado de fumo havia dois dias.

— É excelente, embora não seja de fumo.

— Realmente, esse fumo não me vem nem de Havana nem do Oriente. É uma espécie de alga rica em nicotina que o mar me fornece com bastante parcimônia.

Tem saudade dos Havana, professor?

— Detesto-os, a partir de hoje.

— Fume, pois, à vontade e sem discutir a origem desses charutos. Nenhum monopólio estatal os controlou, mas nem por isso são piores, estou certo.

— Ao contrário, são melhores.

Naquele momento o capitão Nemo abriu uma porta fronteira àquela pela qual penetráramos na biblioteca e entramos num salão imenso e profusamente iluminado. Era um vasto quadrilátero, com dez metros de comprimento, seis de largura e cinco de altura. O teto luminoso, decorado por delicados arabescos, distribuía luz clara e suave sobre as maravilhas amontoadas naquele museu. Conquanto fosse extraordinário, estávamos num museu em que uma mão pródiga e inteligente reunira todos os tesouros da natureza e da arte, nessa desordem artística que caracteriza o estúdio de pintor.

Trinta quadros de mestres, de molduras iguais, separados por cintilantes panóplias, ornavam as paredes recobertas de tapeçarias de desenho sóbrio. Ali, apreciei telas de elevado valor e que na maioria eu já havia visto nas coleções particulares da Europa e em exposições de pintura. Nos cantos daquele magnífico museu, sobre pedestais, dominavam reduções admiráveis de estátuas de mármore e bronze, copiadas dos mais famosos modelos da Antiguidade. O estado de estupefação que me predissera o comandante do *Náutilo* começava a dominar-me.

— O professor há de perdoar-me recebê-lo assim tão à vontade na desordem que reina neste salão — desculpou-se aquele homem extraordinário.

— Capitão, sem preocupar-me com a sua identidade, agora estou certo de encontrar-me em presença de um artista.

— No máximo, um amador. Outrora gostei de colecionar estas belas obras criadas pela mão do homem. Fui um pesquisador ávido, farejador infatigável, e pude, assim, reunir alguns objetos de grande valor. São as últimas lembranças dessa terra, para mim, já morta. A meus olhos, os artistas modernos já são antigos, têm dois ou três mil anos de existência, e confundo em meu espírito antigos e modernos. Os verdadeiros mestres são de todos os tempos.

— E estes músicos? — perguntei, mostrando-lhe diversas partituras espalhadas sobre um grande órgão que ocupava um dos painéis do salão.

— Esses músicos são contemporâneos de Orfeu, porque na memória dos mortos apagam-se as diferenças cronológicas, e estou morto, tão morto quanto qualquer dos seus amigos que repousem neste momento a sete palmos abaixo do chão.

O capitão Nemo calou-se e pareceu perder-se em profundos devaneios. Eu o contemplava com crescente emoção, analisando em silêncio as singularidade de sua fisionomia. Com os cotovelos apoiados sobre preciosa mesa de mosaico, ele não me via mais, esquecera a minha presença.

Respeitei aquela abstração e continuei a passar em revista as curiosidades que enriqueciam o salão.

Ao lado das obras de arte, as raridades naturais ocupavam lugar muito importante. Ali estavam principalmente plantas, conchas e outros produtos do oceano, que deviam ser descobrimentos pessoais do capitão Nemo. No meio do salão, um repuxo, iluminado eletricamente, caía numa grande bacia feita de uma tridacna. Essa concha, produzida pelo maior dos moluscos acéfalos, media nas bordas, delicadamente rendilhadas, uma circunferência de cerca de seis metros. Em volta do chafariz e dentro de elegantes vitrinas fixadas por armações de cobre, classificados cada um com a sua etiqueta, exibiam-se os mais preciosos produtos do mar jamais vistos pelos olhos de naturalista. É fácil imaginar a minha alegria de professor.

O ramo dos zoófitos era representado por espécimes curiosíssimos tanto do grupo dos pólipos quanto do grupo dos equinodermos. Um conquiliologista um pouco nervoso teria desmaiado diante de outras vitrinas ainda mais numerosas, em que estavam classificados os exemplares do ramo dos moluscos.

Separados, em compartimentos especiais, refletiam a luz elétrica colares de pérolas de encantadora beleza — pérolas cor-de-rosa, extraídas das pinhas bivalves do mar Vermelho; pérolas amarelas, azuis, negras; curiosos produtos dos diferentes moluscos de todos os oceanos e de certos mexilhões dos rios nórdicos e várias amostras de incalculável valor, destilados pelas mais raras ostras perlíferas. Algumas daquelas pérolas eram maiores do que ovo de pombo. Era praticamente impossível calcular o valor daquela coleção. O capitão deveria ter gastado bilhões para adquirir aqueles exemplares raros e eu indagava aos meus botões em que fonte teria ele ido buscar quantias tão astronômicas para

satisfazer seus caprichos de colecionador quando meu devaneio foi interrompido por estas palavras:

— Está observando as minhas conchas, professor? Realmente são dignas de interessar um naturalista, mas, para mim, têm especial valor, porque foram todas apanhadas com as minhas próprias mãos e não há mar no globo que tenha escapado a minhas pesquisas.

— Compreendo, capitão. Compreendo a alegria de estar no meio de tais preciosidades. O senhor pertence ao número dos que construíram com as próprias mãos o tesouro que possuem. Nenhum museu europeu possui coleção igual à sua. Mas, se eu esgotar minha admiração na contemplação dela, que sobrará para o navio que a transportará? Não quero descobrir segredos que lhe pertencem. Entretanto, confesso que esse *Náutilo*, a sua força propulsora, os aparelhos que permitem manejá-lo, o seu poderoso agente motriz, tudo aguça ao máximo a minha curiosidade. Suspensos às paredes deste salão vejo alguns instrumento cuja utilidade ignoro. Poderia conhecê-la?

— Professor Aronnax, eu lhe disse que o senhor desfrutaria de liberdade a bordo do meu navio, por conseguinte nenhum compartimento do *Náutilo* lhe está interditado. Pode, portanto, visitá-lo minuciosamente, e para mim será grande prazer servir-lhe de guia.

— Não sei como agradecer-lhe, capitão, mas não abusarei de sua bondade. Perguntarei apenas para que servem estes instrumentos de física…

— Professor, os mesmos instrumentos encontram-se no meu camarote e lá é que terei o prazer de explicar-lhe a utilidade deles. Antes, porém, vamos ver o camarote que lhe foi destinado. É preciso que o senhor saiba como ficará alojado a bordo do *Náutilo.*

Segui o capitão Nemo, que por uma das portas laterais do salão entrou nos passadiços do navio, dirigindo-se à proa. Ali encontrei não um camarote, mas um quarto elegante, com cama, penteadeira e outros móveis. Não pude deixar de agradecer-lhe.

— O seu quarto é pegado ao meu — disse-me, abrindo uma porta —, e o meu comunica-se com o salão de onde acabamos de sair.

Entrei no quarto do capitão. O aspecto era sóbrio, quase cenobítico. Um beliche de ferro, uma escrivaninha e poucos móveis. O conjunto era iluminado a meia-luz. Apenas o estritamente necessário, sem preocupação de conforto.

O capitão Nemo ofereceu-me cadeira, convidou-me a sentar e deu-me as explicações do capítulo seguinte.

12
A eletricidade reina

— Professor — disse o capitão Nemo, apontando os instrumentos pendurados nas paredes do aposento —, aqui estão os aparelhos necessários para a navegação do *Náutilo*. Tanto aqui quanto no salão, eu os tenho sempre diante dos olhos e eles me informam a posição e a direção exata no meio do oceano. Alguns são seus conhecidos, como o termômetro, que mede a temperatura interior do *Náutilo*; o barômetro, que pesa a densidade do ar e prediz as mudanças de tempo; o higrômetro, que mede o grau de umidade da atmosfera; o *storm-glass*, cuja mistura, decompondo-se, anuncia as tempestades; a bússola, que orienta a minha rota; o sextante, que me permite medir a altura do sol para determinar a latitude; os cronômetros, que me permitem calcular a longitude e, enfim, óculos de alcance diurnos e noturnos, que servem para sondar o horizonte quando o *Náutilo* sobe à superfície.

— Esses são os instrumentos habituais dos navegantes — observei — e cujo emprego conheço. Mas aqui estão outros que certamente são exigidos pela natureza especial do submarino. Esse mostrador em que gira um ponteiro móvel não é um manômetro?

— Exatamente. Está em comunicação com a água, cuja pressão exterior indica, revelando-me assim a profundidade a que se encontra o *Náutilo*.

— E estas sondas?

— São ondas termométricas que registram a temperatura das diferentes camadas de água.

— E esses outros instrumentos, cuja finalidade nem ao menos sou capaz de adivinhar?

— Professor, chegamos a um ponto em que serei obrigado a dar-lhe algumas explicações. Tenha a bondade de ouvir-me.

Conservou-se calado durante alguns instantes, expondo depois o seguinte:

— Há um agente poderoso, obediente, veloz, de fácil manejo, que se amolda a todos os usos e que reina como senhor absoluto a bordo do *Náutilo*. Ele aqui tudo faz: ilumina, aquece, é vida e alma de meus aparelhos mecânicos. Este agente onímodo é a eletricidade.

— A eletricidade?! — exclamei, espantado.

— Perfeitamente.

— Contudo, capitão, a velocidade de que dispõe não combina bem com o poder da eletricidade, cuja potência dinâmica, até hoje, tem sido muito restrita e produziu apenas força diminuta.

— Só posso dizer-lhe que a minha eletricidade não é a que todo mundo conhece.

— Não serei indiscreto, embora o resultado obtido me cause profundo espanto. Quero fazer-lhe apenas uma pergunta, a que o senhor dará resposta se lhe convier. Os elementos que emprega para produzir eletricidade devem gastar-se rapidamente. Por exemplo, como substituir o zinco, se não mantém qualquer ligação com a terra?

— A sua pergunta terá resposta. Em primeiro lugar devo dizer-lhe que, no fundo do mar, existem minas de zinco, ferro, prata e ouro, cuja exploração seria possível. Mas não emprego esses metais terrestres e só ao mar peço os meios para produzir a minha eletricidade.

— Ao mar?!

— Ao próprio mar, e poderia obtê-la por vários meios. De fato, poderia ter obtido eletricidade estabelecendo circuito entre fios mergulhados a profundidades diversas, gerando-a, assim, graças à diversidade de temperatura. Preferi, porém, empregar sistema mais prático. O senhor conhece a composição da água do mar. Em cada mil gramas existem 96,5 centésimos de água, dois centésimos e quase dois terços de cloreto de sódio, fora o cloreto de potássio, e cloreto de magnésio, o brometo de magnésio, o sulfato de magnésio e o sulfato e o carbonato de cálcio, que também são encontrados em pequenas quantidades. Vemos, pois, que o cloreto de sódio entra em notável proporção na composição

da água do mar. Ora, é exatamente esse sódio que extraio e com ele abasteço minhas pilhas.

— Com sódio?

— Exatamente. Misturado ao mercúrio, forma amálgama que substitui o zinco. O mercúrio nunca se gasta. Só o sódio é consumido, e este me é fornecido pelo próprio mar. Além disso, devo dizer-lhe que as pilhas de sódio geram mais energia e a sua força eletromotriz é o dobro da gerada pelas pilhas de zinco.

— Compreendo, perfeitamente, a excelência do sódio nas condições em que o senhor se encontra. O mar o contém. Muito bem. Mas é preciso extraí-lo. Como consegue o senhor obtê-lo? As pilhas poderiam naturalmente servir para a extração. Mas, se não me engano, a quantidade de sódio que gastaria com o processo seria maior do que a quantidade extraída. Portanto, assim procedendo, o senhor consumiria mais sódio do que o produzido.

— Por isso mesmo é que não emprego as pilhas para extraí-los. Uso apenas o calor do carvão-de-pedra.

— De pedra?! — insisti, admirado.

— Ou de mar, se assim podemos dizer.

— O senhor pode explorar minas de hulhas submarinas?

— O senhor verá fazê-lo. Só lhe peço um pouco de paciência. Lembre-se somente disto: tudo devo ao oceano. Ele produz a eletricidade e esta dá ao *Náutilo* calor, luz e movimento, numa palavra: a vida.

— Mas não dá o ar que o senhor respira.

— Ah! Poderia fabricar o ar necessário ao meu consumo, mas não é preciso, porquanto posso subir à tona d'água sempre que o desejar. Entretanto, se a eletricidade não me fornece o ar respirável, pelo menos aciona as poderosas bombas que o armazenam em conservatórios especiais, o que me permite prolongar, em caso de necessidade, tanto quanto quiser, a minha permanência nas camadas mais profundas.

— Contento-me em admirar. O capitão descobriu o que os homens certamente descobrirão algum dia: a verdadeira potência dinâmica da eletricidade.

— Não sei se eles a descobrirão — respondeu friamente o capitão Nemo. — Seja como for, já conhece o senhor a primeira aplicação que fiz desse precioso agente. É ele que nos ilumina com regularidade e continuidade que não tem a luz do sol. Agora, veja este relógio. É elétrico e anda com tal precisão que desafia a

dos melhores cronômetros. Dividi o seu mostrador em 24 horas, como nos relógios italianos, porque para mim não existe noite, nem dia, nem sol, nem lua, mas somente esta luz artificial que me segue até o fundo dos mares. Repare, são duas horas da madrugada agora.

— Exatamente.

— Eis outra aplicação da eletricidade. Este mostrador, suspenso em frente a nossos olhos, serve para indicar a velocidade do *Náutilo*. Um fio elétrico o põe em comunicação com a hélice da barquilha e o ponteiro indica a velocidade real do navio. Veja, neste momento navegamos com a velocidade moderada de 15 milhas por hora.

— Maravilhoso! Vejo que teve inteira razão ao escolher essa força, que está destinada a substituir o vento, a água e o vapor.

— Ainda não terminamos, sr. Aronnax — disse o capitão, levantando-se. — Se quiser ter a bondade de seguir-me, visitaremos agora a parte traseira do barco.

De fato, eu já conhecia toda a parte dianteira do *Náutilo*, assim dividida, a partir do centro para o esporão: a sala de jantar com cinco metros, separada da biblioteca por divisão estanque, isto é, que não podia ser atravessada pela água; a biblioteca, com cinco metros; o salão de dez metros; outra divisão estanque; o quarto do capitão, com cinco metros; o meu camarote, com 2,5 metros, e finalmente um reservatório de ar, de sete metros estanques. Havia portas hermeticamente fechadas por meio de obturadores de borracha que garantiam, assim, inteira segurança a bordo do *Náutilo* em caso de invasão de águas.

Segui o capitão Nemo através dos passadiços próximos e alcancei o centro da embarcação. Ali abria-se uma espécie de poço entre duas divisões estanques. Uma escada de ferro, fixada à parede por meio de grampos, levava à extremidade superior. Perguntei ao capitão para que servia aquela escada.

— Para entrar na lancha — informou ele.

— O senhor tem lancha? — perguntei bastante espantado.

— É claro. Uma excelente embarcação, leve e insubmersível, ótima para passear e pescar.

— Então, para embarcar nela, o senhor é obrigado a emergir.

— Absolutamente, não. A lancha adere à parte superior do casco do *Náutilo* e ocupa cavidade destinada a alojá-la. Ela fica inteiramente coberta, estanque e presa por cavilhas. Esta escada leva a uma escotilha no casco do *Náutilo* que

corresponde a uma abertura igual num dos lados da lancha. É por essa dupla abertura que entro na embarcação. Um de meus tripulantes fecha a abertura do *Náutilo*, e eu fecho a da lancha por meio de um parafuso de pressão. Desatarraxo as cavilhas e a lancha sobe à superfície com prodigiosa velocidade. Abro, então, o alçapão da coberta, cuidadosamente fechado até aquele momento, levanto o mastro, iço a vela, ou empunho os remos, e passeio.

— Mas como consegue voltar para bordo?

— Não sou eu que volto, sr. Aronnax, é o *Náutilo* que se dirige a mim.

— Mas como?

— Obedecendo às minhas ordens. Um fio elétrico mantém minha ligação com ele. Passo um telegrama e sou imediatamente atendido.

— Realmente, nada mais simples! — exclamei, assombrado com aquelas maravilhas.

Depois de ultrapassar a caixa da escada que levava à plataforma, vi um camarote de dois metros de comprimento, no qual Conselho e Ned, encantados com o cardápio, devoravam sua comida com apetite. Em seguida, uma porta abriu-se para a cozinha de três metros de comprimento, situada entre as enormes despensas de bordo.

Ali, era a eletricidade, mais forte e obediente do que o próprio gás, que cozinhava os alimentos. Os fios, ligados aos fogões, comunicavam às esponjas de platina o calor que se conservava e distribuía uniformemente. Aquecia igualmente os alambiques, que pela vaporização forneciam excelente água potável. Ao lado da cozinha, abria-se um banheiro confortavelmente instalado, cujas torneiras forneciam água fria ou quente, à discrição.

A cozinha era seguida pelo alojamento da tripulação, com cinco metros de comprimento. A porta dele estava fechada, o que me impediu de ver a sua arrumação. Não pude, pois, calcular de quantos homens se compunha a equipagem do *Náutilo.*

Ao fundo, erguia-se uma quarta divisão estanque, que separava o alojamento da sala de máquinas. Aberta a porta de comunicação, entrei no compartimento em que o capitão Nemo — indubitavelmente engenheiro de primeira ordem — havia instalado os seus aparelhos motrizes. A sala, muito bem iluminada, media vinte metros de comprimento e estava dividida em duas partes: a primeira

continha as pilhas que geravam a eletricidade, e a segunda, o mecanismo que transmitia movimento à hélice.

A princípio fiquei surpreso com o cheiro *sui generis* que enchia aquele compartimento. O capitão Nemo percebeu a minha perplexidade e explicou:

— São gases liberados pelo sódio, mas não passam de um inconveniente insignificante. Para corrigi-lo, todas as manhãs purificamos o barco, ventilando-o ao ar livre.

Enquanto isso, observava com interesse fácil de conceber a máquina do *Náutilo*.

— A eletricidade aqui produzida — explicou-me o capitão Nemo — escoa-se para ré, onde atua por meio de eletroímãs de grandes dimensões sobre um sistema especial de alavancas e engrenagens que movimentam o eixo da hélice. Esta, cujo diâmetro é de seis metros e cujo passo é de sete metros e meio, pode dar até vinte voltas por segundo.

— E que velocidade alcança, então, o senhor?

— Cinquenta milhas por hora.

Ali havia um mistério, mas não insisti em desvendá-lo. Como poderia a eletricidade atuar com tal potência? Onde se originava essa força ilimitada?

— Capitão, vejo os resultados, mas não procuro explicá-los. Vi o *Náutilo* manobrar frente à *Abraham Lincoln* e sei a velocidade de que é dotado. Mas andar não é o suficiente. É necessário enxergar o caminho. É preciso poder dirigir-se para a direita, para a esquerda, para cima ou para baixo. Como consegue o senhor alcançar as grandes profundidades, onde encontra resistência crescente, que se calcula em centenas de atmosferas? Como retorna à superfície do oceano? Finalmente, como pode conservar-se na profundidade que lhe convém? Serei indiscreto fazendo-lhe estas perguntas?

Depois de breve hesitação, respondeu-me:

— Absolutamente, não, uma vez que nunca mais abandonará este barco submarino. Passemos para o salão, que é nosso verdadeiro gabinete de trabalho. Lá, eu lhe revelarei tudo quanto deve saber sobre o *Náutilo*.

13
Alguns dados numéricos

No instante seguinte, estávamos sentados num divã do salão, saboreando um charuto. O capitão exibiu-me uma épura em que estavam desenhados o plano, o corte e o alçado do *Náutilo.* A seguir, começou a descrição do submarino nos seguintes termos:

— Aqui estão as diversas dimensões do barco que nos transporta. Tem a forma de um comprido cilindro de extremidades cônicas. É sensivelmente parecido com um charuto, forma adotada em Londres para várias embarcações da mesma espécie. O comprimento desse cilindro, de ponta a ponta, é exatamente de setenta metros, e a viga da coberta, na maior largura, mede oito metros. Não obedeceu, portanto, à proporção de um para dez, como os vapores mais velozes, mas as suas linhas são suficientemente alongadas e a curva da querena, bastante extensa, para que a água deslocada escape facilmente e não oponha obstáculos ao deslocamento.

“Essas dimensões permitem, mediante simples cálculo, conhecer a superfície e o volume do *Náutilo.* A superfície mede 1.011,4 metros quadrados. O volume é de 1.500,2 metros cúbicos. Vale dizer que completamente submerso desloca 1.500 metros cúbicos, ou pesa 1.500 toneladas.

“Quando planejei este submarino, desejei que, em equilíbrio dentro d’água, ele mergulhasse nove décimas partes e emergisse somente uma décima parte. Por conseguinte, devia deslocar, nessas condições, apenas nove décimos de seu volume, isto é, 1.356,48 metros cúbicos e, portanto, pesar apenas o mesmo número de toneladas. Consegui construí-lo dentro desse limite de peso, obedecendo às dimensões citadas.

“O *Náutilo* possui dois cascos, um interior e outro exterior, ligados entre si por barras de aço em T, que lhe dão rigidez insuperável. Graças a essa disposição, resiste como se fosse um só bloco, maciço. A sua bordagem não pode ceder, porque adere por si mesma e não pela pressão de rebites, e a homogeneidade, devido à perfeita ligação dos materiais, permite-lhe desafiar os mares mais tempestuosos.

“Esses dois cascos são de chapas de aço. O primeiro tem cinco centímetros de espessura e pesa 394.960 quilos. O casco exterior envolve a quilha, que tem cinquenta centímetros de espessura e 25 de largura, pesando, só ela, 62 toneladas. A máquina, o lastro, os diversos acessórios e instalações, as divisões estanques e armações interiores, têm o peso de 961.520 quilos, que adicionadas às 394.960 quilos somam o total necessário de 1.356.480 quilos. Compreendeu?”

— Compreendi.

— Portanto — continuou o capitão —, quando o *Náutilo* flutua nessas condições, apenas sua décima parte emerge. Ora, se eu dispuser de reservatórios cuja capacidade seja igual a este décimo, isto é, que possam conter 150.720 quilos e, se eu os encher de água, o barco, passando a deslocar 1.507 toneladas, fica completamente submerso. É exatamente o que acontece. Na parte inferior do *Náutilo*, pelo lado de fora, existem esses reservatórios. Abro as torneiras, os reservatórios enchem-se e o barco, imergindo, fica à flor da água.

— Que possa aflorar a superfície do oceano, compreendo. Mas, para mergulhar abaixo da superfície, o submarino sofrerá pressão de baixo para cima, e esta deve ser avaliada em uma atmosfera por dez metros d’água, ou seja, cerca de um quilograma por centímetro quadrado.

— Perfeitamente, professor.

— Portanto, a não ser enchendo completamente o *Náutilo*, não vejo como fazê-lo imergir no seio da massa líquida.

— Para evitar erros graves é preciso não confundir a estática com a dinâmica. A força necessária para as regiões profundas do oceano é ínfima, porque todos os corpos têm a tendência de se tornarem fusíveis. Siga atentamente o meu raciocínio. Quando calculei o aumento de peso necessário para imergir, preocupei-me apenas em pesquisar a redução de volume que sofre a água do mar à proporção que as camadas são mais profundas.

— É evidente, observei.

— Ora, se a água não é inteiramente incompressível, é, pelo menos, muito pouco compressível. Com efeito, segundo os cálculos mais recentes, essa redução por atmosfera, ou seja, por dez metros de profundidade, é apenas de 430 décimos-milésimos. Se quiser imergir mil metros, tenho de levar em conta a redução de volume sob a pressão de coluna d’água de mil metros, ou seja, cem atmosferas. A redução será, nessa hipótese, de 436 milésimos. Devo, portanto, aumentar o peso de modo a atingir 1.513.770 quilos, em vez de 1.507.200 quilos. O acréscimo será apenas de 6.570 quilos.

— Tão pouco?

— Nada mais. E o cálculo é fácil de ser controlado. Ora, disponho de reservatórios suplementares, capazes de receber cem toneladas. Posso descer, portanto, a muito mais de mil metros. Quando quero voltar à superfície, aflorando-a, basta-me expelir essa água. Se desejo que o *Náutilo* se eleve o correspondente a um décimo de sua capacidade total, esvazio completamente os reservatórios.

Nada tinha eu a opor a tais raciocínios, baseados em números.

— Aceito os seus cálculos, capitão, e seria teimosia contestá-los, já que a experiência os confirma diariamente. Encontro-me, porém, em presença de séria dificuldade.

— Qual é, professor?

— Quando o senhor alcança mil metros de profundidade, as paredes do *Náutilo* suportam pressão de cem atmosferas. Logo, para esvaziar os reservatórios suplementares, aliviando o barco, para emergir, é preciso que as bombas vençam essa pressão de cem atmosferas, isto é, pressão de cem quilogramas por centímetro quadrado. Daí uma potência…

— Que somente a eletricidade me podia dar — apressou-se em explicar o capitão Nemo. — Repito-lhe, professor, que o poder dinâmico de minhas máquinas é quase infinito. As bombas do *Náutilo* possuem força prodigiosa, que o senhor conheceu quando os seus jatos de água varreram a *Abraham Lincoln* como o faria uma torrente. Aliás, para poupar meus aparelhos, só me sirvo dos reservatórios suplementares quando quero descer a profundidades médias de 1.500 a dois mil metros. Por isso, quando me dá vontade de visitar as profundezas do oceano, a duas ou três léguas abaixo de sua superfície, emprego manobras mais longas e igualmente infalíveis.

— Que manobras, capitão?

— Isso me obriga, naturalmente, a explicar-lhe como se manobra o *Náutilo*

— Estou curioso por receber essa explicação.

— Para dirigir este barco para bombordo, para estibordo, numa palavra, para governá-lo no plano horizontal, sirvo-me de um leme comum de grande safrão, cravado atrás do cadaste e que movimento por meio de roda e de talhas. Porém, também posso movimentar o *Náutilo* em plano vertical, de baixo para cima e de cima para baixo, mediante dois planos inclinados presos ao costado à altura do centro de flutuação e que são móveis, podendo tomar todas as posições, sendo manobrados do interior do submarino, por meio de poderosas alavancas. Quando esses planos são conservados paralelos ao barco, este se desloca horizontalmente. Quando inclinados, o *Náutilo,* de acordo com a inclinação e sob o impulso da hélice, desce ou sobe, segundo a diagonal que me convenha. E, quando quero voltar mais rapidamente à superfície, paro a hélice e a pressão da água faz o submarino subir como balão cheio de hidrogênio que se elevasse velozmente na atmosfera.

— Magnífico! — exclamei. — Mas como pode o timoneiro seguir no seio das águas a rota que o senhor traçou?

— O timoneiro fica numa cabina envidraçada, saliente da parte superior do casco e equipada com vidros lenticulares.

— Vidros capazes de resistir a tais pressões?

— Perfeitamente. O cristal, embora frágil para o choque, oferece considerável resistência. Nas experiências de pesca à luz elétrica feitas em 1864 no meio dos mares do Norte, lâminas de cristal de apenas sete milímetros de espessura resistiram à pressão de 16 atmosferas, deixando-se atravessar por poderosos raios caloríficos, que distribuíam sobre elas o calor de modo irregular. Ora, os vidros que emprego têm pelo menos 21 centímetros, no centro, isto é, trinta vezes aquela espessura.

— Reconheço essa possibilidade, contudo para enxergar é indispensável que a luz desfaça as trevas, e não entendo como é que no meio da escuridão das águas…

— Por trás da cabina do piloto está fixado um poderoso refletor elétrico, cujos raios iluminam o mar até meia milha de distância.

— Bravo, três vezes bravo, capitão. Achei a explicação para a fosforescência do pseudonarval, que tanto excitou a curiosidade dos cientistas! A propósito, quero perguntar-lhe se o abalroamento entre o *Náutilo* e o *Escócia* e que causou tão grande repercussão foi um choque fortuito.

— Inteiramente fortuito. Eu navegava dois metros abaixo da superfície quando se deu o choque. Aliás, logo verifiquei que não resultara nada grave.

— Realmente. E quanto ao seu encontro com a *Abraham Lincoln*?

— Professor, sinto-o por um dos melhores navios da brava Marinha americana, mas atacavam-me e tive de defender-me. No entanto, contentei-me em pôr a fragata em estado de não me poder prejudicar e ela não terá dificuldade em reparar as suas avarias no porto mais próximo.

— Capitão — exclamei com entusiasmo —, é realmente um barco maravilhoso, este seu *Náutilo*!

— É verdade, professor — respondeu-me comovido o capitão Nemo. — Quero-lhe como se fosse a minha própria carne! Se tudo é perigo nos navios sujeitos aos azares do oceano, se sobre o mar a primeira sensação é impressão de abismo, por baixo dele, a bordo do *Náutilo*, nada mais tem a temer o coração do homem. Impossível sofrer deformações, porque o duplo casco deste barco tem a rigidez do aço. Impossível cansar-se a mastreação pelo jogo ou pela arfagem do navio. Não há velas que o vento possa arrancar. Não há caldeiras que corram o risco de explodir. Não temos temor de incêndio, pois o barco é inteiramente feito de chapas de aço, e não de madeira. Não nos preocupamos com o abastecimento de carvão, pois o barco é movido a eletricidade. Não tememos abalroamentos, pois navegamos nas águas profundas. Somos indiferentes às tempestades, pois poucos metros abaixo da superfície gozamos de completa tranquilidade. Aí está, professor: esta é a embarcação por excelência. Se o engenheiro tem mais confiança no barco do que o construtor e o construtor mais do que o próprio capitão, imagine a confiança que me merece o *Náutilo*, do qual sou ao mesmo tempo engenheiro, construtor e capitão!

O capitão Nemo falava com eloquência arrebatadora. O olhar em fogo e o gesto apaixonado transfiguravam-no. Era evidente. Amava seu barco com o mesmo carinho com que um pai ama o próprio filho.

Uma pergunta indiscreta impunha-se e não pude deixar de fazê-la.

— Então, o senhor é engenheiro?

— Sim. Estudei em Paris, Londres e Nova York, no tempo em que era habitante da terra.

— Como conseguiu construir em segredo este maravilhoso submarino?

— Cada uma de suas partes veio de um ponto diferente do globo e com endereço diferente do verdadeiro. E todos os fornecedores receberam a encomenda e as especificações sob nomes supostos.

— Mas, recebidas essas partes assim fabricadas, foi preciso montá-las e ajustá-las.

— Construí o meu estaleiro numa ilha deserta, em pleno oceano. Lá os meus operários e eu, isto é, eu e meus corajosos companheiros, a quem instruí e formei, concluímos o nosso *Náutilo.* Depois, acabada a construção, o fogo destruiu todos os vestígios de nossa passagem por aquela ilhota, que teria feito explodir, se tivesse possibilidade para tal.

— Nesse caso, o custo desse barco foi astronômico.

— Quatro ou cinco milhões de francos, incluindo as suas instalações, as obras de arte e as coleções que contém.

— Uma última pergunta, capitão.

— Pode fazê-la.

— O senhor é, então, extraordinariamente rico?

— Infinitamente rico, professor. E, se me desse na veneta, poderia, folgadamente, pagar os dez bilhões de dívidas da França.

Olhei fixamente aquele homem estranho que assim me falava. Estaria zombando de minha credulidade? Só o futuro poderia esclarecer-me.

14
O rio negro

A parte do globo terrestre ocupada pelas águas é calculada em 3.832.558 miriâmetros quadrados, isto é, mais de 38.000.000 de hectares. Essa massa líquida monta a 2.250.000.000 de milhas cúbicas e formaria esfera com o diâmetro de sessenta léguas, cujo peso alcançaria três quintilhões de toneladas. Para fazermos ideia desse número é bom lembrarmos que o quintilhão está para o bilhão assim como este está para a unidade, isto é, há tantos bilhões num quintilhão quantas são as unidades de um bilhão. Ora, essa massa líquida é aproximadamente igual à quantidade de água que verteriam todos os rios da terra num período de quarenta mil anos.

No transcurso das épocas geológicas, ao período do fogo sucedeu o período da água. Inicialmente, o oceano cobriu todo o Universo. Em seguida, pouco a pouco, na era siluriana, apareceram picos de montanhas, emergiram ilhas; estas foram cobertas por dilúvios parciais, reapareceram, soldaram-se entre si, formando continentes e, afinal, as terras fixaram-se geograficamente sob o aspecto atual. O elemento sólido acabou por conquistar sobre o elemento líquido 37.000.657 milhas quadradas, ou seja, 12.916.000.000 de hectares. A configuração dos continentes permite a divisão das águas em cinco grandes porções: o oceano Glacial Ártico, o oceano Glacial Antártico, o oceano Índico, o oceano Atlântico e o oceano Pacífico.

O oceano Pacífico está limitado ao norte e ao sul pelos dois círculos polares, a oeste, pela Ásia, e a leste, pela América, numa extensão de 145 graus de longitude. É o mais calmo dos mares. As suas correntes são largas e lentas. As marés, medíocres. As chuvas, abundantes. Assim é o oceano que o destino me chamou a percorrer nas mais estranhas condições.

— Professor — disse-me o capitão Nemo —, se dá licença, vamos determinar com exatidão a nossa posição e marcar o ponto de partida de nossa viagem. É 15 para o meio-dia. Vamos voltar à superfície das águas.

Em seguida apertou três vezes o botão de uma campainha elétrica. As bombas começaram a expelir a água dos reservatórios. O ponteiro do manômetro indicou por diferentes pressões o movimento ascensional do *Náutilo*. Por fim, parou.

— Chegamos — disse o capitão.

Dirigi-me à escada central, que levava à plataforma. Subi os degraus de metal e, pela escotilha aberta, alcancei a parte superior do submarino. A plataforma emergia apenas oitenta centímetros. A proa e a popa do *Náutilo* tinham a disposição fusiforme que o tornava parecido com um comprido charuto. Notei que as chapas do casco, levemente imbricadas, pareciam-se com as escamas que revestiam o corpo dos grandes répteis terrestres. Percebi, então, por que, apesar dos melhores óculos, aquele barco sempre fora confundido com animal marinho.

Mais ou menos no meio da plataforma, a lancha, meio embutida no casco da nave, formava uma pequena saliência. Tanto na proa quanto na ré erguiam-se duas cabinas de altura mediana, de paredes inclinadas, em parte fechadas por grossos vidros lenticulares. Uma era destinada ao timoneiro, que dirigia o *Náutilo*. Na outra, brilhava um possante farol elétrico, que iluminava a rota.

O mar estava sereno; o céu, sem uma nuvem. O comprido barco mal acusava as ondulações do oceano. Uma leve brisa de leste enrugava as águas. O horizonte sem nuvens prestava-se a observações perfeitas.

Nada havia à vista: nem uma ilhota, nem sequer um simples cachopo. Singrávamos a imensidade deserta.

O capitão Nemo tomou a altura do sol com um sextante que lhe daria a latitude. Esperou durante alguns minutos que o astro viesse tocar a linha do horizonte. Durante a observação, não tremeu um só de seus músculos. O instrumento não permaneceria mais imóvel numa mão de mármore.

— Meio-dia! — exclamou. — Professor, quando quiser…

Lancei um último olhar sobre aquele mar amarelento dos arredores do Japão e desci para o salão.

Lá, o capitão fez o ponto e calculou cronometricamente a longitude, que comparou com observações anteriores dos ângulos horários. Depois, disse-me:

— Estamos a 137 graus e 15 minutos de longitude oeste.

— De que meridiano? — perguntei imediatamente, esperando que a resposta talvez me indicasse a nacionalidade dele.

— Tenho vários cronômetros regulados pelos meridianos de Paris, Greenwich e Washington. Mas, em sua honra, servir-me-ei do meridiano de Paris.

Essa resposta não me adiantava nada. Curvei-me e o capitão continuou:

— Trinta e sete graus e 15 minutos de longitude, a oeste de meridiano de Paris, e trinta graus e sete minutos de latitude norte, isto é, a cerca de trezentas milhas das costas do Japão. Hoje, 8 de novembro, ao meio-dia, começa a nossa viagem de exploração submarina.

— Deus nos proteja!

— E agora, senhor professor, deixo-o entregar-se aos seus estudos. Estabeleci a rota em direção és-nordeste a cinquenta metros de profundidade. Eis os mapas em escala grande pelos quais pode acompanhar a nossa rota. Este salão está à sua disposição e lhe peço licença para retirar-me.

Cumprimentou-me e saiu. Fiquei sozinho, absorto em meus pensamentos. Todos eles convergiam para o capitão. Viria eu a saber algum dia a que nação pertencia aquele homem estranho, que se gabava de não pertencer a nenhuma? Quem teria provocado aquele ódio que ele votava à humanidade e parecia andar à cata de vinganças terríveis? Seria Nemo algum sábio desconhecido, moderno Galileu, ou seria algum cientista cuja carreira a política cortara? Nada podia afirmar. A mim, que o acaso lançara a bordo, a mim, cuja vida tinha entre as mãos, acolhera-me fria, mas hospitaleiramente. Apenas nunca apertara a mão que eu lhe estendia, tampouco me estendera a sua.

Uma hora inteira fiquei mergulhado nessas reflexões, procurando desvendar aquele mistério tão interessante para mim. Depois, meus olhos se voltaram para o enorme planisfério aberto sobre a mesa e pus o dedo exatamente onde se cruzavam a latitude e a longitude observadas.

O mar, da mesma forma que os continentes, também tem seus rios. São correntes especiais, reconhecíveis pela temperatura e pela cor, a mais notável das quais é a corrente do Golfo, chamada em inglês *Gulf-Stream*. A ciência determinou a direção das cinco correntes principais: a primeira, no Atlântico norte; a segunda, no Atlântico sul; a terceira, no Pacífico norte; a quarta, no Pacífico sul; e a quinta, ao sul do oceano Índico. É mesmo provável que tenha existido antigamente uma sexta corrente ao norte do oceano Índico, na época em

que os mares Cáspio e Aral, unidos ainda aos grandes lagos da Ásia central, formavam um só oceano.

Ora, no ponto indicado pelo capitão no planisfério, fluía uma dessas correntes, o rio Negro, que, saindo do golfo de Bengala, onde a aquecem os raios perpendiculares do sol dos trópicos, atravessa o estreito de Malaca, perlonga o litoral da Ásia, descreve curva no Pacífico norte e alcança as ilhas Aleutas, arrastando troncos de canforeiras e outros produtos indígenas e cortando com o azul imaculado de suas águas cálidas as ondas do oceano. Era essa a corrente que o *Náutilo* estava percorrendo. Eu a segui com o olhar sobre o planisfério, vendo-a perder-se na imensidão do Pacífico, e sentia-me arrastado por ela quando Ned Land e Conselho surgiram na porta do salão.

Os meus bons companheiros ficaram estatelados diante das maravilhas ali amontoadas.

— Onde estamos? Onde estamos? — exclamou o canadense. — No Museu de Quebec?

— Com sua licença — replicou Conselho —, parece que estamos no Museu de Paris.

— Meus amigos — respondi, convidando-os a entrar —, vocês não estão no Canadá nem na França, mas a bordo do *Náutilo* e a cinquenta metros abaixo do nível do mar.

— Acredito porque é o senhor quem o afirma — replicou Conselho. — Mas, francamente, este salão é capaz de provocar assombro até num flamengo, como eu.

— Assombra-te à vontade e observa, porque um classificador, como tu, tem muito trabalho aqui.

Não era preciso incitar Conselho. O bom rapaz, debruçado sobre as vitrinas, já sussurrava alguns termos da língua dos naturalistas: classe dos gastrópodes, família dos bucinoides, gênero das porcelanas, espécie…

Durante esse tempo, Ned Land, que nada tinha de conquiliólogo, interrogava-me sobre a entrevista com o capitão Nemo. Tinha eu descoberto quem era ele? Aonde ia? A que profundidade nos arrastava? Enfim, mil perguntas a que eu não tinha sequer tempo de responder.

Contei-lhe o que sabia, ou melhor, o que não sabia, e perguntei-lhe o que tinha visto ou ouvido.

— Nada vi e nada ouvi. Nem ao menos a tripulação. Será que também ela é elétrica?

— Elétrica!

— Se não é, parece. Mas, professor — perguntou Ned, que continuava apegado à sua ideia de fuga —, não pode o senhor informar-me quantos homens existem a bordo? Dez, vinte, cinquenta, cem?

— Não sei responder, mestre Land. O melhor no momento é abandonar essa ideia de apoderar-se do *Náutilo* ou de fugir. Este barco é uma das obras-primas da indústria moderna e eu lamentaria não tê-lo visto. Muita gente aceitaria de bom grado a nossa situação, nem que fosse só para passear através dessas maravilhas. Portanto, sossegue e tratemos de observar o que se passa em volta de nós.

— Nesta prisão de aço nada se verá. Nós andamos, navegamos às cegas…

Ned pronunciava estas últimas palavras quando, subitamente, mergulhamos em absoluta escuridão. O teto luminoso apagou-se tão repentinamente que meus olhos sofreram uma sensação dolorosa, semelhante à que se produz no caso contrário, quando passamos de trevas profundas a claridade intensa.

Permanecemos mudos e imóveis, sem saber que surpresa, agradável ou desagradável, nos esperava. Um deslizamento se fez ouvir. Dir-se-ia que estavam abrindo alguma escotilha dos lados do *Náutilo*.

— Chegamos ao fim! — disse o canadense.

— Ordem das hidromedusas! — murmurou Conselho.

De repente, a luz jorrou de cada lado do salão através de duas aberturas ovais. As massas líquidas surgiram fartamente iluminadas por efluências elétricas. Duas placas de cristal nos separavam do mar. A princípio, estremeci ao considerar que aquelas frágeis paredes podiam partir-se, mas logo descobri que fortes suportes de cobre as protegiam e davam-lhes resistência quase infinita.

Descortinava-se distintamente o mar, num raio de dois mil metros em volta do *Náutilo*. Que espetáculo! Que pena poderia descrevê-lo? Quem seria capaz de pintar os efeitos da luz através daquelas massas transparentes e a suavidade de suas sucessivas gradações até as camadas inferiores e superiores do oceano?

Todos conhecem a diafaneidade do mar. Todos sabem que a sua transparência ultrapassa a da água de fonte. As próprias substâncias minerais e orgânicas que ela tem em suspensão aumentam-lhe a transparência. Em certas regiões do

oceano, 145 metros d’água deixam ver a areia do fundo com nitidez surpreendente, e a força de penetração dos raios solares parece só cessar à profundidade de trezentos metros. No meio fluido que percorria o *Náutilo*, entretanto, o clarão elétrico produzia-se no próprio seio das ondas. Já não era água luminosa, e sim luz líquida. A escuridão do salão realçava a claridade exterior e contemplávamos o mar, como se aquele cristal puríssimo fosse a vidraça de um imenso aquário.

O *Náutilo* parecia imóvel, porque faltavam pontos de referência. Às vezes, entretanto, as esteiras líquidas, traçadas pelo esporão, corriam diante de nossos olhos com velocidade fantástica.

Deslumbrados, apoiávamo-nos sobre os cotovelos em frente àquelas vitrinas e nenhum rompera ainda aquele silêncio de estupefação quando Conselho observou:

— O amigo Ned queria ver. Pois bem, agora está vendo.

— Espantoso! Espantoso! — gaguejava o canadense, que, esquecendo o seu rancor e os seus projetos de evasão, sofria os efeitos daquela atração irresistível. — Viria até de mais longe só para apreciar semelhante espetáculo.

— Agora compreendo a vida desse homem! — exclamei, externando o meu entusiasmo. Criou ele, só para si, um mundo que lhe pertence e para ele reserva as mais espantosas maravilhas.

— Mas onde andam os peixes? — observou o canadense. — Não vejo peixe algum.

— Que lhe importa isso, amigo Ned, se você não os conhece? — gracejou Conselho.

— Eu? Um pescador?

Sobre o assunto, travou-se discussão entre os dois amigos, porque ambos conheciam os peixes, mas cada qual a seu modo. Todos sabem que os peixes constituem a quarta e última classe do ramo dos vertebrados e foram assim definidos: “Vertebrados de dupla circulação e sangue frio que vivem na água e respiram por meio de guelras.” Compreendem duas séries distintas: a dos peixes ósseos, cuja espinha dorsal é formada por vértebras ósseas, e a dos peixes cartilaginosos, aqueles cuja espinha dorsal é constituída por vértebras cartilaginosas.

Talvez o canadense conhecesse essa distinção, mas o conhecimento de Conselho era bem mais extenso, e agora que se tornara amigo de Ned não podia admitir que este fosse menos instruído do que ele.

— Amigo Ned, você é um destruidor de peixes, um ótimo pescador. Já pescou grande números desses interessantes animais. Mas sou capaz de apostar que você ignora como se classificam.

— Ao contrário — respondeu o arpoador —, conheço perfeitamente a classificação dos peixes. Dividem-se em peixes comestíveis e não comestíveis.

— Eis uma classificação de guloso. Diga-me, porém, se conhece a distinção entre peixes ósseos e cartilaginosos.

— Talvez conheça.

— E a subdivisão dessas duas grandes classes?

— Nem sei se existe.

— Pois bem, escute e aprenda. Os peixes ósseos subdividem-se em seis ordens: primeira, a dos acantopterígios, cuja mandíbula superior é inteiriça, móvel, e cujas brânquias são parecidas com um pente. Essa ordem compreende 15 famílias, isto é, três quartos dos peixes conhecidos. Tipo: a perca comum.

— Muito boa para comer — comentou o canadense.

— Segunda, os abdominais, que têm as barbatanas ventrais presas por baixo do abdômen e atrás das peitorais, sem ficarem presas aos ossos da espádua. Essa ordem compreende cinco famílias, que abrangem a maior parte dos peixes de água doce. Tipo: a carpa, o lúcio.

— Qual! — exclamou Ned Land com algum desdém. — Peixes de água doce!

— Terceira — continuou Conselho —, os sub-raquianos, cujas barbatanas ventrais são presas por baixo dos peitorais e suspensas aos ossos da espádua. Essa ordem compreende quatro famílias. Tipo: solhas, linguados, rodovalhos.

— Excelente! Excelente! — gritava o arpoador, que teimava em só considerar os peixes do ponto de vista alimentar.

— Quarta — prosseguiu Conselho, sem encabular-se —, os ápodes, de corpo alongado, desprovidos de barbatanas ventrais e recobertos com pele grossa, muitas vezes pegajosa. Ordem que se compõe apenas de uma família. Tipo: a enguia, o gimnoto.

— Medíocre! Medíocre! — sentenciou Ned.

— Quinta, os lofobrânquios, que têm mandíbulas inteiriças e livres, mas cujas guelras são formadas por pequenas borlas dispostas aos pares, ao longo dos arcos bronquiais. Também essa ordem conta apenas com uma família. Tipo: os hipocampos.

— Mau! Mau! — careteou o arpoador.

— Sexta, enfim, os plectógnatos, cujo osso maxilar encontra-se firmemente encravado no lado do intermaxilar que forma a mandíbula e cuja arcada palatina insere-se por sutura no crânio, o que a torna imóvel. Ordem a que faltam verdadeiras ventrais e se compõe de duas famílias. Tipo: tetraodontes e os peixes-lua.

— Bons para desonrar uma panela! — bradou o canadense.

— Compreendeu, amigo Ned?

— Não entendi absolutamente nada. Mas pode continuar, porque acho isso muito divertido.

— Quanto aos peixes cartilaginosos — continuou imperturbável Conselho —, compreendem apenas três ordens.

— Tanto melhor.

— Primeiro, os ciclóstomos, cujas mandíbulas se soldam, formando anel móvel e cujas guelras se abrem em numerosos orifícios. A ordem compreende apenas uma família. Tipo: a lampreia.

— Só para os que gostam — comentou Land.

— Segundo, os seláquios, com guelras semelhantes às dos ciclóstomos, mas cuja mandíbula inferior é móvel. Essa ordem, que é a mais importante da classe, abrange duas famílias. Tipo: a raia e os tubarões.

— Essa, não! — protestou Ned. — Raias e tubarões na mesma ordem? Pois bem, amigo Conselho, para o bem das raias, não o aconselho a aproximar uma família da outra.

— Terceiro, os esturnídeos, cujas brânquias são abertas ordinariamente por uma só fenda, protegida por um opérculo. A ordem compreende quatro gêneros. Tipo: o esturjão.

— Ah! O amigo Conselho guardou o melhor para o fim, pelo menos na minha opinião. Acabou?

— Quanto às ordens, sim. Mas note que ainda não sabemos nada quando conhecemos apenas isso, porque as famílias se subdividem em gêneros,

subgêneros, espécies, variedades…

— Pois bem, amigo Conselho — disse o canadense, inclinando-se para a vidraça —, eis as variedades que passam!

— É verdade. Peixes! Parece que estamos em frente a um aquário.

— Isso não — observei —, porque o aquário é uma gaiola, e os peixes que vemos estão livres como os pássaros no ar.

— Muito bem, Conselho, agora diga o nome dos peixes que vê! — incitava Ned Land.

— Não sou capaz de reconhecê-los, mas meu patrão não terá dificuldade em fazê-lo.

Efetivamente, meu criado, embora tivesse a mania das classificações, não era um naturalista e talvez não fosse capaz de distinguir um atum de um bonito. Numa palavra, era o contrário do canadense, que reconhecia todos aqueles peixes, sem qualquer hesitação.

Se Ned e Conselho somassem os seus conhecimentos, formariam um competente naturalista.

Naquele momento, um cardume de balistas, de corpo achatado, pele granulosa, armados de aguilhão dorsal, divertiam-se em redor do *Náutilo* e agitavam as quatro fileiras de espinhos que lhes eriçavam cada lado da cauda. A pele daqueles animais era admirável, dorso cinzento, barriga branca, com manchas douradas que cintilavam no escuro remoinho das vagas. Entre elas ondulavam raias, como toalhas açoitadas pelo vento. Para grande alegria minha, descobri uma raia chinesa, de dorso amarelado, rosa-claro na barriga e provida de três aguilhões por trás dos olhos.

Durante duas horas, um verdadeiro exército aquático escoltou o *Náutilo.* No meio de suas brincadeiras e saltos, rivalizando em beleza, brilho e velocidade, pude distinguir as espécies mais raras e esplêndidas. Nossa admiração não tinha limite. As interjeições não se acabavam mais. Ned dizia o nome dos peixes, Conselho classificava-os e eu me extasiava diante da vivacidade de seus movimentos e da beleza de suas formas. Nunca antes me fora dado observar aqueles animais assim: vivos e livres no seu próprio elemento.

De repente, reacendeu-se a luz do salão. As escotilhas de aço fecharam-se. A visão encantadora desapareceu. Durante muito tempo, porém, ali fiquei sonhando, até que meus olhos perceberam os instrumentos pendurados nas

paredes. A bússola indicava a direção nor-nordeste, o manômetro acusava pressão de cinco atmosferas, correspondente à profundidade de cinquenta metros, a barquinha elétrica registrava a velocidade de 15 milhas por hora.

Esperava rever o capitão Nemo, mas ele não reapareceu. O relógio marcava cinco horas. Ned Land e Conselho voltaram para o camarote deles. Eu retornei ao meu. Lá, o jantar esperava por mim. Compunha-se de sopa de tartaruga marinha, salmonete de carne branca, cujo fígado, preparado separadamente, era iguaria deliciosa, e de filés de um peixe para mim desconhecido, mas cuja carne me pareceu superior à do salmão.

Passei a noite lendo, escrevendo e pensando. Depois de vencido pelo sono, adormeci profundamente, enquanto o *Náutilo* singrava através da rápida corrente do rio Negro.

15
Convite por escrito

No dia seguinte, 9 de novembro, só acordei depois de 12 horas de sono. Conselho, como era de costume, veio perguntar-me como havia passado a noite e oferecer-me seus préstimos. Deixara o amigo canadense dormindo como homem que durante toda a vida não tivesse feito outra coisa.

Deixei-o tagarelar à vontade, embora quase não lhe respondesse. A ausência do capitão Nemo durante a sessão da véspera preocupava-me e esperava vê-lo naquele dia. Num instante, vesti a minha roupa de bisso e dirigi-me ao salão, que estava deserto.

Mergulhei no estudo dos tesouros de conquililogia, amontoados nas vitrinas. Revolvi também os enormes herbários, repletos das mais raras plantas marinhas, que, embora secas, conservavam as admiráveis cores. E assim passou-se o dia sem que eu recebesse a honra da visita do capitão Nemo. As escotilhas do salão conservaram-se fechadas. Talvez não quisessem nos entediar com a vista daquelas coisas encantadoras. A rota do *Náutilo* manteve-se para és-nordeste, à velocidade de 12 milhas e a uma profundidade entre cinquenta e sessenta metros.

No dia seguinte, 10 de novembro, mesmo abandono, mesma solidão. Não vi ninguém da tripulação. Ned e Conselho passaram a maior parte do dia comigo. A inexplicável ausência do capitão causava-lhes espécie. Estaria doente? Teria alterado os seus projetos a nosso respeito?

Fora isso, gozávamos de inteira liberdade e éramos delicada e abundantemente alimentados. Nosso hospedeiro cumpria os termos de seu tratado. Não podíamos nos queixar e, além disso, a própria singularidade de nosso destino nos dera boas compensações. Ainda não tínhamos o direito de acusá-lo.

Naquele dia, comecei a escrever o diário destas aventuras, o que me permitiu contá-las com a mais escrupulosa exatidão, e, pormenor curioso, escrevi-as em papel fabricado com zostera marinha.

A 11 de novembro, de manhã bem cedo, o ar fresco espalhado no interior do *Náutilo* deu-me a conhecer que voltáramos à superfície para renovar a provisão de oxigênio. Encaminhei-me para a escada central e subi à plataforma.

Eram seis da manhã. O tempo estava enfarruscado; o mar, cinzento, mas calmo. Apenas leve marulho. Esperava encontrar o capitão Nemo na plataforma, mas vi apenas o timoneiro em sua câmara de vidro. Sentado sobre a saliência produzida pelo casco da lancha, aspirei com prazer as emanações salinas. Pouco a pouco, a névoa dissipou-se sob a ação dos raios solares. O astro radioso despontava no oriente. O mar, como rastilho de pólvora, incendiou-se sob o seu olhar. As nuvens, esparsas pelo céu, coloriram-se de tons vivos, admiravelmente matizados, e inúmeras nuvenzinhas, alvas e recortadas, anunciaram-me vento o dia inteiro. Mas que importava o vento a esse *Náutilo* que as tempestades não amedrontavam?

Admirava eu aquele alegre nascer do sol quando ouvi os passos de alguém subindo a escada para a plataforma. Eu já me preparava para cumprimentar o capitão Nemo, mas foi o imediato — que eu conhecera na primeira visita do capitão — quem apareceu. Percorreu a plataforma como se não se tivesse notado minha presença. Servindo-se de um poderoso óculo de alcance, perscrutou todos os pontos do horizonte. Terminado o exame, aproximou-se da escotilha e pronunciou uma frase que retive, porque todas as manhãs a repetia em condições idênticas. As palavras eram exatamente as seguintes:

— *Nautron respoc lorni virch.*

Não sei o que queria dizer. Proferidas tais palavras, o imediato desceu. Concluí que o *Náutilo* ia continuar a sua viagem submarina. Pela escotilha e pelos passadiços voltei a meu camarote.

Cinco dias assim decorreram, sem que a nossa situação se modificasse. Todas as manhãs, subia à plataforma. A mesma frase era pronunciada pelo mesmo indivíduo. O capitão Nemo continuava ausente.

Eu já supunha que não o veria mais quando, a 16 de novembro, entrando em meu camarote, acompanhado de Conselho e Ned Land, encontrei sobre a mesa um bilhete endereçado a mim.

Eu o abri com mão ansiosa. A letra era franca e clara, mas um pouco gótica, fazendo lembrar os tipos alemães. Estava concebido nos seguintes termos:

“Ao senhor professor Aronnax
a bordo do Náutilo.

16 de novembro de 1867

O capitão Nemo convida o professor Aronnax para uma caçada, que se realizará amanhã de manhã, nas suas florestas da ilha Crespo. Espera que nada impedirá o senhor professor de comparecer e receberá com prazer a presença de seus dois companheiros.
O comandante do Náutilo,

Capitão Nemo”

— Uma caçada! — exclamou Ned.
— E nas suas florestas da ilha Crespo! — acrescentou Conselho.
— Então, o nosso homem vai a terra? — estranhou Ned Land.
— Isso me parece claramente indicado — respondi, relendo o bilhete.
— Muito bem! Devemos aceitar — replicou Ned. — Uma vez em terra firme, veremos o que havemos de fazer. Além disso, não me desagradaria comer algumas postas de caça ainda fresca.
Sem tentar conciliar o que havia de contraditório entre o horror ostensivo do capitão Nemo pelos continentes e ilhas e aquele convite para caçar numa floresta, limitei-me a responder:
— Vejamos primeiro o que vem a ser a ilha Crespo.
Consultei o planisfério e descobri, a 32 graus e quarenta minutos de latitude norte, e 167 graus e cinquenta minutos de longitude oeste, uma ilhota, explorada em 1801 pelo capitão Crespo e que os antigos mapas espanhóis chamavam Rochedo de Prata. Estávamos, pois, a cerca de 1.800 milhas de nosso ponto de partida, e a rota do *Náutilo*, levemente alterada, levava-nos para o sudeste.
Mostrei a meus companheiros o pequeno penhasco perdido no meio do Pacífico setentrional e comentei:

— Se o capitão Nemo vai às vezes à terra, pelo menos ele escolhe ilhas completamente desertas.

Ned Land abanou a cabeça, mas ficou calado, retirando-se em companhia de Conselho. Depois da ceia, embora um pouco preocupado, adormeci.

No dia seguinte, 17 de novembro, ao acordar, senti que o *Náutilo* estava completamente imóvel. Vesti-me rapidamente e dirigi-me ao salão. O capitão Nemo estava já à minha espera. Levantou-se, cumprimentou-me e perguntou-me se estava disposto a acompanhá-lo. Como não fizera alusão àquela ausência de oito dias, abstive-me de falar sobre tal fato e limitei-me a responder-lhe que meus companheiros e eu estávamos prontos a segui-lo.

— Entretanto — observei eu —, quero pedir licença para fazer-lhe uma pergunta.

— Pode perguntar, sr. Aronnax, e, se puder responder, responderei.

— Como explicar que o senhor, que rompeu todas as relações com a terra firme, tenha florestas na ilha Crespo?

— Senhor professor — respondeu-me o capitão —, as florestas que possuo não pedem ao sol nem luz nem calor. Não são percorridas nem por tigres, nem por leões, nem por panteras, nem por quadrúpede algum. Só eu as conheço. Crescem exclusivamente para mim. Enfim, não são florestas terrestres. São florestas submarinas.

— Florestas submarinas! — exclamei.

— Sim.

— E o senhor quer levar-me lá?

— Exatamente.

— A pé?

— E mesmo a pé enxuto.

— Para caçar?

— Para caçar.

— Armado de fuzil?

— Armado de fuzil.

Fitei o capitão Nemo com expressão certamente nada lisonjeira para ele. Decididamente, pensei, o homem está maluco. Teve um acesso de loucura que durou oito dias e ainda continua. Que pena! Preferia que continuasse esquisito a que tivesse enlouquecido.

O meu pensamento deveria estar estampado em meu rosto, mas o capitão Nemo limitou-se a convidar-me para segui-lo, e eu o segui com a resignação de homem decidido a tudo. Na sala de refeições estava servido um copioso almoço.

— Sr. Aronnax — disse-me o capitão —, peço-lhe que coma sem cerimônia. Durante o almoço, conversaremos. Prometi levá-lo a um passeio na floresta, mas não me comprometi a fazê-lo encontrar lá um restaurante. Almoce, pois, como quem só vai jantar muito tarde.

Não esperei um segundo convite. A refeição compunha-se de diversos peixes. A bebida era água límpida, à qual, seguindo o exemplo do capitão, juntei algumas gotas de licor fermentado, extraído de uma alga.

O capitão Nemo comeu a princípio em completo silêncio. Depois falou-me:

— Quando o convidei para caçar em minhas florestas da ilha Crespo, o senhor supôs haver-me surpreendido em contradição comigo mesmo. Quando eu lhe disse que se tratava de florestas submarinas, o senhor pensou que eu estivesse doido. Professor, não devemos julgar os outros com leviandade.

— Mas acredite que…

— Ouça-me primeiro e depois verá se deve acusar-me de loucura ou de contradição.

— Escutá-lo-ei com o respeito que merece.

— O senhor sabe tão bem quanto eu que o homem pode viver debaixo d’água, com a condição de levar consigo uma provisão de ar respirável. Nos trabalhos submarinos, o mergulhador, usando roupa impermeável e com a cabeça protegida por cápsula de metal, recebe o ar do exterior por meio de bombas prementes e o expele por meio de reguladores de escoamento.

— É o escafandro — observei.

— Exato. Mas nessas condições o homem não é livre. Está preso à bomba que fornece o ar por meio de um tubo de borracha, verdadeira cadeia que o acorrenta à terra, e, se ficássemos igualmente dependentes do *Náutilo*, não poderíamos ir longe.

— Por que meio ficaremos livres?

— Empregando um aparelho inventado por dois patrícios seus, Rouquayrol e Denayrouze, que eu aperfeiçoei para meu uso e que lhe permitirá arriscar-se no meio aquático sem que os seus órgãos sintam qualquer diferença. Compõe-se esse aparelho de um reservatório de chapa grossa, no qual se armazena o ar sob

pressão de cinquenta atmosferas. Esse reservatório é preso às costas por meio de um suspensório, como mochila de soldado. A parte superior dele é constituída por uma caixa, na qual um aparelho regulador controla a saída do ar em pressão normal. No aparelho de Rouquayrol usual, dois tubos de borracha ligam a caixa a uma espécie de pavilhão que cobre a boca e o nariz. Um dos tubos serve para aduzir o ar inspirado, o outro, para escoamento do ar expirado, e o operador, de acordo com suas necessidades, fecha um ou outro com a língua. Eu, porém, que afronto pressões consideráveis no fundo dos mares, tive que proteger minha cabeça como os escafandristas, com esfera de cobre, e é nessa esfera que se abrem os dois tubos.

— Perfeitamente, mas o ar que o senhor transporta deve gastar-se rapidamente.

— Correto. Mas, como lhe disse, as bombas do *Náutilo* permitem-me armazenar o ar sob pressão formidável, e, nessas condições, o aparelho pode fornecer ar respirável durante nove ou dez horas.

— Não tenho mais objeção alguma a fazer. Queria apenas saber como consegue iluminar o caminho no fundo do mar.

— Com uma pilha especial, presa à cintura, acionada com sódio. Uma bobina de indução recolhe a eletricidade produzida e leva-a a uma lanterna. Nessa lanterna encontra-se uma serpentina de vidro que contém apenas resíduos de gás carbônico. Quando o aparelho funciona, o gás torna-se luminoso, fornecendo luz alvacenta e contínua. Assim equipado, posso ver e respirar.

— A todas as minhas objeções, o senhor dá respostas tão esmagadoras que já não me atrevo a duvidar. Contudo, embora sabendo que poderei ver e respirar, não posso entender como usarei o fuzil com que irei armado.

— Ora! Não é arma carregada com pólvora!

— Ah! É espingarda a ar comprimido?

— Precisamente. E de ar comprimido a alta pressão, que as bombas do *Náutilo* fornecem em abundância.

— Mas esse ar deve gastar-se rapidamente.

— E para que tenho eu o reservatório no meu escafandro que me pode fornecer a quantidade de que preciso? Além disso, o senhor verá com os próprios olhos que nas caçadas submarinas não fazemos grande dispêndio nem de ar nem de balas.

— Contudo, parece-me que nessa semiescuridão e em meio líquido de densidade tão grande, em relação à atmosfera, os tiros não terão grande alcance e dificilmente serão mortais.

— Muito ao contrário. Com esse fuzil, os tiros são sempre mortais e, quando um animal é atingido, por mais levemente que seja, cai fulminado.

— Por quê?

— Porque esse fuzil não dispara balas comuns. Seus projéteis são pequenas cápsulas de vidro. O vidro é revestido por capa de aço e uma calota de chumbo assegura-lhe o peso necessário. São verdadeiras granadas, nas quais a eletricidade se encontra comprimida a alta tensão. O mais leve choque provoca a descarga, e o animal, por mais forte que seja, cai morto. É importante esclarecer que a cápsula em questão é do tamanho de um grão de chumbo número 4 e que a carga de cada fuzil é de dez projéteis.

— Não discuto mais — concluí, levantando-me da mesa. — Agora, só me falta empunhar um fuzil. Aonde o senhor for, também irei eu.

O capitão Nemo levou-me para a popa do *Náutilo*, ao passar pelo camarote de Ned e Conselho, chamei os dois companheiros, que nos seguiram imediatamente. Depois, alcançamos um camarote situado a bombordo, ao lado da casa das máquinas, no qual devíamos vestir as roupas do passeio.

16
A pé pela planície submarina

O compartimento em que entráramos era o arsenal e o vestiário do *Náutilo*. Uma dúzia de escafandros pendurados nas paredes aguardavam os caçadores. Ned Land, quando os viu, manifestou evidente repugnância em vestir aquilo.

— Mas, meu caro Ned, as florestas de Crespo são submarinas.

— Essa é boa! — comentou desapontado o arpoador, que via desvanecerem-se os seus sonhos de comer carne fresca. — E o senhor vai meter-se nessas roupas?

— É indispensável.

— O senhor é livre para fazer o que entender — disse-me, encolhendo os ombros. — Quanto a mim, porém, só à força vestirei isso.

— Ninguém o forçará — observou-lhe o capitão Nemo.

— E você, Conselho? — perguntou Ned.

— Aonde for o meu patrão, também irei eu.

Atendendo a chamado do capitão, dois tripulantes vieram ajudar-nos a vestir aqueles pesados impermeáveis feitos de borracha sem costura e preparados para suportar elevadas pressões. Dir-se-ia uma armadura ao mesmo tempo flexível e resistente. Compunha-se de calça e blusão. A calça terminava por grossos sapatos equipados com pesados solados de chumbo. O tecido do blusão era armado por pequenas lâminas de cobre que protegiam o peito contra a pressão das águas, permitindo o livre funcionamento dos pulmões. As mangas terminavam em forma de luvas extremamente flexíveis que não impediam nenhum dos movimentos da mão. Em suma, eram escafandros aperfeiçoadíssimos. O capitão Nemo, um de seus companheiros — espécie de Hércules que devia ter força prodigiosa —, Conselho e eu vestimos rapidamente

aquelas roupas. Faltava apenas encaixar a cabeça na esfera metálica. Antes disso, porém, pedi licença para examinar os fuzis que íamos usar.

Um dos tripulantes mostrou-me um deles. Era arma simples cuja coronha de aço era oca e grande, servindo de reservatório para o ar comprimido, que passava para o cano por uma válvula acionada por gatilho. Um depósito talhado na coronha continha cerca de vinte balas elétricas que se introduziam diretamente na câmara do fuzil, por meio de uma mola especial. Disparado um tiro, outro ficava pronto para disparar.

— Capitão — disse-lhe eu —, esta arma é perfeita e de fácil manejo. Já estou ansioso por experimentá-la. Mas como alcançaremos o fundo do mar?

— Professor, o *Náutilo* está repousando a dez metros de profundidade e só nos falta partir.

— Mas como sairemos daqui?

— O senhor vai ver.

O capitão Nemo enfiou a calota esférica na cabeça. Conselho e eu o imitamos. A parte superior de nossa roupa terminava por gola de cobre com orifícios nos quais se aparafusava o capacete. Três aberturas, protegidas por lentes espessas, permitiam olhar em todas as direções com simples movimento de cabeça dentro da esfera metálica. Assim que ela se encaixou, os aparelhos para a respiração, colocados às nossas costas, começaram a funcionar. Com a lâmpada elétrica pendurada na cintura e o fuzil na mão, eu estava pronto para a partida. Todavia, para falar francamente, prisioneiro daquelas pesadas roupas e pregado ao convés pelas solas de chumbo, ser-me-ia impossível andar. O caso, porém, fora previsto, porque senti que me empurravam para um pequeno compartimento contíguo ao vestiário. Meus companheiros, igualmente rebocados, seguiam-me. Ouvi fechar-se uma porta equipada com obturadores, e uma profunda escuridão envolveu-nos. Minutos depois, um silvo forte chegou ao meu ouvido e senti uma espécie de frio que se elevava dos pés para o tronco. Era claro que haviam aberto uma válvula e a água exterior invadia o compartimento em que nos encontrávamos. Uma segunda porta, situada no costado do *Náutilo*, abriu-se. Uma claridade tênue surgiu. No instante seguinte nossos pés calcavam o fundo do mar.

Como poderia agora rememorar as impressões que experimentei naquele passeio sob as águas? A palavra é impotente para descrever tais maravilhas.

O capitão Nemo caminhava à frente e seu companheiro seguia a alguns passos atrás de nós. Conselho e eu íamos um ao lado do outro, como se pudéssemos falar através de nossas carapuças metálicas. Eu não sentia mais o peso da roupa, do calçado, do reservatório de ar, nem da espessa esfera, dentro da qual minha cabeça estava alojada, como a amêndoa em sua casca. Todos esses objetos, mergulhados na água, perdiam parte do peso igual à do líquido que deslocavam, e essa lei, descoberta por Arquimedes, causava-me grande satisfação. Eu já não era massa inerte e gozava de liberdade de movimentos relativamente grande.

A intensidade da luz que iluminava o fundo até dez metros abaixo da superfície causou-me admiração. Os raios solares atravessavam facilmente a massa líquida e venciam a sua coloração. Eu distinguia claramente os objetos até a distância de cem metros. A partir daí, o solo matizava-se com delicadas gradações de azul-ultramar. Mais longe tornava-se azul-marinho e perdia-se na escuridão indecisa. Na verdade, a água que me cercava era apenas uma espécie de ar mais denso do que a atmosfera terrestre, mas de transparência quase igual. Por cima de mim divisava a calma superfície do mar.

Caminhávamos sobre areia fina, compacta, sem as dobras deixadas na areia das praias pelas ondas. Aquele tapete resplandecente, verdadeiro refletor, reverberava os raios do sol com surpreendente intensidade. Esse fato explicava a forte reverberação que impregnava todas as moléculas líquidas. Não sei se vão acreditar no que digo, mas naquela profundidade de dez metros eu enxergava como em plena luz do dia.

Durante 15 minutos pisei aquela areia ardente misturada à impalpável poeira de conchas. O casco do *Náutilo*, desenhando-se como longo escolho, desaparecia poupo a pouco, mas o seu farol, quando a noite invadisse o seio das águas, devia facilitar nossa volta a bordo, projetando os seu raios com limpidez perfeita. Efeito difícil de compreender para quem só sobre a terra viu o lençol alvacento dos faróis. Em terra, a poeira de que o ar está saturado dá ao farol a aparência de nevoeiro luminoso. Mas sobre ou sob o mar os raios elétricos transmitem-se com incomparável pureza.

Caminhávamos sempre e a planície de areia parecia interminável. Eu afastava com a mão a cortina líquida que se fechava atrás de mim e os vestígios de meus passos apagavam-se imediatamente sob a pressão da água. Em breve, algumas

formas de objetos, apenas esboçados na distância, tomaram forma a meus olhos. Reconheci magníficas penedias, atapetadas de zoófitos encantadores, e fiquei impressionado com os efeitos próprios do meio líquido.

Eram dez da manhã. Os raios do sol atingiam a superfície das ondas num ângulo bastante oblíquo e, ao contato de sua luz, decomposta pela refração, como prisma, flores, rochedos, plântulas, mariscos e pólipos matizavam-se com as sete cores de espectro solar. Era autêntica maravilha e festa para os olhos aquela mistura de tons, um verdadeiro caleidoscópio — verde, amarelo, alaranjado, violeta, anil, azul —, numa palavra, a paleta completa de um colorista maníaco. E eu sem poder comunicar a Conselho as sensações fortes que me subiam à cabeça e rivalizar com ele em interjeições entusiásticas. Como lamentei não poder, como o capitão Nemo e seu companheiro, falar por meio de sinais… Por isso, não podendo fazer coisa melhor, falava a mim mesmo, gritava dentro da caixa de cobre que protegia minha cabeça, gastando talvez mais ar do que seria conveniente.

Diante daquele esplêndido espetáculo, Conselho e eu paramos. Evidentemente, o bom rapaz, diante daqueles exemplares de zoófitos e de moluscos, classificava, classificava sem parar. Pólipos e equinodermos juncavam o solo. As ísis variadas, as cornulárias que vivem isoladamente, moitas de oculinas virgens, outrora conhecidas como coral branco, madréporas ouriçadas em forma de cogumelos, anêmonas aderentes por seu disco muscular, pareciam canteiros de flores, esmaltados de porpitas enfeitadas com golilhas de tentáculos azulados. Estrelas-do-mar constelavam a areia e astérias verrugosas, finas rendas, bordadas pelas mãos das náiades, balouçavam-se como festões com as fracas ondulações produzidas por nossos passos. Sentia sincero desgosto por estar esmagando sob os pés os reluzentes exemplares de moluscos de que o solo estava juncado. Mas era preciso andar, e nós seguíamos em frente enquanto, por cima de nossas cabeças, grupos de fisálias deslizavam, deixando seus tentáculos flutuarem atrás. Também vagavam medusas, cuja umbela opalina ou rosa-pálido, afestoada com listrão azul, nos abrigava dos raios solares.

Todas essas maravilhas entrevi no espaço de meio quilômetro, mal parando, porque o capitão Nemo constantemente me acenava, evitando paradas. Pouco depois, a natureza do solo mudou. À planície de areia seguiu-se uma camada de iodo viscoso, composto apenas de conchas silicosas ou calcárias. Depois,

percorremos um campo de algas, plantas pelágicas que as águas ainda não haviam arrancado e cuja vegetação era luxuriante. Entretanto, ao mesmo tempo que a verdura se exibia sob nossos passos, não abandonava nossas cabeças. Plantas marinhas, pertencentes à exuberante família das algas, que conta mais de duas mil espécies conhecidas, entrecruzavam-se à superfície das águas, formando delicado caramanchão. Observei que as plantas verdes se mantinham mais perto da superfície do mar, enquanto as vermelhas ocupavam profundidade média, deixando às hidrófitas negras ou marrons o encargo de formar os jardins e os canteiros das camadas mais profundas do oceano.

As algas são verdadeiramente um prodígio da Criação, uma das maravilhas da flora universal. Essa família produz ao mesmo tempo os menores e os maiores vegetais do globo. Já se chegou a contar quarenta mil dessas imperceptíveis plântulas num espaço de cinco milímetros quadrados e ao mesmo tempo já foram encontrados fucos de mais de quinhentos metros de comprimento.

Tínhamos saído do *Náutilo* havia cerca de uma hora e meia. Devia ser quase meio-dia. Percebi isso devido à perpendicularidade dos raios solares que já não se refratavam mais. A magia das cores desaparecera pouco a pouco e os matizes de esmeralda e safira desapareceram de nosso firmamento. Caminhávamos com passo cadenciado, que ressoava no solo com intensidade espantosa. Os menores ruídos eram transmitidos com velocidade a que o ouvido não está habituado na terra. A água é para o som muito melhor condutor do que o ar, propagando-se nela com velocidade quatro vezes maior.

O solo começou, então, a descer em declive bem pronunciado. A luz tomou coloração uniforme. Atingimos cem metros de profundidade, suportando, assim, pressão de dez atmosferas. O meu escafandro, porém, fora confeccionado de maneira a que eu nem percebia tal pressão. Sentia apenas certo embaraço na articulação dos dedos, e até esse mal-estar não tardou a desaparecer. Quanto à fadiga que devia produzir aquele passeio de duas horas, sob equipamento a que eu não estava habituado, era nula. Meus movimentos, auxiliados pela água, eram feitos com surpreendente facilidade.

Chegados àquela profundidade de cem metros, percebia ainda os raios solares, todavia muito fracos. Ao seu brilho intenso sucedera um crepúsculo avermelhado, meio-termo entre o dia e a noite. Mas ainda enxergávamos o bastante e não era necessário pôr em funcionamento a lâmpada. Nesse momento,

o capitão Nemo parou. Esperou que eu o alcançasse e mostrou-me algumas massas escuras que se viam na sombra, a pequena distância. Era a floresta da ilha Crespo.

17
A floresta submarina

Chegáramos finalmente à orla daquela floresta, indubitavelmente uma das mais belas do imenso domínio do capitão Nemo. Ele a considerava sua e atribuía-se sobre ela os mesmos direitos de que gozavam os homens primitivos nos primeiros dias do mundo. Além disso, quem lhe disputaria a posse daquela propriedade submarina? Que outro pioneiro mais ousado viria, machado em punho, desbravar aquela mata sombria? Altas plantas arborescentes formavam aquela floresta e, mal penetramos sob suas vastas arcadas, meu olhar foi atraído para a singular disposição de seus galhos que até então nunca vira.

Nenhuma das ervas que atapetavam o solo e nenhum dos galhos dos arbustos rastejava, se curvava ou se estendia em plano horizontal. Todos subiam em direção à superfície do oceano. Não havia um só filamento, uma só liana, por mais delgada que fosse, que não se conservasse reta como barra de ferro. Os fucos e as lianas desenvolviam-se obedecendo à linha rígida e perpendicular, imposta pela densidade do elemento que as havia produzido. Imóveis, quando eu as desviava com a mão, retomavam em pouco a sua posição primitiva. Estávamos no reino da verticalidade.

Logo me habituei àquela disposição bizarra, bem como à relativa escuridão que nos envolvia. O solo da floresta estava repleto de pedras agudas, difíceis de evitar. A flora submarina pareceu-me completa ali, mesmo mais rica do que nas zonas árticas e tropical, em que seus produtos são menos numerosos. Contudo, durante alguns minutos confundi involuntariamente os reinos entre si, tomando os zoófitos por hidrófitos, animais por plantas. E quem não se enganaria? A fauna e a flora são tão parecidas naquele mundo submarino!

Observei que todas as produções do reino vegetal aderiam ao solo apenas por base superficial. Desprovidas de raízes, indiferentes ao corpo sólido, areia, concha ou seixo, que as suporta, pedem-lhe somente um ponto de apoio, mas não a vitalidade. Essas plantas obram por si mesmas e o princípio de sua existência está na água que as sustém e nutre. Na maior parte, em lugar de folhas, cresciam lamelas de formas caprichosas e limitadas a uma gama restrita de cores, abrangendo apenas o rosa, o carmim, o verde, o azeitonado, o fulvo e o pardo. Entre os diversos arbustos, abrigadas por sua sombra úmida, amontoavam-se verdadeiras moitas de flores vivas, cercas de zoófitos, sobre as quais desabrochavam as meandrinas zebradas de tortuosos sulcos, cariófilas amareladas de tentáculos diáfanos, moitas gramadas de zoantários — e, para completar a ilusão, voavam de ramo em ramo os peixes-moscas, como enxame de beija-flores, lepisacantos, de mandíbula eriçada e escamas agudas, dactilópteos e monocentros erguiam-se sob nossos pés, como faria um bando de narcejas.

Por volta de uma hora, o capitão Nemo deu o sinal de parada. Quanto a mim, o descanso causou grande satisfação e deitamos sob caramanchão de alarias, cujas longas e delgadas correias erguiam-se como flechas. Aquele momento de repouso pareceu-me delicioso. Só nos faltava o encanto da conversação. Mas impossível falar, impossível responder. Aproximei a minha cabeçorra de cobre da cabeça de Conselho. Vi os olhos dele brilharem de contentamento e, em sinal de satisfação, agitou-se dentro do escafandro com o ar mais cômico deste mundo.

Depois de quatro horas daquele passeio, fiquei admiradíssimo de não sentir uma violenta necessidade de comer. De que se originava aquela disposição do estômago, não o saberia dizer. Mas, em compensação, experimentava um invencível desejo de dormir, como acontece com todos os mergulhadores. Por isso, meus olhos logo se fecharam por trás do espesso vidro e fui dominado pela sonolência que fora combatida até então pelo movimento da caminhada. O capitão Nemo e seu robusto companheiro, estendidos naquele límpido cristal, davam-nos o exemplo do sono.

Quanto tempo dormi não posso avaliar, mas, quando acordei, pareceu-me que o sol baixava no horizonte. O capitão Nemo já se erguera e eu começava a espreguiçar-me quando uma aparição inesperada me fez levantar imediatamente.

A poucos passos de nós, uma monstruosa aranha-marinha, de um metro de altura, fitava-me com olhos vesgos, pronta para atirar-se a mim. Embora minha roupa de escafandrista fosse bastante grossa para defender-me das picadas do animal, não pude reprimir um movimento de horror. Conselho e o marinheiro acordaram naquele momento. O capitão Nemo apontou a seu companheiro o hediondo crustáceo, que uma coronhada liquidou imediatamente, e vi as horrorosas patas do monstro contorcerem-se em convulsões terríveis. Esse encontro sugeriu-me outros animais mais terríveis, que deviam frequentar aquelas profundidades escuras e de cujo ataque o meu escafandro era insuficiente para defender-me. Não havia pensado em tal até aquele momento e resolvi ficar de sobreaviso. Além disso, supus que aquele descanso marcasse o fim de nosso passeio, mas enganava-me, e, em vez de regressar ao *Náutilo*, o capitão Nemo prosseguiu em sua audaciosa excursão.

O solo baixava cada vez mais, e seu declive, acentuando-se, levou-nos a maior profundidade. Devia ser mais ou menos três horas quando chegamos a um vale estreito, cavado entre altas muralhas a pique e situado a uns 150 metros de profundidade. Graças à perfeição de nossos aparelhos, ultrapassamos em noventa metros o limite que a natureza até então parecia haver imposto às excursões submarinas do homem. Escrevo 150 metros, embora nenhum instrumento me permitisse avaliar tal profundidade. Mas eu sabia que mesmo nos mares mais límpidos os raios solares não podiam penetrar além de 150 metros. Ora, a escuridão tornara-se profunda. Nenhum objeto era visível a dez passos de distância. Eu caminhava tateando quando vi brilhar uma luz branca bastante intensa. O capitão Nemo acabava de pôr sua lâmpada elétrica em funcionamento. O companheiro dele imitou-o. Conselho e eu seguimos o exemplo. Torcendo um parafuso, estabeleci a comunicação entre a bobina e a serpentina de vidro, e o mar, iluminado pelas quatro lanternas, clareou-se num raio de 25 metros.

O capitão Nemo continuou a entranhar-se nos recessos da floresta, cujos arbustos rareavam cada vez mais. Notei que a vida vegetal desaparecia mais rapidamente do que a animal. As plantas pelágicas já haviam abandonado o solo, que se tornara árido. Porém, um número prodigioso de animais, zoófitos, articulados, moluscos e peixes ainda pululavam ali.

Enquanto andava, ia pensando que naturalmente nossa lâmpada não podia deixar de atrair alguns habitantes daquelas sombrias camadas. Mas, se se aproximaram, conservaram-se pelo menos a distância inatingível para os caçadores. Várias vezes vi o capitão Nemo parar e apontar o fuzil. Em seguida, após alguns instantes de observação, ele se erguia e continuava a andar.

Finalmente, por volta de quatro horas, terminou aquela maravilhosa excursão. Uma muralha de soberbos rochedos e de imponente massa ergueu-se diante de nós. Era um amontoado de blocos gigantescos, enorme penhasco de granito, penetrado de cavernas escuras, mas que não apresentava nenhuma rampa praticável. Eram as escarpas da ilha Crespo. Era a terra.

O capitão Nemo parou subitamente. Com um gesto, ordenou a parada, e, por mais desejoso que eu estivesse de atravessar aquela muralha, fui obrigado a obedecer. Ali terminavam os domínios do capitão Nemo. Ele não queria ultrapassá-los. Além, era a parte do globo que ele não devia mais pisar.

O regresso começou. O capitão Nemo pusera-se à frente da pequena tropa, dirigindo-nos sem hesitação. Pareceu-me que não seguíamos o mesmo caminho para voltar. Aquele novo caminho muito íngreme e por isso mesmo muito mais penoso aproximou-nos da superfície do mar. Rapidamente a luz reapareceu e aumentou. Como o sol já se aproximava do horizonte, a refração rodeou novamente os objetos com anel espectral.

A dez metros de profundidade, caminhávamos em meio a um cardume de peixinhos de variadas espécies, mais numeroso e ágil que os pássaros no ar, mas nenhuma caça aquática, digno de um tiro de fuzil, oferecera-se aos nossos olhos. Nesse momento, vi a arma do capitão rapidamente apontada seguir entre as moitas um objeto móvel. O tiro partiu, ouvi um fraco silvo e o animal caiu fulminado a alguns passos.

Era uma magnífica lontra marinha, o único quadrúpede que vive exclusivamente no mar. Media 1,50 metro de comprimento e devia ter enorme valor. A sua pele, castanho-escuro no dorso e prateada no ventre, devia dar peliça admirável e alcançar elevado preço nos mercados russos e chineses. Achei encantador aquele curioso mamífero de cabeça arredondada, ornado de orelhas curtas, olhos redondos, bigodes brancos semelhantes aos de um gato, pés espalmados e unguiculados e cauda coberta de pelos abundantes. Esse precioso carnívoro, caçado e acuado pelos pescadores, torna-se extremamente raro e foi

refugiar-se principalmente nas regiões boreais do Pacífico, onde certamente não demorará a extinguir-se.

O marinheiro apanhou a caça, colocou-a sobre as costas e continuamos a nossa caminhada.

Durante uma hora, uma planície de areia estendeu-se diante de nossos passos. Muitas vezes elevava-se a menos de dois metros da superfície do mar. Eu via, então, nossa imagem, nitidamente refletida, desenhar-se em sentido inverso, e por cima de nós surgia um grupo idêntico, reproduzindo os nossos gestos e os nossos movimentos, apenas com uma diferença: eles andavam de cabeça para baixo e pernas para o ar.

Outro efeito digno de nota era a passagem de densas nuvens que se formavam e desfaziam rapidamente. Refletindo sobre o fato, compreendi que as tais nuvens eram resultantes apenas da espessura variável das enormes ondas de profundidade e percebi até os vagalhões espumantes, cuja crista, ao quebrar-se, multiplicava-se sobre as águas. Distingui até a sombra dos grandes pássaros que voavam sobre as nossas cabeças quando afloravam a superfície das ondas. Testemunhei, então, um dos mais belos tiros que algum dia provocaram o estremecimento das fibras de um caçador. Um grande pássaro de ampla envergadura, distintamente visível, aproximava-se planando. Quando chegou a alguns metros das vagas, o marinheiro apontou e disparou. A ave caiu fulminada, e sua queda levou-a ao alcance do hábil caçador, que a recolheu. Era um magnífico albatroz, admirável espécime das aves pelágicas.

O incidente nem ao menos interrompera nossa marcha. Durante duas horas, tanto trilhamos planícies arenosas quanto campos de vareques de penosa travessia. Confesso com franqueza que já não aguentava mais quando avistei uma vaga claridade que cortava a escuridão das águas, a cerca de meia milha de distância. Era o fanal do *Náutilo*. Em menos de vinte minutos estaríamos a bordo e lá eu respiraria à vontade, porque já me parecia que o meu reservatório só me fornecia ar bastante pobre de oxigênio. Mas eu não contava com um encontro que ocasionou um leve atraso em nossa chegada.

Ficara vinte passos para trás quando vi o capitão Nemo voltar rapidamente em minha direção. Com sua mão vigorosa, obrigou-me a deitar, enquanto o companheiro dele procedia da mesma forma com Conselho. A princípio não entendi aquela súbita agressão, mas tranquilizei-me, vendo que o capitão

deitava-se ao meu lado e permanecia imóvel. Estava eu, assim, deitado sobre o solo e abrigado pela moita de vareques quando, levantando a cabeça, avistei enormes corpos que passavam ruidosamente sobre mim, lançando clarões fosforescentes.

O sangue gelou-se em minhas veias! Reconhecera os formidáveis esqualos que nos ameaçavam. Era um casal de tintureiros, terríveis tubarões de enorme cauda, olhar baço e vítreo, que segregam matéria fosforescente por orifícios situados em torno do focinho. Monstruosos vaga-lumes que trituram um homem inteiro com suas mandíbulas de ferro. Não sei se Conselho se lembrou de classificá-los. Quanto a mim, observava o seu ventre prateado, suas fauces formidáveis, eriçadas de dentes, de um ponto de vista muito pouco científico, mais como vítima do que como naturalista.

Felizmente esses vorazes animais enxergam pouco. Passaram sem ver-nos, roçando-nos com suas barbatanas cor de castanha, e, assim, escapamos, como por milagre, àquele perigo seguramente maior do que o encontro de um tigre em plena floresta.

Meia hora depois, guiados pelo rastilho elétrico, alcançamos o *Náutilo.* A porta exterior permanecera aberta, e o capitão Nemo fechou-a assim que entramos na primeira célula. Em seguida, apertou um botão. Ouvi as bombas funcionarem no interior do submarino e senti a água baixar em torno de mim e em poucos instantes o compartimento estava inteiramente esgotado. A porta interior abriu-se e passamos para o vestiário.

Ali, não sem dificuldade, tiraram-nos os escafandros. Completamente extenuado, caindo de sono e de inanição, voltei ao meu camarote maravilhado com aquela surpreendente excursão ao fundo dos mares.

18
Quatro mil milhas sob as águas do Pacífico

No dia seguinte pela manhã, 18 de novembro, inteiramente refeito das fadigas da véspera, subi à plataforma no momento em que o imediato do *Náutilo* pronunciava a sua frase diária. Veio-me, então, ao espírito que ela se devia referir ao estado do mar, ou antes que devia significar: “Nada está à vista”. E, de fato, o oceano estava deserto. Nem uma vela no horizonte. As elevações da ilha Crespo haviam desaparecido durante a noite. O mar, absorvendo as cores do prisma, exceção feita aos raios azuis, refletia-os em todas as direções e ostentava admirável cor de anil. Um chamalote de longas riscas desenhava-se regularmente sobre o ondear das vagas.

Eu admirava esse magnífico aspecto do oceano quando o capitão Nemo apareceu. Não deu mostras de perceber a minha presença e começou uma série de observações astronômicas. Terminada a operação, foi debruçar-se, apoiado nos cotovelos, sobre a caixa do fanal e seu olhar perdeu-se na contemplação do mar.

Enquanto isso, cerca de vinte marinheiros, todos vigorosos e bem constituídos, haviam subido para a plataforma. Vinham retirar as redes de arrastão que haviam sido postas à sirga durante a noite. Aqueles marinheiros eram evidentemente originários de nações diversas, embora o tipo europeu estivesse caracterizado em todos eles. Reconheci, sem sombra de dúvida, irlandeses, franceses, alguns eslavos, um grego ou candiota. Aliás, aqueles homens eram avaros de palavras e empregavam entre si o esquisito idioma, de que eu não podia sequer suspeitar a origem. Por isso, desisti de interrogá-los.

As redes foram içadas para bordo. Eram uma espécie de arrastão, grandes bolsos que uma verga flutuante e uma cadeia presa nas malhas inferiores

mantêm entreabertas. Os bolsões, assim arrastados por cabos de aço, varriam o fundo do oceano e recolhiam todos os produtos que encontravam em seu caminho. Naquele dia, trouxeram curiosos exemplares daquelas paragens piscosas. A pescaria devia ter rendido mais de quinhentos quilos de peixe. O resultado era excelente, mas não surpreendente. De fato, boiando à sirga durante várias horas, aquelas redes colhiam em sua prisão de fio uma verdadeira multidão aquática. Não nos faltariam, pois, víveres de excelente qualidade que a velocidade do *Náutilo* e a atração da luz elétrica permitiam renovar constantemente.

Terminada a pesca, renovada a provisão de ar, supus que o *Náutilo* fosse continuar a sua excursão submarina e já me preparava para regressar ao meu camarote quando, voltando-se para mim, o capitão Nemo me disse sem mais preâmbulo:

— Observe este oceano, professor, não é dotado de verdadeira vida? Não tem as suas cóleras e as suas ternuras? Ontem, adormeceu como nós e agora desperta depois de noite tranquila!

Nem bom-dia nem boa-tarde! Dir-se-ia que continuava comigo uma conversação já entabulada.

— Olhe — continuou ele — como acorda sob as carícias do sol! Vai viver sua existência diurna. Observar o funcionamento de seu organismo é um estudo constante. Tem pulso, artérias, sofre espasmos e tem circulação tão real quanto a circulação sanguínea nos animais.

Era pacífico que o capitão Nemo não esperava de mim resposta alguma. Por isso, pareceu-me inútil interrompê-lo com os *é claro*, *certamente*, *tem razão*. Falava talvez para si mesmo, com longos intervalos entre as frases. Era evidentemente meditação em voz alta.

— Sim — prosseguiu —, o oceano tem uma verdadeira circulação, e para provocá-la basta ao Criador multiplicar o calórico, o sal e os animálculos. O calórico, realmente, cria densidades diferentes, que acarretam as correntes e as contracorrentes. A evaporação, nula nas regiões hiperbóreas, ativíssima na zona equatorial, origina uma troca permanente entre as águas tropicais e as águas polares. Além disso, surpreendi correntes de cima para baixo e de baixo para cima, que constituem a verdadeira respiração do oceano. Vi a molécula de água do mar, aquecida na superfície, voltar à superfície. O senhor verá nos polos

consequências desse fenômeno e compreenderá por que, em virtude dessa lei da previdente natureza, o congelamento só se pode verificar na superfície das águas.

Durante o tempo em que o capitão Nemo falava, eu dizia a meus botões: “O polo! Será que esse audacioso pretende levar-nos até o polo?”

Entretanto, o capitão calara-se e contemplava aquele elemento tão completo e incessantemente estudado por ele. Depois continuou:

— Os sais existem em tal proporção no mar que se extraíssemos todos os que estão nele conseguiríamos massa de 4,5 milhões de léguas cúbicas, a qual, se fosse espalhada sobre o globo, formaria uma camada de dez metros de altura. E a presença desses sais não é devido a um capricho da natureza. Eles tornam as águas marinhas menos evaporáveis e impedem os ventos de carregarem maior quantidade de vapores, que, quando se condensassem, submergiriam às zonas temperadas. Papel imprescindível, papel de ponderador na economia geral do globo!

O capitão Nemo calou-se, ergueu-se, deu alguns passos na plataforma e continuou em minha direção:

— Quanto aos infusórios, quanto a esses milhões de animais microscópicos, que existem aos milhares numa gota d’água e dos quais oitocentos mil pesam um miligrama, o seu papel não é menos importante. Absorvem os sais marinhos, assimilam os elementos sólidos da água e, verdadeiros construtores de continentes calcários, produzem corais e madréporas. E a gota d’água, privada de seu elemento mineral, mais leve, volta à superfície, absorvendo, os sais residuais da evaporação. Torna-se, outra vez, mais pesada e volta a levar aos animálculos novos elementos para que eles os absorvam. Assim se forma um duplo movimento ascendente e descendente. Movimento perene, vida constante! Vida mais intensa que nos continentes, mais exuberante, infinita, expandindo-se por todo o oceano. Princípio de morte para o homem, conforme disse alguém. Princípio de vida para miríades de animais. E para mim!

Enquanto falava, o capitão Nemo foi ficando transfigurado e provocou em mim profunda emoção.

— Por isso — acrescentou —, aqui está a verdadeira existência. Por isso, admito que se venham a fundar cidades náuticas, formadas pela reunião de casas submarinas que, como o *Náutilo*, venham todas as manhãs respirar na superfície

dos mares. Cidades inteiramente livres, cidades independentes! E, mesmo assim, quem sabe se algum déspota…

Num gesto violento concluiu a última frase. Depois, dirigindo-se diretamente a mim, como quem quisesse fugir de terrível pensamento:

— Sr. Aronnax, sabe qual é a profundidade do oceano?

— Sei, pelo menos, o que as principais sondagens nos revelaram.

— Diga-me o que sabe e, se for preciso, farei as retificações necessárias.

— Assim de memória, se não me engano, encontraram a profundidade de 8.200 metros no Atlântico norte e de 2.500 metros no Mediterrâneo. As mais notáveis sondagens foram feitas no Atlântico sul, nas proximidades do grau 35, e registraram 12 mil metros, 14.091 metros e 15.149 metros. Em suma, calcula-se que se o fundo do mar fosse nivelado sua profundidade média seria de cerca de sete mil metros.

— Muito bem, professor. Espero mostrar-lhe, mais e melhor. Quanto à profundidade média desta região do Pacífico, pode estar certo de que é de quatro mil metros.

Feita essa afirmação, o capitão Nemo dirigiu-se à escotilha e desceu a escada. Eu o imitei, voltando ao salão. A hélice foi posta em movimento e a barquilha indicou vinte milhas por hora.

Durante as semanas seguintes, poucas vezes vi o capitão Nemo. As suas aparições eram espaçadas. O imediato calculava regularmente a posição, que eu encontrava assinalada no mapa, podendo assim seguir com exatidão a rota do *Náutilo*. Conselho e Ned passavam muitas horas em minha companhia. Conselho contara ao amigo as maravilhas de nosso passeio e o canadense arrependeu-se de não haver nos acompanhado. Contudo, eu estava certo de que outras ocasiões surgiriam e ainda visitaríamos outras florestas oceânicas.

Quase todos os dias, durante algumas horas, abriam-se as escotilhas do salão e nossos olhos não se cansavam de contemplar os mistérios do mundo submarino.

O *Náutilo* seguia o rumo geral sudeste conservando-se à profundidade de cem a 150 metros. Um dia, contudo, não sei por que capricho, levado diagonalmente por meio dos seus planos inclinados, desceu às camadas da água que ficam a dois mil metros. O termômetro marcava 4ºC, temperatura que parece ser comum a todas as latitudes em tal profundidade.

A 26 de novembro, às três da madrugada, o *Náutilo* atravessou o trópico de Câncer, a 172 graus de longitude. No dia 27, estava à vista das Sandwich, nas quais o famoso Cook encontrou a morte, a 14 de fevereiro de 1779. Navegáramos 4.860 léguas desde o nosso ponto de partida. Na manhã seguinte, quando cheguei à plataforma, avistei o Havaí, cerca de duas milhas a sota-vento, a mais importante das sete ilhas que formam o arquipélago do mesmo nome. Distingui perfeitamente a faixa costeira cultivada, as diversas cadeias de montanhas que correm paralelas ao litoral e vulcões, entre os quais avulta o Mauna Kea, cinco mil metros acima do nível do mar. Entre outros exemplares, as redes colheram flabelárias-pavonadas e pólipos compactos de linhas graciosas, peculiares daquela região do Pacífico.

O rumo do *Náutilo* conservou-se na direção sudeste. A 1º de dezembro atravessamos o equador e, a 4 do mesmo mês, numa travessia sem incidentes, surgimos ao largo das Marquesas. A três milhas, avistei a ponta Martim, de Nuku Hiva, ilha mais importante daquele arquipélago, pertencente à França. Dela apenas pude ver as montanhas cobertas de florestas, porque o capitão Nemo não gostava da proximidade de terra firme.

Depois de deixar para trás essas ilhas encantadoras, de 4 a 11 de dezembro percorreu o *Náutilo* cerca de duas mil milhas. Nosso percurso foi, então, assinalado pelo encontro de um enorme cardume de lulas, curiosos moluscos, muito parecidos com a siba. Pertencem à classe dos cefalópodes e à família dos dibrânquios, que compreende ainda as sibas e os argonautas. O encontro do cardume deu-se na noite de 9 para 10 de dezembro, porque esses moluscos são noturnos. Poder-se-iam contar milhões. Emigravam das zonas temperadas para zonas mais quentes, seguindo o itinerário dos arenques e das sardinhas. Nós os contemplávamos através das grossas vidraças de cristal, nadando aos recuos com extraordinária rapidez, movendo-se por meio de tubo locomotor, perseguindo peixes e moluscos, comendo os menores, sendo devorados pelos maiores e agitando, em confusão indescritível, os dez pés que a natureza lhes implantou na cabeça, como se fossem cabeleiras de serpentes pneumáticas. O *Náutilo*, malgrado sua velocidade, navegou durante várias horas no meio do cardume e suas redes colheram grande quantidade deles.

Como vemos, o mar prodigalizava-nos magníficos espetáculos durante aquela travessia. Ele os variava ao infinito. Mudava o cenário, alterava a encenação e,

para a alegria de nossos olhos, éramos chamados não só a contemplar as obras do Criador no seio do elemento líquido, mas ainda a desvendar os mais temíveis mistérios do oceano.

No correr do dia 11 de dezembro, eu lia no salão. Ned Land e Conselho observavam as águas luminosas pelas escotilhas entreabertas. O *Náutilo* estava parado. Com os reservatórios cheios, mantinha-se a mil metros de profundidade. Inesperadamente, fui interrompido em minha leitura por Conselho.

— O senhor pode fazer o favor de vir até aqui por um instante? — perguntou-me com um tom de voz esquisito.

— Que está acontecendo, Conselho?

— Por favor, venha ver.

Levantei-me, fui até à vidraça e olhei.

Iluminada pelo jato de luz elétrica, uma enorme massa escura, imóvel, mantinha-se suspensa no seio das águas. Observei atentamente, procurando reconhecer a que espécie pertencia aquele gigantesco cetáceo. Mas uma ideia atravessou-me de súbito o espírito.

— Um navio! — exclamei.

— Exatamente — confirmou Ned —, é um navio desarvorado que foi a pique.

Ned Land não se enganava. Estávamos diante de um navio, cujos ovéns cortados pendiam ainda das respectivas cadeias. O casco parecia em bom estado e o naufrágio certamente se dera havia poucas horas. Três pedaços de mastros indicavam que o navio, perseguido pela tempestade, vira-se obrigado a sacrificar a mastreação. Mas, deitado sobre o flanco, enchera-se, e ali estava ainda inclinado para bombordo. Triste espetáculo, o daquela carcaça perdida sob as ondas. Porém, mais triste ainda era a vista do convés, onde ainda jaziam alguns cadáveres amarrados com cordas… Contei quatro — quatro homens, dos quais um permanecia de pé junto ao leme — e, além, um de mulher com meio corpo fora da claraboia do tombadilho, segurando uma criança nos braços. Era ainda muito jovem. A atitude dos quatro marinheiros pareceu-me aterradora, retorcidos como estavam pelos movimentos convulsivos que haviam feito para romperem as cordas que os amarravam ao navio. Apenas o timoneiro, mais tranquilo, o semblante sisudo, os cabelos grisalhos colados à testa, a mão crispada na roda do leme, parecia continuar a dirigir o seu navio, através das profundezas do oceano.

Que espetáculo! Emudecêramos, o coração palpitante, frente ao flagrante daquela tragédia, por assim dizer fotografada no último instante! E eu via já avançarem, olhar incandescente, enormes esqualos, atraídos por aquela isca de carne humana!

Entretanto, o *Náutilo*, manobrando, contornou o navio submerso e durante um momento pude ler a ré:

FLÓRIDA — SUNDERLAND.

19
Vanikoro

Aquele terrível espetáculo iniciava a série de catástrofes marítimas que o *Náutilo* iria encontrar em sua rota. Desde que começou a percorrer mares mais frequentados, avistamos constantemente cascos naufragados que apodreciam entre duas águas e, a maior profundidade, canhões, granadas, âncoras, correntes e milhares de outros objetos de ferro que a ferrugem devorava.

Entretanto, levados por aquele submarino, a bordo do qual vivíamos quase isolados, a 11 de dezembro avistamos o arquipélago Pomotu, que se estende por cerca de 150 léguas de és-sudeste para oeste-nordeste, da ilha Ducie até a ilha Lazarefe, e que cobre uma superfície de 370 léguas quadradas e compreende cerca de sessenta grupos de ilhas coralígenas. A elevação do solo, lenta mas contínua, provocada pelo trabalho dos pólipos, acabará por reuni-los algum dia. Essa nova ilha irá soldar-se mais tarde aos arquipélagos vizinhos e um sexto continente estender-se-á da Nova Zelândia e da Nova Caledônia até as Marquesas.

No dia em que expus essa teoria ao capitão Nemo, ele me respondeu secamente:

— A terra não precisa de novos continentes, mas de novos homens.

Os azares da navegação haviam levado o *Náutilo* exatamente em direção à ilha de Clermonta Trovão, uma das mais curiosas do grupo, descoberta pelo capitão Bell, em 1822. Ali pude estudar o sistema madrepórico de que se originam as ilhas daquele oceano.

As madréporas, que não devemos confundir com os corais, são revestidas por crosta calcária. O polipeiro é segregado pelos bilhões de animaizinhos que vivem no interior de suas células. São os seus depósitos calcários que se

convertem em rochedos, recifes, ilhotas, ilhas. Ora formam um anel circular, cingindo uma laguna que se comunica com o mar por alguma brecha, ora erguem penedias semelhantes às que existem no litoral da Nova Caledônia e em várias ilhas do arquipélago de Pomutu. Noutros lugares, como nas ilhas de Reunião e Maurício, constroem recifes rendilhados, altas muralhas a pique, na proximidade das quais o oceano atinge profundidades excepcionais.

Ao longo das escarpadas costas de Clermonta Trovão, pude admirar a obra gigantesca realizada por esses operários microscópicos. Aquelas muralhas eram obra dos madreporários conhecidos pelo nome de milíporas, poritos, astreias e meandrinas. Pólipos que vivem de preferência nas camadas agitadas da superfície do mar, ali construindo alicerces que vão afundando pouco a pouco com os restos das secreções que os sustêm.

Consegui observar de bem perto essas interessantes muralhas, porque junto a elas a sonda acusou mais de trezentos metros de profundidade e nossos faróis elétricos faziam cintilar o seu brilhante calcário. Respondendo à pergunta de Conselho, causei-lhe enorme espanto ao dizer que os cientistas avaliam em um oitavo de polegada por século o crescimento daqueles diques formidáveis. Ele não se conteve:

— Portanto, para erguer esta muralha, foram precisos…

— Cento e noventa e dois mil anos, meu caro Conselho, o que torna bem mais longos os dias bíblicos. Aliás, a formação da hulha, isto é, da mineralização das florestas inundadas pela lama dos dilúvios, exigiu lapso de tempo ainda maior. Quero, entretanto, acrescentar que os dias na Bíblia são épocas, e não o intervalo compreendido entre dois nascimentos consecutivos do sol, mesmo porque, segundo a Bíblia, o sol não foi criado no primeiro dia da criação.

Quando o *Náutilo* voltou à superfície, pude descortinar a ilha de Clermonta Trovão em toda a sua extensão, baixa e coberta de matas. As rochas madrepóricas foram certamente fertilizadas pelas trombas-d’água e pelas tempestades. Certo dia, alguma semente, roubada às terras próximas pelo furação, caiu sobre as camadas calcárias, misturadas aos detritos em decomposição dos peixes e das plantas marinhas que se haviam transformado em húmus vegetal. Um coco, levado pelas vagas, foi arrojado ao novo litoral. A semente germinou e ganhou raízes. A árvore, crescendo, fixou o vapor d’água. O regato nasceu. A vegetação conquistou-a pouco a pouco. Alguns animaizinhos,

vermes, insetos, aportaram em troncos arrancados das ilhas vizinhas pelo vento. As tartarugas vieram pôr seus ovos. As aves fizeram ninhos nas novas árvores. Assim se desenvolveu a vida animal e, atraído pela verdura e pela fertilidade, surgiu o homem. Essa é a história daquelas ilhas, obra imensa de animais microscópicos.

Ao cair da tarde, Clermonta Trovão apagou-se na distância e a rota do *Náutilo* sofreu sensível modificação. Depois de tocar o trópico de Capricórnio pela altura de 135 graus de longitude, embicou para oeste-noroeste, voltando a cortar toda a zona intertropical. Embora o sol de verão não economizasse seus raios, nada sofremos com o calor, porque a trinta ou quarenta metros abaixo da superfície a temperatura não se elevava a mais de dez ou doze graus.

A 15 de dezembro, deixamos a leste o sedutor arquipélago de Sociedade e a graciosa Taiti, rainha do Pacífico. Pela manhã, avistei a algumas milhas a sota-vento os elevados picos dessa ilha. Suas águas forneceram ao cardápio de bordo excelentes peixes.

O *Náutilo* já percorrera 8.100 milhas. Nove mil e setecentas e vinte milhas registrava a barquilha quando passamos entre os arquipélagos de Tonga Tabu e dos Navegantes. A seguir, avistamos o arquipélago de Viti, descoberto por Tasman, em 1643, exatamente no mesmo ano em que Torriceli inventava o barômetro. Pouco mais tarde, o *Náutilo* aproximou-se da baía de Nailea, teatro das terríveis aventuras do capitão Dillon, primeiro a lançar alguma luz sobre o mistério do naufrágio de La Pérouse.

Essa baía, dragada repetidas vezes pelas redes de arrasto, forneceu-nos enorme quantidade de excelentes ostras. Nós as comemos a fartar, depois de as abrirmos em nossa própria mesa, segundo o conselho de Sêneca.

Se mestre Land não se arrependeu de sua glutoneria naquela ocasião, foi porque a ostra é a única iguaria que não provoca indigestão. Realmente, são necessárias pelo menos 16 dúzias desses moluscos acéfalos para produzir os 315 gramas de substância azotada de que precisa por dia um homem.

A 25 de dezembro, o *Náutilo* navegava através do arquipélago das Novas Hébridas, que Queirós descobriu em 1606, Bougainville explorou em 1768 e a que Cook deu o nome atual em 1773. O grupo compõe-se principalmente de nove grandes ilhas e forma faixa de 120 léguas de nor-nordeste a su-sudeste.

Passamos bem perto da ilha de Aurou, que, na hora da observação, ao meio-dia, pareceu-me massa de bosques verdes, coroada por um pico de grande altura.

Era dia de Natal, e Ned Land deu mostras de lamentar sentidamente a sua ausência na celebração dessa festa de família. Havia oito dias não via o capitão Nemo quando ele entrou no salão com ar de quem dali se houvesse ausentado apenas cinco minutos. Eu procurava seguir no planisfério a rota do *Náutilo.* O capitão aproximou-se, apontou com o dedo certo ponto do mapa e disse apenas esta palavra:

— Vanikoro.

O efeito foi mágico. Era o nome das ilhotas entre as quais se haviam perdido os navios de La Pérouse. Ergui-me imediatamente e perguntei:

— O *Náutilo* leva-nos a Vanikoro?

— Sim, senhor professor.

— E poderei visitar as célebres ilhas onde se despedaçaram a *Bússola* e a *Astrolábio*?

— Se o desejar.

— Quando chegaremos a Vanikoro?

— Já chegamos.

Seguido pelo capitão, subi à plataforma, e de lá meus olhos percorreram o horizonte com avidez. A nordeste emergiam duas ilhas vulcânicas de tamanho desigual, rodeadas por um recife de coral de quarenta milhas de circunferência. Estávamos frente à ilha Vanikoro propriamente dita, a que Dumont d'Urville impusera o nome de ilha da Busca. As terras pareciam cobertas de verdura desde a praia até os picos interiores, cujo ponto culminante é o monte Capogo, a mil metros acima do nível do mar. O *Náutilo*, depois de ultrapassar a cintura exterior por uma barra estreitíssima, viu-se no interior do quebra-mar, onde a profundidade era de 68 metros. Sob a verdejante sombra dos mangues, avistei alguns selvagens, que não conseguiram encobrir a enorme surpresa que lhe causava nossa aproximação. Naquele comprido corpo escuro, que avançava à flor d'água, certamente veriam algum descomunal cetáceo que deviam temer.

Naquele momento, perguntou-me o capitão Nemo o que eu sabia sobre o naufrágio de La Pérouse.

— O que todos sabem — respondi-lhe.

— E o senhor poderia dizer-me o que todos sabem? — perguntou com leve ironia na voz.

— Perfeitamente.

Contei-lhe, então, as conclusões a que chegara Dumont d'Urville em seu último trabalho e que passo a resumir sucintamente:

La Pérouse e seu imediato, o capitão Langle, foram designados por Luís XVI, em 1785, para realizar uma viagem de circum-navegação. Partiram nas corvetas *Bússola* e *Astrolábio*, que nunca mais regressaram. Em 1791, o governo francês, preocupado com a sorte das duas corvetas, armou duas grandes fustas, a *Busca* e a *Esperança*, que saíram de Bresta a 28 de setembro, sob o comando de Bruni d'Entrecasteaux. Dois meses depois, o depoimento de um tal Bowen dava a conhecer ao comandante da *Albermale* que destroços de navios franceses naufragados haviam sido vistos no litoral da Nova Geórgia. Mas Entrecasteaux, que ignorava essa notícia, aliás muito incerta, dirigiu-se às ilhas do Almirantado, designadas num relatório do capitão Hunter como local do naufrágio de La Pérouse.

As suas pesquisas foram infrutíferas. A *Esperança* e a *Busca* chegaram a passar ao largo de Vanikoro sem ao menos tocarem na ilha. Enfim, a viagem foi infelicíssima, porque custou a vida de Entrecasteaux, de seus dois imediatos e de vários marinheiros. Foi um velho conhecedor do Pacífico, o capitão Dillon, quem primeiro encontrou vestígios indiscutíveis dos náufragos. A 15 de maio de 1824, o seu navio, o *São Patrício*, passou nas proximidades da ilha de Ticópia, uma das Novas Hebraicas. Ali, um indígena, abordando-o numa piroga, vendeu-lhe o punho de uma espada de prata que ainda tinha vestígios de caracteres gravados a buril. O mesmo indígena afirmou ainda que seis anos antes, durante sua estada em Vanikoro, vira dois europeus que pertenciam a navios encalhados havia muitos anos nos recifes da ilha.

Dillon adivinhou que se tratava do navio de La Pérouse, cujo desaparecimento comovera o mundo inteiro. Tentou dirigir-se a Vanikoro, onde, segundo o indígena, encontravam-se ainda muitos destroços do naufrágio. Os ventos e as correntes impediram-no de realizar o intento. Dillon voltou a Calcutá. Lá conseguiu despertar o interesse da Sociedade Asiática e da Companhia das Índias para sua descoberta. Um navio a que também deram o nome de *Busca* foi posto à sua disposição e ele partiu a 27 de janeiro de 1827,

acompanhado de um policial francês. O *Busca*, depois de arribar em vários portos do Pacífico, fundeou frente a Vanikoro em 7 de julho de 1827. Ali, Dillon recolheu numerosos restos do naufrágio, utensílios de ferro, âncoras, suportes de polias, uma granada, restos de instrumentos de astronomia, roda da proa e um sino de bronze. Não era mais possível duvidar. Dillon, para completar as suas investigações, permaneceu no local do sinistro até o mês de outubro. Em seguida, partiu de Vanikoro, dirigiu-se para a Nova Zelândia e fundeou em Calcutá a 7 de abril de 1828, e regressou à França, onde foi muito bem acolhido por Carlos X.

Naquela data, porém, Dumont d'Urville, que nada sabia dos trabalhos de Dillon, já partira para procurar noutro ponto o teatro do naufrágio. Realmente, o relatório de um baleeiro dera a conhecer que medalhas e uma cruz de São Luís se encontravam entre as mãos de um selvagem da Luisiana e da Nova Caledônia.

Dumont d'Urville, comandando a *Astrolábio*, fizera-se ao mar, e dois meses depois que Dillon partira de Vanikoro fundeava ele frente a Hobart-Town, onde soube dos resultados alcançados por Dillon. Além disso, também foi informado de que um tal Jaime Hobbs, imediato da *União*, de Calcutá, havendo aportado numa ilha a oito graus e 18 minutos de latitude sul e 156 graus e trinta minutos de longitude este, notara barras de ferro e tecidos vermelhos de que se serviam os naturais da ilha. Dumont d'Urville, bastante perplexo e sem saber se devia acreditar nesses fatos relatados por jornais pouco dignos de confiança, decidiu-se, contudo, a seguir as pegadas de Dillon. A 10 de fevereiro de 1828, a *Astrolábio* surgiu diante de Ticópia, conseguiu como guia e intérprete um desertor que se estabelecera nessa ilha e dirigiu-se a Vanikoro, avistando-a a 12 de fevereiro. Bordejou os seus recifes até o dia 14 e somente a 20 conseguiu vencer a barreira de coral e fundear no porto de Vanu.

A 23, alguns oficiais percorreram a ilha e encontraram alguns destroços pouco importantes. Os indígenas, adotando procedimento de evasivas e negaças, recusavam-se a mostrar-lhes o local do sinistro. Esse procedimento equívoco deu a entender que eles haviam maltratado os náufragos e temiam que Dumont d'Urville os tivesse vindo vingar. Todavia, a 26, levados por presentes e percebendo que nenhuma represália tinham a temer, guiaram o imediato Jacquinot ao local do naufrágio. Lá, a uma profundidade de seis ou oito metros, entre os recifes Pacu e Vanu, jaziam âncoras, canhões, barras de ferro e chumbo,

misturados nas concreções calcárias. A chalupa e a baleeira da *Astrolábio* dirigiram-se imediatamente àquele ponto e seus tripulantes a muito custo conseguiram retirar uma âncora de novecentos quilos de peso, um canhão de oito polegadas, uma barra de chumbo e outros objetos. Dumont d'Urville, interrogando os naturais, conseguiu saber que La Pérouse, depois de perder os seus dois navios nos recifes da ilha, construíra outro menor, para ir perder-se pela segunda vez. Onde? Ninguém sabia. O comandante da *Astrolábio* mandou, então, construir sob a copa de rizóferas um cenotáfio dedicado à memória do célebre navegante e de seus companheiros. O monumento consistia em simples pirâmide quadrangular, repousando sobre uma base de corais em que não entrou qualquer espécie de ferragem que pudesse tentar a cobiça dos nativos. Em seguida, Dumont d'Urville desejou partir. Sua tripulação, porém, estava combalida pelas febres daquelas costas insalubres e ele próprio estava gravemente enfermo, de modo que só a 17 de março pôde aparelhar. Nesse ínterim, o governo francês, temendo que Dumont d'Urville ignorasse os trabalhos de Dillon, enviara a Vanikoro a corveta *Baionesa*, comandada por Legearan de Tremelin, que estava estacionada na costa ocidental dos Estados Unidos. A *Baionesa* fundeou diante de Vanikoro, alguns meses depois da partida da *Astrolábio*, e não encontrou novos documentos, mas verificou que os selvagens haviam respeitado o mausoléu de La Pérouse.

Tal foi, em resumo, a narração que fiz ao capitão Nemo.

— Então — perguntou-me ele — não se sabe ainda onde foi perder-se o terceiro navio construído pelos náufragos da ilha de Vanikoro?

— Ninguém sabe.

O capitão Nemo nada disse, mas fez-me um sinal, convidando-me a segui-lo ao salão. O *Náutilo* imergiu alguns metros e as escotilhas abriram-se. Precipitei-me em direção à vidraça, e sob revestimentos de corais, entre miríades de peixes, descobri destroços que as redes não haviam conseguido arrancar: estribos de ferro, âncoras, canhões, granadas, uma guarnição de cabrestante, uma roda de proa, restos dos navios naufragados, agora cobertos de flores vivas.

Enquanto eu contemplava aquelas ruínas desoladoras, o capitão Nemo, com voz grave, contou-me o seguinte:

— O comandante La Pérouse partiu a 7 de dezembro de 1785, com sua corveta *Bússola*, que ia à frente, e encalhou na costa meridional. A *Astrolábio* foi

socorrê-la e acabou encalhada também. A primeira destruiu-se quase imediatamente. A segunda, encalhada a sota-vento, resistiu por alguns dias. Os indígenas receberam bem os náufragos, que se instalaram na ilha e construíram uma embarcação menor com os destroços das duas outras. Alguns marinheiros ficaram voluntariamente em Vanikoro. Outros, debilitados e doentes, partiram com La Pérouse. Dirigiram-se às ilhas Salomão e lá se perderam completamente, na costa ocidental da ilha principal do grupo, entre os cabos Decepção e Satisfação.

— Como conseguiu sabê-lo, capitão?

— Eis o que achei exatamente no local do último naufrágio.

Mostrou-me, então, uma lata de folha de flandres, selada com as armas da França e completamente corroída pela água salgada. Abriu-a, e dentro dela vi um maço de papéis amarelados, mas ainda legíveis. Eram instruções do ministro da Marinha ao comandante La Pérouse, anotadas à margem pelo próprio punho de Luís XVI.

— Que bela morte para um marinheiro! — exclamou o capitão Nemo. — Mais tranquila que a sua tumba de coral, nenhuma outra existe! Oxalá possamos, meus companheiros e eu, repousar numa igual!

20
O estreito de Torres

Durante a noite de 27 para 28 de dezembro, o *Náutilo* abandonou as paragens de Vanikoro em grande velocidade. Seguia em direção a sudoeste e, em três dias, percorreu as 750 léguas que separam o grupo de La Pérouse da ponta sudoeste da Papuásia.

A 1º de janeiro de 1863, bem cedinho, Conselho veio a meu encontro na plataforma:

— Peço licença ao senhor para desejar-lhe feliz ano-novo.

— Ora essa, Conselho… parece que estás no meu gabinete do Jardim Botânico em Paris! Aceito os teus votos e os retribuo. Mas gostaria de saber o que julgas *feliz ano-novo* nas circunstâncias em que nos encontramos. Será feliz o ano que traga o fim de nosso cativeiro, ou aquele que permita a continuação dessa esquisita viagem?

— Palavra de honra que não sei como escolher. A verdade é que nestes dois meses vimos coisas extraordinárias e não nos podemos queixar de ter tido um só minuto de tédio. A última maravilha é sempre a mais espantosa e, se essa progressão continuar, não sei como isto irá acabar. Sou de opinião que nunca mais teremos ocasião semelhante.

— É evidente que não.

— Além disso, o sr. Nemo, que justifica perfeitamente o seu nome latino, constrange-nos tão pouco que é como se não existisse.

— Isso é verdade.

— Portanto, acho que um feliz ano-novo seria o que nos permitisse tudo ver.

— Ver tudo, Conselho? Talvez seja pedir muito. Qual a opinião de Ned Land?

— Exatamente o contrário da minha. Ele é um espírito objetivo e um estômago exigente. Ver os peixes e comê-los todos os dias não é suficiente para ele. A falta de pão, carne e vinho não é bom para um saxão acostumado aos bifes e a quem o gim e a aguardente não metem medo.

— De minha parte, não é isso que me faz falta e me dou muito bem com o regime de bordo.

— Eu também. Por isso, tenho tanta vontade de ficar quanto Ned Land de fugir. Portanto, se o ano que hoje começa não for bom para mim, será bom para ele, e vice-versa. Assim um de nós dois ficará satisfeito. Enfim, desejo ao senhor tudo quanto lhe possa causar satisfação.

— Muito obrigado, Conselho. Somente peço-te que deixes para depois o presente de ano-novo e o substitua, por hoje, por um bom aperto de mão. É a única coisa de que disponho.

— Nunca o senhor foi mais generoso.

E, assim falando, retirou-se.

A 2 de janeiro, tínhamos percorrido 11.340 milhas, isto é, 5.250 léguas, a contar de nosso ponto de partida no mar do Japão. Diante do esporão do *Náutilo* estendiam-se as perigosas paragens do mar de Coral, na costa nordeste da Austrália. Nosso barco perlongava, à distância de algumas milhas, o temível banco, onde os navios de Cook quase se perderam a 10 de junho de 1770. O barco que Cook comandava chocou-se contra um rochedo, e se não soçobrou foi apenas graças ao fato de ter o pedaço de coral, arrancado pelo choque, ficado encravado no casco.

Eu tinha grande vontade de visitar aquele recife de 360 léguas de comprimento, contra o qual o mar sempre revolto se quebrava com formidável violência, comparável aos ribombos do trovão. Mas os planos inclinados do *Náutilo* levaram-nos a grande profundidade e nada pude ver daquelas altas muralhas coralígenas. Fui obrigado a contentar-me com alguns exemplares de peixes apanhados pelas redes e com a visão de belas algas flutuantes.

Dois dias depois da travessia do mar de Coral, avistamos a Papuásia. O capitão Nemo informou-me, então, que sua intenção era alcançar o oceano Índico, passando pelo estreito de Torres. A comunicação limitou-se a isso. Ned viu com satisfação que tal reta o aproximava dos mares europeus.

O estreito de Torres, considerado perigoso não só pelos abrolhos que eriçam as suas águas, como pelos selvagens que habitam nas costas, separa a Nova Holanda da grande ilha da Papuásia, também conhecida como Nova Guiné.

A Papuásia tem quatrocentas léguas de comprimento por 130 de largura e superfície de quarenta mil léguas geográficas. Ao meio-dia, enquanto o imediato tomava a altura do sol, avistei os cumes dos montes Arfals erguendo-se em platôs sucessivos e culminando em picos agudos. Essa ilha, descoberta em 1511 pelo português Francisco Serrano, foi sucessivamente visitada por José de Meneses em 1526, por Grijalva em 1527, pelo general espanhol Alvear de Saavedra em 1528, por Inigo Ortez em 1545, pelo holandês Shouten em 1616, por Nicolau Aruik em 1723, por Tasman e por muitos outros.

O *Náutilo* alcançou a entrada do mais perigoso estreito do mundo. Os navegantes mais audaciosos mal pensam em atravessá-lo. O próprio *Náutilo*, indiferente a todos os perigos do mar, iria ali travar conhecimento com os recifes de coral.

O estreito de Torres mede quase 34 léguas de comprimento, mas é atravancado por uma enorme quantidade de ilhas, ilhotas, cachopos, abrolhos, que tornam a navegação quase impraticável. Por isso, o capitão Nemo tomou todas as precauções necessárias para vencê-lo. O submarino, flutuante à flor d’água, navegava a velocidade reduzida. A hélice, como cauda de cetáceo, batia as ondas vagarosamente. Aproveitando-nos desse fato, meus dois companheiros e eu havíamos subido para a plataforma deserta. Diante de nós elevava-se a cabina do timoneiro, e tive quase certeza de que era o próprio capitão Nemo que dirigia pessoalmente o seu *Náutilo.*

Em redor do submarino, o mar escacheava enfurecido. A corrente marítima ia quebrar-se nos bancos de coral, cujas cristas emergiam de vez em quando.

— Péssimo mar — disse-me Ned Land.

— Realmente detestável e muito pouco propício a uma embarcação como o *Náutilo*.

— É preciso que esse maldito capitão conheça minuciosamente a sua rota, porque ali adiante vejo recifes de coral que reduziriam o nosso casco a frangalhos se roçassem nele.

De fato, a situação era perigosa mas o *Náutilo* parecia deslizar, como por magia, por entre aqueles ameaçadores recifes. Não seguia exatamente a reta da

Astrolábio e da *Zelosa* que foi fatal a Dumont d'Urville. Tomou rota mais ao norte, costeou a ilha Murray e voltou-se para o sudoeste, em direção à passagem de Cumberlândia. Pensei que ele fosse penetrar nela quando, subindo para noroeste, dirigiu-se através de grande quantidade de ilhas e ilhotas pouco conhecidas, rumo à ilha Tound e o canal Mau. Perguntei a meus botões se o capitão Nemo, imprudente até a loucura, queria arriscar o seu navio naquele canal em que encalharam as duas corvetas de Dumont d'Urville quando, modificando pela segunda vez a rota e cortando em linha reta para oeste, dirigiu-se rumo à ilha Gueborear.

Eram três horas da tarde. A vaga se quebrava, a maré estava quase cheia. O *Náutilo* aproximou-se de Gueborear, cuja praia ainda me parece estar vendo. Nós a costeávamos a menos de duas milhas. De repente, um choque atirou-me à plataforma. O submarino batera num recife e permaneceu imóvel, com pequena inclinação para bombordo.

Quando me ergui, vi na plataforma o capitão Nemo e o imediato. Examinavam a posição do navio e trocavam algumas palavras em seu incompreensível idioma.

Eis a nossa situação. A duas milhas a estibordo, avistava-se a ilha de Gueborear, cujas costas arredondavam do norte para oeste, como enorme braço. Em direção ao sul e a leste já se viam alguns cachopos que a maré vazante deixava a descoberto. Tínhamos encalhado em cheio, num mar em que as marés são diminutas, circunstância desfavorável ao desencalhe. Apesar disso, o casco submarino era tão sólido que nada sofrera. Mas se não podia ir a pique nem despedaçar-se, estava bem arriscado a ficar para sempre encalhado naqueles bancos.

Eram essas as minhas reflexões quando o capitão, com toda a calma, inteiramente senhor de si, não parecendo nem ao menos contrariado, aproximou-se.

— Um acidente? — perguntei-lhe.

— Não, apenas um incidente.

— Entretanto, um incidente que, talvez, o obrigue a habitar de novo esta terra que tanto odeia.

O capitão Nemo encarou-me de modo bastante singular e fez um gesto negativo. Era o bastante para dizer-me que nada obrigaria a repor os pés sobre

um continente. Depois falou:

— Aliás, senhor Aronnax, o *Náutilo* não está correndo qualquer risco. Ele o levará ainda ao seio das maravilhas do oceano. A nossa viagem apenas começou, e não desejo privar-me tão cedo de sua companhia.

— Contudo — respondi sem dar importância ao tom irônico da resposta do capitão Nemo —, o *Náutilo* encalhou no momento da preamar. Ora, as marés não são fortes no Pacífico e, se o senhor não puder alijar lastro, o que me parece impossível, não vejo como poderá safar-se.

— O senhor tem razão, as marés não são fortes no Pacífico, mas no estreito de Torres ainda há diferença de um metro entre as marés altas e as baixas. Hoje é 4 de janeiro, logo daqui a cinco dias será lua cheia. Ora, eu ficaria muito admirado se o nosso bondoso satélite não atraísse massa de água suficiente para prestar-me um favor que desejo dever apenas a ele.

Acabando de falar, o capitão Nemo, seguido do imediato, voltou ao interior do submarino. Quanto ao navio, nem se mexia, como se os pólipos coralígenos já o houvessem incorporado ao seu indestrutível cimento.

— E agora, sr. Aronnax? — perguntou-me Ned Land, assim que o capitão se ausentou.

— Agora, amigo Ned, esperaremos tranquilamente o dia 9, quando a lua terá a bondade de fazer-nos flutuar.

— Apenas isso?

— Apenas isso.

— O capitão não vai fundear as âncoras ao largo, engrenar a máquina na corrente delas e empregar todos os esforços possíveis para desencalhar?

— Mas se a maré é suficiente! — interveio Conselho.

O canadense fitou o criado, depois deu de ombros. Em seguida, disse-me:

— Pode crer no que lhe digo, professor. Este pedaço de ferro nunca mais navegará nem por cima nem por baixo das águas. Só serve para ser vendido como sucata. Acho, portanto, que chegou o momento de abandonar o capitão Nemo.

— Amigo Ned, não duvido, como você, da capacidade deste poderoso *Náutilo*, e em quatro dias saberemos o que pensar das marés do Pacífico. Aliás, a fuga poderia ser oportuna se estivéssemos à vista do litoral inglês ou das costas da Provença, mas na Papuásia a coisa muda muito de figura, e será sempre

tempo de recorrer a esse extremo se o submarino não tornar a flutuar, o que eu consideraria um fato da maior gravidade.

— Não haveremos nem de pisar o terreno? Ali está uma ilha. Naquela ilha há árvores. Debaixo daquelas árvores devem existir animais terrestres, portadores de bifes e costeletas em que daria de bom grado umas boas dentadas.

— Nisso o amigo Ned tem razão — disse Conselho —, e eu sou da mesma opinião. O senhor poderia pedir ao seu amigo capitão para nos mandar levar à terra, nem que fosse só para perder o hábito de pisar as partes sólidas de nosso planeta.

— Pedir posso, mas certamente ele recusará.

— Corra o risco da recusa e logo ficaremos sabendo o que pensar da amabilidade do capitão.

Com grande surpresa minha, o capitão Nemo concedeu-me a permissão que pedi e fê-lo com gentileza e solicitude, sem ao menos exigir de mim a promessa de que voltaria para bordo. Contudo, uma fuga através da Nova Guiné seria tão perigosa que não aconselharia Ned a tentá-la. Mais valia ser prisioneiro a bordo do *Náutilo* do que cair nas mãos dos papuas.

A lancha foi posta à nossa disposição na manhã seguinte. Não perguntei se o capitão Nemo iria conosco. Pensei mesmo que nenhum tripulante nos seria dado e que sobre Ned recairia o encargo de dirigir sozinho a embarcação. Aliás, a terra estava a apenas duas milhas, no máximo, e seria um brinquedo para o canadense guiar aquela leve lancha por entre os bancos de recifes tão fatais aos grandes navios.

No dia seguinte, 5 de janeiro, o bote foi retirado de seu alvéolo e lançado do alto da plataforma ao mar. Dois homens bastaram para a operação. Os remos estavam na embarcação e só nos faltava embarcar.

Às oito horas, armados de fuzis e de machados, largamos do *Náutilo*. O mar estava bastante calmo. Uma leve brisa soprava da terra. Conselho e eu remamos com toda a nossa força, enquanto Ned governava o barco por entre os estreitos canais que os cachopos deixavam entre si. O bote era de fácil manejo e deslizava velozmente. Ned não cabia em si de contente. Era prisioneiro escapo da prisão, que não se lembrava de que para ela teria de voltar.

— Carne! — exclamava. — Vamos comer carne. E que carne! De caça de verdade! Só nos falta pão! Não digo que peixe não seja gostoso, mas é preciso

não abusar dele, e um naco de carne fresca, grelhada sobre brasas, variará saborosamente nossa alimentação habitual.

— Guloso! — caçoava Conselho. — Estou com a boca cheia de água.

— Resta saber se há caça nestas florestas, ou se a caça aqui é de tal tamanho que seja ela quem cace os caçadores…

— Bom, senhor Aronnax, sou capaz de comer lombo de tigre, se não houver outro quadrúpede nesta ilha — respondeu-me o canadense, cujos dentes pareciam afiados como gume de machado.

— O amigo Ned mete medo na gente — brincou Conselho.

— Qualquer que seja, animal de quatro patas sem penas ou de duas patas com penas, será saudado com meu primeiro tiro.

— Bom, já recomeça mestre Land com suas imprudências — ponderei.

— Nada tema, sr. Aronnax, e reme firme! Daqui a 25 minutos espero poder oferecer-lhe um de meus petiscos.

Às oito e meia, o bote do *Náutilo* encalhava sobre a areia da praia, depois de haver transposto sem dificuldade o anel coralígeno que cerca a ilha de Gueborear.

21
Na floresta tropical

Fiquei profundamente comovido ao tocar em terra. Ned Land experimentou o solo com o pé, como quem toma posse. E havia apenas dois meses que éramos, segundo o eufemismo do capitão Nemo, passageiros do *Náutilo*, isto é, prisioneiros de seu comandante.

Em instantes, estávamos afastados da costa. O solo era quase inteiramente madrepórico. Contudo, alguns leitos secos de torrentes semeadas de restos graníticos demonstravam que a ilha resultara de formação primordial. O horizonte escondia-se por trás de admirável cortina de florestas. Árvores enormes, que chegavam a atingir sessenta metros de altura, ligavam-se entre si por grinaldas de lianas, verdadeiras redes naturais, balançadas pela leve brisa. Eram mimosas, fícus, casuarinas, tecas, hibiscos, palmeiras misturadas com profusão e, sob o abrigo da abóbada verdejante, ao pé do estipe gigantesco, cresciam as orquídeas, as leguminosas e os fetos.

Sem se importar com os belos exemplares da nora papua, o canadense abandonou o agradável pelo útil. Avistou um coqueiro, derrubou alguns cocos, quebrou-os e bebemos a água e comemos a polpa, com satisfação que protestava contra a alimentação habitual do *Náutilo.*

— Excelente! — exclamava Ned Land.

— Saboroso! — asseverava Conselho.

— Espero que o capitão Nemo não se oponha a que levemos para bordo um carregamento de cocos.

— Acho que não se oporá, mas estou certo de que não quererá experimentá-los.

— Pior para ele! — chacoteou Conselho.

— Melhor para nós! — caçoou Land.

— Escute, mestre Land — disse eu ao arpoador, que se dispunha a devastar outro coqueiro. — O coco é fruto saboroso, mas, antes de enchermos o barco com eles, seria prudente explorar a ilha para verificar se, por acaso, não encontraremos outra coisa útil. Legumes frescos seriam bem recebidos a bordo.

— O senhor tem razão — respondeu Conselho —, e podíamos reservar em nosso barco três partes: uma para os frutos, outra para os legumes e a terceira para a caça, de que aliás ainda não vi nem amostra.

— Ainda não é hora de se desesperar — observou o canadense.

— Continuemos, então, a nossa excursão — propus, com olho vivo. — Embora a ilha pareça deserta, bem pode ser que seja habitada por alguém bem menos exigente do que nós quanto à natureza da caça.

— Ah! Oh! — exclamou Ned, fazendo movimento de maxilares bem significativo.

— Que é isso? — perguntou Conselho.

— Palavra que começo a compreender os encantos da antropofagia — respondeu o canadense.

— Ned! Ned! Que loucura é essa! Antropófago! Então, não estarei mais em segurança no mesmo camarote com você! Será que vou despertar um dia já meio devorado?

— Conselho, gosto muito de você, mas não ao ponto de devorá-lo sem necessidade.

— Nada. Já perdi a confiança. Vamos à caçada. É preciso, seja lá como for, encontrar caça para satisfazer a esse canibal, senão qualquer dia desses o professor só encontrará os restos do criado para servi-lo.

Enquanto conversávamos assim, penetrávamos sob as sombrias arcadas da floresta, que percorremos em todos os sentidos por cerca de duas horas.

O acaso favoreceu nosso desejo de encontrar vegetais comestíveis. Um dos mais úteis produtos da zona tropical forneceu-nos alimento precioso que nos faltava a bordo. Refiro-me à fruta-pão, muito abundante na ilha de Gueborear, principalmente da espécie sem grãos, que os malaios chamam *rima*.

Essa árvore distinguia-se das outras pelo tronco reto e de 12 metros de altura. A copa, graciosamente arredondada e formada por grandes folhas multilobadas, descobria aos olhos do naturalista o artocarpo. Por entre aquela massa de verdura

destacavam-se os frutos redondos de um decímetro de diâmetro e cobertos por fora por rugas hexagonais. Útil vegetal com que a natureza dotou as regiões a que falta o trigo.

Ned Land também conhecia aqueles frutos. Já comera deles em suas numerosas viagens e sabia prepará-los. A vista da fruta-pão aguçou o seu apetite e não pôde conter-se por mais tempo.

— Professor, sou capaz de morrer se não saborear imediatamente a pasta desta fruta-pão.

— Coma quanto quiser. Aqui estamos para fazer experiências. Vamos a elas!

— Não demorará muito — disse Ned.

E, servindo-se de uma lente, acendeu fogo com galhos secos, o qual logo crepitou alegremente. Nesse ínterim, Conselho e eu escolhíamos os melhores frutos do artocarpo. Alguns ainda não estavam maduros e a casca grossa cobria a polpa branca, mas pouco fibrosa. Muitos outros, amarelados e gelatinosos, só esperavam o momento de ser colhidos.

Aqueles frutos não tinham caroço. Conselho levou uma dúzia a Ned Land, que, depois de cortá-los em fatias, assou-os sobre as brasas, repetindo constantemente:

— O professor vai ver como este pão é excelente.

— Principalmente para quem está privado de pão há muito tempo — gracejou Conselho.

— Não é pão, é um bolo delicioso. Nunca comeu disso, professor?

— Não, Ned.

— Então, prepare-se para saborear um alimento suculento. Se o senhor não repetir, deixarei de ser o rei dos arpoadores.

Em poucos minutos o lado das fatias exposto ao fogo estava completamente carbonizado. Mas no interior delas formara-se uma pasta branca, espécie de miolo de pão, cujo gosto lembrava o sabor da alcachofra.

Confesso que o tal pão era excelente e o comi com o maior prazer.

— Infelizmente — observei —, esta pasta não se pode conservar fresca e parece-me inútil levá-la em grande quantidade para bordo.

— Não, professor. O senhor fala como naturalista, mas eu vou agir como padeiro. Conselho, faça uma boa colheita desses frutos para os levarmos quando voltarmos.

— E como vai conservá-los? — perguntei ao canadense.

— Fabricando com a polpa uma massa fermentada que se conservará indefinidamente, sem apodrecer. Quando a quisermos comer, mandaremos cozê-la na cozinha de bordo, e, apesar do sabor um pouco azedo, ainda assim será excelente.

— Então, nada falta a este pão.

— Falta, sim, professor. Alguns frutos, ou pelo menos alguns legumes, para acompanhá-lo.

— Procuremos os frutos e os legumes.

Terminada a colheita, pusemo-nos a caminho para completar aquele jantar *terrestre.*

Nossa busca foi bem-sucedida e, por volta do meio-dia, tínhamos conseguido grande provisão de bananas, mangas saborosas e ananases de tamanho incrível.

— Enfim — perguntou Conselho —, não lhe falta mais nada, amigo Ned?

— Hum… — resmungou o canadense.

— Quê?! Ainda se queixa?

— Todos esses vegetais não dão uma refeição completa. Isso é para o fim, é a sobremesa. Mas e a sopa? E o assado?

— Realmente — observei —, Ned nos prometeu costeletas, que me parecem muito problemáticas.

— Professor, a caçada ainda não acabou, porque nem sequer a começamos. Tenha paciência. Acabaremos por encontrar algum animal de pena ou de pelo. Se não for aqui, será adiante.

— E, se não for hoje, será amanhã — caçoou Conselho —, porque não podemos ir muito longe. Proponho até que voltemos já para o bote.

— Quê? Já? — protestou Ned.

— Devemos estar de volta antes do anoitecer — ponderei.

— Mas que horas são? — indagou o canadense.

— Pelo menos duas da tarde.

— Como o tempo passa depressa em terra firme! — lamentou Ned, dando um suspiro de pesar.

Voltamos, pois, através da floresta e completamos nossa colheita fazendo uma verdadeira razia nos palmitos, colhidos nas palmeiras, feijão miúdo e inhames de ótima qualidade. Estávamos sobrecarregados quando alcançamos o bote.

Entretanto, Ned Land não achava suficiente a provisão que fizéramos. Mas a sorte favoreceu-o. No momento de embarcar, avistou umas palmeiras da altura de dez a 15 metros. Tão pródigas como a fruta-pão, são consideradas entre os mais úteis produtos da Malásia. Tratava-se de sagueiros, vegetais que crescem sem cultura e reproduzem-se como as amoreiras, por meio de sementes e rebentos. Ned sabia como se haver com os sagueiros. Empunhou o machado e, manejando-o vigorosamente, em pouco abatera dois ou três, cuja maturidade se conhecia pelo pó branco que lhes polvilhava as palmas. Começou por arrancar de cada estirpe uma tira de casca, de mais ou menos uma polegada de espessura. Por baixo, um feixe de fibras compridas, formando nós complicados, calafetados por uma espécie de farinha pegajosa. Era o sagu, farinha comestível, base da alimentação das populações melanésias. Ned Land contentou-se em cortar os troncos em toras, como se fossem lenha, deixando para extrair o sagu mais tarde, quando o passaria numa peneira, o separaria das fibras e o secaria ao sol, deixando-o endurecer dentro de formas.

Finalmente, às cinco da tarde, carregados com todas aquelas riquezas, deixamos a praia da ilha e meia hora depois atracávamos no *Náutilo*. Ninguém presenciou nossa chegada. O enorme cilindro de aço parecia deserto. Embarcadas as provisões, desci para o meu camarote. Lá estava servida a minha ceia. Comi e adormeci.

No dia seguinte, 6 de janeiro, nada de novo aconteceu a bordo. Nem um ruído, nem o mais leve sinal de vida. O bote continuava no lugar em que o amarráramos. Resolvemos, pois, voltar a Gueborear. Ned Land esperava ser mais feliz do que na véspera e queria visitar o outro lado da floresta. Ao amanhecer, estávamos a caminho. A embarcação empurrada pela maré enchente em poucos minutos abicava na praia. Desembarcamos e, achando que o melhor era confiar no instinto do canadense, seguimos Ned, cujas pernas enormes ameaçavam deixar-nos para trás.

Ned Land subiu a costa rumo a oeste e, depois de passar a vau algumas torrentes, alcançou o planalto coberto de verdejante floresta. Martins-pescadores erravam sobre os cursos d’água, mas não deixavam que nos aproximássemos deles. Essa prudência tornou evidente para mim que aqueles pássaros conheciam a capacidade de agressão dos bípedes de nossa espécie e daí concluí que, se a ilha não fosse habitada, pelo menos era frequentada por seres humanos.

Depois de atravessar um grande campo, chegamos à orla de um capão em que voavam e cantavam pássaros em grande número.

— São simples pássaros — comentou Conselho.

— Alguns são comestíveis — afirmou Ned.

— Qual o quê! Só vejo papagaios.

— Amigo Conselho — respondeu com seriedade o canadense —, o papagaio é o faisão dos que não dispõem de outro manjar.

— Realmente — observei —, essa ave convenientemente preparada é uma iguaria.

De fato, sob a espessa folhagem do bosque, uma enorme quantidade de papagaios esvoaçava de ramo em ramo, esperando apenas a domesticação para falar a língua humana. Por enquanto, tagarelavam em companhia de araras multicoloridas e graves cacatuas que pareciam estar meditando sobre algum problema filosófico, enquanto lóris de um vermelho brilhante deslizavam, como fragmentos de estames arrastados pelo vento, em meio ao voo ruidoso dos calaus e das papuas coloridas, de delicados matizes de azul e de enorme variedade de aves encantadoras, mas pouco comestíveis.

Atravessáramos uma mata rala e encontráramos uma planície atravancada de espinheiros. Vi, então, levantarem voo pássaros magníficos, cujas longas penas os obrigavam a voar contra o vento. O seu voo ondulante, a graça de suas curvas aéreas, o cintilar de suas cores atraíam e encantavam o olhar. Não tive dificuldade em reconhecê-los.

— Aves-do-paraíso! — exclamei.

— Ordem dos pássaros, seção dos canirrostros — aduziu Conselho.

— Família das perdizes? — zombou Ned.

— Acho que não. Mas conto com sua habilidade para agarrar um exemplar desse formoso pássaro tropical.

— Tentaremos, professor, embora esteja eu mais habituado a manejar o arpão do que a espingarda.

Os malaios, que fazem grande comércio dessas aves com os chineses, usam vários modos de aprisioná-las, mas não podíamos empregá-los. Ora armam laços no alto das árvores em que as aves-do-paraíso se aninham, ora prendem-nas com visgo que paralisa o movimento delas, ou chegam até a envenenar as fontes em que vão habitualmente beber. Quanto a nós, estávamos reduzidos a atingi-las em

voo, o que diminuía muito nossas probabilidades. De fato, gastamos em vão grande parte de nossas munições.

Por volta de onze horas da manhã, havíamos vencido o platô central da ilha sem nada haver matado. A fome nos aguilhoava. Os caçadores se haviam fiado no produto da caçada e nada haviam conseguido. Felizmente, Conselho, com grande admiração para ele próprio, acertou duas vezes, assegurando nosso almoço. Abateu um pombo branco e uma pomba-rola, que, imediatamente depenados e enfiados num espeto, foram assados num alegre fogo de galhos secos. Enquanto as aves assavam, Ned preparou frutas-pães. Tudo foi rapidamente devorado e declarado excelente. A noz-moscada de que se alimentam perfumava-lhes a carne e as transformava em manjar delicioso.

— E agora, Ned, que lhe falta? — perguntei.

— Uma caça de quatro patas, senhor Aronnax. Todos esses pombos não passam de aperitivos e passatempo. Por isso, enquanto não matar um animal que dê costeletas, não ficarei satisfeito.

— Nem eu — disse —, se não apanhar uma ave-do-paraíso.

— Então, continuemos a caçada — propôs Conselho. — Mas andando em direção ao mar. Estamos no sopé das montanhas e acho que será melhor voltarmos para as matas.

Era um alvitre sensato e o aceitamos. Após uma hora de caminhada, havíamos descoberto uma verdadeira floresta de sagueiros. Sob nossos pés fugiam algumas serpentes inofensivas. As aves-do-paraíso, porém, fugiam mal aparecíamos, e eu já desistia de alcançar alguma quando Conselho, que ia à frente, baixou-se de repente e, dando um grito de triunfo, trouxe-me um exemplar magnífico.

— Obrigado. Bravo, Conselho!

— O senhor é muito bondoso, aplaudindo tanto.

— Não, filho. Tu deste um golpe de mestre. Agarrar com as próprias mãos um pássaro vivo…

— Se o senhor o examinar de perto, verá que não fiz nada de mais.

— Por quê, Conselho?

— Porque este pássaro está bêbado como uma codorniz.

— Bêbado?

— Sim, senhor, embriagado com a noz-moscada que devorava à sombra da moscadeira, onde o apanhei. Veja, amigo Ned, contemple os monstruosos efeitos

da intemperança!

— Com mil demônios — retrucou o canadense. — Pelo gim que bebi de dois meses para cá, não vale a pena censurar-me.

Enquanto isso, examinava o curioso pássaro. Conselho não se enganara. A ave-do-paraíso, embriagada pelo suco capitoso, estava reduzida à impotência. Não podia voar. Mal andava. Isso pouco me preocupou, e deixei-a cozinhar a bebedeira.

Pertencia à mais bela das oito espécies que existem na Papuásia e nas ilhas vizinhas. Era a esmeralda-magna, uma das mais raras. Media três decímetros de comprimento. A cabeça era relativamente pequena; os olhos, situados perto da abertura do bico, eram também pequenos. Contudo, oferecia admirável associação de cores — o bico amarelo; os pés e as unhas cinzentas; asas cor de avelã, avermelhadas nas extremidades; amarelo-claro na cabeça e parte superior do pescoço; o papo cor de esmeralda e o peito e o ventre castanho-escuros. Dois filetes córneos e penugentos que se elevavam da cauda, prolongada por longas e leves penas de admirável delicadeza, completavam o conjunto daquela maravilhosa ave, a que os indígenas chamam poeticamente pássaro-do-sol.

Meu grande desejo era levar vivo para Paris aquele soberbo exemplar.

— Isto é tão raro assim? — perguntou-me o canadense, num tom de caçador para quem a caça pouco vale sob o ponto de vista artístico.

— Raríssimo, meu caro, e sobretudo dificílimo de apanhar vivo. Mesmo mortos, esses pássaros são objeto de importante comércio. Por isso, os indígenas inventaram um modo de fabricá-los, como se fabricam pérolas ou diamantes.

— E o senhor conhece o processo dos indígenas? — perguntou Conselho.

— Perfeitamente. As aves-do-paraíso, durante a monção de leste, perdem essas magníficas penas da cauda, chamadas pelos naturalistas penas sualares. Essas penas são recolhidas pelos falsificadores que as adaptam com enorme habilidade a qualquer arara previamente mutilada. Depois tingem a sutura, envernizam o pássaro e remetem para os museus da Europa e para os colecionadores esses produtos de sua singular indústria.

— Ora — disse Land —, se não é o pássaro, em todo caso são as suas penas, e, já que a coisa não é para ser comida, não vejo nenhum mal nisso.

Mas, se o meu desejo estava satisfeito com a posse da ave-do-paraíso, os do caçador canadense ainda não estavam. Felizmente, por volta de duas horas, Ned

Land matou um porco-do-mato. O animal chegou na hora exata para fornecer-nos uma verdadeira carne de quadrúpede e foi muito bem recebido. Ned mostrava-se orgulhoso de seu tiro.

Esfolou-o e limpou-o cuidadosamente, depois de haver cortado meia dúzia de costeletas para assar para o jantar. Então, recomeçamos a caçada. Ned e Conselho, batendo as moitas, levantaram um bando de cangurus, que fugiram, saltando sobre as suas patas elásticas. Mas não com tanta velocidade que as cápsulas elétricas não os alcançassem em sua carreira.

— Ah, professor — gritou-me Ned empolgado pela caçada —, que delicioso petisco, principalmente assado no forno! Que abastecimento para o *Náutilo*! Dois! Três! Cinco! Caíram cinco! E quando penso que só nós comeremos dessa carne e aqueles imbecis de bordo não provarão ao menos migalhas…

Acho que se, dominado pela alegria, o canadense não houvesse falado tanto, teria exterminado todo o bando. Eram de pequeno porte. Da espécie dos cangurus-coelhos que moram ordinariamente no oco das árvores e cuja velocidade é assombrosa. Entretanto, se são pequenos, a sua carne é saborosíssima.

Estávamos muito contentes com o resultado de nossa caçada. O alegre Ned já projetava voltar no dia seguinte àquela ilha encantada, que ele pretendia despovoar de todos os quadrúpedes comestíveis. Não contava, porém, com os acontecimentos que se seguiriam.

Às seis da tarde estávamos de volta à praia. Nosso bote estava encalhado no lugar em que o deixáramos. O *Náutilo*, semelhante a um comprido cachopo, emergia das ondas a duas milhas do litoral.

Ned Land, sem mais delongas, entregou-se ao importante trabalho de preparar o jantar. Era excelente cozinheiro. As costeletas de porco-do-mato, grelhadas sobre brasas, em pouco exalavam um cheiro delicioso, que perfumou a atmosfera. Percebo agora que também eu ia nas pegadas do canadense. Estava em êxtase diante de uma fritada de porco. Perdoem-me, como perdoei a mestre Land pelos mesmos motivos. Numa palavra, o jantar foi excelente. Duas pombas-rolas completaram aquele cardápio magnífico. A massa de sagu, a fruta-pão, algumas mangas, meia dúzia de ananases e o licor de coco fermentado nos proporcionaram satisfação integral. Creio mesmo que as ideias de meus dois companheiros, depois do licor, já não eram tão claras como seria de desejar.

— E se não voltássemos hoje à noite para o *Náutilo* — sugeriu Conselho.

— E se nunca mais puséssemos nossos pés nele? — corroborou Ned Land.

Exatamente naquele momento, veio cair a nossos pés uma pedra que cortou a proposta do arpoador.

22
O raio do capitão Nemo

Olhamos para a floresta sem nos levantarmos a mão parada a meio caminho da boca, salvo a de Ned, que continuou a comer.

— Uma pedra não cai do céu, a não ser que se chame aerólito — gracejou Conselho.

Uma segunda pedra, cuidadosamente arredondada e que arrancou da mão de Conselho uma saborosa coxa de pombo, deu ainda maior peso àquela observação.

Erguemo-nos imediatamente empunhando os fuzis, prontos para rebater qualquer ataque.

— Seriam os macacos? — perguntou Ned.

— Quase — respondeu Conselho. — São selvagens.

— Para o bote! — gritei, correndo para o mar.

De fato, era forçoso bater em retirada, porque uns vinte nativos armados de arcos e fundas surgiam na orla de um capão, que encobria o horizonte à nossa direita, à distância de apenas cem passos.

O bote estava a vinte metros de nós. Os selvagens aproximavam-se sem correr, mas prodigalizavam demonstrações de hostilidade. As pedras e as flechas choviam.

Em dois minutos alcançamos o mar. Embarcar provisões e armas, empurrar o bote e armar os remos foi obra de um instante.

Não nos afastáramos trezentos metros e cem selvagens uivando e gesticulando entravam na água até a cintura. Observei o *Náutilo*, para ver se o aparecimento dos nativos atraíra alguém à plataforma. Mas ninguém apareceu. O enorme engenho, deitado ao largo, permaneceu absolutamente deserto.

Vinte minutos depois subíamos a bordo. Dirigi-me ao salão, de onde escapavam alguns acordes. O capitão Nemo estava lá curvado sobre o órgão e mergulhado em êxtase musical.

— Capitão! — chamei.

Ele não me escutou.

— Capitão! — repeti, tocando-o com a mão.

Ele estremeceu e volou-se.

— Ah! É o senhor, professor? Muito bem. Caçou muito? Apanhou plantas interessantes?

— Sim, capitão. Mas infelizmente levantamos também um bando de bípedes, cuja vizinhança me parece inquietadora.

— Que espécie de bípedes?

— Selvagens.

— Selvagens? — retrucou o capitão, em tom irônico. — E o senhor admira-se que, tendo posto o pé sobre a terra firme, ali tenha encontrado selvagens? Em que lugar do mundo não há selvagens? Aliás, serão piores do que os outros, esses a quem o senhor chama de selvagens?

— Mas, capitão…

— Pelo menos eu sempre encontrei selvagens em toda parte.

— Pois bem, se o senhor não quiser receber alguns a bordo, fará bem em tomar algumas precauções.

— Tranquilize-se, professor. Não há motivos para preocupações.

— Mas os nativos são numerosos.

— Quantos contou?

— Pelo menos cem.

— Sr. Aronnax — respondeu o capitão Nemo, pousando os dedos sobre as teclas do órgão —, ainda mesmo que todos os indígenas da Papuásia estivessem reunidos naquela praia o *Náutilo* nada teria a temer de seus ataques.

Os dedos do capitão corriam sobre o teclado e notei que só feriam as teclas negras, o que dava a suas melodias uma cor essencialmente escocesa. Em pouco, esquecera minha presença e mergulhara em devaneio que não tentei perturbar.

Voltei à plataforma. A noite descera. Só confusamente avistei Gueborear. Contudo, numerosas fogueiras na praia atestavam que os nativos não se dispunham a abandoná-la. Permaneci sozinho assim durante várias horas, ora

pensando naqueles nativos, ora esquecendo-os, para admirar os esplendores daquela noite tropical. Por volta de meia-noite, vendo tudo sereno não só sobre as ondas escuras como sob os arvoredos da praia, voltei ao meu camarote e adormeci tranquilamente.

A noite decorreu sem novidades. Os papuas deviam evidentemente estar aterrorizados com o aspecto do monstro encalhado na baía, porque as escotilhas que permaneceram abertas lhes teriam dado fácil acesso ao interior do submarino.

Às seis da manhã do dia 8 de janeiro, tornei a subir para a plataforma. As sombras da madrugada esmaeciam. Dali a pouco a ilha mostrou-se por entre as brumas que se dissipavam, primeiro as praias, depois os cumes.

Os indígenas continuavam firmes, mais numerosos, porém, que na véspera — talvez quinhentos ou seiscentos. Alguns, aproveitando a baixa-mar, tinham avançado até os recifes de coral, a quatrocentos metros do *Náutilo.* Eu os distinguia perfeitamente. Eram na verdade papuas de estatura atlética, belos tipos raciais, testa larga e espaçosa, nariz grosso, mas não achatado, dentes alvíssimos. O cabelo encarapinhado, pintado de vermelho, destacava o corpo negro e luzidio como os dos habitantes da Núbia. Do lobo da orelha, cortado e distendido, pendiam rosários de ossos. Estavam quase todos nus. Entre eles notei algumas mulheres vestidas das ancas ao joelho com verdadeira crinolina de ervas amarrada por um cinto vegetal. Alguns chefes traziam ao pescoço, como enfeite, lua crescente e colares de miçangas vermelhas e brancas. Quase todos armados de arco, flecha e escudo, traziam ao ombro uma espécie de sacola cheia de pedras arredondadas que sua funda lança com muita habilidade. Um dos chefes, bastante perto do submarino, o examinava com atenção. Devia ser um chefe de elevada categoria, porque se cobria com esteiras de folhas de bananeira, rendada nas pontas e pintada de cores brilhantes.

Durante a baixa-mar aqueles nativos erraram em redor do *Náutilo,* mas não se mostraram ruidosos. Escutei-os repetir constantemente a palavra *assai* e por seus gestos compreendi que me convidavam a ir à terra, convite que preferi não aceitar.

Naquele dia, o canadense dedicou todo o seu tempo ao preparo da carne e da farinha que trouxera para bordo. Quanto aos selvagens, por volta das onze da manhã, assim como os cachopos, começaram a desaparecer sob a maré montante

e voltaram à praia. Lá, porém, notei que o seu número aumentava consideravelmente. Era provável que tivessem vindo das ilhas vizinhas, ou da Papuásia propriamente dita. Todavia, eu não avistara uma só piroga indígena.

Como não tivesse melhor ocupação, resolvi lançar as redes de arrasto àquelas encantadoras e límpidas águas, que deixavam ver conchas em profusão, zoófitos e plantas pelágicas. Além disso, aquele seria o último dia que o Náutilo passaria naquelas paragens, se é que iria flutuar na preamar do dia seguinte, como prometera o capitão Nemo.

Chamei Conselho, que me trouxe uma leve rede de arrasto, mais ou menos semelhante às usadas para pescar ostras.

— E os selvagens? — perguntou-me. — Não desfazendo do senhor, eles não me parecem maus.

— Mas são antropófagos.

— Pode-se ser antropófago e boa pessoa ao mesmo tempo — retrucou Conselho. — Da mesma forma que alguém pode ser guloso e homem de bem. Uma coisa não exclui a outra.

— Bom, concedo que sejam antropófagos virtuosos e que devorem honestamente os seus prisioneiros. Entretanto, como não faço questão de ser devorado, mesmo honestamente, fico de sobreaviso, porque o capitão Nemo não parece tomar qualquer precaução. E, agora, mãos à obra!

Durante duas horas pescamos afanosamente, mas sem achar qualquer raridade. Mas, no momento que menos esperava, pus a mão em verdadeira maravilha. Talvez fosse preferível dizer em deformidade natural raríssima. Conselho dera um lanço de rede e esta subia carregada de diversas conchas bastante comuns quando, de repente, enfiei o braço na rede, retirei uma concha e dei um grito de conquiliologista, isto é, o grito mais penetrante que possa produzir a garganta humana.

— Que foi, patrão? — perguntou Conselho espantadíssimo. — O senhor foi mordido?

— Não, meu filho, embora desse de bom grado um dedo por minha descoberta.

— Que descoberta?

— Esta concha — respondi-lhe, mostrando em triunfo o meu achado.

— Mas isso é apenas uma oliva porfíria…

— Sim, Conselho. Mas em vez de ser espiralada da direita para a esquerda, sua espira é da esquerda para a direita.

— Será possível!

— É, sim. É uma concha sinistra!

— Uma concha sinistra! — repetiu Conselho, emocionado.

— Repara nesta espira.

— Ah, professor — disse Conselho, segurando com mão trêmula a preciosa concha —, acredite que nunca senti emoção igual!

Havia realmente motivo para emoção. Como sabemos e os naturalistas afirmam, a desteridade é a lei da natureza. Os astros e seus satélites, tanto no seu movimento de translação quanto no de rotação, movem-se da direita para a esquerda. O homem serve-se com maior frequência da mão direita do que da mão esquerda e, consequentemente, os seus instrumentos e aparelhos, escadas, fechaduras, cordas de relógio e muitos outros são planejados de modo a funcionar da direita para a esquerda. Ora, a natureza geralmente seguiu essa lei no espiralamento das conchas. Todas elas são destras, com raras exceções e quando por acaso sua espira é sinistra, os colecionadores as pagam a peso de ouro.

Conselho e eu estávamos absortos na contemplação de nosso tesouro, com o qual eu pretendia enriquecer o Museu de Paris, quando uma pedra, desastradamente atirada por um indígena, veio esmigalhar, na mão de Conselho, o precioso objeto.

Dei um grito de desespero. Conselho pegou o fuzil e apontou-o para o selvagem que ainda balançava a funda a dez metros de nós. Quis detê-lo, mas o tiro partiu e foi quebrar o bracelete de amuletos que pendia do braço do selvagem.

— Conselho! — gritei.

— Qual! O senhor não vê que aquele canibal começou o ataque?

— Uma concha não vale a vida de um homem — retruquei.

— Ah! O desgraçado! Preferia mil vezes que me houvesse quebrado a clavícula.

Conselho era sincero, mas eu não era da mesma opinião. Entretanto, a situação mudara sem que tivéssemos notado. Cerca de vinte pirogas cercavam o *Náutilo*. Eram cavadas em troncos de árvores, compridas e estreitas, equilibradas

por meio de dupla maromba de bambu, que flutuava à superfície das ondas. Estavam tripuladas por hábeis remadores seminus e foi com extremo temor que os vi aproximarem-se.

Era evidente que aqueles papuas já haviam entrado em relação com europeus e conheciam suas embarcações. Mas que pensariam daquele comprido cilindro de ferro, fixado no porto, sem mastros e sem chaminé? Certamente nada de bom, porque a princípio conservaram-se a respeitosa distância. Porém, vendo-o imóvel, readquiriram pouco a pouco a confiança e procuraram familiarizar-se com ele. Nossas armas, a que faltava o ruído da detonação, só podiam fazer sobre aqueles indígenas um efeito muito reduzido, porque só as armas ruidosas lhes merecem respeito. O raio sem o ribombo do trovão não amedrontaria os homens, embora o perigo esteja no relâmpago, e não no trovão.

Naquele momento, as pirogas chegaram mais perto do *Náutilo* e uma nuvem de flechas abateu-se sobre ele.

— Puxa, que saraivada! — exclamou Conselho. — E talvez o granizo esteja envenenado.

— É preciso avisar o capitão Nemo — falei, descendo pela escotilha.

Dirigi-me ao salão. Lá não encontrei ninguém. Ousei bater à porta do camarote do capitão. Um “pode entrar” respondeu-me. Entrei e fui dar com o capitão Nemo absorto em cálculos complicados.

— Vim incomodá-lo? — perguntei com polidez.

— Realmente, sr. Aronnax. Mas suponho que deve ter motivos sérios para assim proceder.

— Muito importantes. As pirogas dos nativos nos cercam e certamente em poucos minutos seremos assaltados por várias centenas de selvagens.

— Ah! — exclamou tranquilamente o capitão Nemo. — Então vieram em pirogas?!

— Sim, senhor.

— Nesse caso basta fechar as escotilhas.

— Exatamente, eu lhe vinha dizer…

— Nada mais fácil.

E, apertando um botão, transmitiu ordem à tripulação.

— Está tudo resolvido, professor. O bote está no lugar e as escotilhas, fechadas. Creio que não vai temer que os selvagens arrombem este casco que as

granadas de sua fragata foram incapazes de romper.

— Não, capitão. Mas existe outro perigo.

— Qual é?

— É que amanhã, a esta mesma hora, terá de reabrir as escotilhas para renovar o ar do *Náutilo.*

— É evidente, professor, já que nosso barco respira como os cetáceos.

— Ora, nesse momento, se os papuas estiverem ocupando a plataforma, não vejo como poderá impedi-los de entrar.

— Então, o senhor supõe que eles subirão a bordo?

— Estou certo disto.

— Pois bem, eles que tentem. Não vejo nenhuma razão para impedi-los. No fundo, esses papuas são uns pobres-diabos e não quero que a minha visita a Gueborear custe a vida a um só desses infelizes.

Ia retirar-me, mas o capitão reteve-me e convidou-me a sentar perto dele. Interrogou-me atenciosamente sobre nossas excursões terrestres, sobre nossas caçadas, e pareceu não compreender aquela necessidade de carne que atormentava o canadense. Depois, a conversação aflorou vários assuntos e, sem tornar-se comunicativo, o capitão Nemo mostrou-se muito amável.

Entre outras coisas, falamos da situação do *Náutilo*, encalhado exatamente naquele estreito em que Dumont d'Urville esteve em risco de perder-se. Sobre ele assim opinou o capitão:

— Foi um dos grandes marinheiros da França, um dos seus mais inteligentes navegantes. Foi o capitão Cook dos franceses. Pobre sábio! Depois de afrontar os bancos de gelo do polo Sul, os corais da Oceania e os canibais do Pacífico, perecer miseravelmente num desastre de trem… Se esse homem enérgico pôde refletir nos últimos momentos de sua existência, podemos imaginar qual foi o seu desespero…

Assim falando, o capitão Nemo pareceu-me comovido. E levo essa emoção ao seu ativo.

Depois, de mapa nas mãos, revivemos os trabalhos do navegador francês, as suas viagens de circum-navegação, a sua dupla tentativa no polo Sul, que ensejou o descobrimento das terras Adélia e Luís Felippe e, finalmente, o levantamento hidrográfico das principais ilhas da Oceania.

— O que Dumont d'Urville fez na superfície dos mares, eu o fiz por baixo do oceano e com muito maior facilidade do que ele. A *Astrolábio* e a *Zelosa*, constantemente açoitadas pelas borrascas, não se podem comparar ao *Náutilo*, tranquilo gabinete de trabalho, verdadeiramente estável no meio das águas.

— Entretanto, capitão, há um ponto de semelhança entre as corvetas de Dumont d'Urville e o *Náutilo*.

— Qual é, professor?

— É que o *Náutilo* está encalhado como as corvetas.

— Mas ele não está encalhado — respondeu-me friamente o capitão. — O *Náutilo* foi feito para pousar no leito dos mares, e os penosos trabalhos, as manobras impostas a Dumont d'Urville para conseguir que as suas corvetas tornassem a flutuar, são absolutamente desnecessárias no meu caso. A *Astrolábio* e a *Zelosa* quase soçobraram. O meu barco não corre qualquer perigo. Amanhã, no dia e hora que marquei, o mar levantá-lo-á brandamente e continuaremos a navegar através dos mares.

— Capitão, não duvido…

— Amanhã, às 14h40, o *Náutilo* flutuará e deixará o estreito de Torres sem ter sofrido avaria.

Dizendo secamente essas palavras, o capitão inclinou-se de modo quase imperceptível. Era despedir-me. Voltei ao meu camarote. Lá encontrei Conselho, que queria conhecer o resultado de minha entrevista com o capitão. Resumi:

— Meu filho, quando viu que eu temia que o *Náutilo* estivesse ameaçado pelos nativos da Papuásia, respondeu-me ironicamente. Portanto, só posso te dizer uma coisa: confia nele e vai dormir em paz.

— O senhor tem necessidade de meus préstimos?

— Não, meu amigo. Que está fazendo Ned?

— Está ocupado em assar um pastelão de canguru, que será uma delícia.

Fiquei sozinho, deitei-me, mas dormi muito mal. Escutava o ruído produzido pelo pisotear dos selvagens na plataforma e por seus gritos ensurdecedores. Assim se passou a noite sem que a tripulação saísse de sua inércia habitual. Ela se preocupava tanto com a presença daqueles canibais quanto os soldados de um forte blindado com as formigas que passeiam sobre a blindagem.

Às seis da manhã, levantei-me. As escotilhas continuavam fechadas. O ar interior não foi renovado, mas os reservatórios funcionaram, lançando alguns

metros cúbicos de oxigênio na atmosfera empobrecida do *Náutilo*.

Trabalhei em meu camarote até o meio-dia, sem ver por um instante que fosse o capitão Nemo. A bordo não parecia haver qualquer preparativo de partida.

Esperei ainda durante algum tempo e dirigi-me para o salão. O relógio marcava duas e meia. Dentro de dez minutos a maré deveria alcançar o máximo de altura e o *Náutilo* flutuaria imediatamente, se o capitão Nemo não tivesse feito promessa temerária. Caso contrário, muitos meses passariam antes que o submarino pudesse abandonar seu leito de coral. Entretanto, começava-se a sentir o casco estremecer e ouvi rangerem sobre sua bordagem as asperezas calcárias do fundo de coral.

Às 14h35, o capitão Nemo apareceu no salão e anunciou-me:

— Vamos partir!

— Ah!

— Já dei ordem para abrirem as escotilhas.

— E os papuas?

— Os papuas? — disse, encolhendo os ombros.

— Não irão invadir o *Náutilo*?

— De que modo?

— Entrando pelas escotilhas.

— Sr. Aronnax, ninguém entra pelas escotilhas do *Náutilo*, mesmo quando estão abertas.

Encarei o capitão.

— O senhor não entende? — perguntou-me.

— Absolutamente, não.

— Pois bem. Venha e verá.

Dirigi-me para a escada central. Ali, Ned e Conselho, muito espantados, olhavam alguns tripulantes que abriam as escotilhas, enquanto gritos de raiva e terríveis vociferações ressoavam do lado de fora.

Mal as portas abriram-se, vinte caras medonhas apareceram. Mas o primeiro daqueles indígenas que pôs a mão sobre a rampa da escada foi lançado para trás por uma força invisível e fugiu dando gritos aterradores e saltos funambulescos. Dez nativos sucederam ao primeiro. Os dez tiveram igual sorte.

Conselho estava boquiaberto. Ned Land, levado por seu gênio violento, lançou-se sobre a escada. Mas, assim que nela apoiou as duas mãos, foi

derrubado também.

— Com mil demônios! — gritou. — Estou fulminado.

Essa palavra explicou-me tudo. Aquilo não era mais uma rampa, transformara-se num condutor metálico, carregado com a eletricidade de bordo que eletrizara a plataforma. Quem o tocasse receberia um tremendo choque, que poderia ser mortal se o capitão Nemo tivesse feito passar pelo condutor a força máxima de seus aparelhos. Poder-se-ia dizer que se estendera entre os assaltantes e nós uma rede elétrica, a qual ninguém transporia impunemente.

Entretanto, os papuas aterrorizados haviam batido em retirada, loucos de medo. Nós, meio risonhos, consolávamos e friccionávamos o infeliz Ned Land, que praguejava, como possesso.

Naquele momento, o *Náutilo*, levantado pelas últimas ondulações da maré, deixou o seu leito de coral exatamente no quadragésimo minuto, como fixara o capitão. A sua hélice bateu as águas com majestosa lentidão. A sua velocidade aumentou pouco a pouco e, navegando à superfície do oceano, abandonou são e salvo os perigosos canais do estreito de Torres.

23
Sono aflito

No dia seguinte, 10 de janeiro, o *Náutilo* recomeçou a sua navegação submarina com a extraordinária velocidade de cerca de trinta milhas por hora. A hélice batia com tal rapidez que eu não conseguia acompanhar nem contar as suas voltas.

Seguíamos rumo ao oeste e, a 11 de janeiro, dobramos o cabo Wessel, que forma a ponta oriental do golfo de Carpentária. Os recifes ainda eram numerosos, porém menos compactos e assinalados no mapa com extrema precisão, o que fez com que o *Náutilo* os evitasse facilmente. A 13 de janeiro, o capitão Nemo, tendo chegado ao mar de Timor, avistara a ilha do mesmo nome. A sua superfície é de 1.625 léguas quadradas, sendo governada por rajás. Esses príncipes creem-se filhos de crocodilos, isto é, descendentes da mais elevada origem a que possa aspirar um ser humano. Por isso, os seus antepassados cobertos de escamas pululam nos rios da ilha e são objeto de especial veneração. São protegidos, mimados, adulados, alimentados; moças encantadoras são oferecidas para que eles as devorem, e ai dos estrangeiros que se atrevam a erguer a mão contra os sáurios sagrados. O *Náutilo*, porém, não foi obrigado a enfrentar esses horripilantes animais. Timor foi visível em nosso horizonte apenas por um momento, ao meio-dia, enquanto o imediato calculava nossa posição. Igualmente, apenas entrevi a ilha Rota, que faz parte do grupo e cujas mulheres possuem sólida reputação de beleza nos mercados malaios.

A partir daquele ponto, a direção do *Náutilo* infletiu para sudoeste, rumando, assim, para o oceano Índico. Onde nos levaria a fantasia do capitão Nemo? Subiria rumo às costas asiáticas? Aproximar-se-ia das praias europeias? Era pouco provável da parte de um homem que fugia dos continentes habitados.

Desceria, então, rumo ao sul? Iria dobrar o cabo da Boa Esperança, depois o cabo Horn, e seguir em frente até o polo antártico? Ou voltaria para os mares do Pacífico, onde o *Náutilo* encontrava campo para navegação mais fácil e livre? Só o futuro poderia revelar.

A velocidade do *Náutilo* diminuiu visivelmente e, adotando um compartimento caprichoso, ora nadava no seio das águas, ora flutuava à superfície delas. Durante esse período da viagem, o capitão Nemo fez interessantes experiências sobre a temperatura das águas do mar a diferentes profundidades. Em condições ordinárias, essas observações são conseguidas por meio de instrumentos muito complicados, cujos dados são, na melhor das hipóteses, duvidosos, quer sejam obtidos por meio de sondas elétricas, cujos vidros muitas vezes se quebram sob a pressão da água, quer por meio de aparelhos baseados na variação da resistência dos metais às correntes elétricas. Os resultados assim obtidos não podem ser suficientemente controlados. O mesmo não se podia dar com o capitão Nemo, que ia em pessoa tomar a temperatura nas profundezas do mar, e seu termômetro, posto em comunicação com as diversas camadas líquidas, fornecia imediatamente, e com segurança, o dado procurado.

Foi assim que, fosse enchendo os reservatórios, fosse descendo obliquamente por meio dos planos inclinados, o *Náutilo* atingiu sucessivamente profundidades de três, quatro, cinco, sete, nove e dez mil metros. O resultado definitivo dessas experiências foi verificar que o mar goza de temperatura permanente de quatro graus e meio, à profundidade de mil metros, em todas as latitudes.

Eu seguia essas experiências com o maior interesse. O capitão Nemo dedicava-se a elas com paixão. Indagava com os meus botões qual a finalidade delas. Seria em proveito de seus semelhantes? Não era provável, porque, mais cedo ou mais tarde, seus trabalhos deviam perder-se com ele em algum mar ignorado. A menos que ele destinasse a mim o resultado de suas experiências. Isso, porém, seria admitir que a minha estranha viagem viesse a ter um termo e esse termo, eu não o percebia ainda.

O capitão Nemo revelou-me alguns números obtidos por ele que estabeleciam a relação das densidades da água nos diversos mares do globo. Dessa revelação tirei conhecimento pessoal que nada tinha de científico.

Estávamos na manhã de 15 de janeiro. O capitão, em cuja companhia eu passeava na plataforma, perguntou-me se conhecia as diferentes densidades que apresentam as águas do mar. Respondi-lhe negativamente e acrescentei que a ciência carecia de observações rigorosas sobre tal assunto.

— Fiz essas observações e posso garantir a exatidão delas.

— Bem — observei —, mas o *Náutilo* é um mundo à parte, e os segredos de seus sábios não chegam à terra.

— O senhor tem razão — concluiu o capitão depois de longo silêncio. — Contudo, já que o acaso ligou nossas existências, quero comunicar-lhe o resultado de minhas observações.

— Muito obrigado, capitão.

— O senhor sabe que a água do mar é mais densa do que a água doce, mas essa densidade não é uniforme. Se representarmos por *um* a densidade da água doce, encontraremos um e 28 milésimos para as águas do Atlântico, um e 26 milésimos para as águas do Pacífico, um e trinta milésimos para as do Mediterrâneo, um e 18 milésimos para o mar Jônico e um e 29 milésimos para as águas do Adriático.

Era evidente, pois, que o *Náutilo* não evitava os mares frequentados da Europa, donde concluí que talvez em pouco ele nos levaria de volta a continentes mais civilizados. Logo veio-me à cabeça a satisfação com que Ned Land receberia essa notícia.

Durante vários dias, nosso tempo foi dedicado a experiências variadas, que tinham por objeto o grau de salinidade das águas a diferentes profundidades, a sua eletrização, a sua coloração, a sua transparência, e em todas as circunstâncias o capitão Nemo desenvolveu habilidade só igualada pela cortesia com que me tratou. Depois, durante alguns dias, não o tornei a ver e fiquei novamente como que isolado a bordo.

A 16 de janeiro, o *Náutilo* parecia adormecer a alguns metros abaixo da superfície das ondas. Os aparelhos elétricos pararam e a hélice imóvel deixava-o vogar à mercê das correntes. Supus que a tripulação estivesse entregue a reparações internas, exigidas pela violência dos movimentos mecânicos da máquina. Meus companheiros e eu presenciamos, então, um curioso espetáculo. As escotilhas do salão estavam abertas e, como o farol do barco estava apagado, uma vaga obscuridade reinava no seio das águas. O céu tempestuoso, coberto de

densas nuvens, iluminava as camadas superiores do oceano com claridade apenas suficiente. Eu observava o estado do mar naquelas condições e os maiores peixes pareciam-me apenas sombras esboçadas quando o *Náutilo* mergulhou em plena luz. A princípio, pensei que o farol tivesse sido aceso e projetasse o seu clarão elétrico na mesma massa líquida. Depois de rápida observação, reconheci que me enganava.

Na verdade, o Náutilo flutuava em meio a uma camada fosforescente, que naquela obscuridade tornava-se ofuscante. Era produzida por bilhões de animaizinhos luminosos, cujas cintilações aumentavam quando eles deslizavam sobre o casco metálico do aparelho. Eu surpreendia, então, relâmpagos no meio daquelas camadas luminosas, como se fossem esguichos de chumbo em fornalha ardente ou massas metálicas superaquecidas. A impressão era tão forte que, por oposição, certas poções luminosas faziam sombra naquele meio ígneo, do qual a sombra deverá ter sido banida. Não era mais a irradiação serena de nossa iluminação habitual. Havia ali vigor e movimento insólitos. Aquela luz era evidentemente viva.

Com efeito, resultava de infinita aglomeração de infusórios pelágicos, de noctilúcios miliários, dotados de tentáculo fuliforme e dos quais já se contou até 25 mil em trinta centímetros cúbicos de água. A luz deles era, além disso, duplicada por luzes originadas por medusas, astérias, aurélias, fóladas e outros zoófitos fosforescentes, impregnados pela gordura das matérias orgânicas decompostas pelo mar e talvez do muco segregado pelos peixes.

Durante várias horas, o *Náutilo* flutuou naquelas ondas brilhantes, e nossa admiração aumentou ao vermos os grandes animais marinhos brincarem como salamandras. Vi ali, no meio daquele fogo que não queima, golfinhos elegantes e velozes, infatigáveis histriões marinhos, espadartes de três metros de comprimento, inteligentes precursores dos furacões, cuja formidável serra às vezes vinha chocar-se na vidraça do salão. Depois surgiram peixes menores. Balistas variadas, escombroides-saltadores, nasões-lobo e cem outros cortavam em sua carreira a luminosa atmosfera. Talvez alguma condição atmosférica estivesse aumentando a intensidade do fenômeno. Talvez alguma tempestade se houvesse desencadeado à superfície das ondas. Todavia, à profundidade de alguns metros, o *Náutilo* era insensível ao seu furor e balouçava serenamente no seio das águas tranquilas.

A 18 de janeiro, o tempo estava ameaçador; o mar, picado e revolto. O vento soprava de leste em grandes rajadas. O barômetro, que baixava havia vários dias, anunciava a tempestade. Subi à plataforma no momento em que o imediato media os ângulos horários. Esperava que, segundo o costume, fosse pronunciada a frase habitual. Mas, naquele dia, ela foi substituída por outra não menos incompreensível. Quase imediatamente apareceu o capitão Nemo, cujos olhos, armados de óculo de alcance, dirigiram-se para o horizonte.

Durante alguns minutos, o capitão permaneceu imóvel, sem desviar o campo da objetiva. Depois baixou o óculo e trocou uma dezena de palavras com o imediato, o qual parecia preso de emoção, que procurava conter em vão. O capitão Nemo, com maior autodomínio, conservava a frieza habitual. Além disso, parecia fazer algumas objeções, a que o imediato respondia com afirmativas formais. Pelo menos foi o que deduzi pela diferença de tom e de gestos.

Quanto a mim, olhara cuidadosamente na direção observada e nada avistara. O céu e o mar confundiam-se sobre a linha do horizonte perfeitamente nítida.

O capitão Nemo andava de uma extremidade à outra da plataforma sem olhar-me, talvez sem ver-me. Seu passo era firme, mas menos regular do que de costume. De vez em quando parava e, com os braços cruzados sobre o peito, observava o mar. Que procuraria ele sobre aquele imenso espaço? O *Náutilo* encontrava-se naquele momento a centenas de milhas da costa mais próxima.

O imediato retomara o óculo e observava obstinadamente o horizonte, indo e vindo, batendo o pé, em agitação que contrastava com a calma de seu chefe. Em certo momento, tornou a chamar a atenção do capitão Nemo, que parou o passeio e dirigiu o óculo para o ponto indicado. A observação foi longa.

Seriamente intrigado, desci ao salão e trouxe de lá um excelente óculo de alcance que costumava usar. Depois, encostando-o à caixa do farol, que se erguia na parte dianteira da plataforma, dispus-me a percorrer com a vista o horizonte. Meu olho, porém, nem se aplicara ainda à ocular quando o instrumento me foi arrancado bruscamente das mãos. Voltei-me. O capitão estava diante de mim, irreconhecível. O semblante dele estava transtornado. Seu olhar brilhava com ardor sombrio e ocultava-se sob as sobrancelhas franzidas. O corpo rígido, os punhos fechados e a cabeça enterrada entre os ombros eram manifestações

visíveis do violento ódio que irradiava de sua pessoa. Ficara imóvel. O óculo que caíra de suas mãos rolara a seus pés.

Teria eu, involuntariamente, provocado aquele ímpeto de cólera? Pensaria aquela incompreensível personagem que eu surpreendera algum segredo proibido aos hóspedes do *Náutilo*? Não. Aquele ódio não havia sido provocado por mim porque ele nem ao menos me olhava; seu olhar continuava obstinadamente fixo no impenetrável horizonte.

Finalmente, o capitão Nemo dominou-se. A sua fisionomia, tão profundamente alterada, recuperou a calma habitual. Dirigiu ao imediato algumas palavras naquela estranha língua e, voltando-se para mim, num tom imperioso:

— Senhor Aronnax, reclamo-lhe cumprimento de um dos compromissos que assumiu comigo.

— De que se trata, capitão?

— É indispensável que o senhor e seus companheiros se deixem aprisionar até o momento em que eu julgue conveniente restituir-lhes a liberdade.

— O senhor é quem manda a bordo — respondi, encarando-o com firmeza. — Posso, entretanto, fazer-lhe uma pergunta?

— Nenhuma.

Depois dessa resposta, nada mais havia a discutir. Só restava obedecer.

Desci até a cabina ocupada por Ned e Conselho e comuniquei-lhes a resolução do capitão. Imagine-se como a recebeu o canadense. Aliás, não houve tempo para qualquer explicação. Quatro tripulantes já estavam à nossa espera e levaram-nos para a mesma cela em que havíamos passado a primeira noite a bordo. Ned quis protestar, mas a única resposta foi a porta fechando-se atrás dele.

— O senhor poderá explicar-me o significado disso? — perguntou-me Conselho.

Contei aos meus companheiros o que se passara. Eles ficaram tão espantados quanto eu e não puderam entender. Estava incapaz de associar duas ideias lógicas e emaranhava-me em hipóteses cada qual mais absurda quando fui arrancado daquela contensão mental por estas palavras de Ned Land:

— Olhem só! O almoço foi servido.

De fato, a mesa estava posta. Era evidente que o capitão Nemo dera aquela ordem ao mesmo tempo que mandara aumentar a velocidade do *Náutilo*.

— O senhor dá licença para que lhe faça uma recomendação? — perguntou Conselho.

— Sim, filho.

— Então é melhor almoçar, porque não sabemos o que poderá acontecer.

— Tens razão.

— Infelizmente — observou Ned Land —, só nos trouxeram o trivial de bordo.

— E que diria o amigo se não houvesse almoço algum? — retrucou-lhe Conselho.

Pusemo-nos à mesa. A refeição foi comida silenciosamente. Terminado o almoço, cada um aninhou-se em seu canto. Naquele momento, o globo que iluminava a cela apagou-se e deixou-nos na mais completa escuridão. Ned não tardou a adormecer. Conselho abandonou-se também à pesada sonolência. Eu perguntava aos meus botões qual seria a origem daquela imperiosa necessidade de dormir quando senti meu cérebro dominado por um forte entorpecimento. Meus olhos, que eu lutava por conservar abertos, fechavam-se contra a minha vontade. Fui presa de uma alucinação dolorosa. Era evidente que haviam adicionado alguma substância soporífera aos alimentos que acabávamos de ingerir. A prisão era, portanto, pouco para ocultar-nos os projetos do capitão Nemo. Era necessário acrescentar-lhe o sono.

Ouvi fecharem-se as escotilhas. As ondulações do mar, que imprimiam ao navio leve balanço, cessaram. Teria o *Náutilo* abandonado a superfície do oceano? Teria voltado ao seio imóvel das águas?

Quis resistir ao sono, mas foi-me impossível. A minha respiração tornou-se lenta. Um frio mortal gelou-me os membros, que se tornaram pesados e aparentemente paralisados. As pálpebras, verdadeiras calotas de chumbo, caíram sobre os olhos. Não pude erguê-las. Um sono mórbido, cheio de pesadelos, apoderou-se de meu ser. Depois, as visões desapareceram, deixando-me completamente aniquilado.

24
O reino de coral

No dia seguinte, acordei com a cabeça completamente desembaraçada. Para grande surpresa minha, eu estava em meu camarote. Meus companheiros, naturalmente, deveriam também ter sido levados para o camarote deles sem que tivessem conseguido saber mais do que eu. O que se passara durante aquela noite, eles o ignoravam tanto quanto eu, e, para desvendar aquele mistério, eu contava apenas com o acaso.

Lembrei-me de sair do camarote. Estaria de novo livre, ou continuaria prisioneiro? Completamente livre. Abri a porta, andei pelos passadiços, subi a escada central. As escotilhas fechadas na véspera estavam abertas. Alcancei a plataforma. Ned Land e Conselho já me esperavam lá. Eu os interroguei. Nada sabiam. Dominados por pesado sono, que não lhes deixara recordações, haviam ficado admiradíssimos ao acordarem em seu próprio camarote.

Quanto ao *Náutilo*, pareceu-nos sereno e misterioso como sempre. Flutuava à superfície das ondas, em marcha moderada. Nada parecia mudado a bordo. Ned Land observou o mar com seu olhar penetrante. Tudo deserto. O canadense não avistou no horizonte nem vela nem terra. O vento do oeste soprava ruidosamente e compridas ondas, rebentadas pelo vento, faziam o *Náutilo* jogar bastante.

Depois da renovação do ar, o navio conservou-se à profundidade média de 15 metros, de modo a poder voltar rapidamente à superfície, operação que, contra os hábitos, foi realizada várias vezes durante o dia 19 de janeiro. O imediato subiu, então, à plataforma, fazendo ressoar a frase habitual no interior do navio. Quanto ao capitão Nemo, não apareceu. Da tripulação só vi o impassível taifeiro, que me serviu com a correção e o mutismo costumeiros.

Por volta das duas da tarde, eu estava no salão quando o capitão abriu a porta e entrou. Eu o cumprimentei. Respondeu-me com saudação quase imperceptível, sem dirigir-me a palavra. Continuei meu trabalho, na esperança de que talvez me desse explicações sobre os acontecimentos da noite anterior. Ele nada disse. Fitei-o. Seu rosto pareceu-me fatigado. Tinha os olhos vermelhos de quem não dormira e sua fisionomia exprimia profunda tristeza, dor real. Andava de um lado para outro, sentava-se, levantava-se, pegava um livro ao acaso, largava-o logo, consultava os instrumentos sem tomar as notas de costume e parecia não poder ficar quieto um só momento.

Finalmente veio a mim e disse-me:

— O senhor é médico, professor Aronnax?

Eu esperava tão pouco por aquela pergunta que fiquei olhando para ele sem responder. Repetiu:

— O senhor é médico? Vários de seus colegas do Jardim Botânico estudavam medicina.

— Sou médico e ex-interno de hospital. Cliniquei vários anos antes de entrar para o Museu.

— Muito bem.

Era evidente que a minha resposta causara-lhe satisfação. Contudo, não sabendo aonde queria chegar, esperei novas perguntas para responder de acordo com as circunstâncias.

— Sr. Aronnax, o senhor trataria um de meus tripulantes?

— Há algum doente?

— Sim.

— Estou às suas ordens.

— Venha.

Confesso que meu coração batia forte. Não sei por quê, via certa conexão entre aquela doença e os acontecimentos da véspera, e o mistério preocupava-me pelo menos tanto quanto o doente.

O capitão Nemo levou-me à popa e fez-me entrar num camarote. Numa cama repousava um homem de cerca de quarenta anos, rosto enérgico, verdadeiro tipo de anglo-saxão.

Inclinei-me sobre ele. Não era simplesmente um enfermo, era um ferido. A cabeça, enfaixada em ataduras ensanguentadas, descansava sobre dois

travesseiros. Afrouxei as ataduras e o ferido, fitando-me com olhos imóveis, deixou-me fazê-lo sem proferir qualquer queixa. O ferimento era horrível. O crânio, esfacelado por um instrumento contundente, deixava descoberto o cérebro, e a substância cerebral havia sofrido profunda depressão. Coágulos sanguíneos haviam-se formado na massa difluente, que se apresentava cor de vinho. Houvera, ao mesmo tempo, contusão e comoção cerebral. A respiração do enfermo era lenta e alguns movimentos espasmódicos dos músculos agitavam-lhe a face. A flegmasia cerebral era completa, acarretando a paralisia do sentimento e do movimento. Tomei o pulso do ferido. Estava intermitente. As extremidades do corpo já começavam a esfriar e reconheci que a morte aproximava-se, sem que fosse possível detê-la. Depois de haver feito curativo, repus as ataduras e, voltando-me para o capitão Nemo, disse:

— Qual a origem desse ferimento?

— Que importa? — respondeu-me evasivamente. — Um choque do *Náutilo* quebrou uma das alavancas da máquina e esta o feriu. Mas qual a sua opinião sobre o estado dele?

Eu hesitava em falar.

— Pode responder, ele não sabe francês.

Fitei outra vez o ferido e respondi:

— Estará morto dentro de duas horas.

— Nada poderá salvá-lo?

— Nada.

A mão do capitão Nemo crispou-se e algumas lágrimas correram dos seus olhos, que eu não julgara capazes de chorar.

Durante alguns instantes, observei ainda o moribundo, cuja vida se esvaía pouco a pouco. A sua palidez aumentava com a luz elétrica, que banhava o seu leito de morte. Eu contemplava aquela cabeça inteligente, sulcada de rugas prematuras, talvez causadas pela desgraça e pela miséria. Procurava surpreender o segredo de sua vida nas últimas palavras que lhe fugissem dos lábios.

— O senhor pode retirar-se — ordenou-me o capitão.

Deixei a cabina do moribundo e voltei a meu camarote, muito comovido com aquela cena. Durante todo o dia, sinistros pensamentos agitaram-me. À noite, dormi mal e, por entre meus sonhos, frequentemente interrompidos, pareceu-me

ouvir suspiros longínquos e uma espécie de ladainha fúnebre. Seria a oração dos mortos sussurrada naquela língua que eu não conseguira compreender?

No dia seguinte, pela manhã, subi ao convés. O capitão Nemo já estava ali.

— Senhor professor, seria de seu agrado fazer uma excursão submarina?

— Com meus companheiros?

— Se for do gosto deles…

— Estamos às suas ordens, capitão.

— Então façam o favor de ir vestir os escafandros.

De doente ou de morto não se falou. Fui ao encontro de Ned e Conselho. Dei-lhes conhecimento do convite do capitão. Conselho apressou-se a aceitá-lo, e o canadense dessa vez mostrou-se disposto a seguir-nos.

Eram oito da manhã. Às oito e meia estávamos vestidos para o novo passeio e equipados com os aparelhos de iluminação e respiração. A dupla porta abriu-se e, acompanhados pelo capitão e por uma dúzia de tripulantes, tomamos pé a uma profundidade de dez metros sobre o solo firme em que repousava o *Náutilo.*

Uma ladeira suave terminava num fundo acidentado a cerca de 15 braças de profundidade. Aquele solo diferia completamente do que eu visitara na primeira excursão sob as águas do Pacífico. Ali, nenhuma areia, nem campos submarinos, nem florestas pelágicas. Reconheci imediatamente a região maravilhosa da qual o capitão Nemo nos fazia as honras naquele dia. Estávamos no Reino do Coral.

No ramo dos zoófitos e na classe dos alcionários, encontra-se a ordem dos gorgonários, que compreende três grupos: as gorgônias, as isídias e as coralinas. É a este último que pertence o coral, substância curiosa que já foi alternadamente classificada nos três reinos da natureza. Remédio entre os antigos, joia para os contemporâneos, só em 1694 o marselhês Peisonel o classificou definitivamente no reino animal. O coral é reunião de animálculos, aglomerados sobre um polipeiro de natureza pétrea e quebradiça. Esses pólipos têm um único gerador que os produz por germinação e têm existência própria, embora participem da vida comum. É, pois, uma espécie de socialismo natural.

Acesas nossas lâmpadas, seguimos um banco de coral em formação que, com a ajuda do tempo, há de fechar um dia aquela região do oceano Índico. O caminho era orlado de matas inextricáveis, formadas pelo emaranhamento de arbustos que se cobriam de pequenas flores de raios brancos. Ao contrário das plantas terrestres, toda aquela arborização, aderente às rochas do solo, crescia de

cima para baixo. A luz produzia mil efeitos encantadores, brincando em meio àquelas ramagens tão vivamente coloridas. Parecia-me ver aqueles tubos membranosos e cilíndricos tremerem com as ondulações da água. Sentia-me tentado a colher suas frescas corolas ornadas de delicados tentáculos, umas recém-desabrochadas, outras, simples brotos, enquanto rápidos peixes de velozes barbatanas roçavam nelas ao passarem, como revoadas de pássaros. Se a mão se aproximava, porém, daquelas flores vivas, daquelas sensitivas, o sinal de alerta percorria a colônia inteira. As corolas brancas recolhiam-se aos seus estojos vermelhos, as flores esvaneciam-se sob o olhar e a mata convertia-se num bloco de pedra.

O acaso colocara-me em presença dos mais preciosos exemplares daquele zoófito. Só aquele coral valia tanto quanto o que se pesca no Mediterrâneo, na costa da França, da Itália e da Barbária. Justificava pelo colorido vivo os nomes poéticos de flor-de-sangue e espuma-de-sangue que o comércio dá aos seus mais valiosos exemplares. O coral chega a valer quinhentos francos por quilo, e ali, as camadas líquidas cobriam a fortuna de todo um mundo de pescadores do coral.

Em pouco, as moitas tornaram-se mais densas, o arvoredo cresceu. Verdadeiras matas petrificadas e longas balaustradas de arquitetura fantasista abriram-se diante de nossos passos. O capitão Nemo penetrou em escura galeria de declive suave, que nos levou a cem metros de profundidade. Depois de duas horas de marcha, havíamos atingido a profundidade de cerca de trezentos metros, isto é, o limite extremo em que o coral começa a formar-se. Mas ali não havia mais moitas isoladas nem mata de pequena altura. Era a floresta imensa, a grande vegetação mineral, as enormes árvores petrificadas, unidas por festões de graciosas plumárias, lianas do mar adornadas de reflexos cambiantes. Passávamos livremente sob a alta ramaria, que ia perder-se na sombra das ondas, enquanto a nossos pés as tubulárias, as meandrinas, as astreias, as fongites e as cariófilas formavam um tapete de flores, semeado de joias deslumbrantes. Que indescritível espetáculo! Que pena não podermos comunicar uns aos outros as nossas sensações! Por que éramos prisioneiros daquela máscara de metal e vidro? Por que a palavra nos era proibida? Quem nos dera viver como os peixes, que povoam o líquido elemento, ou melhor, como os anfíbios, que durante muitas horas podem percorrer, à mercê de seu capricho, o duplo domínio da terra e das águas!

Entretanto, o capitão Nemo parara. Meus companheiros e eu também paramos e, voltando-me, vi que os tripulantes faziam um semicírculo em redor do chefe. Observando com mais atenção, vi que quatro deles levavam sobre os ombros um objeto de forma oblonga.

Estávamos no centro de vasta clareira, rodeada de altas árvores da floresta submarina. Nossas lâmpadas projetavam sobre aquele espaço uma espécie de claridade crepuscular, que alongava desmesuradamente as sombras sobre o solo. Na orla da clareira, a escuridão tornava-se profunda e refletia apenas diminutas cintilações, oriundas das arestas vivas do coral.

Ned Land e Conselho estavam ao meu lado. Observamos, e veio-me ao pensamento que íamos assistir a uma estranha cena. Olhando atentamente para o solo, notei que ele se intumescia em certos lugares e as pequenas elevações estavam incrustadas de depósitos calcários e dispostas com uma regularidade que traía a mão do homem. No centro da clareira, sobre um pedestal de pedras grosseiramente amontoadas, erguia-se uma cruz de coral abrindo longos braços, que pareciam feitos de sangue petrificado.

A um sinal do capitão Nemo, um dos homens adiantou-se e começou a cavar, a alguns pés da cruz, com uma picareta que tirou do cinto.

Compreendi tudo. Aquela clareira era um cemitério; aquele buraco, uma cova; e o objeto oblongo, o cadáver do homem que morrera durante a noite. O capitão Nemo e a sua tripulação vinham enterrar o companheiro naquela morada comum, no fundo inacessível do oceano.

Nunca meu espírito sofreu comoção tão profunda. Nunca ideias mais impressionantes invadiram-me o cérebro! Não desejava ver o que contemplavam meus olhos.

Entretanto, a tumba era lentamente cavada. Os peixes fugiam por todos os lados de seu retiro invadido. Eu escutava ressoar sobre o solo calcário o ferro da picareta que cintilava às vezes, chocando-se com algum sílex perdido no seio das águas. A cova alongava-se, alargava-se, e em breve foi bastante profunda para receber o corpo. Então, os que o transportavam aproximaram-se. O cadáver, envolto em mortalha de bisso branco, desceu à sua única sepultura. O capitão Nemo, com os braços cruzados sobre o peito, e todos os amigos do que se fora ajoelharam-se. Meus dois companheiros e eu fizemos uma reverência religiosa.

A tumba foi, então, recoberta com os restos arrancados do solo, que formaram uma pequena elevação.

Quando tudo terminou, o capitão Nemo e seus companheiros ergueram-se. Depois, aproximando-se do túmulo, todos dobraram ainda uma vez o joelho e lhe estenderam a mão em sinal de adeus.

O cortejo fúnebre retomou o caminho do *Náutilo*, tornando a passar sob os arcos da floresta, em meio às matas, ao longo das moitas de coral, subindo sempre. Afinal, apareceram as luzes de bordo. O rastilho luminoso guiou-nos até o submarino. A uma hora da tarde estávamos de volta.

Assim que mudamos de roupa, subi à plataforma e, dominado por uma terrível obsessão, fui sentar-me junto ao farol. O capitão Nemo veio reunir-se a mim. Levantei-me e disse-lhe:

— Então, conforme previra, aquele homem morreu durante a noite?

— Sim, senhor Aronnax.

— E descansa agora ao lado dos companheiros, no cemitério de coral?

— Sim. Esquecido por todos, mas lembrado por nós. Cavamos a cova e os pólipos encarregam-se de marcá-la com o selo da eternidade.

E, escondendo o rosto nas mãos, o capitão tentou em vão sufocar um soluço. Por fim, acrescentou:

— Lá é o nosso tranquilo cemitério, algumas centenas de metros abaixo da superfície das ondas.

— Pelo menos seus mortos ali dormem tranquilos, fora do alcance dos tubarões.

— Sim, senhor. Dos tubarões e dos homens.

SEGUNDA PARTE

25
Oceano Índico

A comovente cena do cemitério de coral, que me causou tão profunda impressão, marcou o fim da primeira parte de nossa viagem submarina. Agora, começaremos a narrar a segunda parte dela.

A vida do capitão Nemo transcorria inteiramente no seio daquele mar imenso e até a própria sepultura ele preparara no mais impenetrável de seus abismos. Lá, nenhum dos monstros do oceano iria perturbar o último sono dos habitantes do *Náutilo*, daqueles amigos acorrentados entre si, tanto na morte quanto na vida.

Quanto a mim, já não me contentava com as hipóteses que satisfaziam Conselho. O pobre rapaz continuava a enxergar no capitão Nemo apenas um sábio incompreendido, que retribuía à humanidade o desprezo com a indiferença. Para ele, o capitão era um gênio cansado das incompreensões e das decepções que se refugiara naquele meio inacessível, em que sua capacidade se expandia livremente. Na minha opinião, porém, tal hipótese explicava apenas uma das facetas do capitão Nemo.

Realmente, o mistério daquela última noite em que fôramos imobilizados pela dupla cadeia do enclausuramento e do sono, a precaução do capitão, arrancando-me violentamente das mãos o óculo de alcance, que me permitiria devassar o horizonte, o ferimento mortal daquele homem, devido a inexplicável abalroamento do *Náutilo*, tudo me impelia a uma nova interpretação. Não. O capitão Nemo não se limitava a fugir dos homens. Seu formidável aparelho não servia apenas à sua ânsia de liberdade. Era talvez o instrumento de misteriosas e terríveis represálias.

No momento em que escrevo, nada é ainda evidente, mal diviso vagos clarões nessas trevas e devo, portanto, limitar-me a relatar, por assim dizer, sob ditado

dos acontecimentos.

Aliás, nada nos prende ao capitão Nemo. Ele sabe que fugir do *Náutilo* é impossível. Nem ao menos somos prisioneiros sob palavra. Nenhum compromisso de honra nos encadeia. Somos apenas cativos, prisioneiros disfarçados sob o nome de hóspedes, por simulacro de cortesia. Contudo, Ned Land não perdeu a esperança de recobrar a liberdade. É indubitável que aproveitará a primeira ocasião que o acaso lhe oferecer. Eu, naturalmente, procederei como ele. Mas não será sem certo remorso que levarei comigo aquilo que a generosidade do capitão nos deixou conhecer dos mistérios do *Náutilo*. Afinal, fico indeciso: devo odiar ou admirar esse homem? É ele vítima ou carrasco? Além disso, para ser franco, gostaria, antes de abandoná-lo para sempre, de completar esta viagem em redor do mundo submarino, cujo começo foi tão empolgante. Gostaria de poder observar a série completa das maravilhas acumuladas sob os mares do globo. Gostaria de ver o que homem algum viu até hoje, ainda que tivesse de pagar com a vida minha insaciável sede de saber. Que consegui descobrir até hoje? Nada, ou quase nada, pois só percorremos seis mil léguas através do Pacífico.

Contudo, sei perfeitamente que o submarino se aproxima de terras habitadas e que, se aparecer alguma probabilidade de salvação, seria sacrificar meus companheiros à minha paixão pelo desconhecido. Serei obrigado a segui-los, talvez até a guiá-los. Mas tal ocasião aparecerá algum dia? O homem, privado de seu livre-arbítrio pela força, anseia por ela. Todavia, o sábio, o curioso, a teme.

Quando o *Náutilo* se aprestou para recomeçar a navegação submarina, desci ao salão. As escotilhas fecharam-se e a derrota do barco foi diretamente para oeste.

Sulcávamos, então, as ondas do oceano Índico, uma vasta planície líquida de 550 milhões de hectares e cujas águas são tão transparentes que provocam vertigens em quem se debruça sobre elas. O *Náutilo* flutuava geralmente entre cem e duzentos metros de profundidade. Isso durou cinco dias. Para qualquer um que não fosse eu, que dedico imenso amor ao mar, as horas pareceriam longas e monótonas. Contudo, meus passeios diários à plataforma, onde me retemperava com o ar vivificante do oceano; o espetáculo daquelas ricas águas, através das vidraças do salão; a leitura dos livros da biblioteca e a redação de minhas

memórias ocupavam todo o meu tempo e não me deixavam um só momento de lazer ou de tédio.

Durante alguns dias encontramos grande número de aves aquáticas, palmípedes, gaivotas e alcatrazes. Algumas delas foram mortas pelos caçadores e preparadas com tal artifício que forneceram um manjar marinho bem aceitável. As redes de bordo colheram várias espécies de tartarugas marinhas do gênero *careta*, de dorso arqueado e cujo casco é muito apreciado. Sua carne era em geral medíocre, mas os seus ovos constituíam excelente iguaria. Os peixes provocavam nossa constante admiração quando, através das escotilhas abertas, surpreendíamos os segredos de sua vida aquática.

De 21 a 23 de janeiro, navegamos 250 léguas em cada vinte e quatro horas. No dia 24 pela manhã avistamos a ilha Keeling, elevação madrepórica plantada de magníficos coqueiros. O *Náutilo* costeou a pequena distância as escarpas daquela ilha deserta. As redes colheram numerosos exemplares de pólipos, equinodermos, e algumas conchas curiosas do ramo dos moluscos. Alguns produtos raros das delfínulas enriqueceram o tesouro do capitão Nemo. Em pouco, a ilha desaparecia no horizonte e a rota dirigia-se para noroeste, em direção à extremidade da península indostânica.

— Terras civilizadas — disse-me naquele dia Ned Land. Sempre é melhor do que as ilhas da Papuásia, onde os selvagens são mais numerosos do que cabritos-monteses. No Hindostão, professor, há estradas carroçáveis, estradas de ferro, cidades inglesas, francesas e hindus. Não se andam lá dez quilômetros sem que se encontre um compatriota. Será que chegou o momento de abandonar o capitão Nemo sem mais despedidas?

— Não — respondi em tom decidido. — O *Náutilo* aproxima-se de continentes habitados. Dirige-se para a Europa, deixemos que ele nos transporte. Uma vez chegados a nossos mares, veremos o que nos aconselha a prudência.

A partir da ilha Keeling, nossa velocidade diminuiu sensivelmente. O *Náutilo* tornou-se caprichoso, atingindo muitas vezes grandes profundidades. Chegamos a atingir dois ou três quilômetros, mas sem verificar a profundidade do oceano Índico, cujo fundo sondas de 13 mil metros não conseguiram alcançar. Quanto à temperatura das camadas inferiores, o termômetro indicou invariavelmente quatro graus acima de zero. Observei apenas que nos lençóis superiores a água era sempre mais fria nas grandes profundidades do que à beira-mar.

A 25 de janeiro, estando o oceano completamente deserto, o submarino passou o dia à superfície, batendo as ondas com sua possante hélice e fazendo-as esguichar a grande altura. Naquelas condições, como não confundi-lo com um cetáceo gigantesco? Passei três quartas partes daquele dia na plataforma. Contemplava o mar. Nada no horizonte, a não ser um comprido navio que por volta das quatro da tarde passou para o oeste, em sentido contrário ao que seguíamos. Por um momento, a sua mastreação foi visível, mas ele não podia perceber o *Náutilo*, demasiado baixo, quase ao nível do mar.

Às cinco da tarde, antes do rápido crepúsculo que liga o dia à noite nas zonas tropicais, um curioso espetáculo maravilhou tanto a Conselho quanto a mim. Existe um encantador animal cujo encontro, segundo os antigos, pressagia boa sorte. Aristóteles e Plínio estudaram-lhe os hábitos e esgotaram a seu respeito a poética dos sábios da Grécia e da Itália. Chamaram-no *nautilus* e *pompilius.* Contudo, a ciência moderna não ratificou tal designação, e esse molusco é agora conhecido pelo nome de argonauta.

Era exatamente um cardume de argonautas que viajava naquele momento pela superfície do oceano. Podíamos contá-los às centenas. Pertenciam à espécie dos argonautas tuberculados, próprios do oceano Índico.

Aqueles graciosos moluscos moviam-se aos recuos, por meio de seu tubo locomotor, expulsando por este a água que haviam aspirado. De seus oito tentáculos, seis longos e finos flutuavam sobre a água, enquanto os outros dois, arredondados como folhas de palmeiras, enfunavam-se ao vento, como pequenas velas. Distinguia-se perfeitamente a sua concha espiraliforme e ondulada, semelhante a uma bela canoa. Verdadeiro barco, de fato. Transporta o animal que a segregou sem aderência alguma com ele.

— O argonauta tem liberdade para abandonar livremente a sua concha, mas nunca a deixa.

— É como o capitão Nemo — comentou Conselho. — Ele teria andado mais acertado, se houvesse dado ao seu barco o nome de *Argonauta.*

Durante cerca de uma hora, o *Náutilo* navegou no meio daquele cardume de moluscos. De repente, não sei que terror se apoderou deles: como se obedecessem a um sinal, todas as velas baixaram. Os braços encolheram-se, os corpos contraíram-se, as conchas, invertendo-se, mudaram o centro de gravidade

e toda a flotilha desapareceu sob as águas. Foi instantâneo e nunca os navios de uma esquadra manobraram com igual precisão.

Naquele momento, caiu subitamente a noite, e as vagas, apenas enrugadas pela brisa, escoaram-se calmamente sob as precintas do *Náutilo.* No dia seguinte, 26 de janeiro cortávamos o equador no meridiano 82, voltando assim ao hemisfério norte.

Durante aquele dia, um formidável cardume de tubarões acompanhou o submarino, formando cortejo. Terríveis animais, que pululam naqueles mares e os tornam perigosíssimos. Muitas vezes, aqueles vigorosos animais chocavam-se contra as vidraças do salão com violência pouco tranquilizadora. Ned Land não se continha mais. Ansiava por subir à superfície e arpoar aqueles monstros. Em pouco, o submarino, aumentando a velocidade, deixou facilmente para trás até os mais velozes daqueles esqualos.

A 27 de janeiro, na entrada do golfo de Bengala, fomos repetidas vezes de encontro a um espetáculo sinistro: cadáveres flutuavam à superfície das ondas. Eram os mortos das cidades hindus arrastados pelo Ganges até o alto-mar e que os abutres, únicos coveiros do país, não tinham conseguido acabar de devorar. Os tubarões, porém, estavam ali para auxiliá-los em sua fúnebre tarefa.

Por volta das sete da noite, o *Náutilo*, meio imerso, navegou através de um mar que parecia de leite. Seria efeito dos raios lunares? Não, porque a lua nova tinha dois dias e estava ainda perdida, abaixo do horizonte, nos raios solares. Todo o céu, embora iluminado pela irradiação sideral, parecia negro em contraste com a alvura das águas. Conselho não podia acreditar no que via e interrogou-me sobre as causas daquele singular fenômeno. Felizmente eu era capaz de satisfazer a curiosidade dele, explicando-lhe:

— É o que se chama de mar de leite, grande extensão de ondas brancas, frequente não só nesta região como nas ilhas Moluscas. Esse alvor, que causa admiração, se dá pela presença de miríades de infusórios, semelhantes a pequenos vermes luminosos, de aspecto gelatinoso e incolor, da espessura de um cabelo e cujo comprimento não excede um quinto de milímetro. Esses animaizinhos aderem uns aos outros, cobrindo assim superfície de léguas.

— De léguas?

— Sim, e não tentes calcular o número desses infusórios. Não o conseguirias, porque, se não me engano, alguns navegantes sulcaram esses mares de leite em

distância superior a quarenta milhas.

Não sei se Conselho levou em consideração o que eu dissera, mas pareceu abstrair-se em profundas reflexões, tentando, sem dúvida, avaliar quantos quintos de milímetro são necessários para cobrir quarenta milhas quadradas. Quanto a mim, continuei a observar aquele fenômeno.

Cerca de meia-noite, o mar readquiriu repentinamente a sua coloração ordinária, mas atrás de nós, até as raias do horizonte, o céu, refletindo a alvura das ondas, pareceu por muito tempo iluminado por vagos clarões de aurora boreal.

26
Novo convite do capitão Nemo

Ao meio-dia de 28 de janeiro, quando o *Náutilo* voltou à superfície, estava à vista de terra à distância de oito milhas a oeste. Inicialmente, observei uma aglomeração de montanhas. Depois de verificada a situação, voltei ao salão e, quando o ponto foi marcado no mapa, verifiquei que estávamos em frente a Ceilão, pérola pendente do lobo inferior da península indostânica.

O capitão Nemo e o imediato apareceram naquele momento. O capitão olhou o mapa. Depois, voltando-se para mim, disse:

— A ilha de Ceilão é célebre por suas pescarias de pérolas. O sr. Aronnax gostaria de visitar uma pesqueira?

— É claro que sim, capitão.

— Bom, é coisa facílima, embora não possamos ver os pescadores. A pesca anual ainda não começou. Pouco importa. Vou dar ordem para aproarmos em direção ao golfo de Mannar, aonde chegaremos hoje à noite.

O capitão disse algumas palavras ao imediato, que foi cumprir a ordem. Pouco depois, o *Náutilo* imergiu e o manômetro indicou que ele se mantinha a dez metros de profundidade. Com o mapa diante dos olhos, procurei localizar o golfo de Mannar. Encontrei-o na costa noroeste de Ceilão. Era formado por uma linha que se prolongava da pequena ilha de Mannar. Para alcançá-lo era preciso costear todo o litoral ocidental de Ceilão. O capitão Nemo disse-me:

— Senhor professor, pescam-se pérolas no golfo de Bengala, no mar das Índias, nos mares da China e do Japão, nos mares do sul da América, no golfo do Panamá, no golfo da Califórnia. Mas os melhores resultados são obtidos em Ceilão. É verdade que chegamos um pouco cedo. Os pescadores só se reúnem no golfo de Mannar durante o mês de março, e lá, por espaço de trinta dias,

trezentos barcos empregam-se nessa lucrativa exploração dos tesouros do mar. Cada barco é tripulado por dez pescadores e dez mergulhadores. Estes, divididos em dois grupos, mergulham alternadamente e descem à profundidade de 12 metros, por meio de pesada pedra que prendem entre os pés e que está presa ao barco por uma corda.

— Parece-me que o escafandro, como o senhor o emprega, seria muito mais eficiente para tal pescaria.

— Sim, porque os pobres pescadores não podem demorar muito tempo debaixo d'água. Sei que alguns mergulhadores conseguem permanecer até 57 segundos e os mais hábeis até 87. Contudo são raros, e, quando regressam a bordo, esses infelizes expelem pelo nariz e pelos ouvidos água misturada com sangue. Creio que a média que os pescadores podem suportar é de trinta segundos, durante os quais se apressam em amontoar numa pequena sacola todas as ostras perlíferas que conseguem arrancar. Em geral não chegam à velhice. A vista enfraquece. Ulcerações surgem em seus olhos e chagas cobrem-lhes o corpo, e muitas vezes são fulminados pela apoplexia no fundo do mar.

— Que triste profissão! E serve apenas para satisfazer o capricho de poucos. Mas, capitão, que quantidade de ostras pode pescar cada barco por dia?

Cerca de 45 mil.

— Esses pescadores são ao menos bem remunerados?

— Miseravelmente, professor. No Panamá ganham apenas um dólar por semana. Comumente, um soldo por ostra que contenha pérola.

— Um soldo por pérola a esses pobres-diabos que enriquecem os patrões! Que indignidade!

— Pois bem, professor, o senhor e seus companheiros visitarão o banco de Mannar e, se por acaso algum pescador mais apressado já estiver lá, nós o veremos operar.

— Combinado, capitão.

— Por falar nisso, o senhor não tem medo de tubarões?

— De tubarões? — exclamei.

— Sim.

— Confessarei que ainda não estou muito familiarizado com esse gênero de peixes.

— Estamos nós e, com o tempo, também o senhor se habituará. Aliás, estaremos armados e pelo caminho talvez consigamos caçar algum esqualo. É uma caçada interessante. Portanto, até amanhã de madrugada, professor.

Dito isso em tom despreocupado, o capitão Nemo deixou o salão.

Se nos convidassem para caçar ursos nas montanhas suíças, responderíamos: "Muito bem, amanhã iremos caçar ursos." Se nos convidassem para caçar leões nas planícies do Atlas, ou tigres na jângal da Índia, diríamos: "Ah! Ah! Parece que vamos caçar tigres ou leões!" Mas, ao nos convidarem para caçar tubarões em seu elemento natural, pediríamos talvez tempo para refletir antes de aceitar o convite. Passei a mão na testa, onde perlavam algumas gotas de suor frio.

E eis-me sonhando com tubarões, pensando em suas enormes mandíbulas armadas com múltiplas fileiras de dentes, capazes de dividir um homem ao meio. Cheguei a sentir certa dor em volta dos rins. Além disso, não podia engolir a despreocupação com que o capitão Nemo me fizera aquele convite. Parecia que se tratava de acuar num bosque alguma raposa inofensiva.

"Bem", ponderei, "Conselho nem pensará em aceitar tal convite, e isso me dispensará de acompanhar o capitão."

Quanto a Ned Land, confesso que não estava tão confiante em sua prudência. Um perigo, por maior que fosse, tinha sempre atrativo para seu gênio violento.

Dentro em pouco, entraram Conselho e o canadense com ar sereno e alegre. Não sabiam o que os esperava. Ned foi falando:

— Palavra de honra, professor, o seu capitão Nemo, que o diabo o carregue, acaba de fazer-nos um convite amabilíssimo.

— Ah, então já sabem…

— Com o perdão do senhor — interveio Conselho —, o capitão Nemo convidou-nos para visitar amanhã as magníficas pesqueiras de Ceilão. Fê-lo em termos delicados e portou-se como verdadeiro cavalheiro.

— E não acrescentou mais nada?

— Nada, professor — respondeu o canadense —, a não ser que já lhe havia falado desse passeiozinho.

— Realmente. Não acrescentou os pormenores…

— Nenhum. O senhor nos acompanhará?

— Eu… sem dúvida! Vejo que mestre Land se está habituando a isso.

— Oh! É interessante, muito interessante.

— Talvez, arriscado — acrescentei de maneira significativa.

— Arriscada — retrucou Land —, simples excursão num banco de ostras?

Decididamente, o capitão Nemo julgara inútil despertar a ideia de tubarões no espírito de meus companheiros. Eu os olhava com olhos baços, como se já lhes faltasse algum membro. Deveria preveni-los? Era claro que sim, mas não atinava com o modo de fazê-lo.

— O senhor poderia dar-nos alguns pormenores sobre a pesca de pérolas? — pediu-me Conselho.

— Sobre a própria pesca ou sobre os incidentes que…

— Sobre a pesca — respondeu o canadense. — Antes de pisarmos o terreno é bom conhecê-lo.

— Pois bem! Sentem-se, meus amigos, e eu vou ensinar-lhes o pouco que sei.

Ned e Conselho sentaram-se num divã e, para começar, o canadense perguntou:

— Professor, que é uma pérola?

— Meu bom Ned, para o poeta, a pérola é lágrima do mar; para os orientais, é gota de orvalho solidificada; para as mulheres, é joia de forma oval, de brilho hialino de matéria nacarada, que usam no dedo, no pescoço ou na orelha; para o químico, é mistura de fosfato e carbono de cal com um pouco de gelatina; finalmente, para os naturalistas, é simples secreção doentia do órgão que produz o nácar em certos bivalves.

— Ramo dos moluscos, classe de acéfalos, ordem dos testáceos — classificou Conselho.

— Exatamente, sapiente Conselho. Ora, entre esses testáceos, a orelha-do-mar, a íris, a tridacna, a pinha-marinha, numa palavra, todos os que segregam o nácar, isto é, essa substância azul, azulada, violeta ou branca que reveste o interior das valvas, são suscetíveis de produzir pérolas.

— Os mexilhões também? — perguntou o canadense.

— Perfeitamente! Os mexilhões de certos rios da Escócia, do País de Gales, da Irlanda, da Saxônia, da Boêmia, da França…

— Bem, de hoje em diante prestarei atenção — comentou o canadense.

— Mas — prossegui — o molusco por excelência que destila a pérola é a ostra perlífera, a meleagrina margaritífera, a preciosa pintadina. A pérola é apenas uma concreção nacarada que se deposita sob a forma globular. Ou ela

adere à concha da ostra, ou se incrusta nas dobras do animal. Nos dois casos, porém, seu núcleo é um corpo duro, seja um óculo estéril, seja um grão de areia em torno do qual a matéria nacarada se deposita durante anos, em finas camadas sucessivas e concêntricas.

— Encontram-se várias pérolas na mesma ostra? — indagou Conselho.

— Sim. Algumas pintadinas são verdadeiro escrínio. Dizem que já houve uma ostra, mas duvido disso, que continha 150 tubarões.

— Cento e cinquenta tubarões? — chacoteou Ned.

— Eu disse tubarões? — exclamei com vivacidade. — Quero dizer 150 pérolas. Tubarões seria disparate.

— Certamente, professor — interveio Conselho. — Explique-nos agora como se extraem as pérolas.

— Há diversos processos, e quando as pérolas aderem às conchas, os pescadores as arrancam com pinças. Comumente, porém, as ostras são estendidas sobre esteiras que cobrem a praia. Assim expostas ao ar livre morrem e, ao cabo de dez dias, atingem estado conveniente de putrefação. São mergulhadas, então, em grandes reservatórios de água do mar, depois abertas e lavadas. Começa o duplo trabalho dos catadores. Primeiro separam as placas de nácar. Depois retiram o parênquima da ostra, põem-no para ferver e passam-no em peneira fina para extrair dele até as menores pérolas.

— O preço das pérolas varia conforme o tamanho? — perguntou Conselho.

— Não só segundo o tamanho, mas ainda de acordo com a forma, a *água*, isto é, a cor, e o *oriente*, isto é, o brilho cambiante e matizado que as torna tão encantadoras. As pérolas mais belas são chamadas virgens e formam-se isoladamente nas carnes do molusco. São brancas, muitas vezes opacas, embora algumas vezes de transparência opalína e quase sempre esféricas ou piriformes. As esféricas são empregadas em braceletes. As piriformes, em colares e, sendo as mais preciosas, são vendidas isoladamente. As que aderem à concha, sendo irregulares, são vendidas a peso. Finalmente, ainda inferiores são as pérolas pequeninas, conhecidas pelo nome de sementes. Vendem-se por medida e servem principalmente para bordados nos paramentos eclesiásticos.

— O trabalho de separação das pérolas segundo o tamanho deve ser demorado e difícil — observou o canadense.

— Não, meu amigo. O trabalho é feito por meio de 11 peneiras que têm número variável de furos. As pérolas que ficam nas peneiras que têm de vinte a oitenta furos são de primeira ordem. As que passam nas peneiras de cem a oitenta furos são de segunda ordem. Enfim, as pérolas para as quais são empregadas peneiras de novecentos a mil furos são as inferiores.

— É engenhoso — comentou Conselho. — Vejo que a divisão e a classificação das pérolas operam-se mecanicamente. O senhor poderá dizer-nos quanto rende a exploração dos bancos de ostras perlíferas?

— Segundo certos autores, as pesqueiras de Ceilão são arrendadas pela soma de três milhões de esqualos.

— De francos, senhor — corrigiu Conselho.

— Sim, de francos. Três milhões de francos. Contudo, acho que essas pesqueiras já não produzem tanto quanto antigamente. O mesmo acontece com as pesqueiras americanas que, durante o reinado de Carlos V, produziam quatro milhões. Hoje estão reduzidas a dois terços. Em suma, podemos avaliar em nove milhões de francos o rendimento total da exploração de pérolas.

— Mas — insistiu Conselho — ouvi citar algumas pérolas célebres que valeram preço elevadíssimo…

— Sim, filho. Conta-se que César ofereceu a Servília uma pérola que valia vinte mil francos.

— Ouvi contar — disse o canadense — que certa dama antiga bebia pérolas em seu vinagre.

— Cleópatra — retrucou Conselho.

— O gosto devia ser péssimo — acrescentou Land.

— Detestável, amigo Ned.

— Lamento não ter casado com essa dama — disse o canadense, movendo o braço de maneira significativa.

— Ned Land, marido de Cleópatra — zombou Conselho.

— Mas eu ia casar, Conselho — respondeu com seriedade o canadense —, e não é culpa minha se o ato não se efetivou. Havia até comprado um colar de pérolas para minha noiva, Kate Tender, que, aliás, casou com outro. Pois bem, esse colar custara-me um dólar e meio, e, contudo, espero que o professor acredite, as pérolas que o compunham não teriam passado na peneira de vinte furos.

— Meu bom Ned — respondi rindo —, eram pérolas artificiais, simples glóbulos de vidro, pintados por dentro com essência do oriente.

— Oh! Essência do oriente deve custar caro.

— É quase de graça. É apenas a substância prateada das escamas do mugem, recolhida na água e conservada em amoníaco. Não tem valor algum.

— Foi talvez por isso que Kate Tender casou com outro — filosofou mestre Land.

— Mas — continuei —, para voltarmos às pérolas de grande valor, creio que nunca houve rei que possuísse alguma de valor superior ao das que possui o capitão Nemo.

— Esta — falou Conselho, apontando para uma magnífica joia guardada na vitrina.

— Certamente não exagero avaliando-a em dois milhões de francos. E é indubitável que ao capitão custou apenas o trabalho de apanhá-la.

— Muito bem — interrompeu Ned Land —, e quem nos diz que amanhã, durante o nosso passeio, não encontraremos outra igual?

— Ora — retorquiu Conselho.

— Que se arrisca nessa profissão — interrompeu Ned — a não ser a engolir alguns goles de águas salgada?

— Tem razão, Ned. A propósito — acrescentei, tentando tomar o mesmo tom despreocupado do capitão Nemo —, meu caro Ned tem medo de tubarões?

— Eu, um arpoador profissional? Minha profissão é divertir-me com eles.

— Não se trata de pescá-los com anzol, içá-los para o convés, cortar-lhes a cauda com machado, abrir-lhes o ventre, arrancar-lhes o coração e jogá-los ao mar.

— Trata-se, então…

— Exatamente, na água.

— Palavra, com um bom arpão. O senhor sabe que os esqualos são muito desajeitados. Precisam virar-se sobre a barriga para abocanhar, e durante esse tempo…

A maneira com que Ned Land pronunciava a palavra *abocanhar* dava-me uma sensação de frio nas costas.

— Muito bem. E tu, Conselho, que pensas desses esqualos?

— Se o senhor afronta os tubarões, não vejo razão para que o seu fiel criado não os afronte em sua companhia.

27
Uma pérola de dez milhões

Anoiteceu. Deitei-me. Dormi muito mal. Os esqualos tiveram papel importante em meus sonhos. No dia seguinte, às quatro da manhã, fui acordado pelo taifeiro que o capitão Nemo designara para servir-me. Levantei-me imediatamente, vesti-me e dirigi-me ao salão. O capitão Nemo já estava lá à minha espera. Perguntou-me:

— O senhor está preparado para a partida?

— Estou às suas ordens.

— Faça o favor de seguir-me.

— E meus companheiros?

— Já foram avisados e estão à nossa espera.

— Vamos vestir os escafandros?

— Ainda não. Não deixei o *Náutilo* aproximar-se demasiado da costa e estamos ainda ao largo do banco de Mannar. Mandei, porém, preparar o bote que nos levará ao ponto exato do desembarque, poupando-nos longo trajeto. Os escafandros estão no bote e os vestiremos no momento em que começar a nossa exploração submarina.

O capitão Nemo levou-me à escada central, cujos degraus terminavam na plataforma. Ned e Conselho já estavam lá. Cinco marinheiros, de remos armados, esperavam-nos no bote. Ainda era noite escura. Nuvens corriam pelo céu e só raras estrelas brilhavam esparsas. Dirigi a vista para o lado da terra, mas apenas divisei uma linha sombria que encobria três quartas partes do horizonte de sudoeste a noroeste. O *Náutilo*, tendo costeado durante a noite o litoral ocidental de Ceilão, fundeara a oeste da baía, ou antes do golfo, formado entre aquela terra e a ilha de Mannar. Lá, sob as águas escuras, estendia-se o banco de

pintadinas, inesgotável campo de pérolas, cujo comprimento ultrapassa vinte milhas.

O capitão Nemo, Conselho, Ned Land e eu nos instalamos na parte traseira do bote. O patrão da embarcação empunhou o leme e seus quatro companheiros empunharam os remos. O cabo foi desatado e partimos.

O bote rumou para o sul. Os remadores não se apressavam. Observei que as remadas, vigorosamente forçadas sob a água, sucediam-se com o espaço de dez segundos, conforme o método usual das marinhas de guerra. Enquanto a embarcação deslizava, impelida pelo impulso adquirido, gotinhas líquidas feriam, crepitando, o fundo negro das vagas, como rebarbas de chumbo fundido. Uma pequena marola, vinda do largo, balançava levemente o bote e cristas de ondas quebravam-se à sua frente.

Seguíamos em silêncio. Por volta das cinco e meia, as primeiras sombras do horizonte assinalaram a linha superior do litoral. Baixo, a leste, elevava-se um pouco para o sul. Cinco milhas ainda o separavam de nós e a praia confundia-se com as águas brumosas. Entre ela e nós o mar estava deserto. Nem um barco, nem um mergulhador. A solidão era profunda naquele ponto de reunião dos pescadores de pérolas. Como o capitão Nemo me avisara, chegávamos um mês antes da estação de pesca.

Às seis horas, amanheceu de súbito, com a rapidez própria das regiões tropicais, que desconhecem a aurora e o crepúsculo. Os raios solares romperam a cortina de nuvens acumuladas no horizonte oriental e o astro radioso ergueu-se rapidamente.

Vi distintamente a terra, com árvores esparsas aqui e além.

O bote dirigiu-se para a ilha de Manar, que se arredondava ao sul. O capitão Nemo levantara-se de seu banco e observava o mar. A um sinal dele, a âncora foi fundeada. A corrente mal correu, porque o fundo não estava a mais de um metro e formava naquele lugar um dos pontos mais elevados do banco das pintadinas. O bote sofreu logo o empuxo da maré vazante que o arrastava para o largo.

— Chegamos — disse-me o capitão. — Observe esta baía apertada. Nela se reunirão dentro de um mês numerosos barcos de pesca, e são estas as águas que os mergulhadores irão audaciosamente remexer. A baía é muito bem disposta para tal espécie de pesca. Abrigada dos ventos mais fortes, aqui o mar nunca fica

agitado, circunstância muito favorável ao trabalho dos mergulhadores. Vamos vestir nossos escafandros e começar nosso passeio.

Nada respondi e, auxiliado pelos marinheiros do bote, comecei a vestir o meu pesado escafandro. O capitão Nemo e meus dois companheiros também se preparavam. Nenhum tripulante do *Náutilo* devia acompanhar-nos naquela excursão.

Em breve, estávamos aprisionados até o pescoço naquela roupa de borracha e os suspensórios fixaram em nossas costas os aparelhos de ar. Antes de enfiar a cabeça na cápsula de cobre, perguntei ao capitão:

— E nossas armas? Os fuzis?

— Para que fuzis? Os montanheses não atacam o urso armado de punhal e o aço não é mais seguro do que o chumbo? Aqui está uma lâmina resistente. Prenda-a no cinto e partamos.

Olhei para os companheiros. Estavam armados como nós e Ned Land brandia enorme arpão. Pouco depois, os marinheiros começaram a desembarcar cada um de nós por sua vez, e a um metro e meio de profundidade tomávamos pé. O capitão Nemo chamou-nos com sinal de mão. Nós o seguimos e, por declive suave, desaparecemos sob as ondas. Ali, as ideias que me obcecavam abandonaram-me. Readquiri completa calma. A facilidade de movimentos aumentou minha confiança e a singularidade do espetáculo cativou minha imaginação. O sol já insinuava sob as águas claridade suficiente. Os menores objetos eram perceptíveis. Depois de dez minutos de marcha, estávamos a cinco metros de profundidade e o terreno tornara-se quase plano.

A nossos passos, como bandos de narcejas num brejo, levantavam-se revoadas de peixes curiosos. A elevação progressiva do sol tornava cada vez mais clara a massa d’água. O solo mudava pouco a pouco. A areia fina era seguida por uma verdadeira pavimentação de seixos arredondados, cobertos por tapetes de moluscos e zoófitos. Em meio a característica flora submarina corriam desajeitadas legiões de articulados, principalmente raninas desdentadas, cujas carapaças assemelham-se a um triângulo um pouco arredondado, partênopes horrorosas, de aspecto repugnante. Animais não menos horripilantes, que encontrei várias vezes, foram caranguejos enormes, aos quais a natureza deu o instinto e a força necessários para alimentarem-se de cocos. Sobem nos coqueiros da praia, derrubam os cocos que se racham com a queda e os abrem

com as suas possantes pinças. Ali, sob as águas límpidas, aquela espécie de caranguejo corria com agilidade inigualável, enquanto quelônios deslocavam-se lentamente por entre as rochas abaladas.

Por volta de sete horas, pisávamos finalmente o banco das pintadinas, no qual as ostras perlíferas se reproduzem aos milhões. Esses preciosos moluscos aderem aos rochedos e a eles ficam presos por bissos marrons que os impedem de se deslocarem. A pintadina *meleagrina*, a madrepérola, cujas valvas são quase iguais, tem a forma de concha arredondada, de paredes espessas, muito rugosas por fora. Algumas daquelas conchas eram folhadas e sulcadas de faixas esverdeadas que se irradiavam de sua extremidade. Pertenciam às ostras novas. As outras, de superfície áspera e negra, com dez ou mais anos, mediam até 15 centímetros de largura.

Todavia, não podíamos parar. Era preciso seguir o capitão Nemo, que parecia percorrer veredas só por ele conhecidas. O solo elevara-se sensivelmente e às vezes eu erguia o braço, que ultrapassava a superfície do mar. Depois, o nível do banco descia, caprichosamente. Muitas vezes contornávamos rochedos afilados como topos de pirâmides. De escuras anfractuosidades, grandes crustáceos, apoiados nas altas patas, fitavam-nos com seus olhos imóveis, e por baixo de nossos pés rastejavam mirianas, glicérias e anelídeos que estendiam desmesuradamente as antenas e os tentáculos.

Abriu-se à nossa frente uma vasta gruta, cavada no pitoresco amontoamento de rochedos, atapetados por todas as riquezas da flora submarina. A princípio, aquela gruta pareceu-me escura. Os raios solares pareciam extinguir-se ali por gradações sucessivas. A vaga transparência deles assemelhava-se a uma luz afogada. O capitão Nemo penetrou na gruta. Nós o seguimos. Meus olhos habituaram-se facilmente àquelas trevas relativas. Distingui a base do caprichoso contorno da abóboda, sustentada por pilares naturais, firmemente apoiados sobre a base granítica, com pesadas colunas da arquitetura toscana. Por que nosso incompreensível guia nos arrastava ao fundo daquela cripta submarina?

Depois de descer uma ladeira bastante íngreme, nossos pés calcaram o fundo de uma espécie de poço circular. Ali, o capitão Nemo parou e com a mão indicou um objeto que eu ainda não percebera. Era uma ostra de extraordinárias dimensões, uma tridacna gigantesca. Era uma pia que poderia conter um lago de

água benta, taça cuja largura ultrapassava dois metros, por conseguinte maior do que aquela que ornamentava o salão do *Náutilo*.

Aproximei-me daquele molusco fenomenal. Aderia por meio do bisso a uma mesa de granito e ali se desenvolvia isoladamente, nas águas serenas da gruta. Avaliei o peso daquela tridacna em trezentos quilos. Ora, tal ostra contém 15 quilos de carne e seria preciso o estômago de um Gargântua para absorver algumas.

Era evidente que o capitão Nemo conhecia a existência daquele bivalve. Não era a primeira vez que visitava o local e supus que levando-nos até ali queria somente mostrar-nos uma curiosidade natural. Enganava-me. O capitão Nemo tinha interesse pessoal em verificar o atual estado daquela tridacna. As duas válvas do molusco estavam entreabertas. O capitão aproximou-se e introduziu o punhal entre as conchas para impedi-las de se fecharem. Depois, com a mão, ergueu a túnica membranosa e rendilhada nas bordas, que constitui o manto do animal. Lá, entre as dobras feliáceas, vi uma pérola livre do tamanho de um coco. A forma globular, a limpidez perfeita e o oriente admirável faziam daquela pérola uma joia de incalculável preço. Levado pela curiosidade, quis pegá-la, sopesá-la, palpá-la. O capitão deteve-me com um sinal negativo e, retirando o punhal com movimento rápido, deixou as duas valvas fecharam-se imediatamente.

Compreendi, então, os desígnios do capitão Nemo. Deixando aquela pérola encoberta pelo manto da tridacna, permitia que continuasse o seu insensível crescimento. Todos os anos a secreção do molusco acrescentava-lhe novas camadas concêntricas. Apenas o capitão conhecia a gruta em que amadurecia aquele admirável fruto da natureza. Somente ele a criava, por assim dizer, para transportá-la um dia para o seu museu. Talvez, seguindo o exemplo dos chineses e dos hindus, houvesse até provocado a produção daquela pérola, introduzindo sob as dobras do molusco um pedaço de vidro ou de metal, que pouco a pouco se cobrira com a matéria nacarada. Contudo, comparando aquela pérola com as que eu já conhecia, com as que brilhavam na coleção do capitão, avaliei o valor dela pelo menos em dez milhões de francos. Soberba curiosidade natural e não joia de luxo, porque certamente nenhuma orelha de mulher poderia suportar tamanho peso.

A visita à opulenta tridacna terminara. O capitão Nemo deixou a gruta e de novo subimos ao banco das pintadinas, em meio àquelas águas límpidas, que ainda não turvava o trabalho dos mergulhadores.

Caminhávamos isoladamente, como verdadeiros ociosos que quisessem matar o tempo. Parávamos e andávamos segundo a nossa fantasia. Esquecera os perigos que a minha imaginação exagerara tão ridiculamente. O solo aproximava-se sensivelmente da superfície do mar, e em pouco minha cabeça ultrapassava o nível da água. Como aquele platô elevado só media alguns metros, logo depois voltáramos ao nosso elemento. Creio ter agora o direito de qualificá-lo assim.

Alguns minutos depois, o capitão Nemo parava repentinamente. Julguei que parara para retroceder. Mas não era. Com um gesto, ordenou que nos agachássemos perto dele, numa grande depressão. Sua mão indicou um ponto na massa líquida e olhei atentamente. A cinco metros de mim, surgiu uma sombra que se baixou até o solo. A inquietadora ideia dos tubarões atravessou meu espírito. Mas ainda uma vez enganava-me: não tínhamos de enfrentar os monstros do oceano. Era um homem vivo, um hindu, um pescador, um pobre-diabo, decerto, que vinha respigar antes da colheita. Distinguira o fundo de sua canoa, fundeada alguns metros acima da cabeça dele. Mergulhava e emergia sucessivamente. Uma pedra cônica que ele apertava com o pé, presa ao barco por uma corda, ajudava-o a alcançar mais rapidamente o fundo do mar. Essa era a sua única ferramenta. Atingido o solo, mais ou menos à profundidade de cinco metros, ajoelhava-se e enchia o saco com pintadinas apanhadas ao acaso. Depois emergia, esvaziava o saco, içava a pedra e recomeçava a operação, que não durava mais de trinta segundos.

O mergulhador não nos via. A sombra do rochedo ocultava-nos de seu olhar. Aliás, como poderia aquele pobre hindu vir a supor que homens, seres semelhantes a ele, estivessem ali, sob as águas, observando-lhe os movimentos, sem perder qualquer minúcia de sua pesca?

Por várias vezes emergiu e tornou a mergulhar. Não conseguia mais de uma dezena de pintadinas em cada mergulho, porque era preciso arrancá-las do banco, a que elas se fixavam por seu forte bisso. E quantas daquelas ostras, pelas quais arriscava a vida, conteriam pérolas?

Eu o observava com profunda atenção. O seu trabalho era feito com regularidade, e durante meia hora nenhum perigo pareceu ameaçá-lo. Eu já me familiarizava, pois, com aquele espetáculo interessante quando de repente, no momento em que o hindu ajoelhara-se, o vi fazer um gesto de terror, erguer-se e tomar impulso para subir à superfície.

Compreendi o seu pavor. Uma sombra gigantesca aparecia por cima do infeliz mergulhador. Era um enorme tubarão que avançava diagonalmente, olhos em brasa e mandíbulas escancaradas.

O horror emudecera-me e tolhera-me os movimentos.

O voraz animal, com movimento de barbatana, lançou-se em direção ao hindu, que se deitou de lado, evitando a dentada do tubarão, mas não o choque de sua cauda, que, atingindo-o no peito, o atirou ao solo.

Aquela cena durara apenas alguns segundos. O tubarão voltou e, virando-se sobre as costas, preparava-se para cortar o hindu em dois quando senti o capitão Nemo, que estava ao meu lado, levantar-se imediatamente. Depois, empunhando o punhal, foi direto ao monstro, disposto a lutar com ele corpo a corpo. O esqualo, no momento em que ia abocar o infeliz pescador, percebendo o novo adversário, virou-se outra vez sobre a barriga e dirigiu-se a este.

Vejo ainda a figura do capitão Nemo. Dobrado sobre si, esperava com admirável sangue-frio o formidável esqualo e, quando este se precipitou sobre ele, jogando-se de borco com maravilhosa agilidade, evitou o choque e enterrou-lhe o punhal no ventre. O golpe, porém, não fora mortal. Travou-se um terrível combate. O tubarão rugira, por assim dizer. O sangue jorrava de suas feridas. O mar tingia-se de vermelho e nada mais pude ver através daquele líquido opaco, até o momento em que, numa aberta, percebi o arrojado capitão agarrado a uma das barbatanas do animal, lutando corpo a corpo com o monstro, rasgando a punhaladas o ventre do inimigo, sem conseguir, entretanto, dar-lhe o golpe decisivo, isto é, atingi-lo no coração. O esqualo, debatendo-se, agitava a massa d’água com tamanha fúria que o redemoinho ameaçava derrubá-lo.

Eu gostaria de correr em socorro do capitão. Mas, petrificado de medo, não podia nem me mexer. Olhava desvairado. Via as fases da luta modificarem-se. O capitão caiu ao solo, derrubado pela enorme massa que pesava sobre ele. Depois, as mandíbulas do tubarão abriram-se desmesuradamente como um tesourão de metalúrgico e Nemo estaria liquidado se, rápido como o pensamento, Ned Land

não se houvesse precipitado sobre o tubarão, atingindo com certeiro golpe o coração do monstro.

As ondas impregnaram-se de sangue. Agitaram-se com o movimento do esqualo que as açoitava com indescritível furor. Ferido no coração, debatia-se em espasmos medonhos.

Entretanto, Ned Land libertara o capitão. Este, erguendo-se sem ferimentos, foi direto ao hindu, cortou rapidamente a corda que o amarrava à pedra, tomou-o nos braços e, com vigoroso impulso de calcanhar, subiu à tona d'água. Nós três o seguimos e, em poucos instantes, miraculosamente salvos, alcançávamos a embarcação do pescador.

O primeiro cuidado do capitão foi chamar à vida aquele infeliz. Não podia saber se ele conseguiria êxito, mas tinha esperanças, porque a imersão daquele coitado não fora demorada. A pancada da cauda do tubarão poderia tê-lo ferido de morte. Felizmente, à custa de fricções, o afogado recuperava os sentidos. Abriu os olhos. Qual não deve ter sido a sua surpresa, talvez o seu terror, ao ver aquelas quatro grandes cabeças de cobre inclinadas sobre ele? E, principalmente, o que não deve ter pensado quando o capitão Nemo, tirando do bolso um saquinho de pérolas, o meteu em sua mão? Aquela magnífica esmola do homem das águas ao pobre hindu foi recebida por este com mão trêmula. Seu olhar assombrado indicava, aliás, que ele não sabia a que seres sobre-humanos devia ao mesmo tempo a vida e a fortuna.

A um sinal do capitão, voltamos ao banco das pintadinas e, seguindo o caminho pelo qual viéramos depois de meia hora de caminhada, encontramos o bote. Uma vez embarcados, cada um de nós, com o auxílio dos marinheiros, livrou-se da pesada carapaça do cobre.

A primeira palavra do capitão Nemo foi para o canadense:

— Obrigado, Land.

— Foi uma desforra, capitão. Tinha uma dívida, paguei-a.

Um pálido sorriso aflorou aos lábios do capitão Nemo. Nada mais.

— Para o *Náutilo* — ordenou ele.

A embarcação voou sobre as ondas. Alguns minutos mais tarde encontraríamos o cadáver do tubarão que flutuava. Pela cor negra da extremidade das barbatanas, reconheci o terrível melanóptero do mar das Índias, da espécie dos carcarídeos. O comprimento era superior a oito metros. A enorme

boca cobria-lhe um terço do corpo. Era um adulto, como se podia verificar pelas seis fileiras de dentes dispostas em triângulos isósceles na mandíbula superior.

Enquanto eu considerava aquela massa inerte, uma dúzia daqueles vorazes melanópteros apareceu em volta da canoa, mas, sem se preocuparem conosco, lançaram-se sobre o cadáver, disputando-lhe os pedaços.

Às oito e meia estávamos de volta ao *Náutilo.* Lá, pus-me a refletir sobre os incidentes de nossa excursão ao banco de Manar. Duas conclusões decorriam dela sem sombra de dúvidas: uma sobre a audácia inigualável de capitão Nemo, outra sobre o seu devotamento a um ser humano, um dos representantes daquela raça da qual fugia por baixo dos mares. Fosse como fosse, aquele homem estranho não conseguira matar inteiramente o próprio coração.

Quando lhe fiz essa observação, respondeu-me em tom levemente comovido:

— Aquele hindu, professor, é um habitante do país dos oprimidos, e pertenço ainda e pertencerei até a morte a esse país.

28
O mar Vermelho

Durante o dia 29 de janeiro, a lua de Ceilão desapareceu no horizonte e o *Náutilo*, com a velocidade de vinte milhas por hora, internou-se no labirinto de canais que separam as ilhas Maldivas das Laquedivas. Chegou até a costear Quitan, terra de origem madrepórica, descoberta por Vasco da Gama em 1499.

Tínhamos navegado até ali 16.220 milhas, ou 7.500 léguas desde nosso ponto de partida no mar do Japão.

No dia seguinte, 30 de janeiro, quando o *Náutilo* voltou à superfície do oceano não havia terra alguma à vista. Seguia para nor-noroeste, em direção ao mar de Omã, situado entre a Arábia e a península indiana servindo de saída para o golfo Pérsico. Navegávamos num beco sem saída. Aonde nos levava o capitão Nemo? Não era capaz de responder. Isso deixou descontente o canadense, que naquele dia me perguntou para onde íamos.

— Vamos para onde nos leva a fantasia do capitão.

— Essa fantasia não pode levar longe. O golfo Pérsico não tem saída. Se entrarmos nele, não tardaremos a retroceder.

— Pois bem! Retrocederemos, mestre Land, e, depois do golfo Pérsico, se o *Náutilo* quiser visitar o mar Vermelho, lá estará o estreito de Bab-el-Mandeb para franquear-lhe a passagem.

— Não lhe direi nada de novo — respondeu o canadense —, ponderando-lhe que o mar Vermelho é tão fechado quanto o golfo Pérsico, pois o canal de Suez ainda não foi cortado e, ainda que já houvesse sido, um barco misterioso como o *Náutilo* não se arriscaria em istmos interrompidos por comportas. Portanto, o mar Vermelho não será ainda o caminho que nos levará à Europa.

— Por isso não afirmei que voltaríamos à Europa.

— Qual é, então, a sua opinião?

— Acho que, depois de visitar as interessantes paragens da Arábia e do Egito, o *Náutilo* voltará ao oceano Índico e, talvez pelo canal de Moçambique, talvez navegando ao largo das Mascarenhas, alcance o cabo da Boa Esperança.

— E uma vez no cabo da Boa Esperança? — perguntou o canadense com especial insistência.

— Então, penetraremos no Atlântico, que ainda não conhecemos. Ora essa! Essa viagem submarina o aborrece? Já se cansou do espetáculo sempre variado das maravilhas que vemos? Quanto a mim, verei com grande desgosto o fim desta viagem, que tão poucos homens conseguiram fazer.

— Recorda-se o sr. Aronnax que vai fazer três meses que somos prisioneiros a bordo do *Náutilo*?

— Não, Ned. Não me recordo e não me quero lembrar. Não conto as horas nem os dias. O fim chegará algum dia. Aliás, não depende de nós e não discutamos inutilmente. Se você viesse dizer-me: “Temos uma probabilidade de fuga”, eu discutiria com você. Não é o caso, porém. E, para falar francamente, não acredito que o capitão Nemo se aventure algum dia nos mares europeus.

Esse curto diálogo mostra que o *Náutilo* me fanatizara a tal ponto que já raciocinava como se fora o próprio capitão Nemo. Quanto a Ned Land, terminou a conversação com uma espécie de monólogo: “Tudo é belo e bom, mas, na minha opinião, onde há constrangimento não há mais prazer.”

Durante quatro dias, até 3 de fevereiro, o submarino percorreu o mar de Omã variando de velocidade e de profundidade. Parecia navegar ao acaso, como se hesitasse na escolha da rota a seguir, mas sempre sem ultrapassar o trópico de Câncer. Ao deixar aquele mar, passamos à vista de Mascate, cidade mais importante de Omã. Admirei seu aspecto estranho, em meio aos negros rochedos que a rodeiam e sobre os quais se destaca a brancura de suas casas e de seus fortins. Avistei a cúpula arredondada de sua mesquita, a flecha elegante de seus minaretes, seus frescos e verdejantes terraços. Mas foi apenas uma visão, porque o *Náutilo* imergiu logo sob as ondas daquelas sombrias paragens. A 6 de fevereiro, flutuava à vista de Aden, empoleirada num promontório, ligado ao continente por um estreito istmo, espécie de Gibraltar inacessível, cujas fortificações os ingleses reconstruíram depois de se apoderarem dele em 1839.

Supunha eu que, chegando àquele ponto, o capitão Nemo retrocederia. Enganava-me, e, para grande surpresa minha, ele prosseguiu. No dia seguinte, embocávamos o estreito de Bab-el-Mandeb, que em árabe significa *Porta das Lágrimas*. Com vinte quilômetros de largura, tem apenas 52 de comprimento, e o *Náutilo*, lançado a toda a velocidade, o transpôs em apenas uma hora. Ao meio-dia, cortávamos as ondas do mar Vermelho.

Estávamos no seio do célebre lago das tradições bíblicas, que só raramente é refrescado pelas chuvas, no qual nenhum rio desemboca, que uma excessiva evaporação reduz constantemente e que perde por ano uma camada líquida de um metro e meio de altura. Singular golfo que, fechado, reduzido às condições de simples lago, já estaria talvez completamente seco. Inferior, portanto, a seus vizinhos, o mar Cáspio e o mar de Asfaltite, cujos níveis baixaram até o ponto em que a evaporação igualou a quantidade de água que recebem. Tem 2.600 quilômetros de comprimento, por largura média de 240. No tempo dos Ptolomeus e dos imperadores romanos, foi a grande artéria comercial do mundo e o corte de istmo que restituirá a antiga importância que os trilhos de Suez já restabeleceram em parte.

Nem sequer tentei compreender o capricho que decidira o capitão Nemo a arrastar-nos para o golfo, mas aplaudi sem reservas que o *Náutilo* nele penetrasse. Passou a navegar em velocidade moderada, ora à superfície, ora mergulhando para evitar algum navio. A 8 de fevereiro, ao amanhecer, avistamos Moca, cidade agora em ruínas, cujas muralhas desabam apenas com o ribombo do canhão e que abriga algumas tamareiras verdejantes. Outrora foi cidade importante, com seis mercados públicos, 26 mesquitas e cujos muros, defendidos por 14 fortes, estendiam-se por três quilômetros.

Depois, o submarino aproximou-se das praias africanas, onde o mar é mais profundo. A 9 de fevereiro, flutuava na parte larga do mar Vermelho, compreendida entre Suaquém na costa oeste e Qunfidha na costa este.

Ao meio-dia, o capitão subiu à plataforma, onde eu me encontrava. Decidi não o deixar sem ao menos sondá-lo acerca de seus projetos futuros. Assim que me avistou, dirigiu-se a mim, ofereceu-me com amabilidade um charuto e perguntou-me:

— Então, professor, gostou do mar Vermelho? Observou à vontade as maravilhas que ele cobre, os peixes, os zoófitos, os canteiros de esponjas e as

florestas de coral? Viu as cidades que se erguem em suas praias?

— Sim, capitão, e o *Náutilo* foi o veículo maravilhoso de todo esse estudo. Ah, que barco! Parece um ser inteligente.

— Sim, inteligente, audacioso e invulnerável! Não teme nem as terríveis tempestades do mar Vermelho, nem suas correntes, nem seus abrolhos.

— Realmente, este é citado entre os piores e, se não me engano, antigamente sua forma era detestável.

— Horrorosa, sr. Aronnax. Os historiadores gregos e latinos não o poupam, e Estrabão afirma que ele é particularmente duro na época das monções e na estação das chuvas. Um escritor árabe conta que os navios naufragavam em grande número em seus bancos de areia e que ninguém se atrevia a navegar nele durante a noite. Segundo ele, é mar sujeito a terríveis furacões, semeado de ilhas inóspitas e que nada oferece de bom, seja à superfície, seja no interior de suas águas.

— Oh! Bem se vê que eles não navegaram a bordo do *Náutilo.*

— De fato — respondeu sorridente o capitão Nemo —, sobre esse ponto os modernos não estão mais adiantados que os antigos. Muitos séculos foram necessários para descobrir o poder mecânico do vapor. Quem sabe se dentro de cem anos se verá um segundo *Náutilo*? O progresso é lento, professor.

— É verdade. Seu barco antecipou-se um século, talvez mais de um, sobre a nossa época. Que pena semelhante segredo perecer com seu inventor!

O capitão Nemo nada respondeu. Depois de alguns minutos de silêncio, disse-me:

— O senhor citava a opinião dos antigos historiadores sobre os perigos que o mar Vermelho oferece à navegação…

— É verdade. Os seus temores eram exagerados?

— Sim e não, professor. O que não é perigoso para um navio moderno, bem aparelhado, solidamente construído, senhor de seus movimentos graças ao vapor, oferecia perigos de toda espécie para os navios antigos. É preciso imaginar esses primeiros navegantes aventurando-se em barcos feitos de tábuas amarradas com cordas de palha de palmeira, calafetados com resina moída e besuntados com gordura de cação. Não possuíam nem ao menos instrumentos para determinar a direção e navegavam a esmo, em meio a correntes que mal conheciam. Nessas condições, os naufrágios eram e deviam ser numerosos. Atualmente, os navios

que fazem a ligação de Suez com os mares do Sul nada têm a temer das cóleras deste golfo, apesar das monções contrárias. Os capitães e seus passageiros já não se preparam para a partida por meio de sacrifícios propiciatórios e, na volta, já não vão mais adornados de guirlandas e faixas douradas agradecer aos deuses no templo vizinho.

— Concordo que o vapor parece haver matado o reconhecimento no coração dos marinheiros. Mas, capitão, já que parece haver estudado com carinho este mar, poderia explicar-me a origem de seu nome?

— Existem numerosas explicações. O senhor quer conhecer a opinião de um cronista do século XIV?

— Com prazer.

— Esse fantasista afirma que o nome se originou do afogamento dos exércitos do faraó, quando Moisés ordenou que as ondas se fechassem depois da passagem dos israelitas.

Fecha-te! — disse Moisés.
Uniu-se o mar num espelho.
Tanto sangue dos exércitos.
Deu-lhe este nome: Vermelho.

— Explicação de poeta, capitão Nemo, que não nos satisfaz. Qual a sua opinião pessoal?

— Para mim, o nome Vermelho é tradução da palavra hebraica *edrom*, e se os antigos lhe deram tal nome foi por causa da coloração especial de suas águas.

— Até agora, entretanto, só vi águas límpidas e absolutamente incolores.

— É verdade, mas, à proporção que avançarmos para o fundo do golfo, o senhor começará a distinguir essa singular aparência. Lembro-me de já ter visto a baía de Tor completamente vermelha, como se fosse um lago de sangue.

— E essa cor é resultante da presença de uma alga microscópica?

— Exatamente. É matéria mucilaginosa purpúrea, produzida por essas minúsculas plantinhas, das quais são necessárias quarenta mil para cobrir um milímetro quadrado. Talvez o senhor as encontre em Tor.

— Então, não é a primeira vez que o senhor percorre o mar Vermelho?

— Não, senhor.

— Há pouco o senhor falou da passagem dos israelitas e da catástrofe dos egípcios. Encontrou sob as águas algum vestígio desse fato histórico?

— Não, senhor professor, e isso por excelente razão.

— Qual?

— É que o lugar exato por onde Moisés passou com todo o seu povo está hoje a tal ponto coberto pela areia que ali mal podem os camelos molhar as pernas. É claro que, nessas condições, não há suficiente profundidade para o *Náutilo*.

— Esse local fica…?

— Fica situado um pouco acima do Suez, num braço que formava outrora um profundo estuário, no tempo em que o mar Vermelho se estendia até os lagos salgados. Que tal passagem tivesse sido miraculosa ou não, o certo é que os israelitas passariam por lá para irem à Terra da Promissão e o exército do faraó perdeu-se exatamente naquele local. Creio, portanto, que, fazendo escavações na areia, seria descoberta grande quantidade de armas e de instrumentos de origem egípcia.

— É evidente que tais escavações serão realizadas mais cedo ou mais tarde, quando novas cidades se estabelecerem sobre o istmo, depois da abertura do canal de Suez. Canal, aliás, bem inútil para um barco como o *Náutilo*.

— Sem dúvida, mas útil para o mundo inteiro — afirmou o capitão Nemo. — Os antigos haviam percebido perfeitamente a utilidade de uma comunicação entre o Mediterrâneo e o mar Vermelho para as suas transações comerciais. Contudo, não pensaram na abertura de um canal direto e serviram-se do Nilo como intermediário. Provavelmente o canal que ligava o Nilo ao mar Vermelho foi começado por Sesóstris, se dermos crédito à tradição. É indubitável, porém, que, 615 anos antes de Cristo, foi empreendida a abertura de um canal alimentado pelas águas do Nilo através da planície voltada para a Arábia. Esse canal era atravessado em quatro dias e sua largura era tal que duas trirremes podiam navegar lado a lado. Foi provavelmente terminado por Ptolomeu II. Estrabão o conheceu usado pela navegação, mas a pequena inclinação de seu declive entre o seu início e o mar Vermelho só permitia a navegação durante alguns meses por ano. O canal serviu ao comércio até o século dos Antoninos. Abandonado, entupido pela areia, foi restabelecido pelo califa Onar e definitivamente obstruído em 762 pelo califa Almansor, para impedir o abastecimento de víveres a Maomé-ben-Abdalá, que se revoltara contra ele.

Durante a expedição do Egito, Bonaparte encontrou os vestígios dessa obra no deserto de Suez e, surpreendido pela maré, esteve em risco de vida, horas antes de chegar a Hadjaró, exatamente no local em que Moisés acampara 3.300 anos antes.

— Pois bem, o que os antigos ousaram empreender, a junção dos dois mares, que encurtará em nove mil quilômetros a viagem entre Cádiz e as Índias, fê-lo Lesseps e, em breve, terá transformado a África em uma imensa ilha.

— Sim, e o senhor tem direito de orgulhar-se de seu patrício. Começou como tantos outros, sofrendo aborrecimentos e incompreensões, mas acabou vencendo, porque tem força de vontade. É triste pensar que essa obra, que deveria ser internacional, que seria bastante para ilustrar um reinado, só se realizou graças à energia de um homem excepcional. Honra, pois, a Lesseps!

— Honra ao grande cidadão! — corroborei, bastante surpreendido com o tom com que falara o capitão Nemo.

— Infelizmente, não posso levá-lo pelo canal de Suez, mas o senhor avistará os molhes de Porto Said depois de amanhã, quando alcançarmos o Mediterrâneo.

— O Mediterrâneo?

— Sim, professor. De que se admira?

— O que me causa admiração é a sua afirmação de que estaremos nele depois de amanhã.

— Isso lhe causa admiração?

— Sim, capitão, embora eu já devesse estar habituado a não me admirar com mais nada desde que estou em seu barco.

— Mas qual o motivo de surpresa?

— A velocidade vertiginosa que o senhor será obrigado a imprimir ao *Náutilo* para conseguir levá-lo ao Mediterrâneo até depois de amanhã, após fazer a volta da África e dobrar o cabo da Boa Esperança.

— E quem lhe disse que ele dará a volta na África? Quem lhe fala de dobrar o cabo da Boa Esperança?

— A não ser que o *Náutilo* navegue em terra firme e passe por cima do istmo.

— Ou por baixo, sr. Aronnax.

— Por baixo?

— Sim. Há muito tempo a natureza fez por baixo dessa faixa de terra o que os homens executam atualmente em sua superfície.

— Quê? Existe uma passagem?

— Existe, sim. Uma passagem a que chamei Túnel Arábico. Começa por baixo de Suez e termina no golfo de Pelusa.

— Mas o istmo não é formado por areias movediças?

— Até certa profundidade. A cinquenta metros abaixo do solo começa um duro e inabalável rochedo.

— Foi por acaso que o senhor descobriu essa passagem? — perguntei, cada vez mais admirado.

— Por acaso e por raciocínio, até mais por raciocínio do que por acaso.

— Capitão, ouço com atenção o que me diz, contudo mal posso acreditar no que estou ouvindo.

— Ah! Ter ouvidos e não escutar é de todos os tempos. Não só existe a passagem, como já a atravessei por várias vezes. Sem ela, eu não me haveria aventurado agora no mar Vermelho.

— É indiscrição perguntar-lhe como descobriu esse túnel?

— Professor, não há necessidade de segredos entre pessoas que nunca mais se separarão…

Fiz de conta que não entendera a insinuação e esperei a narrativa do capitão Nemo.

— Professor, foi simples raciocínio de naturalista que me levou a descobrir essa passagem que sou o único a conhecer. Havia notado que no mar Vermelho e no mar Mediterrâneo existia certo número de peixes de espécies absolutamente idênticas. Certo desse fato, perguntei a mim mesmo se não existiria comunicação entre os dois mares. Se tal comunicação existisse, a corrente subterrânea deveria forçosamente dirigir-se do mar Vermelho para o mar Mediterrâneo, em razão da diferença de nível. Pesquei, então, grande quantidade de peixes nos arredores de Suez. Pus um anel de cobre em volta da cauda deles e tornei a jogá-los no mar. Alguns meses mais tarde, nas costas da Síria, recuperei alguns exemplares dos peixes que adornara com o anel indicador. A comunicação entre os dois mares estava demonstrada. Eu a procurei com o *Náutilo*. Descoberta, aventurei-me a atravessá-la e, em breve, também o senhor terá transposto o Túnel Arábico.

29
O Túnel Arábico

No mesmo dia contei a Conselho e a Ned a parte de minha conversa com o capitão que lhes interessava diretamente. Quando lhes disse que dentro de dois dias estaríamos no Mediterrâneo, Conselho bateu palmas, mas o canadense deu de ombros.

— Um túnel submarino? Uma comunicação entre dois mares? Quem ouviu algum dia alguém falar nisso?

— Amigo Ned — retrucou Conselho —, algum dia você já ouvira falar do *Náutilo*? Não. No entanto, ele existe. Portanto, não encolha os ombros tão levianamente e não negue crédito a uma coisa sob pretexto de que nunca ouviu falar nela.

— Veremos — retrucou Ned, sacudindo a cabeça. — Não desejo senão acreditar na tal passagem, nesse capitão, e que Deus nos leve realmente ao Mediterrâneo.

Naquela mesma tarde, o *Náutilo*, flutuando à superfície do mar, aproximou-se da costa árabe. Avistei Djedá, importante entreposto do Egito, da Síria, da Turquia e das Índias.

No dia seguinte, vários navios conosco se cruzaram. O *Náutilo* voltou à sua viagem submarina, mas, ao meio-dia, estando deserto o mar, subiu até a linha de flutuação. Acompanhado por Ned Land e Conselho, fui sentar-me na plataforma. A leste avistava-se uma massa apenas esboçada no úmido nevoeiro.

Encostados no bote, conversávamos calmamente sem assunto determinado quando Ned, estendendo a mão para um ponto do mar, perguntou-me:

— O senhor vê alguma coisa ali, professor?

— Nada. Mas você sabe que minha visão não é tão penetrante quanto a sua.

— Olhe com atenção. Lá. A estibordo, quase na altura do Canal. Não vê uma massa que parece mexer-se?

— Realmente — disse eu depois de longa observação —, vejo uma espécie de corpo escuro na superfície das águas.

— Outro *Náutilo*? — brincou Conselho.

— Não — replicou o canadense. — Ou estou muito enganado, ou ali está um animal marinho.

— Há baleias no mar Vermelho? — perguntou Conselho.

— Sim — respondi. — Às vezes encontram-se algumas.

— Não é baleia — retrucou Land, que não perdia de vista o objeto assinalado. As baleias e eu somos velhos conhecidos, e eu não me enganaria com o movimento delas.

— Esperemos. O *Náutilo* navega naquele rumo e daqui a pouco saberemos de que se trata.

De fato, em breve o objeto escuro estava a apenas uma milha de distância. Parecia um grande cachopo encalhado no mar Que seria? Não podia ainda dizer.

— Ah! Ele se movimenta! Mergulha! — gritou Land. — Diabo! Que bicho será aquele? Não tem a cauda bifurcada das baleias ou dos cachalotes, suas barbatanas parecem membros mutilados…

— Então… — interrompi.

— Bom! Virou-se de costas, com os peitos para cima.

— É uma sereia, com licença do professor, verdadeira sereia — interveio Conselho.

A palavra sereia desvendou o mistério. Percebi imediatamente que estávamos em presença de um animal pertencente àquela espécie de seres marinhos, de que a fábula criou as sereias, metade mulher e metade peixe. Expliquei aos companheiros:

— Não, não é uma sereia, mas sim um animal curioso, de que no mar Vermelho há apenas poucos exemplares. É um leão-marinho.

— Ordem dos sirenídeos, grupos dos pisciformes, subclasse dos monodelfos, classe dos mamíferos, ramo dos vertebrados — classificou Conselho.

Ned Land não parava de olhar. Seus olhos brilhavam de cobiça à vista daquele animal. A sua mão parecia prestes a arpoar. Dir-se-ia que ele aguardava apenas o momento de atirar-se ao mar para atacá-lo em seu próprio elemento.

— Oh, professor! Nunca matei isso.

Naquele momento, o capitão Nemo apareceu na plataforma, avistou o leão-marinho, compreendeu a atitude do canadense e, dirigindo-se diretamente a ele, indagou:

— Se tivesse um arpão, será que ele lhe queimaria as mãos?

— Como o senhor diz a verdade!

— E não lhe agradaria voltar a ser pescador por mais um dia e acrescentar esse cetáceo à lista dos que já arpoou?

— Se agradaria!

— Então, pode tentar.

— Obrigado, capitão — respondeu Ned, com os olhos inflamados.

— Apenas — acrescentou o capitão — recomendo-lhe que não erre o alvo, para seu próprio bem.

— É assim tão perigoso atacar um leão-marinho? — perguntei, apesar do encolher de ombros do canadense.

— Algumas vezes é — respondeu o capitão. — O animal volta-se contra os atacantes e vira a embarcação. Mas para mestre Land esse perigo não é para temer. Tem bom golpe de vista e braço firme. Se eu lhe recomendo que não erre o alvo é porque o leão-marinho é considerado, com justiça, uma caça fina, e sei que Ned Land não detestava os bons petiscos.

— Ah! Aquele animal ainda por cima se dá ao luxo de ser bom para comer! — suspirou o canadense.

— Sim, Land. A carne dele, carne de verdade, é muito apreciada, e em toda a Malásia reservam-na para a mesa dos príncipes. Por isso, caçam esse excelente animal com tal encarniçamento que ele se torna cada vez mais raro, como acontece igualmente com seu congênere, o manatim.

— Nesse caso, capitão — disse Conselho muito sério —, se por acaso aquele que ali está fosse o último de sua raça, não seria conveniente poupá-lo, no interesse da ciência?

— Talvez — replicou o canadense —, mas, no interesse da cozinha, o melhor é caçá-lo.

— Pode, então, caçá-lo — concluiu o capitão Nemo.

Naquele momento, sete homens da tripulação, mudos e impassíveis como sempre, subiram à plataforma. Um trazia um arpão e uma linha, semelhante às

que empregam os pescadores de baleias. Desaparafusado o bote, retirado de seu alvéolo e lançado ao mar, seis remadores tomaram lugar nos bancos e o patrão empunhou a barra do leme. Ned, Conselho e eu sentamos a ré.

— O senhor não nos acompanha, capitão? — perguntei.

— Não, mas desejo que sejam felizes na caçada.

O bote desatracou e, impelido pelos seis remos, dirigiu-se rapidamente para o leão-marinho, que flutuava a duas milhas do *Náutilo*. Chegando a pequena distância do cetáceo, o bote diminuiu a velocidade e os remos mergulharam sem ruído nas águas tranquilas. Ned Land, empunhando o arpão, foi colocar-se de pé na proa do barco. O arpão, próprio para pesca da baleia, é preso ordinariamente a uma comprida corda que se desenrola rapidamente quando o animal ferido o arrasta consigo. A corda daquele arpão, porém, media apenas algumas braças, e a sua extremidade estava presa a um barrilete que, flutuando, devia indicar o rumo do leão-marinho sob as águas.

Eu me levantara e observava atentamente o adversário do canadense. Era muito parecido com o manatim. O corpo oblongo terminava por comprida barbatana, e as barbatanas laterais, por verdadeiros dedos. A diferença entre ele e o manatim consistia no fato de estar a sua mandíbula superior armada com dois dentes longos e pontiagudos que formavam de cada lado defesas divergentes. Tinha dimensões colossais e seu comprimento era superior a sete metros. Não se movia e parecia dormir à superfície das ondas, circunstância que facilitava a sua captura.

O bote aproximou-se prudentemente até três braças do animal. Os ramos permaneceram suspensos nas forquetas. Fiquei meio levantado. Ned Land, o corpo retesado para trás, brandia o arpão com mão experimentada. De repente, ouviu-se um silvo e o leão-marinho desapareceu. O arpão, lançado com força, ferira somente a água.

— Raios! — imprecou o canadense. — Errei.

— Não — disse eu —, o animal está ferido, veja ali o sangue, mas a arma não se cravou no corpo dele.

— Meu arpão! Meu arpão! — gritou, furioso, o canadense. — Os marinheiros remaram novamente e o patrão dirigiu o barco para o barril flutuante. O arpão foi recuperado e o bote lançou-se em perseguição do animal, que de vez em quando ia à superfície do mar para respirar. O ferimento não o enfraquecera e ele

fugia com grande rapidez. A embarcação, impulsionada por braços vigorosos, voava na esteira dele. Várias vezes chegou à distância de poucas braças e o canadense preparava-se para feri-lo, mas o animal esquivava-se com mergulho repentino e era impossível atingi-lo.

Avalie-se a cólera que superexcitava o impaciente Ned. Rogava ao infeliz animal as pragas mais enérgicas da língua inglesa. Quanto a mim, sentia-me despeitado por ver o leão-marinho frustrar todos os nossos ardis.

Perseguimo-lo sem descanso durante uma hora e eu começava a temer que seria dificílimo apanhá-lo quando ele teve a desastrada ideia de vingar-se, do que havia de arrepender-se. Voltou-se contra o bote para assaltá-lo por sua vez.

Essa manobra foi percebida pelo canadense.

— Atenção! — gritou.

O patrão disse algumas palavras em sua língua bizarra, sem dúvida prevenindo a tripulação.

O leão-marinho, chegando a poucos metros do bote, parou, sorveu precipitadamente o ar pelas enormes ventas, abertas não na extremidade, mas na parte superior do focinho. Depois, tomando impulso, precipitou-se sobre nós. O bote não pôde evitar o choque. Meio inclinado, embarcou uma ou duas toneladas de água, que foi preciso esgotar. Mas, graças à perícia do patrão, foi abalroado de viés e não de frente, e não virou. Ned Land, agarrado à roda da proa, crivava de arpoadelas o gigantesco animal, que com os dentes cravados na amurada levantava a embarcação fora d’água, como faz o leão com o cabrito-montês. Havíamos caído uns sobre os outros e não sei como acabaria a aventura se o canadense, encarniçado contra a fera, não a houvesse afinal atingido no coração. Ouvi o rangido de seus dentes no aço do bote e o leão-marinho desapareceu, arrastando consigo o arpão. Pouco depois, o barril sobrenadou e instantes após apareceu o corpo do animal. O bote aproximou-se dele, pô-lo a reboque e dirigiu-se para o *Náutilo.*

Foi preciso empregar talhas poderosas para içá-lo à plataforma. Pesava cinco toneladas. Foi esquartejado sob a orientação do canadense, que fez questão de acompanhar todas as minúcias daquela complexa operação. No mesmo dia, o taifeiro serviu-me algumas postas daquela carne habilmente preparada pelo cozinheiro de bordo. Era excelente. Achei-a superior à carne de vitela, ou talvez à de vaca.

No dia seguinte, a despensa de bordo enriqueceu-se com mais uma caça delicada. Um bando de andorinhas-do-mar baixou sobre o barco. Eram da espécie *sterna nilotica*, própria do Egito, que têm bico negro, cabeça cinzenta e pontilhada, olhos e cercados de pontos brancos, o dorso, as asas e a cauda acinzentados, barriga e papo brancos, patas vermelhas. Também caçamos algumas dúzias de patos do Nilo, aves selvagens de excelente sabor, as quais têm pescoço e cabeça brancos, manchados de preto.

A velocidade do *Náutilo* era moderada. Seguia flanando, por assim dizer. Observei que a água do mar Vermelho tornava-se cada vez menos salgada, à proporção que nos aproximávamos de Suez. Às seis horas, o submarino, ora flutuando, ora submerso, passava ao largo de Tor, situada no fundo de uma baía, cujas águas pareciam pintadas de vermelho. Anoiteceu em meio a um pesado silêncio, quebrado apenas de vez em quando pelo grito do pelicano, por algumas aves noturnas e pelo ruído da ressaca, aumentado pelas penedias, ou pelo gemido longínquo de algum navio batendo as águas do golfo com lias pás sonoras.

Entre as oito e as nove horas, o *Náutilo* permaneceu alguns metros abaixo da superfície. Devíamos estar muito perto de Suez. Através das escotilhas do salão, eu via o fundo de rochedos fortemente iluminado por nossa luz elétrica. Parecia-me que as margens do estreito aproximavam-se uma da outra progressivamente. Às 21h15, o barco voltara à superfície e subi à plataforma. Ansioso para atravessar o túnel do capitão Nemo, não conseguia ficar quieto num lugar e procurava respirar o ar fresco da noite. Pouco depois, na sombra, avistei um fogo descorado, meio encoberto pela bruma, a cerca de uma milha.

— Uma boia flutuante — disseram perto de mim.

Voltei-me e dei de cara com o capitão Nemo, que acrescentou:

— É a boia flutuante de Suez. Não demoraremos mais a alcançar o orifício de entrada do túnel.

— Essa entrada não deve ser fácil.

— Não, senhor. Por isso, tenho o hábito de ocupar o lugar do timoneiro e dirigir pessoalmente a manobra. E agora, faça o favor de descer, sr. Aronnax. O *Náutilo* vai imergir e só voltará à superfície depois de haver atravessado o Túnel Arábico.

Acompanhei o capitão. A escotilha fechou-se, os reservatórios encheram-se de água e o aparelho imergiu uma dezena de metros.

No momento em que me dispunha a voltar ao meu camarote, o capitão reteve-me e disse-me:

— Professor, gostaria de acompanhar-me à cabina do piloto?

— Não ousaria pedir-lhe — respondi.

— Venha, então. Poderá ver, assim, tudo quanto se pode ver desta navegação ao mesmo tempo subterrestre e submarina.

O capitão Nemo levou-me à escada central. No meio da rampa, abriu uma porta, seguiu pelos passadiços superiores e chegou à cabina do piloto, que, como já sabemos, ficava na extremidade da plataforma.

Media ela seis pés de cada lado. No centro havia uma roda disposta verticalmente, engrenada nos cabos do leme, que corriam até a popa. Quatro vigias de vidros lenticulares, implantadas nas paredes da cabina, permitiam ao timoneiro olhar em todas as direções.

A cabina estava às escuras. Em pouco, porém, meus olhos habituaram-se àquela escuridão e vi o piloto, homem vigoroso, com as mãos apoiadas nas cambas da roda. Do lado de fora, descortinava-se o mar fortemente iluminado pelo farol que brilhava na parte traseira da cabina, na outra extremidade da plataforma.

— Agora — disse o capitão —, procuremos a passagem.

Fios elétricos ligavam a cabina do timoneiro com a sala das máquinas, o que permitia ao capitão imprimir ao seu barco o movimento e a direção. Apertou um botão de metal e, no mesmo instante, a velocidade da hélice diminuiu.

Eu contemplava em silêncio a muralha alta e escarpada que costeávamos, inabalável base do maciço arenoso da costa. Nós a perlongamos assim durante uma hora, a poucos metros de distância. O capitão Nemo não tirava os olhos da bússola suspensa de dois círculos concêntricos. A simples gesto dele, o timoneiro modificava a cada instante a direção do barco. Eu me postara na vigia de bombordo e admirava as magníficas construções de corais, zoófitos, algas, crustáceos agitando as enormes patas, que se alongavam para fora das anfractuosidades do rochedo. Às 22h15, o próprio capitão Nemo empunhou as cambas da roda. Uma galeria larga e profunda abria-se diante de nós. O *Náutilo* engolfou-se nela arrojadamente. Um zumbido insólito zuniu em seus flancos. Eram as águas do mar Vermelho que o declive do túnel precipitava em direção ao Mediterrâneo. O submarino seguia a torrente, veloz como flecha, malgrado os

esforços de sua máquina, que, para resistir, batia as ondas em marcha à ré. Nas muralhas da estreita passagem, eu só via traços cintilantes, linhas retas, sulcos de fogo traçados pela velocidade, tendo como matéria-prima o brilho da eletricidade. Meu coração palpitava e eu o comprimia com a mão.

Às 22h35, o capitão Nemo abandonou a roda do leme e, voltando-se para mim, anunciou:

— O Mediterrâneo.

Em menos de vinte minutos, o *Náutilo*, arrastado por aquela torrente, atravessara o istmo do Suez.

30
O arquipélago grego

No dia seguinte, 12 de fevereiro, ao amanhecer, o *Náutilo* subiu à superfície. Corri à plataforma. A três milhas para o sul, desenhava-se a vaga silhueta de Pelúsio. Uma torrente nos levara de um mar ao outro, mas aquele túnel, fácil de descer, deveria ser impraticável para a subida.

Por volta de sete horas, Ned e Conselho vieram reunir-se a mim. Os dois inseparáveis companheiros haviam dormido tranquilamente.

— Então, senhor naturalista — perguntou-me o canadense num tom levemente zombeteiro —, e o tal Mediterrâneo?

— Flutuamos à sua superfície.

— Hein? — exclamou Conselho. — Na noite passada?

— Perfeitamente. Na noite passada. Em poucos minutos atravessamos o istmo intransponível.

— Nessa não acredito — replicou o canadense.

— Pois faz mal, mestre Land. Aquela costa baixa, que se arredonda para o sul, é a costa egípcia.

— Vá contar essa a outro.

— Mas, se o sr. Aronnax afirma — acudiu Conselho —, é porque é verdade.

— Aliás, Ned, o capitão Nemo fez-me as honras de seu túnel e eu estava ao lado dele na cabina do timoneiro, enquanto ele dirigia pessoalmente o *Náutilo* através da estreita passagem.

— Ouviu, Ned? — caçoou Conselho.

— E você, que tem visão tão boa — acrescentei —, pode avistar daqui o cais do Porto Said, que avança pelo mar adentro.

O canadense olhou atentamente.

— É verdade. O senhor tem razão, professor, e o seu capitão é um homem de verdade. Estamos no Mediterrâneo. Bem. Conversemos, então, por favor, sobre nossos negócios particulares, mas de modo que ninguém possa nos escutar.

Vi logo aonde o canadense queria chegar. Em todo caso, achei que mais valia conversar, já que ele insistia, e fomos nos sentar perto do farol, onde estávamos menos expostos aos respingos das ondas.

— Pronto, Ned. Estamos prontos para escutá-lo. Que tem para comunicar-nos?

— O que tenho a dizer-lhes é muito simples. Estamos na Europa e, antes que os caprichos do capitão Nemo nos arrastem ao fundo dos mares polares ou nos levem de volta à Oceania, peço que abandonemos o *Náutilo*.

Confesso que essa discussão com o canadense sempre me embaraçava. De modo algum queria eu tolher a liberdade de meus companheiros, porém não sentia o menor desejo de abandonar o capitão Nemo. Graças a ele, graças ao seu aparelho, eu aperfeiçoava constantemente os meus estudos submarinos e enriquecia a minha obra sobre o fundo do mar com observações que ia fazendo no próprio meio estudado. Encontraria de novo algum dia igual ocasião de observar as maravilhas do oceano? Certamente, não. Não podia, portanto, considerar essa ideia de abandonar o *Náutilo* antes de completar o ciclo de minhas investigações.

— Amigo Ned, responda-me francamente. Você se aborrece a bordo? Lamenta que o destino o tenha jogado entre as mãos do capitão Nemo?

O canadense demorou a resposta por alguns momentos. Depois, cruzando os braços, disse:

— Francamente, não lamento esta viagem submarina. Sinto-me contente por tê-la realizado. Mas para tê-la realizado é indispensável que ela termine. Essa é a minha opinião.

— Ela terminará, Ned.

— Onde? Quando?

— Onde? Não sei. Quando? Não posso dizê-lo, ou, antes, penso que terminará quando os mares nada mais tiverem para nos revelar. Tudo o que começou tem forçosamente fim neste mundo.

— Sou da mesma opinião que o senhor — aprovou Conselho —, e é bem possível que depois de haver percorrido todos os mares do globo o capitão Nemo

nos dê a liberdade.

— Liberdade! — exclamou o canadense. — Talvez nos jogue no mar!

— Não exageremos, mestre Land. Nada temos a temer do capitão, mas não concordo com as ideias de Conselho. Somos conhecedores dos segredos do *Náutilo* e não admito que o seu capitão, para nos restituir a liberdade, se conforme a vê-los espalhados pelo mundo.

— Então, que esperança tem o senhor? — perguntou o canadense.

— Que surgirão circunstâncias das quais poderemos e devemos aproveitar, seja agora, seja dentro de seis meses.

— Seis meses? — zombou Land. — E onde estaremos daqui a seis meses, senhor naturalista?

— Talvez aqui, talvez na China. Você sabe que o *Náutilo* é veloz andarilho. Atravessa os oceanos como as andorinhas atravessam os ares ou um expresso corta os continentes. Ele não teme os mares frequentados. Quem nos diz que não vai dirigir-se ao litoral da França, da Inglaterra ou da América, locais em que uma fuga poderá ser tentada com tantas probabilidades como aqui?

— Sr. Aronnax — replicou o canadense —, os seus argumentos pecam pela base. O senhor fala do futuro: “Nós estaremos ali! Nós estaremos acolá!” Eu falo no presente: “Nós estamos aqui e devemos aproveitar a oportunidade.”

Eu me sentia encurralado pela lógica de Ned Land e sentia-me derrotado. Não atinava com que argumentos poderia contar a meu favor. Land aproveitou a vantagem:

— Professor, suponhamos, por absurdo, que o capitão Nemo nos oferecesse hoje mesmo a liberdade. O senhor aceitaria?

— Não sei — respondi.

— E se ele acrescentasse que o oferecimento feito hoje não seria feito novamente, o senhor aceitaria?

Calei-me.

— Qual a opinião do amigo Conselho?

— O amigo Conselho — retrucou calmamente o bom rapaz — nada tem a dizer. É absolutamente desinteressado no debate. É celibatário como o seu patrão e o amigo Ned. Nem mulher, nem filhos, nem pais o esperam em sua terra. É criado do sr. Aronnax, pensa como o sr. Aronnax, fala pela mesma boca e, com grande pesar seu, ninguém deve contar com ele para obter maioria. Só há duas

pessoas no debate: o professor Aronnax de um lado e Ned Land do outro. Dito isso, o amigo Conselho escuta e está pronto para marcar pontos.

Não pude deixar de sorrir ao ver Conselho aniquilar tão completamente a própria personalidade. No fundo, o canadense devia sentir-se encantado por não tê-lo contra si.

— Então, professor, já que Conselho não existe, discutamos nós dois. Eu falei, o senhor ouviu-me. Que me responde?

Era preciso chegar a uma conclusão e os subterfúgios repugnam-me.

— Amigo Ned — respondi —, você tem razão, e meus argumentos não podem prevalecer contra os seus. Não podemos contar com a boa vontade do capitão Nemo. A mais elementar prudência proíbe-lhe pôr-nos em liberdade. Por outro lado, a prudência manda que aproveitemos a primeira ocasião para abandonar o *Náutilo.*

— Bem, sr. Aronnax, vejo que escutou a voz da prudência.

— Quero apenas fazer uma observação. É preciso que a ocasião seja séria. É preciso que nossa primeira tentativa seja coroada de êxito, porque, se abortar, nunca mais teremos ocasião de repeti-la e o capitão Nemo não nos perdoará.

— Isso é verdade — concordou o canadense. — Mas a sua observação aplica-se a qualquer tentativa de fuga, seja dentro de dois anos, seja dentro de dois dias. Portanto, a questão é a seguinte: se se apresentar uma ocasião favorável, é preciso aproveitá-la.

— De acordo. Agora, explique o que você entende por ocasião favorável.

— Aquela que, durante uma noite escura, levasse o *Náutilo* a aproximar-se de uma costa europeia.

— E tentaria fugir a nado?

— Sim, se estivéssemos suficientemente perto da praia e o submarino flutuasse. Não, se estivéssemos afastados da praia e ele navegasse submerso.

— Nesse caso…

— Nesse caso, procuraria apoderar-me do bote. Sei como se manobra. Alcançaríamos o interior dele e, retiradas as cavilhas, subiríamos à superfície, sem que nem mesmo o timoneiro postado na proa desse pela fuga.

— Bom, Ned. Espreite essa ocasião, mas não se esqueça de que um revés nos perderá.

— Não me esquecerei.

— E agora, Ned, quer que diga francamente a minha opinião sobre o seu projeto?

— Com muito prazer.

— Pois bem, penso, não digo que tenho esperança, que a tal ocasião favorável nunca se apresentará.

— Por quê?

— Porque o capitão Nemo não pode se iludir a respeito de nossos sentimentos. Ele tem certeza de que não renunciamos à esperança de reconquistar a nossa liberdade e ficará vigilante, principalmente nos mares europeus e na proximidade de suas costas.

— Sou da mesma opinião — corroborou Conselho.

— Havemos de ver — disse Ned, sacudindo resolutamente a cabeça.

— Agora, mestre Land — acrescentei —, paremos por aqui. Nem mais uma palavra sobre isso. No dia em que estiver pronto, avise-nos e o seguiremos. Confio inteiramente em você.

Desse modo, terminou a conversa que mais tarde deveria ter graves consequências. Devo dizer, porém, que os fatos pareceram confirmar as minhas previsões, para grande desespero do canadense. O capitão Nemo desconfiava de nós naqueles mares frequentados, ou queria apenas furtar-se à vista dos numerosos navios de todas as nações que cortavam o Mediterrâneo em todas as direções? Não sei, mas conservou o *Náutilo* quase sempre entre duas águas e ao largo das costas. Ou o emergia, deixando de fora apenas a cabina do timoneiro, ou o descia a grandes profundidades, porque entre o arquipélago grego e a Ásia Menor não alcançávamos fundo a dois mil metros.

Por isso, só tive conhecimento da ilha de Cárpato, uma das Espórades, por este verso de Virgílio que o capitão Nemo citou apontando com o dedo um ponto do planisfério:

Esta in Carpathio Neptuni gurgite vates
Coeruleus Proteus…

Era a antiga morada de Proteu, o velho pastor dos rebanhos de Netuno, situada entre Rodes e Crera. Contudo, pude ver apenas os embasamentos graníticos, através da vidraça do salão.

No dia seguinte, 14 de fevereiro, resolvi dedicar algumas horas ao estudo dos peixes do arquipélago. Mas, por um motivo qualquer, as escotilhas permaneceram hermeticamente fechadas. Calculando a direção do *Náutilo*, observei que ele se dirigia para Cândia, antiga ilha de Creta. No momento em que eu embarcara na *Abraham Lincoln*, aquela ilha acabara de insurgir-se em peso contra o despotismo turco. Mas o que se tornara a insurreição, a partir daquela data eu ignorava completamente e não seria o capitão Nemo, privado de qualquer comunicação com a terra, que me poderia informar.

Não fiz, portanto, qualquer alusão ao acontecimento quando, à noite, me encontrei a sós com ele no salão. Pareceu-me taciturno, preocupado. Depois, contra seus hábitos, ordenou a abertura das escotilhas do salão e, andando de um lado para outro, pôs-se a observar atentamente a massa líquida. Com que fim? Não podia adivinhar e dediquei meu tempo ao estudo dos peixes que me passavam diante da vista. Mal podia tirar os olhos daquelas maravilhas, quando fui surpreendido por uma aparição inesperada.

No meio das águas surgiu um homem, mergulhador, trazendo na cintura uma bolsa de couro. Não era um corpo abandonado às ondas, e sim um homem vivo que nadava com mão vigorosa, desaparecendo de vez em quando para respirar na superfície e tornando a mergulhar imediatamente.

Voltei-me para o capitão Nemo, com voz comovida, e exclamei:

— Um homem! Um náufrago! É preciso salvá-lo, custe o que custar!

O capitão nada respondeu e foi encostar-se na vidraça. O homem aproximara-se com a face colada à escotilha e contemplava-nos. Para grande espanto meu, o capitão Nemo fez-lhe sinal. O mergulhador respondeu-lhe com a mão, subiu imediatamente para a superfície do mar e não reapareceu mais.

— Não se preocupe — disse-me o capitão. — É Nicolau, do cabo Matapão, apelidado de Peixe. É muito conhecido em todas as ilhas Cícladas. Um ousado mergulhador. A água é o seu elemento e nela vive mais tempo do que em terra, indo constantemente de uma ilha para outra, inclusive Creta.

— O senhor o conhece, capitão?

— Por que não, sr. Aronnax?

Acabando de responder-me com essa pergunta, o capitão Nemo dirigiu-se a um móvel colocado junto à escotilha esquerda do salão. Perto desse móvel vi um

cofre de ferro cuja tampa tinha placa de cobre com a marca do *Náutilo*, com sua divisa *Mobilis in mobile.*

Naquele momento, o capitão, sem se preocupar com a minha presença, abriu o móvel, uma espécie de caixa-forte que continha grande número de barras de ouro. Donde vinha aquele precioso metal, que representava enorme soma? Onde o capitão apanhava aquele ouro e que iria fazer dele?

Eu não disse uma só palavra. Limitei-me a olhar. O capitão Nemo começou a arrumar metodicamente, uma a uma, aquelas barras de ouro numa arca, até enchê-la inteiramente. Avaliei que o cofre deveria conter mais de cinco mil quilos de ouro. A arca foi solidamente fechada e o capitão escreveu em sua tampa um endereço em caracteres que deveriam pertencer ao grego moderno.

Feito isso, o capitão Nemo apertou um botão, cujo fio o punha em correspondência com a câmara da tripulação. Quatro homens apareceram e, com muita dificuldade, levaram a arca para fora do salão. Em seguida ouvi o ruído das talhas içando todo aquele ouro pela escada de ferro.

Naquele momento, o capitão Nemo voltou-se para mim e perguntou-me:

— O senhor dizia, professor?

— Não dizia nada, capitão.

— Então, com licença. Boa noite.

E, inclinando a cabeça num gesto de despedida, deixou o salão.

Voltei ao meu camarote intrigadíssimo. Tentei, em vão, conciliar o sono. Procurava uma relação entre a aparição daquele mergulhador e aquela arca repleta de ouro. Pouco depois, senti pelo balanço e pela arpagem que o *Náutilo* abandonara as camadas inferiores e emergira. Depois, escutei ruído de passos na plataforma. Percebi que desatarraxavam o bote e o lançavam ao mar. Duas horas depois, o mesmo ruído, as mesmas idas e vindas repetiram-se. A embarcação, içada para bordo, foi recolocada no seu alvéolo e o *Náutilo* tornou a mergulhar nas ondas.

Portanto, aqueles milhões tinham sido levados a seu destino. Para que ponto do continente? Quem era o correspondente do capitão Nemo?

No dia seguinte, contei a Conselho e ao canadense os acontecimentos daquela noite, os quais superexcitavam a minha curiosidade. Meus companheiros não ficaram menos surpresos do que eu. Ned indagou:

— Aonde foi ele buscar esses milhões?

Para isso não havia resposta possível. Depois do almoço fui para o salão e continuei o meu trabalho. Até às cinco da tarde redigi meus apontamentos. Senti, então, calor tão grande que fui obrigado a despir minha roupa de bisso. Seria consequência de alguma predisposição minha? Aquele calorão era incompreensível, porque não estávamos nas proximidades do equador e o *Náutilo*, imerso, como estava, não devia sofrer nenhuma elevação de temperatura. Observei o manômetro. Marcava profundidade de vinte metros, portanto inatingível para o calor atmosférico.

Continuei meu trabalho, mas a temperatura continuou a elevar-se a ponto de tornar-se intolerável. Ia sair do salão quando o capitão Nemo entrou. Aproximou-se do termômetro, leu a temperatura e, voltando-se para mim, disse:

— Quarenta e dois graus.

— Estou sentindo-os, capitão, e por pouco que esse calor aumente não o poderemos mais suportar.

— Professor, esse calor só aumentará se quisermos.

— O senhor pode moderá-lo à vontade?

— Não, mas posso afastar-me da fornalha que o produz.

— Esse calor, então, vem de fora?

— Sem dúvida. Flutuamos numa corrente de água fervente.

— Será possível?

— Veja.

As escotilhas do salão abriram-se e vi o mar em volta do *Náutilo* inteiramente branco. Uma fumaça de vapores sulfurosos impregnava as ondas que ferviam como a água de uma caldeira. Encostei a mão numa das vidraças, mas o calor era tamanho que a tirei na mesma hora.

— Onde estamos?

— Perto da ilha Santorini, exatamente no canal que separa Nea Cameni de Palea Cameni. Quis proporcionar-lhe o maravilhoso espetáculo de uma erupção submarina.

— Supunha que a formação dessas ilhas novas já houvesse acabado.

— Nada jamais terminou nas regiões vulcânicas, e nelas o globo é constantemente reconstruído pelos fogos subterrâneos. Já no ano 19 de nossa era, segundo Cassidoro e Plínio, uma ilha nova, Teia, a divina, surgiu exatamente no local em que recentemente se formaram essas ilhotas. Depois, afundou-se no

abismo para reaparecer no ano 69 e tornar a submergir. A partir daquela época até nossos dias o trabalho plutônico jamais parou. A 3 de fevereiro de 1866, uma nova ilhota, que recebeu a denominação de Jorge, emergiu do meio dos vapores sulfurosos, próximo a Nea Cameni, reunindo-se a esta em 6 do mesmo mês. Sete dias depois, surgiu a ilhota Afroessa, ficando entre ela e a Nea Cameni um canal de dez metros. Eu estava nesses mares quando o fenômeno se verificou e pude observá-lo em todas as suas fases. A ilhota Afroessa, de forma arredondada, media cem metros de diâmetro por dez de altura. Compunha-se de lavas negras e vítreas, misturadas com fragmentos feldspáticos. Finalmente, a 10 de março, uma ilhota menor, chamada Reca, surgiu perto de Nea Cameni, e a partir de então as três ilhas, soldadas entre si, formam apenas uma.

— E o canal que atravessamos neste momento?

— Ei-lo — respondeu-me o capitão, mostrando-me o mapa do arquipélago. — Como se vê, já marquei nele as novas ilhotas.

— Mas este canal há de fechar-se um dia.

— É provável, sr. Aronnax, porque, a partir de 1866, oito ilhéus de lava surgiram diante do porto de São Nicolau, em Palea Cameni. É, portanto, evidente que Nea e Palea se reunirão em breve. Se em meio ao Pacífico são os infusórios que formam os continentes, aqui são as erupções vulcânicas. Veja, professor, o trabalho que se processa sob as ondas.

Voltei à vidraça. O *Náutilo* parara. O calor tornava-se insuportável. De branco que era, o mar transformava-se em vermelho, pela presença do sal de ferro. Apesar do fechamento hermético do salão, um insuportável cheiro de enxofre invadia tudo e eu via as chamas rubras, cuja irradiação matava o brilho da eletricidade. Eu nadava em suor, sufocava, parecia cozinhar.

— Não podemos aguentar muito tempo no meio desta água fervente — disse o capitão.

— Não seria prudente.

Uma ordem foi dada, o *Náutilo* virou de bordo e afastou-se daquela fornalha que não podia impunemente desafiar. Um quarto de hora mais tarde, respirávamos na superfície das águas.

Ocorreu-me, então, o pensamento de que, se Ned Land houvesse escolhido aquele lugar para efetuar nossa fuga, não teríamos saído vivos daquele mar de fogo.

No dia seguinte, 16 de fevereiro, deixávamos aquela bacia, que, entre Rodes e Alexandria, chega a atingir profundidades de três mil metros, e o *Náutilo,* passando ao largo de Cerigo, abandonava o arquipélago grego depois de dobrar o cabo Matapão.

31
Travessia-relâmpago

Mar Azul por excelência, *Grande Mar* dos Hebreus, o Mar dos gregos, o *mare nostrum* dos romanos, cercado de laranjeiras, de aloés, de cactos, de pinheiros marítimos, embalsamado pelo perfume dos mirtos, emoldurado por ásperas montanhas, saturado de ar puro e transparente, mas incessantemente laborado pelos fogos da terra, é o Mediterrâneo um campo de batalha em que Netuno e Plutão ainda disputam o império do mundo. Nele, em suas praias e em suas águas, o homem revigora-se num dos melhores climas do mundo.

Contudo, por mais belo que seja, apenas pude ter de sua bacia uma fugaz percepção. Mal vi aquela superfície de dois milhões de quilômetros quadrados. Até os conhecimentos pessoais do capitão Nemo faltaram-me, porque o enigmático personagem não apareceu nem uma só vez durante aquela travessia a grande velocidade. Calculo em cerca de seiscentas léguas a distância que o *Náutilo* percorreu sob as ondas desse mar, em duas vezes 24 horas. Partindo dos arredores da Grécia na manhã de 16 de fevereiro, no dia 18, ao despontar do sol, já havíamos transposto o estreito de Gibraltar.

Ficou claro para mim que o Mediterrâneo, apertado no meio daquelas terras que queria evitar, causava repugnância ao capitão Nemo. As suas ondas e as suas brisas traziam-lhe recordações numerosas demais, quiçá saudades em demasia. Não gozava nele da liberdade de movimentos e da independência de manobras que lhe proporcionavam os oceanos, e o *Náutilo* sentia-se angustiado entre aquelas praias da Europa e da África, demasiado próximas umas das outras.

Por isso, nossa velocidade foi de 25 milhas por hora, isto é, de 12 léguas marítimas de quatro quilômetros. É escusado dizer que Ned Land, com grande pesar, foi obrigado a renunciar aos seus projetos de fuga. Era impossível servir-

se do bote, arrastado à razão de 12 a 13 metros por segundo. Deixar o *Náutilo* nessas condições seria o mesmo que saltar de um trem em igual velocidade. Aliás, nosso aparelho só emergia durante a noite, a fim de renovar a provisão de ar, e dirigia-se segundo as indicações da bússola e a marcação da barquilha.

Do interior do Mediterrâneo pude ver apenas o que o passageiro de um expresso pode perceber da paisagem que lhe foge diante dos olhos, isto é, os horizontes longínquos, e não os primeiros planos, que passam como relâmpagos. Contudo, Conselho e eu pudemos observar alguns peixes que conseguiam manter-se por instantes nas águas do *Náutilo.*

Em meio às massas d’água fortemente iluminadas pelos jatos elétricos serpenteavam algumas lampreias de um metro de comprimento, comuns a quase todos os climas. Oxirrincos, espécies de raias de cinco pés de largura, barriga branca, dorso cinzento claro, manchados, ondulavam com xales levados pela corrente. Outras raias passavam com tal rapidez que eu não podia decidir se mereciam o nome de águias, que lhes deram os gregos, ou os apelativos de rato, sapo e morcego, com que as ridicularizavam os pescadores modernos. Tubarões-lixas de três metros, particularmente temidos pelos mergulhadores, apostavam corrida entre si. Raposas-marinhas, dotadas de faro extremamente sensível, pareciam grandes sombras azuladas. As douradas, do gênero *spares*, algumas medindo até três decímetros, exibiam sua roupagem de prata e azul, cercada de estreitas faixas, que realçavam o tom escuro de suas barbatanas. São peixes consagrados a Vênus e cujo olho é engastado em supercílio de ouro, espécie preciosa, amiga de todas as águas, doces ou salgadas, habitantes dos rios, dos lagos e dos oceanos, vivendo em todos os climas, suportando todas as temperaturas e cuja raça, contemporânea das épocas geológicas da terra, conservou integralmente a beleza de antanho. Esturjões magníficos, de nove e de dez metros de comprimento, dotados de grande velocidade, açoitavam com a cauda potente a vidraça das escotilhas, exibindo o dorso azulado com pequenas manchas pardas. Assemelhavam-se aos esqualos, cuja força não igualam. Encontram-se em todos os mares e, na primavera, gostam de subir os grandes rios, de lutar contra a corrente do Volga, do Danúbio, do Pó, do Reno e alimentam-se de arenques, cavalas, salmões e bacalhau. Embora pertençam à classe dos cartilaginosos, são saborosos. Mas, dos diversos habitantes do Mediterrâneo, os que pude observar melhor quando o *Náutilo* se aproximava da

superfície pertenciam ao 73º gênero de peixes ósseos. Eram escombros-atuns, de dorso azul-escuro, ventre couraçado de prata e cujas espinhas dorsais irradiam clarões dourados. Gozam da reputação de seguir a marcha dos navios, abrigando-se à sombra fresca que projetam sob os ardores do céu tropical. E confirmaram a fama, acompanhando o *Náutilo* tal como haviam seguido outrora os navios de La Pérouse. Durante muitas horas apostaram corrida com o nosso aparelho. Não me cansava de admirar aqueles animais, verdadeiramente esculpidos para a corrida, cabeça pequena, corpo liso e fusiforme, que em alguns ultrapassava três metros, barbatanas peitorais dotadas de notável vigor e barbatanas caudais bifurcadas. Nadavam em triângulo, como certos bandos de aves, cuja rapidez igualavam, o que levava os antigos a afirmarem que tais peixes conhecem a geometria e a estratégia.

Citarei, apenas de memória, os peixes mediterrâneos que Conselho ou eu vimos somente de relance. Eram gimnotos esbranquiçados que passavam como vapores impalpáveis, moreias-congros, serpentes de três a quatro metros, adornadas de verde, azul e amarelo; cepolastênias, que flutuavam como finas algas; triglos, que os poetas apelidaram peixe-lira, e os marinheiros, peixes-assobiadores, cujo focinho é ornado com duas lâminas triangulares e rendadas; triglos-andorinhas, que nadam com a rapidez da ave de que tomam o nome; holocentros-meros de cabeça vermelha, cuja barbatana dorsal é guarnecida de filamentos; sáveis enfeitados com manchas negras, cinzentas, marrons, azuis, amarelas, verdes e sensíveis à voz argentina das sinetas; rodovalhos magníficos, faisões-do-mar, espécie de losangos dotados de barbatanas amarelas, pontilhados de marrom e cujo lado superior, o lado esquerdo, é geralmente marmoreado de marrom e amarelo; finalmente, cardumes de admiráveis ruivos, verdadeiras aves-do-paraíso do oceano, que os romanos pagavam até dez mil sestércios por cada um e que faziam morrer sobre a mesa para acompanhar com o olhar cruel as suas mudanças de cor, desde o vermelho cúprico da vida até o branco pálido da morte.

Quanto aos mamíferos marinhos, creio haver reconhecido, ao passar pela boca do Adriático, dois ou três cachalotes, dotados de barbatana dorsal, do gênero dos fisetérios, alguns golfinhos, do gênero dos globicéfalos, próprios do Mediterrâneo e cuja parte anterior da cabeça é cortada por pequenas listras

claras, e também uma dúzia de focas de ventre branco, dorso negro, apelidadas monges porque têm o aspecto de dominicanos, de três metros de comprimento.

Na tarde do dia 17, o *Náutilo* diminuiu inesperadamente a velocidade.

Navegávamos, então, entre a Sicília e a costa de Túnis. No espaço apertado entre o cabo Bon e o estreito de Messina, o fundo do mar eleva-se quase de súbito. Ali se formou uma verdadeira crista sobre a qual há apenas dezessete metros de água, enquanto de um lado e de outro a profundidade é de 170 metros. Mostrei a Conselho, no mapa do Mediterrâneo, a zona coberta por esse longo recife.

— Mas, professor — comentou Conselho —, parece um verdadeiro istmo unindo a Europa à África.

— Sim, meu filho, ele intercepta totalmente o estreito da Líbia, e sondagens feitas provaram que esses continentes já foram ligados outrora entre os cabos Bon e Furina.

— Acredito de bom grado — respondeu Conselho.

— Acrescentarei que uma barreira semelhante, que nas épocas geológicas fechava completamente o Mediterrâneo, existe entre Gibraltar e Ceuta.

— E se uma erupção vulcânica levantasse um dia essas duas barreiras acima das ondas?

— Posso assegurar-te que tal fenômeno não se produzirá. A violência das forças subterrâneas é decrescente. Os vulcões, tão numerosos nos primeiros tempos, extinguem-se pouco a pouco, o calor interno enfraquece, a temperatura das camadas inferiores do globo diminui de modo apreciável a cada século que passa, em prejuízo de nosso globo, porque esse calor é a vida dele.

— Entretanto, o sol…

— O sol é insuficiente, Conselho. Pode ele restituir o calor a um cadáver?

— Que eu saiba, não.

— Pois bem, meu amigo, a terra será um dia cadáver frio. Tornar-se-á inabitável e será desabitada como a lua, que há muito tempo perdeu seu calor vital.

— Em quantos séculos?

— Em algumas centenas de milhares de anos, meu filho.

— Então — gracejou Conselho — teremos tempo suficiente para terminar nossa viagem, se Ned Land não atrapalhar.

E Conselho, assim tranquilizado, voltou ao estudo do baixio que o *Náutilo* atravessava, quase roçando-o, em velocidade moderada. Ali, sobre solo rochoso e vulcânico, desabrochava uma verdadeira flora viva. Mas seu estudo não foi completo, porque o *Náutilo*, tendo ultrapassado o baixio do estreito da Líbia, retornou, em águas mais profundas, à velocidade habitual. A partir desse momento desapareceram moluscos, articulados e zoófitos. Apenas alguns grandes peixes passavam como sombras.

Durante a noite de 16 para 17 de fevereiro alcançamos a segunda bacia do Mediterrâneo, onde as maiores profundidades atingem três mil metros. O *Náutilo*, impulsionado pela hélice e deslizando em seus planos inclinados, desceu até as camadas inferiores. Lá, na ausência de maravilhas naturais, a massa das águas ofereceu à minha vista cenas comoventes e terríveis. Atravessávamos, então, de ponta a ponta aquela região do Mediterrâneo tão fecunda em sinistros. Da costa argelina às praias provençais, quantos navios naufragaram, quantas embarcações desapareceram! O Mediterrâneo é apenas um lago, comparado com as vastas planícies líquidas do Pacífico, mas é um lago caprichoso, de ondas inconstantes, agora propício e carinhoso para a frágil tartana que parece flutuar entre o duplo azul das águas e do céu, logo depois colérico, atormentado, revolto, rebentando os mais poderosos navios com suas vagas pequenas que assestam golpes repetidos.

Assim, naquele passeio rápido através das camadas profundas, quantos destroços vi, uns já recobertos de corais, outros revestidos apenas por camada de ferrugem, âncoras, canhões, granadas, guarnições de ferro, ramos de hélice, restos de máquinas, cilindros despedaçados, caldeiras arrebentadas, cascos flutuando entre duas águas, uns voltados para cima, outros emborcados.

Desses navios naufragados, uns haviam perecido por colisão, outros por se terem chocado com escolhos de granito. Vi alguns que tinham ido a pique, com a mastreação completa, aparelho retesado pela água. Pareciam ancorados em imensa enseada, à espera do momento de partida. Quando o *Náutilo* passava entre eles e os envolvia no jato elétrico de seu farol, parecia que aqueles navios iam saudá-lo, abatendo o pavilhão e enviar-lhe o seu número de ordem! Nada disso. O silêncio e a morte reinavam naquele campo de catástrofe!

Observei que o fundo do Mediterrâneo, à proporção que o *Náutilo* se aproximava do estreito de Gibraltar, apresentava-se cada vez mais atravancado

por aqueles sinistros destroços. As costas da África e da Europa aproximavam-se ali e, naquele estreito espaço, os abalroamentos são frequentes. Ali há numerosas querenas de ferro, fantásticas ruínas de navios, uns deitados, outros de pé, parecendo horrorosos animais. Um daqueles barcos, com os flancos arrombados, a chaminé recurvada, armações das rodas à mostra, leme separado do cadaste, detido apenas por uma cadeia de ferro, popa roída pelos sais marinhos, apresentava aspecto aterrador. Quantas existências ceifadas apenas por aquele naufrágio! Quantas vítimas arrastadas para o fundo do mar! Teria acaso sobrevivido algum marinheiro para contar aquele terrível desastre, ou as ondas guardariam ainda o segredo daquele sinistro? Ah, que sinistra história poderíamos escrever sobre o fundo do Mediterrâneo, vasto ossuário, onde tantas riquezas se perderam, onde tantas vítimas encontraram a morte! Entretanto, o *Náutilo*, indiferente e veloz, corria a toda a força por entre aquelas ruínas. A 18 de fevereiro, por volta das três horas da manhã, alcançava a entrada do estreito de Gibraltar.

Ali existem duas correntes: uma superior, há muito tempo conhecida, que leva as águas do oceano para a bacia do Mediterrâneo; e uma contracorrente inferior, cuja existência está demonstrada pelo raciocínio. De fato, a quantidade de águas do Mediterrâneo, incessantemente aumentada pelas ondas do Atlântico e pelos rios que nele desembocam, deveria aumentar anualmente o nível desse mar, porque a sua evaporação é insuficiente para restabelecer o equilíbrio. Ora, isso não acontece, e devemos, portanto, admitir a existência de uma corrente inferior que, pelo estreito de Gibraltar, lance na bacia do Atlântico o excesso do Mediterrâneo.

O raciocínio está certo. Foi dessa contracorrente que o *Náutilo* se aproveitou. Avançou rapidamente pela estreita passagem. Por um instante pude ver de relance as admiráveis ruínas do templo de Hércules, que submergiu, segundo Plínio, com a ilha rasa que o sustinha, e, alguns minutos mais tarde, singrávamos as ondas do Atlântico.

32
A baía de Vigo

Atlântico! Vasto lençol de águas, cuja superfície cobre 25 milhões de milhas quadradas, com o comprimento de nove mil milhas, por largura média de 2.700 milhas. Importante mar quase ignorado dos antigos, excetuando-se, talvez, os cartagineses e os holandeses da Antiguidade, cujas peregrinações comerciais perlongavam as costas ocidentais da Europa e da África. Oceano cujas praias, de sinuosidades paralelas, abrangem um imenso perímetro, recebendo os maiores rios do mundo — o St. Lawrence, o Mississippi, o Amazonas, o Prata, o Orinoco, o Níger, o Senegal, o Elba, o Líger, o Reno —, que lhe trazem as águas dos países mais civilizados e das regiões mais selvagens! Magnífica planície, incessantemente sulcada pelos navios de todas as nações, onde panejam todos os pavilhões do mundo e que termina em duas terríveis pontas: cabo Horn e cabo das Tormentas.

O *Náutilo* singrava-lhe as águas com o gume de seu esporão, depois de haver navegado perto de dez mil léguas em três meses e meio, percurso superior ao de um dos círculos máximos da terra. Aonde iríamos agora e o que nos reservaria o futuro?

A nave, ao sair do estreito de Gibraltar, dirigira-se para o mar alto. Voltou à superfície das ondas e, assim, recuperamos o direito a nossos passeios diários sobre a plataforma. Para ela subi imediatamente, acompanhado de Conselho e de Ned Land. A uma distância de 12 milhas avistava-se vagamente o cabo de São Vicente, que forma a parte sudoeste da península ibérica. O vento sul soprava de rijo. O mar picado imprimia violento balanço ao *Náutilo.* Era quase impossível aguentar-nos sobre a plataforma, batida constantemente por vagalhões. Assim, depois de respirar o ar livre do oceano, descemos para o interior do submarino.

Voltei ao meu quarto. Conselho retornou à sua cabina, mas o canadense, com ar de profunda preocupação, seguia-me. Nossa veloz travessia do Mediterrâneo não lhe permitira a execução de seus projetos, e ele não escondia o seu desapontamento. Fechando a porta de meu quarto, sentou-se e olhou-me silenciosamente.

— Amigo Ned — disse-lhe —, eu compreendo, mas você nada tem a exprobrar-se. Nas condições em que o *Náutilo* navegava, pensar em abandoná-lo seria loucura.

Ned Land nada respondeu. Os seus lábios apertados e as sobrancelhas franzidas indicavam que ele estava dominado pela violenta obsessão de ideia fixa.

— Vejamos — continuei —, ainda não há motivo para se desesperar. Subimos pela costa de Portugal. A França e a Inglaterra, onde certamente encontraríamos guarida, não ficam longe. Ah, se o *Náutilo*, saindo do estreito de Gibraltar, houvesse se dirigido para o sul, se houvesse nos arrastado para as regiões em que há continentes, eu partilharia a sua inquietação. Mas sabemos agora que o capitão Nemo não evita os mares civilizados, e creio que dentro de alguns dias você poderá agir com alguma segurança.

O canadense olhou-me com maior fixidez ainda e, finalmente, descerrando os lábios, disse:

— É para hoje à noite.

Levantei como se tivesse sido impelido por uma mola. Confesso que não esperava aquela comunicação. Gostaria de responder ao canadense, mas as palavras faltaram-me. Ned continuou:

— Havíamos combinado esperar ocasião favorável. A ocasião chegou. Hoje à noite estaremos apenas a poucas milhas da costa espanhola. A noite será escura. O vento sopra do largo. Tenho a sua palavra, professor Aronnax, e conto com o senhor.

Como eu continuava calado, o canadense levantou-se e aproximou-se de mim:

— Hoje à noite, às nove horas. Já avisei Conselho. A essa hora, o capitão Nemo deverá estar fechado em seu quarto, provavelmente deitado. Nem os maquinistas nem os homens da tripulação podem nos ver. Conselho e eu alcançaremos a escada central. O senhor permanecerá na biblioteca, a dois passos de nós, esperando um sinal meu. Os remos, o mastro e a vela estão no

escaler. Consegui até levar para lá algumas provisões. Obtive chave para desaparafusar as porcas que prendem o escaler ao casco do *Náutilo*. Logo, tudo está pronto. Até a noite.

— O mar está picado — disse eu.

— Concordo — respondeu o canadense —, mas é preciso que corramos esse risco. A liberdade vale o sacrifício. Além disso, a embarcação é sólida, e algumas milhas com o vento que sopra não são difíceis de navegar. Quem sabe se amanhã não estaremos cem léguas ao largo? Se as circunstâncias nos favorecerem, entre dez e onze horas teremos desembarcado em algum ponto da terra firme, ou estaremos mortos. Confiemos, portanto, na graça de Deus. Até a noite.

Acabando de falar, retirou-se, deixando-me quase tonto. Havia pensado que, quando o caso acontecesse, teria tempo para refletir e discutir. O meu obstinado companheiro não o permitia. Que lhe poderia eu ter dito? Ned Land tinha inteira razão. Chegara a ocasião, ele a aproveitava. Poderia eu dar o dito por não dito e comprometer, assim, por meu interesse pessoal, o futuro de meus companheiros? No dia seguinte, não poderia o capitão Nemo arrastar-nos para longe de todas as terras?

Naquele momento, um forte silvo deu-me a conhecer que os reservatórios se enchiam e o submarino mergulhava nas ondas do Atlântico.

Permaneci no meu quarto. Queria evitar o capitão para esconder aos seus olhos a emoção que me dominava. Triste dia passei assim, dividido entre o desejo de recuperar meu livre-arbítrio e o pesar de abandonar aquele maravilhoso *Náutilo*, deixando inacabados os meus estudos submarinos! Deixar assim aquele oceano — *meu Atlântico* —, como gostava de chamá-lo, sem ter-lhe observado as camadas mais profundas, sem haver-lhe descoberto os segredos que me haviam revelado o mar das Índias e o oceano Pacífico! Meu romance caía-me das mãos no primeiro volume, meu sonho interrompia-se no instante mais encantador.

Por duas vezes fui até o salão. Queria consultar a bússola. Queria certificar-me se a direção do *Náutilo* nos aproximava ou nos afastava do litoral. Mas ele continuava em águas portuguesas. Sua proa apontava o norte, perlongando as praias do oceano.

Era imperioso, pois, tomar resolução e preparar-me para fugir. Minha bagagem não era pesada. Só apontamentos e nada mais.

Quanto ao capitão Nemo, perguntei aos meus botões que pensaria ele de nossa evasão, que inquietação, que prejuízos lhe causaria e como procederia fosse ela coroada de êxito ou falhasse! Era evidente que eu não tinha motivo de queixar-me dele, muito pelo contrário. Nunca houve hospitalidade mais espontânea que a dele. Fora com a força dos acontecimentos que contara e não com nossa palavra, para ligar-nos definitivamente a ele. Todavia, sua pretensão confessada em voz alta de conservar-nos eternamente prisioneiros a bordo justificava todas as tentativas.

Não tornara a ver o capitão desde nossa visita à ilha de Santorim. Haveria o acaso de pôr-me em presença dele antes de nossa partida? Eu o desejava e temia ao mesmo tempo. Pus-me à escuta para ver se não o ouviria andar em seu quarto, que era contíguo ao meu. Nenhum ruído veio ferir-me o ouvido. Aquele quarto devia estar deserto. Então, cheguei a duvidar de que o estranho personagem estivesse a bordo. Desde a noite em que o escaler havia deixado o *Náutilo* para serviço misterioso, minhas ideias sobre ele tinham sofrido leve alteração. Pensava, ao contrário do que Nemo afirmava, que ele conservara com a terra certa espécie de relação. Nunca saía? Semanas inteiras se haviam escoado sem que eu o encontrasse. Que fazia ele durante esse tempo? Enquanto eu o acreditava presa de algum acesso de misantropia, não estaria desempenhando alguma missão secreta, cuja natureza me escapava até aqui?

Essas ideias e mil outras assaltaram-me ao mesmo tempo. Na situação em que nos encontrávamos, o campo das conjecturas não podia deixar de ser infinito. Um mal-estar insuportável dominava-me. Aquele dia de expectativa parecia-me interminável. As horas corriam demasiado vagarosas para a minha impaciência. Como sempre, meu jantar foi servido em meu quarto. Comi mal devido à excessiva preocupação. Deixei a mesa às sete horas. Cento e vinte minutos — eu os contava — separavam-me ainda do momento em que devia juntar-me a Ned Land. Minha agitação redobrara. Meu pulso batia com violência. Não podia permanecer imóvel. A ideia de sucumbir em minha temerária empresa era o menos penoso de meus cuidados. A ideia de ver nossos projetos descobertos antes de poder deixar o *Náutilo* e o pensamento de enfrentar o capitão Nemo

irritado ou, o que seria pior, contristado por meu abandono faziam-me palpitar o coração.

Quis rever o salão pela última vez. Percorri os passadiços e cheguei ao museu em que havia passado tantas horas úteis e agradáveis. Contemplei todas aquelas riquezas, todos aqueles tesouros, como homem às vésperas de um eterno exílio, que parte para nunca mais voltar. Ia abandonar para sempre aquelas maravilhas da natureza, aquelas obras-primas da arte, entre as quais há tantos dias se concentrava a minha vida. Desejaria mergulhar o olhar pela vidraça do salão através das águas do Atlântico, mas os painéis estavam hermeticamente fechados e uma cortina de aço separava-me desse oceano que eu ainda não conhecia.

Percorrendo o salão, aproximei-me da porta, que dava para o quarto do capitão. Para espanto meu, a porta estava entreaberta. Recuei involuntariamente. Se o capitão Nemo estivesse em seu quarto, poderia ver-me. Entretanto, não ouvindo ruído algum, aproximei-me. O quarto estava vazio. Empurrei a porta. Dei alguns passos em seu interior. Sempre o mesmo aspecto severo, cenobítico. Naquele momento, meu olhar caiu sobre algumas águas-fortes penduradas na parede e que não havia notado em minha visita. Eram retratos de personagens históricos, cuja existência foi contínuo devotamento a uma grande ideia humana. Cosciusco, o herói que tombou ao grito de *Finis Poloniae*; Botzaris, o Leônidas da Grécia moderna; O'Connel, o defensor da Irlanda; Washington, o fundador dos Estados Unidos; Manzini, o patriota italiano; Lincoln, morto pela bala de um escravagista; e, finalmente, o mártir da libertação da raça negra, John Brown, suspenso de seu patíbulo, tal como o desenhou o terrível lápis de Victor Hugo.

Que vínculo existia entre essas almas heroicas e a alma do capitão Nemo? Poderia eu, finalmente, daquela reunião de retratos deduzir o mistério de sua existência? Seria ele o campeão dos povos oprimidos, o libertador das raças escravizadas? Teria figurado nas últimas comoções políticas ou sociais do século?

De repente, o relógio bateu oito horas. A primeira pancada do martelo sobre o tímpano arrancou-me do devaneio. Estremeci como se um olho invisível tivesse podido penetrar no íntimo de meus pensamentos e saí imediatamente do quarto.

Examinei a bússola. Nossa direção continuava rumo ao norte. A barquilha indicava velocidade moderada, o manômetro marcava profundidade de cerca de vinte metros. As circunstâncias favoreciam, pois, os projetos do canadense.

Voltei ao meu quarto. Vesti-me com roupas quentes, botas de mar, boné de lontra e casaco de bisso forrado de pele de foca. Estava pronto. Esperei. Somente o sussurro da hélice quebrava o silêncio profundo que reinava a bordo. Escutei com a maior atenção. Quem sabe algum tumulto de vozes não me viria, de repente, indicar que Ned Land acabaria de ver descobertos os seus projetos de evasão? Uma mortal inquietação dominou-me. Tentei, em vão, recuperar o sangue-frio.

Às nove horas colei o ouvido à porta do capitão Nemo. Silêncio completo. Deixei meu quarto e voltei ao salão que estava mergulhado em semiobscuridade, mas deserto. Abri a porta que dava para a biblioteca. Mesma iluminação insuficiente, mesma solidão. Fui postar-me junto à porta que dava para a escada central. Esperei o sinal de Ned Land. Nesse momento exato, o murmúrio da hélice diminuiu e depois cessou completamente. Por que tal mudança na marcha do *Náutilo*? Tal fato favoreceria ou prejudicaria os intuitos de Ned? Não poderia dizê-lo.

O silêncio só era perturbado pelas pulsações de meu coração. De repente, senti um leve choque. Compreendi que o *Náutilo* acabara de pousar no fundo do oceano. Minha inquietação redobrou. O sinal do canadense não veio. Meu desejo era juntar-me a Ned para instar pelo adiamento da tentativa. Sentia que a navegação não estava sendo feita nas condições de rotina.

Exatamente nesse momento abriu-se a porta do salão e o capitão Nemo apareceu. Viu-me e, sem mais preâmbulo, disse-me com amabilidade:

— Ah, senhor professor, eu o procurava. Conhece a história da Espanha?

Mesmo que alguém conhecesse a fundo a história de seu próprio país, nas condições em que eu me encontrava, espírito perturbado, cabeça perdida, não seria capaz de citar uma só palavra.

— Então? Ouviu minha pergunta? — prosseguiu o capitão Nemo. — Conhece a história da Espanha?

— Muito pouco — respondi.

— Eis os sábios — caçoou o capitão. — Nada sabem. Sente-se, então, e vou contar-lhe um curioso episódio da história desse país.

Deitou-se num divã e eu, maquinalmente, sentei-me perto dele, na penumbra.

— Professor, ouça com atenção. O episódio que vou lhe contar certamente o interessará, porque lhe permitirá achar a solução para um problema que o senhor

ainda não conseguiu resolver.

— Eu o estou ouvindo com a maior atenção — respondi, ignorando aonde meu interlocutor queria chegar e perguntando a mim mesmo se aquele incidente se relacionava aos nossos projetos de fuga.

— Se o professor permite, recuaremos até 1702. Certamente sabe que nessa época o seu rei Luís XVI, supondo que bastaria um gesto de potentado para fazer os Pireneus esconderem-se terra adentro, havia imposto aos espanhóis, como rei, seu neto, o duque de Anjou. Esse príncipe, que reinou mais ou menos mal sob o nome de Felipe V, teve que enfrentar sérias lutas no exterior. Com efeito, um ano antes, as casas reais de Holanda, Áustria e Inglaterra haviam firmado em Haia um tratado de aliança com o fito de arrancar a coroa da Espanha a Felipe V para pô-la na cabeça de um arquiduque a que deram prematuramente o nome de Carlos III. A Espanha foi obrigada a resistir a essa coligação. Entretanto, estava quase sem soldados e sem marinheiros. O dinheiro, porém, não faltava, desde que seus galeões, carregados com ouro e prata da América, alcançassem os seus portos. Ora, ao terminar 1702, era esperado um rico comboio que a França mandara escoltar por uma esquadra de 25 navios comandados pelo almirante Chateau Renaud, porque as marinhas coligadas corriam o Atlântico. Esse comboio devia dirigir-se a Cádiz, mas o almirante, tendo tido conhecimento de que a esquadra inglesa cruzava naquelas paragens, resolveu dirigir-se a um porto francês. Os comandantes espanhóis protestaram contra tal decisão. Queriam dirigir-se a um porto espanhol. Já que não podia ser Cádiz, que fosse Vigo, na costa noroeste e que não estava bloqueado. O almirante Chateau Renaud teve a fraqueza de aceitar tal injunção e os galeões entraram na baía de Vigo. Infelizmente, essa baía é uma enseada aberta, absolutamente indefensável. Era preciso, portanto, acelerar a descarga dos galeões para terminá-la antes da chegada das esquadras coligadas, e o tempo seria bastante para a descarga não fosse a miserável questão de rivalidade que surgiu inesperadamente. O senhor está acompanhando o encadeamento dos fatos? — perguntou-me o capitão.

— Perfeitamente — respondi, sem atinar ainda com que fim me estava sendo dada aquela lição de história.

— Prossigo. Eis o que se passou. Os comerciantes de Cádiz tinham um privilégio segundo o qual deviam receber todas as mercadorias que viessem das Índias Ocidentais. Ora, desembarcar os lingotes dos galeões no porto de Vigo

feria tal direito. Queixaram-se, portanto, em Madri, e o fraco Felipe V decidiu que o comboio, sem proceder à descarga, permaneceria na baía de Vigo até o momento em que as esquadras inimigas se houvessem afastado. Enquanto se tomava tal decisão, a 22 de outubro de 1702, os navios ingleses alcançaram a baía de Vigo. O almirante Chateau Renaud, apesar da inferioridade de suas forças, bateu-se corajosamente. Mas, quando viu que as riquezas do comboio iam cair em mãos inimigas, incendiou e afundou os galeões, que submergiam com os imensos tesouros.

O capitão Nemo calara-se. Confesso que até aquele momento não via em que tal história podia interessar-me.

— E depois? — perguntei-lhe.

— Pois bem, sr. Aronnax — respondeu-me o capitão —, estamos na tal baía de Vigo, e depende apenas do senhor descobrir os seus mistérios.

O capitão levantou-se e pediu-me que o seguisse. Como já me acalmara, obedeci. O salão estava às escuras, mas através dos vidros transparentes fulgiam as ondas. Olhei.

Em torno do *Náutilo*, num raio de meia milha, surgiam as águas impregnadas pela luz elétrica. O fundo arenoso estava limpo e claro. Homens da tripulação vestidos de escafandros ocupavam-se em desenterrar tonéis meio apodrecidos, caixas arrombadas, no meio de destroços ainda enegrecidos. Dessas caixas e desses barris jorravam lingotes de ouro e de prata, cascatas de piastras e de joias. Depois, carregados com aquele precioso despojo, os marinheiros voltavam a bordo, descarregavam o fardo e voltavam à sua inesgotável pesca de prata e ouro.

Agora, eu compreendia. Aquele era o teatro da batalha de 22 de outubro de 1702. Ali haviam submergido os galeões destinados ao governo espanhol. Era ali que o capitão Nemo ia buscar, de acordo com suas necessidades, os milhões que serviam de lastro ao *Náutilo*. Fora para ele, exclusivamente para ele, que a América fornecera aqueles metais preciosos. Era ele o herdeiro direto e sem partilha dos tesouros arrancados aos incas e aos vencidos de Hernán Cortéz.

— O senhor sabia, professor — perguntou-me sorridente —, que o mar continha tantas riquezas?

— Sabia que se avalia em dois milhões de toneladas a prata mergulhada em suas águas.

— Perfeitamente. Mas para extrair essa prata as despesas excederiam os lucros. Aqui, ao contrário, basta apanhar o que os homens perderam. E não é apenas nesta baía de Vigo, como em mil outros teatros de naufrágios, todos eles marcados em minha carta submarina. Compreende agora por que a minha riqueza é de bilhões?

— Compreendo, capitão. Permita-me, no entanto, dizer-lhe que, explorando exatamente esta baía de Vigo, o senhor apenas antecipou-se aos trabalhos de uma associação rival.

— Qual?

— Uma associação que recebeu do governo espanhol o privilégio de procurar os galeões submersos. Os acionistas foram seduzidos pela expectativa de enormes lucros, porque o total dessas riquezas é avaliado em quinhentos milhões.

— Quinhentos milhões! — exclamou o capitão Nemo. — Eram, não são mais.

— Realmente — observei. — Um aviso aos acionistas seria até ato de caridade. Entretanto, talvez não fosse bem recebido. O que os jogadores lamentam principalmente é menos a perda de seu dinheiro do que a de suas loucas esperanças. Tenho mais pena deles ainda, porque esses milhões equitativamente distribuídos aos infelizes teriam muita utilidade. Aqui, permanecerão absolutamente estéreis.

Mal acabara de exprimir tal pesar, senti que devia ter ferido o capitão Nemo.

— Estéreis! — retrucou com indignação. — Crê, então, o senhor que essas riquezas estão perdidas porque sou eu que as recolho? Seria então para mim, na sua opinião, que me dou ao trabalho de recolher tais tesouros? Será que supõe que ignoro que existem seres sofredores, raças oprimidas, infelizes a consolar e vítimas a vingar? Será que o senhor não entendeu?

O capitão Nemo calou-se, lamentando talvez haver falado demais. Contudo, eu adivinhara. Quaisquer que fossem os motivos que o houvessem forçado a buscar a sua independência sob os mares, permanecera parte integrante da humanidade. Seu coração palpitava ainda com os sofrimentos humanos e sua imensa caridade destinava-se às raças e aos indivíduos escravizados.

Compreendi, então, a quem eram destinados os milhões expedidos pelo capitão Nemo quando o *Náutilo* singrava as águas de Creta insurgida.

33
O continente desaparecido

No dia seguinte, 19 de fevereiro, pela manhã, vi o canadense entrar em meu quarto. Esperava aquela visita. Ele estava completamente desapontado.

— Então, professor? — interpelou-me.

— Muito bem, amigo Ned, o acaso ontem ficou contra nós.

— Sim. Quem suporia que esse maldito capitão pararia exatamente no instante em que íamos fugir de seu barco?

— Pois é, Ned. Ele tinha um encontro com o banqueiro dele.

— Com o banqueiro?

— Ou, antes, com o banco dele. Refiro-me naturalmente ao oceano, onde suas riquezas estão em maior segurança do que nas caixas-fortes de uma nação.

Contei ao canadense os incidentes da véspera na esperança secreta de fazê-lo renunciar à ideia de abandonar o capitão. O resultado obtido por minha narrativa foi apenas provocar-lhe o pesar de não poder ter realizado por sua própria conta um passeio sobre o campo de batalha de Vigo.

— Enfim — concluiu ele —, nem tudo está perdido. Foi apenas uma arpoadela que errou o alvo. De outra feita alcançaremos êxito, e já hoje à noite…

— Que direção segue o *Náutilo*? — perguntei.

— Ignoro.

— Pois bem, ao meio-dia verificaremos o ponto.

O canadense voltou para a companhia de Conselho. Vesti-me e dirigi-me ao salão. A bússola não tranquilizava. A rota do submarino tomara a direção su-sudoeste. Dávamos as costas à Europa. Esperei com certa impaciência que o ponto fosse marcado na carta. Por volta de 11h30, os reservatórios foram esvaziados e nosso aparelho subiu à superfície do oceano. Corri à plataforma.

Ned Land já estava lá. Não havia terras à vista, só a imensidade do mar. Algumas velas bordavam o horizonte. Certamente eram barcos que iam até o cabo de São Roque em busca de ventos favoráveis para dobrar o cabo da Boa Esperança. O céu estava encoberto. Preparava-se ventania.

Ned, enfurecido, tentava vencer o horizonte brumoso. Tinha ainda esperança de que, por trás daquele nevoeiro, se estendesse a terra tão desejada.

Ao meio-dia, o sol mostrou-se por um instante. O imediato aproveitou aquele momento para calcular o meridiano. Depois, como o mar se tornou encapelado, tornamos a descer e a escotilha foi fechada. Uma hora depois, quando consultei a carta, vi que o *Náutilo* estava a 150 léguas do litoral mais próximo. Nem sequer se podia pensar mais em fuga, e pode bem imaginar-se a ira do canadense quando lhe fiz conhecer a nossa situação.

Quanto a mim, não fiquei muito triste. Senti-me até aliviado do peso que me oprimia e pude prosseguir com relativa calma os meus trabalhos habituais.

À noite, por volta das 23 horas, recebi a inesperada visita do capitão Nemo. Perguntou-me com a maior amabilidade se eu me sentia cansado por haver permanecido acordado na noite anterior. Respondi negativamente.

— Nesse caso, sr. Aronnax, quero convidá-lo para uma interessante excursão.

— Por onde?

— O senhor só visitou o fundo do mar durante o dia e à luz do sol. Não gostaria de visitá-lo durante uma noite escura?

— Com prazer.

— O passeio será fatigante, aviso-o. Será preciso andar durante muito tempo e galgar uma montanha. Os caminhos não estão bem conservados.

— O que o senhor me diz duplica a minha curiosidade. Estou pronto a segui-lo.

— Acompanhe-me, então. Vamos vestir nossos escafandros.

Chegando ao vestiário, verifiquei que iríamos os dois sozinhos. O capitão Nemo nem ao menos me propusera que convidasse Ned ou Conselho. Em poucos instantes vestimos os aparelhos. Colocaram sobre nossas costas reservatórios abundantemente providos de ar. Mas as lâmpadas elétricas não estavam preparadas. Fi-lo notar ao capitão.

— Elas nos seriam inúteis — respondeu-me.

Julguei ter ouvido mal, mas não pude repetir a observação porque a cabeça do capitão já havia desaparecido no invólucro metálico. Acabei de equipar-me, senti que me metiam na mão um bastão ferrado e alguns minutos mais tarde, depois da manobra habitual, tomávamos pé no fundo do Atlântico, à profundidade de trezentos metros.

Meia-noite aproximava-se. As águas estavam profundamente escuras, mas o capitão Nemo mostrou-me ao longe um ponto avermelhado, intenso clarão, que brilhava a cerca de duas milhas do *Náutilo*. O que era aquela fogueira, que matérias a alimentava, por que e como vivificava a massa líquida não teria podido explicar. Em todo caso ela nos iluminava — vagamente —, mas logo me habituei àquelas trevas especiais. Caminhávamos um ao lado do outro em direção à fogueira. O solo plano subia insensivelmente. Dávamos largas passadas com o auxílio dos bastões. Todavia, nossa marcha era lenta porque nossos pés constantemente afundavam numa espécie de lodo misturado com algas e juncado de pedras lisas. Enquanto avançávamos, ouvia uma espécie de crepitação acima de minha cabeça. O ruído às vezes redobrava-se e produzia como um pipocar contínuo. Em pouco compreendi a causa. Era a chuva que caía violentamente à superfície das ondas. Instintivamente, assaltou-me o pensamento de que eu ia ficar encharcado. Não pude deixar de rir de tal ideia. Mas, para falar a verdade, sob o espesso tecido do escafandro, não nos sentimos no elemento líquido e supomos, apenas, estar no seio de atmosfera um pouco mais densa do que a atmosfera terrestre, nada mais.

Após meia hora de caminhada, o solo tornou-se pedregoso. As medusas, os crustáceos microscópios e as penátulas o iluminavam levemente de clarões fosforescentes. Entreviam-se montões de pedras cobertas por alguns milhões de zoófitos e confusos amontoados de algas. O pé escorregava constantemente sobre aqueles viscosos tapetes de sargaço, e sem o meu bastão ferrado teria levado mais de uma queda. Voltando-me, via sempre o farol alvacento do *Náutilo*, que começava a desmaiar ao longe.

O clarão avermelhado que nos guiava aumentava, incendiando o horizonte. A presença daquele foco nas águas intrigava-me ao máximo. Seria a manifestação de alguma efluência elétrica? Dirigia-me para algum fenômeno natural ainda desconhecido dos sábios da terra? Ou talvez,— porque esse pensamento me atravessou o cérebro, a mão do homem interviera para atear aquela chama.

Sopraria aquele incêndio? Iria eu encontrar naquelas camadas profundas companheiros, amigos do capitão Nemo, vivendo com ele aquela estranha existência e aos quais ele ia visitar? Encontraria ali uma colônia de exilados que, cansados das misérias da terra, haviam procurado e encontrado a independência nas profundezas do oceano? Todas essas ideias loucas e descabidas perseguiam-me e, nessa disposição de espírito, superexcitado, sem cessar, pela série de maravilhas que desfilavam diante de meus olhos, não ficaria surpreendido se encontrasse no fundo do mar uma dessas cidades submarinas com as quais sonhava o capitão Nemo.

Nosso caminho tornava-se cada vez mais claro. O clarão alvacento irradiava do cume de uma montanha de cerca de 250 metros de altura. Mas o que eu percebia era apenas a reverberação refletida pelo cristal das camadas d'água. O foco daquele inexplicável clarão ocupava a vertente oposta da montanha.

Pelo meio dos dédalos pedregosos que sulcavam o fundo do Atlântico, o capitão Nemo avançava sem hesitação. Conhecia aquele escuro caminho. Certamente já o percorrera por mais de uma vez e nele não temia perder-se. Eu o seguia com confiança inabalável. Aquele homem era a meus olhos um dos gênios do mar e, quando caminhava diante de mim, a sua elevada estatura, recortada no fundo luminoso do horizonte, provocava a minha admiração.

Era uma hora da madrugada. Alcançáramos as primeiras rampas da montanha. Mas, para atingi-las, fora necessário aventurar-nos pelas difíceis veredas de uma vasta floresta de árvores mortas, sem folhas, sem seiva, árvores mineralizadas sob a ação das águas, dominada a espaços por pinheiros gigantescos. Era uma espécie de hulheira ainda de pé, aferrada pelas raízes ao solo revolvido e cuja ramaria, com finos recortes de papel negro, desenhava-se profundamente na abóbada das águas. As veredas estavam atravancadas de algas e bodelhas, entre as quais pululava um mundo de crustáceos. Eu seguia, galgando rochedos, saltando por cima de troncos caídos, quebrando as lianas marinhas que se balançavam de uma árvore para outra, assustando os peixes que voavam de ramo em ramo. Empolgado, não sentia fadiga. Seguia meu infatigável guia.

Que espetáculo! Como descrevê-lo? Como pintar o aspecto daquelas matas e daqueles rochedos no meio líquido, a parte de baixo sombria e selvagem, a parte superior colorida de tons vermelhos, sob aquela claridade que duplicava o poder

de reverberação das águas? Galgávamos rochedos nos quais, a seguir, se esboroavam muralhas inteiras com o ruído surdo de avalanches. À direita e à esquerda abriam-se tenebrosas galerias, cujo fundo não se avistava. Agora, surgiam vastas clareiras, que pareciam traçadas pela mão do homem, e mais de uma vez perguntei a mim mesmo se, subitamente, não iria aparecer algum habitante daquelas regiões submarinas.

Apesar de tudo, o capitão Nemo continuava a subir, e eu não queria ficar para trás. Segui-o ousadamente. Meu bastão tornava-se de crescente utilidade. Um passo em falso teria sido desastroso naquelas estreitas gargantas, cavadas no flanco dos abismos. Não obstante, eu caminhava com passo firme e sem experimentar a embriaguez da vertigem. Ora saltava uma fenda cuja profundidade me teria feito recuar em meio das geleiras da terra, ora me aventurava sobre troncos vacilantes de árvores lançadas de um abismo a outro, sem olhar sob meus pés, tendo olhos apenas para observar a beleza selvática daquela região. Adiante, rochedos monumentais pareciam desafiar as leis do equilíbrio, inclinados sobre bases irregularmente recortadas. E, entre juntas de pedra, cresciam árvores semelhantes a um jato, resultante da terrível pressão, que sustentavam assim os próprios sustentáculos. Afinal, torres naturais, largas muralhas talhadas a pique, como cortinas, inclinavam-se sob um ângulo que as leis da gravitação teriam desautorizado na superfície da terra. Eu próprio sentia aquela diferença resultante da pressão da água quando, apesar de minhas pesadas roupas, do globo de cobre e de minhas solas de metal, galgava encostas do declive abrupto, atravessando-as com a leveza de uma camurça ou de um cabrito-montês.

Ao narrar essa excursão, sinto perfeitamente que não conseguirei ser verossímil. Sou o historiador de coisas aparentemente impossíveis e, todavia, reais, incontestáveis. Não sonhei. Vi e senti!

Duas horas depois de haver deixado o *Náutilo* havíamos ultrapassado a linha das árvores, e a trinta metros acima de nossas cabeças erguia-se o pico da montanha, cuja projeção lançava sombra sobre a brilhante irradiação da vertente oposta. Alguns arbustos petrificados surgiam em zigue-zague, sugerindo carrancas. Os peixes erguiam-se aos bandos sob nossos passos, como aves surpreendidas num matagal. A massa rochosa estava careada de anfractuosidades impenetráveis, grutas profundas, insondáveis. O sangue refluía-me ao coração

quando percebia uma antena enorme que me barrava o caminho, ou alguma pinça medonha fechando-se ruidosamente na sombra das cavidades. Milhares de pontos luminosos brilhavam em meio às trevas. Eram olhos dos crustáceos gigantescos, acoitados em seu covil, lavagantes gigantescas erguendo-se como halabardeiros e remexendo as pastas com tinido de ferragens, caranguejos titânicos, assestados como canhões em suas carretas, e polvos horripilantes entrelaçando os seus tentáculos como sarça viva de serpentes.

Que mundo exorbitante era aquele que não conhecia ainda? A que ordem pertenciam aqueles articulados, para os quais a rocha parecia ser uma segunda carapaça? Onde encontrava a natureza o segredo da sua existência vegetativa e há quantos séculos viveriam assim nas últimas camadas do oceano?

Eu não podia parar. O capitão Nemo, familiarizado com aqueles animais, não ligava maior importância a eles. Chegáramos ao primeiro platô, onde outras surpresas nos esperavam. Lá se desenham pitorescas ruínas que denunciavam a mão do homem, e não a do Criador. Eram enormes montões de pedras nos quais se distinguiam formas de castelos, de templos, recobertos por um mundo de zoófitos em flor e aos quais, em vez de hera, algas e sargaços recobriam com espesso manto vegetal.

Que porção do globo seria aquela, assim engolida pelos cataclismos? Quem havia disposto assim rochas e pedras como monumentos das eras pré-históricas? Para onde me arrastara a fantasia do capitão Nemo? Como gostaria de poder interrogá-lo! Não podendo fazê-lo, retive-o, segurando-o pelo braço. Ele, sacudindo a cabeça e mostrando-me o pico mais elevado da montanha, pareceu incitar-me:

— Sigamos. Continuemos em frente. Caminhemos ainda.

Fazendo um último esforço, continuei a ascensão e, em poucos minutos, conseguira galgar o pico que estava uma dezena de metros acima de toda aquela mole rochosa.

Contemplei o lado que acabáramos de atravessar. A montanha elevava-se a duzentos ou trezentos metros acima do nível da planície. Na vertente oposta, entretanto, a sua altura sobre o fundo do Atlântico era o dobro dessa. A vista alcançava longe e abarcava um vasto espaço iluminado por uma fulguração violenta. Na realidade, estávamos sobre as bordas de um vulcão. Vinte metros abaixo do pico, em meio a uma chuva de pedras e escórias, uma enorme cratera

vomitava torrentes de lavas, que se transformavam em cascatas de fogo no seio da massa líquida. Assim situado, aquele vulcão, como imenso tocheiro, iluminava a planície inferior até os extremos limites do horizonte.

Afirmei que a cratera submarina arrojava lavas, mas não chamas. Realmente, para as chamas, é indispensável o oxigênio do ar, portanto não poderiam formar-se sob as águas. Todavia, as torrentes de lavas, que em si próprias têm o princípio da incandescência, tomavam a coloração vermelho-alvacenta, lutando vitoriosamente contra o elemento líquido e vaporizando-se ao seu contato. Rápidas correntes arrastavam todos aqueles gases em difusão e as torrentes de lavas deslizavam até o sopé da montanha, como as dejeções do Vesúvio sobre a Torre del Greco. Ali, sob meus olhos, arruinada, danificada, demolida, surgia uma cidade destruída, tetos desabados, templos desmoronados, arcos desarticulados, colunas caídas pelo chão, nas quais ainda se podiam notar as equilibradas proporções de uma espécie de arquitetura toscana. Adiante, restos de um gigantesco aqueduto. Aqui, a elevação maciça de uma acrópole, com as formas flutuantes de um partenon; de acolá, vestígios de um cais, como se algum antigo porto ali houvera abrigando à beira do oceano navios mercantes e trirremes de guerra; mais longe ainda, extensas linhas de muralhas derrocadas, largas ruas desertas, toda uma Pompeia submersa, que o capitão Nemo ressuscitava a meus olhos.

Onde estava eu? Onde estaria eu? Fosse como fosse, a que preço fosse, queria saber. Queria falar, queria arrancar aquela esfera de cobre que me aprisionava a cabeça. Mas o capitão veio em minha direção e pôs fim a minha angústia com um gesto. Baixou-se, apanhou um pedaço de pedra calcária, dirigiu-se a um rochedo de basalto e escreveu essa palavra: *Atlântida.*

Um clarão atravessou meu espírito. A Atlântida, a antiga Merópida de Teopompo, a Atlântida de Platão, o continente negado por Orígenes, Porfírio, Humboldt, que atribuíam a sua desaparição a uma lenda; admitido por Plínio, Amiano Marcelino, Tertuliano, Engel, Bulfen, eu o tinha sob os olhos, exibindo ainda as provas irrecusáveis da catástrofe. Era, portanto, aquela região submersa, que existia além dos limites da Europa, da Ásia e da Líbia, para além das colunas de Hércules, onde vivera o poderoso povo dos atlantes, contra o qual se travaram as primeiras guerras da antiga Grécia.

O historiador que consignou em seus livros os altos feitos desses tempos heroicos foi o próprio Platão. E o seu diálogo de Timeu e Crícias foi, por assim dizer, traçado sob a inspiração de Sólon, poeta e legislador.

Um dia, Sólon conversava com alguns velhos sábios de Saís, cidade que já então contava oitocentos anos, como testemunhavam os seus anais gravados sobre as paredes sagradas de seus templos. Um daqueles anciãos contou, então, a história de outra cidade, mil anos mais antiga que Saís. Essa primeira cidade ateniense, de 19 séculos, havia sido invadida e em parte destruída pelos atlantes. Esses atlantes, dizia o velho, ocupavam um continente imenso, maior que a África e a Ásia reunidas e que cobria uma superfície compreendida entre 12 e quarenta graus de latitude ao norte. A dominação dos atlantes estendia-se até o Egito. Quiseram impor seu jugo à Grécia, mas foram obrigados a retirar-se diante da indomável resistência dos helenos. Séculos passaram-se. Sobrevieram cataclismos, inundações, terremotos. Uma noite e um dia bastaram para o aniquilamento daquela Atlântida, cujos picos mais elevados — Madeira, Açores, Canárias, Cabo Verde — ainda emergem das águas do Atlântico.

Tais eram as recordações históricas que a inscrição do capitão Nemo fizera projetar em meu espírito! Assim, pois, conduzido pelo mais estranho dos destinos, calcava aos pés uma das montanhas daquele perdido continente! Tocava com as mãos ruínas mil vezes seculares e contemporâneas das épocas geológicas! Esmagava, com o solado metálico de meus sapatos, animais dos tempos fabulosos, que aquelas árvores, agora mineralizadas, cobriam outrora com a sua sombra!

Ah! Por que o tempo era tão pouco? Como gostaria de descer os declives abruptos daquela montanha, percorrer completamente aquele continente imenso que sem dúvida ligava a África à América e visitar aquelas enormes cidades antediluvianas… Ali, talvez sob minha vista, se estendesse Maquimos, a guerreira, Eusébia, a piedosa, cujos habitantes gigantescos viviam um século e tinham possuído força bastante para amontoar aqueles blocos que ainda resistiam à ação das águas. Quem sabe, algum dia, um fenômeno eruptivo trará novamente à superfície das águas aquelas ruínas submersas? Numerosos vulcões submarinos foram assinalados naquela região do oceano e muitos navios têm registrado abalos formidáveis ao cortarem aquela tormentosa porção do Atlântico. Uns escutaram ruídos surdos que denunciavam a luta profunda dos

elementos. Outros recolheram cinzas vulcânicas projetadas acima do mar. Todo aquele fundo até o equador é até hoje trabalhado pelas forças plutônicas. E quem sabe se, algum dia, ainda virão aflorar, avolumados pelas camadas de lavas, os cumes dessas montanhas ignívomas?

Enquanto eu sonhava assim e procurava fixar na lembrança todas aquelas minúcias, o capitão Nemo, com o cotovelo apoiado sobre uma estela coberta de musgo, permanecia imóvel e como petrificado por êxtase mudo. Pensaria ele naquelas gerações desaparecidas e indagaria delas o segredo do destino humano? Seria ali, naquele lugar, que aquele homem estranho vinha retemperar-se na lição da história e reviver aquela antiga vida, ele que nada queria da vida moderna? Que não daria eu para conhecer os seus pensamentos, para participar deles, para compreendê-los?

Permanecemos naquele local durante uma hora inteira, contemplando a vasta planície resplandecente ao brilho das lavas, que às vezes assumia surpreendente intensidade. A ebulição interior provocava leves tremores na crosta da montanha. Ruídos cavos, claramente transmitidos por aquele meio líquido, repercutiam com amplitude majestosa.

Nesse momento, a lua irrompeu um instante através da massa das águas e projetou alguns pálidos raios sobre o continente submerso. Foi apenas um clarão fugaz, mas de indescritível efeito. O capitão ergueu-se, lançou um derradeiro olhar àquela imensa planície, depois me acenou com a mão, convidando-me a segui-lo.

Descemos rapidamente a montanha. Uma vez ultrapassada a floresta mineralizada, avistei o farol do *Náutilo*, que brilhava como estrela. O capitão seguiu em direção a ele e, no momento em que os primeiros albores da aurora iluminavam a superfície do oceano, entramos a bordo.

34
As hulheiras submarinas

No dia seguinte, 20 de fevereiro, acordei muito tarde. As fadigas da noite haviam prolongado meu sono até as onze horas. Vesti-me rapidamente. Tinha pressa de saber a direção do *Náutilo*. Os instrumentos revelaram-me que ele continuava a navegar para o sul, com velocidade de vinte milhas por hora e à profundidade de cem metros.

Conselho entrou. Contei-lhe nossa excursão noturna e, como as escotilhas estavam abertas, ainda pôde entrever parte do continente submerso. Realmente, o *Náutilo* quase roçava, a somente dez metros do solo, a planície da Atlântida. Deslizava como balão arrastado pelo vento, acima dos prados terrestres. Seria, entretanto, mais verdadeiro dizer que estávamos no salão, como se nos encontrássemos no vagão de um trem expresso. Os primeiros planos que fugiam diante de nossos olhos eram formados pelos fantásticos recortes dos rochedos e por florestas que haviam passado do reino vegetal ao mineral, cuja silhueta imóvel debuxava-se sob as ondas. Também passavam massas de rochas, recobertas por tapetes de axídias e anêmonas, eriçadas de longas hidrófilas verticais. Seguiam-se blocos de lava estranhamente esculpidos, que testemunhavam o terrível furor das expansões plutônicas.

Enquanto aqueles lugares bizarros resplandeciam sob nossas luzes elétricas, eu contava a Conselho a história daqueles atlantes como quem não pode mais duvidar. Contudo, Conselho, distraído, pouca atenção me dava, e a sua indiferença a respeito daquele ponto da história logo me foi explicada. Peixes numerosos atraíam o seu olhar e, quando eles passavam, Conselho, arrastado ao abismo da classificação, saía do mundo real. Nesse caso, o remédio era acompanhá-lo e continuar, em companhia dele, nossos estudos ictiológicos.

Ao mesmo tempo que observava aqueles diferentes exemplares da fauna marinha, não deixava eu de observar as extensas planícies da Atlântida. Às vezes, caprichosos acidentes do solo obrigavam o *Náutilo* a diminuir a velocidade e deslizar com destreza de cetáceo por entre as estreitas gargantas das colinas. Se o labirinto tornava-se inextricável, o aparelho elevava-se como se fosse balão e, vencido o obstáculo, retornava à sua veloz marcha alguns metros acima do fundo. Era uma navegação admirável e encantadora, que lembrava as manobras de um passeio em balão, com a diferença de que o *Náutilo* obedecia passivamente à mão do seu timoneiro.

Por volta de quatro da tarde, o terreno, quase todo composto por lama espessa, entremeada de ramos mineralizados, modificou-se pouco a pouco. Tornou-se mais pedregoso e pareceu-me semeado de conglomerados basálticos, semeado de lavas e obsídias sulfurosas. Supus que uma região de montanhas fosse em breve suceder às extensas planícies. Realmente, por certas evoluções do *Náutilo*, percebi o horizonte meridional barrado por uma alta muralha, que parecia impossibilitar qualquer saída. O seu cume ultrapassava claramente o nível do oceano. Aquilo devia ser um continente, ou pelo menos uma ilha, uma das Canárias, ou uma das ilhas de Cabo Verde. Como ainda não havia sido calculado o ponto — talvez de propósito —, eu ignorava a nossa posição. Em todo caso, pareceu-me que aquela muralha assinalava o fim da Atlântida, da qual afinal havíamos percorrido apenas uma insignificante parte.

A noite interrompeu minhas observações. Ficara sozinho. Conselho voltara à sua cabina. O barco, diminuindo a velocidade, esvoaçava acima das massas confusas do solo, ora quase as aflorando, como se quisesse pousar ali, ora emergindo caprichosamente à superfície das ondas. Eu entrevia, então, algumas brilhantes constelações através do cristal das águas, exatamente cinco ou seis dessas estrelas zodiacais que seguem na cauda de Orion.

Durante muito tempo ainda teria permanecido junto à vidraça, admirando as belezas do céu e da terra, se não houvesse fechado as escotilhas no exato momento em que o *Náutilo* chegava à altura daquela elevada muralha. Como manobraria ele, não podia eu adivinhar. Voltei para meu quarto. O submarino não se movia mais. Adormeci no firme propósito de despertar após algumas horas de sono. No dia seguinte, já eram oito horas quando voltei ao salão. Consultei o manômetro, que me informou que o *Náutilo* flutuava à superfície do

oceano. Aliás, eu ouvia o ruído de passos sobre a plataforma, mas nenhuma arfagem traía a ondulação das camadas superiores.

Subi até a escotilha, que estava aberta. Todavia, em vez da grande claridade que eu esperava, vi-me envolto em profunda escuridão. Onde estaríamos? Ter-me-ia enganado? Seria ainda noite? Não! Nem uma só estrela brilhava e a noite não apresenta trevas absolutas. Não sabia o que pensar quando uma voz me perguntou:

— É o senhor, professor?

— Ah, capitão Nemo — respondi. — Onde estamos?

— Sob a terra.

— Sob a terra! — exclamei. — E o *Náutilo* continua a flutuar?

— E continuará flutuando.

— Não compreendo.

— Espere um instante. Nosso farol vai acender-se e, se gosta de situações claras, vai ficar satisfeito.

Subi para a plataforma e esperei. A escuridão era tão completa que eu nem ao menos via o capitão Nemo. Entretanto, olhando para o zênite, exatamente acima de minha cabeça, supus surpreender um clarão indeciso, uma espécie de meia-luz que penetrava por um orifício circular. Naquele momento, o farol repentinamente acendeu-se e seu brilho fez dissipar-se aquela vaga luminosidade.

Olhei, depois de ter um instante fechados os olhos, deslumbrado pelo jato elétrico. O submarino estava parado. Flutuava junto a uma ribanceira em forma de cais. O mar sobre o qual boiava era um lago aprisionado em circulo de muralhas, de duas milhas de diâmetro, ou seja, seis milhas de circunferência. O seu nível, indicado pelo manômetro, só podia ser o nível exterior, porque uma comunicação existia necessariamente entre aquele lago e o mar. As altas muralhas, inclinadas sobre a própria base, arredondavam-se em abóbada e pareciam um imenso funil invertido, cuja altura media quinhentos ou seiscentos metros. No alto, abria-se um orifício circular pelo qual eu surpreendera aquela claridade, oriunda da irradiação diurna.

Antes de examinar mais detidamente as características internas daquela imensa caverna e averiguar se era obra da natureza ou do homem, dirigi-me ao capitão Nemo:

— Onde estamos?

— Nas entranhas de um vulcão extinto cujo interior o mar invadiu em consequência de alguma convulsão telúrica. Enquanto o senhor dormia, o *Náutilo* penetrou nesta lagoa por um canal natural, aberto a dez metros abaixo da superfície do oceano. Aqui é a nossa base, um porto seguro, cômodo, misterioso, abrigado de todos os ventos. Aponte-me nas costas dos continentes ou das ilhas alguma enseada que valha este refúgio seguro contra o furor dos furacões.

— Realmente — respondi —, aqui o senhor está em segurança. Quem poderia alcançá-la no centro de um vulcão? Mas creio que percebi uma abertura no cume.

— Sim, a cratera, outrora cheia de lavas, de vapores e de chamas e que agora dá passagem a esse ar vivificante que respiramos.

— Que montanha vulcânica é esta?

— Pertence a uma das numerosas ilhotas de que está juncado esse mar. Simples escolho para os navios, caverna imensa para nós. O acaso permitiu-me descobri-la, e nisso serviu-me com carinho.

— Não se poderia descer pelo orifício que constitui a cratera do vulcão?

— Nem subir nem descer. Até cerca de cem metros a base interior desta montanha é praticável, mas daí para cima as paredes inclinam-se e as suas rampas não podem ser transpostas.

— Vejo, capitão, que a natureza o auxilia sempre e por toda parte. O senhor está em segurança neste lago e somente o senhor é capaz de visitar-lhe as águas. Mas… para que esse refúgio? O *Náutilo* não necessita de porto.

— Mas precisa de eletricidade para mover-se, de elementos para produzir essa eletricidade, de sódio para alimentar esses elementos, de carvão para fabricar o sódio, de hulheiras para extrair o carvão. Ora, exatamente aqui o mar cobre florestas inteiras que foram sepultadas nas eras geológicas. Mineralizadas agora e transformadas em hulha, são para mim uma jazida inesgotável.

— Os seus homens trabalham como mineiros?

— Exatamente. É aqui que, protegidos pelo escafandro, com picareta e pá em punho, meus homens extraem a hulha que não preciso pedir às minas da terra. Quando queimo esse combustível para a fabricação do sódio, a fumaça que escapa da cratera dessa montanha dá-lhe ainda a aparência de vulcão em atividade.

— E teremos ocasião de assistir a esse trabalho?

— Não desta vez, porque tenho pressa de continuar nossa volta ao mundo submarino. Por isso, apenas me abastecerei das reservas de sódio que tenho. Demoraremos apenas o tempo necessário para embarcá-las, isto é, um dia, e prosseguiremos viagem. Entretanto, se o senhor quiser percorrer a caverna e dar volta à lagoa, pode aproveitar nossa demora.

Agradeci ao capitão e fui ao encontro de meus dois companheiros, que ainda permaneciam no camarote. Convidei-os a acompanhar-me, sem dizer-lhes onde se encontravam. Subimos à plataforma. Conselho, que de nada se admirava, achou naturalíssimo despertar sob a montanha depois de haver adormecido sob as ondas. Ned Land, porém, só teve um pensamento: o de averiguar se a caverna tinha alguma saída.

Depois do almoço, por volta de dez horas, pisávamos a ribanceira.

— Eis-nos mais uma vez em terra — comentou Conselho.

— Não chamo a isso *terra* — retrucou-lhe o canadense. — Além do mais, não estamos em cima, mas embaixo.

Entre as paredes internas da montanha e as águas do lago estendia-se uma praia areenta, que, em sua maior largura, media 150 metros. Aproveitando-a, podia-se facilmente dar uma volta ao lago. Porém, a base das altas muralhas formava um solo acidentado, sobre o qual jaziam, em pitoresco amontoamento, blocos vulcânicos e enormes pedras-pomes. Todas aquelas massas desagregadas, recobertas por uma espécie de esmalte, polido sob a ação do fogo subterrâneo, resplandeciam, batidas pelo jato elétrico do farol. O pó de mica da praia, que nossos pés agitavam, erguia-se no ar como nuvem de centelhas.

A partir da beira da água, o solo elevava-se sensivelmente e, logo depois, enfrentávamos rampas compridas e sinuosas, autênticas ladeiras que nos permitiam subir pouco a pouco. Éramos obrigados a caminhar com prudência por entre aqueles conglomerados que nenhum cimento ligava entre si, e nossos pés escorregavam sobre traquitos vítreos, formados por cristais de feldspato e quartzo.

De todos os lados, a natureza vulcânica daquela enorme escavação era evidente. Chamei a atenção de meus companheiros para o fato.

— Podem imaginar — perguntei-lhe — o que deveria ser este funil quando se enchia de lavas ferventes e o nível do líquido incandescente elevava-se até o

orifício da montanha, como o metal fundido num cadinho?

— Imagino perfeitamente — respondeu Conselho. — O senhor, porém, não poderá me explicar por que o grande fundidor suspendeu o seu trabalho e como se explica que a fornalha tenha sido substituída pelas águas tranquilas de um lago?

— Muito provavelmente porque alguma convulsão produziu abaixo da superfície do oceano a abertura que deu passagem ao *Náutilo*. Então, as águas do Atlântico precipitaram-se no interior da montanha. Seguiu-se uma luta terrível entre os dois elementos, tendo terminado com vantagem para Netuno. Muitos séculos escoaram-se desde então e o vulcão submerso transformou-se em gruta tranquila.

— Muito bem — replicou Ned Land. — Aceito a explicação, mas lamento, em nosso interesse, que a abertura de que fala o professor não tenha se produzido acima do nível do mar.

— Mas, Ned — retrucou Conselho —, se a passagem não fosse submarina, o *Náutilo* aqui não teria penetrado.

— E acrescentarei, mestre Land, que as águas não teriam se precipitado sob a montanha e o vulcão teria continuado vulcão. Não há, portanto, razão para queixas.

Nossa ascensão continuou. As rampas tornavam-se cada vez mais íngremes e estreitas. De vez em quando, interrompiam-nas profundas escavações, que éramos obrigados a transpor. Grandes blocos inclinados tinham que ser contornados. Éramos obrigados a escorregar sobre os joelhos e a rastejar de barriga. A destreza de Conselho, auxiliada pela força do canadense, venceu todos os obstáculos.

A cerca de trinta metros, a natureza do terreno modificou-se sem que se tornasse mais fácil de vencer. Aos conglomerados e aos traquitos sucederam-se basaltos negros, estendendo-se alguns em camadas cheias de bolhas coaguladas, outros formando prismas regulares, dispostos como colunata, que sustentava as bases daquela imensa abóbada, admirável espécime de arquitetura natural. Depois, entre esses basaltos, serpenteavam extensas camadas de lavas solidificadas, incrustadas de veios betuminosos e recobertos aqui e além por tapetes de enxofre. Uma luz mais forte, entrando pela cratera superior, iluminava

com vaga claridade todas aquelas dejeções vulcânicas, para sempre sepultadas no seio da montanha extinta.

Entretanto, nossa subida logo depois foi detida, a cerca de 150 metros, por obstáculos intransponíveis. A curvatura interior formava saliência, e a ascensão teve que transformar-se em passeio circular. Nesse último plano, o reino vegetal começava a lutar com o mineral. Alguns arbustos e até árvores cresciam nas anfractuosidades da muralha. Reconheci eufórbios, que deixavam correr o seu suco cáustico, e heliotrópios, muito inábeis em justificar o seu nome, pois que os raios solares nunca os atingiam e suas flores pendiam tristemente, quase sem perfume e sem cor. Aqui e ali, alguns crisântemos cresciam timidamente ao pé de aloés de folhas tristonhas e doentias. Entre as lavas, percebi pequenas violetas ainda perfumadas por sutil odor, e confesso que as aspirei deliciado. O perfume é a alma da flor, e as flores do mar, essas esplêndidas hidrófitas, não têm alma.

Chegáramos ao pé de um bosque de grandes dragoeiros, que venciam as rochas com as suas fortes raízes, quando Ned Land exclamou:

— Ah, professor, uma colmeia.

— Uma colmeia — retruquei-lhe, fazendo gesto de completa incredulidade.

— Sim, senhor. Uma colmeia — repetiu o canadense —, e abelhas que zumbem em torno dela.

Aproximei-me e tive que me convencer da verdade. Ali havia o orifício de uma cavidade aberta no tronco de um dragoeiro e nele alguns milhares de abelhas, tão comuns nas Canárias e cujo produto é de alta qualidade.

Muito naturalmente, o canadense quis fazer a sua provisão de mel e não seria eu que iria opor-me a isso. Misturou algumas folhas secas com enxofre, acendeu-as com o isqueiro e começou a defumar o enxame. O zumbido cessou pouco a pouco e a colmeia espremida deu vários quilos de mel perfumado. Ned Land encheu com ele a sua mochila.

— Quando eu misturar esse mel com a massa de fruta-pão — disse ele —, poderei oferecer-lhes um bolo suculento.

Em certas curvas da vereda que seguíamos, o lago aparecia em toda a sua extensão. O farol iluminava completamente a sua superfície tranquila, que desconhecia rugas e ondulações. O *Náutilo* permanecia em completa imobilidade. Na plataforma e na ribanceira moviam-se os homens da tripulação, silhuetas negras perfeitamente recortadas naquela atmosfera luminosa.

Naquele momento, contornávamos a crista mais elevada, os primeiros planos de rochas que sustentavam a abóbada. Vi, então, que as abelhas não eram os únicos representantes do reino animal no interior daquele vulcão. Aves de rapina planavam e esvoaçavam-se na sombra ou refugiavam-se em seus ninhos, empoleiradas nas pontas do rochedo. Eram gaviões de papo branco e matracas ruidosas. Nas ladeiras, fugiam com toda a rapidez de suas longas pernas, belas e gordas abetardas. Imagine-se como a cobiça do canadense não se inflamou à vista daquela caça saborosa e como ele lamentou a falta de um fuzil. Tentou substituir o chumbo pelas pedras e, depois de várias tentativas infrutíferas, conseguiu atingir uma daquelas magníficas abetardas. Dizer que ele arriscou vinte vezes a vida para apoderar-se dela é apenas a pura verdade.

Meia hora depois da última façanha do canadense, havíamos regressado à praia interior. Naquele ponto abria-se uma magnífica gruta. Meus companheiros e eu estendemo-nos com deleite sobre a sua areia fina. Ned Land apalpou as muralhas, sondando-lhes a espessura. Não pude deixar de sorrir. A conversação recaiu, então, sobre seus eternos projetos de evasão, e julguei poder alimentar-lhe a esperança sem me comprometer muito. Disse-lhe que o capitão Nemo viera ao sul apenas para renovar a provisão de sódio. Esperava, portanto, que, depois disso, retornasse às costas da Europa e da América, o que permitiria ao canadense repetir com melhor êxito a abortada tentativa de fuga.

Estávamos assim deitados havia uma hora, naquela gruta encantadora. A conversação, animada a princípio, esmorecera. Certa sonolência apoderava-se de nós. Como não via nenhuma razão para resistir ao sono, adormeci profundamente. Sonhei que a minha vida se reduzira à condição vegetativa de um simples molusco. Parecia-me que aquela gruta formava a dupla valva de minha concha. De repente, fui acordado pela voz de Conselho:

— Alerta! Acordem! — gritava o bom rapaz.

— Que aconteceu? — perguntei, meio levantado.

— Estamos cercados de água!

Levantei-me de todo. O mar precipitava-se como torrente dentro de nosso retiro e, como não éramos moluscos, tínhamos que fugir o mais depressa possível.

Em alguns instantes estávamos em segurança na parte mais elevada da gruta.

— Que é isso? — perguntou Conselho. — Algum novo fenômeno?

— Nada — respondi. — É simplesmente a maré. O oceano cresce no exterior e, em obediência à lei dos vasos comunicantes, o nível do lago também cresce. Foi apenas um semicúpio. Vamos ao *Náutilo* mudar de roupa.

Três quartos de hora mais tarde tínhamos terminado o nosso passeio circular e voltávamos a bordo. A tripulação acabava, naquele momento, de embarcar as provisões de sódio.

Entretanto, o capitão Nemo não deu ordem alguma. Desejaria esperar a noite e sair secretamente por sua passagem submarina? Talvez.

Fosse como fosse, no dia seguinte o *Náutilo* deixou a sua base e navegou a grande distância de qualquer terra, alguns metros abaixo das águas do Atlântico.

35
O mar dos Sargaços

O *Náutilo* mantivera-se na mesma direção. Qualquer esperança de regresso aos mares europeus devia ser abandonada, pelo menos no momento. O capitão Nemo continuava em sua rota para o sul. Para onde nos arrastaria? Não me atrevia a imaginar.

Naquele dia, o *Náutilo* atravessou uma bizarra região do Atlântico. Ninguém ignora a existência da grande corrente de água quente, conhecida pelo nome de corrente do Golfo. Depois de haver saído pelo estreito da Flórida, dirige-se para Spitsbergen. Todavia, antes de penetrar no golfo do México, aos 44 graus de latitude norte, essa corrente divide-se em dois ramos: o principal segue para as costas da Irlanda e da Noruega, enquanto o segundo inclina-se para o sul, na altura dos Açores, depois, banhando as praias africanas e descrevendo longa oval, retorna às Antilhas.

Ora, esse segundo ramo, mais um colar do que um ramo, cerca com os seus anéis de água quente aquela região de água fria, tranquila, a que se dá o nome de mar dos Sargaços. Verdadeiro lago em pleno Atlântico, as águas da grande corrente gastam nada menos do que três anos para contorná-lo.

O mar dos Sargaços propriamente dito cobre toda a parte submersa da Atlântida. Alguns autores chegaram até a admitir que as densas ervas que juncam o mar são arrancadas das campinas do continente submerso. É mais provável, entretanto, que aquelas ervas, algas e bodelhas sejam arrancadas das praias da Europa e da América e arrastadas até aquela região pela corrente do Golfo. Essa foi uma das razões que levaram Colombo a supor a existência de um novo mundo. Quando os navios desse audacioso navegante atingiram o mar dos Sargaços, não foi sem dificuldade que navegaram através daquelas ervas, que

detinham a marcha das embarcações, aterrorizando as tripulações, que perderam três longas semanas a atravessá-las.

Tal era a região que o *Náutilo* cruzava naquele momento, verdadeiro prado, denso tapete de algas, sargaços e ovas de siba, tão espesso, tão compacto, que a proa de um navio não o rasgaria sem dificuldade. O capitão Nemo, desejando evitar que a sua hélice se enredasse naquela massa de vareques, conservou-se alguns metros abaixo da superfície das ondas.

No meio daquele inextricável tecido de ervas e de vareques notei encantadores maçaricos cor-de-rosa, actínias que deixavam boiar a sua longa cabeleira de tentáculos, medusas verdes, vermelhas, azuis, e principalmente grandes rizóstomos, cuja umbela azulada é bordada por um festão violeta.

Passamos todo o dia 22 de fevereiro no mar dos Sargaços, onde os peixes que se nutrem de ervas marinhas e de crustáceos encontram abundante alimentação. No dia seguinte, o oceano retomara o seu aspecto habitual. A partir desse momento, durante 19 dias, o *Náutilo*, conservando-se no meio do Atlântico, transportou-nos com a velocidade constante de cem léguas por dia. O capitão Nemo queria, sem dúvida, cumprir o seu programa submarino, e eu estava certo de que, depois de dobrar o cabo Horn, regressaria aos mares austrais do Pacífico.

Os receios de Ned Land eram, portanto, justos. Nos grandes mares, desprovidos de ilhas, nem se podia pensar em abandonar o navio, nem havia meio de opor-nos às vontades do capitão Nemo. A única saída era a sujeição. Contudo, o que não se podia esperar da força ou da astúcia, supunha eu que se pudesse alcançar pela persuasão. Será que o capitão Nemo, depois de terminada aquela viagem, não nos concederia a liberdade sob juramento de nunca revelar a sua existência? Era preciso, porém, tratar esse delicado problema com o capitão. Ora, gostaria que eu reclamasse a liberdade? Não havia ele próprio declarado desde o princípio, de maneira formal, que a sua segurança exigia nossa prisão perpétua a bordo do *Náutilo*? Meu silêncio durante quatro meses não lhe pareceria anuência tácita àquela situação? Tornar a tratar do assunto não provocaria suspeitas que poderiam prejudicar os nossos projetos se alguma circunstância futura viesse a ensejar a sua execução?

Ponderava eu todas essas razões e expunha-as a Conselho, que não ficava menos perplexo do que eu. Em suma, embora eu não fosse fácil presa do desespero, compreendia que as probabilidades de rever meus semelhantes

diminuíam dia a dia, à proporção que o capitão avançava temerariamente para o sul do Atlântico.

Durante os 19 dias acima mencionados, nenhum incidente especial assinalou nossa viagem. Poucas vezes vi o capitão. Ele trabalhava. Na biblioteca, eu encontrava constantemente livros que ele deixava abertos, principalmente sobre história natural. Minha obra sobre o fundo do mar, manuseada por ele, estava coberta de notas marginais que às vezes contradiziam minhas teorias e sistemas. Mas o capitão contentava-se em expurgar o meu trabalho e era raro discutir comigo. Algumas vezes eu ouvia ressoar os sons melancólicos de seu órgão, que ele tocava com muita expressão, mas somente à noite, em meio à mais densa escuridão, quando o *Náutilo* adormecia nos desertos do oceano.

Durante essa fase da viagem, navegávamos dias inteiros à superfície das ondas. O mar parecia abandonado. Raros navios a vela, com carga para as Índias, dirigiam-se para o cabo da Boa Esperança. Um dia fomos perseguidos pelos escaleres de um baleeiro que certamente nos tomou por alguma baleia de enorme valor. Mas o capitão Nemo não deixou que aquela gente perdesse o seu tempo e o seu esforço e pôs fim à caçada, imergindo. Esse incidente interessou vivamente Ned Land. Creio que o canadense lamentou que o nosso cetáceo de aço não tivesse sido ferido de morte pelo arpão daqueles pescadores.

Até 13 de março, nossa navegação continuou nas mesmas condições. Nesse dia, o *Náutilo* foi empregado em experiências de sondagem que me interessaram vivamente.

Já havíamos navegado 13 mil léguas desde o momento de nossa partida do oceano Pacífico. Estávamos na região em que o capitão Denharn do *Heraldo* lançara 14 mil metros de sonda sem encontrar fundo. Também ali o tenente Parcker, da fragata americana *Congresso*, não conseguira alcançar o solo submarino depois de lançar 15.140 metros.

O capitão Nemo resolveu alcançar o fundo do oceano mediante diagonal suficientemente alongada, servindo-se dos planos laterais, que foram colocados num ângulo de 45 graus com as linhas d’água do *Náutilo*. A seguir, a hélice foi levada ao máximo de velocidade e os quatro braços bateram as águas com indescritível violência. Sob aquele poderoso impulso, o casco do barco vibrou como corda sonora e mergulhou com regularidade. O capitão e eu, postados no salão, seguíamos a agulha do manômetro que derivava rapidamente. Em pouco,

ultrapassamos a zona habitável em que vive a maioria dos peixes. Se alguns desses animais só podem viver na superfície dos mares e dos rios, outros, menos numerosos, mantêm-se em profundidades bastante grandes.

Perguntei ao capitão Nemo se ele havia observado peixes a profundidade ainda maiores.

— Raramente. Mas, no estado atual da ciência, que se sabe sobre o assunto?

— Sabe-se que, indo para as camadas inferiores do oceano, a vida vegetal desaparece mais depressa do que a animal. Sabe-se que na profundidade em que ainda se encontram seres animados já não vegeta uma só hidrófita. Sabe-se que as ostras vivem a mais de dois mil metros de profundidade e que McClintock, o herói dos mares polares, retirou uma estrela-do-mar viva de 2.500 metros. Sabe-se que a tripulação do *Bull Dog*, da Marinha real, pescou uma astéria a 2.620 braças, ou seja, a uma légua de profundidade. Talvez o capitão me diga que nada se sabe.

— Não, professor, não cometerei essa impolidez. Entretanto, perguntarei como explica que esses seres possam viver a tal profundidade.

— Por duas razões — respondi. — Primeiro porque as correntes verticais, determinadas pela diferença de salinidade e de densidade das águas, produzem movimento suficiente para manter a vida rudimentar das ostras e das astérias.

— Exato — concordou o capitão.

— Segundo porque o oxigênio é a base da vida e sabemos que a quantidade de oxigênio dissolvido na água do mar aumenta com a profundidade, em vez de diminuir, e que a pressão das camadas inferiores contribui para comprimi-lo.

— Ah, sabe-se isso? — interrogou o capitão ligeiramente surpreso. — Pois bem, professor, é a verdade. A isso acrescentarei que a bexiga natatória dos peixes contém mais azoto do que oxigênio quando são pescados na superfície da água e mais oxigênio do que azoto quando são tirados das grandes profundidades. Isso justifica o seu sistema. Continuemos as nossas observações.

Observei o manômetro. O instrumento indicava profundidade de seis mil metros. Nosso movimento de imersão durava havia uma hora. O *Náutilo*, deslizando sobre os planos inclinados, continuava a mergulhar. As águas desertas eram admiravelmente transparentes e de uma diafaneidade que nada poderia igualar. Uma hora depois, estávamos a 13 mil metros e o fundo do oceano ainda não se deixava pressentir. A 14 mil metros percebi picos escuros

que surgiam no meio das águas. Esses picos, porém, poderiam pertencer a montanhas tão altas quanto o Monte Branco ou o Himalaia, talvez mais altas, e a profundidade daqueles abismos continuava incalculável.

O submarino ainda desceu, malgrado as terríveis pressões que sofria. Sentia-se as suas chapas tremerem na juntura de suas cavilhas. As travessas arqueavam-se. As divisões de aço gemiam. As vidraças do salão pareciam ondular-se sob a pressão das águas. E aquele sólido aparelho certamente teria cedido, se, como o afirmara o capitão, não fosse capaz de resistir como bloco maciço.

Aflorando as ladeiras daquelas penedias perdidas, eu percebia ainda algumas conchas, sérpulas, cascos vivos e alguns exemplares de astérias. Em pouco, porém, esses últimos representantes da vida animal desapareceram e, abaixo de três léguas, o *Náutilo* ultrapassou os limites da existência submarina, exatamente como sucede com o balão que se eleva nos ares acima das zonas respiráveis. Tínhamos atingido profundidade de 16 mil metros e os flancos do *Náutilo* suportavam, então, pressão de 1.600 atmosferas, isto é, 1.600 quilogramas para cada centímetro de superfície.

— Que situação! — exclamei. — Percorrer essas regiões profundas, jamais atingidas pelo homem… Veja, capitão, admire essas penedias magníficas, essas grutas desabitadas, esses últimos receptáculos do globo, onde já não é possível a vida. Que lugares bizarros e por que haveremos de conservar apenas a recordação deles?

— Gostaria — perguntou-me o capitão — de levar alguma coisa, além da recordação?

— Que significam as suas palavras?

— Quero dizer-lhe que nada mais fácil do que tirar fotografias dessa região submarina.

Nem tivera tempo de expressar a surpresa que me causava a proposta do capitão Nemo e uma objetiva já estava armada no salão. Pelas escotilhas abertas, o meio líquido, iluminado eletricamente, apresentava-se com claridade perfeita. Nem uma sombra, nem uma degradação de nossa luz artificial. O sol não teria favorecido melhor aquela operação. O *Náutilo*, sob o impulso da hélice e dominado pela inclinação dos planos, permanecia imóvel. A máquina fotográfica foi assestada para o fundo oceânico e, em alguns segundos, conseguíramos obter um negativo de excepcional pureza.

Nele podem ser observadas aquelas rochas primordiais que nunca viram a luz do céu, os granitos inferiores que formam a poderosa base do globo, as grutas profundas talhadas na pedra, perfis de incomparável nitidez e cujo traço final se destaca em preto, como se tivesse saído do pincel de algum artista flamengo. Para além, um horizonte de montanhas, uma admirável linha ondulada que compõe o segundo plano da paisagem.

Entretanto, o capitão Nemo, depois de haver terminado a operação, disse-me:

— Subamos. É preciso não abusar dessa situação e não expor o *Náutilo* tempo demasiado a tais pressões.

— Subamos! — concordei.

— Segure-se bem.

Ainda não compreendera o porquê da recomendação quando fui atirado ao chão.

Parada a hélice e a um sinal do capitão, o *Náutilo*, colocado verticalmente como se fosse um balão nos ares, subiu com velocidade fulminante. Cortava a massa de água com vibração sonora. Nenhum detalhe era visível. Em quatro minutos atravessara as quatro léguas que o separavam da superfície e, depois de haver emergido como peixe-voador, tornou a cair, espadanando água a prodigiosa altura.

36
Cachalotes e baleias

Durante a noite de 13 para 14 de março, o *Náutilo* retomou a sua rota para o sul. Supunha eu que, à altura do cabo Horn, iria rumar para oeste, a fim de alcançar as águas do oceano Pacífico e terminar a sua volta ao mundo. Manteve-se, porém, na mesma direção e continuou a subir para as regiões austrais. Para onde iria? Para o polo? Seria insensatez. Eu começava a admitir que as temeridades do capitão justificavam as apreensões de Ned Land.

Havia algum tempo que o canadense deixara de falar-me em seus projetos de fuga. Tornara-se menos comunicativo, quase silencioso. Via-se quanto aquela prolongada prisão lhe pesava. Eu sentia crescer a sua cólera. Quando encontrava o capitão, uma chama sombria brilhava em seus olhos e eu temia constantemente que a sua violência natural o levasse a algum excesso.

A 14 de março, Conselho e ele vieram ao meu encontro em meu quarto. Indaguei a razão da visita.

— Quero apenas fazer-lhe uma pergunta — respondeu o canadense.

— Fale, Ned.

— Quantos homens supõe que existem a bordo do *Náutilo*?

— Não sei, meu amigo.

— Parece-me que a manobra deste navio não exige tripulação numerosa.

— Realmente, no máximo uma dezena de homens deve ser suficiente para manobrá-lo.

— Então — disse o canadense — por que haveria mais do que isso?

— Por quê?

Olhei fixamente para Ned Land, cujas intenções eram evidentes, e continuei:

— Porque se os meus pressentimentos são verdadeiros e se consegui compreender a existência do capitão, o *Náutilo* não é apenas um navio. Deve ser também um refúgio para aqueles que, como o capitão, romperam totalmente relações com a terra.

— Talvez — objetou Conselho —, mas afinal de contas o *Náutilo* não pode abrigar senão um pequeno número de homens. O senhor poderia avaliar o máximo?

— De que modo, Conselho?

— Pelo cálculo. Dada a capacidade do navio, que o senhor conhece, e por consequência a quantidade de ar que ele pode conter. Sabendo-se, por outro lado, o que cada homem gasta no ato da respiração e comparando esses resultados com a necessidade do *Náutilo* de emergir a cada 24 horas…

Conselho terminara por reticência, mas eu via claramente aonde ele queria chegar.

— Compreendo — repliquei. — Contudo, esse cálculo, aliás fácil de fazer, só pode dar um número muito incerto.

— Não importa — insistiu Ned Land.

— Eis o cálculo — respondi. — Cada homem gasta em uma hora o oxigênio contido em cem litros de ar. Em 24 horas, o oxigênio contido em 2.400 litros. É preciso, pois, achar quantas vezes o *Náutilo* contém 2.400 litros de ar.

— Ora, a capacidade sendo de 1.500 toneladas e cada tonelada comportando mil litros, o *Náutilo* contém 1,5 milhão de litros de ar, que, divididos por 2.400 dão para quociente 625. O que quer dizer que o ar contido no submarino poderia bastar a 625 homens durante 24 horas.

— Seiscentos e vinte e cinco — repetiu Ned.

— Podemos, porém, ter a certeza de que passageiros, oficiais e marinheiros não chegam a somar a décima parte desse número.

— Ainda assim é demasiado para três homens — murmurou Conselho.

— Portanto, meu caro Ned, não posso deixar de aconselhar-lhe paciência.

— Mais do que paciência, resignação — disse Conselho.

Empregara a palavra exata. E continuou:

— Afinal, o capitão Nemo não pode navegar indefinidamente para o sul. Será obrigado a parar, quando mais não seja, diante da banquisa e terá de voltar aos mares civilizados. Então, será a ocasião de executarmos os projetos de Ned.

O canadense abanou a cabeça, passou a mão na testa, calou-se e retirou-se.

— Peço licença ao senhor para fazer uma observação — disse Conselho. — Ned preocupa-se com todas as coisas que não pode obter. É enorme a sua saudade de sua vida passada. Tudo aquilo que lhe é proibido parece-lhe desejável. A saudade o oprime. É preciso compreendê-lo. Que tem ele a fazer aqui? Nada. Não é um sábio como o senhor e não pode dedicar às admiráveis coisas do mar o mesmo amor que nos merecem. Ele arriscaria tudo para poder entrar numa taverna de sua pátria.

Era verdade que a monotonia de bordo deveria parecer insuportável ao canadense, habituado à vida livre e ativa. Poucos acontecimentos podiam interessá-lo. Contudo, naquele mesmo dia, um incidente veio recordar-lhe os seus belos dias de arpoador.

Por volta de 11 da manhã, navegando à superfície, o *Náutilo* encontrou um cardume de baleias. O encontro não me surpreendeu, porque eu sabia que esses animais, perseguidos sem quartel, refugiaram-se nas bacias das altas latitudes.

O papel representado pela baleia no mundo marinho e a sua influência nas descobertas geográficas foram consideráveis. Foi a baleia que, arrastando atrás de si primeiro os bascos, depois asturianos, ingleses e holandeses, levou-os a afoitar-se contra os perigos do oceano e a percorrer a terra de uma extremidade à outra. As baleias gostam de frequentar os mares austrais e boreais. Antigas lendas contam mesmo que esses cetáceos levaram os pescadores até a distância de apenas sete léguas do polo Norte. Se a proeza é falsa, será verdadeira um dia, e é provavelmente caçando baleia nas regiões árticas e antárticas que os homens alcançarão um dia esse ponto desconhecido do globo.

Estávamos sentados na plataforma, com o mar absolutamente tranquilo. O mês de março naquelas latitudes dava-nos magníficos dias de outono. Foi o canadense — como poderia ele enganar-se — quem avistou uma baleia no horizonte leste. Olhando-se atentamente, podia ver-se o dorso escuro erguer-se e baixar-se, alternativamente, acima das ondas, a cinco milhas do *Náutilo*.

— Oh! — exclamou Ned. — Se estivesse a bordo de um baleeiro, eis um encontro que me daria o maior prazer! É um animal de grande tamanho! Vejam com que força expele colunas de ar e de vapor. Com mil demônios! Por que estou encarcerado nesse pedaço de ferro?

— Como, Ned, ainda não esqueceu as suas antigas ideias de pesca?

— Será que um pescador de baleias pode esquecer a sua profissão? Será que alguém pode esquecer as emoções de semelhante caçada?

— Você nunca pescou nesses mares?

— Nunca, professor. Somente nos mares boreais, tanto no estreito de Bering quanto no de Davis.

— Então ainda não conhece a baleia austral. O que você caçou até aqui foi a jubarte, que não se atreveria a atravessar os mares quentes do equador.

— Que é isso, professor? — retorquiu o canadense em tom incrédulo.

— É apenas a verdade.

— Não. Eu que lhes falo, em 1865, há dois anos e meio, perto da Groenlândia, pesquei uma baleia que levava ainda no flanco o pontudo arpão de um baleeiro de Bering. Ora, como, tendo sido ferida a oeste da América, foi ela morrer a leste, sem ter dobrado o cabo Horn ou o da Boa Esperança e, por conseguinte, sem ter atravessado o equador?

— Sou da opinião do amigo Ned — disse Conselho — e quero ver o que vai responder o professor.

— Direi aos meus amigos que as baleias estão localizadas, segundo a espécie a que pertencem, em determinados mares que nunca abandonam. Se um desses animais passou do estreito de Bering para o de Davis, é simplesmente porque existe passagem de um mar para outro, seja nas costas da América, seja nas da Ásia.

— Será verdade o que diz? — retrucou o canadense, piscando um olho.

— Devemos acreditar no sr. Aronnax — asseverou Conselho.

— Nesse caso — continuou o canadense —, como nunca pesquei nestas paragens, concluo que não conheço as bacias que as frequentam.

— É exatamente o que afirmei.

— Mais uma razão para travar conhecimento com elas — replicou Conselho.

— Vejam! Vejam! — exclamou o canadense com voz comovida. — Ela se aproxima. Dirige-se para nós. Provoca-me. Sabe que nada lhe posso fazer.

Ned batia o pé. Sua mão fremia, brandindo um arpão imaginário.

— Esses cetáceos são tão grandes quanto os dos mares boreais?

— Regulam em tamanho, Ned.

— É que já vi baleias enormes, professor, que mediam até trinta metros de comprimento. Ouvi mesmo dizer que algumas das ilhas Aleutas ultrapassavam

45 metros.

— Isso é certamente exagero — repliquei. — Esses animais são apenas baleinópteros dotados de barbatanas dorsais, da mesma forma que os cachalotes, e geralmente menores que a jubarte.

— Ah! — gemeu o canadense, que não tirava os olhos do oceano. — Ela se aproxima, está mesmo nas águas do *Náutilo*.

Depois, recomeçando a conversação:

— O senhor fala do cachalote como de um animal pequeno. Já ouvi, porém, falar de cachalotes gigantescos. São cetáceos inteligentes. Alguns, segundo afirmam, chegam a disfarçar-se, cobrindo-se de algas e de vareques. Assim, são facilmente confundidos com ilhotas. Acampa-se em cima deles, arma-se a instalação, acende-se fogo…

— Constroem-se casas — caçoou Conselho.

— Sim, farsista — respondeu Land. — Depois, um belo dia, o animal mergulha e arrasta seus habitantes para o fundo do abismo.

— Como nas viagens de Simbad, o marinheiro — comentei, rindo.

— Ah, mestre Land, parece que você gosta de histórias maravilhosas! Que cachalotes! Espero que você não acredite nisso.

— Senhor naturalista — respondeu com seriedade o canadense —, no que respeita a baleias tudo é digno de crédito. Como nada, aquela! Como foge! Afirma-se que esses animais podem dar a volta ao mundo em 15 dias.

— Não nego.

— Mas o que o senhor não sabe, professor Aronnax, é que no começo do mundo as baleias eram ainda mais velozes.

— Verdade? Por que isso?

— Porque elas tinham uma cauda perpendicular como os peixes, isto é, essa cauda, comprimida verticalmente, batia a água da direita para a esquerda e da esquerda para a direita. Mas o Criador, percebendo que elas nadavam com velocidade excessiva, torceu-lhes a cauda, e desde então elas batem a água de cima para baixo, em detrimento da rapidez.

— Bem, Ned — disse-lhe eu —, devo acreditar nisso?

— Não muito, e não mais do que se eu lhe contasse que há baleias de cem metros de comprimento, pesando cem mil libras.

— É muito, com efeito. Entretanto, é preciso confessar que alguns cetáceos alcançam desenvolvimento considerável, pois fornecem até 120 toneladas de óleo.

— Isso eu já vi — disse o canadense.

— Acredito, Ned, da mesma forma que acredito que certas baleias alcançam a espessura de cem elefantes. Imagine só essa massa lançada a toda a velocidade…

— É verdade que elas podem afundar navios? — perguntou Conselho.

— Navios, não digo. Mas conta-se que em 1820, exatamente nestes mares do sul, uma baleia lançou-se sobre o *Essex* e o fez recuar com velocidade de quatro metros por segundo. As ondas penetraram a ré e o *Essex* afundou quase imediatamente.

Ned olhou para mim com ar irônico.

— Quanto a mim — observou o canadense —, recebi pancada da cauda de uma baleia, no meu escaler, é claro. Meus companheiros e eu fomos lançados à altura de seis metros, mas, a julgar pelo que o senhor diz, a baleia de que falo não passava de uma baleote.

— Esses animais vivem muito? — perguntou Conselho.

— Ninguém sabe — respondi. — Mas supõe-se que vivam mil anos. Eis o raciocínio em que se fundamentam. Há quatrocentos anos, quando os pescadores pescaram pela primeira vez a baleia, esses animais atingiam tamanho que já não alcançam hoje em dia. Supõe-se, portanto, com bastante lógica, que a inferioridade das baleias atuais decorre do fato de que esses cetáceos não têm mais tempo para atingir o seu desenvolvimento completo. E que podiam e deviam viver mil anos.

Ned Land não entendia. Não escutava mais. A baleia aproximava-se cada vez mais. Ele a devorava com os olhos.

— Ah! — exclamou. — Já não é só uma baleia, são dez, são vinte, um cardume inteiro! E eu sem poder fazer nada! Estar aqui de pés e mãos amarrados…

— Mas, amigo Ned — lembrou Conselho —, por que não pede ao capitão licença para caçar?

Conselho ainda não concluíra a frase e Ned deixara-se cair pela escotilha e corria à procura do capitão. Alguns instantes depois os dois surgiam na

plataforma. O capitão Nemo observou o cardume de cetáceos que brincavam na água.

— São baleias austrais — concluiu. — Está ali uma fortuna para uma frota de baleeiros.

— Pois bem, capitão — pediu o canadense —, não poderia eu dar-lhes caça, nem que fosse só para não esquecer a minha profissão de arpoador?

— Para que caçar simplesmente para destruir? Não temos necessidade de óleo de baleia a bordo.

— No mar Vermelho o senhor nos autorizou a perseguir um leão-marinho.

— Tratava-se de obter carne fresca para minha tripulação. Aqui, seria matar só pelo prazer de matar. Bem sei que esse é um privilégio reservado ao homem, mas não admito tais passatempos sangrentos. Destruindo as baleias austrais e as jubartes, seres inofensivos e bons, os seus semelhantes, mestre Land, cometem ação censurável. Foi assim que já despovoaram a baía de Baffin e acabarão por destruir uma classe de animais úteis. Portanto, deixe sossegados esses infelizes cetáceos. Não lhes faltam inimigos naturais, os cachalotes, os espadartes, os peixes-serra, sem que você intervenha.

Podem imaginar a cara do canadense durante essa lição de moral. Dar semelhantes razões a um caçador é perder o latim. Ned Land olhava o capitão Nemo sem compreender o que ele pretendia dizer. Mas o capitão tinha razão. O encarniçamento bárbaro e insensato dos pescadores fará um dia desaparecer a última baleia do oceano.

Ned Land assobiou seu *Yankee Doodle*, enfiou as mãos nos bolsos e voltou-nos as costas.

Enquanto isso, o capitão Nemo observava o cardume de cetáceos e dirigiu-se a mim:

— Eu tinha razão em afirmar que, além do homem, as baleias têm numerosos inimigos naturais. Elas vão enfrentar um deles dentro em pouco. O senhor não vê, a cerca de oito milhas a sota-vento, pontos negros em movimento?

— Estou vendo.

— São cachalotes, terríveis animais que encontrei algumas vezes em cardumes de duzentos e trezentos. Quanto a esses, sim, são animais cruéis e malfazejos e haveria razão para extermina-los.

O canadense voltou-se rapidamente ao ouvir essas últimas palavras.

— Pois bem, capitão — disse-lhe eu —, é tempo ainda, no próprio interesse das baleias…

— Inútil que nos exponhamos. O *Náutilo* bastará para dispersá-los. Está armado com esporão de aço, que pelo menos vale tanto quanto o arpão do mestre Land.

O canadense encolheu os ombros. Atacar cetáceos a golpes de esporão? Quem já ouvira falar disso?

— Fique certo, sr. Aronnax — disse o capitão —, de que vai assistir a uma caçada que até hoje não conhece. Nada de piedade para esses ferozes cetáceos. Só têm boca e dentes.

Boca e dentes. Não se podia descrever melhor o cachalote macrocéfalo, cujo tamanho às vezes ultrapassa 25 metros. A sua enorme cabeça é de cerca de um terço do corpo. Mais bem armado do que a baleia, cuja mandíbula superior é guarnecida apenas de barbas, o cachalote está provido de 25 grossos dentes, cilíndricos, de vértice cônico, de 25 centímetros de altura e que pesam duas libras cada um. É na parte superior dessa enorme cabeça e em grandes cavidades separadas por cartilagens que se encontram de trezentos a quatrocentos quilos do precioso óleo conhecido por espermacete. O cachalote é um animal desgracioso, mais batráquio do que peixe. Mal formado, só enxerga pelo olho direito.

O monstruoso rebanho aproximava-se cada vez mais. Já havia percebido as baleias e preparava-se para atacá-las. Podia-se predizer a vitória dos cachalotes, não só porque têm melhores armas para o ataque do que os seus inofensivos adversários, como porque podem permanecer mais tempo sob a água sem emergir para respirar.

Era tempo de socorrer as baleias. O *Náutilo* colocou-se entre as duas águas. Ned, Conselho e eu tomamos lugar diante das vidraças do salão. O capitão Nemo foi para junto do timoneiro, a fim de manobrar o barco como engenho de destruição. Dali a pouco, senti que as batidas da hélice se aceleravam e nossa velocidade aumentava.

Já começara o combate entre os cachalotes e as baleias quando o *Náutilo* entrou em cena. Manobrou de modo a dividir o cardume de macrocéfalos. Estes, inicialmente, mostraram-se indiferentes à vista do novo monstro que se envolvia na batalha, mas não tardou que começassem a fugir de seus golpes.

Que luta! O próprio Ned Land, entusiasmado, chegou a bater palmas. O *Náutilo* transformara-se em um arpão formidável, brandido pela mão do capitão. Lançava-se contra a massa de carnes e a atravessava de lado a lado, deixando após a sua passagem apenas as duas metades palpitantes do animal. Nem sequer sentia as pancadas que eles lhe assestavam com as caudas. Ficava indiferente aos choques que produzia. Exterminado um cachalote, enfrentava o seguinte e manobrava no mesmo lugar para não perder as presas — ia para a frente, para trás, dócil ao leme, mergulhando quando o cetáceo descia às camadas profundas, emergindo com ele quando voltava à superfície, ferindo-o em cheio ou em diagonal, cortando-o ou lacerando-o, perseguindo-o em qualquer direção e em todos os movimentos e varando-o com o seu terrível esporão.

Que carnificina! Que tumulto na superfície das ondas! Que silvos agudos e que roncos dos animais aterrados! No meio daquelas águas ordinariamente calmas, as caudas deles geravam verdadeiros vagalhões.

Por uma hora prolongou-se aquele homérico massacre, ao qual não puderam fugir os macrocéfalos. Várias vezes, dez ou doze reunidos, tentaram esmagar o *Náutilo* sob a sua massa. Nós os víamos pela vidraça, fauce enorme coberta de dentes, olhar fulgurante. Ned, que não se continha mais, ameaçava-os e injuriava-os. Sentíamos que se aferravam ao nosso aparelho, como cães que acuam um javali na floresta. Mas o *Náutilo*, acelerando a hélice, arrastava-os, carregava-os, trazia-os para o nível superior da água, sem preocupar-se nem com o seu peso enorme nem com a sua poderosa força.

Afinal, a massa de cachalotes rareou. As ondas voltaram ao sossego. Senti que emergíamos. A escotilha foi aberta e nos precipitamos para a plataforma. O mar estava coberto de cadáveres mutilados. Uma explosão formidável não teria dividido, lacerado, retalhado com maior violência aquelas massas de carnes. Flutuávamos em meio de corpos gigantescos, de dorso azulado, ventre alvacento, cheios de enormes protuberâncias. Alguns cachalotes aterrorizados fugiam no horizonte. As ondas estavam tintas de vermelho pelo espaço de várias milhas.

O capitão Nemo veio ao nosso encontro.

— Então, mestre Land? — perguntou.

— Realmente, capitão, foi um espetáculo terrível — respondeu o canadense, cujo entusiasmo serenara. — Mas não sou magarefe, sou caçador, e isso foi uma

carnificina.

— Não. Foi massacre de animais malfazejos. O *Náutilo* não é cutelo de magarefe.

— Prefiro o meu arpão — replicou o canadense.

— Cada um com a sua arma — disse o capitão, encarando fixamente Ned Land.

Eu temia que Ned se deixasse arrastar a alguma violência, cujas consequências seriam deploráveis. A sua cólera, porém, foi desviada pela vista de uma baleia. O animal não pudera escapar aos dentes dos cachalotes. Reconheci a baleia austral, de cabeça achatada, inteiramente negra. Anatomicamente, distingue-se da baleia branca do norte pela junção das sete vértebras cervicais e por ter duas costelas a mais que as suas congêneres. O infeliz cetáceo, virado de lado, o ventre rasgado pelos dentes dos cachalotes, estava morto. Da extremidade de sua barbatana mutilada pendia ainda um baleote que ela não pudera salvar do massacre. A boca escancarada deixava escorrer água, que marulhava como ressaca por entre as barbas.

O capitão Nemo dirigiu o submarino para perto do cadáver do animal. Dois tripulantes saltaram sobre ele e, para espanto meu, vi tirarem de seus úberes todo o leite que continham, isto é, dois ou três barris. O capitão ofereceu-me uma xícara daquele leite ainda quente. Não pude esconder a minha repugnância por aquela beberagem. Ele, porém, assegurou-me que aquele leite era excelente e em nada se diferençava do leite de vaca. Provei e tive opinião igual. Era, pois, para nós, uma reserva útil, porque, transformado em manteiga ou em queijo, deveria trazer uma agradável variação ao nosso trivial.

A partir daquele dia, notei com inquietação que a opinião de Ned Land a respeito do capitão piorava a olhos vistos e resolvi vigiar de perto os atos e os gestos do canadense.

37
A banquisa

O *Náutilo* retomou a sua imperturbável rota para o sul. Seguia o meridiano 50 com admirável velocidade. Pretenderia, porventura, alcançar o polo? Eu não acreditava nisso, porque, até então, todas as tentativas para alcançar aquele ponto do globo haviam falhado. Além disso, a estação já estava muito adiantada, pois o 13 de março nas terras antárticas corresponde ao 13 de setembro nas regiões boreais e marca o início do período equinocial.

A 14 de março, avistei gelos flutuantes a 55 graus de latitude, simples destroços alvacentos de seis a sete metros, formando escolhos sobre os quais o mar rebentava. O submarino mantinha-se à superfície do oceano. Ned Land, que já havia pescado nos mares árticos, estava familiarizado com o espetáculo. Conselho e eu o admirávamos pela primeira vez.

Na atmosfera, para o lado do sul, estendia-se uma faixa branca de aspecto deslumbrante. Por mais densas que fossem, as nuvens não conseguiam obscurecer-lhe o brilho, e ela anunciava a presença de um banco de gelo. Realmente, dentro em pouco surgiram blocos maiores cujo brilho se alterava conforme os caprichos da bruma. Algumas daquelas moles ostentavam veios verdes, como se o sulfato de cobre neles houvesse traçado linhas onduladas. Outras, parecidas com enormes ametistas, deixavam-se atravessar pela luz. Umas refletiam os raios luminosos sobre as mil facetas de seus cristais, e outras, matizadas pelos vivos reflexos do calcário, seriam suficientes para a construção de uma cidade de mármore.

Quanto mais descíamos para o sul, maior era o número e o tamanho daquelas ilhas flutuantes. Nelas, os ninhos de aves polares eram aos milhares. Petréis, albatrozes, gaivotas e procelárias davam gritos ensurdecedores. Algumas,

confundindo o submarino com o cadáver de uma baleia, vinham pousar sobre ele e bicavam as suas sonoras chapas metálicas.

Durante a navegação por entre gelos, o capitão Nemo esteve constantemente na plataforma. Observava com atenção aquelas paragens abandonadas. Mais de uma vez vi animar-se o seu olhar sereno. Certamente pensava que naqueles mares polares, interditos ao homem, estava em seu próprio elemento, senhor daqueles espaços intransponíveis. Contudo, calava-se. Permanecia imóvel, só se movendo quando o seu instinto de navegante o despertava. Dirigindo, então, o barco com perícia consumada, evitava habilmente o choque com os icebergs, alguns dos quais tinham vários metros de comprimento e de setenta a oitenta metros de altura. Muitas vezes o horizonte parecia completamente fechado. Aos 60 graus de latitude não aparecia passagem alguma. Mas o capitão, procurando cuidadosamente, logo encontrou uma estreita abertura pela qual deslizou audaciosamente, sabendo muito bem que ela se fecharia atrás dele.

Foi assim que o *Náutilo*, guiado por aquela mão hábil, venceu todo aquele gelo. A temperatura era muito baixa. O termômetro, exposto ao ar exterior, marcava dois a três graus abaixo de zero. Nós, porém, estávamos vestidos com peles próprias para resistir ao frio, obtidas à custa das focas e dos leões-marinhos. O interior do *Náutilo*, regularmente aquecido por aparelhos elétricos, desafiava o frio por mais intenso que fosse. Além disso, bastaria que mergulhasse alguns metros para encontrar temperatura suportável.

A 15 de março, a latitude das ilhas Novo Shetland e das Orkney foi ultrapassada. O capitão disse-me que outrora numerosas tribos de focas habitavam aquelas terras. Todavia, os baleeiros ingleses e americanos, no seu furor de destruição, massacrando os adultos e as fêmeas prenhes, haviam deixado atrás de si o silêncio da morte em substituição à animação e à vida.

A 16 de março, por volta de oito da manhã, o *Náutilo*, seguindo o meridiano 50, atravessou o círculo polar antártico. Por todos os lados, o gelo nos rodeava e fechava o horizonte. Entretanto, o capitão Nemo continuava de canal em canal e subia sempre.

— Mas para onde irá ele? — perguntava eu.

— Para a frente — respondia Conselho. — Quando não puder ir além, terá de parar.

— Não apostaria — repliquei.

Para ser franco, devo confessar que aquela aventurosa excursão não me desagradava. A que ponto a beleza daquelas novas regiões me maravilhava, não posso exprimir. Os gelos assumiam aspectos soberbos. Aqui, o seu conjunto assemelhava-se a uma cidade oriental com minaretes e mesquitas inumeráveis. Ali, uma cidade desmoronada e como demolida por alguma convulsão telúrica. Panoramas incessantemente alterados pelos raios oblíquos do sol ou perdidos nas brumas cinzentas em meio a turbilhões de neve. Depois, de todos os lados, detonações, esboroamentos, grandes cambalhotas de montanhas de gelo, que transformavam o cenário como a paisagem de caleidoscópio. Quando o *Náutilo* estava imerso, no momento em que se rompiam aqueles equilíbrios, o estrondo propagava-se sob as águas com medonha intensidade e a queda daquelas moles provocava temíveis remoinhos até nas camadas profundas do oceano. O submarino jogava e balouçava como navio abandonado à fúria dos elementos.

Muitas vezes, não vendo saída alguma, eu supunha que estivéssemos definitivamente prisioneiros. Mas, guiado por seu admirável instinto, pelo menor indício, o capitão Nemo descobria novos canais. Nunca se enganava ao observar os delgados fios de água azulada que sulcavam os campos de gelo. Por isso, eu estava absolutamente convencido de que não era aquela a primeira vez que se aventurava com o *Náutilo* pelos mares antárticos.

Apesar disso, durante o dia 16 de março, os campos de gelo fecharam completamente a rota. Não atingíramos ainda a banquisa, mas enormes campos de gelo cimentados pelo frio. Aquele obstáculo não era bastante para deter o capitão Nemo, que se lançou contra os gelos com incrível violência. O *Náutilo* penetrava como cunha naquela massa friável e rompia-a com estalos terríveis. Era o antigo aríete impelido por uma força incalculável. Os destroços de gelo arremessados para o alto caíam como granizo em torno de nós. O nosso aparelho rasgava canais apenas com a sua força de impulsão. Algumas vezes, levado pelo impulso, subia no campo de gelo e o esmagava com o seu peso, ou por instantes, encravado por baixo dele, dividia-o com um simples movimento de arfagem.

Durante aqueles dias, fomos assaltados por violentas tempestades. Atravessamos nevoeiros tão espessos que de uma extremidade da plataforma não se via a outra. O vento soprava de todos os pontos do quadrante. A neve acumulava-se em camadas tão duras que era necessário parti-las a golpes de picareta. Por ação da temperatura, a cinco graus abaixo de zero, todas as partes

exteriores do *Náutilo* se cobriam de gelo. Um veleiro não teria podido manobrar, porque todas as boças emperrariam nas roldanas. Somente um navio sem velas e movido por motor elétrico, que dispensasse o carvão, poderia afrontar tão elevadas latitudes.

Nessas condições, o barômetro conservou-se quase sempre baixo. As indicações da bússola já não ofereciam garantia. Seus ponteiros desorientados marcavam direções contraditórias ao se aproximarem do polo magnético meridional, que não se confunde com o sul da terra. O polo magnético está situado a cerca de 70 graus de latitude e 130 graus de longitude. Este fato impunha numerosas observações da agulha magnética, transportada para as diferentes partes do barco, para obter-se média. Constantemente, porém, era reportando-se à estimativa que se calculava a rota percorrida, método bem pouco satisfatório em meio àqueles canais sinuosos, cujos pontos de referência mudam incessantemente.

Finalmente, a 18 de março, depois de vinte assaltos inúteis o *Náutilo* viu-se definitivamente entravado. Já não estava diante nem de campos nem de montanhas de gelo, mas de uma interminável e imóvel barreira formada de montanhas soldadas entre si.

— A banquisa! — disse-me o canadense.

Compreendi a expressão de Ned Land porque, para ele, como para todos os navegantes que nos haviam precedido, tratava-se de obstáculo insuperável. Estávamos em ponto avançado das regiões antárticas. De mar, de superfície líquida, não havia qualquer sinal diante de nossos olhos. Diante do esporão do *Náutilo* estendia-se uma vasta planície convulsionada, atravancada de blocos confusos com toda aquela desordem caprichosa que caracteriza a superfície de um rio algum tempo antes do degelo, mas em proporções gigantescas. Aqui e além, picos agudos, delgadas agulhas que se elevavam a sessenta metros. Adiante, uma série de penhascos talhados a pique, de coloração cinzenta, que refletiam, como se fossem espelhos, alguns raios de sol meio afogados na bruma. E, sobre aquela natureza desolada, reinava um feroz silêncio, somente quebrado pelo bater de asas de petréis e procelárias. Ali tudo era gelado, até o próprio ruído.

O *Náutilo* foi compelido a parar naquela aventurosa viagem através dos campos de gelo.

— Professor — disse Ned naquele dia —, vamos ver se o seu capitão é capaz de ir adiante.

— E se for?

— Será, então, um homem de verdade.

— Por quê, Ned?

— Porque ninguém até hoje conseguiu vencer a banquisa. Ele é poderoso, mas, com mil demônios!, não é tão poderoso quanto a natureza, e onde ela pôs limites é preciso que todos parem, por vontade ou contra a vontade.

— Realmente, Ned. Mas eu gostaria de saber o que há atrás dessa banquisa. Um muro, eis o que mais me irrita na vida!

— O senhor tem razão — falou Conselho. — Os muros só foram inventados para irritar os sábios. Não devia existir muro em parte alguma.

— Bom — apoiou o canadense. — Mas por trás da banquisa todos sabem o que existe.

— Que é? — perguntei-lhe.

— Gelo, gelo, sempre gelo.

— Você tem certeza de que nunca viu, Ned. Mas eu não estou certo disso, e é por isso que queria ver.

— Pois bem, professor, renuncie a semelhante ideia. O senhor atingiu a banquisa, o que já é bastante, e agora não irá mais longe. Nem o senhor, nem seu capitão, nem o *Náutilo*. E quer ele queira, quer não, voltaremos para o norte, isto é, para a terra dos homens de bem.

Concordo que Ned tinha razão e que, enquanto os navios não forem capazes de navegar sob os campos de gelo, serão obrigados a parar diante da banquisa. Com efeito, apesar de seus esforços e dos poderosos meios que empregou para libertar-se do gelo, o *Náutilo* permaneceu imóvel. Ordinariamente, quem não pode prosseguir dá-se por feliz quando pode retroceder. Mas no caso era tão impossível avançar quanto voltar, porque os canais se haviam fechado atrás de nós e, por pouco que o nosso aparelho permanecesse quieto, não tardaria a ficar bloqueado. Foi mesmo o que aconteceu por volta de duas horas: o gelo formou-se em seus flancos com espantosa rapidez. Tive, então, que admitir que o procedimento do capitão Nemo fora temerário.

Nesse momento, eu estava na plataforma. O capitão, que examinava a situação, disse-me depois de alguns instantes:

— Então, professor, que lhe parece?

— Penso que estamos presos, capitão.

— Presos? Que quer dizer com isso?

— Que nem podemos avançar, nem retroceder, nem desviar para a direita, nem para a esquerda. Creio que é o significado de preso, pelo menos nos continentes habitados.

— Quer dizer que o sr. Aronnax supõe que o *Náutilo* é incapaz de libertar-se?

— Dificilmente, porque a estação já está demasiado adiantada para contar com o degelo.

— Ora, professor — replicou com ironia o capitão —, o senhor será sempre o mesmo! Só vê empecilhos e obstáculos! Eu lhe asseguro que o *Náutilo* não só se libertará como prosseguirá sua rota.

— Mais para o sul? — perguntei, encarando o capitão.

— Perfeitamente. Irá ao polo.

— Ao polo? — exclamei, sem poder conter um movimento de incredulidade.

— Ao polo — respondeu friamente o capitão. — Ao polo antártico, a esse ponto desconhecido em que se cruzam todos os meridianos do globo. O senhor sabe que faço do *Náutilo* o que quero.

Se eu sabia! Aquele homem era audacioso até a temeridade. Mas vencer os obstáculos que eriçam o polo Sul, mais inacessível do que o polo Norte, até hoje ainda não alcançado pelos mais ousados navegadores, era empresa completamente insensata e que só um louco poderia conceber.

Veio-me, então, a ideia de perguntar ao capitão Nemo se ele já havia descoberto esse polo, jamais pisado pelo pé de criatura humana.

— Ainda não, sr. Aronnax. Nós o descobriremos juntos. Onde outros falharam, eu alcançarei êxito. Jamais trouxe o meu braço tão longe nos mares austrais. Mas repito-lhe que irá ainda mais longe.

— Desejo acreditar — repliquei em tom um pouco irônico. — Creio no que está dizendo. Prossigamos. Para nós não há obstáculos. Rebentemos a banquisa. Façamo-la explodir e, se ela resistir, demos asas ao *Náutilo*, a fim de que ele possa passar por cima dela!

— Por cima, professor? — retrucou tranquilamente o capitão. — Por cima, não, por baixo.

Uma súbita revelação dos projetos de Nemo acabava de iluminar meu espírito. Compreendera. As maravilhosas qualidades do submarino iam mais uma vez servir naquela sobre-humana empresa.

— Vejo que começamos a nos entender — disse, meio sorridente, o capitão. — Já entrevê a possibilidade, eu diria o êxito, dessa tentativa. O que é impraticável com navio comum torna-se fácil para o *Náutilo. S*e um continente emergir no polo, ele parará diante desse continente. Mas se, ao contrário, encontrarmos mar livre, ele irá até o próprio polo.

— Realmente — concordei, empolgado pelo raciocínio do capitão —, se a superfície do mar está solidificada pelo congelamento, as camadas inferiores estão livres pela razão providencial que colocou em grau superior ao do congelamento o máximo de densidade da água do mar. E, se não me engano, a parte imersa dessa banquisa está para a parte emersa na razão de quatro para um.

— Aproximadamente, professor. Cada metro de iceberg acima do nível do mar corresponde a três metros para baixo. Ora, como essas montanhas não ultrapassam a altura de cem metros, mergulham apenas trezentos. Ora, que são trezentos metros para o *Náutilo*?

— Nada.

— Ele poderá até ir procurar, a maior profundidade, a temperatura uniforme das águas marinhas, e lá desafiaremos, sem riscos, os trinta ou quarenta graus de frio da superfície.

— Exato, perfeitamente correto — corroborei com entusiasmo.

— A única dificuldade será a imersão de alguns dias sem renovar as provisões de ar.

— Só isso? Ora! O *Náutilo* tem enormes reservatórios. Nós os encheremos e eles nos fornecerão todo o oxigênio de que tivermos necessidade.

— Bem pensado, sr. Aronnax — replicou, sorrindo, o capitão Nemo. — Não querendo, porém, que o senhor me acuse de temeridade, eu lhe contraponho todas as minhas objeções.

— Ainda tem alguma?

— Uma só. É possível, se existir mar no polo Sul, que ele esteja completamente coberto de gelo e que, portanto, não possamos emergir.

— Capitão, não se esqueça de que o *Náutilo* está armado com o temível esporão e de que poderemos lançá-lo diagonalmente contra o gelo, que será

rompido pelo embate.

— Muito bem, professor. O senhor tem hoje ideias magníficas.

— Além disso, capitão — acrescentei cada vez mais empolgado —, por que não encontraríamos mar livre no polo Sul, da mesma forma que no polo Norte? Os polos do frio e os da terra não se confundem nem no hemisfério austral nem no boreal. Até prova em contrário, temos o direito de supor a existência de continente ou de oceano livre de gelo nesses dois pontos da terra.

— Também o creio. Quero apenas fazer-lhe notar que, depois de ter feito tantas objeções contra o meu projeto, agora o senhor me surpreende com argumentos favoráveis.

O capitão Nemo dizia a verdade. Eu acabara por vencê-lo em audácia. Era eu que o arrastava ao polo. Precedia-o, deixava-o para trás. Ora, pobre louco! O capitão Nemo conhecia melhor do que eu todos os prós e os contras do problema e divertia-se à minha custa ao ver-me embalado por devaneios impossíveis.

Contudo, ele não perdera um só instante. A um sinal seu o imediato apareceu. Os dois tiveram rápida conversa em sua incompreensível linguagem e, seja porque já estivesse prevenido, seja porque julgasse o projeto realizável, o imediato não demonstrou surpresa alguma. Entretanto, por mais impassível que se mostrasse, a sua impassibilidade não excedeu a de Conselho quando lhe contei o nosso projeto de ir até o polo Sul. "Como for do gosto do senhor", acolheu a minha comunicação. E foi tudo. Quanto a Ned Land, se algum dia ombros se encolheram tão alto, não podem ter se encolhido com desdém igual ao do canadense.

— Tanto o senhor quanto seu capitão causam-me pena — comentou.

— Mas iremos ao polo, mestre Land.

— Talvez, mas não voltarão de lá.

Entretanto, os preparativos para aquela audaciosa tentativa tinham começado. As poderosas bombas do *Náutilo* recalcavam o ar nos reservatórios, armazenando-o a alta pressão. Por volta de quatro horas, o capitão Nemo anunciou-me que a escotilha da plataforma ia ser fechada. Lancei um último olhar sobre a banquisa que íamos atravessar. O céu estava limpo; o ar, muito puro; o frio, intenso, 12 graus abaixo de zero. Contudo, havendo-se acalmado o vento, a temperatura não parecia insuportável.

Uma dezena de homens subiu aos flancos do *Náutilo* e, armados de picaretas, quebraram o gelo em volta da querena, que em pouco tempo viu-se livre. Essa operação processou-se rapidamente, porque o gelo, sendo recente, ainda era pouco denso. Todos se recolheram ao interior e o submarino não demorou a descer.

Eu estava no salão com Conselho. Pela escotilha aberta, observamos as camadas inferiores do oceano austral. O termômetro subia. A cerca de trezentos metros, como previra o capitão, flutuávamos sob a superfície ondulada da banquisa. O submarino ainda desceu mais. Atingiu a profundidade de oitocentos metros. A temperatura da água, que era de menos 12 graus na superfície, atingia apenas dez graus. Já ganháramos dois graus. É inútil dizer que a temperatura interior do barco mantinha-se a grau muito elevado.

Naquele mar desembaraçado o *Náutilo* tomara diretamente o caminho do polo à velocidade média de 26 milhas por hora. Se ele a conservasse, bastariam 48 horas para chegar ao seu destino.

Durante parte da noite, a novidade da situação reteve a Conselho e a mim junto à vidraça do salão. A irradiação elétrica do farol iluminava o mar deserto. Os peixes não moravam naquelas águas prisioneiras. Nelas encontravam apenas passagem entre o oceano Antártico e o mar livre do polo. Nossa marcha era rápida. Sentíamos pelos estremecimentos do longo casco de aço.

Por volta das duas horas da manhã, fui repousar durante algumas horas. Conselho imitou-me. Ao atravessar os passadiços, não encontrei o capitão Nemo. Supus que ele deveria estar na cabina do timoneiro. No dia seguinte, às cinco horas da manhã, voltei ao meu posto no salão. A barquilha elétrica indicou-me que a velocidade do *Náutilo* fora moderada. Ele regressava, então, à superfície, mas prudentemente. Meu coração palpitava. Iríamos emergir e encontrar de novo o ar livre do polo.

Não. Um choque indicou que o submarino batera na superfície inferior da banquisa, demasiado espessa, a julgar pelo som surdo da pancada. Realmente, havíamos *tocado*, mas em sentido inverso e a trezentos metros de profundidade. Isso demonstrava que havia quatrocentos metros de gelo acima de nós. Durante aquele dia o *Náutilo* recomeçou várias vezes a experiência e foi sempre chocar-se com a muralha acima dele. Algumas vezes encontrou-a a novecentos metros,

o que dava 1.200 metros de espessura, dos quais trezentos elevavam-se acima do oceano!

Anotei cuidadosamente aquelas diferentes profundidades e obtive o perfil submarino daquela cadeia que se desenvolvia sob as águas.

Durante a noite, mudança alguma alterou nossa situação. Sempre o gelo, entre quatrocentos e quinhentos metros de profundidade. A diminuição era evidente, mas que enorme espessura ainda nos separava da superfície do oceano!

Já eram oito horas. Havia quatro horas o ar deveria ter sido renovado no interior do submarino, de acordo com o hábito cotidiano de bordo. Contudo, eu não sofria demasiado, embora o capitão Nemo ainda não houvesse pedido aos reservatórios o suplemento de oxigênio. Dormi mal durante a noite. Esperança e temor assediavam-me alternadamente. Levantei-me várias vezes. O *Náutilo* continuava a ratear. Às três da manhã, observei que a banquisa estava reduzida a cinquenta metros de profundidade. Transformava-se, pouco a pouco, em campo de gelo. A montanha tornava-se planície.

Meus olhos não se desviaram mais do manômetro. Subíamos sempre, seguindo diagonal, à superfície resplandecente que flamejava sob os raios elétricos. A banquisa adelgaçava-se acima e abaixo por longas rampas. Finalmente, às seis horas da manhã do memorável dia 19 de março, a porta do salão abriu-se. O capitão Nemo apareceu e disse-me:

— Mar livre!

38
O polo Sul

Precipitei-me para a plataforma. Era verdade! Estávamos no mar livre! Apenas alguns blocos de gelo esparsos. Em frente, a extensão do mar. Havia um mundo de pássaros nos ares e miríades de peixes nas águas que, segundo a profundidade, variavam do azul intenso ao verde-oliva. O termômetro marcava três graus abaixo de zero. Era outono relativo por trás da banquisa cujas massas afastadas se perfilavam no horizonte setentrional.

— Estamos no polo? — perguntei ao capitão, sem poder reprimir as palpitações do coração.

— Ignoro — respondeu-me. — Ao meio-dia faremos a localização.

— Será que essa bruma nos permitirá avistar o sol?

— Por pouco que ele apareça, será o bastante — respondeu o capitão.

A dez milhas de nós para o sul, uma ilhota solitária elevava-se à altura de duzentos metros. Navegamos em direção a ela com prudência, porque o mar poderia estar semeado de escolhos.

Uma hora depois a havíamos alcançado. Duas horas mais tarde, tínhamos conseguido contorná-la. A sua circunferência media quatro milhas. Um estreito canal separava-a de extensa terra, talvez um continente, cujos limites não podíamos avistar. A existência dessa terra parecia dar razão às hipóteses de Maury. Com efeito, o engenhoso americano notou que entre o polo Sul e o paralelo 60 o mar era coberto de gelo flutuante de enormes dimensões, que jamais se encontram no Atlântico norte. Desse fato, deduziu que o circulo antártico encerra terras consideráveis, pois os icebergs não se podem formar em pleno mar, somente no litoral. Segundo os seus cálculos, a massa de gelo que

cerca o polo austral forma uma vasta calota cuja largura deve atingir quatro mil quilômetros.

Entretanto, o *Náutilo*, com receio de encalhar, fundeara a cerca de 360 braças de uma praia que dominava um soberbo amontoamento de rochedos. O escaler foi lançado ao mar. O capitão, dois homens transportando instrumentos, Conselho e eu embarcamos nela. Eram dez horas da manhã. Eu não vira Ned Land. O canadense certamente não queria retratar-se em presença do polo Sul.

Algumas remadas foram suficientes para encalhar o bote na praia. No momento em que Conselho ia saltar, eu o retive.

— Capitão — disse eu —, ao senhor cabe a honra de ser o primeiro a pisar esta terra.

— Concordo, professor, e não hesito em palmilhar o solo do polo, pois que até hoje nenhum ser humano aí deixou o rastro de seus passos.

Dito isso, saltou rapidamente sobre a areia. Uma viva emoção fazia pulsar-lhe o coração. Galgou um rochedo que terminava em inclinação por um pequeno promontório e dali, braços cruzados, olhar ardente, imóvel, mudo, pareceu tomar posse daquelas regiões austrais. Após cinco minutos de êxtase, voltou-se para nós.

— Quando quiser, professor — gritou-me.

Desembarquei seguido de Conselho. Os dois homens permaneceram no escaler.

O solo por largo espaço era construído por uma espécie de rocha vulcânica avermelhada, como se fosse formado de tijolos pilados. Escórias, correntes de lava e pedras-pomes recobriam-no. A origem vulcânica era evidente. Em certos lugares, tênues fumarolas, exalando cheiro sulfuroso, atestavam que o fogo interior ainda conservava o seu poder expansivo. Entretanto, havendo galgado elevada escarpa, não vi vulcão algum num raio de várias milhas. A vegetação daquele continente desolado pareceu-me bastante restrita. Alguns liquens exibiam-se sobre as rochas negras. Algumas plântulas microscópicas e longos fucos purpúreos, eis toda a magra flora daquela região.

A praia estava juncada de moluscos, astérias e estrelas-do-mar. Onde, porém, a vida superabundava era nos ares. Voavam e voejavam aos milhares aves das mais variadas espécies, as quais nos ensurdeciam com os seus gritos. Outras cobriam completamente as rochas, vendo-nos passar sem mostrar receio,

comprimindo-se familiarmente quando passávamos. Eram pinguins ágeis e destros na água. Às vezes, chegávamos a confundi-los com velozes atuns, mas eram desajeitados e pesadões em terra. Soltavam gritos bizarros e formavam assembleias numerosas, sóbrios de gestos, mas pródigos em clamores.

Entre as aves notei ainda os chionis, da família dos pernaltas, do tamanho de pombos, brancos, de bico curto e cônico, olho emoldurado por um círculo vermelho. Conselho fez provisão deles, porque essas aves são comestíveis e, convenientemente preparadas, dão um prato magnífico. Nos ares passavam albatrozes fuliginosos, de quatro metros de envergadura, chamados com razão abutres do oceano, petréis gigantescos, entre outros o quebra-ossos, de asas arqueadas, grandes devoradores de focas, abetardas, espécie de pequenos patos de dorso negro e branco, enfim, toda uma série de petréis, uns alvacentos, outros de asas orladas de pardo, outros azuis, próprios dos mares antárticos.

Um quilômetro adiante, o solo aparecia crivado de ninhos de cotetes. O capitão mandou a sua tripulação caçar algumas centenas delas, porque a sua carne preta é comestível. Zurravam como jumentos. São animais parecidos com o ganso, de corpo cor de ardósia, barriga branca e colar cor de limão. Deixaram-se matar a pedradas sem tentar fugir.

Entretanto, a bruma não se dissipava, e, às onze horas, o sol ainda não se mostrara. Sua ausência inquietava-me. Sem ele, não haveria observação possível. Como saber se havíamos alcançado o polo?

Quando me aproximei do capitão, encontrei-o silencioso, com o cotovelo apoiado num rochedo, contemplando o céu. Parecia impaciente e contrariado. Que fazer? Aquele homem tão audacioso e tão poderoso não dava ordens ao sol.

Meio-dia chegou e passou sem que o astro tivesse aparecido por um instante que fosse. Ninguém pôde determinar o lugar que ele ocupava por trás da cortina de bruma. Pouco depois, toda aquela bruma desfez-se em neve.

— Fica para amanhã — disse, desapontado, o capitão Nemo, e voltamos ao *Náutilo* em meio a um verdadeiro turbilhão.

A tempestade de neve durou até o dia seguinte. Era impossível alguém manter-se na plataforma. Do salão, onde anotava os incidentes dessa excursão ao continente antártico, ouvia os gritos dos petréis e dos albatrozes, que se divertiam no meio da tormenta. O *Náutilo* não permaneceu imóvel e,

perlongando a costa, avançou ainda uma dezena de milhas para o sul em meio àquela semiobscuridade que o sol produzia ao nível do horizonte.

No dia seguinte, 20 de março, cessara a nevasca. O frio, porém, tornara-se mais cortante. O termômetro marcava dois graus abaixo de zero. O nevoeiro dissipou-se e tive esperança de que naquele dia pudesse ser feita a observação. Como o capitão Nemo não apareceu, o escaler transportou a Conselho e a mim para terra. A natureza do solo ali era a mesma, vulcânica. Por todos os lados viam-se vestígios de lavas, escórias e de basaltos sem que eu avistasse a cratera que vomitava aquilo. Ali, como antes, miríades de aves animavam aquela parte do continente polar. Estas, porém, repartiam seu domínio com enormes rebanhos de mamíferos marinhos, que nos contemplavam com olhos meigos. Eram focas de diferentes espécies, umas estendidas sobre o solo, outras deitadas sobre blocos de gelo à deriva, várias saindo do mar ou entrando nele. Não fugiam quando nos aproximávamos, talvez por nunca terem encontrado o homem. Havia número suficiente para abastecer algumas centenas de navios.

Eram oito da manhã. Ainda dispúnhamos de quatro horas até o momento em que o sol pudesse ser observado com proveito. Dirigi meus passos para a vasta baía, cortada em forma de crescente, na falésia granítica.

Ali, a perder de vista em torno de nós, as terras e os blocos de gelo estavam atravancados de mamíferos marinhos e procurei involuntariamente o velho Proteu, o mitológico pastor que guardava os imensos rebanhos de Netuno. O maior número era de focas. Formavam grupos distintos, machos e fêmeas, o pai velando pela família, a mãe aleitando os filhotes, alguns dos quais, já fortes, emancipavam-se, vivendo a alguns passos do grupo. Quando queriam mudar de lugar, deslocavam-se aos saltinhos, auxiliando-se desajeitadamente com a barbatana imperfeita que no lamantim, seu congênere, forma um verdadeiro antebraço. Devo dizer que na água, seu elemento por excelência, esses animais de espinha dorsal móvel, bacia estreita, pelo curto e espesso, pés espalmados, nadam admiravelmente. Em repouso, em terra, tomavam atitudes extremamente graciosas. Por isso, os antigos, observando a sua fisionomia meiga, seu olhar expressivo, que o mais belo olhar de mulher não conseguiria superar, seus olhos veludosos e límpidos e sua pose encantadora, transformaram os machos em tritões e as fêmeas em sereias.

A maior parte delas dormia nas rochas ou na areia. Por entre elas deslizavam elefantes-marinhos, uma espécie de foca dotada de tromba curta e móvel, gigantes da espécie, com dez metros de comprimento e seis de circunferência. Mas nem se mexiam quando nos aproximávamos.

— Esses animais são perigosos? — perguntou-me Conselho.

— Não, a menos que sejam atacados. Quando uma foca defende o filhote, seu furor é terrível e muitas vezes despedaça a embarcação dos pescadores.

Três quilômetros depois fomos barrados pelo promontório que protegia a baía dos ventos do sul. Caía a prumo sobre o mar e estava coberto de espuma da ressaca. Além dele, ressoavam rugidos tão formidáveis que só um rebanho de ruminantes seria capaz de produzir.

— O quê? — comentou Conselho. — Será um concerto de touros?

— Não, é um concerto de morsas.

— Lutam entre si?

— Não, estão apenas brincando.

— O senhor tenha paciência, mas precisamos ver isso.

— Vamos ver.

E começamos a galgar rochas enegrecidas, em meio a desmoronamentos imprevistos, por cima de pedras que o gelo tornava completamente escorregadias. Mais de uma vez rolei com grave dano para meus rins. Conselho, mais prudente ou mais forte do que eu, não tropeçava em nada e me ajudava a levantar.

Alcançamos a aresta superior do promontório, de onde avistei uma enorme planície branca coberta de morsas que brincavam umas com as outras. O que ouvíamos eram rugidos de alegria, e não de cólera.

As morsas assemelham-se às focas pela forma do corpo e pela disposição dos membros. Mas não têm caninos e incisos na mandíbula inferior e, quanto aos caninos superiores, são duas compridas defesas de oitenta centímetros que medem 33 centímetros de circunferência no alvéolo. Esses dentes, formados de marfim compacto e sem estrias, mais duro que o marfim dos elefantes e menos sujeitos a amarelar, são muito procurados. Por essa razão, as morsas são alvo de perseguição impiedosa que em breve as destruirá até a última, pois os caçadores massacram indistintamente as fêmeas prenhes e os filhotes.

Ao passar perto daqueles curiosos animais pude observá-los à vontade, porque eles não fugiam. A pele era espessa e rugosa, de cor amarela, pendendo para o ruivo; o pelo, curto e pouco abundante. Alguns tinham quatro metros de comprimento. Mais calmos e menos medrosos do que os seus congêneres do norte, não confiavam a sentinelas escolhidas o cuidado de vigiar as proximidades de seu acampamento.

Depois de haver examinado aquela cidade das morsas, retrocedemos. Eram onze horas e, se o capitão Nemo tivesse condições favoráveis para observar, eu queria estar presente no momento da operação. Entretanto, não tinha esperança de que o sol se mostrasse naquele dia. Nuvens acumuladas no horizonte furtavam-no à nossa vista. Apesar disso, resolvi regressar ao *Náutilo.* Seguimos por uma estreita ladeira que havia no alto da falésia. Às onze e meia, chegamos ao ponto de desembarque. O escaler trouxera o capitão para terra. Avistei-o de pé sobre um bloco de basalto. Os instrumentos estavam perto dele. Fitava com insistência o horizonte norte, perto do qual o sol descrevia, naquele momento, a sua alongada curva.

Coloquei-me perto dele e esperei calado. Meio-dia chegou e passou, como na véspera, sem que o sol aparecesse. Era uma fatalidade. Mais uma vez falhava a observação. Se no dia seguinte ela não se pudesse realizar, seria necessário renunciar definitivamente a fazer o levantamento de nossa posição.

Estávamos a 20 de março. No dia seguinte seria o equinócio. O sol desapareceria no horizonte por seis meses e, com sua desaparição, começaria a longa noite polar. Por ocasião do equinócio de setembro, ele emergirá no horizonte setentrional, elevando-se por espirais alongadas até o dia 21 de dezembro. Esse é o momento do solstício de verão nas regiões austrais. Começará, então, a baixar, e no dia seguinte lançará os seus últimos raios. Dei conta de minhas observações e de meus temores ao capitão Nemo.

— Tem razão, sr. Aronnax. Se amanhã não conseguirmos estabelecer a altura do sol, não poderei recomeçar o cálculo senão daqui a seis meses. Mas, porque os azares de minha navegação me trouxeram exatamente a 21 de março a esses mares, será fácil fazer o levantamento do ponto, se ao meio-dia o sol mostrar-se a nossos olhos.

— Por quê, capitão?

— Como o astro descreve espirais tão alongadas, é difícil medir a sua altura acima do horizonte e os instrumentos correm o risco de assimilar graves erros.

— Então, como procederá?

— Usarei apenas o meu cronômetro. Se amanhã, 21 de março, ao meio-dia, o disco do sol, descontada a refração, estiver dividido exatamente pelo horizonte norte, teremos a certeza de estar no polo Sul.

— Com efeito. Entretanto, essa afirmação não tem rigor matemático, porque o equinócio não coincide exatamente com o meio-dia.

— Isso é verdade, sr. Aronnax, mas o erro não chegará a cem metros, e para nós é quanto basta. Logo, até amanhã.

O capitão voltou para bordo. Conselho e eu ficamos andando na praia até as cinco horas, observando e estudando. Depois do jantar, deitei-me, tendo invocado, exatamente como um hindu, os favores do astro radioso.

No dia seguinte pela manhã subi à plataforma. O capitão Nemo estava lá.

— O céu desanuvia-se um pouco — disse-me ele. — Tenho muita esperança. Depois do almoço, iremos a terra para escolher um bom posto de observação.

Assim combinamos e fui à procura de Ned Land. Gostaria de levá-lo comigo. O obstinado canadense recusou e notei que a sua taciturnidade e o seu mau-humor cresciam de dia para dia. Apesar disso, naquela circunstância, não lamentei a sua obstinação. Realmente, havia um número excessivo de focas em terra e era bom não submeter aquele pescador irrefletido a tamanha tentação.

Terminado o almoço, dirigi-me a terra. O *Náutilo* avançara mais quatro milhas durante a noite. Estava ao largo, a boa légua da costa, que era dominada por um pico agudo de quatrocentos a quinhentos metros. O escaler levava comigo o capitão Nemo, dois homens da tripulação e os instrumentos, isto é, um cronômetro, um óculo e um barômetro.

Às nove horas, acostávamos. O céu clareava. As nuvens fugiam em direção ao sul. As brumas abandonavam a superfície das águas. O capitão Nemo dirigiu-se ao pico do qual queria fazer seu observatório. Foi uma ascensão penosa, por cima de lavas agudas e pedras-pomes, em meio a uma atmosfera saturada pelas emanações sulfurosas.

Gastamos duas horas para alcançar o cimo daquele pico, metade pórfiro, metade basalto. De lá, nosso olhar abarcava uma vasta extensão de mar que, para o norte, marcava claramente a sua linha terminal no fundo do céu. A nossos pés

estendiam-se campos de deslumbrante alvura. Sobre as nossas cabeças, um pálido azul, livre de brumas. Ao norte, o disco do sol, como uma bola de fogo, já esborcinada pelo gume do horizonte. Do seio das águas erguiam-se em magníficos feixes centenas de jatos líquidos. Ao longe, o submarino parecia um cetáceo adormecido. Por trás de nós, para o sul e para leste, uma terra imensa, um amontoamento caótico de rochedos e de gelos, dos quais não se avistava o limite. O capitão Nemo, chegando ao alto do pico, fez um cuidadoso levantamento por meio do barômetro, porque isso teria de ser considerado em sua observação. Às 11h45, o sol, que só era visível por refração, surgiu como um disco de ouro e espargiu os seus últimos raios sobre aquele continente abandonado, sobre aqueles mares até ali ainda não sulcados pelo homem.

Nemo, munido de um óculo reticulado, que, por meio de espelho, corrigia a refração, observou o astro que mergulhava pouco a pouco abaixo do horizonte, seguindo uma diagonal muito alongada. Eu observava o cronômetro. Meu coração palpitava desabaladamente. Se a desaparição do semidisco do sol coincidisse com o meio-dia do cronômetro, estaríamos exatamente no polo.

— Meio-dia! — exclamei.

— O polo Sul! — replicou com voz grave o capitão Nemo, entregando-me o óculo com o qual pude observar o astro do dia cortado exatamente em duas porções iguais pelo horizonte.

Contemplei os últimos raios coroando o pico e a subida paulatina das sombras pelas rampas. Naquele momento, o capitão Nemo, apoiando a mão em meu ombro, recordou-me todas as expedições anteriores e a impotência delas para realizar a façanha e concluiu:

— Pois bem, eu, capitão Nemo, neste dia 21 de março de 1868, atingi o polo Sul e tomo posse desta parte do globo igual a um sexto dos continentes conhecidos.

— Em nome de quem, capitão?

— Em meu nome, professor.

E, ao dizer isso, desfraldou um pavilhão negro com grande N bordado a ouro no centro. Depois, voltou-se para o sol, cujos derradeiros raios roçavam o horizonte:

— Adeus, sol. Desaparece, astro radioso! Põe-te sobre esse mar livre e deixa uma noite de seis meses estender as suas sombras sobre o meu novo domínio!

39
Encalhado sob os gelos polares

No dia seguinte, 22 de março, às seis da manhã, começaram os preparativos da partida. Os últimos clarões do crepúsculo fundiam-se na noite. O frio recrudescera. As constelações resplandeciam com surpreendente intensidade. No zênite brilhava o inigualável Cruzeiro do Sul, Estrela Polar das regiões antárticas.

O termômetro marcava 12 graus abaixo de zero. Quando o vento refrescava, picadas agudas causticavam a pele. Os blocos de gelo multiplicavam-se sobre as águas livres. Todo o mar ameaçava congelar-se. Placas negras, imóveis na superfície, anunciavam o congelamento próximo. Era evidente que a bacia austral, gelada durante os seis meses do inverno, ia tornar-se absolutamente inacessível. Que seria das baleias durante esse período? Certamente iriam por baixo da banquisa em busca de mares mais amenos. Quanto às focas e às morsas, habituadas a viver nos climas mais ríspidos, permaneceriam naquelas paragens geladas. Por instinto, cavam buracos nos campos de gelo e os conservam sempre abertos. É por esses buracos que vêm respirar. Quando as aves, tangidas pelo frio, emigram para o norte, esses mamíferos marinhos permanecem senhores exclusivos do continente polar.

Entretanto, tendo enchido os reservatórios de água, o *Náutilo* imergia lentamente. À profundidade de trezentos metros, parou. A hélice bateu nas águas e o barco avançou em linha reta para o norte, à velocidade de 15 milhas por hora. Depois do meio-dia, flutuava já sob a imensa carapaça gelada da banquisa.

As escotilhas do salão haviam sido fechadas por prudência, porque o casco do *Náutilo* poderia chocar-se com algum bloco submerso. Por isso, passei o dia pondo a limpo os meus apontamentos. Meu espírito estava cheio de recordações

do polo. Atingíramos aquele ponto inacessível sem fadigas, sem perigos, como se nosso vagão flutuante deslizasse sobre os trilhos de uma estrada de ferro. Agora, começava a volta. Reservar-me-ia ela surpresas semelhantes? Estava certo que sim, tão inesgotável é a série de maravilhas submarinas! Há cinco meses e meio que o acaso nos lançara a bordo. Havíamos transposto 14 mil léguas, e nesse percurso, mais extenso do que o equador terrestre, quantos incidentes curiosos, os terríveis, haviam tornado encantadora a nossa viagem! A caçada nas florestas da ilha Crespo, o encalhamento no estreito de Torres, o cemitério de coral, as pescarias de Ceilão, o Túnel Arábico, os fogos de Santorim, os milhões da baía de Vigo, a Atlântida, o polo Sul! Durante a noite, todas essas recordações, passando de sonho a sonho, não deram descanso a meu cérebro.

Às três da madrugada, fui despertado por um choque violento. Eu me sentara em minha cama e escutava no meio da escuridão quando fui bruscamente precipitado no meio do quarto. Era evidente que o *Náutilo* inclinava-se depois da batida. Apoiando-me às paredes, arrastei-me pelos passadiços até o salão clareado pelo teto luminoso. Os móveis estavam caídos. Felizmente, as vitrinas, solidamente fixadas pelo pé, haviam resistido. O submarino inclinara-se para estibordo e permanecia completamente imóvel.

Ouvi ruído de passos e de vozes confusas, mas o capitão não apareceu. No momento em que ia deixar o salão, Conselho e Ned Land entraram.

— Que aconteceu? — perguntei-lhes.

— Vinha perguntar-lhe — respondeu Conselho.

— Com mil demônios! — exclamou o canadense. — Sei perfeitamente. O *Náutilo* encalhou e, a julgar pela inclinação, não creio que se safe, como da primeira vez no estreito de Torres.

— Ao menos terá voltado à superfície?

— Nós o ignoramos.

— É inútil saber — comentei.

Consultei o manômetro. Para minha grande surpresa, indicava profundidade de 360 metros.

— Que quer dizer isto? — indaguei.

— Só perguntando ao capitão Nemo — sugeriu Conselho.

— Mas onde encontrá-lo? — interrogou Ned.

— Sigam-me — disse eu aos companheiros.

Deixamos o salão. Na biblioteca, ninguém. Na escada central, no posto da tripulação, ninguém. Supus que o capitão estivesse na cabina do timoneiro. Era melhor esperar. Voltamos os três para o salão.

Não repetirei aqui as recriminações do canadense. Tinha ótimo pretexto para encolerizar-se. Deixei-o exalar seu mau humor à vontade, sem responder-lhe.

Estávamos havia vinte minutos procurando surpreender os menores ruídos a bordo do *Náutilo* quando o capitão apareceu. Nem deu impressão de haver-nos visto. A sua fisionomia, habitualmente impassível, revelava certa inquietação. Observou silenciosamente a bússola, o manômetro, e pousou o dedo sobre um ponto do planisfério, na parte que representava os mares austrais.

Eu não quis interrompê-lo. Somente alguns instantes mais tarde, quando se voltou para mim, disse-lhe, devolvendo-lhe a frase de que se servira no estreito de Torres:

— Um incidente, capitão?

— Não, senhor. Desta vez foi acidente.

— Grave?

— Talvez.

— O perigo é imediato?

— Não.

— O *Náutilo* encalhou?

— Sim.

— E o encalhamento foi devido…

— A um capricho da natureza, e não à imperícia dos homens. Nem um só erro foi cometido. Entretanto, não poderíamos impedir que o equilíbrio produzisse os seus efeitos. Podemos desafiar as leis humanas, mas não podemos resistir às leis naturais.

Momento singular escolhia o capitão Nemo para fazer reflexões filosóficas. Em suma, a sua resposta nada esclarecia. Perguntei, pois:

— Posso saber qual a causa do acidente?

— Um enorme bloco de gelo, a montanha inteira, virou-se para baixo. Quando os icebergs têm a base minada por águas mais quentes ou por choques repetidos, o seu centro de gravidade desloca-se para cima. Então eles fazem verdadeiras cambalhotas. Foi o que aconteceu. Um desses blocos, virando-se,

chocou-se com o *Náutilo*, que flutuava por baixo dele. Depois, deslizando pelo casco e levantando-o com força irresistível, ergueu-o até camadas menos densas e deixou-o deitado de flanco.

— Não podemos desencalhar o submarino esvaziando-lhe os reservatórios de maneira a restituir-lhe o equilíbrio?

— É o que estamos fazendo neste momento. Pode ouvir as bombas funcionando. Observe a agulha do manômetro. Ela indica que o *Náutilo* sobe, mas o bloco de gelo eleva-se juntamente com ele, e, enquanto algum obstáculo não detiver o seu movimento ascensional, nossa posição não será alterada.

Realmente, o barco continuava inclinado para estibordo. Era evidente que só se aprumaria quando o bloco parasse. Mas, até lá, quem sabe se não teríamos nos chocado com a parte inferior da banquisa, ficando terrivelmente imprensados entre duas superfícies geladas?

Eu refletia sobre todas as consequências da situação. O capitão não tirava os olhos do manômetro. Desde a queda do iceberg, o *Náutilo* subira cerca de cinquenta metros, mas continuava a formar o mesmo ângulo com a perpendicular. De repente, um leve movimento agitou o casco. O submarino endireitara-se um pouco. Os objetos pendurados no salão retomavam visivelmente a sua posição normal. As paredes aproximavam-se da verticalidade. Ninguém ousava falar. Preocupados, observávamos, sentíamos o movimento do barco.

O soalho tornava-se horizontal. Passaram-se dez minutos.

— Enfim, voltamos ao prumo! — exclamei.

— Exato — disse o capitão.

— Flutuaremos? — perguntei.

— Certamente — respondeu. — Os reservatórios ainda não estão vazios e, quando estiverem, voltaremos à superfície.

O capitão retirou-se e logo depois, por sua ordem, cessou o movimento ascensional do *Náutilo.* Com efeito, se tivesse continuado a subir, dentro em pouco iria chocar-se com a parte inferior da banquisa, e o melhor era conservá-lo entre duas águas.

— Escapamos por pouco — comentou Conselho.

— É verdade. Poderíamos ter sido esmagados entre dois blocos de gelo ou pelo menos ter ficado aprisionados entre eles. E, então, por não poder renovar o

ar… Realmente, escapamos por pouco.

— Se já escapamos! — murmurou Ned Land.

Não quis travar com o canadense uma discussão inútil e calei-me. Aliás, as escotilhas laterais abriram-se naquele momento e a luz exterior irrompeu através das vidraças desimpedidas. Estávamos em pleno mar, como já afirmei, mas a uma distância de dez metros erguia-se de cada lado do submarino uma deslumbrante muralha de gelo. Por cima e por baixo, igual muralha nos aprisionava. Por cima, porque a superfície inferior da banquisa se estendia como um imenso teto. Por baixo, porque o bloco que virara, havendo escorregado pouco a pouco, havia encontrado nas muralhas laterais dois pontos de apoio que o mantinham naquela posição. O *Náutilo* ficara aprisionado num verdadeiro túnel de gelo de cerca de vinte metros de largura, formando um lago. Era, portanto, fácil sair dali, fosse navegando para a frente, fosse navegando para trás, e procurar algumas centenas de metros abaixo uma passagem livre sob a banquisa.

As luzes do teto haviam sido apagadas e, não obstante, no salão resplandecia intensa claridade. Isso resultava da forte reverberação das paredes de gelo batidas pelas luzes do farol. Sinto-me incapaz de descrever o efeito da radiação sobre os grandes blocos caprichosamente recortados, dos quais cada ângulo, cada aresta, cada faceta lançava um reflexo diferente, segundo a natureza dos veios que percorriam o gelo. Era uma mina deslumbrante de gemas, especialmente safiras que cruzavam os seus reflexos azuis com os verdes da esmeralda. Aqui e ali, cambiantes opalinas corriam por entre as luzes ardentes dos diamantes, cujo fulgor o olho não podia suportar. A potência do farol via-se centuplicada como o de uma lâmpada quando multiplicada por lâminas lenticulares de primeira classe.

— Que beleza! — exclamou Conselho.

— Com mil demônios — disse Ned. — É um espetáculo soberbo! Confesso-o, com desespero. Nunca vi nada ao menos parecido. Mas esse espetáculo poderá custar-nos caro. Para falar com sinceridade, creio que estamos vendo coisas proibidas por Deus aos olhos dos homens.

Ned tinha razão. Aquilo era demasiado belo. De repente, um grito de Conselho obrigou-me a voltar:

— Que aconteceu?

— Feche os olhos, professor. Não olhe.

E Conselho tapava os olhos com as mãos.

— Que tem você, meu filho?

— Estou deslumbrado, cego.

Meu olhar dirigiu-se involuntariamente para a vidraça. Não pude suportar a flama que a devorava.

Compreendi o que se passara. O *Náutilo* começara a movimentar-se a grande velocidade. O brilho flamejante das muralhas transformara-se em raios fulgurantes. O coruscar de miríades de diamantes confundia-se numa faixa contínua. Navegávamos em faixa de relâmpagos.

As escotilhas do salão fecharam-se. Conservávamos as mãos sobre os olhos deslumbrados pelos clarões concêntricos que flutuavam diante da retina, violentamente ferida pelos raios solares. Foi preciso algum tempo para nos livrarmos daquele distúrbio. Finalmente, pudemos baixar as mãos.

— Dou a minha palavra de que duvidara da possibilidade desse fenômeno — comentou Conselho.

— E ainda não acredito — retrucou Ned.

— Quando voltarmos para terra — acrescentou Conselho —, fartos de tantas maravilhas da natureza, que poderemos pensar de nossos pobres continentes e das mesquinhas obras saídas da mão do homem! O mundo habitado já não é digno de nós.

Tais palavras na boca de um impassível flamengo mostravam o grau de ebulição que atingira nosso entusiasmo. O canadense, porém, não perdeu a ocasião de lançar água fria na fervura.

— O mundo habitado — exclamou, sacudindo a cabeça. — Pode descansar, amigo Conselho, nunca mais voltaremos a ele.

Eram, então, cinco horas da manhã. Nesse momento, produziu-se um choque na proa do *Náutilo*. Compreendi que seu esporão batera num bloco de gelo. Deveria ter sido alguma manobra infeliz, visto como o túnel submarino, atravancado de blocos de gelo, não ensejava fácil navegação. Supus que o capitão Nemo, modificando a rota, contornaria o obstáculo ou acompanharia as sinuosidades do túnel. Fosse como fosse, a marcha para avante não poderia parar. Não obstante, contra a minha expectativa, o barco começou um movimento retrógrado perfeitamente sensível.

— Retrocedemos? — perguntou Conselho.

— É claro — respondi. — Logo, esse lado do túnel não dá saída.

— E então?

— A manobra é simples. Retrocederemos e sairemos pelo orifício do sul. Eis tudo.

Falando assim, eu procurava mostrar segurança que não tinha. No entanto, o movimento retrógrado do *Náutilo* acelerava-se a grande velocidade.

— Mais uma demora — resmungou Ned.

— Que nos importam algumas horas para mais ou para menos, contanto que consigamos sair?

Durante alguns instantes, andei entre o salão e a biblioteca. Meus companheiros, sentados, permaneciam calados. Logo depois, sentei-me num divã e peguei um livro que meus olhos percorreram maquinalmente.

Um quarto de hora depois, Conselho aproximou-se de mim e perguntou:

— É tão interessante essa leitura?

— Muito — respondi.

— Acredito. O senhor está lendo o seu próprio livro.

— Meu livro?

De fato, a obra que eu tinha na mão era *Os mistérios do fundo do mar.* Nem sequer o notara. Fechei o livro e recomecei o passeio. Ned e Conselho levantaram-se para se retirarem.

— Fiquem, meus amigos. Permaneçamos juntos até que consigamos sair desse beco.

— Como o senhor quiser — respondeu Conselho.

Escoaram-se algumas horas. Observei constantemente os instrumentos suspensos na parede do salão. O manômetro indicava que o *Náutilo* se conservava a trezentos metros de profundidade. A bússola continuava a dirigir-se para o sul, a barquilha indicava velocidade de vinte milhas por hora, velocidade excessiva em espaço tão apertado. Contudo, o capitão Nemo sabia que quanto mais depressa melhor e que os minutos naquela situação valiam séculos.

Às 8h25, novo choque. Dessa vez à ré. Empalideci. Meus companheiros aproximaram-se de mim. Segurei a mão de Conselho. Nossos olhares interrogaram-se, e com maior precisão do que as palavras, interpretaram nossos pensamentos.

Nesse momento, o capitão entrou no salão. Dirigi-me a ele e indaguei:
— O caminho está também barrado ao sul?
— Sim, professor. O iceberg, ao virar-se, obstruiu todas as saídas.
— Estamos bloqueados?
— Estamos.

40
Falta de ar

Assim, em torno do *Náutilo*, acima e abaixo dele, tudo era uma impenetrável muralha de gelo. Éramos prisioneiros da banquisa. O canadense dera um murro formidável na mesa. Conselho calava-se. Olhei o capitão. Sua fisionomia retomara a impassibilidade habitual. Cruzara os braços. Refletia. O *Náutilo* imobilizara-se.

Então, o capitão falou com voz calma:

— Senhores, há duas maneiras de morrer nas condições em que nos encontramos.

Aquele incompreensível personagem parecia um professor de matemática fazendo demonstração aos alunos.

— A primeira — prosseguiu — é morrer esmagado. A segunda é morrer asfixiado. Não menciono a possibilidade de morrer de fome, porque as provisões do *Náutilo* certamente durarão mais do que nós. Examinemos, portanto, as possibilidades de esmagamento e de asfixia.

— Quanto à asfixia — interrompi —, não devemos temê-la, porque nossos reservatórios estão cheios.

— Exato — respondeu o capitão. — Mas fornecerão ar apenas por dois dias. Ora, há 36 horas estamos imersos e a pesada atmosfera do *Náutilo* já exige renovação. Em 48 horas estará esgotada a nossa reserva.

— Muito bem, capitão, libertemo-nos, então, dentro dessas 48 horas.

— Pelo menos tentaremos, furando a muralha que nos rodeia.

— De que lado? — perguntei.

— É o que a sonda nos indicará. Vou encalhar o *Náutilo* no banco inferior e os tripulantes vestirão os escafandros para atacar o iceberg pela parede menos

espessa.

— Podemos abrir as escotilhas do salão?

— Sem inconvenientes. Estamos parados.

O capitão Nemo retirou-se. Dentro em pouco, silvos indicaram-me que a água entrava nos reservatórios. O *Náutilo* desceu lentamente e pousou no fundo de gelo, a 350 metros de profundidade.

— A situação é grave, meus amigos — observei. — Mas conto com a coragem e com a energia de todos.

— Senhor — disse o canadense —, não será num momento desses que o aborrecerei com as minhas recriminações. Estou pronto a fazer todo o possível pela salvação comum.

— Ótimo, Ned — disse, estendendo-lhe a mão.

— Acrescentarei que sou tão capaz de manejar a picareta como o arpão. Se puder ser útil, o capitão pode dispor de mim.

— Ele não recusará o seu auxílio. Venha comigo.

Levei o canadense ao compartimento em que a tripulação vestia os escafandros. Dei conhecimento ao capitão do oferecimento de Ned, que foi aceito. Em seguida, voltei ao salão e, pelas vidraças, em companhia de Conselho, examinei as camadas circundantes que sustentavam o *Náutilo.* Alguns momentos depois, vimos uma dúzia de homens da tripulação tomarem pé no banco de gelo, entre eles Ned Land, reconhecível pela elevada estatura. O capitão Nemo estava com eles.

Antes de começar a escavação das muralhas, realizaram-se sondagens para assegurar a boa direção dos trabalhos. Longas sondas foram cravadas nas paredes laterais, mas ao cabo de 15 metros foram detidas pela espessa muralha. Era inútil atacar a camada superior, pois ali estava a própria banquisa com mais de quatrocentos metros de espessura. O capitão ordenou, então, a sondagem da superfície inferior. Nela, dez metros nos separavam da água. Desde então, o problema resumia-se a cortar nela uma superfície igual à área ocupada pelo submarino. Eram cerca de 6.500 metros cúbicos a destacar, a fim de fazer uma abertura pela qual desceríamos mais abaixo do que o campo de gelo. O trabalho foi começado imediatamente e realizado com infatigável obstinação. Em vez de cavar em redor do *Náutilo*, o que nos arrastaria a maiores dificuldades, o capitão Nemo mandou desenhar o imenso fosso a oito metros da alheta de bombordo. A

seguir, os homens brocaram-no em diversos pontos de seu perímetro. Logo depois a picareta atacou vigorosamente aquela matéria compacta e enormes blocos foram destacados da massa. Por curioso efeito do peso específico, esses blocos, menos pesados do que a água, voavam até a abóbada do túnel, que ganhava no alto o que perdia embaixo. Isso pouco importava, já que a parede inferior continuava a adelgaçar-se.

Depois de duas horas de duro trabalho, Ned Land retirou-se extenuado. Ele e seus companheiros foram substituídos por novos trabalhadores, aos quais Conselho e eu nos juntamos.

Quando voltei ao *Náutilo* depois de duas horas de trabalho para descansar e tomar algum alimento, notei a atmosfera do submarino já carregada de gás carbônico. O ar não era renovado havia 48 horas e as suas qualidades vivificantes estavam consideravelmente enfraquecidas. Para piorar, em 12 horas havíamos arrancado apenas um metro de espessura na superfície desenhada, ou seja, cerca de seiscentos metros cúbicos. Admitindo que o rendimento do trabalho fosse o mesmo em cada 12 horas, ainda levaríamos cinco noites e quatro dias para levar a termo a nossa empresa.

— Cinco noites e quatro dias — disse aos meus companheiros —, e nos reservatórios só temos ar para dois.

— Sem contar — acrescentou Ned — que, uma vez saídos desta maldita prisão, estaremos ainda aprisionados pela banquisa e sem comunicação possível com a atmosfera.

A reflexão era justa. Quem poderia prever o mínimo de tempo necessário para nossa libertação? A asfixia não nos sufocaria antes de conseguir o *Náutilo* voltar à superfície das ondas? Estaria ele condenado a perecer naquela sepultura gelada com todos os que conduzia? A situação parecia terrível, mas cada um a encarara de frente e todos estavam decididos a cumprir o seu dever até o fim.

De acordo com minhas previsões, durante a noite, um bloco de um metro foi arrancado do imenso alvéolo. Mas pela manhã, quando vesti o meu escafandro e percorri a massa líquida à temperatura de seis a sete graus abaixo de zero, notei que as muralhas laterais aproximavam-se pouco a pouco. As camadas de água afastadas da fossa, que o trabalho dos homens e o movimento das ferramentas não aqueciam, denotavam tendência para solidificação. Em presença desse novo e iminente perigo, a que se reduziam as nossas probabilidades de salvamento e

como impedir a solidificação daquele meio líquido, que acarretaria o esfacelamento do casco do *Náutilo*, como se fosse feito de vidro?

Não dei conhecimento do novo perigo a meus companheiros. Que vantagem haveria de abater a coragem dos que empregavam energia naquele penoso trabalho de salvamento?

Entretanto, ao voltar para bordo, adverti o capitão daquela grave complicação.

— Já percebi — disse-me com aquela serenidade que não se alterava ante as mais terríveis conjunturas. — É um perigo a mais. Não vejo, porém, meio de evitá-lo. A única probabilidade de salvação é andar mais depressa do que a solidificação. Trata-se de chegar primeiro. Nada mais.

Chegar primeiro. Enfim, eu já devia estar habituado àquela maneira de falar. Naquele dia, durante várias horas, manejei a picareta com teimosia. Aquele trabalho me sustinha. Além disso, trabalhar era abandonar o *Náutilo*, era respirar diretamente o ar puro dos reservatórios fornecido aos aparelhos, era abandonar uma atmosfera empobrecida e viciada.

A tarde, mais um metro fora cavado na fossa. Quando regressei a bordo, quase fui asfixiado pelo gás carbônico de que o ar estava saturado. Ah, por que não tínhamos meios líquidos que nos permitissem expulsar aquele gás deletério! O oxigênio não faltava. Toda aquela água continha quantidade considerável dele e, decompondo-a, por meio de nossas possantes pilhas, ela nos teria fornecido o fluido vivificante. Eu pensava nessa possibilidade. Para que serviria, porém, se o gás carbônico produzido por nossa respiração invadira todos os compartimentos do navio? Para absorvê-lo, teria sido necessário encher recipientes de potassa cáustica e agitá-las continuamente. Ora, tal material faltava a bordo e nada poderia substituí-lo.

À noite, o capitão Nemo foi obrigado a abrir as torneiras de seus reservatórios e lançar algumas lufadas de ar puro no interior do *Náutilo*. Sem essa precaução não teríamos mais acordado.

No dia seguinte, 26 de março, recomecei meu trabalho de mineiro encetando o quinto metro. As paredes laterais e a superfície inferior da banquisa tornavam-se visivelmente mais espessas. Era evidente que se juntariam antes de poder o *Náutilo* libertar-se. O desespero dominou-me por momentos. A picareta quase caiu de minhas mãos. Para que cavar, se devia morrer sufocado, esmagado por aquela água que se transformava em pedra, sofrer suplício que nem a ferocidade

dos selvagens inventara? Parecia-me que estava entre as formidáveis mandíbulas de um monstro que se aproximavam irresistivelmente.

Nesse momento, o capitão Nemo, que dirigia o trabalho e trabalhava também, passou rente a mim. Toquei-lhe com a mão e mostrei-lhe as paredes de nossa prisão. A muralha de estibordo já avançara até menos de quatro metros do casco do *Náutilo*. O capitão compreendeu e fez-me sinal para segui-lo. Voltamos a bordo. Tirei o meu escafandro e acompanhei-o ao salão.

— Sr. Aronnax — disse-me ele —, é preciso tentar algum meio heroico, ou vamos ficar emparedados nessa água solidificada, como se fosse de cimento.

— Exato. Mas o que fazer?

— Ah, se o meu *Náutilo* fosse bastante forte para aguentar essa pressão sem ser esmagado…

— Que faríamos? — perguntei, sem alcançar o raciocínio do capitão.

— Não compreende que o congelamento da água viria em nosso auxílio? Não vê que, por sua solidificação, ela faria rebentar esses campos de gelo que nos aprisionam, do mesmo modo que provoca o arrebentamento das pedras mais resistentes? Não percebe que o congelamento seria o agente de salvação, ao invés de ser o instrumento de destruição?

— Talvez, capitão. Mas qualquer que seja a resistência que o *Náutilo* possa opor ao esmagamento, não poderia suportar tão espantosa pressão e ficaria tão achatado quanto uma chapa de lata.

— Sei disso, professor. Não devemos contar com o socorro da natureza, mas exclusivamente com os nossos próprios meios. É indispensável que nos oponhamos à solidificação. É preciso detê-la. Não são somente as paredes laterais que se aproximam; já não temos mais de três metros de água avante e a ré. O congelamento aperta-nos por todos os lados.

— Por quanto tempo o ar dos reservatórios ainda nos permitirá respirar a bordo?

— Depois de amanhã os reservatórios estarão vazios.

Um suor frio invadiu-me. Não obstante, o capitão Nemo refletia, silencioso, imóvel. Era visível que uma ideia acudia-lhe ao espírito. Contudo, também era visível que ele a repelia. Respondia negativamente a si próprio. Finalmente estas palavras escaparam de seus lábios:

— Água fervente.

— Água fervente? — interpelei-o.

— Sim, professor. Estamos aprisionados num espaço relativamente pequeno. Será que jatos de água fervente continuamente injetados por bombas não elevariam a temperatura, retardando o congelamento?

— Devemos tentá-lo.

— Tentemos, professor.

O termômetro marcava sete graus abaixo de zero no exterior. O capitão levou-me à cozinha, onde funcionavam os enormes alambiques que forneciam água potável mediante evaporação. Estes receberam grande quantidade de água, e todo o calor elétrico das pilhas foi lançado através das serpentinas, banhadas pelo líquido. Em alguns minutos a temperatura da água atingira cem graus. Foi, então, encaminhada às bombas e substituída por nova água. O calor desenvolvido pelas pilhas era tal que bastava a água fria aspirada do mar atravessar os aparelhos para chegar fervente ao corpo das bombas.

Três horas depois de começada a injeção, o termômetro marcava no exterior seis graus abaixo de zero. Ganháramos um grau. Duas horas depois o termômetro só marcava quatro graus.

— Venceremos — disse eu ao capitão, depois de seguir e controlar por numerosas observações o progresso da operação.

— Também o creio. Não seremos esmagados. Temos a temer apenas a asfixia.

Durante a noite, a temperatura da água subira a um grau abaixo de zero. As injeções de água fervente não conseguiram elevá-la a ponto mais alto. Mas, como o congelamento do mar só se produz a dois graus, estava afastado o perigo de solidificação.

No dia seguinte, 27 de março, seis metros de gelo haviam sido arrancados do alvéolo. Faltavam apenas quatro. Eram ainda 48 horas de trabalho. O ar já não podia ser renovado no interior do *Náutilo.*

Um abafamento insuportável acabrunhava-me. Por volta das três da tarde, a sensação de angústia atingiu em mim uma intensidade violenta. Bocejos deslocavam-me os maxilares. Meus pulmões ofegavam, ansiando pelo fluido comburente indispensável à respiração e cuja rarefação era crescente. Um torpor mortal apoderou-se de mim. Conselho, atacado pelos mesmos sintomas, padecendo iguais sofrimentos, não me abandonava. Segurava a minha mão, encorajava-me.

Se nossa situação era intolerável no interior, com que pressa, com que felicidade vestíamos os escafandros para trabalhar quando chegava nosso turno! As picaretas ressoavam na camada gelada. Os braços fatigavam-se, as mãos escoriavam-se. Mas que importavam tais fadigas? Que importavam tais sofrimentos? O ar, o ar vital, chegava aos pulmões. Respirávamos! Respirávamos…

No entanto, ninguém prolongava além do tempo combinado o trabalho sob a água. Cumprida a tarefa, cada um entregava a seus companheiros ofegantes o reservatório que devia injetar-lhe a vida. O capitão Nemo dava o exemplo e era o primeiro a submeter-se àquela severa disciplina. Chegada a hora, cedia o seu trabalho a outro e retornava ao seio da atmosfera viciada de bordo sempre calmo, sem desfalecimento, sem resmungos.

Naquele dia, o trabalho habitual foi executado ainda com mais energia. Faltava arrancar apenas dois metros daquela superfície gelada. Só dois metros nos separavam do mar livre. Não obstante, os reservatórios de ar estavam quase vazios. O pouco que restava devia ser reservado para os trabalhadores. Nem um átomo para o *Náutilo*.

Quando voltei a bordo, senti-me meio sufocado. Que noite! Não seria capaz de descrevê-la. Tais sofrimentos não podem ser descritos. No dia seguinte, minha respiração estava praticamente sufocada. Às dores de cabeça misturavam-se tonteiras e vertigens que me transformavam num bêbado. Meus companheiros sofriam sintomas idênticos. Alguns homens da tripulação estertoravam.

Naquele dia, o sexto de nossa clausura, o capitão Nemo, achando demasiado lentos o alvião e a picareta, resolveu esmagar a camada de gelo que ainda nos separava da massa líquida. Aquele homem extraordinário conservara o seu sangue-frio e a sua energia. Domava com a força moral as dores físicas. Pensava, combinava, agia.

Por sua ordem, o barco foi aliviado, isto é, alçado da camada de gelo mediante mudança do peso específico. Quando flutuou, foi puxado de modo a ser colocado exatamente em cima da imensa fossa que fora desenhada segundo sua linha de flutuação. Depois, pelo enchimento dos reservatórios de água, desceu e encaixou-se no alvéolo. As torneiras dos reservatórios foram completamente abertas e 1.100 metros cúbicos de água foram aduzidos, aumentando em cem mil quilogramas o peso do *Náutilo*.

Esperávamos e escutávamos, esquecendo os sofrimentos. Era a última cartada. Jogávamos nossa salvação.

Apesar dos zumbidos que enchiam minha cabeça, logo percebi que o casco do submarino estremecia. Um desnivelamento produziu-se. O gelo fendeu-se com um ruído semelhante ao rasgar de um papel grosso. O *Náutilo* mergulhou.

— Passamos — murmurou Conselho ao meu ouvido.

Não consegui responder-lhe. Segurei-lhe a mão. Apertei-a em convulsão involuntária. De repente, arrastado por uma terrível sobrecarga, o barco afundou como prego, isto é, como se caísse no vácuo. Então, toda a força elétrica foi destinada às bombas, que começaram a expulsar a água dos reservatórios. Alguns minutos depois conseguimos frear a queda. Em pouco, o manômetro indicou movimento ascensional. A hélice, girando a toda a velocidade, fez estremecer o casco de metal até em suas cavilhas, arrastando-nos em direção ao norte.

Quanto tempo deveria durar aquela navegação sob a banquisa até o mar livre? Um dia ainda? Até o fim daquele dia eu estaria morto.

Meio deitado num divã da biblioteca, sufocava. Minha face tornara-se violácea; meus lábios, azuis; minhas faculdades, nulas. Já não via nem ouvia. A noção de tempo desaparecera de meu espírito. Meus músculos haviam perdido a contratilidade. Não seria capaz de avaliar quantas horas padeci assim. Contudo, tive consciência de que minha agonia principiara. Compreendi que ia morrer.

De repente, voltei a mim. Lufadas de ar invadiram-me os pulmões. Teríamos subido à superfície das ondas? Vencêramos a banquisa? Não. Eram meus dois corajosos amigos que se sacrificavam para salvar-me. No fundo de um aparelho ainda restavam alguns átomos de ar. Em vez de respirá-lo, eles o haviam reservado para mim e, enquanto sufocavam, injetavam-me a vida gota a gota. Tentei repelir o aparelho. Seguraram-me as mãos e, por alguns instantes, respirei com volúpia.

Meus olhos fixaram o relógio. Eram onze da manhã. O *Náutilo* mantinha a tremenda velocidade de quarenta milhas por hora, contorcendo-se nas ondas.

Onde estava o capitão Nemo? Teria sucumbido? Teriam seus companheiros morrido com ele? Nesse momento, o manômetro indicou que estávamos a apenas seis metros da superfície. Um simples campo de gelo separava-nos da atmosfera. Não seria possível quebrá-lo?

Talvez. Em todo caso, o *Náutilo* ia tentá-lo. De fato, senti que tomava posição baixando a popa e levantando o esporão. A injeção de um pouco de água bastara para alterar-lhe o equilíbrio. A seguir, impulsionado pela força da hélice, atacou o gelo por baixo, como se fosse um aríete. Cavava-o pouco a pouco, afastava-se, imprimia a máxima velocidade aos motores e voltava a lacerá-lo, até que, impelido por um supremo impulso, arremessou-se contra a superfície gelada e esmagou-a com seu peso.

A escotilha abriu-se e o ar puro invadiu em ondas todos os compartimentos do submarino.

41
Do cabo Horn ao Amazonas

Como galguei a plataforma não sei dizer. Talvez o canadense me houvesse transportado. Só sei que respirava, sorvia o ar vivificante do mar. Meus companheiros, ao meu lado, embriagavam-se com aquelas frescas moléculas.

Prontamente recuperamos as forças e, quando olhei em torno de mim, vi que estávamos sozinhos na plataforma. Nem um só homem da tripulação. Nem mesmo o capitão Nemo. Os estranhos marinheiros contentavam-se com o ar que circulava no interior. Nenhum viera deleitar-se em plena atmosfera.

As primeiras palavras que pronunciei foram de agradecimento e gratidão aos meus dois companheiros. Ned e Conselho haviam prolongado minha vida durante as últimas horas daquela longa agonia. Todo o meu reconhecimento era pouco para pagar-lhes tal dedicação.

— Bem, senhor professor — interrompeu-me Ned —, nem vale a pena falar nisso. Que mérito tivemos procedendo assim? Nenhum. Tratava-se apenas de questão de aritmética. Sua existência valia mais do que a nossa. Portanto, era preciso conservá-la.

— Não, Ned. Não valia mais. Ninguém é superior a homens generosos e bons como vocês.

— Está bem. Basta! — disse o canadense.

— Meus amigos — disse-lhes, profundamente comovido —, estamos ligados uns aos outros para sempre e vocês têm sobre mim direitos.

— Dos quais abusarei — concluiu Ned Land.

— O quê? — admirou-se Conselho.

— Perfeitamente. O direito de levá-lo comigo quando abandonar esse submarino infernal.

— Vamos ao fato — ponderou Conselho. — Estamos no bom caminho?

— Sim — respondi —, pois seguimos em direção ao sol e aqui o sol é o norte.

— Sem dúvida — retrucou Ned. — Resta saber se nos dirigimos para o Atlântico ou para o Pacífico, isto é, para os mares frequentados ou para os mares desertos.

A isso não podia eu responder e temia que o capitão Nemo nos levasse para o vasto oceano, que banha ao mesmo tempo as costas da Ásia e as da América. Completaria assim a volta ao mundo submarino e regressaria aos mares em que o *Náutilo* gozava de completa independência. Mas se voltássemos ao Pacífico longe de qualquer terra habitada, que seria dos projetos de Ned Land?

Dentro em pouco teríamos certeza sobre esse ponto importante. O *Náutilo* deslocava-se com rapidez. Logo depois, o círculo polar antártico ficou para trás e a proa dirigiu-se para o promontório de Horn. A 31 de março, às sete da noite, costeávamos a extremidade da América. Então, já esquecêramos todos os sofrimentos passados. A lembrança do aprisionamento entre os gelos apagava-se em nosso espírito. Só o futuro nos preocupava. O capitão não aparecera mais, nem no salão nem na plataforma. O ponto assinalado todos os dias no planisfério e levantado pelo imediato permitia-me determinar a direção exata do *Náutilo*. Ora, naquela noite, para minha grande satisfação, tornou-se evidente que regressávamos ao norte pelo oceano Atlântico.

No dia seguinte, 1º de abril, quando voltamos à superfície das ondas, alguns minutos antes do meio-dia, avistamos terra a oeste. Era a Terra do Fogo, a que os primeiros navegantes deram esse nome ao verem os numerosos penachos de fumaça que saíam das choças indígenas. A costa pareceu-me baixa, mas ao longe erguiam-se elevadas montanhas.

O submarino, tendo imergido, aproximou-se do litoral, que costeou por algumas milhas. Pelas vidraças do salão, vi compridas lianas e fucos gigantescos. Folhas de quatro pés de comprimento engrossadas por concreções coralígenas tapetavam o fundo, servindo de ninho e de alimento a miríades de crustáceos e moluscos, caranguejos e sibas.

Sobre aquele fundo fértil e luxuriante, o *Náutilo* deslizava com enorme rapidez. No correr da tarde, aproximou-se do arquipélago das Malvinas, cujo relevo selvagem pude distinguir no dia seguinte. A profundidade do mar era medíocre. Naquelas paragens, as redes pescaram belos exemplares de algas,

especialmente certo fuco, cujas raízes estavam cobertas de mexilhões, considerados os melhores do mundo. Patos e gansos pousaram às dúzias sobre a plataforma e logo foram ocupar o seu lugar na despensa de bordo. Quanto a peixes, observei principalmente os ósseos, em especial os pertencentes à família dos gobioides, atentando para os cadozes de dois decímetros, salpicados de manchas brancas e amarelas. Admirei igualmente numerosas medusas, as mais belas do gênero.

Quando as últimas elevações das Malvinas desapareceram no horizonte, o *Náutilo* imergiu e passou a costear o litoral americano à profundidade média de 25 metros. O capitão continuava a ocultar-se.

Até 3 de abril, não abandonamos as paragens da Patagônia, ora submersa, ora navegando na superfície. O *Náutilo* ultrapassou o largo estuário do rio da Prata e a 4 de abril singrava cinquenta milhas ao largo do Uruguai. A sua rota conservava-se na direção norte. Já navegáramos 16 mil léguas desde meu embarque no litoral do Japão. Por volta das onze da manhã, cortamos o trópico de Capricórnio e passamos ao largo de Cabo Frio. O capitão Nemo, para desespero de Ned Land, não gostava da vizinhança das costas habitadas do Brasil, pois a velocidade em que íamos era vertiginosa. Um só peixe, um só pássaro, por mais rápidos que fossem, teriam sido incapazes de seguir-nos, e as curiosidades naturais desses mares não puderam ser observadas.

Essa rapidez durou alguns dias, e a 9 de abril, à noite, avistávamos o cabo de São Roque. Então, o *Náutilo* afastou-se para o alto-mar e foi procurar, a maiores profundidades, um vale submarino cavado entre esse cabo e Serra Leoa, na costa africana. Esse vale bifurca-se à altura das Antilhas e termina ao norte por uma enorme depressão de nove mil metros. Nesse ponto, o corte geológico do oceano até as Pequenas Antilhas assemelha-se a uma falésia de seis quilômetros cortada a pique. À altura das ilhas de Cabo Verde existe outra muralha igualmente considerável, que cerca assim totalmente o continente imerso da Atlântida. O fundo do imenso vale apresenta algumas montanhas que dão aspecto pitoresco àqueles fundos submarinos. Durante dois dias, essas águas desertas e profundas foram visitadas com o emprego dos planos inclinados. A 11 de abril, entretanto, emergiu inesperadamente e a terra nos reapareceu no estuário do Amazonas, vasto caudal, cujo volume é tão considerável que a água do mar se torna doce por espaço de algumas léguas.

Ultrapassamos o equador. Vinte milhas a oeste ficavam as Guianas, onde, na parte francesa, teríamos encontrado fácil refúgio. Todavia, o vento soprava com violência e as ondas furiosas não teriam permitido que as afrontasse com um simples escaler. Ned Land deve ter chegado à mesma conclusão, porque nada me disse. De meu lado, nenhuma alusão fiz aos projetos de fuga, porque não queria levá-lo a qualquer tentativa que abortaria infalivelmente.

Durante os dias 11 e 12 de abril, o *Náutilo* não abandonou a superfície do mar, e a sua rede de arrasto trouxe-lhe uma verdadeira pesca milagrosa de zoófitos, peixes e répteis. Não posso esquecer um peixe do qual Conselho se lembrará ainda por muito tempo. Uma de nossas redes havia pescado uma espécie de raia tão achatada que se lhe cortássemos a cauda seria transformada em perfeito disco pesando cerca de vinte quilogramas. Era branca por baixo, avermelhada por cima, com grandes manchas azul-escuras, redondas, cercadas de negro, de pele lisa e terminada por barbatana bilobada. Estendida na plataforma, debatia-se e tentava virar-se com movimentos convulsivos, e tantos esforços fez que num último arranco ia precipitar-se ao mar. Conselho, porém, que se interessava pelo peixe, lançou-se sobre ele e, antes que eu pudesse impedi-lo, agarrou-o com as duas mãos. Foi cometer a imprudência e cair de costas, pernas para o ar, com metade do corpo paralisado, gritando:

— Patrão! Patrão! Socorro!

O canadense e eu o levantamos e o friccionamos com energia.

Quando voltou a si, o fanático classificador murmurou em voz entrecortada:

— Classe dos cartilaginosos, família das raias, gênero dos torpedos…

— Sim, meu amigo, foi um torpedo que te pôs nesse deplorável estado.

— Pode estar certo de que me vingarei dele.

— Como?

— Comendo-o.

E foi o que ele fez naquela mesma tarde, mas por simples represália, porque, francamente, aquilo era coriáceo.

Conselho agarra-se a uma cumana, a mais perigosa espécie de torpedo. Esse esquisito animal, num meio condutor, como a água, fulmina os outros peixes a vários metros de distância, tal a potência de seu órgão elétrico, cujas superfícies principais medem no mínimo oito metros.

No dia seguinte, 12 de abril, durante o dia, o *Náutilo* aproximou-se da costa holandesa, nas cercanias da embocadura do rio Maroni. Ali viviam em família vários grupos de lamantins. Eram cetáceos que, como o leão-marinho e o cavalo-marinho, pertencem aos sirenídeos. Bonitos animais, pacíficos e inofensivos, de seis a sete metros de comprimento, deviam pesar pelo menos quatro toneladas. Ensinei a Conselho e a Ned que a previdente natureza havia destinado a esses mamíferos um importante papel. São eles que, como as focas, devem pastar nos prados submarinos e destruir o amontoamento de ervas que obstruem a embocadura dos rios tropicais.

— E sabem vocês — continuei — o que aconteceu depois que o homem destruiu quase totalmente esses úteis animais? As ervas apodrecidas são o foco em que se desenvolvem os mosquitos transmissores da febre amarela, que infesta essas regiões paradisíacas. E isso ainda não é nada em vista do que acontecerá no futuro, quando os mares estiverem despovoados de baleias e de focas. Então, repletos de polvos, medusas e calmares, transformar-se-ão em fonte de infecção, pois suas ondas já não terão mais esses imensos estômagos, encarregados por Deus de limpá-los.

Entretanto, sem desdenhar essas teorias, a tripulação do *Náutilo* caçou meia dúzia desses manatins. Tratava-se de prover os paióis com carne excelente, superior à da vaca e à da vitela. A caçada não foi interessante. A caça deixava-se ferir sem defender-se. Algumas toneladas de carne destinadas a secar para sua conservação foram armazenadas a bordo.

42
Os polvos

Durante alguns dias, o *Náutilo* navegou afastado das costas americanas. Era evidente que não desejava singrar águas do golfo do México e do mar das Antilhas. Lá não lhe faltaria água sob a quilha, pois a profundidade média desses mares é de 1.800 metros. Mas aquelas paragens, semeadas de ilhas e sulcadas por navios, não agradavam ao capitão Nemo. O canadense, que esperava poder executar os seus projetos naquela região, fosse alcançando alguma terra, fosse acosteando algum dos navios que fazem cabotagem de uma ilha a outra, ficou frustrado. A fuga teria sido possível, se Ned tivesse conseguido apoderar-se do escaler sem conhecimento do capitão. Mas em pleno oceano nem era bom pensar nisso.

O canadense, Conselho e eu tivemos uma longa conversa a respeito. Há seis meses éramos prisioneiros a bordo do submarino. Percorrêramos 17 mil léguas e, como afirmava Ned Land, não lobrigávamos o fim da viagem. Fez-me, pois, uma proposta inesperada. Pediu-me que perguntasse de maneira uma categórica ao capitão Nemo se sua intenção era conservar-nos indefinidamente a bordo.

Semelhante iniciativa repugnava-me. Minha opinião é que nenhuma vantagem nos traria. Nada tínhamos a esperar do capitão do *Náutilo* e só podíamos confiar em nossos esforços. Além disso, há algum tempo o capitão tornava-se cada vez mais taciturno, mais arredio, menos sociável. Parecia evitar-me. Só raramente eu o encontrava. Antes, sentia prazer em explicar-me as maravilhas submarinas. Agora, deixava-me entregue aos meus estudos e não aparecia mais no salão. Que mudança se teria operado nele? Por quê? Eu nada tinha a censurar-me. Talvez a nossa presença a bordo lhe fosse incômoda. Apesar disso, não podia esperar que ele fosse capaz de restituir-nos à liberdade.

Pedi, portanto, a Ned que me desse tempo para refletir antes de agir. Se a minha iniciativa fosse vã, poderia reavivar suas suspeitas e tornar penosa a nossa situação, prejudicando os projetos do canadense. Acrescentarei que nada havia a dizer de nossa saúde. Salvo a rude prova da banquisa austral, nunca havíamos passado tão bem. A alimentação saudável, a atmosfera salubre, a regularidade de nossa existência e a uniformidade da temperatura não abriam brechas às doenças. Para um homem que não estivesse preso à terra por saudade alguma, para um capitão Nemo, que estava em casa, que podia ir para onde entendesse, que, por vias misteriosas para os outros, mas perfeitamente conhecidas dele, marchava em linha reta para o seu fim, eu compreendia aquela existência. Mas nós… nós não tínhamos rompido com a humanidade. Quanto a mim, não pretendia enterrar comigo meus estudos, tão curiosos e recentes. Eu tinha agora o direito de escrever o verdadeiro livro do mar e queria vê-lo publicado o quanto antes.

A 20 de abril, subimos a uma altura média de 1.500 metros. A terra mais próxima era o arquipélago das Lucaias, espelhado, tal monte de calhaus, pela superfície das águas. Ali erguem-se elevadas falésias submarinas, muralhas verticais, formadas de blocos gastos pela abrasão e dispostos em largas camadas, entre as quais abriam-se escuras cavernas, que os raios do nosso farol não iluminavam até o fundo. Essas rochas estavam cobertas de ervas altas, laminárias e fucos gigantescos, uma verdadeira latada de hidrófitas, digna de um mundo de titãs. Porém, pelas vidraças do *Náutilo*, quase imóvel, eu só via naqueles longos filamentos os principais articulados da divisão dos braquiúros-santolas, de compridas patas, caranguejos violáceos, clios próprios do mar das Antilhas. Eram cerca de onze horas quando Ned chamou minha atenção para um formidável formigueiro que se produzia através daquelas enormes algas.

— Muito bem — comentei —, ali estão verdadeiros covis de polvo, e não me admiraria se visse surgir algum desses monstros.

— Ora! — zombou Conselho. — Simples calnares da classe dos cefalópodes?

— Não — expliquei —, polvos de grandes dimensões. O amigo Land, porém, deve ter-se enganado, porque nada vejo.

— Sinto muito — tornou a gracejar Conselho. — Gostaria de contemplar, face a face, um desses polvos de que tanto ouvi falar e que podem arrastar navios para o fundo dos abismos.

— Quanto a mim — disse Ned —, não acredito na existência de tais monstros.

— E o senhor — perguntou Conselho — também não crê na existência de polvos gigantescos?

— Ora, que diabo! Quem algum dia acreditou nisso? — exclamou o canadense.

— Muita gente, amigo Ned. Eu que lhe falo lembro-me perfeitamente de ter visto uma grande embarcação arrastada para o fundo pelos braços de um cefalópode.

— Você viu isso? — perguntou o canadense.

— Vi, Ned.

— Com os próprios olhos?

— Com meus próprios olhos.

— Podia fazer o favor de dizer onde?

— Em São Malo, numa igreja. Lá havia um quadro que representava o polvo em questão.

— Ótimo! — disse Ned, dando uma gargalhada. — O sr. Conselho empulha-me.

— Realmente, ele tem razão — afirmei. — Ouvi falar desse quadro. O assunto que representa é tirado de uma lenda, e você sabe que em matéria de história natural devemos respeitar as lendas. Além do mais, quando se trata de monstros, a tendência da imigração é exceder-se. Não só pretenderam que havia polvos capazes de arrastar um navio, como um certo escrito antigo fala de um cefalópode de dois quilômetros de comprimento, que mais parecia ilha do que animal. Conta-se também que o bispo de Nidros ergueu um dia um altar sobre um imenso rochedo. Terminada a missa, o rochedo pôs-se a deslizar e voltou para o mar. O rochedo, na verdade, era um polvo.

— Só isso? — perguntou Ned.

— Não, há mais. Outro bispo fala de um polvo sobre o qual poderia manobrar um regimento de cavalaria.

— Eram corajosos, os bispos, antigamente! — ironizou Ned.

— Enfim, os naturalistas da Antiguidade citam monstros cujas fauces pareciam golfo e eram tão volumosos que não podiam passar no estreito de Gibraltar.

— Que ótimo! — zombou o canadense.

— Mas nessas lendas, que há de verdadeiro? — perguntou Conselho.

— Nada, meus amigos. Nada, desde que ultrapassemos as raias do verossímil para chegar à fábula e à lenda. Contudo, a imaginação dos inventores tem necessidade senão de causa, pelo menos de pretexto. Ora, não podemos negar que existem polvos e calmares de enorme tamanho, embora menores do que os cetáceos. Aristóteles mediu um calmar de 3,10 metros. Nossos pescadores constantemente encontram calmares com mais de 1,80 metro. Os museus de Trieste e de Montpelier conservam esqueletos de polvos com dois metros. Além disso, de acordo com o cálculo dos naturalistas, um desses animais que medisse dois metros teria tentáculos de oito metros. Isso já é suficiente para torná-lo um monstro formidável.

— E são ainda pescados atualmente? — perguntou o canadense.

— Se os marinheiros não os pescam, pelo menos os veem. Um amigo meu, o capitão Paulo Bos, sempre me afirmou que topou com um desses monstros enormes no mar das Índias. Em 1861, ao nordeste de Tenerife, mais ou menos na latitude em que nos encontramos nesse momento, a tripulação do *Alecton* avistou um monstruoso calmar que nadava nas águas do barco. O comandante Bouguer aproximou-se do animal e atacou-o a golpes de arpão e a tiros de fuzil, sem maior resultado, porque balas e arpões atravessavam-lhe as carnes moles como geleias sem consistência. Depois de algumas tentativas infrutíferas, a tripulação conseguiu laçar o molusco. O laço deslizou até as barbatanas caudais e parou. Tentaram, então, içar o monstro para bordo, mas seu peso era tão considerável que o corpo separou-se da cauda e ele, privado desse ornamento, desapareceu nas águas.

— Enfim, eis um fato — disse Ned.

— Fato indiscutível, meu amigo. Tão verídico que foi proposto chamar-se esse polvo *calmar de Bouguer.*

— Qual o tamanho dele?

— Não media mais ou menos seis metros? — interrompeu Conselho, que, junto à vidraça, examinava novamente as enfractuosidades da falésia.

— Exatamente — respondi.

— Seus olhos, colocados no alto da cabeça, não apresentavam enorme desenvolvimento?

— Sim, Conselho.

— E sua boca não era um verdadeiro bico de papagaio, mas muito grande?

— De fato, Conselho.

— Sua cabeça não era coroada de oito tentáculos, que se agitavam na água como serpentes?

— Exato.

— Então, que o senhor não se aborreça, mas se não estamos diante do *calmar de Bouguer*, estamos pelo menos diante de seu irmão — disse Conselho com toda a calma.

Olhei Conselho, e Ned Land precipitou-se para a vidraça e exclamou:

— Que animal horroroso!

Olhei por minha vez e não pude reprimir um movimento de repulsão. Diante de meus olhos agitava-se um horrendo monstro. Era um calmar de dimensões colossais, com oito metros de comprimento. Andava aos recuos, com extrema velocidade, em direção ao *Náutilo*. Olhava com enormes olhos fixos, de coloração esverdeada. Os seus oito braços, ou, antes, os seus oito pés, implantados na cabeça, que deram a esses animais o nome de cefalópodes, tinham o dobro da dimensão do corpo e contorciam-se como a cabeleira das fúrias. Na face interna desses tentáculos podiam ser distintamente vistas as 250 ventosas com forma de cápsulas semiesféricas. Às vezes essas ventosas aderiam à vidraça do salão, fazendo vácuo. A boca do monstro — bico córneo com a forma de bico de papagaio — abria-se e fechava-se verticalmente. A língua dele, uma substância cornígera, armada de várias fileiras de dentes agudos, saía fremente daquela verdadeira torquês. Que fantasia da natureza! Um bico de ave num molusco. O corpo fusiforme e intumescido na parte média formava uma massa carnosa que devia pesar de 20 a 25 toneladas. A cor cambiante, alterando-se com extrema rapidez conforme a irritação do animal, variava sucessivamente do cinza-lívido ao vermelho-escuro.

Qual seria a causa da irritação daquele molusco? Certamente a presença do *Náutilo*, mais formidável do que ele e contra o qual a sucção de seus braços e suas mandíbulas eram impotentes. O acaso nos colocara em presença daquele calmar, e eu não queria perder a ocasião de estudar cuidadosamente aquele exemplar de cefalópode. Venci o horror que me inspirava o seu aspecto e, pegando um lápis, comecei a desenhá-lo.

— Talvez seja o mesmo do *Alecton* — comentou Conselho.

— Não — retrucou o canadense —, pois este está inteiro e o outro perdeu a cauda.

— Por isso, não — expliquei. — Os braços e a cauda desses animais reconstituem-se por reintegração e, em sete anos, a cauda já teve tempo de crescer.

— Aliás — replicou Ned —, se não é este talvez seja um daqueles.

Outros polvos surgiam na vidraça de estibordo. Contei sete. Formavam um verdadeiro cortejo ao *Náutilo* e eu escutava o rangido de seus bicos no casco de aço. Aqueles monstros mantinham-se em nossas águas com tal precisão que pareciam imóveis e teria podido decalcá-los em miniaturas sobre a vidraça. Aliás, navegávamos em marcha moderada.

De repente, o submarino parou. Um choque fê-lo estremecer de popa à proa.

— Será que tornamos a encalhar? — perguntei.

— Se encalhamos, já nos safamos, porque estamos flutuando — respondeu Ned.

Era evidente que o *Náutilo* flutuava, mas não andava mais. Os ramos de sua hélice não batiam as ondas. Passou-se um minuto. O capitão Nemo, acompanhado do imediato, entrou no salão. Havia algum tempo eu não o via. Pareceu-me taciturno. Sem falar-nos, talvez sem ver-nos, dirigiu-se à vidraça, observou os polvos e disse algumas palavras ao imediato, que retirou-se. Logo depois, as escotilhas fecharam-se. O teto iluminou-se. Dirigi-me ao capitão e disse-lhe no tom despreocupado com que falaria um colecionador diante de um aquário:

— Curiosa coleção de polvos.

— Realmente, senhor naturalista — respondeu-me —, e vamos combatê-la corpo a corpo.

Encarei o capitão, julgando não haver compreendido, e repeti:

— Corpo a corpo?

— Exatamente. A hélice parou. Suponho que as mandíbulas córneas de algum desses calmares tenha penetrado entre os ramos dela, o que nos impede de navegar.

— E o que vai fazer?

— Emergir e massacrar toda essa asquerosa bicharia.

— A empresa é difícil.

— Realmente. As balas elétricas são impotentes contra essas carnes moles, em que não encontram resistência suficiente para rebentar. Não obstante, nós os atacaremos a machado.

— E a arpão — interveio o canadense —, se o senhor não recusar meu auxílio.

— Aceito, mestre Land.

— Nós os acompanharemos — concluí. E, seguindo o capitão Nemo, dirigimo-nos para a escada central. Lá, uma dezena de homens, armados de machados de abordagem, estavam prontos para o ataque. Conselho e eu também nos armamos de machado. Ned Land empunhou um arpão.

O *Náutilo* voltara à superfície das ondas. Um dos marinheiros, de um dos últimos degraus, desaparafusava as cavilhas da escotilha. Mal foram tiradas as porcas, a escotilha ergueu-se com incrível violência, evidentemente sugada pelas ventosas de um braço de polvo. No mesmo instante, um longo braço deslizou como serpente pela abertura e vinte outros agitaram-se acima dele. Com forte machadada, o capitão cortou o formidável tentáculo, que caiu contorcendo-se escada abaixo. No momento em que nos comprimíamos uns nos outros na ânsia de alcançar a plataforma, dois outros braços, açoitando o ar, abateram-se sobre o marinheiro que precedia o capitão Nemo e ergueram-no com violência irresistível. O capitão Nemo deu um grito e precipitou-se pela escotilha. Nós o seguimos imediatamente.

Que cena! O infeliz, seguro pelo tentáculo e colado às ventosas, era balançado no ar ao sabor daquela enorme tromba. Estertorava, sufocava e gritava.

— Socorro! Socorro!

Essas palavras, pronunciadas em francês, causaram-me profundo espanto. Tinha eu, pois, um compatriota a bordo, talvez vários. Aquele grito lancinante, hei de ouvi-lo pelo resto da vida! O desgraçado estava perdido. Quem poderia arrancá-lo daquele poderoso amplexo? Entretanto, o capitão Nemo precipitara-se sobre o polvo e, com outra machadada, cortara-lhe mais um braço. O imediato lutava encarniçadamente contra outros monstros que rastejavam pelos flancos do submarino. A tripulação batia-se com eles a machadadas. O canadense, Conselho e eu enterrávamos nossas armas naquelas massas de carne. Um violento odor de almíscar impregnava a atmosfera. Era horrível.

Por um momento supus que o desventurado enlaçado pelo polvo seria arrancado àquela poderosa sucção. Sete braços lhe haviam sido cortados. Apenas um contorcia-se no ar, brandindo a vítima como se fosse uma pena. No momento, porém, em que o capitão Nemo e o imediato precipitavam-se sobre ele, o animal expeliu um líquido escuro, segregado por uma bolsa situada em seu abdômen. Aquilo nos cegou. Quando a nuvem se dissipou, o calmar desaparecera, e com ele o meu desgraçado compatriota. Que fúria nos animou, então, contra aqueles monstros!

Dez ou doze polvos haviam invadido a plataforma e os flancos do *Náutilo*. Rolávamos confusamente em meio àqueles pedaços de serpentes que se contorciam na plataforma em meio a ondas de sangue e tinta negra. Parecia que aqueles viscosos tentáculos renasciam como os braços da hidra. O arpão de Ned, a cada arpoada, espetava-se nos olhos glaucos dos calmares, cegando-os. Não obstante, o meu audacioso companheiro foi inesperadamente derrubado pelos tentáculos de um monstro que não pudera evitar. Ah, como explicar que meu coração não se tenha partido de emoção e horror! O formidável bico do calmar abrira-se sobre Ned Land. O infeliz ia ser cortado em dois. Precipitei-me em socorro dele. O capitão Nemo antecipara-se a mim. O machado dele sumira-se entre as duas enormes mandíbulas e, miraculosamente salvo, o canadense mergulhou o arpão inteiro no tríplice coração do polvo. O capitão disse ao canadense:

— Eu lhe devia essa desforra.

Ned inclinou-se sem responder.

O combate durara um quarto de hora. Os monstros, vencidos, mutilados, feridos de morte, abandonaram finalmente a praça e desapareceram sob as ondas.

O capitão Nemo, coberto de sangue, imóvel, perto do farol, contemplava o mar que engolira um de seus companheiros e grossas lágrimas correram de seus olhos.

43
A corrente do Golfo

Contei que o capitão Nemo chorava contemplando as ondas. A sua dor foi imensa. Era o segundo companheiro que perdia desde a nossa chegada a bordo. E que morte! Aquele amigo esmagado, asfixiado, lacerado pelos formidáveis braços do polvo, triturado por suas mandíbulas férreas, não repousaria, como os seus companheiros, no cemitério de coral.

O capitão Nemo recolheu-se a seu quarto e não o vi mais durante algum tempo. Como devia estar triste, desesperado, irresoluto, a julgar pelo navio de que era a alma e que dele recebia todas as impressões! O *Náutilo* já não seguia direção determinada. Ia, vinha, flutuava, como um cadáver à mercê das ondas. A hélice fora desembaraçada, mas pouco se servia dela. Navegava ao acaso. Não conseguia afastar-se do teatro de sua última batalha, daquele mar que devorara um dos seus.

Passaram-se dez dias. Foi somente a 1º de maio que o *Náutilo* retomou francamente a rota para o norte. Seguíamos, então, a corrente do maior rio do mar, que tem margens, peixes e temperatura própria. Navegava no seio da corrente do Golfo.

É ela realmente um rio que corre em meio ao Atlântico e cujas águas não se misturam com as oceânicas. É um rio salgado, mais salgado do que o mar circunjacente. A sua profundidade média é de mil metros, e sua largura média, de sessenta milhas. Em certos lugares tem velocidade de quatro quilômetros por hora. O invariável volume de suas águas é mais considerável do que o de todos os rios do globo.

A verdadeira nascente da corrente do Golfo, o seu ponto de partida, está situada no golfo da Gasconha. Lá, suas águas, ainda de temperatura fraca e cor

indecisa, começam a formar-se. Descem para o sul, costeiam a África equatorial, aquecem suas ondas aos raios da zona tórrida, atravessam o Atlântico, alcançam o cabo de São Roque na costa brasileira, bifurcando-se em dois ramos, dos quais um ainda vai se saturar das quentes moléculas do mar das Antilhas. Então, a corrente do Golfo, encarregada de restabelecer o equilíbrio entre as temperaturas e de misturar as águas dos trópicos com as boreais, começa o papel de ponderador. Superaquecida no golfo do México, dirige-se para o norte pelo litoral americano, avança até a Terra Nova, desvia-se sob o impacto da corrente fria do estreito de Davis, retoma a rota do oceano, seguindo sobre um dos grandes círculos do globo a linha loxodrômica e, à altura do 43º grau, divide-se em dois braços, um dos quais, com a ajuda dos alísios, retorna ao golfo da Gasconha e aos Açores, enquanto outro, depois de aquecer as praias da Irlanda e da Noruega, chega além de Spitsbergen, onde sua temperatura cai a quatro graus, indo formar o mar livre do polo.

Era nas águas desse rio oceânico que o *Náutilo* navegava então. Por volta de meio-dia, subi à plataforma em companhia de Conselho. Expliquei-lhe as particularidades relativas à corrente do Golfo. Quando concluí minha explicação, convidei-o a mergulhar as mãos na água. O rapaz obedeceu e ficou muito espantado por não experimentar qualquer sensação de frio ou quente.

— Isso decorre — expliquei-lhe — do fato de ser a temperatura das águas da corrente do Golfo, ao saírem do golfo do México, pouco diferente da temperatura do sangue. É a corrente do Golfo o calorífero que permite adornarem-se as costas europeias de eterna verdura.

A 8 de maio, estávamos ainda à altura do cabo Hatteras, no litoral da Carolina do Norte. A largura da corrente do Golfo era ali de 75 milhas, e a profundidade, de 210 metros. O *Náutilo* continuava a vaguear ao acaso. A bordo parecia que fora abolida qualquer vigilância. Concordarei que nessas condições uma evasão poderia ser bem-sucedida. As praias habitadas ofereciam por toda parte fáceis refúgios. O mar era cortado constantemente pelos numerosos navios que ligam Boston a Nova York, ao golfo do México, e noite e dia era percorrido por essas pequenas escunas, que praticam a cabotagem entre os diversos pontos da costa americana. Podíamos ter esperanças de ser recolhidos. A ocasião era portanto favorável.

Mas uma circunstância desagradável contrariava frontalmente os projetos do canadense. O tempo estava péssimo. Nós nos aproximávamos das paragens em que as tempestades são frequentes, da região das trombas e dos ciclones. Afrontar um mar quase sempre revolto em frágil escaler seria morte certa. O próprio Ned Land concordava com isso e desesperava-se, atacado por furiosa saudade, que só a fuga poderia curar.

— Professor — disse-me nesse dia —, é preciso que isso acabe. Vou ser-lhe franco. O capitão Nemo afasta-se das terras e sobe para o norte. Não obstante, eu lhe digo que estou farto do polo Sul e não o seguirei ao polo Norte.

— Que havemos de fazer, já que a evasão é impossível nesse momento?

— Volto à minha ideia. É preciso falar ao capitão. O senhor nada disse quando estávamos nos mares de sua pátria. Vou falar-lhe agora que estamos nos mares de minha terra. Quando penso que dentro de alguns dias o Náutilo estará à altura da Nova Escócia e que lá se abre grande baía para a Terra Nova, que nessa baía deságua o St. Lawrence e que o St. Lawrence é meu rio, o rio que banha Quebec, minha cidade natal, o furor aquece-me o rosto, meus cabelos ficam arrepiados. Finalmente, professor, prefiro jogar-me ao mar. Não ficarei aqui.

Era evidente que a paciência do canadense estava esgotada. A sua vigorosa compleição não podia tolerar clausura tão prolongada. Dia a dia, a sua fisionomia alterava-se. Seu caráter tornava-se cada vez mais taciturno. Eu sentia o quanto devia sofrer, porque a nostalgia também me dominava. Quase sete meses haviam decorrido sem que tivéssemos qualquer notícia de terra. Além disso, o isolamento do capitão Nemo, a modificação de seu gênio, principalmente depois do combate contra os polvos, a sua taciturnidade, tudo me levava a ver as coisas sob um aspecto diferente. Não sentia mais o entusiasmo dos primeiros dias. Era preciso ser flamengo, como Conselho, para aceitar aquela situação naquele meio reservado aos cetáceos e aos demais habitantes do mar. Acho que se o bom rapaz, em lugar de pulmões, tivesse brânquias, seria um peixe magnífico.

— Então, professor? — interpelou-me Ned quando viu que eu não lhe respondia.

— Então, Ned, você quer que eu pergunte ao capitão Nemo quais suas intenções a nosso respeito?

— Sim, senhor.

— E isso apesar de já nos ter feito conhecê-las?

— Perfeitamente. Desejo ter certeza. Fale só por mim, só em meu nome, se quiser.

— Mas só raramente eu o encontro. Acho mesmo que me evita.

— Mais uma razão para procurá-lo.

— Eu o interpelarei, Ned.

— Quando? — perguntou, insistindo.

— Quando o encontrar.

— O sr. Aronnax quer que eu mesmo vá procurá-lo?

— Não, pode deixar por minha conta. Amanhã…

— Hoje — interrompeu Land.

— Pois seja. Irei procurá-lo hoje.

Fiquei sozinho. Decidida a questão, resolvi agir imediatamente. Sempre preferi coisa feita a coisa por fazer.

Voltei ao meu quarto. De lá ouvi passos no quarto do capitão Nemo. Não podia deixar escapar aquela ocasião de encontrá-lo. Bati na porta. Não obtive resposta. Bati de novo, depois torci a maçaneta. A porta abriu-se. Entrei. O capitão estava lá. Curvado sobre a sua mesa de trabalho, não me ouvira. Resolvido a não sair sem havê-lo interrogado, aproximei-me dele. Levantou bruscamente a cabeça, franziu o sobrecenho e disse-me em tom bastante áspero:

— O senhor aqui? Que quer de mim?

— Quero falar-lhe.

— Mas estou ocupado. Trabalho. A liberdade que lhe dou de isolar-se não posso ter para mim?

A recepção era pouco animadora. Eu, porém, estava decidido a ouvir tudo para poder responder tudo.

— Senhor — prossegui friamente —, venho falar-lhe de assunto que não me é permitido adiar.

— Qual? — interpelou-me ironicamente. — Descobriu por acaso alguma coisa que ignoro? O mar confiou-lhe novos segredos?

Estávamos completamente fora do assunto. Mas, antes que eu pudesse responder, mostrou-me um manuscrito aberto sobre a mesa e disse-me em tom grave:

— Eis aqui, sr. Aronnax, um manuscrito em várias línguas. Contém o resumo de meus estudos sobre o mar e, se Deus quiser, não morrerá comigo. Este manuscrito, assinado por mim, completado pela história de minha vida, será encerrado em um pequeno aparelho insubmersível. O último sobrevivente a bordo do *Náutilo* lançará esse aparelho ao mar e ele irá aonde as ondas o levarem.

Era o nome daquele homem. A sua história, escrita por ele próprio! Seria, pois, o seu mistério desvendado algum dia? Naquele momento, porém, só vi no que ele dizia a oportunidade para entrar no meu assunto.

— Capitão — respondi —, não posso deixar de aplaudir o pensamento que o levou a proceder desse modo. É evidente que os frutos de seus estudos não podem ser perdidos. Mas o meio que o senhor emprega parece-me primitivo. Quem sabe aonde os ventos levarão esse aparelho e em que mãos ele cairá? O senhor não poderia empregar meio mais seguro? Um dos seus não poderia…?

— Nunca, senhor — interrompeu-me, com vivacidade, o capitão.

— Mas eu e meus companheiros estamos prontos a guardar esse manuscrito em sigilo, e se o senhor nos restituir a liberdade…

— A liberdade! — exclamou o capitão, levantando-se.

— Exatamente, e é a esse respeito que vim interrogá-lo. Há sete meses estamos a bordo e eu lhe pergunto hoje, em nome de meus companheiros e no meu próprio, se a sua intenção é de prender-nos aqui para sempre.

— Sr. Aronnax, eu lhe responderei hoje o que lhe respondi há sete meses. Quem entra no *Náutilo* nunca mais deve abandoná-lo.

— Então, é a escravidão que o senhor nos impõe.

— Pode dar-lhe o nome que entender.

— Mas em toda parte o escravo conserva o direito de recobrar a liberdade. Quaisquer que sejam os meios que se apresentem, pode julgá-los bons.

— Quem lhe nega tal direito? Alguma vez tentei forçá-lo com juramento?

Cruzando os braços, o capitão encarou-me.

— Senhor — falei —, voltar a este assunto não agradaria a qualquer um de nós dois. Já que o encetamos, esgotemo-lo agora. Repito-lhe: não se trata apenas de minha pessoa. Para mim, o estudo é um derivativo, poderosa diversão, arrebatamento, paixão, que me pode fazer esquecer o resto. Como o senhor, sou homem para viver ignorado, obscuro, na frágil esperança de legar um dia ao

futuro o resultado de meus trabalhos, por meio de um aparelho hipotético, confiado ao acaso das ondas e dos ventos. Numa palavra, posso admirá-lo e segui-lo sem desprazer, num papel que compreendo sob certos aspectos, mas há circunstâncias de sua vida que entrevejo cercada de complicações e de mistérios dos quais eu e meus companheiros somos os únicos aqui que não participamos. E mesmo que o nosso coração tenha podido pulsar pelo senhor, comovido por suas dores ou entusiasmo por seus atos de gênio e de coragem, somos obrigados a recalcar em nós até o mais ínfimo testemunho de nossa simpatia, despertada pela vista do que é belo e bom, quer venha de amigo ou de inimigo. Pois bem, é esse sentimento de que somos estranhos a tudo quanto se relaciona com o senhor que torna a nossa posição inaceitável, impossível, principalmente para Ned Land. Qualquer homem, pelo simples fato de ser homem, exige consideração. O senhor já pensou no que o amor da liberdade e o ódio da escravidão podem provocar, como projetos de vingança, numa índole como a do canadense? No que pode ele pensar, tentar, praticar?

Calara-me. O capitão Nemo levantou-se.

— Que me importa o que Ned Land pense, tente ou faça? Não fui eu quem o procurou. Não é por minha vontade que o conservo a bordo. Quanto ao senhor, é daqueles que podem compreender tudo, até o silêncio. Nada mais tenho a responder-lhe. Que esta primeira vez em que vem tratar de tal assunto seja também a última, porque da segunda vez eu poderia até não querer ouvi-lo.

Retirei-me. A partir daquele dia nossa situação tornou-se muito tensa. Relatei minha conversa a meus companheiros.

— Sabemos agora — comentou Ned — que nada podemos esperar desse homem. O *Náutilo* aproxima-se de Long Island. Fugiremos, faça o tempo que fizer.

Infelizmente, o céu tornava-se cada vez mais ameaçador. Os sintomas de furacão eram evidentes. O mar revolto elevava-se em escarcéus. Os pássaros desapareciam, exceto as procelárias. O barômetro caía sensivelmente e indicava no ar uma extrema tensão de vapores. A luta dos elementos estava próxima.

A 18 de maio, rebentou a tempestade, precisamente no momento em que o *Náutilo* flutuava à altura de Long Island, a apenas algumas milhas dos canais de Nova York. Em lugar de evitá-la nas profundezas do mar, o capitão Nemo, por inexplicável capricho, quis arrostá-la na superfície. Inabalável sob as violentas

rajadas, mantinha-se na plataforma. Fizera-se amarrar pela cintura para resistir às vagas monstruosas que ali rebentavam. Também eu subira para a plataforma e me fizera amarrar, dividindo minha admiração entre aquela tempestade e aquele homem incomparável que a enfrentava.

O mar, encapelado, era varrido por enormes farrapos de nuvens que mergulhavam em suas ondas. Já não se via nenhuma daquelas pequenas ondas que se formam no fundo das grandes reentrâncias. Só havia enormes ondulações fuliginosas, cuja crista não rebentava, tão compactas eram elas. E a sua altura crescia. Parecia que umas emulavam as outras. O *Náutilo*, ora deitado sobre um dos lados, ora erguendo-se como mastro, arfava e jogava horrorosamente.

Por volta das cinco horas, caiu uma chuva torrencial que não acalmou nem o vento nem o mar. O furacão desencadeou-se com velocidade de quase quarenta léguas por hora. É nessas condições que derruba casas, que encrava as telhas dos tetos nas portas, que rompe grades de ferro, que desloca canhões. Mas o *Náutilo* a tudo resistia. Não era apenas um rochedo resistente que aquelas ondas pudessem demolir; era fuso de aço, obediente e móvel, sem cordame, sem mastreação, que desafiava impunemente o furor da procela. As ondas alcançavam até 15 metros de altura e 150 a 170 de comprimento. A sua velocidade de propagação era igual à metade da do vento. O seu volume e potência aumentavam com a profundidade das águas. Compreendi, então, o papel daquelas ondas que retêm o ar em suas entranhas e o recalcam para o fundo do mar, onde, com o oxigênio, levam a vida.

A intensidade da tormenta aumentou com a noite. Ao anoitecer, vi passar no horizonte um navio que lutava penosamente. Ia em marcha reduzida para manter-se nas vagas. Pouco depois desapareceu na escuridão. Às dez da noite, o céu estava incendiado. A atmosfera era cortada por violentos relâmpagos. Eu não podia suportar o brilho deles, enquanto o capitão Nemo, encarando-os, parecia aspirar a alma da tempestade. Um terrível estrépito enchia os ares. Ruído complexo, resultante do uivo das vagas esmagadas, do mugido do vento, do ribombo dos trovões. O vento rondava todos os pontos do quadrante e o ciclone, partindo do leste, de lá voltava, passando pelo norte, pelo oeste e pelo sul, em sentido inverso ao dos tornados do hemisfério austral. À chuva sucedera uma tempestade de fogo. As gotas de água transformavam-se em penachos

fulminantes. Dir-se-ia que o capitão, desejando uma morte digna de si, procurava ser fulminado.

Em medonho movimento de arfagem, o *Náutilo* ergueu ao ar o seu esporão de aço, como a haste de um para-raios, e dele vi jorrarem enormes fagulhas. Exausto, com as forças esgotadas, rastejei em direção à escotilha, que abri, descendo a seguir para o salão. Era impossível alguém manter-se de pé, mesmo no interior.

Por volta de meia-noite, também o capitão recolheu-se. Ouvi os reservatórios encherem-se pouco a pouco e o *Náutilo* mergulhou docemente abaixo da superfície das ondas. Supus que ele fosse encontrar a calmaria a 15 metros, mas enganava-me. As camadas superiores estavam demasiadamente agitadas. Só encontrou repouso a cinquenta metros, nas entranhas do mar.

Lá, que tranquilidade, que silêncio, que calma! Quem teria dito que um furacão terrível desencadeava-se, naquele momento, na superfície do oceano?

44
O banco da terra nova

Em consequência da tempestade, fôramos impelidos para leste. Qualquer esperança de fuga para os ancoradouros de Nova York ou de St. Lawrence desvanecera-se. O pobre Ned, desesperado, isolou-se, à semelhança do capitão Nemo. Eu e Conselho não nos separávamos.

Afirmei que o *Náutilo* se afastara para leste. Deveria ter dito com maior exatidão para nordeste. Durante alguns dias ele vagueou ora à superfície, ora sob as ondas, em meio àquelas brumas tão temidas pelos navegantes. Tais nevoeiros são oriundos principalmente do derretimento dos gelos, causado pela extrema umidade da atmosfera. Quantos navios perdidos naquelas paragens! Quantos sinistros provocados por aqueles nevoeiros opacos! Quantos choques naqueles escolhos, cuja ressaca é abafada pelo ruído dos ventos! Quantos abalroamentos, apesar dos fanais, dos apitos e dos sinos de alarme!

Por isso, o fundo daqueles mares oferecia o aspecto de campo de batalha, onde jaziam ainda os vencidos do oceano. Alguns velhos e já enterrados, outros novos, refletindo o brilho de nosso farol em suas ferragens e em suas querenas de cobre. Entre eles, quantos navios totalmente perdidos, com as suas tripulações e os seus emigrantes!

A 15 de maio, alcançamos a extremidade meridional do banco da Terra Nova. É ele produto das aluviões marinhas, um amontoado considerável de detritos orgânicos para ali levados, seja do equador pela corrente do Golfo, seja do polo boreal pela contracorrente de água fria, que perlonga a costa americana. Lá também se amontoam os blocos erráticos transportados pelo degelo. Também lá se formou um vasto ossuário de peixes, moluscos e zoófitos que nele perecem aos milhares.

A profundidade do mar não é considerável. No máximo algumas centenas de braças. Todavia, em direção ao sul, abre-se subitamente uma profunda depressão, uma caverna de três mil metros.

Naquelas regiões, as redes de bordo pescaram principalmente bacalhaus, que admirei em suas águas de predileção, o inexaurível banco da Terra Nova. Podemos afirmar que o bacalhau é peixe de montanha porque o banco da Terra Nova nada mais é do que montanha submarina. Quando o *Náutilo* abriu caminho entre cardumes tão numerosos que se comprimiam, Conselho não pôde deter esta observação:

— Vejam só! Bacalhaus! Mas eu supunha que fossem achatados como os rodovalhos ou os linguados.

— Tolo! — exclamei. — Os bacalhaus são chatos apenas no merceeiro, onde aparecem abertos e estendidos. Na água são peixes fusiformes como os sargos, perfeitamente conformados para o nado.

— Acredito, professor. Mas que nuvem! Que formigueiro!

— Pois bem, meu amigo. Seriam infinitamente mais numerosos se os homens não fossem seus permanentes inimigos. Sabes quantos ovos contaram numa só fêmea?

— Quinhentos mil?

— Onze milhões.

— Onze milhões! Eis o que não posso acreditar, a menos que eu próprio os conte.

— Podes contá-los. Mas andarás melhor acreditando no que te digo. Aliás, é aos milhões que franceses, ingleses, americanos, portugueses, dinamarqueses e noruegueses pescam bacalhau. O consumo é prodigioso, e, sem a espantosa fecundidade desses peixes, em breve os mares estariam despovoados.

Enquanto aflorávamos o banco da Terra Nova, vi claramente as longas linhas, armadas de duzentos anzóis, que cada pesqueiro lança às dúzias. Cada linha arrastada pela extremidade mediante um pequeno grampo era mantida à superfície por um arinque preso a uma boia de cortiça. O *Náutilo* foi obrigado a manobrar com cuidado em meio àquela rede submarina. Aliás, ele não permaneceu por muito tempo naquelas paragens frequentadas. Subiu até o 42º grau de latitude. Alcançou assim São João da Terra Nova, onde termina o cabo transatlântico. Nesse ponto, em vez de continuar a navegar para o norte, tomou a

direção do leste, como se quisesse seguir o platô telegráfico, sobre o qual descansa o cabo submarino.

A 17 de maio, a cerca de quinhentas milhas da costa e a 2.800 metros de profundidade, avistei o cabo repousando sobre o solo. Conselho, que eu não prevenira, tomou-o inicialmente por uma enorme serpente marinha e, segundo o seu hábito, preparava-se para classificá-la. Eu, porém, o desenganei.

No dia 28 de maio estávamos a apenas 150 quilômetros da Irlanda. Iria o capitão Nemo emergir para aportar nas ilhas britânicas? Não. Para minha grande surpresa, tornou a descer para o sul, regressando aos mares europeus. Um importante problema apresentava-se, então, ao meu espírito. Ousaria o *Náutilo* penetrar no mar da Mancha? Ned Land, que reaparecera desde que nos reaproximamos de terra, não parava de interrogar-me. Como lhe responder? O capitão Nemo permanecia invisível. Depois de haver deixado entrever ao canadense as praias americanas, iria ele mostrar-me as costas da França?

Continuamos a descer para o sul. A 30 de maio, superou o ponto extremo da Inglaterra. Se queria entrar na Mancha, devia dirigir-se para leste. Mas não tomou essa direção. A 31 de maio, descreveu sobre o mar uma série de círculos que me deixavam vivamente intrigado. Parecia procurar um local difícil de encontrar. Ao meio-dia, o capitão subiu para determinar o ponto pessoalmente. Não me dirigiu a palavra. Pareceu-me ainda mais taciturno. Que poderia entristecê-lo tanto? Seria a proximidade do litoral europeu? Sentiria saudade da pátria que abandonara? Que sentiria ele? Remorsos ou pesares?

No dia seguinte, 1º de junho, o *Náutilo* continuou as mesmas manobras. Era evidente que procurava localizar um ponto exato do oceano. Como na véspera, o capitão veio tomar a altura do sol. Alguns minutos antes que o sol passasse no meridiano, observou-o com extrema precisão. A calma absoluta das ondas facilitou a observação. O barco, imóvel, não jogava nem arfava. Eu estava na plataforma. Quando terminou seus cálculos, o capitão pronunciou estas palavras:

— É aqui.

Desceu pela escotilha. Voltei ao salão. A escotilha fechou-se e o *Náutilo* começou a imergir. Alguns minutos mais tarde, parava a uma profundidade de 833 metros e repousava sobre o solo.

As luzes do salão apagaram-se. As escotilhas abriram-se e, através da vidraça, vi o mar vivamente iluminado pelos raios do farol, num círculo de um

quilômetro. Olhei a bombordo. Sobre o fundo notava-se uma intumescência que me chamou a atenção. Eram ruínas sepultadas sob camada de conchas esbranquiçadas que pareciam um manto de neve. Examinando atentamente aquela massa, pareceu-me reconhecer as formas de um navio desmastreado, que deveria ter ido a pique pela proa. O sinistro certamente datava de época remota. Mas que navio seria aquele? Por que vinha o *Náutilo* visitar-lhe a tumba?

Não sabia o que pensar quando, junto a mim, ouvi o capitão Nemo dizer em voz lenta:

— Outrora esse navio se chamava *A Marselhesa*. Tinha 74 canhões e foi lançado à água em 1762. A 13 de agosto de 1778, comandado por La Poype Vertrieux, bateu-se audaciosamente contra o *Preston.* Em 1779, a 4 de julho, presenciava com a esquadra do almirante d'Estaing a tomada de Granada. A 5 de setembro de 1781, tomava parte no combate do conde de Grasse, na bala de Chesapique.

"Em 1791, a República Francesa mudou-lhe o nome. A 16 de abril do mesmo ano reunia-se em Bresta à esquadra de Villare-Joyese, encarregado de escoltar um comboio de trigo que vinha da América sob o comando do almirante Von Stabel. A 12 e 13 *prainal,* ano II, essa esquadra encontrava-se com os vasos ingleses. Professor, hoje é 13 *prairial,* 1º de junho de 1868. Há 74 anos contados dia a dia, neste mesmo local, esse navio, após combate heroico, privado de seus três mastros, com água nos paióis, a terça parte de sua tripulação fora de combate, preferiu afundar com os 350 marinheiros a render-se e, pregando o seu pavilhão na popa, desapareceu nas ondas ao grito de *Viva a República!*

— O *Vingador* — exclamei.

— Exato. O *Vingador* Lindo nome! — murmurou o capitão Nemo, cruzando os braços.

45
Hecatombe

A maneira de falar; o imprevisto da cena; o histórico do navio patriota, friamente contado a princípio; depois a emoção com que o estranho personagem havia pronunciado as últimas palavras, aquele nome, *Vingador*, cuja significação não podia escapar-me — tudo se somou para impressionar profundamente o meu espírito. Não tirei mais os olhos do capitão. Ele, com as mãos estendidas para o mar, contemplava com olhar ardente aqueles gloriosos restos. Talvez nunca viesse a saber quem era ele, de onde vinha, aonde ia, mas via cada vez mais o homem distanciar-se do sábio. Não era uma misantropia comum que encerrara nas entranhas do submarino o capitão Nemo e seus companheiros, mas ódio monstruoso, ou sublime, que o tempo não conseguia enfraquecer.

O ainda procuraria vingança? Dentro em pouco o futuro haveria de responder-me.

O *Náutilo* subia lentamente para a superfície do mar e vi desaparecerem pouco a pouco as formas confusas do *Vingador*. Logo depois, um leve balanço indicou-me que flutuávamos ao ar livre. Nesse momento, ouviu-se uma pequena detonação. Olhei para o capitão. Não se movera.

— Capitão? — interpelei-o.

Não me respondeu. Eu o deixei e subi para a plataforma.

Conselho e o canadense já me haviam precedido ali.

— De onde vem essa detonação? — perguntei.

— Um tiro de canhão — respondeu Land.

Olhei para o oceano. Um navio vinha em nossa direção e via-se que forçava o vapor. Apenas seis milhas o separavam de nós.

— Que navio é aquele, Ned?

— Por seu aparelho e pela altura dos mastros, eu apostaria que é navio de guerra. Oxalá ele nos ataque e ponha a pique, se for necessário, esse maldito submarino.

— Amigo Ned — interrompeu Conselho —, como poderia atingir o nosso barco? Atacá-lo sob as ondas? Canhoneá-lo no fundo do mar?

— Ned — perguntei —, poderá você reconhecer a nacionalidade daquele navio?

O canadense, franzindo as sobrancelhas, baixando as pálpebras, enrugando o canto dos olhos, fixou por alguns momentos o navio. Depois disse:

— Não, senhor. Não sou capaz de descobrir a que nação pertence. Seu pavilhão não foi içado. Mas posso afirmar que é navio de guerra porque na extremidade do grande mastro desfralda uma comprida flâmula.

Durante um quarto de hora continuamos a observar o navio que se dirigia para nós. Não podia, porém, admitir que tivesse reconhecido o *Náutilo* a tal distância, menos ainda que soubesse tratar-se de um submarino. Logo depois, o canadense anunciou-me que se tratava de um poderoso couraçado com esporão. Uma espessa fumaça negra saía de suas duas chaminés. As velas ferradas confundiam-se com a linha das vergas. Não trazia pavilhão. A distância impedia ainda de distinguir as cores de sua flâmula, que parecia uma estreita fita flutuando.

Avançava rapidamente. Se o capitão Nemo o deixasse aproximar-se, haveria probabilidade de salvação para nós.

— Senhor — disse-me Ned Land —, se o navio passar a uma milha, jogar-me-ei ao mar e o exorto a seguir-me.

Nada respondi à proposição do canadense e continuei a contemplar o navio que crescia a olhos vistos. Fosse ele inglês, francês, americano ou russo, era certo que nos acolheria, se pudéssemos alcançá-lo.

— Queira o senhor lembrar-se de que temos alguma experiência de natação — ponderou Conselho. Pode contar comigo para rebocá-lo até aquele navio, se lhe convier seguir o amigo Ned.

Eu ia responder quando um vapor branco jorrou da proa do navio de guerra. Alguns segundos mais tarde, as águas, agitadas pela queda de um pesado corpo, respingavam a ré do *Náutilo*. Pouco depois ouvi uma detonação.

— Como? Eles atiram sobre nós — exclamei.

— Boa gente — murmurou o canadense.

— Eles não nos tomam, então, como náufragos agarrados a uma balsa.

— Não fique o senhor aborrecido — disse Conselho, sacudindo a água que um segundo tiro levantara, respingando-o. — Não fique aborrecido, eles reconheceram o *seu narval* e atiram nele.

— Mas devem ver que estão tratando com homens.

— Talvez seja exatamente por isso que atiram — comentou Ned Land, encarando-me.

Fez-se luz em meu espírito. Sem dúvida, já se sabia como considerar o pretenso monstro. Durante o encontro com a *Abraham Lincoln*, quando o canadense o arpoara, o comandante Farragut reconhecera que o narval era um barco submarino, portanto mais perigoso do que o cetáceo imaginário. Sim, devia ser assim e em todos os mares perseguia-se agora aquele terrível engenho de destruição!

Terrível, realmente, se, como se podia supor, o capitão Nemo empregava o seu formidável barco em obra de vingança. Durante aquela noite em que nos aprisionara na cela, no meio do oceano Índico, não teria ele atacado algum navio? Aquele homem, agora sepultado no cemitério de coral, não teria sido vítima do ataque? Sim, repito-o. Assim devia ser. Parte da misteriosa existência do capitão Nemo revelava-se. E se sua identidade não era conhecida, pelo menos as nações coligadas contra ele caçavam-no agora, não como ser quimérico, mas como homem que lhes votava ódio implacável. E agora, em vez de encontrar amigos naquele navio que se aproximava, lá só encontraríamos inimigos impiedosos.

Entretanto, as balas se multiplicavam em torno de nós, mas nenhuma nos atingiu. O encouraçado estava a apenas três milhas. Apesar do violento canhoneio, o capitão Nemo não aparecia na plataforma. No entanto, uma daquelas balas cônicas, atingindo normalmente o casco do *Náutilo*, lhe teria sido fatal.

O canadense disse-me, então:

— Senhor, tudo devemos tentar para sair dessa entaladela. Façamos sinais. Com mil diabos! Talvez compreendam que somos gente honesta.

Ned Land pegou o lenço para agitá-lo no ar. Mal o havia desenrolado, foi derrubado por uma mão de ferro, apesar de sua força prodigiosa, e caía na plataforma.

— Miserável — gritou-lhe o capitão —, queres que te espete no esporão do *Náutilo*, antes de lançá-lo contra aquele navio?

O capitão Nemo, terrível de ouvir, era ainda mais terrível de ver. A sua face empalidecera, as pupilas contraíram-se horrivelmente. Não falava, rugia. Inclinado para a frente, torcia com as mãos os ombros do canadense. Depois, largando-o e voltando-se para o navio de guerra, cujas balas choviam em torno dele, disse:

— Está bem. Sabes quem eu sou, navio de nação maldita.

— Não necessito de bandeira para reconhecer-te. Olha. Vou mostrar-te a minha.

E, assim dizendo, desfraldou à frente da plataforma um pavilhão negro, semelhante ao que plantara no polo Sul. Nesse momento, uma bala, ferindo obliquamente o casco do *Náutilo* sem danificá-lo, ricocheteou e, passando junto ao capitão, foi perder-se no mar. O capitão Nemo deu de ombros. Depois, dirigindo-se a mim, em tom breve:

— Desça, desça o senhor com seus companheiros.

— O senhor vai atacar aquele navio?

— Vou metê-lo a pique.

— O senhor não fará isso.

— Vou afundá-lo — repetiu friamente. — Não se meta a julgar-me. A fatalidade mostra-lhe o que devia ignorar. Fui atacado. A réplica será terrível. Desça.

— Que navio é aquele?

— O senhor não sabe? Pois bem! Tanto melhor. Pelo menos a nacionalidade dele continuará um segredo para o senhor. Desça.

O canadense, Conselho e eu não podíamos deixar de obedecer. Quinze marinheiros rodeavam o capitão e olhavam com implacável sentimento de ódio aquele navio que avançava para eles. Sentia-se que o mesmo sopro de vingança animava todas aquelas almas.

Desci justamente no momento em que um novo projétil havia sido arremessado e ouvi o capitão desafiar:

— Atira, navio insensato! Gasta inutilmente as tuas balas! Não escaparás ao esporão do *Náutilo*. Não há de ser, porém, neste lugar que sucumbirás. Não quero que teus destroços possam confundir-se com os do *Vingador*.

Voltei para meu quarto. O capitão e o imediato haviam permanecido na plataforma. A hélice começou a mover-se. O submarino, afastando-se a toda a velocidade, ficou fora do alcance das balas inimigas. A perseguição continuou e o capitão contentou-se em manter-se à distância.

Por volta de quatro da tarde, incapaz de conter a impaciência e a inquietação que me devoravam, voltei à escada central. A escotilha continuava aberta. Arrisquei-me sobre a plataforma. O capitão andava ali com passos agitados. Contemplei o navio, que estava seis milhas a sota-vento. O *Náutilo* rodava em torno dele como uma fera e, deixando-se perseguir, atraía-o para leste. Não obstante, não o atacava. Talvez ainda hesitasse.

Quis intervir pela última vez. No entanto, apenas interpelei e o capitão Nemo respondeu-me, impondo-me silêncio:

— Sou o direito, sou a justiça. Sou o oprimido e ali está o opressor. Por ação dele, tudo quanto amei, idolatrei, venerei: pátria, mulher, filhos, meu pai, minha mãe, tudo vi perecer! Tudo quanto odeio está ali. Cale-se!

Lancei um último olhar ao navio de guerra que forçava o vapor. A seguir fui ao encontro de Conselho e Ned Land, dizendo-lhes:

— Fugiremos.

— Ótimo! — exclamou Ned. — Que navio é aquele?

— Ignoro-o. Seja qual for, porém, antes de anoitecer será posto a pique. Em todo caso, mais vale sucumbir com ele do que tornar-se cúmplice de represálias cuja equidade não podemos avaliar.

— Esta é a minha opinião — afirmou friamente Ned Land. — Esperemos pela noite.

A noite chegou. A bordo reinava um profundo silêncio. O submarino mantinha-se à superfície das ondas, jogando levemente. Meus companheiros e eu havíamos resolvido fugir no momento em que o navio estivesse suficientemente perto, fosse para nos fazer ouvir, fosse para nos fazer ver, porque a lua, que deveria ser cheia três dias mais tarde, resplandecia. Uma vez a bordo daquele navio, se não pudéssemos evitar o golpe que o ameaçava, pelo menos faríamos tudo quanto as circunstâncias permitissem tentar. Várias vezes supus que o *Náutilo* se preparasse para o ataque. Ele, porém, limitava-se a deixar aproximar-se seu adversário e pouco depois retomava a marcha de fuga.

Parte da noite passou sem incidentes. Espreitávamos a ocasião de agir. Falávamos pouco. As três da manhã, inquieto, subi à plataforma. O capitão Nemo permanecera ali. Estava de pé, perto de seu pavilhão, que uma ligeira brisa desfraldava sobre sua cabeça. Não desfitava o navio. Seu olhar, de extraordinária intensidade, parecia atraí-lo, fasciná-lo. A lua estava no meridiano. Júpiter erguia-se no oriente. O céu e o oceano rivalizavam em tranquilidade, e o mar oferecia ao astro da noite o mais belo espelho que jamais refletira a sua imagem.

O navio mantinha-se a duas milhas de nós. Aproximara-se. Vi seus fanais de posição, verde e vermelho, e seu farol branco suspenso ao grande estai da mezena. Uma vaga reverberação iluminava seu aparelho, indicando que as caldeiras estavam aquecidas ao máximo. Girândolas de fagulhas e escórias de carvão inflamadas, saindo pelas chaminés, estrelavam a atmosfera.

Permaneci assim até as seis da manhã sem que o capitão Nemo parecesse perceber-se. O vaso de guerra estava a uma milha e meia, e com os primeiros clarões do dia o canhoneio recomeçou. Não podia estar longe o momento em que, atacando o *Náutilo* seu adversário, meus companheiros e eu deixaríamos para sempre aquele homem que eu não ousava julgar. Dispunha-me a descer quando o imediato subiu à plataforma. Vários marinheiros o acompanhavam. O capitão Nemo não os viu, ou não os quis ver. Certas medidas foram tomadas, que se poderia denominar de preparação para o combate. Coisa muito simples. A grade que formava a balaustrada em volta da plataforma foi arriada. As cabinas do farol e do timoneiro entraram no casco de modo a apenas aflorá-lo. A superfície do comprido charuto de metal não oferecia, pois, uma só saliência que pudesse perturbar a manobra.

Voltei ao salão. O submarino continuava emerso. Alguns clarões matinais infiltravam-se na camada líquida. Certas ondulações das vagas animavam as vidraças com o fulgor do sol nascente. Amanhecia o terrível dia 2 de junho.

Às cinco horas, o *Náutilo* moderava a velocidade. Compreendi que deixava o adversário aproximar-se. Aliás, as detonações faziam-se ouvir com maior violência. As balas sulcavam a água circundante e mergulhavam com silvo singular.

— Meus amigos — disse eu —, chegou o momento. Um aperto de mão e que Deus nos proteja!

Ned Land estava resoluto. Conselho, calmo. Eu, nervoso. Entramos na biblioteca. No momento em que eu empurrava a porta que deitava para a escada central, ouvi a escotilha superior fechar-se bruscamente. O canadense correu para os degraus, mas eu o retive. Um silvo bem conhecido indicava que a água penetrava nos reservatórios. De fato, em alguns instantes, o submarino estava alguns metros abaixo da superfície das ondas.

Compreendi a manobra. Era demasiado tarde para agir. O *Náutilo* não pensava em ferir o adversário em sua couraça impenetrável, mas abaixo de sua linha de flutuação, onde a carapaça metálica não protege mais a bordagem. Estávamos novamente presos, testemunhas forçadas do sinistro drama que se preparava. Aliás, mal tivemos tempo de refletir. Refugiados em meu quarto, olhávamos uns para os outros sem dizer palavra. Um profundo estupor apoderara-se de meu espírito. O curso de meu pensamento parara. Encontrava-me naquele penoso estado que precede a expectativa de uma medonha detonação. Esperava, escutava, minha vida resumia-se no ouvido.

A velocidade do submarino aumentou sensivelmente. Tomava impulso. Todo o casco estremecia. De repente, soltei um grito. Dera-se um choque relativamente leve. Senti a força penetrante do esporão de aço. Escutei rangidos, metal lacerando-se. Mas o submarino, levado por sua potência de propulsão, passou através da massa do navio com a mesma facilidade com que a agulha do marinheiro atravessa a vela.

Não pude conter-me. Desvairado, louco, saí do camarote e fui para o salão. Lá encontrei o capitão. Silencioso, taciturno, implacável, olhava pela vidraça de bombordo.

Uma massa enorme soçobrava, e para nada perder de sua agonia, o *Náutilo* descia ao abismo com ela. A dez metros de mim, vi o casco lacerado, no qual a água penetrava com ribombo de trovão, depois a dupla linha de canhões e as pavesadas. O convés estava coberto de sombras negras que se agitavam. A água subia. Os desgraçados trepavam pelos ovéns, agarravam-se aos mastros, torciam-se sob a água. Era um formigueiro humano surpreendido pela invasão do mar.

Paralisados, inteiriçados pela angústia, os cabelos eriçados, olhos esbugalhados, respiração ofegante, sem fôlego, sem voz, também eu contemplava. Uma irresistível atração colava-me à vidraça. O enorme navio afundava lentamente. O submarino, seguindo-o, espiava todos os seus

movimentos. De repente, produziu-se uma explosão. O ar comprimido fez voarem os conveses, como se os paióis se houvessem incendiado. A marola foi tão violenta que o próprio submarino derivou. Então, o infeliz navio afundou mais rapidamente. As gáveas carregadas de vítimas apareceram. Em seguida, a parte superior e, por fim, o tope do grande mastro. Afinal, a massa escura desapareceu e com ela a sua tripulação de cadáveres, arrastados por um terrível redemoinho.

Voltei-me para o capitão Nemo. O terrível justiceiro, verdadeiro arcanjo do ódio, continuava a olhar. Quando tudo terminou, dirigiu-se para a porta de seu quarto, abriu-a e entrou. Seguindo-o com a vista, pude notar no painel do fundo, por baixo dos retratos de seus heróis, o retrato de uma mulher jovem e de duas crianças. O capitão Nemo contemplou-os por alguns instantes, estendeu-lhe os braços e, ajoelhando-se, prorrompeu em soluços.

46
As últimas palavras do capitão Nemo

As escotilhas haviam sido fechadas sobre aquela medonha tragédia, mas as luzes do salão continuavam apagadas. Em todo o submarino tudo eram trevas e silêncio. Abandonava aquele lugar de desolação, trinta metros abaixo da água, com velocidade prodigiosa. Aonde ia? Para o norte ou para o sul? Para onde fugia aquele homem depois daquela horrível represália?

Eu voltara ao meu quarto, onde Ned e Conselho conservavam-se silenciosos. Sentia invencível horror pelo capitão Nemo. Fosse o que fosse que tivesse sofrido por parte dos homens, não tinha o direito de punir daquela maneira. Eu me tornara, senão cúmplice, pelo menos testemunha de sua vingança. Era demais.

Às onze horas, a luz elétrica voltou. Dirigi-me ao salão. O *Náutilo* fugia para o norte a uma velocidade de 25 milhas por hora. Localizando nossa posição na carta, vi que navegávamos à entrada da Mancha e que nossa direção nos levava aos mares boreais. À tarde, havíamos transposto duzentas léguas do Atlântico. Anoiteceu e o mar foi invadido pelas trevas até o despontar da lua.

A partir daquele dia, quem poderá dizer até onde nos arrastou o *Náutilo*? Sempre manteve aquela velocidade incalculável, sempre cruzando as brumas hiperbóreas. Não tinha meios para avaliar o tempo que corria. Os relógios de bordo estavam parados. Parecia que a noite e o dia naquelas regiões polares não seguiam o seu curso regular. Sentia-me arrastado para o domínio do terror. Avalio — talvez me engane — que a corrida aventurosa do submarino durou quinze ou vinte dias, e não sei quanto tempo duraria se não fosse a catástrofe que terminou essa viagem.

Ninguém via mais o capitão Nemo nem o imediato. Aliás, não se via qualquer membro da tripulação. Quase todo o tempo o *Náutilo* navegava submerso. Quando voltava à superfície para renovar o ar, as escotilhas abriam-se e fechavam-se automaticamente. Nunca mais se marcara o ponto sobre o planisfério. Eu não sabia onde estávamos. Também o canadense, exausto de forças e de paciência, não mais aparecera. Conselho não conseguia arrancar-lhe uma palavra que fosse e temia que num acesso de delírio e sob o império de uma terrível nostalgia viesse a suicidar-se. Por isso, vigiava-o continuamente com dedicação.

Compreenda-se que, nessas condições, a situação era insustentável.

Certa manhã — a data não posso precisar — eu adormecera às primeiras horas do dia numa modorra penosa e doentia. Quando despertei, vi Ned Land inclinar-se para mim e escutei-o dizer-me em voz baixa:

— Vamos fugir.

Levantei-me.

— Quando fugiremos?

— Na próxima noite. A vigilância parece ter desaparecido do *Náutilo.* Parece que reina a bordo uma espécie de estupor. O senhor estará pronto?

— Perfeitamente. Onde estamos?

— À vista de terras a vinte milhas a leste.

— Que terras são essas?

— Ignoro, mas sejam quais forem, nós nos refugiaremos nelas.

— Pois bem, Ned. Fugiremos esta noite ainda que o mar nos engula.

— O mar está revolto, o vento, raivoso, mas vinte milhas no escaler do *Náutilo* é coisa que não me assusta. Já levei para lá alguns víveres e algumas garrafas de água sem que a tripulação de nada desconfiasse.

— Eu o acompanharei.

— Aliás — acrescentou o canadense —, se for surpreendido, reagirei e prefiro morrer.

— Morreremos juntos, amigo Ned.

Estava decidido a tudo. O canadense retirou-se. Subi para a plataforma, onde mal podia aguentar-me contra o embate das ondas. O céu estava ameaçador. Mas, já que a terra estava por trás daquelas brumas espessas, era preciso fugir. Não havia um momento a perder.

Voltei ao salão temendo e desejando ao mesmo tempo encontrar o capitão Nemo. Que lhe poderia dizer? Poderia ocultar-lhe o involuntário horror que me inspirava? Não. Seria melhor não me encontrar frente a frente com ele e esquecê-lo. Entretanto…

Como aquele dia custou a passar! Era o último que deveria passar a bordo do *Náutilo*. Fiquei sozinho. Ned Land e Conselho evitavam falar-me, com medo de se traírem. Às seis horas, jantei, mas não tinha apetite. Fiz força para comer, apesar de minha repugnância, pois não queria enfraquecer-me. Às seis e meia, Ned Land entrou em meu quarto e disse-me:

— Não nos reveremos antes de nossa partida. Às dez horas, a lua não terá ainda nascido. Aproveitaremos a escuridão. Vá para o escaler. Conselho e eu o esperaremos lá.

Dito isso, o canadense retirou-se sem ao menos dar-me tempo para a resposta.

Dirigi-me ao salão. Navegávamos para nor-nordeste a espantosa velocidade e a cinquenta metros de profundidade. Lancei um último olhar àquelas maravilhas da natureza, àquelas riquezas artísticas reunidas naquele museu, àquela coleção sem rival, destinada a perecer um dia no fundo dos mares com quem a havia formado. Quis fixar em meu espírito uma impressão suprema. Ali permaneci uma hora, banhado nos eflúvios de teto luminoso e passando em revista os tesouros que resplandeciam nas vitrinas. Em seguida, voltei a meu quarto. Vesti meus pesados trajes de mar. Reuni os meus apontamentos e apertei-os cuidadosamente contra o meu próprio corpo. Meu coração pulsava com violência. Não conseguia dominar a minha angústia. Certamente, minha perturbação e minha agitação me teriam traído aos olhos do capitão Nemo.

Que faria ele naquele momento? Escutei à porta de seu quarto. Ouvi ruído de passos. O capitão Nemo estava lá. Não se deitara. A cada movimento dele, parecia-me que ia aparecer-me e perguntar-me por que queria fugir. Sentia sobressaltos constantes. Minha imaginação ampliava-os. Essa impressão tornou-se tão pungente que indaguei a mim mesmo se não seria melhor entrar no quarto do capitão, enfrentá-lo, desafiá-lo com o gesto e com o olhar.

Era uma inspiração de louco. Felizmente, contive-me e deitei-me na cama para apaziguar a agitação de meu corpo. Meus nervos acalmaram-se um pouco, mas o cérebro superexcitado fez desfilar em rápida sucessão toda a minha existência a bordo do *Náutilo*. Todos os incidentes felizes ou infelizes que me

haviam sucedido desde o momento de minha desaparição de bordo da *Abraão Lincoln*. Então, o capitão Nemo crescia desmedidamente naquele meio estranho. Seu tipo acentuava-se e tomava proporções sobre-humanas. Já não era o meu semelhante; era o homem das águas, o gênio dos mares.

Eram nove e meia. Eu segurava a cabeça entre as mãos, como se a quisesse impedir de rebentar. Fechava os olhos. Não queria mais pensar. Ainda meia hora de espera! Meia hora de pesadelo que poderia enlouquecer-me.

Naquele momento, soaram vagos acordes do órgão, uma harmonia triste sobre um tema indefinível, verdadeiros lamentos de uma alma que quer quebrar os vínculos terrestres. Escutei enlevado, apenas respirando, mergulhado como o capitão Nemo num daqueles êxtases musicais que o arrastavam para fora dos limites do mundo.

Depois, um pensamento repentino aterrou-me. O capitão Nemo abandonara o quarto. Estava no salão que eu deveria atravessar para fugir. Ali eu iria encontrá-lo pela última vez. Ele me veria, talvez falasse. Um gesto seu poderia aniquilar-me, uma única palavra, pôr-me a ferros.

Iam soar dez horas. Chegara o momento de abandonar meu quarto e reunir-me a meus companheiros. Não poderia hesitar, ainda que o capitão Nemo se erguesse diante de mim. Abri a porta com precaução e pareceu-me ouvir um ruído espantoso. Talvez tal ruído só existisse em minha imaginação.

Avancei, rastejando através dos passadiços sombrios do *Náutilo*, parando a cada passo para comprimir as violentas batidas de meu coração. Alcancei a porta angular do salão. Abri-a docemente. O salão estava mergulhado em profunda escuridão. Os acordes do órgão ressoavam fracamente. O capitão Nemo estava lá, mas não me via. Creio mesmo que nem em plena luz me teria visto, de tanto que o seu êxtase o absorvia.

Arrastei-me pelo tapete, evitando o menor ruído. Foram precisos cinco minutos para chegar à porta do fundo, que dava para a biblioteca. Ia abri-la quando um suspiro do capitão Nemo imobilizou-me. Compreendi que se levantava. Quase cheguei a vê-lo porque alguns raios luminosos filtravam da biblioteca para o salão. Dirigiu-se a mim, braços cruzados, silenciosos, mais deslizando do que andando, como espectro. O peito opresso, cheio de soluços. E o ouvi murmurar estas palavras — as últimas que ouvi de sua boca:

— Deus Todo-Poderoso! Basta! Basta!

Seria a confissão do remorso que assim escapava de sua consciência?

Desvairado, precipitei-me na biblioteca. Subi a escada central e, seguindo o passadiço superior, alcancei o escaler. Nele penetrei pela abertura que já dera passagem a meus dois companheiros.

— Partamos! Partamos! — exclamei.

O orifício aberto no casco do *Náutilo* fora previamente fechado e aparafusado com uma chave inglesa de que Ned Land se munira. Da mesma forma, foi fechada a abertura do escaler e começou-se a desaparafusar as porcas que ainda nos prendiam ao barco submarino. De repente, ouvimos ruídos interiores. Vozes se interpelavam com vivacidade. Que haveria?

Teriam descoberto a nossa fuga? Senti que Ned me punha furtivamente um punhal na mão.

— Sim — murmurei. — Saberemos morrer.

O canadense suspendera o seu trabalho. Mas uma palavra vinte vezes repetida, uma palavra terrível, revelou-me a causa da agitação que se propagava a bordo. Não era a nós que a tripulação temia.

— Maelstrom! Maelstrom! — era o grito vinte vezes repetido.

O maelstrom! Na situação em que estávamos, esse era o nome mais horroroso que podia soar aos nossos ouvidos. Encontrávamo-nos, então, naquelas tenebrosas paragens da costa norueguesa? Fora o *Náutilo* arrastado para aquele abismo no exato momento em que nosso escaler se ia desprender de suas entranhas?

No momento do fluxo, as águas, apertadas entre as ilhas Faroe e Lofoten, precipitam-se com formidável violência. Formam, assim, um irresistível turbilhão do qual jamais navio algum pôde sair. De todos os pontos do horizonte comprimem-se monstruosos vagalhões. Convergindo para aquele ponto formam um sorvedouro chamado, com razão, Umbigo do Oceano, cujo poder de atração estende-se até 15 quilômetros de distância. Aquele abismo aspira não só os ursos brancos das regiões boreais, como baleias e até navios. Fora para o maelstrom — involuntária ou, quem sabe, voluntariamente — que o capitão levara o *Náutilo*.

Ele descrevia uma espiral cujo raio diminuía cada vez mais. Também o escaler, preso ainda ao submarino, era arrastado com vertiginosa velocidade. Nós o sentíamos. Sofríamos a tonteira doentia que sucede a um movimento giratório demasiado prolongado. Fomos dominados pelo pavor. Nosso horror chegara ao

auge; a circulação foi suspensa; a capacidade de reação, completamente aniquilada; suávamos frio, como os suores da agonia. Nossa frágil embarcação era sacudida por ribombos. Rugidos que o eco repetia a distância de várias milhas. Que estrondos das águas ao partirem-se nas rochas agudas do fundo, onde os corpos mais duros se quebram e os troncos de árvores se laceram a ponto de parecerem pelos de animal!

Que situação! As sacudidelas eram terríveis. O *Náutilo* defendia-se como ser humano. Os seus músculos de aço estalavam. Às vezes ele se erguia na vertical. Ned ordenou:

— Vamos aguentar firmes e tornar a aparafusar as porcas.

— Permanecendo presos ao *Náutilo*, talvez ainda possamos nos salvar.

Ele ainda não acabara de falar quando um estalo violento se produziu. As porcas saltaram e o escaler, arrancado de seu alvéolo, foi lançado como pedra de uma funda no meio do turbilhão.

Minha cabeça bateu num ferro e, com a violência do choque, perdi os sentidos.

47
Conclusão

Eis a conclusão da viagem submarina. O que se passou durante aquela noite, o modo por que o escaler escapou do formidável turbilhão do maelstrom e como Ned, Conselho e eu conseguimos sair do abismo não sei contar. Quando voltei a mim, estava deitado na cabana de um pescador das ilhas Lofoten. Os meus dois companheiros, são e salvos, estavam perto de mim e apertavam-me as mãos. Abraçamo-nos com efusão.

Não podíamos pensar em alcançar a França imediatamente. Os meios de comunicação entre a Noruega setentrional e o sul são raros. Fomos obrigados a esperar a passagem do navio que faz a ligação bimensal com o cabo Norte.

É, portanto, no meio dessa boa gente, que nos acolheu, que revejo a narrativa dessas aventuras. Ela está correta. Nem um só fato foi omitido nem qualquer pormenor exagerado. É a história fiel dessa inverossímil expedição sob elemento inacessível ao homem e cujos caminhos o progresso tornará livres algum dia.

Serei acreditado? Não sei. Pouco importa. O que ninguém pode negar-me agora é o direito de falar desses mares, sob os quais, em menos de dez meses, percorri vinte mil léguas; dessa volta ao mundo submarino que me revelou tantas maravilhas através do Pacífico, do Índico, do mar Vermelho, do Mediterrâneo, do Atlântico, dos mares austrais e boreais.

Que foi feito do *Náutilo*? Terá resistido ao amplexo do maelstrom? O capitão Nemo viverá ainda? Prosseguirá sob o oceano as suas espantosas represálias, ou terá parado diante da última hecatombe? As ondas devolverão algum dia o manuscrito que encerra toda a história de sua vida? Chegarei, enfim, a saber o nome daquele homem? O navio desaparecido revelará sua nacionalidade, a nacionalidade do capitão Nemo?

Assim o espero. Espero igualmente que o seu poderoso aparelho tenha vencido o mar em seu medonho abismo e que o *Náutilo* tenha sobrevivido onde tantos navios pereceram. Se assim for, se o capitão Nemo continua a habitar o oceano, sua pátria adotiva, oxalá o ódio se tenha aplacado naquele coração feroz! Oxalá a contemplação de tantas maravilhas extinga nele o espírito de vingança! Que o justiceiro desapareça e o sábio prossiga na pacífica exploração dos mares! Se o seu destino é estranho, é também sublime. Não cheguei a compreendê-lo? Não vivi dez meses aquela existência extranatural? Por isso, à pergunta feita há seis mil anos pelo Eclesiastes “Quem jamais pôde sondar as profundezas do abismo?”, dois homens entre todos os homens têm agora o direito de responder. O capitão Nemo e eu.

CONY
carlos heitor
Viagem ao centro da Terra
Adaptação do romance de Júlio Verne
EDITORA NOVA FRONTEIRA

Viagem ao centro da terra

Cony, Carlos Heitor
9788520940372
184 páginas

[Compre agora e leia]

EXCLUSIVO EM EBOOK!Sobre Carlos Heitor Cony:Estreou na literatura ganhando por duas vezes consecutivas o Prêmio Manuel Antônio de Almeida.Ganhou em quatro ocasiões o Prêmio Jabuti na categoria Romance, duas vezes o Prêmio Livro do Ano da Câmara Brasileira do Livro e o Prêmio Nacional Nestlé de Literatura. Em 1998, foi condecorado pelo governo francês com a L'Ordre des Arts et des Lettres. Foi eleito para a Academia Brasileira de Letras em março de 2000.Sobre Júlio Verne (1828-1905):Considerado um dos pioneiros da ficção científica, notabilizou-se por histórias repletas de peripécias e pela capacidade de antecipar na ficção as transformações que a tecnologia tornaria possível no mundo moderno. Em 1863, publicou seu primeiro romance, Cinco semanas em um balão. A mistura de aventura e especulação futurística resultou numa obra irresistível de 28 livros, na qual se destacam, além de Viagem ao centro da Terra (1864), os romances Da Terra à Lua (1864), Vinte mil léguas submarinas (1870), A volta ao mundo em oitenta dias (1872) e Um capitão de quinze anos (1878).Por muito tempo mantido à margem da literatura clássica francesa, Verne é hoje unanimidade e objeto de culto em seu país e em todo o mundo.É possível viajar até o centro da Terra? Ao publicar seu livro no longínquo ano de 1864, Júlio Verne acreditou que sim. E fez seus personagens encontrarem um misterioso pergaminho que os conduziria até lá — mas não sem antes passarem por muitas tribulações e descobertas assombrosas. Um clássico da literatura mundial, Viagem ao centro da Terra recebe agora uma nova edição,

para continuar encantando as novas gerações.

EDIÇÃO
ESPECIAL E
LIMITADA
COLEÇÃO
CLÁSSICOS
DE
OURO
HERMAN
MELVILLE
MOBY
DICK
EDITORA
NOVA
FRONTEIRA

Moby Dick

Melville, Herman
9788520941751
640 páginas

Muitos livros em um, Moby Dick é considerado uma das obras mais importantes da literatura. Publicado em 1851, recebeu duras críticas da imprensa especializada, sendo "redescoberto" apenas no início do século XX, por meio das análises de escritores consagrados da época, como D. H Lawrence e W. H Auden. O clássico de Herman Melville é narrado por Ishmael, tripulante do baleeiro comandado pelo capitão Ahab, que, em sua última viagem, deseja capturar a grande baleia branca que no passado arrancou uma de suas pernas. A beleza e a complexidade de Moby Dick residem na forma como Melville consegue explorar com maestria os mais diversos gêneros literários, construindo ao mesmo tempo diálogos shakespearianos, descrições científicas precisas e reflexões filosóficas sobre o bem e o mal.

Somos o
Brasil
NELSON RODRIGUES
WE ARE BRAZIL

RUBEM
FONSECA
Calibre 22

Nelson Rodrigues
A PÁTRIA DE
CHUTEIRAS

Compre agora e leia